

UNIVERSIDADE ABERTA



DIREITOS DO ALUNO EM CONTEXTO ESCOLAR

Um Estudo Comparado entre o Ensino Secundário Público e
Privado no Concelho de Lisboa

“ANEXOS”

Maria Filomena Gonçalves Sobral

Doutoramento em Ciências da Educação na Especialidade de Liderança
Educativa

2015

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| ANEXO I - Regulamento Interno da Escola Pública | 1 |
| ANEXO II- Regulamento Interno da Escola Privada..... | 2 |
| ANEXO III - Planta da Escola Pública | 4 |
| ANEXO IV - Planta da Escola Privada | 5 |
| ANEXO V - Guião de Blocos Orientadores | 6 |
| ANEXO VI - Guião das Entrevistas | 16 |
| ANEXO VII - Caraterização dos Entrevistados | 24 |
| ANEXO VIII - Protocolo da Entrevista ao Diretor da Escola Pública | 25 |
| ANEXO IX - Categorização da Entrevista ao Diretor da Escola Pública | 183 |
| ANEXO X - Protocolo da Entrevista ao Diretor da Escola Privada..... | 325 |
| ANEXO XI - Categorização da Entrevista ao Diretor da Escola Privada..... | 397 |
| ANEXO XII - Inquérito aos Alunos | 492 |

ANEXO I - Regulamento Interno da Escola Pública

...

2.1. Direitos

São direitos gerais do aluno:

- a) Os direitos e deveres dos alunos são os consignados no Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, aprovado pela Lei número 30/2002, de 20 de dezembro, com as alterações introduzidas pela Lei número 3/2008, de 18 de janeiro;
- b) Beneficiar do apoio pedagógico proporcionado pelas estruturas da Escola destinadas ao desenvolvimento de atividades de enriquecimento do currículo;
- c) Circular em todo o recinto escolar, respeitando as normas internas de cada espaço e as orientações de professores e funcionários. Por razões de segurança, não é permitida a utilização das escadas em caracol, entre os pisos dos blocos, nomeadamente blocos B e D salvo em casos de emergência;
- d) Utilizar as instalações destinadas ao funcionamento da associação de estudantes, as quais serão geridas pelos seus membros;
- e) Organizar visitas de estudo ou outras manifestações culturais, recreativas, desde que devidamente autorizadas pelos órgãos competentes;
- f) Participar em iniciativas da Escola, sem prejuízo das atividades letivas. Nos casos que justifiquem dispensa de aulas, a mesma deve ser decidida pelo Diretor;
- g) Ser pronta e adequadamente assistido em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido no âmbito das atividades escolares;
- h) Participar, através dos seus representantes, no processo de elaboração do Projeto Educativo e do regulamento interno e acompanhar o respetivo desenvolvimento e concretização;
- i) Participar no seu processo de avaliação nos termos definidos na lei e neste regulamento;
- j) Ser informado, pelo Diretor de Turma, no início do ano letivo, dos critérios gerais de avaliação aprovados pela Escola e dos demais critérios em que se baseia a sua avaliação.

ANEXO II- Regulamento Interno da Escola Privada

...

Artigo 78º

Direitos gerais do aluno

- 1- O direito à educação e a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares compreende os seguintes direitos gerais do aluno:
- a) ser tratado com respeito e correção por qualquer elemento da Comunidade Educativa;
 - b) ver salvaguardada a sua segurança e a sua integridade física na Escola;
 - c) ser pronta e adequadamente assistido, em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no espaço físico da escola e acompanhado à instituição de saúde competente, se tal se impuser, por um Não Docente ou mesmo um Docente;
 - d) ver respeitada a confidencialidade dos elementos constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou relativos à família;
 - e) utilizar as instalações a si destinadas e outras com a devida autorização;
 - f) participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, no processo de elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno e acompanhar o respetivo desenvolvimento e concretização;
 - g) apresentar comentários, críticas e sugestões relativas ao funcionamento da Escola, às pessoas devidas e nos locais próprios;
 - h) ser ouvido, em todos os assuntos que lhe digam respeito, pelos professores, Diretor de Turma e órgãos de administração e gestão da Escola;
 - i) eleger e ser eleito para todos os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da Escola, previstos legalmente ou no Regulamento Interno, com as restrições impostas pelo regulamento de medidas educativas disciplinares;
 - j) organizar e participar em iniciativas que promovam a sua formação e ocupação de tempos livres;
 - k) ter acesso ao Regulamento Interno e ao Projeto Educativo.

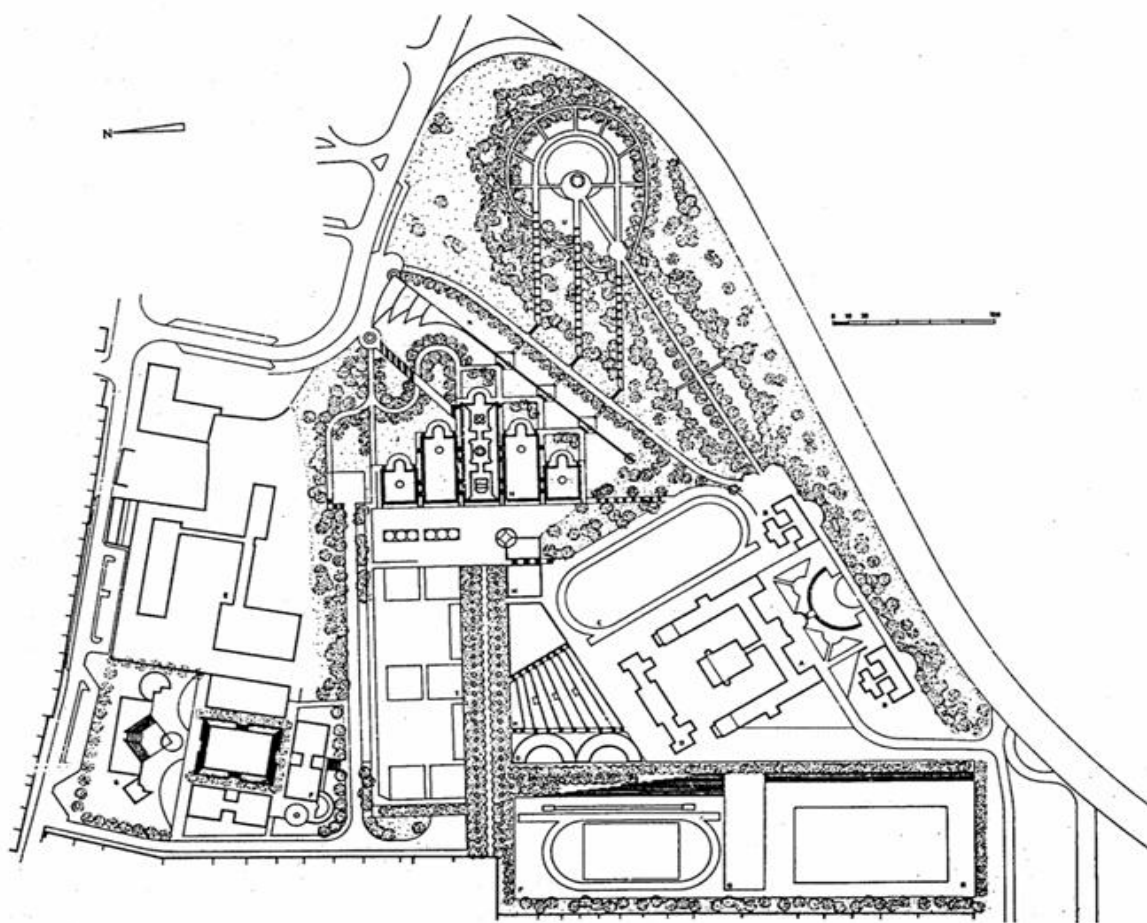
2- O aluno tem ainda o direito de ser informado, dentro dos prazos estabelecidos, de como pode ter acesso às informações sobre os assuntos ou atividades escolares (curriculares ou extracurriculares), do seu interesse ou que lhe digam respeito, nomeadamente:

- a) modo de organização do seu plano de estudos ou curso, programa e objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar e processos e critérios de avaliação, em linguagem adequada à sua idade e nível de ensino frequentado;
- b) matrícula, abono de família e regimes de candidatura a apoios socioeducativos;
- c) normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola;
- d) normas de utilização de instalações específicas, designadamente laboratórios, centro de recursos, refeitório, bar, reprografia, papelaria, pavilhão gimnodesportivo e piscina;
- e) iniciativas em que possa participar e de que a Escola tenha conhecimento.

3-O direito à educação e a aprendizagens bem-sucedidas, compreende, para cada aluno, na medida das possibilidades da Escola, as seguintes garantias de equidade:

- a) beneficiar de ações de discriminação positiva de ação social escolar;
- a) beneficiar de atividades e medidas de apoio específicas, designadamente no âmbito de intervenção dos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional;
- b) beneficiar de apoios educativos adequados às suas necessidades educativas.

ANEXO III - Planta da Escola Pública



ANEXO IV - Planta da Escola Privada

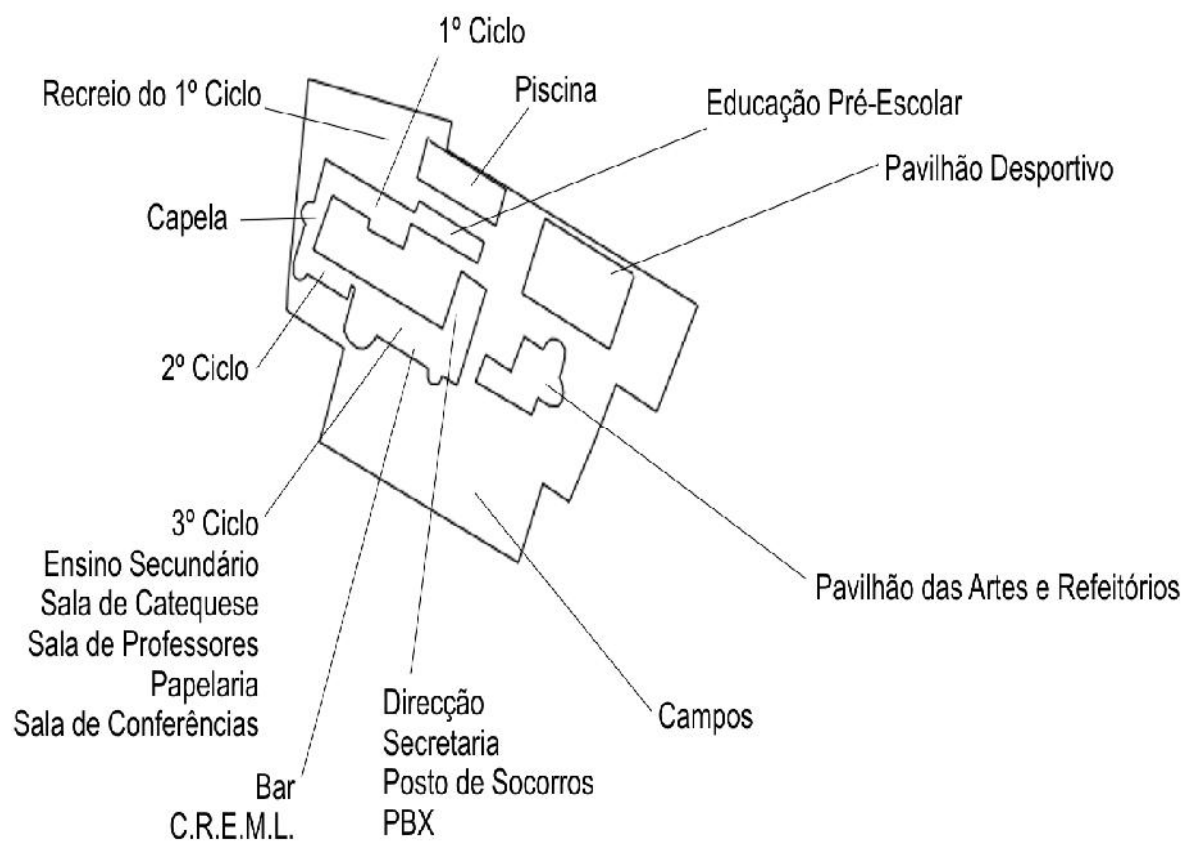


Figura 5. Planta da Escola Privada

ANEXO V - Guião de Blocos Orientadores

| Blocos | Objetivos específicos | Formulário das perguntas |
|--|--|---|
| A- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado | <ul style="list-style-type: none">• Esclarecer o entrevistado acerca dos objetivos da investigação;• Garantir a confidencialidade das informações• Motivar o entrevistado;• Solicitar autorização para a gravação da entrevista; | |
| B- Caracterização do entrevistado | Identificação do entrevistado <ul style="list-style-type: none">• Sexo;• Idade;• Formação Académica;• Outra Formação;• Situação Profissional;• Nº de anos de exercício da profissão;• Nº de anos de serviço na Escola;• Nº de anos a exercer o cargo;• Outros cargos e funções desempenhados. | <ol style="list-style-type: none">1- Que idade tem?2- Qual é a sua formação académica?3- Qual é a sua situação profissional?4- Há quantos anos exerce a profissão de professor?5- É professor nesta Escola, há quantos anos?6- Há quantos anos exerce o cargo de Diretor/Presidente do Conselho Executivo, nesta Escola?7- Que outros cargos e funções já exerceu? |
| C- Caracterização da Escola | <ul style="list-style-type: none">• Conhecer a imagem dos entrevistados sobre a escola;• Conhecer a opinião dos entrevistados sobre as relações entre os diversos elementos da comunidade educativa; | <ol style="list-style-type: none">8- Quais os princípios subjacentes à ação educativa desta Escola?9- Quais são as três grandes preocupações, por ordem decrescente, que enfrenta como Diretor da Escola?10- Qual é o perfil que o professor desta Escola deve ter?11- Como caracteriza o perfil do aluno que frequenta esta Escola?12- Como caracteriza esta Escola e o que a distingue das demais escolas privadas/públicas?13- Que ações são tomadas para incutir nos |

| | | |
|---|---|--|
| | | <p>professores os princípios subjacentes à ação educativa da Escola?</p> <p>14- Como caracteriza as relações entre:</p> <p>a) Alunos;</p> <p>b) Alunos/ Professores;</p> <p>c) Alunos/ Direção;</p> <p>d) Alunos/ Funcionários;</p> <p>e) Professores;</p> <p>f) Professores/ Direção;</p> <p>g) Professores/ Funcionários;</p> |
| <p>D- Identificar os mecanismos existentes para a defesa e promoção dos direitos dos alunos e o conhecimento dos direitos existentes na Escola por parte dos alunos e os meios utilizados para difundir os direitos junto dos alunos</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a posição dos órgãos de gestão da Escola relativamente à defesa e promoção dos direitos dos alunos na Escola; • Conhecer os mecanismos efetivos existentes para a defesa e promoção dos direitos dos alunos; • Percecionar o conhecimento dos alunos acerca dos seus direitos; • Conhecer os meios utilizados para difundir os direitos junto dos alunos. | <p>15- Na sua opinião, a implementação dos direitos dos alunos constitui uma preocupação fundamental para a gestão da Escola?</p> <p>16- Quais os direitos dos alunos que para si, como Diretor, são de maior importância ou que o preocupam?</p> <p>17- De que forma têm sido defendidos os direitos dos alunos nesta Escola?</p> <p>18- No Projeto Educativo da Escola houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efetivar os direitos dos alunos que constam do Regulamento Interno e da legislação aplicável?</p> <p>19- A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos ou dá prevalência a alguma categoria de direitos?</p> <p>20- De que modo a Escola dá a conhecer aos alunos, os direitos de que são titulares?</p> <p>21- Os alunos estão conscientes dos direitos de que são titulares?</p> |
| <p>E- Identificação</p> | <p>Princípio da não discriminação</p> | <p>22- Que medidas foram tomadas pela Escola</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>dos direitos que são respeitados na Escola e dos mecanismos existentes para a sua defesa e promoção</p> | <ul style="list-style-type: none">• Conhecer se os alunos podem exercer os seus direitos sem qualquer discriminação;• Conhecer se a educação proporcionada aos alunos permite o desenvolvimento de atitudes de compreensão e tolerância perante todas as pessoas;• Conhecer se a educação proporcionada aos alunos prepara-os para viverem de forma responsável, numa sociedade livre. | <p>para assegurar o respeito e garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação?</p> <p>23- Tem conhecimento da ocorrência de alguma situação na Escola, em que os alunos tenham sido discriminados? Especifique.</p> <p>24- Todos os alunos têm acesso, em condições de igualdade de oportunidades, à frequência da Escola?</p> <p>25- Que medidas a Escola toma para assegurar a diversidade física, étnica e cultural dos alunos?</p> <p>26- Que medidas tem a Escola tomado, para encorajar a frequência regular da escola e para diminuir aquelas situações de alunos que faltam sem justificação e que haja a perspectiva de abandonarem a escola?</p> <p>27- A educação proporcionada aos alunos neste estabelecimento de ensino corresponde às suas necessidades, qualquer que seja a sua origem ou língua materna? Em que medida?</p> <p>28- Que tipo de ações de discriminação positiva são desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade?</p> <p>29- São proporcionados apoios educativos adequados aos alunos com necessidades educativas, tais como aos que têm problemas de aprendizagem e de sobredotação? De que modo?</p> <p>30- Que medidas foram tomadas para assegurar a maior integração possível dos</p> |
|--|--|--|

| | | |
|---|--|--|
| <p>F- Identificação dos direitos que são respeitados na Escola e dos mecanismos existentes para a sua defesa e promoção</p> | <p style="text-align: center;">Interesse Superior do Aluno</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecer se a educação que é proporcionada na Escola tem em conta o interesse superior do aluno;• Conhecer se as decisões que são tomadas na Escola têm em atenção o interesse superior do aluno;• Conhecer se os meios materiais existentes na Escola têm em vista o interesse superior do aluno. | <p>alunos que sofrem de incapacidades?</p> <p>31- Os alunos são educados sobre:</p> <ul style="list-style-type: none">a) Promoção da saúde?b) Saúde sexual?c) Relações sociais, incluindo temas de mediação, negociação e resolução de conflitos?d) Gestão financeira a nível pessoal?e) Leis fundamentais?f) Assumpção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos? <p>32- Na sua opinião, o ensino e a educação que são dados aos alunos nesta Escola, preparam-nos para enfrentarem a vida real, a nível de relações sociais, alimentação, higiene e do meio e para terem uma compreensão da realidade mundial e local?</p> <p>33- Os projetos da Escola são concebidos tendo em conta o interesse superior dos alunos?</p> <p>34- Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta as necessidades dos alunos e os diferentes ritmos de aprendizagem?</p> <p>35- São proporcionadas aos alunos condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso? Quais?</p> <p>36- Como avalia a qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinados aos alunos?</p> <p>37- Como avalia a qualidade e adequação dos serviços que se destinam a prestar apoio</p> |
|---|--|--|

| | | |
|---|--|---|
| | | <p>aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos?</p> <p>38- Como avalia a qualidade e adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos?</p> <p>39- É permitido aos alunos utilizarem as instalações a si destinadas e outras que não lhe sejam exclusivamente destinadas, mediante autorização?</p> <p>40- Quais os meios de segurança dos alunos existentes na Escola?</p> <p>41- Na sua opinião, os meios de segurança existentes garantem uma segurança eficaz dos alunos?</p> <p>42- Quais os critérios que os órgãos de gestão da Escola têm em conta para elaborarem os horários dos alunos?</p> <p>43- De que forma a Escola reconhece e valoriza o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos?</p> <p>44- Os alunos são estimulados a aumentarem a sua dedicação, o seu esforço no trabalho e o seu desempenho escolar? De que modo?</p> <p>45- De que modo são valorizados pela Escola, os alunos que desenvolvam ações meritórias em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade, na Escola ou fora dela?</p> <p>46- Estimulam os alunos para desenvolverem esse tipo de ações?</p> |
| <p>G- Identificação dos direitos que são respeitados na</p> | <p>Direito à Vida, à Sobrevivência e ao Desenvolvimento</p> | <p>47- Como caracteriza o ensino e a educação que é proporcionada aos alunos neste estabelecimento de ensino? É uma</p> |

| | | |
|--|---|---|
| <p>Escola e dos mecanismos existentes para a sua defesa e promoção</p> | <ul style="list-style-type: none">• Conhecer se a Escola garante o direito à vida, à sobrevivência e ao seu desenvolvimento dos alunos, com qualidade;• Conhecer os meios utilizados pela Escola para garantir esses direitos aos alunos;• Conhecer se a educação que é proporcionada aos alunos permite o desenvolvimento da sua saúde física, bem como o desenvolvimento mental, afetivo, cognitivo, social e cultural. | <p>educação de qualidade?</p> <p>48- A educação que é proporcionada aos alunos nesta Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">a) Permite o desenvolvimento da sua personalidade?b) Permite desenvolver os seus talentos?c) Permite desenvolver as suas aptidões mentais?d) Permite desenvolver as suas aptidões físicas? <p>49- Que medidas foram contempladas no Projeto Educativo da Escola destinadas a proporcionar condições aos alunos que lhes permitam:</p> <ul style="list-style-type: none">a) O seu pleno desenvolvimento físico?b) O seu pleno desenvolvimento intelectual?c) O seu pleno desenvolvimento moral?d) O seu pleno desenvolvimento cultural?e) O seu pleno desenvolvimento cívico?f) A formação da sua personalidade?g) A sua capacidade de autoaprendizagem?h) A sua capacidade de crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética? <p>50- A Escola desenvolve nos alunos uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?</p> <p>51- Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta</p> |
|--|---|---|

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>o desenvolvimento nos alunos de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?</p> <p>52- Os códigos de comportamento que são transmitidos pelos professores aos alunos, também permitem desenvolver nestes, um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?</p> <p>53- De que modo a Escola desenvolve nos alunos o respeito:</p> <ul style="list-style-type: none">a) ,Pelos seus pais?b) Pela sua identidade cultural e nacional, língua e valores?c) Pelos valores nacionais do país em que vivem?d) Pelos valores nacionais do seu país de origem?e) Pelos valores de outras civilizações? <p>54- A educação dada aos alunos prepara-os para uma vida responsável, numa sociedade livre?</p> <p>55- De que modo a Escola desenvolve nos alunos, o espírito de compreensão, a tolerância e amizade entre todas as pessoas?</p> <p>56- A Escola desenvolve junto dos alunos o respeito pelo ambiente? De que forma?</p> <p>57- Na sua opinião, as regras que regulam a disciplina na Escola respeitam a dignidade dos alunos?</p> <p>58- Na sua opinião, as regras existentes na Escola respeitam o direito do aluno:</p> |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>a) A ter liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e religião?</p> <p>b) À liberdade de associação?</p> <p>c) À privacidade?</p> <p>d) À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado?</p> <p>e) À sua identidade, cultura e língua?</p> <p>f) À inclusão social e à reintegração?</p> <p>59- Na sua opinião os alunos são tratados com respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar?</p> <p>60- Existem algumas participações dos alunos por serem tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar?</p> <p>61- Tem notícia do uso de violência por parte de professores ou de funcionários sobre alunos?</p> <p>62- Têm ocorrido situações de violência entre alunos na Escola?</p> <p>63- E situações de vandalismo?</p> <p>64- Como têm sido resolvidas essas situações?</p> <p>65- A Escola tem algum plano com medidas de prevenção contra a violência?</p> <p>66- A Escola desenvolve iniciativas para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos?</p> <p>67- Os alunos também organizam esse tipo de iniciativas?</p> |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>68- Os Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional desenvolvem ações ou têm medidas de apoio aos alunos dentro do âmbito da sua área de atividade?</p> <p>69- Existem outras atividades e medidas de apoio aos alunos desenvolvidas pela Escola?</p> <p>70- Quais os meios de que a Escola dispõe, de forma a garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares?</p> <p>71- Na sua opinião, esses meios são eficazes e os necessários para garantir a assistência pronta aos alunos?</p> |
| <p>H- Identificação dos direitos que são respeitados na Escola e dos mecanismos existentes para a sua defesa e promoção</p> | <p style="text-align: center;">Respeito pelas opiniões dos alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer se os alunos têm direito a expressarem as suas opiniões; • Conhecer se as opiniões dos alunos são tidas em consideração atendendo à sua idade e ao seu grau de maturidade; • Conhecer os mecanismos utilizados pela Escola para promover nos alunos atitudes democráticas e críticas; • Conhecer o grau de intervenção dos alunos na gestão da Escola e na planificação das atividades desenvolvidas. | <p>72- Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores permitem aos alunos terem um papel ativo?</p> <p>73- Os alunos são informados sobre o plano do seu curso, o programa e objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação?</p> <p>74- Os alunos entendem a informação que lhes é dada?</p> <p>75- Os alunos são informados sobre as matrículas, sobre o direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos?</p> <p>76- São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola?</p> <p>77- São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, os Laboratórios, o Refeitório e o Bar?</p> <p>78- Os alunos participam na eleição para os</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>órgãos, cargos e outras funções de representação nos órgãos da Escola?</p> <p>79- Os alunos eleitos para esses órgãos participam nas atividades inerentes a esses órgãos/ cargos?</p> <p>80- É-lhes dada toda a informação adequada, para eles poderem contribuir, de uma forma eficaz, nos processos decisórios dentro da Escola?</p> <p>81- A opinião dos alunos é tida em consideração nas decisões que são tomadas?</p> <p>82- Os alunos participam na gestão da escola?</p> <p>83- Os alunos participam na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento interno da Escola? E acompanham a sua execução? De que modo?</p> <p>84- É costume os alunos apresentarem críticas relativas ao funcionamento da Escola e apresentarem sugestões alternativas?</p> <p>85- Quando os alunos apresentam sugestões alternativas, elas são tomadas em consideração pelos órgãos de gestão?</p> <p>86- Nesta Escola existe a prática dos professores, diretores de turma e dos órgãos de administração e gestão ouvirem os alunos em todos os assuntos que lhes digam respeito?</p> <p>87- Os alunos participam na planificação das matérias dadas? De que modo?</p> <p>88- Os alunos participam no seu processo de avaliação?</p> <p>89- Os alunos podem apresentar listas para a Associação de Estudantes? É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres como membros da Associação? De que modo?</p> |
|--|--|---|

ANEXO VI - Guião das Entrevistas

GUIÃO DAS ENTREVISTAS AOS DIRETORES DAS ESCOLAS

- 1- Que idade tem?
- 2- Qual é a sua formação académica?
- 3- Qual é a sua situação profissional?
- 4- Há quantos anos exerce a profissão de professor?
- 5- É professor nesta Escola, há quantos anos?
- 6- Há quantos anos exerce o cargo de Diretor/ Presidente do Conselho Executivo nesta Escola?
- 7- Que outros cargos e funções já exerceu?
- 8- Quais os princípios subjacentes à ação educativa desta Escola?
- 9- Quais são as três grandes preocupações, por ordem decrescente, que enfrenta como Diretor da Escola?
- 10- Qual é o perfil que o professor desta Escola deve ter?
- 11- Como caracteriza o perfil do aluno que frequenta esta Escola?
- 12- Como caracteriza esta Escola e o que a distingue das demais escolas privadas/ públicas?
- 13- Que ações são tomadas para incutir nos professores os princípios subjacentes à ação educativa da Escola?
- 14- Como caracteriza as relações entre:
 - a) - Alunos?
 - b) – Alunos/ Professores?
 - c) – Alunos/ Direção?
 - d) – Alunos/ Funcionários?

- e) – Professores?
 - f) – Professores/ Direção?
 - g) – Professores/ Funcionários?
- 15- Na sua opinião, a implementação dos direitos dos alunos constitui uma preocupação fundamental para a gestão da Escola?
- 16- Quais os direitos dos alunos que para si, como Diretor, são de maior importância ou que o preocupam?
- 17- De que forma têm sido defendidos os direitos dos alunos nesta Escola?
- 18- No Projeto Educativo da Escola, houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efetivar os direitos dos alunos, que constam do Regulamento Interno e da legislação aplicável?
- 19- A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos ou dá prevalência a alguma categoria de direitos?
- 20- De que modo a Escola dá a conhecer aos alunos, os direitos de que eles são titulares?
- 21- Os alunos estão conscientes dos direitos de que são titulares?
- 22- Que medidas foram tomadas pela Escola para assegurar o respeito e garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação?
- 23- Tem conhecimento da ocorrência de alguma situação na Escola, em que os alunos tenham sido discriminados? Especifique.
- 24- Todos os alunos têm acesso, em condições de igualdade de oportunidades, à frequência da Escola?
- 25- Que medidas a Escola toma para assegurar a diversidade física, étnica e cultural dos alunos?
- 26- Que medidas tem a Escola tomado, para encorajar a frequência regular da escola e para diminuir aquelas situações de alunos que faltam sem justificação e que haja a perspectiva de abandonarem a escola?

- 27-A educação proporcionada aos alunos neste estabelecimento de ensino corresponde às suas necessidades, qualquer que seja a sua origem ou língua materna? Em que medida?
- 28-Que tipo de ações de discriminação positiva são desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar, relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade?
- 29- São proporcionados apoios educativos adequados aos alunos com necessidades educativas, tais como aos que têm problemas de aprendizagem e de sobredotação? De que modo?
- 30-Que medidas foram tomadas para assegurar a maior integração possível dos alunos que sofrem de incapacidades?
- 31-Os alunos são educados sobre:
- a) - Promoção da saúde?
 - b) – Saúde sexual?
 - c) – Relações sociais, incluindo temas de mediação, negociação e resolução de conflitos?
 - d) – Gestão financeira, a nível pessoal?
 - e) – Leis fundamentais?
 - f) – Assumpção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos?
- 32-Na sua opinião, o ensino e a educação que são proporcionados aos alunos nesta Escola, preparam-nos para enfrentarem a vida real, a nível de relações sociais, alimentação, higiene e do meio e também para terem uma compreensão da realidade mundial e da realidade local?
- 33-Os projetos da Escola são concebidos tendo em conta o interesse superior dos alunos?
- 34-Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta as necessidades dos alunos e os diferentes ritmos de aprendizagem?

- 35- São proporcionadas aos alunos condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso? Quais?
- 36- Como avalia a qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinadas aos alunos?
- 37- Como avalia a qualidade e a adequação dos serviços que se destinam a prestar apoio aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos?
- 38- Como avalia a qualidade e a adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos?
- 39- É permitido aos alunos utilizarem as instalações a si destinadas e outras que não lhes são exclusivamente destinadas, mediante autorização?
- 40- Quais os meios de segurança dos alunos existentes na Escola?
- 41- Na sua opinião, os meios de segurança existentes garantem uma segurança eficaz dos alunos?
- 42- Quais os critérios que os órgãos de gestão da Escola têm em conta para elaborarem os horários dos alunos?
- 43- De que forma a Escola reconhece e valoriza o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos?
- 44- Os alunos são estimulados a aumentarem a sua dedicação, o seu esforço no trabalho e o seu desempenho escolar? De que modo?
- 45- De que modo são valorizados pela Escola, os alunos que desenvolvam ações meritórias, em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade na Escola ou fora dela?
- 46- Estimulam os alunos para desenvolverem esse tipo de ações?
- 47- Como caracteriza o ensino e a educação que é proporcionada aos alunos, neste estabelecimento de ensino? É uma educação de qualidade?
- 48- A educação que é proporcionada aos alunos nesta Escola:
- a) - Permite o desenvolvimento da sua personalidade?
 - b) – Permite desenvolver os seus talentos?

c) – Permite desenvolver as suas aptidões mentais?

d) – Permite desenvolver as suas aptidões físicas?

49-Que medidas foram contempladas no Projeto Educativo da Escola, destinadas a proporcionar condições aos alunos que lhes permitam:

a) - O seu pleno desenvolvimento físico?

b) – O seu pleno desenvolvimento intelectual?

c) – O seu pleno desenvolvimento moral?

d) – O seu pleno desenvolvimento cultural?

e) – O seu pleno desenvolvimento cívico?

f) – A formação da sua personalidade?

g) – A sua capacidade de autoaprendizagem?

h) – A sua capacidade crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética?

50-A Escola desenvolve nos alunos uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

51-Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta o desenvolvimento nos alunos, de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

52-Os códigos de comportamento que são transmitidos pelos professores aos alunos, também permitem desenvolver nestes, um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

53-De que modo a Escola desenvolve nos alunos o respeito:

a) - Pelos seus pais?

b) – Pela sua identidade cultural e nacional, língua e valores?

c) – Pelos valores nacionais do país em que vivem?

d) – Pelos valores nacionais do país de origem?

e) – Pelos valores de outras civilizações?

- 54- A educação dada aos alunos prepara-os para uma vida responsável, numa sociedade livre?
- 55- De que modo a Escola desenvolve nos alunos, o espírito de compreensão, a tolerância e amizade entre todas as pessoas?
- 56- A Escola desenvolve, junto dos alunos, o respeito pelo ambiente? De que forma?
- 57- Na sua opinião, as regras que regulam a disciplina na Escola, respeitam a dignidade dos alunos?
- 58- Na sua opinião, as regras existentes na Escola respeitam o direito do aluno:
- a) - A ter liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e de religião?
 - b) - À liberdade de associação?
 - c) - À privacidade?
 - d) - À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado?
 - e) - À sua identidade, cultura e língua?
 - f) - À inclusão social e à reintegração?
- 59- Na sua opinião, os alunos são tratados com respeito e correção, pelos elementos da comunidade escolar?
- 60- Existem algumas participações dos alunos por terem sido tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar?
- 61- Tem notícia do uso de violência por parte de professores ou de funcionários sobre alunos?
- 62- Têm ocorrido situações de violência entre alunos, na Escola?
- 63- E situações de vandalismo?
- 64- Como têm sido resolvidas essas situações?
- 65- A Escola tem algum plano com medidas de prevenção contra a violência?
- 66- A Escola desenvolve iniciativas para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos?

- 67-Os alunos também organizam esse tipo de iniciativas?
- 68-Os Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional desenvolvem ações ou têm medidas de apoio aos alunos dentro do âmbito da sua área de atividade?
- 69-Existem outras atividades e medidas de apoio aos alunos, desenvolvidas pela Escola?
- 70-Quais os meios de que a Escola dispõe, de forma a garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares?
- 71-Na sua opinião, esses meios são eficazes e os necessários para garantir a assistência pronta aos alunos?
- 72-Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores permitem aos alunos terem um papel ativo?
- 73-Os alunos são informados sobre o plano do seu curso, o programa e os objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação?
- 74-Os alunos entendem a informação que lhes é dada?
- 75-Os alunos são informados sobre as matrículas, sobre o direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos?
- 76-São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola?
- 77-São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, os Laboratórios, o Refeitório e o Bar?
- 78-Os alunos participam na eleição para os órgãos, cargos e outras funções de representação dos órgãos da Escola?
- 79-Os alunos eleitos para esses órgãos participam nas atividades inerentes a esses órgãos/cargos?
- 80-É-lhes dada toda a informação adequada, para eles poderem contribuir de uma forma eficaz, nos processos decisórios dentro da Escola?
- 81-A opinião dos alunos é tida em consideração nas decisões que são tomadas?

- 82- Os alunos participam na gestão da Escola?
- 83- Os alunos participam na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola? E acompanham a sua execução? De que modo?
- 84- É costume os alunos apresentarem críticas relativas ao funcionamento da Escola e apresentarem sugestões alternativas?
- 85- Quando os alunos apresentam sugestões alternativas, elas são tomadas em consideração pelos órgãos de gestão?
- 86- Nesta Escola, existe a prática dos professores, diretores de turma e dos órgãos de administração e gestão ouvirem os alunos em todos os assuntos que lhes digam respeito?
- 87- Os alunos participam na planificação das matérias dadas? De que modo?
- 88- Os alunos participam no seu processo de avaliação?
- 89- Os alunos podem apresentar listas para a Associação de Estudantes/Alunos? É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres, como membros da Associação?

ANEXO VII - Caracterização dos Entrevistados

| | Diretor da Escola Pública | Diretor da Escola Privada |
|----------------------------------|--|---|
| Género | M | M |
| Idade | 55 | 45 |
| Habilitações Académicas | Licenciatura Engenharia de Eletrotecnia DESE em Administração Escolar | Licenciatura em Ciências Religiosas Curso de Estudos Superiores Especializados em Gestão e Administração Escolar |
| Situação Profissional | Professor de carreira | Efetivo |
| Anos de Serviço | 35 | 20 |
| Anos de Serviço na Escola | 28 | 18 |
| Anos no Cargo | 19 | 9 |

ANEXO VIII - Protocolo da Entrevista ao Diretor da Escola Pública

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO DIRETOR DA ESCOLA PÚBLICA

1 – Que idade tem?

R: Vou fazer 56.

2 – Qual é a sua formação académica?

R: A formação académica é Engenharia. Tirei Engenharia de Eletrotécnia, depois tirei na Escola Superior de Educação Almeida Garrett, tirei um CESE ou um DESE, agora não sei de cor, sobre Administração e Gestão Escolar e não enveredei pelos mestrados porque não tenho tempo para isso. Não sei se um dia mais tarde ainda irei fazer uma coisa destas, mas senti que onde me deu algum prazer quando fiz aquele CES na Superior de Educação Almeida Garrett, achei piada, primeiro por ser sobre Gestão Escolar e depois achei engraçado quando nos falavam naquelas teorias da Administração, disto, daquilo e daqueloutro e começar a refletir e dizer assim “Não, mas é giro, eu fiz isto, eu atuei desta forma”, agora sabendo lá se estava a aplicar a teoria X ou a teoria Y. quer dizer, achei engraçado nessa parte...

P: E depois o trabalho de investigação, que também é muito interessante.

R: Sim, sim. Na altura, fiz também um trabalho sobre a implementação do 115. O 115, achei piada, achei engraçado.

P: Mas um dia ainda vai fazer a componente...

R: Não sei, não sei...

P: Foi pena...

R: Não sei, porque eu acho que é preciso tempo e é preciso disponibilidade para.

P: Pois, eu já percebi que o doutor aqui está extremamente...

R: Se calhar, sou um indivíduo mau gestor, sou desorganizado, não sei, mas...

P: Não, não. O resultado não leva a tirar essa...

R: Mas eu começo a pensar às vezes que, se calhar, não sei gerir o tempo, mas a minha preocupação, desde há muitos anos que é a questão de estar nas coisas e procurar saber o que se está a passar dentro da organização...

P: Claro, claro que é muito importante.

R: Não é de maneira nenhuma... às vezes, as pessoas interpretam isso mal, de não... “parece que não confias”, nada disso, não é uma questão de confiar ou não confiar; claro que a pessoa confia, se não confiasse, não tinha os seus subdiretores, não tinha os seus adjuntos, não é?

P: Mas é preciso acompanhar.

R: E que me têm acompanhado já há muitos anos. Praticamente a minha equipa acaba por ser a mesma.

P: Têm-no acompanhado desde a altura mais ou menos...

R: Quer dizer, há algumas mudanças pontuais, mas o grosso da coluna está lá.

P: Então, é sinal que confia neles e no trabalho deles.

R: Sim, sim, completamente. E certamente, às vezes, nalgumas reações que tenho, se calhar até sou injusto, mas eles sabem que...

P: Até o fator da permanência estes anos todos, também é muito importante.

R: Sim, a aproximação, a cumplicidade entre todos. É natural que se calhar eu tenha de contar até dez, às vezes, para dar uma resposta a alguém e com eles não preciso de contar até dez, portanto, porque eles já sabem que, quando estou a dizer aquilo não é de maneira nenhuma por não valorizar o trabalho deles, é por não concordar com alguma coisa que se fez.

3 – Qual é a sua situação profissional?

R: Eu sou ex-titular, portanto sou professor do quadro desta casa.

P: Do Quadro de Nomeação Definitiva desta Escola.

R: Sim, sim, já há muitos anos, desde 1982, salvo erro.

4 – Pois, eu ia perguntar há quantos anos exerce a profissão.

R: Comecei, eu estreei-me como professor, na altura provisório, não é! Estreei-me no Seixal, na Escola das Cavaquinhas, em 197... ora o 25 de Abril foi em 74, salvo erro foi em 75. Foi em 75 que eu entrei, estive nas Cavaquinhas quatro anos, em que dois já fiz parte lá dum Conselho Diretivo, como vogal e depois para fugir ao convite que me andavam a fazer, porque eu não gostava muito da lista, mas também não queria estar a dizer que não, resolvi vir embora para Lisboa, concorrer a estágio e foi no último... em 79/80 que eu entro em estágio na Marquês de Pombal. Entro em estágio na Marquês de Pombal, foi no último ano em que os estágios... eram do... funcionavam aqueles estágios só de um ano, depois vou para... como agregado, em 80/82, portanto em 80/81 vou para o D. Pedro V, no D. Pedro V, como agregado, inicio lá o meu percurso de delegado à profissionalização, porque foi neste ano que se iniciou a profissionalização em exercício. Estive lá 80/81, em 81 entro como efetivo na Damaia, não ponho lá os pés, continuo à mesma, no segundo ano, como delegado à profissionalização no D. Pedro V e depois, em 82, entro como efetivo aqui. E em 82/83 venho para aqui dar aulas.

P: E está desde 82/83 aqui.

R: Venho para aqui em 82/83, em 83/84, naquelas coisas que se faziam antigamente, aquelas atrocidades, aquelas reuniões de professores e depois era nomeado um para ficar à frente da gestão. O meu amigo e colega Jardim Gonçalves ficou eleito como presidente na altura, convidou-me para trabalhar com ele; então, fiz parte do órgão de gestão desta casa em 83/87, primeiro como vogal e depois os últimos três, como vice e depois estivemos dois anos fora daqui de baixo, ora 87/88, 88/89, 90/91... em 90/91, salvo erro, entro aqui como presidente do órgão de gestão e depois, pronto, tem sido essa desgraça.

P: Então assim, há quantos anos exerce a profissão?

R: Há para aí 35 anos.

P: Sim. Como professor.

R: Como professor, é capaz. Foi desde 75. Eu não...

5 – E nesta Escola, há quanto tempo é professor?

R: Não, 35, não. 75 para 2000... sim, sim, 35, isso mesmo. Nesta Escola, como professor, desde 82.

6 – Desde 82. E há quantos anos exerce o cargo de Diretor /Presidente do Conselho Executivo nesta Escola?

R: Portanto, foi desde 1990/91, salvo erro.

P: Portanto...

R: 90/91...

P: Exato. Mas já antes tinha estado...

R: Já tinha estado no Seixal...

P: De 83 a 87.

R: Pois, 83 a 87...

P: Ah não, mas no Seixal...

R: No Seixal, estive 1976... ora entrei em 75, portanto estive 76/77, 77/78, 78/79 na Direção da Escola, lá.

P: Mas nesta Escola?

R: Nesta Escola, foi em 1983/84, 84/85, 85/86, 86/87.

P: 83/84, 84/85, 85/86 e 86...

R: Foram quatro anos.

P: ... 87. Portanto, esteve quatro anos. E depois, em 90/91...

R: Salvo erro foi em 90/91, deixe-me ver. 80 e... Eu disse 80 e quê?

P: 86/87.

R: Portanto, 87/88, esteve um colega. 88/89, 89/90, 90/91. Portanto, eu estive em 91/92. Portanto foi em 91/92.

P: E de lá para cá tem ficado ininterruptamente.

R: Sempre.

7 – Que outros cargos e funções já exerceu?

R: Já fui – na altura uma figura que existia – o subdelegado de grupo, já fui delegado de grupo, já fui Diretor de Turma...

P: Coordenador de Departamento, se calhar.

R: Não, na altura não existia. Eram...

P: Os delegados de grupo.

R: Exato. E depois tenho exercido outras funções. Já fiz parte... chefei o Secretariado de Exames, ainda nesta casa, salvo erro no D. Pedro V, também, não sei, portanto, assim essas coisas. E às vezes também sou professor.

8 – Quais os princípios subjacentes à ação educativa da Escola?

R: Eu, uma das coisas que nós temos inscrito no Projeto Educativo certamente serão os chavões que existem na grande maioria das Escolas. Mas uma das coisas por que nos pautamos é pelo rigor, a exigência, o saber estar, o saber ser, que é uma das coisas com que eu luto nesta casa e aquilo que exijo da parte dos professores desta Escola é que exijam da parte dos alunos o saber estar numa sala de aula, porque penso que é o grande problema que nós estamos a atravessar neste momento e que ainda vamos atravessar um mau momento nas Escolas deste país, que é os meninos não saberem estar.

P: Exatamente. Isto quanto à questão da sala de aula, que eu consultei o Projeto Educativo e verifiquei que um dos pontos-chave era todo o trabalho desenvolvido a nível da sala de aula.

R: Sim, damos grande força ao trabalho na sala de aula. Claro que vivemos momentos...

P: E a interação do professor com o aluno...

R: Sim.

P: Mas não só na sala de aula e depois a nível de acompanhamento do aluno?

R: Nós temos condições para poder trabalhar. Portanto, temos um bom Centro de Recursos, portanto e aí é um espaço que está aberto desde as 8:30 da manhã até às 4:30 da tarde. Portanto, sempre aberto, onde os miúdos o procuram bastante e onde eu tenho um grande acompanhamento, portanto por parte dos professores que lá exercem funções. Temos também a preocupação da Sala de Estudo, portanto ter a preocupação

de dar resposta às dúvidas que o aluno possa ter, quer seja professor da turma, quer não. Portanto, o aluno, no princípio do ano tem conhecimento, através da página da Escola, através dos Diretores de Turma, através dos documentos afixados dentro da Escola, um horário, já sabe que àquela hora, haverá alguém de Geografia, ou haverá alguém de História que está lá para o apoiar. Uma das coisas que eu gostava mas, por incrível que pareça, nós não temos assim muita procura, porque ainda temos aquela mania metida na cabeça que quem resolve os problemas são os explicadores. Que eu, se mandasse, acabava com essa raça, porque entendo que é a negação do nosso sistema de ensino.

P: Exato.

R: Mas estava eu a dizer que gostava de ir mais além e não sei se... tem sido aos poucos. Primeiro, tenho sentido que a minha página da Escola é uma página muito pesada e depois não tenho cá na casa grandes especialistas em informática. Tenho aí uma pessoa que tem valor, mas em termos de relações humanas, é complicado e que só pensa... ele pensa que só ele é que sabe e as coisas às vezes não funcionam. É difícil...

P: A comunicação.

R: Neste momento, estamos a dar-lhe a volta, à página e eu queria... o passo seguinte era tentar ver através de um sistema em que os miúdos podiam pôr dúvidas a professores, via moodle, ou outra coisa qualquer, uma plataforma e havia sempre um grupo de professores que – não estou a dizer que, na hora dava a resposta – mas num espaço curto de tempo, duas horas, três horas, podia dar a resposta. Porque às vezes os nossos alunos e nós sentimos isso também nos nossos tempos de estudante, às vezes perdemos muito tempo com uma coisinha muito pequenina e se conseguirmos ultrapassar aquele problema, damos logo saltos grandes, não é? Eu gostava muito de fazer isso aqui nesta casa.

P: Outro aspeto que eu também li no Projeto Educativo era o acento tónico num tema que era “autoridade e liderança”, nomeadamente a nível das gestões intermédias.

R: É fundamental, mas repare. Os momentos conturbados que vivemos neste país fizeram com que nós também depois tivéssemos um certo cuidado na dinamização desse tipo de ações de sensibilização, mas eu não vou virar costas e com certeza que vou para a frente com aquilo.

P: Foi um momento difícil que atravessámos nestes últimos anos.

R: É isso mesmo. Sabe tão bem como eu que é complicado. Mas eu acho que é fundamental as lideranças intermédias numa Escola. Ainda há pouco tempo eu frequentei e estou a frequentar, eu e mais quase 50, frequentar um curso do Ministério da Educação sobre lideranças, em que somos à volta de 40 e poucos, a nível nacional e o meu plano de melhoria assenta nesse pilar, que é as lideranças intermédias, a comunicação entre as várias estruturas, porque eu acho que nós ainda não conseguimos interiorizar, nós, falo aqui da minha casa, mas certamente o mal é geral, interiorizar o que se pretende com o 75, embora o 75 tenha lá algumas falhas, não se fala no Coordenador de Disciplina, que eu considero que é extremamente importante, ele tem que existir, não é o Coordenador de Departamento que vai ser o salvador da pátria, mas o Coordenador de Departamento tem que ser uma pessoa que exerça alguns cargos de liderança no grupo que lidera, não é? E tem que... as reuniões não podem ser só o sai do Pedagógico, faz a reunião, transmite as informações do Pedagógico. Isto não é nada. Eu quero mais e quando ainda há dias eu fazia uma reunião com... que eu costumo fazer reuniões uma por período, pelo menos, com os Coordenadores de Disciplina, aqui na minha casa, os Coordenadores de Departamento são Coordenadores de Disciplina, para evitar...

P: Portanto, foi por iniciativa sua que nomeou esses Coordenadores de Disciplina.

R: Sim, sim, nomeei-os, os Coordenadores de Departamento, acho, dentro do grupo quem vai ser, vai ser aquele senhor ou aquela senhora. Eu costumo fazer, por período, sempre uma reunião com todos, para saber o que é que vai mal aqui na caserna. E onde se fala nessas coisas...

P: E acha que eles, portanto apercebeu-se que esses professores estão a desenvolver o seu papel, a nível...

R: É como tudo, aqui para nós. Claro que eu terei lá alguns que, se calhar, não deviam lá estar, mas eu costumo dizer “também não tenho mais nenhum”. E sabe muito bem que as coisas, por vezes, têm de funcionar assim, não é? Eu só tenho é que tentar burilar aquilo que não está a funcionar bem e fazer sentir que confio nele e que quero que ele trabalhe, que ele dê resposta...

P: Pelo menos, estimulá-lo, não é?

R: Isso mesmo.

P: E aproveita algumas qualidades que tenha.

R: Algumas coisas boas que ele tem. Mas continuo a achar que o bom funcionamento de uma Escola passa por aí, passa pelas lideranças intermédias, depois mesmo a nível das coordenações dos Diretores de Turma também são pilares extremamente importantes no meio desta construção toda. Agora, é aquilo que eu digo: repare, eu, todos os dias de manhã, nem lhe passa pela cabeça a quantidade de pessoas que eu recebo, desde as 8:15, que eu chego aqui, quando acabo de receber as pessoas dever ser o quê, 11 da manhã?

P: Pois eu já me apercebi, quando telefono para aqui, o professor está sempre...

R: A quantidade de gente que eu tenho ali, porque querem vir para cá.

P: Há muita procura, esta Escola tem muita procura, mas isso significa que realmente...

R: É porque acreditam no trabalho destes profissionais.

P: Que está a ser desenvolvido, exatamente.

R: Agora, aquilo que eu digo aqui também a eles, aos pais, por vezes, a imagem que eu vendo, nalgumas situações, se calhar não é a verdadeira, verdadeira, não, não é aquela que se passa, nós estamos numa organização com pessoas e eu também tenho aqui outros, como em qualquer organização, tenho é poucos outros.

P: Mas já no outro dia me falava que procurava junto dos professores que tinha, transmitir-lhes algumas ideias, alguns princípios que queria que eles desenvolvessem aqui na sua ação educativa.

R: Eles têm que vestir a camisola.

P: Que orientações é que lhes dá?

R: Eu, este ano, estive...

P: Depende da sua conceção educativa que tem na sua ideia, que quer desenvolver nesta Escola...

R: Aquilo que eu quero...

P: ... ou que tem desenvolvido.

R: Não se consegue trabalhar numa casa sem haver regras, sem haver normas. Nós não podemos... eu não posso de maneira nenhuma dizer “eu não faço”, não, não, tem que fazer. E quando eu digo “tem que fazer”, porquê? Porque o grupo onde ele está inserido está a fazer. Portanto, há muita coisa que a tutela manda cá para fora que eu também não concordo, mas eu também não posso deixar de a fazer, tenho de cumprir. O mesmo se passa aqui. E aí é que eu digo que é fundamental um bom Diretor de Turma, é fundamental um bom Coordenador de Disciplina, é fundamental um bom Coordenador de Departamento. Mas aquilo que eu fiz, e este ano foi um ano de grande mudança, porque houve muita gente que se reformou e quero dizer que o ano passado, por esta altura, eu recebi cá cerca de – não quero mentir – se calhar aí uns vinte e poucos professores novos efetivos, para o quadro. Para além depois dos mais treze, quinze dos outros que andam...

P: Mas estava a referir nomeadamente portanto aquilo que procurava transmitir aos... ah, entraram aí uns vinte efetivos.

R: Essa gente toda nova “Valha-me Deus, vai ser uma mudança radical nesta casa.” E tive a preocupação logo ali em novembro, só reuni com eles.

P: E o que é que lhes transmitiu?

R: Transmitem-lhes que os recebi de braços abertos, que certamente traziam coisas novas para a casa e eu quero estas coisas novas na casa. Ora tudo aquilo que... vícios todos temos, com certeza que eu não vou permitir que eles possam vir a perturbar o normal funcionamento da Escola. Claro que nessa reunião também tinha os Coordenadores de Departamento e os Coordenadores de Disciplina, no sentido de lhes dar força a eles para passarem a mensagem e uma das coisas que quero... dou esse exemplo, é: nós não podemos de maneira nenhuma dizer “O tempo resolve”. Na nossa profissão, o tempo não resolve, o tempo só agrava a situação e sempre que as pessoas que estão nesta casa têm um problema qualquer, vêm procurar ajuda, porque eu também os tenho, todos temos, não devemos pensar “não, não, eu sei tudo, eu resolvo tudo.” Não resolve.

P: Ao fim e ao cabo, procura incentivar o trabalho colaborativo entre os docentes, que é importante.

R: Sempre. E procurei integrá-los e dar-lhes a entender que confiava neles. E que podiam confiar em mim, porque faria tudo para criar as condições para eles se sentirem

bem nesta casa. Em termos de balanço, cheguei ao final do ano e este balanço eu fi-lo numa reunião geral de professores que faço sempre, todos fazemos, por causa dos exames e reconheci, da parte deles, reconheci junto deles que foi uma mais-valia para a Escola a entrada da grande maioria deles para trabalhar.

P: Mas o que sentiu que eles trouxeram de novo?

R: Nalguns grupos, sangue novo.

P: São pessoas, portanto...

R: Mais novas do que aquelas que eu tinha, porque a minha casa é uma casa velha. Se eu lhe disser que nós, com mil e cem alunos, que é aquilo que eu tenho, temos cerca de... com componente letiva, se calhar cerca de cento e vinte professores ou... portanto, é uma casa cara. Não deviam ser tantos.

P: E depois também o que me apercebi já pelas nossas conversas que temos tido, a questão também que lhes procura transmitir a esses professores, do rigor, da exigência, junto dos alunos, não é?

R: Sim, sim. Primeiro...

P: Incutir-lhes o gosto...

R: O cumprimento daquilo que é estabelecido nos vários órgãos. Se há uns critérios gerais de avaliação que são aprovados no Conselho Pedagógico, estes critérios têm que ser seguidos. Se há uns critérios específicos, que são aprovados dentro do próprio grupo, são para seguir, não é por ele achar, não acha! Não, no sítio certo é que tem de manifestar e na altura certa é que tem que manifestar, apresentar proposta de alteração. Quando estão aprovados, acabou, têm de ser seguidos. Se há uns critérios específicos, que são aprovados dentro do próprio grupo, são para seguir, não é por ele achar, não acha! Não, no sítio certo é que tem de manifestar e na altura certa é que tem de manifestar, apresentar proposta de alteração. Quando estão aprovados, acabou, têm de ser seguidos. O tentar – quando eu há pouco dizia “o saber estar dentro da sala de aula” – se se estabelecem regras, se há uma planta nas salas onde os alunos estão, essa planta é para seguir, quer eu concorde, quer não. O entrar na sala de aula com o barrete na cabeça, entendo que não o deve fazer, não deve permitir. São regras de comportamento. Contribuem para um bom trabalho na casa e sabe isso tão bem como eu. Porque os

conflitos laborais aparecem quando? Quando eu deixo entrar um com o gorro na cabeça e o outro professor não deixa. O outro professor é que está a cumprir. Quando eu exijo que o menino tem de saber estar sentado na cadeira, não é estar todo torcido, não é entrar fora de horas, há assim uma série de coisas, mas não estou a dizer que isto funciona a cem por cento, porque há sempre alguém que fura o esquema, como se costuma dizer.

9 – Quais são as três grandes preocupações, por ordem decrescente, que enfrenta como Diretor da Escola?

R: Por ordem crescente ou decrescente?

P: Decrescente.

R: Olhe, aquela que me preocupa mais é a – como é que hei-de dizer isso? – as contradições da tutela. Mas isto que fique claro. Não é uma questão de estes serem do Partido Socialista, nada disso, eu estou-me nas tintas que eles sejam azuis, amarelos às riscas, nada, eu quero é que sejam coerentes e que lancem as coisas atempadamente cá para fora, para nós depois nos podermos organizar, para nós depois transmitirmos, nós como gestores, como diretores nas escolas, transmitirmos aos outros uma certa segurança naquilo que estamos a fazer. Situação que não tem acontecido. Estou-me a lembrar da história das provas de recuperação, do artigo vinte e dois. Há uma série de coisas que agora é, depois já não é, depois deixa de ser.

P: E isso cria uma instabilidade em termos organizativos e sentem toda essa insegurança que transmite às pessoas.

R: Claro que cria! E dar o dito por não dito. É a pior coisa que se faz. Esta é uma das coisas que me preocupa. Depois é a questão, na nossa profissão, nós por vezes não olhamos para a Escola como um local em que... tem de haver espírito de grupo. O que é que eu quero dizer com isso? Espírito de grupo, o respeitar a hierarquia, eu não aceito que um professor mande mails para o pai da criança sem dar conhecimento ao Diretor de Turma. Porque quem tem de falar com o pai da criança é o Diretor de Turma.

P: E acha que existe um certo individualismo, não existe aquele espírito de trabalho, colaboração entre os professores?

R: Por vezes, não existe aquela colaboração que deve existir. Nós ainda temos de crescer muito...

P: A nível de grupo, seja de disciplina, seja do grupo disciplinar, seja da turma?

R: Eu acho que nós ainda temos um grande problema e ainda temos de crescer nesse sentido, mas se calhar, por termos sido maltratados, se calhar entre nós também não nos respeitamos uns aos outros, que é a questão de ter medo de partilhar as coisas. E quando eu digo “ter medo de partilhar as coisas”, as coisas boas e as coisas más, porque todos nós temos dificuldades e quando eu tenho uma dificuldade, eu não tenho mais do que chegar ao professor que também leciona aquela disciplina, por isso é que há as reuniões de trabalho, por isso é que eu, nesta casa, não atribuo, sei lá, Matemática do sétimo ano, pelo menos dois professores têm que ter Matemática do sétimo ano. Pelo menos dois professores têm que ter. Para quê? Para fomentar o trabalho em equipa. E por vezes as pessoas não falam, porquê? Porque se calhar do outro lado, um dia eu até quis falar e quis apresentar e aparece aquela resposta “o quê, tu não me digas que não sabes isso!” Ora, eu pergunto...

P: E sente que há esse egoísmo, essa...

R: Não estou a falar só da minha casa, estou a falar a nível da classe.

P: Mas que também ocorre aqui nesta casa.

R: Também, também. Por vezes, acho que devia haver um diálogo mais franco, partilhar as coisas boas, “olha, eu fiz assim”, “olha, então dá cá.”

P: Nem se partilha as coisas boas, nem as más, nem se pede ajuda nas dificuldades, não é?

R: Nem as más, porque o partilhar as coisas boas, a resposta é outra. “Ah, já lá vem outra vez armado em esperto, pensa que é o maior!” E isto é grave.

P: É algo que se verifica na generalidade das escolas.

R: Mas isto se calhar nas outras organizações também existe.

P: Ou quem faz um projeto diferente, ou que dá nas vistas, é logo “lá está aquele que pensa que é o maior.”

R: Eu acho que isso é mau porque a Escola tem que se capacitar de uma coisa: nós aprendemos ouvindo os outros de fora, mas acima de tudo trabalhando com os outros cá dentro. Por que razão é que há colegas nossos que nas escolas não fazem ações de formação e que são bons formadores e dão conferências fora de portas? Ora bolas, é sinal que eles têm valor e por que não procurarmos agarrá-los cá dentro e fazer formações informais de curta duração, para discutirmos determinados temas? Porquê? Porque a pessoa por vezes sente-se mal porque ainda se as coisas fossem ditas abertamente, mas se calhar às vezes são ditas assim por baixo do tapete “Então, lá vem outra vez, pensa que é o maior!”

P: Infelizmente, não há essa cultura.

R: E eu tenho tentado acabar com isso e sempre que tenho oportunidade, lá vai a mensagem.

P: O que é que tem feito para alterar isso?

R: Repare, é o procurar valorizar e procurar, via Conselho Pedagógico, aproveitar, no bom sentido da palavra, estas pessoas que eu sei que têm valor em determinadas temáticas e desenvolver, no nosso Plano Anual de Atividades, alguma formação e não é com pessoas de fora, é com pessoas de dentro.

P: Isso é importante, para estimular essa partilha.

R: Isso mesmo e para acabarmos com... sabe que as casas velhas... este momento já está a desaparecer, mas houve uma determinada altura que havia um certo estrelato, mas as estrelas acabavam por ... tinham um brilho virtual, porque acabavam por não contribuir para o bom andamento da casa e então quando pressentiam que alguém que não fosse estrelato que ofuscasse um pouco o brilho da sua estrela, “isto não pode ser”, mas eu como estou à vontade e combato essas coisas...

P: Então e agora quando entraram esses professores novos, qual foi a reação dos outros que estavam aqui na casa?

R: Não senti, porque talvez a forma como eles chegaram... eles chegaram, não tinham aquele espírito de chegar e começar logo a “Eu estou aqui!” Não, souberam estar, aqui para nós. Souberam estar e alguns deles...

P: Integraram-se perfeitamente e foram aceites.

R: Sim, sim e alguns deles, eu tive a preocupação, quando passavam aqui por baixo, para se despedir, que iam de férias, também tive a preocupação de tecer alguns elogios ao trabalho deles, porque acho que é importante e dizer “Eu quero mais de si e porque tem muito a dar a esta casa e ainda bem que veio.”

P: Faltava a terceira preocupação.

R: Sei lá... a terceira preocupação é, não estou de maneira nenhuma a inventá-la, mas também é uma das grandes preocupações que eu sinto, foi aquilo por onde eu comecei a minha conversa há pouco: incomoda-me... nós temos a preocupação de nos preocuparmos com quem não quer aprender. Nós preocupamo-nos mais com quem não quer aprender do que com aqueles que querem aprender. Eu acho que isto é muito mau, bolas. E acho que tudo caminha para lá. Nós vemos a legislação, o investimento que a Escola faz com os planos de recuperação de alguns jovens, os planos de acompanhamento... eu não estou a dizer que não é obrigação da Escola dar resposta a estes miúdos...

P: Mas depois acha que os outros são um bocado esquecidos.

R: Isso mesmo! Eu acho que a Escola deve dar resposta a essas situações, mas as famílias e eles também têm que dar. Não é a Escola mobilizar-se, recursos humanos e depois não aparecem.

P: Portanto, haver uma participação dos pais e dos Encarregado de Educação nesse trabalho...

R: Tem que haver a preocupação de os obrigar a vir. Mas não. Quer dizer, os miúdos faltam, não estamos a dizer de todos, mas essas minorias são aqueles que desestabilizam dentro da sala de aula, não deixam alguns aprender, porque deve haver miúdos dentro duma sala de aula e as turmas têm vinte e oito... se eu tiver, em vinte e oito, três ou quatro numa turma, que tendem a desestabilizar, eu acredito que, pelo menos uns dez que lá estão, se calhar até necessitam de uma certa calma, para poderem aprender. Se calhar, outros não, mas pelo menos dez e a mim preocupa-me como é que um professor consegue manter um diálogo durante noventa minutos – não estou a dizer que estar a expor durante noventa minutos – quando está constantemente a ser interrompido. É impossível! Portanto, há determinados casos... eu não me posso queixar muito, porque certamente isto ainda é um paraíso. Eu continuo a dizer que isto ainda é um paraíso, mas

em determinadas escolas, o número de casos complicados que estão a chegar às escolas, eu pergunto como é que as escolas dão resposta? Não dão! E depois nós temos a mania que somos capazes de fazer tudo. Não somos. Fazemos tudo, mas certamente algumas coisas más.

P: Tem que haver depois colaboração das outras esferas, nomeadamente dos pais, porque a Escola não consegue responder aos problemas todos sozinha, porque isso é um problema mais vasto do que a nível da Escola, isso tem a ver com a sociedade, a educação, a educação dos próprios pais, não é?

R: Claro! E depois nós estamos inseridos numa...

P: E cada vez mais o Ministério e a opinião pública exigem mais da Escola. A Escola tem que resolver os problemas todos, não é?

R: É. Eu costumo dizer, ainda há dias numa conferência onde eu participei, onde se falava dos pais nas escolas. Eu gosto muito que os pais venham à escola. Eu gosto...

P: E nota-se, porque o Doutor está sempre em reunião todos os dias quase praticamente com os pais, vêm cá.

R: Eles têm a porta aberta, eles não são, nem os miúdos, não lhes é barrada a passagem, eu sinto orgulho em estar à frente desta casa porque os jovens que eu tenho, eles não têm nenhum funcionário lá ao fundo a não os deixar vir... querem falar com alguém da gestão, eles vão falar com alguém da gestão; o mesmo acontece com os pais. Claro que são controlados ali, mas nós estamos sempre disponíveis para os ouvir. E mesmo a nível da participação deles nos órgãos da Escola, tenho uma boa Associação de Pais, gosto de trabalhar com eles, a nível de participação nos Conselhos de Turma, tenho participações bastante elevadas, uma percentagem bastante elevada dos pais nas reuniões de pais, no final de cada período... no início de cada período, nós costumamos fazer no início de cada período. Agora, eu preciso é que aqueles pais que não vêm à Escola, passem a vir, porque geralmente são os pais, são estes pais, são os pais dos jovens que não estão integrados e que estão constantemente a prevaricar.

P: E tem problemas desses?

R: Tenho algumas situações, mas não... a minha taxa de abandono anda muito próximo dos 0%.

10 – Qual é o perfil que o professor desta Escola deve ter?

R: Sei lá...

P: Sei que não pode controlar os professores que entram aqui na Escola, que são colocados aqui na Escola...

R: A questão do perfil, eu penso que, desde o momento em que seja um bom profissional, que saiba aquilo que tem de fazer, que tenha a preocupação de respeitar as decisões emanadas dos vários órgãos da casa e ter a preocupação de fazer um trabalho sério, um trabalho transparente, junto dos alunos na sala de aula, porque esta questão de...

P: A questão do perfil.

R: Aquilo que me interessa é que ele cumpra com as obrigações emanadas do próprio grupo disciplinar, não é agora o fazer-de-conta, o Chico-esperto, o fazer-de-conta que faz, em vez de... se o grupo estipula que a disciplina “x” tem que ter três ou quatro elementos de avaliação no período, ele tem que cumprir e acabou, não é ele achar que é muito ou pouco, não interessa; o saber relacionar-se com o Conselho de Turma, o saber relacionar-se com o Diretor de Turma, o saber ouvir, porque por vezes nós não gostamos muito... somos uma classe – eu também sou professor – mas somos uma classe que não gostamos muito de ouvir as críticas, mas temos que as aceitar, porque nós somos pessoas. E quando às vezes os Diretores de Turma me dizem, “Oh, ..., há um problema, os pais falaram sobre...” “Eh pá, a primeira coisa que tu deves fazer é falar com ele “Ah, mas ele vai reagir...” “Não te chateies. Agora, se tu não dizes nada, depois o professor com razão vai dizer ‘Não percebo, então os pais disseram isto assim e assim da minha pessoa e tu não disseste nada?’ “ Mas acho que acima de tudo tem que desenvolver um trabalho como bom profissional que é, porque se não o fizer, eu também...

P: Põe em causa todo o processo ensino-aprendizagem.

R: Eu recuso-me a chamar-lhe professor. É aqueles a que eu chamo “os outros”, que há em todas as profissões. E eu felizmente tenho poucos “outros”. Eu nesta organização e se calhar...

P: Tem alguns, mas poucos.

R: Tinha que ter.

P: Até o próprio sistema de colocação que existe... não se pode controlar.

R: Posso dizer que me tenho sentido bem, mas foi a primeira vez que eu fiz isso, mas se é uma possibilidade que eu tenho e se eu costumo dizer “Quem me dera ter... eu só queria autonomia para duas ou três coisas.”

P: Esta Escola tem autonomia?

R: Não, não tem, mas eu gostava de ter autonomia, mas eu não quero autonomia faz-de-conta, porque...

P: Uma autonomia efetiva.

R: ...aqueles que fazem parte dos 23 ou dos 22 ou o que é, têm uma autonomia faz-de-conta, que eu essa não quero, obrigado.

P: O próprio diploma que estabelece a autonomia também acha que é uma autonomia faz-de-conta?

R: Não me venham com coisas, não me venham cá dizer “não, não, você, olhe, já fala disto. Não dá!” Mas pronto agora sim, já tem. Não, as coisas têm que ficar claras. E uma das coisas que eu queria, era: primeiro, eu gostava de ter autonomia para poder mexer nos professores que tenho na minha casa, ou seja, eu tenho um professor que tem sido um bom professor, anda a atravessar uma fase má da sua vida, eu devia ter autonomia para agarrar nele e colocá-lo num sítio onde ele não se estivesse a expor e eu pudesse substituí-lo durante os tais três meses ou durante... Estou a fazer-me entender? Porque custa-me imenso, e sabe que as imagens que ficam são sempre as negativas. Nunca vamos buscar imagens... não é? E acho que é mau para um profissional que dá muito da sua vida à Escola e por qualquer motivo não anda bem, é um desmornar de cartas, não é? Portanto, gostava de ter autonomia para isso, gostava de ter autonomia para poder escolher os professores. Eu vou dizer assim: eu não os queria escolher, eu só queria dizer assim: “não, este não quero cá.” Mas...

11 – Como caracteriza o perfil do aluno que frequenta esta Escola?

R: A grande maioria deles, considero que é um miúdo responsável, é um miúdo interessado, é um miúdo que tem objetivos na vida e objetivos na vida é ingressar no

ensino superior, portanto penso que a grande maioria dos jovens é isso que pensam. E o mesmo se sente por parte das famílias, talvez daí a razão de nós termos aquela coisa de... sermos considerados indivíduos forretas; nós não gostamos de dar notas, gostamos é de atribuir classificações que eles merecem.

P: São exigentes nessa...

R: Sim. E eu vejo que estamos sujeitos a avaliações externas, portanto o caso dos exames nacionais, o desnível...

P: Não há um grande desnível entre as avaliações dadas e as notas dos exames.

R: Não, não há. Se me perguntar este ano, a nível da Geometria Descritiva, para mim acho que é uma vergonha, mas acho que foi a nível nacional, o caso de uma Biologia-Geologia também acho que é uma vergonha, mesmo a nível nacional. Também se sentiu aqui, não é? E geralmente quais são os miúdos que são mais penalizados quando há estas coisas mal feitas? São os melhores, porque aqueles que se limitam a responder “sim, não, talvez”, agora aqueles que desenvolvem, estes é que depois são mais penalizados. Mas estava eu a dizer que, este ano, arranjei maneira de não, no próximo ano não ter cá o indivíduo, porque entendi que não tinha as características para poder dar aulas, se calhar em lado nenhum...

P: Ah, está a falar num professor?

R: Num professor. E então, olha...

P: Mas era do quadro?

R: Não, não.

P: Era contratado.

R: É contratado. Arranjei maneira de não ter horário completo para...

P: Aí é fácil.

R: Pois, porque o problema está...

P: Porque aí basta a Escola dizer que não pretende a continuação...

R: Mas se calhar se fosse uma pessoa...

P: ... do quadro, tinha que ficar com ele.

R: Tinha que ficar com ele. Não é se calhar, tinha mesmo que ficar com ele. E quando às vezes, porque há muita gente dos colégios que também tentam trazer os filhos para aqui, nós sabemos que a vida está má, se calhar é essa uma das causas, mas é uma das casas muito procuradas.

P: É uma das causas mas a outra também é dar-lhes outra experiência.

R: Pois e o confiar no trabalho da Escola e aquilo que eu digo a eles é: “Há aqui duas situações. Uma delas é: se o vosso filho se portar mal, eu terei que o aguentar, porque se estivesse numa instituição particular, eu aconselhava as famílias ou ele mudava ou na semana seguinte, ou quinze dias depois, saltava. O mesmo se passa com os professores. Se os meus amigos tiverem no Conselho de Turma um professor que não dê respostas como deve ser, que nós sentimos mesmo que ele tem alguma coisa que não está bem, eu tenho que o aguentar, não é?”

P: Exatamente, não tem outra hipótese.

R: Há bocadinho, quando se falava nos alunos, claro que eu também tenho aqui alunos que também não sabem onde é que hão de andar, porque eu continuo a achar que...

P: Vocês têm também aqui CEFs e Profissionais?

R: Não, não, graças a Deus. Abro sempre o Profissional, mas nunca tenho alunos. Mas não há aqui marosca, eu abro porque eu fui um dos indivíduos que, há muitos anos, defendeu que os cursos profissionais deviam estar também nas escolas públicas, mas cursos profissionais com alguma qualidade, não era só – desculpe o termo – não estou a dizer que padeiro, cabeleireiro, que não é de valor, mas é natural que nos tempos de hoje que alguns miúdos também não queiram. E era aquilo que existia antigamente nas nossas escolas. Depois, começámos a criar cursos profissionais, mas eu nunca imaginei que, no tempo da Senhora Doutora Maria de Lurdes, que eu respeito muito e que eu acho que era uma mulher que eu admiro, porque era uma mulher que sabia o que queria.

P: Com determinação.

R: Tinha defeitos como todos nós temos, muito teimosa, mas ela sabia o que queria. E quando lançou cá para fora que todas as escolas tinham que ter cursos profissionais, eu também fui uma das pessoas que, junto dela, lhe disse que não estava a ver bem as

coisas porque entendo que, em primeiro lugar, devemos ver se há ou não condições para que estes cursos funcionem bem. E foi isso que...

P: E achava que, na sua Escola, e na maioria das escolas, concretamente na sua, não tinha...

R: Na minha Escola, o facto de eu não ter ou, por outra, eu não tinha pessoas...

P: Recursos humanos, professores, concretamente, com formação para.

R: Com formação para. E é isso. E nós sabemos que o nosso ensino, nós matamos as coisas, matámos os tecnológicos e vamos matar estes também, porque temos a mania que qualquer um pode dar qualquer coisa, que é “Tu, como és formado em engenharia, então pá, vais dar aquilo.” “Não vou dar aquilo!”, ou então, damos mais do mesmo. Daí a razão de nós acabarmos com eles, porque as tais disciplinas que deviam ser de carácter prático, em que devia haver da parte das escolas possibilidade de: havia um responsável pela cadeira, mas ao longo do ano, ao longo dos módulos, chamava-se alguém que trabalhasse no terreno para dar aos miúdos as coisas.

P: Ao fim e ao cabo, as escolas não têm, nem meios humanos, nem materiais para desenvolver esses cursos como deve ser?

R: Não, nada. Porque acho que andamos todos enganados. É aquilo que eu sinto. E depois faz-se outra coisa. Mas aí começa logo no mau desempenho que nós temos, que é: nós, Gestão, Serviços de Psicologia e Orientação, “ah, como és mau aluno, vais para o Profissional.” Não pode. Isto é outra coisa que não pode acontecer. Não. Pode. Nós temos que...

P: Orientá-lo é para um curso que ele goste mesmo e com que ele se identifique, seja profissional, seja...

R: Porque repare: eu estou preocupado com a questão do alargamento da escolaridade obrigatória para o décimo segundo ano. Eu estou preocupado. E estou preocupado, porquê? Porque nós sabemos que, se não existir um filtro, nós começamos a ter no secundário aquilo que temos no ensino básico. Isso vai ser o fim da picada. E eu pergunto: “o que é que é preciso fazer aqui?” Se calhar é preciso as Escolas terem poder para chegar ao nono ano e dizer “não, não, você não vai para aqui, você vai para ali.” E você não vai, não é uma questão de ser um menino corrécio na Escola, nada disso. É:

mediante determinados critérios, se quer ir para um curso de prosseguimento de estudos, vamos ver a nota da Matemática, ao longo do ciclo, como é e não é agora qualquer um que vai para lá e quando há bocadinho eu dizia “eu também tenho muitos que não sabem onde hão-de cair”, quer dizer, não vão para Ciências e Tecnologias, para fugir à Matemática, então para onde é que vão? Vão para Línguas e Humanidades. Mas vão para Línguas e Humanidades, mas detestam a História, não é? Ora, à partida, o que é que vai acontecer a estes jovens? Andam a marcar passo.

P: Então, mas depois nesse curso profissional que abriu, o que é que lhe aconteceu?

R: O curso profissional ainda funcionou e tem funcionado...

P: Que curso é, doutor?

R: Curso Técnico de Design. Eu acho até giro. Curso Profissional de Técnico de Design. E nós...

P: Mas continua a funcionar?

R: Eu já não o consegui abrir há dois anos, portanto não tenho, neste momento, nenhum a ser frequentado. O ano passado também não o consegui abrir.

P: Mas porque não tinha procura?

R: Não tenho alunos. Não o procuram. E nos anos que eu o tenho aberto – que ele já esteve a funcionar, se calhar há dois, três anos, talvez – são alunos fora daqui da zona. Portanto, os nossos...

P: Os alunos aqui da zona, ao fim e ao cabo, vão para a via ensino.

R: É isso mesmo.

12 – Como caracteriza esta Escola e o que a distingue das demais escolas privadas/públicas?

R: Eu acho que esta Escola tem todas as condições para poder funcionar como deve ser. Primeiro, o facto de nós estarmos aqui, não estamos a ouvir carros, buzínadelas, aceleradelas, eu acho que isto...

P: O espaço físico.

R: ...é logo meio caminho andado para se poder trabalhar, porque é um ambiente calmo. Sempre, eu considero que tem bons recursos humanos e quando digo que tem bons recursos humanos, bons profissionais; tem condições ótimas para poder trabalhar e tem bons alunos. E quando digo bons alunos, se a entrada aqui... se eu tenho procura, claro que não os posso escolher, selecionar pelas classificações (embora eu tenha essa fama, mas é mentira, porque não posso).

P: Isto aqui entre nós, tem.

R: Eu sei, eu sei, porque geralmente as pessoas dizem “Ah e tal só escolhe os melhores alunos.” É falso.

P: Mas também pode ter a ver com a oferta e a procura.

R: Claro que eu escolho...

P: Exatamente. Se há muitos a procurar, depois é evidente que os que entram...

R: Qual é a resposta que eu dou a essas situações?

P: Há é muita procura para entrar aqui!

R: Como há muita procura, eu a partir dos 1500, ou seja, do código 1500, vou escolher os mais novos. Eu cumpro a lei. Vou escolher os mais novos. Ora geralmente um miúdo mais novito é fator de sucesso e eu trabalho com esta gente. Como eu costumo dizer, tenho boa massa, logo tenho obrigação de ter alguns resultados. E eu fico admirado é como é que às vezes os resultados na disciplina “x”, por que é que, comparando esses resultados com outra escola que não tem nada a ver com a minha – não estou a dizer que a minha é melhor do que as outras, não, atenção, nada disso – estou a dizer “comparar com os miúdos que a frequentam.” Eu, sei lá, vou comparar os meus resultados com os resultados dos miúdos da Escola da Damaia. Eu não estou a pôr em causa os profissionais que trabalham na Damaia, eu estou a pôr em causa é os miúdos, a origem dos miúdos.

P: Isso faz a diferença toda.

R: Claro que aqueles miúdos devem viver com mais dificuldade do que os miúdos desta casa, logo, têm a obrigação – estes – têm a obrigação de ter melhores resultados do que os outros.

P: Ao fim e ao cabo, as famílias desses alunos que frequentam esta Escola e que, ao fim e ao cabo, são os residentes aqui na zona, são famílias com condições socioeconómicas...

R: Eu acho que a grande maioria é classe média alta. A grande maioria. Claro que eu também tenho aqui bolsas, também tenho. Quando às vezes me dizem “Ah, mas tu, veem-se poucos miúdos, ou há poucos miúdos do Bairro da Boavista”, que é o bairro complicado aqui da zona de Benfica. Não é por uma questão de serem do Bairro da Boavista, é que estes miúdos certamente, ao longo do seu percurso escolar, tiveram contratempos que fizeram com que, já chegaram se calhar há ou há ... um ano mais tarde que os outros, o que quer dizer que, quando entrarem aqui, se eu tenho possibilidade de selecionar pela idade, já não entram, como acontece com um miúdo ucraniano que iniciou o percurso escolar dele na Ucrânia, um ano mais velho do que os nossos em Portugal, esse miúdo dificilmente consegue entrar aqui no sétimo ano.

P: Tem muita procura aqui?

R: Muita procura.

P: E, portanto, há muitos que não têm hipótese de entrar e têm que os encaminhar para as outras Escolas?

R: Não têm. Eu digo-lhe uma coisa: claro que este ano o número de processos está a baixar, mas eu até falei com a minha mulher, ... e senti que ela também estava a sentir a mesma coisa: menos processos a circular, não sei, há menos processos a circular. E eu digo-lhe: eu tenho cinco turmas do sétimo ano, posso-lhe dizer que aqueles que entraram, que não tinham cá irmãos, eu consegui chegar até ao mês de maio. Portanto, de dezembro até maio. Portanto, todos os miúdos que ainda estão com doze anitos, que fizeram doze anos em maio, entraram; os que fizeram doze anos em março já não entraram, porque não consegui... tive que os mandar embora. O mesmo acontece com o secundário. O secundário, eu vi há bocado, no Curso de Ciências e Tecnologias, os últimos que entraram, salvo erro, foi de 10 de abril, para aí. 10 de abril! O que quer dizer que eu tenho muita gente aqui que vai iniciar as aulas ainda com catorze anos no décimo ano e com onze anos no sétimo ano. Portanto, já pode ver...

P: E o que é que a distingue, portanto relativamente o que a distingue das outras escolas públicas, tem a ver, nomeadamente, com o espaço.

R: Nós até não somos uma Escola, não somos daquelas escolas muito badaladas, que andam envolvidas em muitos projetos, temos alguns projetos...

P: Mas acha que há uma distinção entre esta Escola e outras Escolas, ou não? Qual é a sua percepção?

R: Oiça, eu sou suspeito, porque eu gosto muito dela e não lhe vejo...

P: Pode falar à vontade, porque isto é confidencial, não vou revelar o nome da Escola.

R: Não, não, como digo, eu gosto muito dela. Mas eu sinto... uma das coisas que eu acho que contribui para ela ser diferente são os miúdos que a frequentam. Eu digo-lhe, se entrar aqui no dia... eu, este ano, vou abrir... a catorze está tudo aberto já, mas se passar aqui, sei lá, a dezassete ou qualquer coisa assim, parece que já está a funcionar há não sei quanto tempo. Não há correrias...

P: Estão bem integrados...

R: E a diferença, eu não, os castigos que eu possa dar aqui, as suspensões que eu possa dar, é por um indivíduo ter tido uma postura, ser incorreto com algum aluno, com algum colega ou algum gesto mais de narizinho levantado na sala de aula, de se ter recusado a sair ou... mas nunca coisas graves.

P: Eles, ao fim e ao cabo, já interiorizaram as regras de comportamento aqui na Escola?

R: Logo no dia em que os recebo aqui, recebo-os todos, sétimos e décimos anos, tenho a preocupação de ser eu a fazer a receção deles ali naquele espaço grande à entrada. Geralmente, isto é... este ano vai ser a treze de setembro, uns de manhã, o sétimo ano...

P: E aí o que lhes transmite?

R: Então, o transmitir é os valores desta casa em termos de... “quando se entra para uma Escola, e este espaço vai ser vosso pelo menos durante seis anos”, quando estou a falar para o sétimo ano, “os vossos pais quiseram que vocês viessem para aqui, não fui eu que vos fui buscar para vir para aqui, portanto os meus amigos têm que aceitar as regras da casa. E as regras são estas: portanto, eu não permito que, porque são os meus... o meu dinheiro e o dinheiro dos vossos pais, que contribuem para que isto possa estar aberto, o estragar, não aceito, quem estragar, paga, o respeitar, temos que nos respeitar uns aos outros e sempre que alguém vos falte ao respeito, eu quero saber,

porque entendo que vocês têm o direito também de serem respeitados” e no fundo é essa lavagem, em termos de trabalho e em termos de vestir a camisola, não é? E procurar participar no Desporto Escolar, procurar estar nos espaços que a Escola faculta, participar no Jornal, participar no Projeto das Abelhas, que nós temos cá, em termos de... faz-se mel, cá.

P: Ah é?

R: É.

P: Têm colmeias?

R: Têm colmeias lá ao fundo, mas há a preocupação das Áreas de Projeto, de sempre haver alguém da Área de Projeto que agarra naquilo e que transmite aos outros mais novitos, portanto, levá-los a que aquilo não morra.

P: E com isso, há uma série de valores e princípios que lhes são transmitidos!

R: O respeitar o espaço, acima de tudo.

P: E o que é que acha que distingue esta Escola das demais escolas... as outras escolas públicas, já referiu, não é? Relativamente ao espaço, aos alunos que frequentam e das demais escolas privadas, nomeadamente, destas próximas aqui da Escola?

R: Das demais escolas privadas, a única diferença que eu acho entre esta casa e uma escola privada, é a possibilidade que o Diretor tem de poder manobrar as coisas, que eu não tenho. Eu, se por acaso, tiver uma turma com mais dificuldades na disciplina “x”, eu não posso, de maneira nenhuma, aumentar a carga horária deles, não é? Dar-lhe mais uma hora. Primeiro, não tenho horas no crédito horário para poder fazer isso, em segundo lugar, não o posso fazer sem pedir autorização ao paizinho, ao passo que no ensino privado, a questão é dizer aos pais “olhe, a partir de amanhã, toda a gente paga mais qualquer coisa porque precisamos de pagar mais horas a um professor porque os vossos filhos têm lacunas a Matemática ou lacunas a Física; e depois, outra faculdade que eu acho que, sei lá, na escolha dos professores, na escolha dos alunos, embora eu tenha essa fama de escolher os alunos, mas não... eu acho que não há grande diferença, porque em ar de brincadeira e certamente com alguma dor de cotovelo, alguns colegas meus dizem-me “Ah, pois, o colégio de Benfica”, mas isto é aquela dor de cotovelo saudável, porque eu digo-lhe sinceramente: eu admiro os colegas meus que estão à

frente de escolas onde constantemente haja barafunda: roubos, assaltos, a chapada, eu tenho a impressão que eu não tinha estaleca para estar à frente de uma casa destas.

P: Pois, pois. E há.

R: Eu admiro...

P: Mas, por exemplo, o tal colégio de Benfica, o que é que distingue... acha que há alguma distinção entre esta Escola e o Colégio?

R: Eu não conheço o miolo, nunca tive filhos lá, portanto aquilo que eu conheço é aquilo que, por vezes, os pais me transmitem. Por que razão é que, por vezes, os pais mantêm-nos lá até ao nono ano e no secundário trazem-nos para aqui? E trazem-nos para aqui geralmente na área das Ciências e Tecnologias? É porque confiam no trabalho desta casa. Se calhar, nós teremos melhores laboratórios do que eles, não sei, não conheço as instalações deles, mas há coisas boas e há coisas más, certamente, no particular, até porque eu acho... eu não sou daqueles que digo que o bom está só no privado e que o mau está só no público. É como tudo! Até porque os professores, muitos deles que dão aulas no privado, acabam por ser também professores do público! Agora, se calhar, haverá um maior rigor do profissional que trabalha – o profissional, quer dizer, se for profissional, tanto é rigoroso num lado como é noutra – mas o professor que trabalha no particular, se calhar nunca arranja formas de faltar lá e se calhar no público, tem alguma coisa que fazer, vamos fazer antes no público.

P: Há menos possibilidade de uma ação do Diretor face aos professores, não é? Os outros são trabalhadores e estes aqui...

R: Completamente diferente.

P: É muito diferente.

R: Mas eu não me posso queixar muito, porque acho que é uma casa que a grande maioria deles cumpre.

P: Não há grande absentismo.

R: Não, não. Claro que aqueles que faltam, são sempre os mesmos, aqui para nós. E esses mesmos, posso dizer que são, o quê? Três ou quatro.

13 – Que ações são tomadas para incutir nos professores os princípios subjacentes à ação educativa da Escola?

R: Nós temos a preocupação, mesmo naquela reunião que eu disse que faço todos os períodos com os Coordenadores de Disciplina, há sempre a preocupação de enviar mensagens, mandar mensagens para o “eu quero”, portanto se calhar utilizando muito um pouco essa coisa, “eu quero”, porque quero mesmo, exijo que quem está cá, tem de vestir a camisola. Se concorreu para esta escola, se diz que se perde às vezes muito tempo em reuniões, eu não sou a favor da “reunite” aguda, nem das “grelhites” agudas, “grelhite” para isto, grelha para aquilo, nada disso. Agora, entendo que se é preciso reunir, temos de reunir; se for preciso reunir naquela semana duas vezes, reúnem-se duas vezes naquela semana, certamente noutras não se reuniu.

P: Mas costuma fazer essas reuniões no final do...

R: Para fazer tipo ponto da situação, balanço com os Coordenadores de Disciplina.

P: Depois faz as reuniões gerais de professores.

R: Reuniões gerais de professores, faço duas. Faço uma no princípio e depois faço uma no final. Mas quando eu sinto...

P: Depois, a nível também do Pedagógico, não é?

R: Sim, sim. Pedagógico, faço todos os meses e no Pedagógico, mandam-se os recados...

P: Procura transmitir todas essas...

R: ...E, também, se eu sentir que alguma coisa não está bem, alguma insatisfação da minha parte porque as coisas chegam-me aos ouvidos também, não tenho problemas nenhuns de, numa reunião de grupo, peço ao Coordenador de Disciplina e dão-me um bocadinho de tempo de antena, ou no final, para dizer... não mandar recados, portanto, às vezes é preciso dizer as coisas e em termos, quando são situações individuais, tenho a preocupação sempre de falar numa primeira vez, no papel de professor para professor, ... para o colega “x”. Quando esta mensagem não passa, então aí, na próxima, já certamente será o Diretor. Mas não tenho utilizado isso muitas vezes, porque não tem sido necessário.

14 – Como caracteriza as relações entre:

a) - Alunos?

R: Eu não estou a ser vaidoso, tenho uma boa relação com os alunos desta casa.

P: Não, entre os alunos, entre eles.

R: Eu acho que há respeito entre eles, há a preocupação mesmo dos mais velhos com os mais novos, de os procurar integrar, não há aqui a separação entre os do ensino básico e os do ensino secundário, não.

P: Aliás, li no vosso Projeto Educativo, uma das medidas é que os alunos deviam procurar... os mais velhos integrar os mais novos.

R: Nós temos sempre essa preocupação. Até mesmo na receção, naquelas reuniões que eu lhe estava a dizer que fazia, quando os recebo aqui, tenho sempre a preocupação de pedir à Associação de Estudantes ou então a um grupo deles para depois fazerem uma... para mostrarem a Escola aos mais novitos. Não há...

P: Há uma boa integração deles e não há grandes problemas e queixas entre eles.

R: Não, não, não há. Não há violência, acho que há um respeito.

b) – Alunos/ Professores?

R: Eu penso que na grande maioria dos casos, acho que há uma boa relação. Não é... nós sabemos que, às vezes, há aquelas relações com uma certa cumplicidade, também existe aqui, há aquela relação que eu vejo por vezes, ou cá fora, ou aqui no auditório, ou no bar, mas depois na sala de aula, é giro que eles sabem marcar a diferença.

P: Uma atitude de respeito.

R: É. Eu, às vezes, reparo... sei lá, se está um grupinho de alunos ali no bar, sentados, chega o professor “x” que é professor deles, a manifestação deles, o professor deslocar-se até à mesa, estar ali com eles...

P: Mas isso também é bom sinal, que há uma relação de confiança e de respeito entre eles.

R: Isso é saudável. E eu sei que depois, dentro da sala de aula, cada macaquinho no seu galho, como se costuma dizer. E acho que isto é importante porque o professor não

pode, de maneira nenhuma, pensar que “Eu estou aqui, são alunos”, até porque eu nunca fui a favor de se criarem nas escolas bares diferentes, portanto para mim não há um bar na sala de professores. O bar da sala dos professores é no sítio onde eu vou, no sítio onde os alunos desta casa vão, onde vai o pessoal...

P: Então na sala de professores, não há bar?

R: Não há bar.

P: Portanto, se os professores quiserem tomar alguma coisa, vão ao bar...

R: Claro que têm lá uma máquina daquelas de café de plástico, como eu costumo dizer, mais nada.

P: Mas, portanto, isso com uma certa intenção, não é?

R: É. Nunca fiz força para se criar um bar na sala dos professores porque sou contra isso.

P: Porque é importante esse convívio fora da sala de aula?

R: Acho que sim, é fundamental. É fundamental que o professor... agora, o professor já sabe e eles também sabem que ali no próprio bar, há ali um cantinho que é nosso, que é dos professores e eles já sabem que aquele espaço... não está lá nada, mas eles já sabem que aquele espaço é mais dos professores. Mas estamos todos misturados e respeitamos a nossa vez.

c) – Alunos/ Direção?

R: Eu sou suspeito, como lhe disse, mas eu acho que eles têm uma boa relação comigo. E quando eu digo “Eu acho que eles têm uma boa relação comigo”, porque eu sei e sinto que eles quando estão aflitos é a mim que me procuram, portanto é sinal que confiam em mim.

P: Primeiro, por exemplo, com o Diretor de Turma ou o professor?

R: Se calhar, nalgumas situações, é mais o Diretor de Turma, não é? E ainda bem.

P: Mas quando diz “A primeira pessoa que procuram sou eu”, é relativamente a quem?

R: Se eles tiverem problemas...

P: Sentem confiança em si, em procurá-lo.

R: É. E é giro...

P: Porque lhes dá essa abertura.

R: Sim, sim. Eles sabem que eu arranjo sempre um bocadinho para falar com eles. Porque se eu vejo um miúdo ou uma miudita com ar trístico ou com ar de... pronto, de choro, de estar incomodado com qualquer coisa, mesmo que eu tenha qualquer coisa para fazer, de certeza absoluta que agarro logo nele “Então vá lá, o que é que eu fiz?” ou assim, na brincadeira, para tentar desdramatizar.

P: E dá-lhes confiança.

R: Porque entendo que é necessário que isto aconteça. E é giro que alguns daqueles que têm levado mais na cabeça, em termos disciplinares, continuam... quando estão aflitos...

P: Vêm ter consigo.

R: É comigo que eles vêm ter.

P: Então e, por exemplo, o doutor é daqueles diretores que costuma circular pela Escola, ou...

R: Devia circular mais vezes.

P: ...ou circunscreve-se à sala da Direção?

R: Não, não, passeio.

P: Para ter essa familiaridade com eles...

R: Olhe, passeio. Em determinadas alturas, devia sair mais daqui.

P: Pois, mas às vezes também tem uma limitação de trabalho que...

R: Procuro, quando vou beber o meu café, procuro ir, sei lá, aí por volta já das nove e meia, para quê? Para beber o café e ainda passar pela sala dos professores, no intervalo, para passar pela sala dos professores. Procuro, por vezes, estar à entrada, ou nos blocos, na altura das entradas.

P: E eles sentem a sua presença.

R: Pronto, estar ali... até mesmo para eu saber, porque esta casa funciona sem toques já há uma quantidade de anos. Não tem toques.

P: Por acaso, na minha escola, também é assim. E é ótimo.

R: Porque eu acho que é importante. Mas o ser importante não quer dizer que alguns não se esqueçam que têm que ir para as aulas. Daí a razão de eu exigir que o professor entra, acabou. Acabou! Eu de manhã, se as entradas é às oito e quinze da manhã, é às oito e quinze da manhã que temos que cá estar.

P: E se algum se atrasar?

R: Se algum se atrasar, eu digo-lhe... na parte da manhã, eu costumo fazer e costumo dar ordens... as lagartas dos blocos, dez minutos depois das oito e quinze, já ninguém entra.

P: E fecha mesmo a lagarta?

R: Fecho a lagarta! E as funcionárias não podem... e ele falta naquela hora! Acabou!

P: E nas horas a seguir?

R: Nas horas a seguir, claro que ele vai, ele às nove horas vai para a aula. Portanto, a aula começou às oito e quinze, ele às nove horas vai para a aula. Não entra é atrasado. Nas outras horas, aquilo que eu digo aos professores, não há cá tolerância. Eu costumo dizer...

P: Depois do professor entrar, não entra mais ninguém.

R: Há tolerância zero. Nós estamos em regime de tolerância zero. Não há cá...

P: E os professores cumprem isso?

R: Há professores... esta casa também é complicada porque repare, a sala dos professores... não sei se conhece a Escola, mas a sala dos professores é no segundo bloco, quando subiu as escadas, portanto para ir para o bloco A, para... demora um bocadinho. Mas acabamos por ter sempre os tais três minutos, máximo cinco minutos, já está toda a gente a trabalhar. E o menino já sabe...

P: Depois de o professor entrar na sala de aula...

R: Claro, mas isso depois é aquilo que eu digo, há professores que depois só fazem mal em serem tolerantes a mais, porque depois arranjam conflitos com as entradas noutros que, quando lá estão dentro, acabou.

P: Mas nas outras horas, ainda fecha a lagarta?

R: Não, não.

P: Portanto, é só no primeiro tempo.

R: Só nos primeiros tempos da manhã, porque estava-se a criar o hábito de eu entrar aqui e subir a escada e ainda ver gente a subir a escada e eu não gosto. Ainda se visse a subir a escada a correr, mas não, ainda parece que estão a chegar a horas. E eu pensei “Há aqui qualquer coisa que não está a funcionar.” E então, pronto, foi assim um bocadinho censurado e tal...

P: Mas depois foi assimilado e agora já ninguém diz nada.

R: Os próprios pais agradecem. Ninguém diz nada, mas quando eu fiz isso e disse na reunião de professores, grrrr...

P: Houve uma certa resistência.

R: Até me disseram “Ah, mas depois as condições de segurança e vamos imaginar que há um problema qualquer que eles precisam de sair.” Eu não disse que fechava as lagartas à chave. Aquilo a lagarta corre...

P: Mas não fecha à chave.

R: Não fecha à chave.

d) Alunos/ Funcionários?

R: Boas. E eu digo isso porque me apercebo, pronto, quando eu digo boas, não estou a dizer que não haja situações, não é? Mas posso adiantar que na grande maioria dos casos, a relação é boa. Eu vejo na forma carinhosa que eles tratam os alunos e a forma como os alunos os tratam a eles. Portanto, não berram, não há cá berros, eu vejo... onde eu noto isso mais é ali na zona do bar, a forma carinhosa, então agora depois de não haver alunos, quando algum aparece, “Ai como é que estás, meu querido?” e não sei quê e não sei que mais. E ele depois ou dá-lhe dois beijinhos ou então não dá, mas aquela coisa... pronto, acho...

P: É sinal que realmente se desenvolveu ali, também, uma relação de amizade...

R: É isso mesmo. É sinal que há uma boa relação. E eu digo-lhe: eu conheço escolas de norte a sul do país e sinto que o meu pessoal auxiliar de ação educativa, os assistentes

operacionais ou o que é agora, como se chama, são pessoas que têm a preocupação de agradar. E eu reparo nisso. E já, às vezes, reuniões que há aqui e colegas meus que também conhecem outras escolas e que já me têm dito...

P: Repararam nessa diferença.

R: Repararam. Na preocupação, sei lá, se veem alguém à procura de qualquer coisa, há logo a preocupação de “O que é que procura?”, “Olhe, siga por aqui ou vá por aqui.” E eu sinto isso. E acho que é importante.

e) - Professores?

R: Repare uma coisa, eu não posso dizer que são más, portanto acho que é uma relação... não estou a dizer que é uma relação ótima, porque nós temos que começar... quando se fala nos professores, temos que começar se calhar pela relação nos grupos disciplinares, não é? Porque se no próprio grupo disciplinar às vezes as coisas aquecem, porque aquecem, e acho que em todas as escolas isto se passa, aqui certamente também acontece isso, mas não posso dizer que tenham uma má relação, não, não sinto isso, até porque se calhar nota-se na Reunião Geral de Professores, nós verificamos que se as pessoas estivessem todas mal umas com as outras, as reuniões de professores aí refletia-se e não sinto isso.

P: Não há grandes rivalidades de grupo...

R: Dou espaço para falar, para porem as questões que entenderem, não sinto... não estamos agora a dizer que é um paraíso, claro, é uma organização onde há pessoas, é natural que às vezes há os conflitos laborais, há aquelas coisitas de ciúmeiras também, a forma como trata ou ouve o Encarregado de Educação e como... há aquelas coisinhas que são perfeitamente normais.

f) – Professores/ Direção?

P: E as relações entre os professores e a Direção?

R: Eu acho que é uma boa relação. Eu sinto isso, mesmo... mas isto durante muitos anos. Eu sinto isso. E quando eu digo “sinto isso”, eu recordo-me, na altura havia a preocupação de nas escolas se fazer chaves do Totoloto, na altura se calhar não era Totoloto, era outra coisa qualquer e em função, também, da adesão, assim se media a popularidade da Direção, ou então a popularidade, também, da Direção media-se com

os almoços ou com os jantares ou... eu não ligo a essas coisas. Uma coisa é certa: as festas que eu faço aqui, ou que a Escola faz, é o jantar de Natal e tem uma adesão muito grande, não estou a dizer que se calhar as pessoas vêm porque a Direção está lá, nada disso, mas vêm porque gostam do espaço, gostam de estar; depois, em junho, um almoço que não tem nada a ver com o jantar de Natal, que é uma coisa informal, que é a sardinhada e as febras; acabamos por comer mal, porque contamos com “x” pessoas inscritas, mas depois acabam por aparecer muitas mais, porque acho que a relação é boa.

P: E eles têm à vontade com a Direção, com o Diretor...

R: Têm. Eu penso que sim.

P: Quando têm problemas, vêm ter consigo?

R: Penso que sim. E quando... funciona muito como o padre na freguesia, está a ver? E é giro que eu sinto isso. É giro que nos mais novos se calhar por me verem já muito mais velho que eles, a rapaziada da minha idade, quando alguma coisa não corre bem, ou sei lá... ou dizerem-me, perguntarem-me “ouve lá, o que é que tu achas?”, “ouve, se calhar não fiz bem em ter...”, “não, não, fizeste”, ou “acho que sim, faria precisamente a mesma coisa”, portanto há essa preocupação de vir falar comigo, portanto é sinal que confiam. Mas não estamos a dizer... claro que haverá pessoas que não se aproximam tanto, se calhar a relação com o Diretor não será a mais próxima, mas não tenho situações de animosidade, portanto posso, para não esconder, posso ter penas sofridas, a questão da avaliação de desempenho. Eu digo-lhe sinceramente, eu tenho a obrigação de conhecer a minha casa e houve uma dada altura, fez em dezembro agora passado um ano, que eu tive mesmo que pôr os pontos nos ii, porque eu não sei viver no mundo da anarquia e eu sentia que... e fiz uma Reunião Geral de Professores e disse mesmo “Meus senhores, todos somos adultos, eu tenho as minhas funções aqui dentro e exijo que os meus amigos assumam as vossas. Portanto, não há aqui... quem quiser entregar, entrega, não quiser, não entrega. E se não entregarem, assumem as consequências.” E ponto final. Claro que há uma pessoa ainda nesta casa que não está bem. Mesmo por causa da área do Português, não está bem porque os conflitos também a nível de grupo e também comigo, comigo dispara em tudo quanto é sítio, mas...

P: Mas isso também acontece em todas as instituições e em qualquer organização, mesmo sem ser escolas.

R: É isso mesmo. Por isso é que eu digo, em termos globais, eu sinto que a relação... estes anos todos, eu sinto-me bem.

P: E também por uma questão... não havia essa cultura de avaliação e depois as pessoas quando... é normal.

R: É normal, porque as coisas podiam ter sido feitas, e eu recordo na altura também ter dito particularmente à Sra. Ministra e disse “Mas porquê, bolas? Vamos aos poucos, por que é que não se experimenta? Vamos ter calma, não...” Tinha acabado...

P: Umas quantas escolas para ver como é que dava e depois...

R: Tinha acabado a questão dos titulares, que aquilo já deu borrasca e depois foi o que deu agora, não é? E acabou-se os titulares e às duas por três, começa-se com aquilo. E eu disse-lhe “Sra. Ministra, vamos ter calma, porque precisamos é de paz para trabalhar, porque as escolas estão a viver num inferno e isso não pode.” E quando eu via...

P: E isso refletiu-se na relação do Diretor com os professores.

R: Claro! É isso mesmo! Mas eu não... digo-lhe sinceramente, não me sinto mal, nos órgãos onde estou, nas reuniões que faço, o Pedagógico, nada, não me sinto mal. E um dia que eu sinta que também estou a mais...

P: Até que já está cá há muitos anos, se não gostassem de aqui estar, eles já tinham concorrido para outro lado.

R: Ora aí está! Mas é verdade. E não é só. E mesmo a questão de... se não gostassem também da equipa que lidero e onde eu me incluo, com certeza que também não votavam em nós, não é? E votar... eu sei que no meio daqueles noventa por cento de votos a favor, nas eleições que eu tenho participado, eu sei que alguns deles “enquanto ele lá está, olha não me chateiam a mim.” A gente sabe isso, mas pronto, não...

g) – Professores/ Funcionários?

R: Eu penso que não há... uma das coisas que eu sinto, não há aquela diferenciação, como há em determinadas escolas, nos meus jantares de Natal, eu tenho os funcionários, tenho os professores, no meu almoço, eu tenho os professores e tenho os funcionários,

portanto não há cá coisas diferentes para setores diferentes. Eu costumo... claro que aí é que é diferente, mas é em função do calendário, eu e certamente a maioria das escolas, depois da Reunião Geral de Professores, há sempre um beberetezito como recepção aos novos da casa; no caso do pessoal não docente, eu também acabo por abrir o ano, quando faço a primeira reunião com eles, temos também a preocupação de arranjar um bocadinho depois da reunião para comermos qualquer coisa juntos, porque acho que isto é fundamental e eles também gostam de se sentir valorizados também, porque eu costumo dizer “eles são uma parte importante no funcionamento de uma Escola.” E nós sabemos isso.

15 – Na sua opinião, a implementação dos direitos dos alunos constitui uma preocupação fundamental para a gestão da Escola?

R: Repare uma coisa: eu nunca dou valor aos direitos sem pôr no mesmo prato da balança os deveres. Porque acho que nós, para termos direitos, temos que ter deveres. E quando eu às vezes digo “os meus amigos só pensam que têm direitos”, infelizmente na sociedade em que vivemos, só pensamos nos direitos, não pensamos nos deveres. Portanto, eu quando lembro aos jovens e quando recebo ali e aquilo que todos os Diretores de Turma fazem também no dia anterior à abertura das aulas, portanto todos os Diretores de Turma dos outros anos, oitavos, nonos, décimos primeiros, décimos segundos, os Diretores de Turma têm o primeiro contacto com eles e têm a preocupação de lhes dar a conhecer os direitos e os deveres que eles têm para com esta casa.

P: E como é que lhes dão?

R: Damos-lhes uma brochurazita, uma brochura com os direitos, com um extrato do Regulamento Interno, daquilo que nós achamos que é fundamental que eles conheçam. E, sei lá...

P: Mas ao fazer isso, também tem uma preocupação que esses direitos sejam respeitados?

R: Claro, sempre! Até porque aí, mesmo da parte da, na conversa que se tem com os professores, há sempre a preocupação de: nós, se temos direitos, há outras pessoas que não os têm. E não podemos, de maneira nenhuma... eu entendo que tenho o direito de ser respeitado e para eu ser respeitado, também tenho o direito de respeitar os outros, não é? Porque é aquilo que eu costumo dizer, que eu também berro e quando um

indivíduo berra, é sinal que já não tem argumentos para justificar seja aquilo que é, porque isto acontece a todos nós, não é? Portanto, é fundamental que todas as partes de uma Escola, passando pelos professores, pessoal não docente, alunos, pais, eles saibam quais são os seus direitos, mas também têm que saber quais são os seus deveres. E, portanto eu acho que é fundamental lembrar aos jovens os seus direitos mas, ao mesmo tempo, também fazer a mancha com os seus deveres, para com a Escola.

16 – Quais os direitos dos alunos que para si, como Diretor, são de maior importância ou que o preocupam?

R: O direito, olhe, ele tem direito a que seja tratado com justiça. Eu não aceito, como responsável por uma casa, não aceito que o jovem, que o tratamento que tenham para com ele não seja um tratamento coerente. Hoje é duma maneira, amanhã é doutra. Não pode ser. Hoje eu, porque estou bem disposto, aceito tudo; amanhã, venho mal disposto, corto a direito. Quer dizer, estas coisas pouco constantes na atuação fazem com que o ambiente se degrade. E depois, nós por vezes, como professores, cometemos determinadas injustiças e os miúdos têm um critério de justiça muito mais apurado do que o nosso. Eles são capazes de, devido ao sangue na guelra que têm, se calhar são capazes de uma reação qualquer, dizer alguma coisa disparatada, mas acho que nós professores, também devemos ter a preocupação de, sempre que o jovem se abeire de nós num ato de nos pedir desculpa, eu acho que, se somos adultos, se somos profissionais, acho que devemos aceitar essas desculpas, fazendo ver a ele que ele não pode ter esse tipo de atitude, não sei. Eu acho que é fundamental. Quando às vezes eu aqui, quando os chamo à responsabilidade e já com o Diretor de Turma, com o pai, com o menino, eu digo “eu não disse nada, mas gostava muito que o meu amigo, em qualquer altura, se abeirasse do professor e lhe pedisse desculpa sobre o ato que cometeu, ou então, que vai ter a preocupação, uma vez que você teve essa triste atitude pública, também vai pedir publicamente desculpa ao professor.” Não é aquela coisa “ah, já agora, desculpe.” Não, não, porque eu depois mais tarde vou perguntar ao professor como é que o meu amigo fez, porque... mas também aceito que o professor aceite esse pedido de desculpas e não aquela coisa que, por vezes, nós, adultos, temos “ah e tal, não, vai-te embora!” Quer dizer, isto só agrava a situação, não é?

P: Então, portanto, o tipo de direitos que para si são de maior importância ou que o preocupam é a questão da justiça no tratamento?

R: Eu acho que sim. Eu acho que é: justiça, a equidade, porque acho que nós devemos tratar os miúdos todos da mesma forma, quer eu... porque eles são sensíveis a isso. Nós às vezes temos essa coisa de fazermos a distinção do Zezinho que até é um indivíduo muito simpático, muito não sei quê, o outro, o António, até não fala muito, portanto há ali uma certa distinção e eu acho que nós devemos ter muito cuidado com isso e depois também...

P: Não discriminar os alunos.

R: É isso mesmo. Quando eu falo de discriminação, não quero, de maneira nenhuma, entrar na parte da raça, portanto ser ou cigano, ou ser... nada disso. O tratá-los de igual forma, seja ele... claro que aquele jovem...

P: E respeitar também as suas diferenças?

R: Isso mesmo, isso mesmo. E depois é, uma das coisas que eu acho que o professor tem mesmo que fazer, se quer ser bom profissional, é: tudo aquilo que pede, ele tem de corrigir e tem que entregar atempadamente os elementos aos jovens. Porque eu entendo que, qualquer miúdo, quando chega ao final do período, ele tem a obrigação e o direito de saber com o que é que pode contar. E claro que nós todos temos aqui o hábito de, pronto, que haja sempre autoavaliação, por parte do miúdo, dentro da sala de aula, sei também que alguns não o fazem, alguns professores não o fazem e só me apercebo disso quando há confusão, portanto quando há recursos, quando eu pergunto por ela, se não está, mas depois para mim não é de admirar que isto, que depois dê problemas, não é? Mas eu acho que é fundamental é a coerência nas atitudes que tomamos, junto deles, a questão da justiça, a questão de, se erramos, não devemos estar para ali a atirar tiros para o ar e a tentar desculpar aquilo que não é desculpável, acho que devemos assumir os erros e dizer mesmo “meus amigos, aquilo que eu disse ontem, não está muito correto, portanto o correto será isto.” Agora, eu quando digo isso, não estou de maneira nenhuma a dizer que está constantemente a enganar-se. Se está constantemente a enganar-se, é porque é mau profissional, portanto, também, não serve.

17 – De que forma têm sido defendidos os direitos dos alunos nesta Escola?

R: De que forma? Repare, eu tenho... sei lá, estou a lembrar-me, sempre que há qualquer problema, eu tenho o mau hábito de, mesmo que seja um problema desagradável, procuro evitar falar com eles logo. Tenho a preocupação de, naquela mesa redonda, “olhe pá, tem aqui um papel, tem aqui uma caneta, se não se importa, passe a escrito o que é que se passou. Mas não me minta, portanto passe tudo. Assuma aquilo que fez, mesmo que leve nas orelhas, mesmo que leve nas orelhas, é pá, assumo. É preferível do que depois ser eu a descobrir a verdade.” Depois, tenho a preocupação de chamar cá, e então já depois de eu ter lido o papel, tenho a preocupação de falar com eles para ouvir a versão deles. Para além disso, também exijo a mesma coisa da parte do professor, para depois fazer o cruzamento das coisas, como é que as coisas nasceram...

P: Portanto, ouve todas as partes.

R: Tenho a preocupação de ouvir todas as partes, não aqueles processos sumários de nomear o instrutor, que eu detesto essa parte burocrática. É: se não tenho possibilidades de o ouvir, tenho a preocupação de pedir ao Diretor de Turma, “olha, se não te importas, arranja um bocadinho para ele passar a escrito aquilo que se passou.”

P: Mas isso a nível disciplinar.

R: Isso a nível disciplinar. A nível do... tenho a preocupação também de lembrar aos Diretores de Turma, que os Diretores de Turma no que diz respeito à Formação Cívica, o lembrar os direitos deles, o lembrar por que é que nós temos os direitos; certamente eu deixarei de ter direitos quando não cumpro com os meus deveres, pronto, procurar falar sobre essas matérias, sempre atirando-os para o Estatuto do Aluno e para o Regulamento Interno. No caso do secundário, os Diretores de Turma, também, quando dão aquelas preleções de final da sua aula, sobre alguma coisa que não correu bem, na disciplina não sei o quê, o lembrar sempre e atirá-los sempre para o Regulamento Interno, porque se eles querem ter direitos, eles também têm que saber estar.

P: Claro. Mas quando tem essa preocupação juntos dos professores e, nomeadamente, no próprio Projeto Educativo, defende muito o trabalho na sala de aula, portanto está relacionado com o tipo de aprendizagem que lhes quer transmitir e com a educação que lhes é dada, não é? Porque isso também é um direito que eles têm, o tipo de educação... está a preocupar-se com os direitos deles, portanto é um bocado mais profundo.

R: Claro! Isso mesmo! Repare: na sala de aula, claro que nós não podemos... eu não posso aceitar que qualquer professor, pronto, como é o António que está a perguntar qualquer coisa, faz de conta que não ouviu, ou não... eu não aceito isso. E, se por acaso o miúdo sente que está a ser tratado assim, eu tenho um tipo de alunos e um tipo de pais que reagem...

P: E os alunos reagem e dão-lhe conhecimento dessa situação.

R: Reagem, reagem e dão conhecimento ao Diretor de Turma e se as coisas continuarem, eles próprios acabam por vir falar comigo e claro que a nossa primeira reação “oh pá, está agora armado em patinho feio! Nem pense nisso! Alguma vez o professor...” Mas claro que a mensagem fica cá e indiretamente depois a pessoa acaba por “Então mas ouve lá, conta-me lá, mas...” “Eh pá, não posso com ele, ele não...” “Pá, temos que o aturar. Agora, tu tens que o aturar, mas ele também tem que saber estar. E se ele não souber estar, põe-no na rua e acabou.” Mas ele tem o direito de, se tiver uma dúvida, ele tem que a pôr e temos que responder.

P: Portanto, procura junto dos professores, também, sensibilizá-los para resolver essa questão, não é?

R: Sim, porque eu entendo que nós se não respeitarmos os direitos deles, nós estamos a sujeitar-nos a que eles também não respeitem os nossos direitos.

18 – No Projeto Educativo da Escola, houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efetivar os direitos dos alunos, que constam do Regulamento Interno e da legislação aplicável?

R: Repare, eu não tenho agora o Projeto Educativo todo metido na cabeça, mas nós tivemos a preocupação, quando o fizemos, há cerca de uns três anos, aquele...

P: É de 2008.

R: Acho que é de 2008.

P: 2008-2011.

R: É pena que seja um documento que, nas escolas, nós só vamos a ele, só o vamos consultar quando precisamos para...

P: O alterar.

R: Não é? É pena. Por isso é que eu digo, eu engalinho um bocadinho com aquelas frases bombásticas que “uma Escola para funcionar, tem que ter um Projeto Educativo, tem que ter um Regulamento Interno, tem que...” quer dizer, eu... como é que as escolas funcionavam antes de terem estes referenciais? Claro que são referenciais que existem e têm que existir e todos nós temos, todos nós mesmo antigamente, antes de ele estar ali, todos nós tínhamos um projeto na cabeça, não é?

P: É uma questão de formalizar esse projeto, claro, claro!

R: Agora, eu penso que há, quando nós lemos o nosso Projeto Educativo, e aquela separação, onde são os professores, o que diz respeito aos alunos, o que diz respeito ao pessoal docente, aos pais, portanto há ali metas claras sobre o que é que devemos fazer...

P: Nomeadamente, aquela questão da sala de aula, de...

R: Sim, sim, nós... aquele Projeto Educativo está muito virado para o trabalho dentro da sala de aula. Para nós, o coração da Escola é a sala de aula.

P: Tem a ver, ao fim e ao cabo, com o tipo de educação que pretende que o professor transmita aos seus alunos.

R: Sim, em todos os aspetos. O papel do professor dentro da sala de aula, o respeito e o papel do aluno na sala de aula, o saber estar, portanto, o participar de uma forma organizada, portanto, é tudo.

P: Pois, isso está tudo no Projeto Educativo e, também, um outro aspeto relativamente às instalações e ao espaço, também, há várias medidas que lá constam.

R: Há várias medidas e nós não temos lá uma que é, no fundo... fala-se na questão dos espaços verdes, nesses espaços verdes. O ano passado...

P: Que estão lá, constam lá, no aproveitamento da...

R: Estão lá, portanto tentar aproveitar, melhorar os espaços verdes. E nós, para termos alguma autonomia, eu fiz, mandei fazer um furo e tenho já um furo feito com água lá ao fundo, para poder alimentar a cascata e não estar dependente do São Pedro...

P: Têm uma cascata?

R: Tenho. A cascata acompanha todo este... eu já lhe mostro. Quem está lá em baixo e olha, portanto ela agora está seca. A água vem lá de cima, vai por aí abaixo e tem uma vista engraçada.

P: É que a Escola tem umas condições físicas e ambientais excelentes. Agora, um ponto crítico que assinalam lá no Projeto Educativo é não estar bem aproveitado.

R: Os espaços verdes... é impensável, porque eu não tenho jardineiro...

P: Não há meios económicos...

R: Claro, para dar resposta a isso! Eu bem tenho desafiado a Junta de Freguesia, para quê? Para abrir este espaço ao fim de semana e assim, abrindo este espaço ao fim de semana, eles tinham obrigação de me cuidar dos espaços verdes.

P: Ou arranjar projetos para os alunos dinamizarem isto, em clubes, ou qualquer coisa...

R: Mas repare, vai haver...

P: É que é uma pena, mesmo.

R: Eu tive que parar, já tinha as coisas todas pensadas e fiz o furo e paguei e já tenho água, mas tinha pensado, já tinha preços para as bombas e aquelas coisas todas, entretanto suspendi porque agora, porque o próprio Parque escolar disse-me que iam servir-se do furo para depois pagarem as... pronto, para instalarem bombas, mas eu já disse, se eles não me dão resposta rapidamente, sou eu que avanço com aquilo, estou-me nas tintas, não preciso de estar à espera do paizinho, porque entendo que preciso para regar e para termos sempre aquele... a água depois é sempre a mesma, porque tenho um circuito interno, cai na cisterna, mas eu para... aquela cisterna lá em baixo mesmo à curva, é uma casa que tem metade disto e esta altura, mas está muito suja, agora não passa pela cabeça de ninguém que eu vá encher aquilo com água da companhia, não é?

P: É uma despesa insuportável.

R: E tenho que estar sempre à espera do São Pedro para chover e que tenha água, mas assim...

P: Então, mas já fez o furo, não é? Agora falta é a questão...

R: Já tenho o furo e tenho água. Aquilo é só pôr a bomba e puxar.

P: É que isto tem uns espaços ótimos, poucas escolas devem ter e se isto fosse aproveitado, tudo arranjadinho com relva e... era uma coisa...

R: Digo-lhe uma coisa: não pense que a Gulbenkian lhe fazia frente, porque este espaço bem arranjado e no inverno quando está verdinho, às vezes dizem-me “Eh pá, tens uma relva tão gira”, “não, não, um ervado. O ervado está giro.”

P: E a Junta, não alinhou?

R: Eles não têm dinheiro, sabe? Aí é que está.

P: É uma pena, realmente.

R: Porque depois tenho o azar de a Junta de Freguesia estar próximo da... ter a Mata Silva porto, ali em Benfica, ter o Monsanto, porque se eles estivessem encravados no betão, eles próprios agradeciam, porque este espaço, agora nessas noites quentes, para passearem aqui com segurança, mas enfim...

P: Era ótimo. Mas isso também consta como um dos pontos críticos que está lá no Projeto Educativo e é também uma meta.

R: É a organização dos espaços.

P: E depois também a questão do refeitório, que também é um problema.

R: O refeitório já está, para o próximo ano já vamos ter refeitório. Mas é um refeitório... eu sempre me bati, não por um refeitório único, para nós, na altura ainda andavam a construir ali a Comunicação Social, até propus ao Ensino Politécnico que nós fizéssemos uma cantina a meias aqui no meu espaço e que servisse as duas escolas. Mas não senhor, não deu. Entretanto, neste momento está a ser construído e já está praticamente construído um refeitório que vai dar resposta à nossa e às escolas que lhe estão próximas..

P: Mas aqui no espaço, onde é que é o espaço?

R: Atrás.

P: Mas pertence ao espaço da Escola?

R: Sim, sim. É um espaço... nós tínhamos um grande terreno, também, atrás. Entretanto, a Direção Regional, de acordo lá com a Secretaria de Estado, resolveram cortar mais um bocado para darem à música, à Escola da Música, Escola da Música que está aqui atrás.

P: É por trás?

R: É, por trás do nosso Pavilhão Gimnodesportivo, porque o nosso terreno era muito, era maior. Depois, roubaram-nos mais um bocado para fazer o refeitório, mas o refeitório está integrado neste espaço todo. Embora vá haver vedação, porque eu não quero que haja mistura entre os meus e os outros, não pode.

P: Pois, senão os outros miúdos entram aqui e vocês não conseguem controlar.

R: Não pode. Vai haver um portãozinho em que os meus vão ao refeitório...

19 – A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos ou dá prevalência a alguma categoria de direitos?

R: Não, portanto, repare: quando nós elencamos no nosso Regulamento Interno os direitos deles, entendemos que são os direitos que qualquer jovem deva ter.

P: Portanto, dão a mesma importância a todos.

R: Sim, sim, eles não estão hierarquizados.

20 – De que modo a Escola dá a conhecer aos alunos os direitos de que eles são titulares?

R: Eles recebem todos os anos uma brochurazita, onde levam para casa e onde estão descritos os direitos e os deveres deles.

P: Porque eu reparei numa coisa, ali no Regulamento Interno, onde estão os direitos... pronto, em termos de técnica jurídica, não é necessário estar a descrever todos, pode-se remeter para o diploma em causa mas, depois, portanto, os direitos, o primeiro não é os direitos que constam do Estatuto do Aluno, que constam...

R: Sim, mas depois haverá lá outros, que são...

P: Depois há outros, mas aqueles que estão descritos no Estatuto do Aluno, não estão elencados ali. Não, mas a minha questão é, se nessa brochura depois os descrevem ou é a transcrição dos que estão no Regulamento Interno.

R: A brochura é a transcrição do Regulamento Interno.

P: Mas aí eles depois não ficam muito bem com o conhecimento de todos aqueles que estão... é uma questão para pensar.

R: Eu percebo-a.

P: Eu estive a ver aquilo e depois...

R: Aqui para nós...

P: Que eu antes não tinha pensado nisso.

R: Mas se nós olharmos para o Regulamento Interno, se calhar desta casa e doutras, nós verificamos que depois há ali coisas que parece que não joga a bota com a perdigota, portanto, não há ali, às vezes não há ligação. E porquê? Porque nós quando fazemos as reformulações dos Regulamentos Internos, acaba por ser uma manta de retalhos, não é? E já viciados com aquilo que a tutela, também, faz com a legislação que manda cá para fora, por vezes esquecemo-nos de algumas coisinhas que se calhar era preciso burilar.

P: Mas depois há de ler a minha tese e vai ver que é importante lá descrever os direitos. Eu nunca me tinha apercebido e depois comecei a olhar – isto aqui um aparte – para o Regulamento e é assim, geralmente quando se fazem os Regulamentos Internos, ou remete-se para as leis...

R: Há muitas formas de fazer Regulamentos Internos.

P: Exatamente.

R: E há uma forma que é: ou se elenca aquilo tudo ou então atira-se...

P: Para os diplomas que regulam.

R: Embora eu aí considere que o atirar, o elencar tudo, acho que é desagradável, o “sim senhor”, fazer referência a alguns, não vamos dizer que são os mais importantes ou os menos importantes e fazer referência à lei.

P: Claro. Ao fim e ao cabo, o Regulamento tem que obedecer à lei, não é?

R: Porque só atirar para a lei, isto envolve que a pessoa depois tenha que ir consultar a lei e acaba por ser um documento incompleto.

P: Pois, mas aquilo de que eu me apercebi e a questão que se levanta é: quando não elenca e os remete para o Estatuto de Aluno e quando na brochura, ao fim e ao cabo, dá-lhes uma cópia do que está no Regulamento Interno, eles não se vão aperceber daqueles que estão elencados no Estatuto do Aluno, que são mais do que os que depois acrescenta.

R: São, são.

P: Eles aí depois não se apercebem dos outros direitos.

R: Mas nós... eu agora não tenho presente... eu sei que me apercebo disso quando eu faço as comunicações, em termos de procedimentos disciplinares, portanto ele foi punido por não ter cumprido os deveres na lei tal e no Regulamento Interno.

P: Mas os deveres estão muito bem elencados, já os direitos...

R: Se calhar, se calhar... mas isto aqui para nós, há sempre a tendência de nós exigirmos dos outros, mas não damos nada, não é?

P: Mas olhe que dá muito sem se aperceber disso, porque os direitos, ao fim... é a questão da visão dos direitos.

R: E quem anda a fazer essa pesquisa e cruzar, deve ser giro.

P: É que há... o que está a fazer aqui na Escola, a educação que lhes está a dar, as aulas, porque não é só a questão da parte científica, também a parte do desenvolvimento integral deles, a nível emocional, a personalidade, etc., é um tipo de educação que a escola está a oferecer. Isso é um direito deles, é um direito e um direito muito importante e se... é como em casa, os pais com os filhos, se lhes der uma boa educação, vai ver que eles respeitam muito bem os deveres.

R: Pois, não é preciso estarem com eles sempre na frente, lá no quarto, que se lembram deles, tanto dos direitos como dos deveres.

P: Exatamente, tem a ver com a educação que lhes é dada e a gente, às vezes, não encara isso... isto é a minha defesa.

R: Pois claro.

21 – Os alunos estão conscientes dos direitos de que são titulares?

R: Não sei. É aquela coisa que eu... é o mesmo, se me perguntar se os professores também estão, eu acho que nós...

P: Mas qual é a sua percepção? Porque tem conversado com eles, vê o comportamento que eles têm quando vêm ter consigo...

R: Repare, em função de... nunca nenhum me chegou aqui, que eu me recorde, “ah, mas eu tenho direito a não sei quê.” Não, nada disso. Quando eu digo “eu tenho direito” é porque os conhece ou então, devia conhecê-los. Não, se calhar eles têm consciência dos direitos e dos deveres que têm para com a Escola, porque eles não estão constantemente a reivindicá-los, tanto os direitos como os deveres, portanto, não sei, não...

P: Também não tem conhecimento, pronto, o não estar a reivindicar podia ser, ou por eles estarem a ser todos respeitados, ou...

R: Uma das coisas que eu lhe digo é: eles têm um à-vontade de, se eles sentirem que alguém não os está a tratar com respeito, eles... eles desabafam e dizem assim “Stôr, não está correto. O professor, sei lá, não me deixou entrar e às vezes deixa entrar outros”, sei lá, esse tipo de coisas. Eu não posso fazer nada... e claro, “oh pá, ouve, vamos lá passar a fita. Tu tens que pensar que nenhum de nós é santo, nós não somos santos. Agora, certamente que o professor deixou entrar o ‘não sei quê’ mas já te chamou à atenção muitas vezes a ti para chegares a horas e tu continuas a não ouvir. Se calhar agora, para a próxima, já não vai acontecer. A questão de ‘só me vê a mim, só sou eu’, é pá, é porquê? Porque tu repara, eu também já dei aulas e eu recorde-me que os nossos olhos, quando saem do quadro, viram-se logo para aquela zona onde estás tu. Se calhar naquele dia até não estás lá mas nós pensamos logo ‘Lá está outra vez o Francisco’, pá isto é normal, quando tiveres a minha idade, vais dar razão a isto que eu te estou a dizer. Aquilo que tu tens que fazer é o saber estar lá na sala de aula, porque tu vais demonstrar ao professor que o professor, afinal, está enganado em relação à tua postura.” Portanto, esse tipo de... é aí que eu me apercebo dos tais sentidos de injustiça que eles sentem. Mas eles esquecem-se também, por vezes, que se eles tivessem cumprido os deveres deles, eles nunca passariam por uma situação destas, mas isto é... acontece com eles, acontece com os adultos, acontece com todos, não é? A primeira tendência que nós temos é, ou “ah, não! Eu não fui, eu não fiz!”

P: É negar a situação.

R: Não é? Logo! Mas isto... “Eu não tenho nada a ver com isso!” mas às vezes encravados até mais não. Mas a primeira reação é esta.

22 – Que medidas foram tomadas pela Escola para assegurar o respeito e garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação?

R: Repare, eu... olhe, há muita preocupação também da parte da Escola, o chamar, quando chega, sei lá, a altura ali dos Direitos Humanos, trazemos sempre alguém para falar à Escola dos Direitos Humanos, o termos a preocupação, também, de elencarmos no nosso Plano Curricular de Escola, temas a serem abordados na Formação Cívica, onde...

P: Esses temas são tratados?

R: Portanto, há sempre a preocupação de lembrar e de... e mesmo o próprio Diretor de Turma, como sabe, o Diretor de Turma acaba por lecionar, também, a Formação Cívica e o próprio Diretor de Turma, sempre que haja algum reparo a fazer naquelas conversas de família que temos, para chamar a atenção para alguma coisa menos boa que possa ter corrido com algum professor ou com alguma sala de aula, haja sempre a preocupação de, mais uma vez, valorizar o papel do aluno na Escola, o que é que ele tem que... se quer ser respeitado, tem que respeitar, portanto, sempre...

P: E também ainda há bocado referiu, no tratamento dos professores com os alunos, não os discriminar...

R: Não os discriminar, portanto, o haver respeito.

P: E chama a atenção dos professores para essa situação?

R: Eu não posso aceitar que um professor, se nesta casa e certamente noutras, o telemóvel tem que estar desligado e tem que estar dentro da mochila. Eu não aceito que um professor atenda uma chamada na sala de aula. E se isto aconteceu, aquilo que eu peço aos professores é que o façam, mas que o digam ao aluno, “Meus amigos, eu deixo o meu telemóvel, vocês desculpem, eu tenho o meu telemóvel ligado porquê? Porque tenho a minha filha, ou estou à espera de um telefonema, porque tenho algum familiar que não está bem. “ E eu acho que isto é fundamental. E o mesmo acontece... que haja

da parte de um aluno, se por acaso, também, tem a mãe ou tem... que diga ao professor, “Stôra, olhe, se não se importa, deixe-me eu ter o telemóvel ligado...”

P: Mas depois todos os professores têm tido esses comportamentos?

R: Repare...

P: Depois às vezes há um que não tem e depois levantam-se os grandes problemas.

R: Não tem e depois os conflitos... aquilo a que eu chamo os conflitos laborais surgem nessas alturas, não é?

23 – Tem conhecimento da ocorrência de alguma situação na Escola, em que os alunos tenham sido discriminados? Especifique.

R: Não, assim aquela discriminação...

P: Algum que venha queixar-se por alguma razão?

R: Aquele sentido de...

P: Ou por uma questão de raça, ou por uma questão económica, ou por uma questão de um ser muito inteligente e o outro não ser...

R: Não, não, é mais aquela questão de...

P: Ou por questões económicas, ou de vestuário...

R: Não, não, não sinto isso. Nem sinto isso nem da parte dos professores, nem mesmo entre eles. Não sinto isso.

24 - Todos os alunos têm acesso, em condições de igualdade de oportunidades, à frequência da Escola?

R: Mediante os critérios...

P: Questões físicas, económicas e sociais.

R: Sim, sim, mediante os critérios que estão estipulados na lei, é o critério da entrada deles aqui dentro.

P: Mesmo alunos, por exemplo, com deficiências físicas, ou...

R: Completamente. Repare, esta casa é uma casa complicada em termos de um miúdo de cadeira de rodas, não é? Porque se isto fosse uma chafarica privada, se calhar já estava fechada.

P: Mas têm alunos nessas condições?

R: Não tenho, porque não tem condições de acessibilidade como deve ser. Agora, tenho miúdos com...

P: Ou invisuais, por exemplo.

R: Já tenho tido. Já tive miúdos invisuais, como miúdos surdos também e temos aqui miúdos, eu se calhar tenho cerca de, quase trinta miúdos sinalizados na Educação Especial, com problemas dos mais variados...

P: Mas pronto, eles estão cá.

R: Agora, motores não tenho, porque nenhum de cadeira de rodas pode movimentar-se aqui, ou de canadianas...

P: A Escola não tem condições físicas para os aceitar?

R: Não tem condições para isso. E o mesmo se passa com os professores. Um professor que seja destacado ao abrigo daquele artigo de, com problemas de doença, logicamente nunca poderia escolher uma Escola destas com as escadas que tem, para poder chegar a qualquer lado.

P: Exatamente, é uma limitação. Em termos económicos, também, não... tem a Ação Social Escolar, portanto isso aí...

R: Claro, também não lhe consigo dizer quantos alunos aqui na casa têm Ação Social Escolar mas, se calhar, aí uns trinta e tal, talvez.

25 - Que medidas a Escola toma para assegurar a diversidade física, étnica e cultural dos alunos?

R: Repare, é procurar fazer sempre sessões, trazer sempre alguém, o não fugir aos temas, o sempre que haja um problema qualquer, se há um problema qualquer numa turma, não me recordo, desse género, mas lembro-me uma vez, não tem nada a ver, mas é muito próximo, só para lhe demonstrar que a preocupação, o estar atento da parte do Diretor de Turma, nestes anos todos, há aí uns três anos, houve uma miudita que se

suicidou. Não aqui, mas em casa. E a miudita esteve aqui, saiu daqui às cinco e meia da tarde, tinha aulas com a Diretora de Turma... mas aconteceu e nós tivemos a preocupação logo de reunir com os pais destes jovens, eu sei que foi muito próximo ou das férias... eu acho que foi das férias do Natal e fiz aqui uma reunião com o núcleo de suicídio do professor Daniel Sampaio, do Hospital de Santa Maria, que nesta casa trabalha muito com ele, portanto nós estamos envolvidos em alguns projetos com eles e ele sabe e respeita muito esta casa e gosta muito desta casa e disponibilizou-se logo para estar aqui, para falar com os pais, para dizer o que é que... para os pais saberem o que é que deviam fazer para lidarem com a situação, na turma. Isto só para lhe dizer que há sempre a preocupação de trazer alguém para falar sobre estas temáticas, se nós nos apercebemos, nalguma turma, de algum miúdo que não é bem aceite, há a preocupação também de pôr a psicóloga e tentar saber o porquê desse afastamento.

P: Mas têm cá alunos de diferentes etnias ou diferentes culturas, ou estrangeiros?

R: Estrangeiros, também, tenho. Não tenho muitos, mas tenho. Tenho brasileiros, tenho ucranianos.

P: E eles estão bem integrados?

R: Sim, sim, completamente.

P: Mas tomou algumas medidas de carácter pedagógico para os integrar, ou...

R: A única coisa... lembro-me daquilo que fiz com a questão dos ucranianos, ter a preocupação, tenho sempre esse exemplo, recordo-me há aí uns, talvez quatro anos, quatro não, mais – um indivíduo não se apercebe do tempo a passar – chega um casal cá, engenheiros, mas a trabalhar nas obras e tivemos uma filha para o sétimo ano e um miúdo para o décimo segundo. Não falavam nadinha português. Claro que houve, da parte da Escola, a preocupação de, dentro do tempo do estabelecimento, uma professora de dar algumas aulas de português corrente, não era o português curricular. Uma coisa é certa: a miúda fez cá desde o sétimo até ao décimo segundo, foi uma das melhores alunas desta casa, o irmão, no décimo segundo ano, eu sei que ele passou a tudo menos a Química, salvo erro Química e Matemática, uma coisa assim, no décimo segundo ano e no ano seguinte, tau! Fez!

P: Pois, eles são muito trabalhadores, são excelentes alunos.

R: Mas nós temos essa... não é uma Escola com muitos estrangeiros...

P: Tem uma ideia de quantos...

R: Quer dizer, sei lá... mas não é aquele estrangeiro de não falar nadinha, estou a fazer-me entender? Sei lá, aquilo que eu vi ainda há dias, salvo erro, na Eça de Queirós, que tem miúdos dos lados mais diferentes desse mundo...

P: Pois, há escolas que têm mais...

R: E isso aí deve ser complicado, não é? É preciso organizar de uma forma... dar resposta.

P: Exato e têm que organizar atividades para os integrar e valorizar a cultura deles...

R: Nós aqui, o número é um número reduzido. Eu não sei, se calhar não chega a dez, nessa situação.

26 – Que medidas tem a Escola tomado, para encorajar a frequência regular da escola e para diminuir aquelas situações de alunos que faltam sem justificação e que haja a perspetiva de abandonarem a escola?

R: Há a preocupação – volto outra vez a falar nisso – que é o rigor. E quando digo rigor, é exigir, também, da parte dos Diretores de Turma rigor na justificação de faltas. E quando eu reuno aqui, no princípio do ano, com todos os pais dos novos alunos, eu faço uma reunião com os pais dos sétimos e com os pais do décimo, para explicar a eles, o que é que a casa espera deles. E uma das coisas que eu digo, eles não podem de maneira nenhuma ficar aborrecidos com o Diretor de Turma, quando o Diretor de Turma não lhes justifica as faltas, porque o Diretor de Turma tem obrigação de saber que o pai sabe que o aluno faltou, porque devem fazer a justificação, mas não quer dizer que justifique a torto e a direito. E eu fico satisfeito por essa salganhada ir embora, ainda que não tivesse visto nada escrito sobre a alteração do Estatuto do Aluno, estou curioso em saber, porque desde novembro que a gente ouve falar disso, vai sair, vai sair! Mas o rigor da parte do Diretor de Turma é fundamental para nós exigirmos, também, da parte dos alunos e sabe isso tão bem como eu, quando um aluno está com um Diretor de Turma que justifica tudo e mais alguma coisa, no ano seguinte, se apanha um que cumpre as suas obrigações...

P: É estimular o absentismo.

R: ...começa a gerar mal-estar. Mas há a preocupação para o cumprir horários, a assiduidade é fundamental, porque se não fosse fundamental, então geralmente o sucesso está associado a isso; um jovem que falta muito, é natural que não tenha sucesso; um pai que não venha à Escola saber como é que as coisas estão, é natural que o acompanhamento junto do filho fracassa. Pronto, isso tudo junto, é sempre preciso sensibilizá-los...

P: Doutor, mas tem problemas de abandono escolar, de grande absentismo?

R: Repare, não tenho, é praticamente zero por cento. Agora, não estão... estamos a falar... quando digo zero por cento, num universo de mil e cem, não é? Agora, não estou a dizer que, um caso ou outro, em determinadas turmas, eles não apareçam, claro que aparecem.

P: E aí há uma tentativa de conseguir que eles...

R: Aí há a preocupação de... eu por vezes também entro em cena.

P: Pois, o Diretor de Turma...

R: O Diretor de Turma tenta, não houve resposta do outro lado, então é o Diretor que se disponibiliza para falar com o Diretor de Turma, com o Encarregado de Educação, o sensibilizá-lo para o trazer de volta. E tenho a preocupação, antes de chegarmos a essa fase, o Diretor de Turma tem a preocupação, também, de me dizer e eu, por vezes, chamo o jovem aqui abaixo, os dois aqui, eu aqui, ele aí, o procurar saber “Eh pá, mas por que é que faltas, pá? Mas ouve lá, não gostas da Escola? Mas o que é que se passa, há alguma coisa que eu possa dar para...?” Pronto, aquele tipo de conversa mole, com eles, procurar saber. Nalguns casos resulta, noutros casos, continuamos à mesma, mas depois, quando começamos a puxar a fita, sentimos que se calhar em casa não têm apoio nenhum, se calhar em casa, também, não há a preocupação de receber um telefonema e “hoje fico na casa de alguém.” Esse alguém, o pai até nem o conhece. “É amigo.” É amigo, mas...

P: É a tal questão que a Escola não consegue resolver sozinha muitos dos problemas.

R: A Escola não consegue resolver isso. E, às vezes, alguns Diretores de Turma passam mal, porque os Diretores de Turma são pessoas e são pessoas que sentem. E há pessoas

que quando interiorizam essas situações, vivem mal, porque vivem angustiadas, porque não conseguiram...

27 – A educação proporcionada aos alunos neste estabelecimento de ensino corresponde às suas necessidades, qualquer que seja a sua origem ou língua materna? Em que medida?

R: Eu penso que...

P: Também tem poucos alunos de outras origens.

R: Pois, tenho poucos alunos nessa situação. Aquilo que eu faço é, quando eles sentem, quando os professores sentem que há lacunas em determinadas áreas, haverá a preocupação de darmos aquilo que, os velinhos apoios...

P: Os apoios educativos?

R: Os apoios educativos. Portanto, serão, vão ser eles os miúdos que vão utilizar esta medida pedagógica.

P: No caso daquele aluno ucraniano.

R: No caso do ucraniano, embora no caso deste miúdo ucraniano, era um papel completamente diferente, que era dificuldades em termos de ele perceber, o falar, o poder comunicar, que era uma coisa mesmo muito preocupante.

28 – Que tipo de ações de discriminação positiva são desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar, relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade?

R: Nós não temos assim bolsas com estas características, mas temos a preocupação de ajudar nos livros, ajudar na questão, embora mesmo sem refeitório, eles têm direito a determinados pratos no bar, temos essa preocupação.

P: Têm dessas situações?

R: Sim, sim.

P: Mas sente que há miúdos aqui na Escola que não tomam as refeições todas? Como nalgumas escolas, nós ouvimos dizer que essas situações existem...

R: Sabe que estas coisas dificilmente se conseguem detetar, porque todos nós temos vergonha dessas coisas, de assumir isso. Mas sempre que haja uma desconfiança, mesmo um miúdo que não tenha sido sinalizado como um miúdo do ASE, temos a preocupação de, ou no final do dia, aquelas coisas que sobram, que também não podem ser utilizadas, de uma forma ou doutra, arranjam-se maneira de ele poder levar para casa, ou de... de ajudar. E, às vezes, burocraticamente não atinge lá os valores que são necessários para poder estar metido num escalão qualquer, mas nós sabemos que há situações, acabamos por arranjar maneira de os apoiar, a nível de alimentação e mesmo, às vezes, de livros, de livros de... sei lá, através dos professores, os livros que vêm das editoras, em vez de estarem acumulados no gabinete de grupo ou no Centro de Recursos, olha, tira-se um, empresta-se, sensibiliza-se para que ele não o danifique e que no final do ano, tem que o entregar, pronto, procuramos fazer isso.

29 – São proporcionados apoios educativos adequados aos alunos com necessidades educativas, tais como aos que têm problemas de aprendizagem e de sobredotação? De que modo?

R: Sim, repare, nós temos... os primeiros apoios a serem lançados nos horários, são os destes miúdos. São aqueles miúdos que já foram sinalizados pela Educação Especial, no seu PEI já foram lá definidas o que é que temos, quais são as medidas pedagógicas que temos que adotar e estes miúdos são logo os primeiros a serem lançados nos horários dos professores, quando os professores recebem os seus horários. São estes que a Escola dá logo prioridade, aos apoios educativos destes miúdos.

P: E há casos, por exemplo, de sobredotação?

R: Não, não estão sinalizados. Às vezes há casos em que nos é dito que o miúdo até é sobredotado, mas acaba por... cá está aquilo que eu disse há pouco, nós acabamos muito mais por nos preocuparmos com uma área... se perguntar nas escolas deste país quantos Planos de Desenvolvimento são feitos, certamente zero. Quantos Planos de Recuperação? Certamente muitos. Quer dizer, acho... isto só vai ao encontro daquilo que eu disse há bocado. Nós só nos preocupamos, e a legislação está toda virada para o lado de quem não quer trabalhar. E os sobredotados, geralmente...

P: Mas existem essas situações e muitas vezes acabam por se desinteressar e perdemos ali...

R: Não, porque repare, mas no ensino, com a massificação do ensino, é difícil nós numa turma de vinte e oito, e quando, às vezes, os pais dizem “ah, o meu filho está desinteressado, era tão...” Pois, mas eu acho que também tem que haver da parte do miúdo, também tem que se capacitar que o professor, que é sozinho, não tem capacidade para poder dar resposta, de uma forma, a vinte e seis e doutra forma, a dois. Se calhar a Escola devia estar dotada de outros mecanismos para...

P: Para fazer face a essas situações?

R: Tem que haver é da parte do professor a possibilidade de quando, em determinado tipo de atividades dentro da sala de aula, agarrar neles e servir-se deles como tutores dos outros que têm mais dificuldade. Será uma forma de valorizar o trabalho dele, não é? E acho que é fundamental que isto se faça.

30 – Que medidas foram tomadas para assegurar a maior integração possível dos alunos que sofrem de incapacidades?

R: Em termos motores, não tenho ninguém cá.

P: Pois, devido às dificuldades...

R: Devido ao próprio edifício.

P: Exatamente.

R: Temos, por vezes, se vem aqui e que vê miúdos com canadianas, o que é que acontece? Foi qualquer coisa que aconteceu na Educação Física, lesões ou, então, alguma coisa que aconteceu lá fora, mas são temporárias, não é uma questão de deficiência, é uma questão de incapacidade temporária, não é? E aí...

P: Mas uma questão de incapacidade definitiva, aí não tem hipótese?

R: Não, não.

P: E outro tipo de incapacidades, aí já tem tido.

R: As outras, temos, temos, o miúdo que, sei lá, deficiente visual, o miúdo que tenha, agora está-me a fugir o termo, mas seja disléxico, assim com um grau bastante forte, nós temos estes miúdos sinalizados, não é? E até mesmo...

P: E que tipo de apoios é que eles têm?

R: Repare, para além de termos o Serviço de Psicologia e Orientação, em que nós temos uma conselheira de orientação, uma psicóloga e tenho dois professores de Educação Especial, portanto, é aquilo que eu disse, no princípio do ano, nós temos condições para poder funcionar bem. Se temos dois técnicos que têm a obrigação, são profissionais, esses professores é que sinalizam, acompanham e para além de os sinalizarem e de fornecerem aos professores formas técnicas, orientações para lidar com o problema, também têm espaço para poderem dialogar com estes miúdos e terem, às vezes, porque eles são oriundos de uma determinada formação académica, sei lá, se for no ramo do Português, também, podem perder um bocadinho de tempo, no tempo que estão na Escola, para receberem miúdos.

31 – Os alunos são educados sobre:

a) - Promoção da saúde?

R: Também são. Nós temos... não somos escola promotora da saúde, mas temos uma pessoa que, não para a Escola toda, mas vai desenvolvendo ações, trazendo pessoas à Escola dirigido a determinadas turmas, a determinadas... sei lá, aplica mais a nível do nono ano, então, a nível do nono ano, mais sobre educação sexual, alimentação, sei lá, mais dirigido se calhar aos oitavos, sei lá.

P: Mas é um docente da Escola?

R: É. Um docente da Escola que, para além de poder falar aos miúdos sobre algumas temáticas, tem, também, a preocupação de fazer a ponte entre um trabalho de projeto de uma determinada turma, então falam com ela, para ela chamar alguém sobre essa temática para vir à Escola falar naquela turma.

P: E têm desenvolvido esse tipo de...?

R: Sim, sim, esse tipo de trabalho.

P: E depois, em termos das disciplinas, portanto nalgumas delas, no currículo...

R: Há a preocupação também, o caso das Ciências, da Educação Física, de haver uma certa ligação e os próprios professores, no Conselho de Turma, nem todos, mas pelo menos alguns, têm a preocupação de fazerem estas pontes. Tu se estás a falar sobre a fadiga, sobre isto, sobre aquilo, então nas Ciências, explicar por que é que o nosso organismo, por que é que faz isto...

P: Portanto há essa interdisciplinaridade?

R: Há essa preocupação.

b) – Saúde sexual?

R: Repare, eu não sou daqueles que proíbo que venha alguém à Escola e possa distribuir preservativos a eles, claro. Eu sou daqueles que chamo a atenção para evitar que, depois eu encontre esses preservativos na escada. Haverá a preocupação, também, quem vem à Escola falar sobre essas matérias, sensibilizar os miúdos para o respeito sobre aquilo que estamos a falar.

P: Mas tem, nomeadamente, esse professor, também, na área da saúde sexual, também tem desenvolvido, sei lá, palestras, conferências aos alunos em que...

R: Sim, sim, palestras, com as enfermeiras aqui do Centro de Saúde...

P: Também têm vindo cá?

R: Sim, sim. Procuramos esse tipo de parcerias.

P: E agora, depois com o programa de Saúde Sexual, vão desenvolver ainda mais.

R: Eu estava aqui há pouco a tentar saber, também, de uma equipa do professor Daniel Sampaio que desenvolveu um projeto aqui ao longo do ano, aplicado a todas as turmas do nono ano de escolaridade.

P: Desenvolveram agora no último ano?

R: Sim, sim, este ano que terminou, envolvendo reuniões com miúdos, com pais, professores, portanto, assim várias fases.

P: Mas era sobre saúde sexual?

R: Sim, sim, envolvia a parte sexual, o saber... não me lembro agora o nome do projeto, mas é uma questão de... depois eu já lhe digo.

P: Foi desenvolvido ao longo do ano...

R: Sim, sim, deste ano letivo.

c) - Relações sociais, incluindo temas de mediação, negociação e resolução de conflitos?

R: Não. Eu não tenho nesta casa nenhum Gabinete de Conflitos. Houve uma altura que era moda criar esse tipo de... eu se calhar nunca senti necessidade disso.

P: Há escolas que têm esses grandes problemas e têm...

R: Mas eu penso que, também, às vezes, as escolas ficam com outros problemas, que é: que tipo de pessoas é que nós depois pomos neste Gabinete de Conflitos. Às vezes, vamos lá colocar pessoas nestes Gabinetes de Conflitos ainda piores do que os nossos miúdos e que certamente arranjam às vezes conflitos com outros colegas nossos, estou-me a fazer entender?

P: Pois, têm de ser pessoas capacitadas para isso, não pode ser qualquer um, não é?

R: Nem mais, mas aqui não tenho esse... eu não sei, certamente que o próprio Diretor de Turma deve ter essa preocupação...

P: Na Formação Cívica...

R: ...na Formação Cívica, de alertar para, não é?

P: Os comportamentos que eles devem ter.

R: O respeito uns pelos outros, anda à volta disso.

P: Exatamente, pois. E a nível transversal, sobre aquelas conversas que, às vezes, tem na receção dos novos alunos, etc.

R: Sim, sim, até porque a conversa que eu tenho com os novos alunos, não lhe disse há pouco, mas a conversa, tenho os... e com os pais, eu tenho os Diretores de Turma sentados ao meu lado. Os Diretores de Turma dos filhos, dos pais, os Diretores de Turma dos filhos estão presentes na reunião que tenho com os pais e os Diretores de Turma, também, estão ao meu lado na reunião que tenho com os filhos. Portanto, os recados que eles ouvem, é precisamente os recados que, certamente, os Diretores de Turma lhes vão transmitir.

d) - Gestão financeira, a nível pessoal?

R: Não. Não, quer dizer, eu não sei, aqui para nós...

P: Tem a ver com a questão dos currículos.

R: Tudo depende depois, claro que a nível dum secundário, obrigatoriamente na cadeira de Economia, na cadeira, se calhar, de Matemática Aplicada às Ciências Sociais, sei lá, se calhar essas temáticas, na Geografia, qualquer coisa, se calhar essas temáticas estão lá, não sei, desconheço.

P: Mas fora disso, não.

R: Não sei as conversas que os Diretores de Turma, nas suas aulas de Formação Cívica, possam ter com os mais novitos...

P: Pois, eventualmente, foram esses temas ou não...

R: Eu tive aí uma... fiz uma parceria com a Gulbenkian, com a Deco sobre educação sustentável, com miúdos, com professores, vou ter um projeto, também, agora...

P: Escola-Mundo.

R: Vou ter um projeto também com... para o próximo ano, também, com eles...

P: Educar para a Cidadania Global.

R: Com o Instituto Marquês de Vale Flôr e nós estamos muito sempre nessas coisas.

e) - Leis fundamentais?

R: Temos a preocupação, os Diretores de Turma na Formação Cívica de alertar, quando se passa por aquela fase da eleição do delegado, pronto, há a preocupação de fazer a ponte com a eleição dos nossos políticos, tal, tal, tal...

P: Ou nalgumas disciplinas que tenham, ou Economia... Direito não têm...

R: O mesmo acontece com os Diretores de Turma do secundário. O Direito, temos Direito, mas é uma cadeira de opção, não é? E aí certamente, que é curricular e, com certeza que eles hão-de falar nisso.

P: Mas está a funcionar aqui na Escola?

R: Sim, sim, é uma opção que eu dou.

P: Na minha Escola, também, tinha. Quando me vim embora, acabou. Também tem a ver com os recursos humanos que a Escola tem.

R: Tem a ver com os recursos, porque eu também, eu tive um professor, o professor Aquiles, que é o... que quando foi para bibliotecário – ele é de Economia – e ele está

como bibliotecário, portanto, mas ele tem as competências para bibliotecário, ao abrigo daquela portaria e ele deixou de dar aulas e eu deixei de ter Direito. Depois aparece-me um professor contratado que não se importa de agarrar em Direito e é esse professor contratado que está a dar.

f) - Assunção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos?

R: Eu penso que, quando se fala na Formação Cívica, na forma como eles têm de estar nessa sociedade, o respeito uns pelos outros, os direitos, os deveres, a solidariedade, eu acho que são sempre temas que são falados por qualquer Diretor de Turma e até mesmo por qualquer professor; quando nós estamos, sei lá, a dar uma aula qualquer, mesmo que o tema não tenha nada a ver, mas só a postura de, por vezes, estar na sala de aula, sobre um qualquer, pode ser motivo de conversa para introduzir esse tema, mas...

P: Ou então, a nível de projetos, como é o caso da Escola-Mundo...

R: Isso mesmo, esses projetos.

P: ...que vai educar para a cidadania global.

R: Eu sei... isto envolve a Deco também, portanto eu não sei bem, bem, porque eles ficaram de vir falar comigo, já falaram comigo, um professor meu já foi à Hungria, participar numa conferência, e como nós temos ligações com eles através do comércio justo, através, também, de outro tipo de clubes que temos, a nível do Clube Europeu, as relações com a Europa, com... pronto, acaba por as escolas nos virem procurar. Ainda ontem, achei piada porque vieram falar comigo da Federação Portuguesa de Culturismo e Utilizadores da Bicicleta para participarmos, eles já nos puseram aqui, também, para podermos participar nesse projeto, Projeto Benfica Ciclável, em que, em linhas gerais...

P: Consiste no quê?

R: Consiste em a Federação colocar aqui na minha Escola, sei lá, umas cinco ou seis ou dez bicicletas e chega aqui, ou eu ou um aluno qualquer, quer ir daqui ao Colombo, identifica-se ali, deixa um cartão, agarra na bicicleta, mediante determinadas condições de segurança e vai daqui até à estação de Benfica ou até ao Colombo...

P: Mas é interessante.

R: Pronto, isto... foi ontem, tive aqui uma conversa ao final da tarde, com o presidente da federação, a desafiarem-me para poder... Mas isto, eles já tinham falado comigo já há uns tempos atrás e já estamos aqui também no grupo de pessoas que vamos entrar nisso.

P: É importante a colaboração das instituições exteriores à Escola.

R: A Escola, também, é isso. Agora, não podemos é pensar que temos que andar sempre metidos em folclore.

P: Claro! Há que seleccionar.

R: Eu costumo dizer que esta casa está sempre aberta, sei lá a quantidade de inquéritos que são lançados aqui por trabalhos de faculdades, estamos abertos, mas a partir de uma determinada altura, fecha.

P: Há que haver uma seleção, como é óbvio.

R: Não pode, tem mesmo que ser.

32 – Na sua opinião, o ensino e a educação que são proporcionados aos alunos nesta Escola, preparam-nos para enfrentarem a vida real, a nível de relações sociais, alimentação, higiene e do meio e, também, para terem uma compreensão da realidade mundial e da realidade local?

R: Eu penso que sim, em termos globais, eu penso que sim. Eu posso dizer que acho que os nossos miúdos, primeiro eles já vêm com algumas noções sobre essas áreas, não é? E depois eu penso que a Escola, também, os educa nesse sentido, acima de tudo para serem cidadãos de direito e responsáveis. Não é por acaso que a grande maioria deles, como eu disse há pouco, o objetivo deles é...

P: Tem tido o feedback, por exemplo, desses alunos que saem aqui da Escola, depois das saídas que eles têm tido?

R: Repare, nós temos nesta onda agora, dos nossos políticos mais jovens, veem-se alguns que foram alunos desta casa, Secretários de Estado, andam nessas áreas. E, por vezes, a Escola é convidada para algumas iniciativas e de utilizarem o espaço; lembro-me quando foi o lançamento de um concurso qualquer da parte da EDP, achei piada que um dos secretários de Estado que esteve aqui neste espaço tinha sido aluno desta casa e

acho que é importante. E eu vejo, ainda foi o quê? Quando, no primeiro ano, há dois anos, foi lançado aqui nesta casa o Dia do Diploma, em que veio aqui o senhor Primeiro-Ministro, dois Secretários de Estado na altura, ou assessores ou que era, agora já não me recordo, tinham sido alunos desta casa. E acho que é giro.

P: E um orgulho e é significativo do trabalho que aqui se faz.

R: Penso que estão bem... ainda há quê? Já não me recordo, porque eu não tenho a noção do tempo, mas ou foi o ano passado que, num daqueles prémios que atribuem, de investigação, eu não me recordo agora do nome do miúdo, estava aqui a tentar ver se me lembrava do nome do miúdo, um dos miúdos, que não é miúdo, é já graúdo, pronto, também foi filho desta casa. E acho que é uma satisfação sentir primeiro: sentir que, neste momento, os filhos desta casa estão a trazer os filhos desta casa. Isto quer dizer alguma coisa, não é?

P: É significativo, claro.

R: É importante, também, sentir aquilo que eu sinto, que é quando sai uma reportagem qualquer sobre a Secundária de ..., ou veem o Diretor ... numa reportagem qualquer, os mails que caem logo aqui, a nossa casa que, pronto, porque eles servem-se muito desta... aquilo que eu lhe transmito e quando eu digo “a nossa casa”, não é plástico, é mesmo sentido de... eu só me sinto bem, se eu não me sentir bem na minha casa, eu não me sinto bem em lado nenhum e é isso que eu tento transmitir a eles e é giro que, quando saem notícias, sei lá, na altura dos rankings, por hipótese e que as coisas são mais badaladas, lá se diz “Ah”, os mails logo assim a cair, “A nossa casa continua em força”...

P: Mesmo de ex-alunos?

R: Ex-alunos. Acho isso...

P: Mantêm aquela ligação afetiva...

R: Porque eu acredito que eles...

P: ...sentem que é uma casa, a casa deles, uma família.

R: E acho, para quem está à frente, sente...

P: É um orgulho muito grande.

R: Sente...

P: ...que o seu trabalho valeu a pena.

R: Não, não será o meu, mas...

P: O trabalho de todos.

R: Sinto que a Escola foi no coração deles e que eles continuam a lembrar-se, quando ouvem o nome da Escola, não passa despercebido, “é a minha Escola.” Eu tenho dois filhos, tenho um casal, um está com trinta e ela vai fazer vinte e seis, ele é arquiteto e ela tirou Relações Internacionais e ainda hoje fazem os jantares da Secundária.

P: Andaram aqui?

R: Andaram, foram filhos desta casa também. Fizeram o percurso da Escola ... para aqui, fizeram aqui desde o sétimo até ao décimo segundo.

P: Pois, isso é significativo, claro.

R: Eu acho... e neste momento, essa questão de eles chegarem aqui e trazerem os filhos e falarem de incutirem nos filhos a questão de “vais para a Escola do papá”...

P: Pois, isso é significativo, isso quer dizer alguma coisa.

R: Isto quer dizer alguma coisa.

33 – Os projetos da Escola são concebidos tendo em conta o interesse superior dos alunos?

R: Não, não, não sei se me quer perguntar se nós só selecionamos os bons alunos...

P: Qual é o critério?

R: ... se os bons alunos é que vão participar no projeto tal?

P: Não, não, não é nesse sentido. Ainda há bocado estava a referir, por exemplo, que lhe aparecem aqui várias propostas de projetos ou programas...

R: Não são para a turma A, para a turma B ou para a turma C.

P: ... ou, por exemplo, quando os vários projetos que os professores da Escola escolhem, um ano, “olha, vamos desenvolver este projeto sobre este tema”, tem em

conta o tema em si, o interesse dos alunos ou, por exemplo, que um professor se lembrou “olha, gosto deste tema, vou trabalhar este tema”?

R: Repare, numa... nós não...

P: Portanto, a questão é: o interesse dos professores ou o interesse dos alunos?

R: Nós não funcionamos muito por chapéus. O que é que eu quero dizer com isso? Nós... o nosso Projeto Anual de Atividades não tem tema aglutinador, nós já não utilizamos isso, há muito tempo. Procuramos, sei lá, se estamos... no tipo de atividades que desenvolvemos, temos a preocupação de melhorar aquilo que já fizemos em anos anteriores, de um convite qualquer que cai em cima da mesa e, então, vamos agarrá-lo e vamos agarrá-lo... temos a preocupação....

P: Mas agarram-no, qual a razão, por que é que o agarra? Por que acha que é importante para a formação dos alunos?

R: Portanto, é importante para a formação deles.

P: Por exemplo, vou desenvolver este tema, porque gosto muito deste tema, estou muito curioso...

R: Não, não, eu penso que... não estou a dizer que não haja e nós sabemos que, quando se diz “Ah, não, quem escolheu o tema, ou quem escolheu o trabalho foram os miúdos.” Não será bem assim. É claro que poderá haver ali uma negociação, mas se calhar, se o adulto não estiver sensibilizado para o trabalho que se vai fazer, com certeza que não serão os mais pequenos que conseguem arrancar esse trabalho, não é? Mas temos a preocupação é de ver aquilo que nos oferecem, se vai ou não contribuir para a formação dos nossos alunos, a quem é que interessam.

P: Essa é a vossa primeira preocupação?

R: É a primeira preocupação, não é o entrarmos em muita coisa, sem termos a preocupação de ver qual a mais-valia que os nossos jovens possam tirar disso. O objetivo é esse, mesmo projetos em que entramos, projetos internacionais que possamos entrar, há sempre a preocupação, não é a questão só porque “vamos à Polónia” ou vamos não sei aonde. Não, não, vamos é trabalhar para ir à Polónia e vamos procurar sempre dignificar o nome da Escola nos trabalhos que se apresentam. Mas o objetivo é...

P: Então, ao fim e ao cabo, é a formação integral deles?

R: ...o que é que esse trabalho, ou o que é que esse projeto contribui para a formação deles.

P: Ao fim e ao cabo, é o interesse superior deles que está em primeiro lugar nas vossas preocupações?

R: Porque eu digo e é essa imagem que eu passo, sei lá, por exemplo, este projeto que aqui está, ora eu não vou, de maneira nenhuma agora e não sou dessa, essa linha não é a minha, não vou agora, primeiro tenho que ouvir o Pedagógico “então, querem? Não querem?” Não, desculpe, mas não faço isso. Eu tenho obrigação, se eu sou responsável pela casa, eu tenho obrigação de ouvir e eu penso “Não, não, isto tem interesse ou não tem interesse para os alunos da minha casa.” Não é agora apitos e flautas, não senhor, “ah e tal, é muito giro e tal, porque na escola tal faz-se ou não se faz.” Não é nada disso. Como, também, se há a preocupação de... se a Escola é convidada para entrar num projeto, claro que eu digo “sim, senhor, nós estamos disponíveis para.” Vou reunir depois com as partes que eu acho que são fundamentais para pôr o projeto a andar.

P: Claro, para tomar a sua decisão e para desenvolver o projeto.

R: Isso mesmo! Mas a preocupação é sempre de “o que é que os nossos alunos ganham com essa iniciativa, com esse projeto?” É o objetivo.

P: Então, a primeira preocupação é: escolhe tendo em conta o interesse deles.

R: Claro que eu partilho, a Escola é isso mesmo, a Escola deve estar aberta a esse tipo de iniciativas e quando, às vezes, alguns professores dizem “ah e tal, mas depois já não se desenvolveram algumas atividades que nós tínhamos pensado.” Não, mas certamente desenvolveram-se outras que nós não tínhamos pensado e que, se calhar, vão ser iguais ou superiores àquelas que nós tínhamos pensado inicialmente, que eram iguais às do ano anterior e que eram iguais às da Escola não sei quê ou da escola não sei que mais. E quando, também, eu digo que é importante, nós temos que nos servir... e quando digo isso, não estou a dizer que a nossa Escola é melhor que as outras, mas a nossa casa tem um nome, a nossa casa é respeitada e se é respeitada, ela é procurada. E acho que nós devemos agarrar determinadas oportunidades que nos dão o facto de termos o nome que temos, o respeito que temos e o estarmos em Lisboa. E eu, às vezes, fico doido, por que

razão é que não se agarra em determinadas coisas que vêm, projetos que, por vezes, o adulto não lhe dá importância nenhuma, mas se calhar, se esse adulto, se vestisse com a pele de aluno e olhasse para o projeto com quinze anos, se calhar até se atirava e se calhar seria um projeto a desenvolver que os miúdos vão aqui ou vão ali, ou a outro lado qualquer, que os marca e que eles nunca mais se vão esquecer.

P: Então quando seleciona esses projetos, ao fim e ao cabo, faz esse exercício de pôr-se na – passo a expressão – na pele do aluno?

R: Faço, faço, que é a minha obrigação. Porque eu acho que a casa é deles e isto só funciona porque eles estão cá. E acho que tudo aquilo que nos é apresentado, eu – desculpe o termo – eu estou-me nas tintas que me digam que não tem interesse para nós. Pode ter interesse é para os alunos; para nós, eu se calhar, até pode não ter interesse para mim, porque é logo “dá muito trabalho”, nada se consegue sem trabalho, portanto e quando eu entendo, claro que ouço outras pessoas e quando tenho possibilidades e que são coisas que estão marcadas e que eu sei o que é que me vêm “vender”, tenho a preocupação de sentir aqui à volta desta mesa logo pessoas, também, com outro tipo de sensibilidade e com uma vertente mais ligada ao projeto que me vêm vender, vender, no bom sentido da palavra.

34 - Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta as necessidades dos alunos e os diferentes ritmos de aprendizagem?

R: É como tudo, aqui para nós, é como tudo. Agora, não esquecer que nós somos animais de hábitos e não esquecer que fazer ou ministrar aulas diferenciadas numa turma com vinte e oito, é difícil e vamos ser realistas, não... embora isto seja muito bonito na legislação e nas medidas pedagógicas e nesses livrinhos sobre pedagogia, mas eu gostava de os ver era lá. Agora, acho que nós estamos diferentes daquilo que éramos há uns anos atrás e, se calhar, os próprios 90 minutos obrigaram-nos a ter de mudar, também, de estratégia. O tipo de miúdos que temos obrigaram-nos a mudar de estratégia, aquela coisa de... aquilo que eu digo é que é verdade e que não aceito que alguém me diga do lugar “ah, mas eu ontem à noite vi qualquer coisa assim, diferente daquilo que a Stôra está a dizer.” Portanto e acho que a grande maioria dos professores que eu tenho nesta casa são professores que aceitam e não é aquela coisa de “cale-se, vá para a rua, então mas entende que eu estou aqui a mentir, então mas ouça lá, quem é o professor, é

você ou sou eu?” Portanto, tenho poucos desses, porque hoje em dia o professor tem que ser assim, ele tem que... só tem é que agarrar no miúdo que diga uma coisa destas e dizer-lhe assim: “Tu amanhã, ou daqui a dois dias, se não te importas, eu vou contar contigo para falares sobre isso com os teus colegas”, porque acho que é uma forma de dar a volta. Agora, pronto, não esquecer que a minha casa é uma casa velha. Não estou a dizer que os mais novos sabem dar aulas melhor que os mais velhos, mas procuramos adaptar-nos às novas situações e procurar, acima de tudo, ouvir e aquilo que as lideranças intermédias, também, têm para dizer, que faz parte das competências do Coordenador de Disciplina e dum Coordenador de Departamento alertar para a forma de alterar as coisas, embora haja aquele grande medo de entrarmos nas aulas uns dos outros, que não devia ser assim; dá-me vontade no próximo ano de dar aulas de porta aberta; já pensei nisso e não sei se não será a novidade do ano.

P: Agora a título de curiosidade, um aluno meu do Mestrado de Administração Escolar ali do ISEC dizia-me que numa escola, já não me recordo exatamente onde é que era, mas num país estrangeiro, que as portas das salas de aula tinham todas vidros.

R: As nossas têm.

P: Precisamente por uma questão de abertura...

R: Mas as nossas salas...

P: ...para que todos os professores pudessem, quem passasse pudesse estar a ver o que é que se passa dentro da sala de aula.

R: Nas nossas salas, as portas da sala são assim como esta, mas ao lado, ao lado têm uma altura de vidro, uma altura em vidro.

P: Mas se calhar era uma forma, se a sala, ao fim e ao cabo, há escolas... vê-se mais nos filmes, nos Estados Unidos, em que têm as paredes todas em vidro, uma parte da parede, não é?, com janelas, é uma forma do professor sentir...

R: Mas sabe que a razão que me leva a pensar duas vezes ter a porta aberta é só, os blocos são simétricos e as salas acabam por, quem está nesta sala, também, está a ver os alunos na outra e estar a porta aberta talvez dê direito a macacadas, mas por acaso já pensei nisso. O ter a porta aberta será uma forma de cortar...

P: Mas por exemplo, sentiu agora quando foi a questão da avaliação, da observação de aulas, que os professores não reagiram muito bem, mas tem a ver com a cultura...

R: Eu tive pouco, tive pouca gente a pedir observação de aulas aqui.

P: Pois, a nossa cultura de... o espaço de aula é algo individual e o receio de que alguém me entre aqui dentro, não é?

R: Mas continuamos... se quer pôr um professor, um professor pode ser o Diretor, um professor à rasca, desculpe o termo, é colocá-lo numa sala que tenha vidro e comece... minha amiga, passe duas ou três vezes no corredor, mesmo sem parar.

P: Fica logo aflito.

R: Porque nós continuamos a pensar que somos donos e senhores daquele espaço. E os grandes problemas da avaliação dos professores, para além da parte burocrática das fichas, que aquilo é uma aberração, mas era, o problema estava na questão de virmos a ser observados. E acho que isto é mau. Mas isto vai ao encontro daquilo que eu lhe disse há bocado, de nós continuarmos a não saber, dentro dos grupos, partilhar as coisas boas e as coisas más, porque se eu tiver...

P: O tal trabalho em equipa, o trabalho colaborativo.

R: Nem mais. Isso tudo está...

P: Ou seja, não encaram que alguém que possa ir observar as aulas, é para ajudar e colaborar.

R: Nada, nem pouco mais ou menos. Ele vai lá, é pá, ele só vai logo...

P: É quase como o inspetor que vai ali ver o que é que nos pode fazer de mal.

R: Vai logo saber quais são as nossas fragilidades e isso é mau.

P: Exatamente. Também é uma questão de insegurança, não é?

R: Mas aqui para nós, qualquer um de nós é inseguro naquilo que fazemos. Qualquer um de nós!

P: Também fomos sempre habituados a trabalhar assim, não é?

R: Agora, eu acho é que temos que vencer, temos que ser superiores a essa insegurança e o ser superior a essa insegurança é dizer “não senhor, não há razão para estar inseguro,

portanto vamos abrir as portas.” É o mesmo. “Eu tenho medo. Homem, mas tenho medo, porquê? Por que é que eu tenho medo? Não há razão para ter medo, portanto”... é esse tipo de raciocínio que tem de ser feito.

P: É com o tempo.

R: Eu espero bem que sim, eu espero bem que sim, porque é importante, o nosso sistema de ensino ganha, quando nós começarmos a partilhar todos uns com os outros, sem... partilhar, mas numa forma honesta e humilde, porque ganhamos todos. Deixamos de ter aquela mania...

P: E principalmente os alunos, não é?

R: Principalmente os alunos, que é aquilo que, para quem nós trabalhamos, não é?

35 – São proporcionadas aos alunos condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso? Quais?

R: Repare, eu considero que as condições de trabalho são boas, aqui. Não estou a dizer que temos materiais, ou extremamente atualizados, mas aquilo que temos dá perfeitamente para darmos resposta às necessidades do nosso sistema de ensino, porque todos temos a mania que o computador só é bom se for o último modelo, é parvoíce, mas isto todos somos assim. Mas, na Escola há condições para, há a preocupação, também, da parte dos professores, eu vejo, não é, como é que hei-de dizer? Ninguém aqui nesta casa prepara os alunos para os exames, não é isso, nós não temos esse hábito. Temos a preocupação, sim senhor é de haver alguns professores que, no final do ano, se disponibilizam para, no auditório, encher, sejam alunos do professor “x”, do professor “y”, para dar algumas coisas, para, sei lá, tirar algumas dúvidas aos alunos, que possam ter surgido naquela altura, porque, parece que não, nós continuamos a apaparcá-los numa maneira e acho que, às vezes, numa forma negativa, que não os deixamos crescer e eles depois chegam ao ensino superior, continuam a ter um comportamento de crianças, como têm aqui no secundário, que já não deviam ter, não é? Mas pronto, mas é assim. Mas eu penso que nós lhes damos condições...

P: Pois, porque a Escola é uma Escola de sucesso! Isso tem a ver com alguma coisa que aqui se passa, não é?

R: Eu continuo a dizer, é uma Escola... não é uma Escola de grande...

P: É uma Escola de sucesso, porquê? Quais são as razões que acha...

R: Eu continuo a dizer: não é uma Escola diferente das outras, ela tem os problemas que as outras têm. Eu acho que...

P: Mas há uma coisa que a diferencia para ter mais sucesso que as outras, que a maioria.

R: Nós temos... e aquilo que eu considero que faz a diferença, é aquilo que eu disse há pouco: nós temos uma... eu considero que temos bons profissionais, eu considero que temos condições para trabalhar, eu considero...

P: Condições em termos físicos?

R: Quando eu digo que temos recursos materiais, instalações, nós não temos problemas económicos que nos façam não realizar experiências que são necessárias para os miúdos, isto nunca houve, mesmo em termos de fotocópias, se for preciso, a Escola disponibiliza; temos uma coisa que é fundamental na Escola, que é os recursos, os alunos. Os alunos que recebemos são alunos novinhos, são alunos que querem trabalhar, são alunos que têm objetivos...

P: Tem a ver também com a origem económico-social deles.

R: ...Portanto, eu acho que temos condições para ter sucesso. Quando... eu costumo dizer, isto é por fornadas, não é? Se os professores são os mesmos, a Escola é a mesma, o que é que muda? São os alunos, é que vão mudando. Portanto, se há um ano em que nós, em vez de estarmos ali na posição, a nível nacional, vigésimo qualquer coisa, contando colégios e tudo, se num ano passámos para décimo quinto ou num ano passámos para trigésimo segundo, isto são... essas variações devem-se a quê? Devem-se a... pronto, à massa que nós temos, que é variável, porque quando essas forças todas se conjugam, os profissionais que eu tenho, as condições de trabalho, a massa que eu recebo, quando aquilo tudo se conjuga, pronto, se calhar temos bons resultados, não é?

36 – Como avalia a qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinadas aos alunos?

R: Eu considero que são boas e acho... não é um edifício... não esquecer que esta casa abriu as portas em 20 de novembro de 80, que é o... nós estabelecemos que seria o dia da Escola, foi o dia em que abriu pela primeira vez as portas aos alunos, o que quer dizer que em novembro vai fazer trinta anos. Nós procuramos interiormente manter as

coisas limpas, pintadas e se der uma volta, entra na casa de banho dos rapazes, das raparigas e não vê assim aquelas coisa aberrantes como, às vezes, nós vemos em determinadas reportagens, portanto acho...

P: E mesmo as salas de aula...?

R: Não, mas as salas de aula que nós temos são salas com uma área perfeitamente normal. Agora, é natural... se eu lhe colocar dezasseis mesas lá dentro, ela comporta dezasseis mesas, mas se calhar a circulação à vontade de eu ter... da distância que vai daqui até à parede, não será essa distância, mas tem essa distancia à vontade para poder circular.

P: De qualquer modo, sente a necessidade de existir mais espaço, tanto que vai alterar...

R: Eu sinto, porque o número de salas de aula normais que eu tenho, como eu lhe disse, eu tenho 25 salas de aula normais; quando digo salas normais, são as salas onde se pode dar o Português, a Matemática; se eu der o salto, de acordo com aquilo que eu propus, de 25 para 30, eu digo, eu passo a oferecer aos miúdos outro tipo de qualidade cá dentro, porque esta questão, como eu disse, por vezes de uma turma que sai às onze, entrou às oito e um quarto, sai às onze e meia, vai para casa para depois entrar aqui à uma e quarenta e cinco; se calhar não será o melhor. Eu quero ver é... esta casa deu salto qualitativo quando nós procurámos encerrar as atividades às cinco da tarde, terminar as aulas às cinco da tarde e o período das cinco às sete é para reuniões. Claro que queremos mais, porque também temos consciência que um profissional que entrou aqui às oito e um quarto, fazer uma reunião às cinco da tarde, nós sabemos que não será as melhores condições para a fazer.

37 – Como avalia a qualidade e a adequação dos serviços que se destinam a prestar apoio aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos?

R: Eu tenho algumas queixas; no que diz respeito ao Bar, eu considero que, se calhar aquilo que oferecemos não será de boa qualidade, mas é o Bar que temos, porque não temos condições para criar outras condições para se poder fazer alguma coisa, porque eu detesto estar numa sala de aula e sentir cheiros; ninguém gosta de estar numa sala de aula e sentir o cheiro a comida quando o Bar é por baixo de um bloco... e as salas de aula são por cima. Quer dizer, não dá.

P: Mas tem a ver, portanto, com essa situação física?

R: Sim, sim, com o espaço em si.

P: E o serviço em si, que é prestado?

R: Eu acho que podia ser melhor. Há condições para se poder prestar um melhor serviço e eu quando digo prestar um melhor serviço, é: geralmente eles chegarem ali, vamos imaginar, chegam às três da tarde ao Bar, “ah, não há nada para comer.” Não, há lá sandes, não há é bolos, se calhar, não sei se me estou a fazer entender.

P: Pois, tem a ver com a educação deles a nível alimentar.

R: Isso mesmo, quer dizer, há peça de fruta? Há, sim senhor. Não há bolos, pronto, porque os bolos já foram. E não há a preocupação de renovar o stock de bolos. Portanto, há essa preocupação...

P: Mas é alguma empresa que vos fornece, ou é a própria Escola que...

R: Não, é uma empresa que nos fornece. Nós temos uma padaria ali de Carnide que de manhã vem deixar os bolos, mas eu não aceito que não haja sandes a partir das três da tarde.

P: Sim, mas os funcionários e tudo, quem administra aquilo são funcionários daqui da Escola, não é como...

R: Sim, sim, da Escola, não é a empresa. Nós temos um sistema de *catering*, comida que eu não gosto daquilo, por isso é que eu estou desejoso que o refeitório abra, porque entendo que aquele tipo de comida... não gosto, não gosto daquilo, mas foi uma empresa que a própria Direção Regional arranjou, que traz a comida. Agora, o Bar é explorado por nós.

P: Pela Escola. Quanto ao refeitório, há o problema que não existe, não é? Que é um problema que têm tido até agora.

R: Eu espero e aquilo que eu tenho dito à tutela, eu espero que a comida seja de qualidade, porque eu não acredito que os meninos desta casa, muitos vão ao Refeitório. Isto é tudo meninos que certamente gostam muito mais de pizza e de ir ao Colombo e de ir ali ao Centro Comercial do que comer no Refeitório, mas para mim, se nestes mil e cem, se eu tiver lá trinta, cinquenta refeições, para mim é importante, porque,

certamente, nestes trinta ou cinquenta, se calhar é a refeição capaz que eles comem, não é? Temos a certeza absoluta que há casos, poucos casos, mas deve haver alguns encapotados e que será uma forma de dar resposta àquilo que eles precisam.

P: Mas durante quase trinta anos, é curioso um edifício destes, não ter sido concebido para ter um refeitório!

R: É verdade, mas não esquecer que este edifício, é um edifício diferente de todos os outros. É único. Este edifício, passados quatro anos, foi construído o pavilhão. O pavilhão gimnodesportivo é um pavilhão que tem quatro ginásios, é uma coisa grande; depois, também já fazia parte do projeto, o refeitório.

P: Então e por que é que depois não o construíram?

R: Eu lembro-me de ter feito parte duma Direção desta casa e falar e refalar com o presidente das construções escolares na altura, sobre o Refeitório, isto em 19... e certamente em 84, 85, para aí. Na altura, aquilo que me disseram é que andavam a escolher o tipo de cozinha, se era uma cozinha vertical, se era uma cozinha horizontal. Não me pergunte como é, o que é certo é que há espaço, há projeto para o Refeitório, não vai ficar no sítio onde estava projetado...

P: Mas depois, por que é que nunca o...?

R: Não sei, não sei, pronto. Depois, criou-se aquele mito que os miúdos de Benfica não precisavam. Que é uma classe, que não precisavam de Refeitório, mas as coisas não podem ser vistas assim. Depois, eu comecei a batalhar para se construir um Refeitório que desse resposta às três escolas, porque a outra escola qui perto tinha um refeitório, mas um nicozito, a outra escola, a mesma coisa; isto andou, andou, andou e lá se construiu agora e eu espero que em setembro...

P: Já vai começar a funcionar?

R: Eu espero bem que sim, mas agora aqui para nós, nós estamos quase em agosto, a tutela não diz nada, que eu acho que devia dizer, porque não é em agosto que se vai tratar disso.

P: Mas a obra já está quase acabada ou ainda está assim...?

R: Eu olho para ela e penso que sim. Já me convidaram para lá ir, ainda não tive oportunidade de lá ir, mas... porque eu quero saber como é que a gestão vai ser feita, como é que é, porque uma das coisas que eu disse foi “Eu não aceito que os meus alunos comam das tantas às tantas. Não, não, todos acho que devem comer das tantas às tantas” e depois... é uma questão de organização, não é? Depois, o projeto – isto só para lhe demonstrar que é um projeto inacabado – nós... havia um projeto de espaços verdes aqui fora, há um projeto. Mas isto foi financiado pelo Banco Mundial, depois começou a faltar a massaroca e as coisas foram ficando. Porque esse espaço aí tinha o projeto, tinha a zona das herbáceas, a zona não sei de que mais, a zona...

P: E realmente era um projeto excepcional, não era?

R: Pois era, pois era. Mas isto depois o dinheiro faltou e as coisas foram ficando pelo caminho.

P: E como avalia a qualidade e adequação dos serviços prestados pelo Centro de Recursos?

R: Eu considero que é bom, acho que pode ser muito melhor e o Centro de Recursos só poderá funcionar bem, bem, bem, quando da parte dos professores existir, primeiro os professores têm que o conhecer, para saberem o que é que têm...

P: E acha que eles não o conhecem, não o utilizam devidamente, não aproveitaram...?

R: Acho que nalguns grupos, não houve ainda essa preocupação, mas acho que é fundamental...

P: Mas está bem equipado?

R: Sim, sim, para dar resposta àquilo que quiserem, portanto em termos informáticos, em termos de vídeo, em termos de áudio e eu tenho um sistema aberto, de os miúdos chegarem ali, vão ao computador, já sabem que está no armário tal, os armários estão abertos, se eles quiserem ouvir um CD de qualquer coisa, eles chegam, tiram o CD, eles próprios é que fazem isso.

P: E mesmo livros?

R: Sim, sim, eles procuram, podem levar para casa livros, requisitar.

P: E eles frequentam bastante o Centro de Recursos?

R: Sim, mas é mais em termos de pesquisa, em termos de trabalhos, outro tipo de trabalhos que eles possam fazer lá no Centro de Recursos, portanto o Centro de Recursos que nós temos, a parte mais barulhenta, vá lá, e a parte mais resguardada, portanto, que é a biblioteca, onde há mais silêncio e há uma parte onde eles podem trabalhar e fazer mais algazarra. Mas continuando a dizer que ele só atingirá os objetivos que se pretende com aquele espaço, a partir do momento em que os próprios professores tenham conhecimento daquilo que lá está e o terem conhecimento daquilo que lá está, só assim é que podem dizer aos miúdos aquilo que vão fazer lá, não basta...

P: Podem explorar bem o que lá existe.

R: Isso mesmo. Não basta só dizer “então, vai ao Centro de Recursos.” Não vai. Ele para ir ao Centro de Recursos tem que saber o que é que vai fazer ao Centro de Recursos.

P: Mas acha que os professores não estão bem sensibilizados para aproveitarem os recursos que têm?

R: Há alguns que ainda não e vê-se nalguns grupos que, se calhar devia ser... o grupo de Geografia, onde os miúdos podiam explorar mais aquilo que lá temos e não exploram.

38 – Como avalia a qualidade e a adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos?

R: Repare, eu considero... não tenho equipamentos informáticos de última geração, mas o material informático que eu tenho, acho que dá resposta às necessidades deles. É natural quando... se eu estou habituado em casa, eu penso que se eu tivesse este Centro de Recursos que tenho na província, se calhar era muito mais frequentado do que é aqui, porque eu em casa, aqui, tenho um computador muito melhor que este. Logo, “que chatice, que seca, isto não anda, nunca mais abre.” Mas eu considero que...

P: E as salas estão equipadas?

R: Sim.

P: Algumas, não é? Têm salas próprias para a informática?

R: Nós não temos ainda, não entrámos no projeto PTE. Tínhamos já... já estávamos escalonados para isso...

P: Os quadros interativos e isso.

R: Sim, sim, já estávamos escalonados para isso, mas depois, quando se soube que íamos para obras, suspenderam, mas eu espero que daqui a um ano e pouco, tudo fique equipado como deve ser. Mas houve preocupação da parte da Escola, de termos uma série de projetores multimédia, os portáteis estão distribuídos por várias arrecadações, em que aquele tempo em que se utilizava o vídeo-projetor, o vídeo, mais o televisor, neste momento já não é o vídeo e o televisor, mas é sim o projetor e o computador e elas estão equipadas com écrans e as salas de aula... penso que, numa forma global, pode-se considerar que as condições não são as ideais, mas não... mas eles têm... estão bem sentados, não estão num ambiente deplorável, dá uma volta, não vê as mesas riscadas, como se vê nalgumas reportagens que nos mostram, portanto penso que há condições para trabalhar.

39 – É permitido aos alunos utilizarem as instalações a si destinadas e outras que não lhes são exclusivamente destinadas, mediante autorização?

R: Repare, estou-me a lembrar... se eles precisarem de ensaiar uma pecinha de teatro, claro que é dada ordem à funcionária para eles irem para a salita onde antigamente se dava a opção de Teatro nesta casa; se eles precisam de preparar uma apresentação, pronto, a apresentação é só às dez horas, se eles precisam de ir para o espaço antes, eles são autorizados a ir, para se prepararem, para prepararem o espaço.

P: E depois, em termos das salas de aula, como é que funciona nos intervalos a circulação, por exemplo, nos corredores?

R: Procuramos, no caso dos mais novitos, atribuir uma sala à turma, pronto, para eles deixarem a lancheira, para deixarem a mochila. Claro que a porta, no intervalo, está fechada...

P: Eles saem do pavilhão?

R: Eles saem do pavilhão, portanto é o normal, como acontece noutras salas. Os mais velhos andam a circular mais, porque eu não tenho... eu tenho 42 turmas, eu não tenho 42 salas disponíveis para cada um ter...

40 – Quais os meios de segurança dos alunos existentes na Escola?

R: Os meios de segurança...

P: Sim, se há algum Plano de Segurança...

R: Claro que temos um Plano de Segurança e fazemos durante o ano pelo menos duas simulações ou evacuações, ou como é que isso se chama, para testar o nosso Plano de Segurança e há, também, a preocupação da parte dos Diretores de Turma de sensibilizarem os alunos para, num caso, numa situação destas, portanto, faz parte daquilo que os Diretores de Turma, também, devem falar aos miúdos. Agora, se me perguntar, eles sabem disso e eu não escondo isso de ninguém: se existir um incêndio nesta casa, estamos tramados, porque as bocas de incêndio não têm água. Mas isto a tutela, também, sabe, sabem os Bombeiros e para entrar um carro de bombeiros aqui, já se sabe que é complicado. Uma ambulância...

P: Mas nunca a tutela ou alguém responsável ou a Câmara...

R: Cá está, é o facto de ser um projeto diferente, esses caminhitos todos, agora imagine o que é dar a volta ao arquiteto, que tem setenta e tal anos, em termos de criar aqui uma estrada a atravessar estes caminhitos para levar um carro de bombeiros até lá acima, ao bloco.

P: Mas o arquiteto que fez agora...

R: Era o que há bocadinho estava a telefonar, é o que vai continuar...

P: O que é responsável pela alteração?

R: Vai ser o responsável pela alteração também.

P: Mas não pensaram nesse problema?

R: Não, aí o Diretor se calhar já tem obrigação de pensar e daí a razão de ele concentrar os laboratórios...

P: Pois, o Diretor pensou.

R: ...o Diretor pensou em concentrar os laboratórios num pavilhão de fácil acesso para um carro de bombeiros, para uma ambulância, para...

P: Mas relativamente aos outros pavilhões...

R: Os outros pavilhões, também foi pedido ao arquiteto e isto também está pensado de, através da entrada lá pelo outro lado, de um carro de bombeiros ter acesso até ao último pavilhão. Se existir um fogo, que é uma das coisas que me preocupa, naquele capim que ali está, passa um gajo qualquer, atira para ali uma ponta de cigarro, um carro de bombeiros não chega lá. O carro de bombeiros vai ter que, com a agulheta, tirar água de lá de fora para apagar aquilo.

P: É inacreditável como um projeto destes que, realmente... durante tantos anos, mas não pensaram nesses pormenores que são fulcrais, não é?

R: Pois são, em termos de segurança deixa muito a desejar. Agora, em termos pedagógicos, quero dizer que os espaços que eu tenho, estão perfeitamente enquadrados no tipo de ensino que nós temos neste momento. Portanto, eu considero que ele tinha vistas largas; agora, em termos de matéria de segurança, também, sabemos que as escolas agora têm tudo, porque são obrigadas a ter.

P: Também não havia sensibilidade social, nem política, para essas questões.

R: Então não se vê mesmo as acessibilidades? Se eu lhe disser a si, que a entrada principal da Escola não é aquela por onde nós entramos? A entrada principal da Escola é ao fundo deste auditório que nunca vai... era uma alameda pedestre, que ia desembocar à Rua Claro que isto nunca vai existir. A entrada lá em baixo... eu sou do tempo em que existia lá em baixo, onde está a Rosa dos Ventos, era um lago. Agora, imagine o que era um lago ali que não dava para um carro... para uma ambulância entrar, nem pouco mais ou menos. Daí a razão de se ter tirado aquele lago e faz-se ali uma Rosa dos Ventos.

P: E neste projeto novo, também, está pensada a questão das bocas-de-incêndio?

R: Está, está, tudo. Eles agora são obrigados a criar as condições de segurança, as acessibilidades, essas coisas todas.

41 – Na sua opinião, os meios de segurança existentes garantem uma segurança eficaz dos alunos?

R: Eu continuo a dizer: claro que eu não posso dizer que eles aqui correm perigo, nada disso. Mas eu penso que numa situação de incêndio, isso deixa muito a desejar. As

condições... agora, não estamos a pensar, os miúdos têm espaço para poderem ser evacuados, não estamos a...

P: Pois, mas se houvesse um incêndio, a Escola em si se calhar até desaparecia, porque não havia hipótese de apagar o fogo, não é?

R: É complicado.

P: Mas a tutela também até agora nunca se preocupou?

R: Nada, zero.

P: Relativamente àquilo que falámos na nossa última sessão, disse uma coisa muito interessante, que era: quanto à arquitetura da Escola, a disposição dos edifícios, portanto toda essa parte, era excelente no que diz respeito à mais-valia pedagógica que trazia.

R: Sim, a própria arquitetura, os espaços que estão pensados, dão resposta àquilo que se pretende agora, portanto há uma política da parte da Parque Escolar, cada grupo disciplinar ter o seu espaço para trabalhar. Esta casa já tem. Ter um Centro de Recursos aberto, como é o nosso, polivalente, ter grandes espaços, portanto aqui esse auditório, a ter uma sala que eu transformei numa sala de teatro, portanto penso que...

P: Tem essas valências todas que são adequadas ao nível da exigência pedagógica que se requer.

R: Também tem espaços mais pequenos, portanto em vez de ser uma sala de aula normal, para ter trinta alunos, tem salas para pequenos grupos, o que quer dizer que já se adapta à situação dos desdobramentos, o que quer dizer que dá resposta...

P: A essas exigências.

R: Porque eles mesmo na Parque Escolar, hoje em dia, as escolas que estão a construir, eles preveem grandes espaços ou preveem espaços de sala de aula normal com área normal e preveem, também, espaços mais pequenos para pequenos grupos.

P: E esta já tem essas valências todas.

R: Já tem essas valências todas.

42 – Quais os critérios que os órgãos de gestão da Escola têm em conta para elaborarem os horários dos alunos?

R: Para elaborar os horários, a primeira preocupação, portanto, no fundo, nós andamos muito a dar resposta àquilo a que a lei obriga, não é? Mas há a preocupação, primeiro em termos da mancha; eu como não tenho hipóteses, neste momento, de fazê-los entrar todos à oito e um quarto da manhã, eu dou prioridade aos mais novitos, o entrarem de manhã, portanto a mancha deles faço-a das oito e um quarto da manhã, o que quer dizer que o terem alguma coisa livre são duas tardes, ou... duas tardes. O décimo segundo ano, também, é de manhã, o décimo primeiro, também, é de manhã, os nonos anos já pode acontecer manhã-tarde e o décimo ano nasce da tarde para a manhã, o que quer dizer que eles terão se calhar uma manhã livre, ou qualquer coisa assim. Depois, a preocupação de não deixarmos a disciplina, sei lá, terminam à segunda-feira com Português. Não vão, de maneira nenhuma, começar à terça-feira, às oito e um quarto, com Português. Temos essa preocupação. Temos a preocupação – quando eu digo ter a preocupação, não quer dizer que, ao olharmos para os nossos horários, que não haja lá uma, duas, três ou quatro situações, porque há uma dada altura em que isto depois não dá – o termos a preocupação de não ser sempre a mesma disciplina a sacrificada, o que quer dizer que não vamos pôr a Matemática... a Matemática não está sempre só de manhã. Pode acontecer, num dia qualquer da semana, também lhe calhar à tarde, porque acontece com a Matemática, também poderá acontecer com o Português, o procurar não estarmos a sacrificar sempre a mesma disciplina; portanto, a questão dos furos, eles não podem existir, a questão dos turnos, jogo muito com as contas, quando nós estamos a fazer os horários dos miúdos, quando há desdobramentos, uns estão em Física, outros estão em Ciências, vamos imaginar, então procuramos sempre jogar uns em cima dos outros, de forma a rentabilizar ao máximo, mas às vezes há determinadas alturas em que não dá.

P: Mas a questão é: quando vai elaborar os horários dos alunos, tem em vista logo em primeiro lugar os interesses dos alunos ou os dos professores?

R: Os interesses dos alunos, sempre.

P: Por exemplo, se um professor pedir “Eu quero entrar às oito” ou não quer vir...

R: Repare uma coisa. Claro que a minha... o objetivo principal e aquilo que eu entrego à comissão de horários, em primeiro lugar, é: eu não vou pôr uma turma a entrar às dez horas, só porque o senhor professor pede para entrar às dez horas. Agora, se o professor

diz “Eu gostava de entrar todos os dias às dez horas”, claro que eu não atendo uma situação destas. Pode acontecer, um dia na semana eu o deixar entrar às dez horas, mas isto não vai chocar com aquilo que eu fiz na turma, porque claro que naquele dia, àquela hora, em vez de ter o Português às oito da manhã, se é um professor de Português, terá às dez horas, naquele dia a Português. Mas em primeiro lugar, os alunos. E não há cá, nesta casa, nunca houve e nunca haverá aquela situação de a primeira turma é a que tem o horário melhor, a segunda... não, não é nada disso. Para mim, tanto é a primeira como a quinta, o procurar jogar de igual forma para todas as turmas.

43 – De que forma a Escola reconhece e valoriza o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos?

R: Olhe, isto é uma falha que esta casa tem e eu posso dizer que é um sonho que eu tenho, isto até já está inscrito no Regulamento Interno. Não está a funcionar ainda, primeiro por causa dos momentos conturbados que nós tivemos o ano passado, porque eu, o ano passado, iniciei esse processo. Enquanto os meus filhos cá andaram, nunca fiz força para que isto acontecesse. Depois de eles terem ido embora, tenho vindo, aos poucos, a tentar introduzir esse processo de reconhecer, portanto de atribuir o prémio Mérito Escolar e Cívico, porque nós temos aí dois tipos de prémios, mas ainda... eu sinto alguma resistência por parte das pessoas...

P: Das pessoas, concretamente de quem?

R: Professores, porquê? Porque como interpretam estes meninos desta casa o terem o narizinho muito levantado, os paizinhos também e então eles pensam que se nós ainda os valorizamos nesse aspeto, que ainda os tornará piores e eu digo que não e tenho andado com calma, sem forçar. Este ano, logo no princípio do ano, tive um grupo de trabalho já a pensar nas coisas, as coisas começaram a andar, depois não houve oportunidade nem agenda para isso, mas garanto uma coisa, que o próximo ano letivo, até ao Natal, está aprovado, porque entendo que nós temos que valorizar quem trabalha e acho que os miúdos também gostam. Nós temos que pensar é: os miúdos também gostam de sentir valorizado o seu trabalho, como nós todos gostamos. Portanto, essa questão tem teias de aranha na cabeça, mas se olhou o nosso Regulamento Interno, na parte final do Regulamento Interno, está lá; ainda falta é concretizar, eu não quero, de maneira nenhuma, ao entrar num esquema destes, banalizar os prémios, porque eu

detesto banalizar as coisas. Entendo que as coisas têm de ser bem definidas, tem que haver critérios e não há cá “ah, mas este também cabe.” Não cabe. Ou cabe, ou não cabe, não é “este também cabe”. E quando nas turmas não tivermos ninguém para atribuir, não se atribui, acabou. Até porque eu quero ir mais longe. Eu tenho deixado que o grupo de trabalho apresente, que é para depois eu também apresentar a minha proposta. É que eu acho que se deve pôr também em cima da mesa a questão do menino se falta, não falta, independentemente se elas são justificadas, ou não; se o menino é um miúdo que é cumpridor, esta sempre disponível para participar em atividades da Escola, sei lá, envolver uma série de coisas, porque eu não me interessa... não é o marrão que me interessa, eu não é ele ter só dezassete ou cinco, porque entendo que não é por aí. E quando introduzimos o prémio de Mérito Cívico, eu apresentei isso, também, no Conselho Pedagógico, foi numa... eu tinha visto uma reportagem havia pouco tempo, dum miúdo, numa Escola qualquer, isto foi para a zona da Figueira da Foz, ao passear na praia, viu alguém em perigo e ele... um miúdo com quinze anos, ou quinze ou dezasseis anos, eu acho que este miúdo tem um valor extraordinário. Ele até pode ser um mau aluno em termos escolares, mas esta atitude dele de...

P: Exato. Revela personalidade, a maneira... tudo uma série de valores que ele assimilou e que devem ser também valorizados.

R: Eu acho que devem ser valorizados e a Escola tem a obrigação de valorizar e é nessa altura, foi polémico, “ah, mas depois como é que nós sabemos?” Não, bolas, há evidências, tem que haver evidências para... não é agora ele colocar-se ali ao pé do sinal à espera que venha uma velhinha para estar constantemente a passar a velhinha dum lado para o outro, não é isso que se pretende. Mas acho que esse tipo de coisas tem que ser valorizado.

P: Mas até agora ainda não está concretizado?

R: Não está posto em prática, ainda. Já demos os primeiros passos e tem havido alguma...

P: Está consagrado no Regulamento Interno, mas tem havido uma certa resistência?

R: Tem, tem. E depois o tempo, também, não tem ajudado para isso, não é?

P: Pois, com os outros problemas...

R: Estas coisas do não dá para às vezes negociar aquilo que a gente quer negociar.

44 – Os alunos são estimulados a aumentarem a sua dedicação, o seu esforço no trabalho e o seu desempenho escolar? De que modo?

R: Repare, eu penso que é o papel... eu não sei, mas acho que é o papel de cada um de nós dentro da sala de aula, na sua disciplina, o Diretor de Turma, o incentivar para, logicamente que o Diretor quando está presente nalguma cerimónia de entrega de prémios, ou participação num concurso literário, ou no concurso... nas Olimpíadas disto, ou nas Olimpíadas daquilo... fazemos muito aqui nesta casa e eu faço sempre questão, porque os grupos dinamizadores têm a preocupação de me convidar sempre para entregar os prémios e para dar sempre umas palavrinhas e as palavras vão sempre nesse sentido, portanto, uma forma de viver a Escola é participando nas atividades que ela cria e penso que é aquilo que eu reconheço ou que eu sinto que nós transmitimos aos nossos jovens, o sensibilizar para, portanto nós...

P: Algo que eu verifiquei no Projeto Educativo da Escola, em que se refere que um dos pontos críticos que os alunos trabalham muito só para os testes e que era importante estimulá-los...

R: A participar noutras coisas.

P: Exatamente. E a desenvolver um estudo contínuo, não só para ter o resultado do teste.

R: Mas isto vai ao encontro daquilo que nós começámos a nossa conversa na terça-feira passada. Falando a nível superior, a nível do secundário, digo, eles têm como objetivo principal a fásquia, põem a fásquia alta e a fásquia alta é “eu quero ir para Medicina, quero ir para Arquitetura” e nós temos que ter a nota tal. Porque ainda ontem eu estive a falar aqui com uns pais, aqui à volta da mesa, que são nossos colegas... colegas numa escola, mas têm o filho nesta. A criticar a questão da nota de Educação Física, porque a menina tinha tido quinze ou o que é que foi e eles entendiam que ela devia ter dezoito ou dezassete...

P: Precisava da nota para entrar depois na universidade?

R: Porque depois, sem querer, deixam cair isto. Não é a questão de ela merecer o dezassete, é “ó Stôr mas já viu? Com estas notas, ela não tem hipótese de...” E eu digo,

“ah, mas isso aí é outra coisa, isso são outras contas que têm de ser feitas. Nós estamos a falar da avaliação que o professor fez sobre a disciplina e certamente que a vossa filha merece isto.” Mas as grandes...

P: São os fatores que se têm que ter em conta na avaliação, que é para efetivamente a pessoa...

R: Claro, claro! Nós não podemos, de maneira nenhuma, depois uma coisa que eu vejo aqui, nesta casa, que é os pais põem a fasquia muito alta, alguns deles põem a fasquia muito alta e nós sabemos que os nossos filhos são todos diferentes uns dos outros e acontece que um até é capaz de atingir a fasquia, com os seus resultados atingir aqueles valores que eu estabeleci – eu, pai – outro pode não andar lá e continua a ser bom aluno, trabalha, mas eles não... e depois começam a disparar em todas as direções, que a culpa é de quê? É do professor, é da Escola... e ontem diz-me a mãe assim: “Pois, porque eu fiquei muito chocada com o Diretor de Turma quando eu disse que precisava de saber...” – como é que era? – tipo “quais as planificações do professor de Português, para eu poder dar ao explicador.” Digo-lhe eu “Olhe, ó colega, desculpe lá, a minha amiga já me disse há pouco que há cinco anos que não está a dar aulas” (está a trabalhar numa biblioteca, na Escola) “Agora eu digo-lhe uma coisa, se eu fosse o Diretor de Turma, se me viesse pedir nesses termos, eu dizia-lhe já redondamente que não, fazia aquilo que o Diretor de Turma”... eu se mandasse, acabava com esta seita de “ah, mas nós temos direito.” O Encarregado de Educação até tem direito, mas pedir para o explicador? O explicador, também, tem a obrigação e o dever de saber como é que gere um programa. Ele está a ganhar dinheiro para isso!

P: Os programas são públicos, portanto...

R: E ele até nem tem a preocupação de se prender com alguns pormenores que o professor da cadeira tem. Portanto, esse tipo de coisinhas...

P: Mas o que é que a Escola tem feito a nível de tentar alterar essa atitude dos alunos, de trabalharem para obter uma nota do exame, e não...

R: É levá-los... eu penso que este tipo de trabalho, também, depende do professor de cada uma das disciplinas, não é? Nós sabemos isso e sabemos, também que, por vezes, os miúdos são convidados a fazer trabalhos de pesquisa, trabalhos disto, trabalhos daquilo, que depois vai na volta, 40 mais 50 dá 9. 90 a dividir por dois dá 45, 45... dá

tal. Isso também é frustrante. Agora, no meio desse grupo todo que eu cá tenho, com certeza que haverá alguns que sensibilizam os miúdos para o trabalho de pesquisa e estimulam a participação noutra tipo de trabalhos, porque nós depois confrontamo-nos, também, com uma situação desagradável, que é: sim, senhor, vamos fazer trabalhos de grupo, mas como os trabalhos, alguns deles são feitos em casa, nós acabamos depois por pôr em causa se o trabalho foi feito por ele ou pelo explicador. Por isso é que já nos critérios, trabalhos feitos na aula, trabalhos feitos em casa... para nos defendermos. Porque depois vem aquela máxima que é: não, se o trabalho é de grupo... então se o António, que se pendurou, que não fez ponta de nada e reivindica a mesma nota, o catorze que todos os outros tiveram, não pode. Mas eu acho... para responder à sua pergunta, eu penso que alguns professores... nós temos já um grupo grande que não se limita só ao teste. Há outros instrumentos de avaliação.

45 – De que modo são valorizados pela Escola, os alunos que desenvolvam ações meritórias, em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade na Escola ou fora dela?

R: Repare, é mais de retórica, é mais de agradecimento público. Eu vejo nos trabalhos de Área de Projeto que os miúdos fazem. Eu digo: há coisas que eu nem me passa pela cabeça e não imaginava que os miúdos com aquela idade se lembrassem de... desde o participar naquelas campanhas da noite, de ir aos sem-abrigo, distribuir alimentos...

P: E têm feito esse tipo de projetos?

R: Sim, sim. Estou-me a lembrar, também, de outro que, com um lar aqui em Benfica, arranjam maneira de trazer os velhotes assistir aqui a uma peça de teatro.

P: Na Escola?

R: Uma peça de teatro que eles fizeram, ofereceram um lanchinho, sei lá, mas há coisitas que me tocam e que são importantes...

P: Que são importantes e que desenvolvem na personalidade deles determinados valores?

R: Estou-me a lembrar, também, outro, a preocupação de convidar, também, várias associações: de Apoio à Vítima, apoio a isto, apoio àquilo, o trazerem para, em conferência... eles fazem a apresentação dos seus trabalhos, trabalhos de pesquisa, à

base de Powerpoint, lá apresentam as coisitas, mas têm sempre a preocupação depois de trazer um elemento de fora, ligado à área, em que faz uma apreciação do seu trabalho e aproveita o trabalho deles para dar a conhecer a sua mensagem.

P: Isso principalmente na Área de Projeto?

R: Na disciplina de Área de Projeto do décimo segundo ano.

P: Fora isso, há aquela questão dos prémios que nessa área podia ser valorizada, mas que ainda não está...

R: Ainda não está concretizada. Há sempre e tenho a preocupação, ou eu ou alguém da Direção a estar presente nesse tipo de apresentações e claro, vai sempre aquela palavrinha...

P: De estímulo.

R: Que é importante que os jovens desta casa pensem nestas coisas, porque nesta sociedade egoísta em que nós vivemos e que só pensamos em nós, é importante ver que vocês contribuem para o bem-estar disto, daquilo e daqueloutro.

46 – Estimulam os alunos para desenvolverem esse tipo de ações?

R: Repare, mesmo esse tipo de trabalhos, muitos deles, ou a grande maioria deles, parte deles. Claro que o professor, na Área de Projeto, acaba por ser o quê? O peão. Portanto, ele é que aconselha, orienta, acompanha-os naquilo que é possível, mas muitas das coisas são eles próprios que sugerem o trabalhar nesta área.

P: Mas de qualquer forma, quando diz que quando apresentam esses trabalhos tem o cuidado, um elemento da Direção, ir assistir e dar uma palavra, também é um modo de os estimular...

R: Sim, sim, é isso mesmo. Não há prémio, vá lá, mas há...

P: Um elogio, um reconhecimento.

R: Não imagina, quando eles fazem as apresentações, a quantidade de convites que estão...

P: Portanto, isso é aberto à Escola e também...

R: É aberto à Escola e claro que têm a preocupação de deixar na Direção “Stôr, veja, apareça! É às tantas, apareça.” Porque eu acho que, por vezes, nós acabamos por não valorizar alguns trabalhos que são apresentados devido à quantidade de trabalhos que estão a ser apresentados e eu até no Pedagógico sugeri que se criasse numa determinada altura do ano, uma... não é a apresentação dos trabalhos, porque aí eles precisam de mais tempo, porque estão a ser avaliados, mas uma mostra de um dia, dois dias, num determinado espaço, daquilo que se fez na Escola, porque é uma forma até de levar os outros dos anos menores a...

P: Desenvolver esse tipo de projeto. E quando fala que tem o cuidado de um elemento da Direção ir lá elogiar, é também uma forma... sente que é uma forma de os estimular e de eles se sentirem reconhecidos por aquilo que desenvolveram?

R: É, porque dá-me piada, até mesmo, às vezes, nas situações de recursos das notas, haja alguns que até se servem “O Diretor até usou da palavra e valorizou o nosso trabalho...” Portanto, aquele tipo de...

P: Mas que é importante também estimular.

R: Eu acho que é importante, primeiro estamos presentes nessas coisas, arranjar um bocadinho, porque... o sentirem, como eles convidam os pais, também, há pais que assistem à apresentação deles, que acho que é extremamente positivo.

P: E ao fim e ao cabo, isso também contribui para a formação da personalidade deles e inculcar-lhes determinados valores, que é, também, aquilo para que a Escola serve, não é?

R: É a função da Escola, serve para isso.

47 – Como caracteriza o ensino e a educação que é proporcionada aos alunos, neste estabelecimento de ensino? É uma educação de qualidade?

R: Eu sou suspeito, não é?

P: Mas qual é a sua perceção?

R: A minha perceção, eu acho que nós temos condições para ministrar esse tipo de ensino e uma educação de qualidade e acho que é feita na casa, porque se não fosse feita na casa, certamente nós não teríamos a procura que temos. E a quantidade de miúdos que quer ingressar nesta casa, a nível dum sétimo ano e a nível dum décimo ano e,

também, nos anos intermédios, o tentarem entrar para quê? Para depois não passarem por aquele problema de entrar num décimo ano, uma vez que já cá estão...

P: E aí, eles procuram esta Escola porque acham que a educação que aqui é proporcionada é de qualidade?

R: Eu penso que sim.

P: Na sua perceção, o que é que a diferencia, essa educação, por exemplo, noutras escolas, que eles não procuram tanto?

R: Aqui para nós, portanto, claro que uma imagem, acho que a Escola tem uma determinada imagem e nós sabemos todos que funcionamos, também, um bocado com a imagem, não é? Não estou a dizer que aqui tudo corre bem ou que tudo é de qualidade, mas em termos...

P: Mas essa imagem resulta de determinados indicadores que...

R: Ora, se esta imagem... esta imagem não nasce por acaso, não é? Esta imagem nasce mediante determinados indicadores, ao longo dos anos e é natural, se as pessoas a procuram, eu não acredito que se tivéssemos aqui nesta casa um ensino de má qualidade, ela fosse procurada como é procurada, portanto isto... acabamos por...

P: Depois repercutia-se nos resultados dos alunos.

R: Isso mesmo e eles sabem porque os resultados dos exames que têm, a percentagem de alunos que entra na primeira opção a nível do ensino superior, portanto tudo isto...

P: É revelador...

R: E por vezes, nós professores dizemos “ah, os resultados não interessam.” Claro que interessam! Os resultados aqui interessam. Agora, não queremos resultados virtuais, queremos resultados reais e os pais acabam por... se eles a procuram, é por alguma coisa, não é? Eu penso que esta qualidade, para mim... a forma de medir, de melhor medir essa qualidade eu penso que é através da procura. Penso eu, quer dizer, não... é o mesmo, nós podemos comparar, o mesmo leva os pais quando vão procurar uma instituição do ensino particular, certamente eles não vão a qualquer uma, não é?

48 – A educação que é proporcionada aos alunos nesta Escola:

a) - Permite o desenvolvimento da sua personalidade?

R: Eu penso que sim. Agora, como?

P: Porque isto para concretizar o que é uma educação de qualidade...

R: Eu penso que nós todos temos a preocupação de inculcar neles valores, como nós tínhamos falado na terça-feira. Portanto, há aqui um respeito mútuo. Eu acho que nós, ao inculcarmos neles o respeito por todos os que aqui trabalham, estamos a fazer com que eles sejam bons cidadãos. A forma de se poder ouvir uns aos outros, sem atropelos, a sua participação dentro da sala de aula, o saber respeitar... ele meteu o braço no ar, portanto baixa o braço que eu já te vi, sei lá, esse tipo de...

P: Portanto, há uma preocupação dentro da sala de aula e também fora, de os educar nessas valências. E, também, quando ainda há bocado falou na Área de Projeto, todos esses...

R: O estarem sensibilizados para esses valores, que andam muito arredados da sociedade e... uma coisa muito simples, desde a proteção dos animais, depois de fazerem uma mostra de animais aqui no espaço exterior, mas isto depois não é só uma mostra, há um trabalho prévio e há a preocupação de trazer alguém para falar sobre essas temáticas.

P: E, portanto, isso é aberto a todos os alunos da Escola?

R: Sim, uma das grandes preocupações deles, também. Viu uma rampa de madeira que estava ali? Logo à entrada, quando nós entramos, no último lance de escadas, do seu lado esquerdo, está uma prancha de madeira? Essa prancha de madeira é a preocupação deles sobre a dificuldade de acesso que a nossa Escola tem.

P: Que tínhamos falado no outro dia, relativamente aos alunos com dificuldades motoras...

R: Então, eles fizeram um filme, simularam um miúdo num carrinho de rodas, desde lá de baixo até cá acima, as dificuldades do acesso e depois agarraram na legislação, chamaram cá alguém ligado a essas coisas, portanto e construíram uma rampa, pronto, para alguém que venha, pode dar o passeio todo pelos caminhitos e chega ali, já tem a rampa, mas depois encontra pela frente uma série de escadas.

P: Mas demonstra que realmente eles...

R: Que é uma preocupação deles, também. Eu acho que há aqui trabalhos bastante giros; quando eu digo giros, não é só a qualidade que eles apresentam, mas é acima de tudo aquilo que me toca, é o eles pensarem nesse tipo de problemas. Acho que é fundamental. Quando nós dizemos, às vezes, “ah, esta gente não pensa.” Pensa. Eles têm... eles são capazes de ter uma maior sensibilidade do que nós tínhamos quando tínhamos a idade deles. E têm a preocupação de falar sobre determinadas matérias. E acho que isso é engraçado.

b) - Permite desenvolver os seus talentos?

R: Aqui para nós, portanto isto é, vamos cair naquilo que também falámos na terça-feira passada: uma turma de vinte e oito, nós sabemos que o ensino diferenciado não existe, é impossível com vinte e oito alunos lá dentro. Também todos sabemos que, por vezes, um miúdo, se está numa turma com um determinado ritmo, ele até é capaz de ir muito mais além do que numa turma onde a rapaziada é mediana, não é? Isso é como tudo, e se calhar alguns pais até são capazes de dizer que “o meu filho foi prejudicado por estar numa turma onde tínhamos muitos talentos, onde estavam aqueles que estão sempre na linha da frente.” Eu penso que nós não cortamos de maneira nenhuma a possibilidade.

P: Mas também não conseguem muito potenciar e desenvolver esses...

R: Agora, temos consciência que, se calhar, não desenvolvemos aquilo que devíamos desenvolver, não é?

P: Mas depois, por exemplo – estou a pensar – no outro dia, falou que existia o Clube de Teatro...

R: Sim, sim, claro que há essas variedades todas...

P: Por exemplo, não sei se têm o Curso de Artes ou não nesta Escola...

R: Temos.

P: Ou então no Desporto Escolar.

R: Nós, o Desporto Escolar temos sempre premiados também, em termos de...

P: Têm?

R: Temos bons lugares e temos já mesmo clubes a olhar os nossos miúdos na área do volei. Na área do vólei, temos dado cartas, mas acho giro mesmo o trabalho que o grupo

de Educação Física tem vindo a fazer e tenta, também, envolver os pais. Portanto, os pais, por vezes, não é o ficarem à espera que os filhos acabem de praticar, portanto há sempre também um espaço, se eles, sei lá, uma vez por período, em que eles também são envolvidos e que também podem praticar e...

P: Ah sim, aqui na Escola?

R: Sim, sim.

P: Mas se já tem havido alunos premiados, significa que realmente têm potenciado os talentos nessas áreas e que têm...

R: Nós temos... eu digo em termos de equipa, mas eu sei, também, que há, nós às vezes nas competições onde entramos, nas competições a nível de Escola, logicamente, temos aquilo que em linguagem desportiva se chama “os olheiros” de alguns clubes a olhar para alguns miúdos...

P: Para depois virem buscá-los?

R: ... para os apanharem.

P: E há alunos...?

R: Sim, nós temos aqui miúdos que são federados e que jogam no Benfica, no Sporting...

P: Vólei ou futebol?

R: Futebol e vólei, também. Râguebi, também. Estou-me a lembrar, também, de ténis de mesa, portanto... e acho que é bom para os miúdos, não estamos a falar ao nível da competição, mas é bom para os miúdos eles saberem que, também, são bons e quando digo “também são bons”, às vezes eles na parte curricular, se nós olharmos para as notas, são capazes de andar ali na casa dos doze e depois chegamos à parte da Educação Física são capazes de se atirar para os dezoito...

P: São aqueles talentos que eles têm inatos e que se podem desenvolver, não é?

R: Isso mesmo. Agora, eu tenho consciência que se calhar num ambiente mais reduzido de turma, quem nos dera a nós que nós tivéssemos capacidade para, quando digo “nós”, o nosso país, as nossas Escolas, passado um determinado período do ano, chegarmos à

conclusão que há ali um grupo de quatro ou cinco ou seis, que têm que saltar para um patamar superior e passa a ser dado outro tipo de... não é?

P: Exatamente, mas não é possível, de acordo com as condições que existem?

R: Mas se calhar isto devia ser pensado e as coisas funcionavam completamente ao contrário. Não havia turmas, havia grupo e depois – estou a pensar alto...

P: Sim, mas se as coisas funcionassem de outra maneira e não com este esquema de turma, não é?

R: Isso mesmo. A Escola tinha de ser, tinha que funcionar de outra forma. Os horários dos professores seria... o professor estaria naquela sala, naquele espaço e aquele professor só dava aulas dentro do décimo ano, sei lá, a um nível mais avançado. A Matemática ou... então, os outros professores metiam-nos lá.

P: Os alunos podiam frequentar aqueles níveis de acordo com a sua evolução.

R: Um ensino por níveis.

c) - Permite desenvolver as suas aptidões mentais?

R: Eu penso que... repare, o participar nas Olimpíadas de Química, o participar nas Olimpíadas de Matemática...

P: Têm tido alunos que têm participado?

R: Sim, sim. O participar na... sei lá, participar no concurso dos tradutores, da Católica, nós estamos envolvidos nestas coisas todas.

P: Significa que realmente o trabalho desenvolvido pelos professores e a nível da Escola tem permitido desenvolver todas essas aptidões, portanto é que depois isso é revelado na participação deles nessas Olimpíadas.

R: E o nome da Escola vem daí, não é?

P: Exatamente.

R: O facto de a Escola ser conhecida, o facto de a Escola ser solicitada para participar nessas coisas, tudo vem daí, não é? A nossa participação, o empenho dos nossos miúdos...

P: O nível de exigência, também, dos professores, não é?

R: Claro, claro. Por isso é que eu digo: eu acho que nós, por vezes, somos acusados de forretas, mas eu entendo que temos de continuar nesse caminho, porque eu detesto, não quero cá resultados virtuais. É isso que eu peço aos professores.

P: Depois quando chegam à altura dos exames, vê-se logo.

R: Isso mesmo, aquele descalabro total entre uma CIF e uma classificação do exame.

d) - Permite desenvolver as suas aptidões físicas?

R: Sim, através do Desporto Escolar, muito e eles têm condições, a Escola tem condições para poder desenvolver isso, temos um pavilhão ótimo.

P: Exatamente. Disse-me no outro dia que o pavilhão tem...

R: Tem quatro ginásios.

P: Quatro ginásios!

R: Tem quatro ginásios. Nós depois damos lá um saltinho acima, só para ver, só para ter... se tivermos tempo.

P: Tem muito boas condições.

R: Tem condições para trabalhar e em termos de equipamentos... e depois isto é um círculo vicioso: nós como entramos no Desporto Escolar e depois vamos ganhando coisas, mais força temos para eles nos darem verbas para podermos equipar... e é... acabamos por fazer isso, não é?

49 – Que medidas foram contempladas no Projeto Educativo da Escola, destinadas a proporcionar condições aos alunos que lhes permitam:

a) - O seu pleno desenvolvimento físico?

R: Eu lá... agora não tenho presente, mas com certeza deve haver lá... sensibilizar os alunos para a participação nas atividades extracurriculares a realizar na Escola e nós temos o Desporto Escolar desde... todas as tardes, das cinco às sete, para os miúdos, para poder apanhar o maior grupo de alunos, em vez de estabelecermos que é ali das três e meia às não sei quê, assim, todos aqueles que querem participar, podem fazê-lo. As aulas terminam às dezassete horas, portanto...

P: Então, quer dizer, estava a dizer que essas atividades são de que horas a que horas?

R: Temos um espaço destinado...

P: As aulas terminam às dezassete. E depois?

R: E depois, das dezassete às dezanove, as atividades de Desporto Escolar estão nessa fatia.

P: E abertas a todos os alunos que queiram ir lá frequentar?

R: Abertas a todos os miúdos que queiram participar. Todos os alunos da casa.

P: Ah, muito bem.

R: O ideal...

P: E têm lá professores, nas horas da componente não letiva, não é, que dão a todos os alunos que queiram lá participar?

R: Sim, sim. Eles inscrevem-se, até porque nós temos um crédito...

P: Crédito de horas.

R: ...de Desporto escolar bastante acentuado.

P: Mas que advém também dos resultados que têm...

R: Portanto, ele é dado em função também dos resultados que produzimos, não é?

P: Exatamente, muito bem.

b) - O seu pleno desenvolvimento intelectual?

R: Eu penso que a questão de termos um Centro de Recursos sempre aberto desde as oito e meia da manhã até às... não quero mentir, mas nós fechamos às cinco da tarde, portanto se calhar até às quatro e meia, sem fechar na hora do almoço, o sensibilizar os professores para que junto das suas turmas incutam nos alunos a necessidade de conhecer o que é que aquele espaço tem, as potencialidades do espaço, organizar trabalhos de forma a que eles passem por lá, levem-nos a consultar aquilo que nós temos, portanto há esse tipo de coisas, não sei, não me vem assim mais à cabeça... e se calhar mesmo essa questão de participação nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, nas Olimpíadas de Matemática e não estamos a falar, quando falamos de Olimpíadas, eu não estou a misturar aquelas que começam por ser caseiras e depois, distritais, portanto é o mesmo nome, mas nós, também, participamos nelas, mas isto, por vezes, fazemos

outras internas só para os do sétimo ano, só para os do... tal; temos a preocupação, também, no princípio do ano, levar as turmitas dos mais novos, sétimo ano, numa aula de Português, o professor obrigatoriamente, portanto mediante um calendário, leva-os ao Centro de Recursos para eles conhecerem o espaço. Lá, o bibliotecário dá a conhecer o que é que é possível fazer, como é que se vai aqui, como é que se vai ali, portanto estimula-os a procurar e a investigar para fazer os trabalhos.

c) - O seu pleno desenvolvimento moral?

R: Nós lá no Projeto Educativo, falamos, também, muito da questão da formação cívica, o contribuir para o conhecimento dos seus direitos, dos seus deveres, os valores e apelamos, também, na nossa...

P: E têm projetos no sentido de desenvolver esses valores, não é?

R: Nós, a nível da Área de Projeto, mesmo a nível do terceiro ciclo do ensino básico, como eu lhe disse, no nosso Plano Curricular de Escola, procuramos elencar vários temas, em função das idades, temas que terão que ser abordados, podem ser abordados outros temas na Formação Cívica, mas obrigatoriamente todos os alunos desta casa que frequentaram o sétimo ano aqui, que chegam ao final do ano e de certeza absoluta que ouviram falar disto, daquilo e daqueloutro, portanto em determinadas temáticas...

P: Que tipo de temas, recorda-se por exemplo de alguns?

R: Sei lá, Educação para a Saúde, Educação para os Valores, Educação Sexual, sei lá, portanto coisas... alguns deles será chavões, mas nós não podemos andar a fugir muito disso, não é? Eles existem.

d) - O seu pleno desenvolvimento cultural?

R: Não sei, mas...

P: Ou visitas de estudo.

R: Vou voltar àquilo que disse há pouco. Mesmo nestas Olimpíadas de Língua Portuguesa, o sensibilizar através dos professores nas turmas, o sensibilizar os alunos a participar no concurso literário ..., apresentar trabalhos, o sensibilizá-los, nas turmas, através dos professores, a escrever para o jornal “Voz Ativa”...

P: Um jornal da Escola?

R: O nosso jornal. O realizar visitas de estudo, temos um clube – eu não quero chamar clube, mas pronto – um momentozito de fotografia, que também estes miúdos são sensibilizados... quando há uma atividade na Escola, de serem eles a fazerem a reportagem; por sua vez, essa reportagem vai para a página da Escola, esta reportagem vai, também, para o jornal, portanto, sei lá, o tentar agarrá-los ao máximo, com a prata da casa procuramos fazer as coisas.

e) – O seu pleno desenvolvimento cívico?

R: O pleno desenvolvimento cívico, continuo a dizer que é através de quê? Através das aulas de Formação Cívica, no caso dos mais pequenos, o levar a que o Diretor de Turma tem liberdade para, na sua turma, ou em grupo de turmas, trazermos alguém para falar sobre algumas temáticas que acham que é fundamental para o desenvolvimento deles. Isso faz-se. A nível dos mais velhos, também, sempre que possível, quando temos a... portanto, convidar alguém, que é preciso reunir turmas da área das Humanidades ou... portanto, em função das temáticas sobre a ética, no caso da Filosofia, temos a preocupação de trazer um jornalista, ou... portanto e procuramos, também, trazer figuras públicas que eles, de uma maneira ou doutra, até já as viram na televisão.

P: Mas o contato com entidades de fora da Escola.

R: E acho que é importante, não é? Eu lembro-me, há dois anos, na parte, também, da História, houve alguém que convidou o professor Hermano Saraiva.

P: E ele veio cá?

R: Todos nós o conhecemos, não é? Ele estava a falar, não naquele auditório grande, mas estive a falar para três turmas, num auditório mais pequeno que eu tenho. E lá estive...

P: O auditório grande é aquele aqui à entrada?

R: Este auditório grande, quando são coisas, sei lá, quando o Daniel Sampaio, agora já há um tempinho que ele não vem cá, mas o Daniel Sampaio já esteve naquele espaço, não quero mentir, se calhar umas cinco ou seis vezes, para alunos, para pais, portanto grandes grupos. É ali que eu faço esse tipo de atividades. Quando são grupos mais pequenos, tenho outro auditório que leva oitenta pessoas, equipado, com as condições para se poder trabalhar e procuramos depois trazer pessoas conhecidas.

P: Muito bem.

f) - A formação da sua personalidade?

R: Eu não estou a ver... para mim, tudo aquilo que nós estávamos aqui a dizer, todo aquele tipo de... a preocupação... primeiro, começando pela Direção, logo quando os recebe, o tentar inculcar neles o respeito pela casa. Se querem ser respeitados, acho que se devem dar ao respeito; o procurar sensibilizá-los para vestirem a camisola, porque só vestindo a camisola é que eles sabem apropriar-se do espaço, o espaço é deles, logo aí...

P: Integrá-los, ao fim e ao cabo, na cultura da Escola, não é?

R: Isso mesmo. No fundo, é contribuir para o bom clima de Escola. E depois, acho que atrás disto, vão outras coisas: os valores, a forma de respeitar cada um, a forma de se dirigir às pessoas, aos mais velhos, o ter a preocupação de ajudar alguém que esteja em dificuldades e não fazer de conta que não vê, não é o denunciar, mas é o alertar quem está a fazer asneiras, “é pá, não faças, não estragues, isto é nosso”, portanto esse tipo de...

P: Isso é feito não só na sala de aula, como também fora da sala de aula.

R: Logo, a Direção, a primeira vez que os cá recebe, alerta para essas situações todas.

P: E, também, têm a preocupação de chamar a atenção dos professores para terem...

R: Sim, sim. Na Reunião Geral de Professores, tenho a preocupação de alertar para isso, o fazer de conta que não vê, nunca devemos fazer isso, porque nós quando não vemos muitas vezes...

P: As coisas estão-se a passar.

R: ...às duas por três, somos confundidos por deficientes visuais e quando eles se apercebem que nós não queremos ver, então estão sempre a tentar. Por isso é que eu digo e peço aos professores sempre que aquele provérbio “o tempo é bom conselheiro”, na nossa profissão, não é. Eu se tenho um problema...

P: É encará-lo logo de frente.

R: ...não posso dizer assim “ah, amanhã as coisas correm melhor. Amanhã resolvo.” E às duas por três, no outro dia, na aula, já não é igual ao dia anterior, ainda é pior. E nós às duas por três, como eu costumo dizer em ar de brincadeira, eu prefiro apagar os fogos

nesta casa, com um extintor, do que ter que mobilizar os Sapadores todos aqui da zona. Portanto, não dá. Mas eu penso que indiretamente, todo esse tipo de conversa que os professores têm com eles, que os Diretores de Turma têm com eles, acho que é uma casa... eu não... pronto, não posso indicar aqui ou apresentar evidências sobre isso que eu estou a dizer, mas se eu pensar na forma como eles se relacionam cá dentro, sem haver aquela agressividade, sem haver conflitos, eu acho que tem que haver qualquer coisa que está por trás. Não estou, de maneira nenhuma, a dizer que os pais, em casa, não lhes transmitem os seus valores.

P: Como é óbvio, também têm um contributo.

R: Mas de certeza absoluta que aqui, também, há aquelas chamadas de atenção quando as coisas não correm bem, até porque sempre que um jovem vai para a rua, eu quero saber, nesta casa.

P: Há sempre participação, faz questão...

R: A participação que é feita, é feita ao Diretor de Turma e imediatamente cai em cima da minha mesa. Eu quero saber por que é que o jovem foi para a rua. E este jovem, a seguir, é chamado aqui abaixo. E digo-lhe logo “oh, pá, só quero saber... eu quero que tu saibas que eu também sei que tu estás cá fora. E o meu amigo agora não vai para a aula, o meu amigo vai ficar aqui à espera e vai na segunda hora. Na segunda hora entra e se continua armado em parvo, depois nós... a conversa já passa a ser outra.” E esta coisa de...

P: E tem resultado. Dificilmente eles aparecem uma segunda ou uma terceira vez.

R: Aqui para nós, são sempre os mesmos, não é?

P: Sim, mas se calhar...

R: Os professores, também, são sempre os mesmos a prevaricar, não é? A gente já sabe isso. Agora, alguns eu acho piada, é: com uma determinada idade, aparecem muitas vezes aqui; depois continuam na Escola e já sou eu próprio, quando me cruzo com eles, digo assim “É pá, as coisas ou estão a ser muito bem feitas ou então isso está a melhorar. Não nos temos visto. Houve uma altura em que estávamos sempre a cruzar-nos um com o outro, então como é que é?”

P: É sinal que as coisas dão resultado.

R: É sinal que as coisas resultaram. E eu acho que, quando há dias me perguntava, eu acho que a relação que eu tenho com eles, é uma relação aberta...

P: Isso é bastante importante.

R: E dá-me piada, portanto, na forma como eles me abordam também e alguns, é giro, alguns mais novitos, deve ser o fato de eles não pensarem que eu sou professor, ou que dou aulas, às vezes é “o senhor X”. E eu acho piada, porque eles devem pensar “bom, este gajo não dá aulas, se não dá aulas, não é professor.” Eu acho piada...

P: Mas é giro, portanto, eles ao fim e ao cabo... Mas eles manifestam respeito, também têm um sentido de confiança, também o procuram...

R: É isso que eu noto. Porque eles quando estão aflitos...

P: Vêm ter consigo.

R: ...vêm ter comigo. Mesmo aquelas situações dos que levaram mais na cabeça, aqueles tais que se cruzam muitas vezes comigo, ou se têm aquele tipo de...

P: Têm respeito, mas ao mesmo tempo sentem o seu apoio no sentido de os ajudar a ultrapassar certos problemas que eles têm.

R: É, é, porque eles sabem que eu sou capaz de passar a mão pelo cabelo, “é pá, pronto, deixa lá isso, eu percebo-te, deixa estar que eu ajudo-te” ou, sei lá, uma coisa caricata: partem um vidro, por qualquer motivo, ou com a mochila ou naquela fase de crescimento em que eles são piores do que os elefantes, numa casa de quinquilharias... partem o vidro e tal, e eu sou capaz de, depois de falar com eles, eles não devem estar à espera da pessoa dizer “eu já percebi, foi sem querer, e tal, isto acontece a qualquer um de nós, acabou.” E eles devem acumular, também, essas coisas, não é aquele indivíduo, o tirano, que o gajo, portanto, isso está aí, há alguns que não me podem ver, mas isso é absolutamente normal, não é? E outras coisas que acontecem às vezes aquelas picardias...

P: Entre eles.

R: ... fora da Escola, depois aquela coisa de virem, ou do amigo do amigo, “ah e tal, eu sei que ele...” sei lá, uma coisa qualquer que aconteceu no Bairro Alto, na noite. E aconteceu que eles sabem que ele anda na Escola “X” e às duas por três, às vezes

aparece um grupinho cá fora, à espera, aquele tipo de coisas que eles agora fazem e que eu não gosto. Eles, se eles não confiassem em mim, quando eles lá chegam abaixo ao portão e veem o caso mal parado, arrepiam caminho...

P: Vêm ter consigo.

R: ... vêm aqui, vem-me dizer “ah, aconteceu...”, “eh pá, mas eu quero saber tudo, não é por acaso que aparecem aqui caramelos”, “ah e tal, passou-se isto...”, portanto eles acabam por me contar aquilo que se passou.

P: Confiam em si, e sentem um apoio da sua parte...

R: É porque confiam em mim. Isso mesmo. Depois eu digo “eh pá, não te preocupes.”

P: ...que os ajuda a resolver os problemas deles.

R: “Não te preocupes, vamos já resolver o problema. Vamos telefonar à Escola Segura, ou eu próprio, esperas um bocadinho que eu, também, vou descer e sou eu próprio que vou falar com eles.” Pronto, e eles sentem esse apoio.

P: Isso é bastante importante.

g) - A sua capacidade de autoaprendizagem?

R: Sei lá, não sei se fala lá no... portanto essa questão de sensibilizar os miúdos para se dirigirem ao Centro de Recursos, o fazerem investigação, o termos lá pessoas que se abeiram deles e que lhes dizem “Então, mas o que é que tu queres saber?” “Ah, eu estou a fazer isto, queria saber...” “Então se calhar é melhor, olha, vais àquele armário, encontras isto assim-assim, deves ter a preocupação... primeiro, faz isto, depois aquilo”, pronto, esse tipo de...

P: Mas é estimulado nos alunos, mesmo pelos professores, o desejo deles investigarem, inclusivamente, para além do manual que eles têm?

R: Sim, sim, os outros tipos de trabalho e o professor tem a preocupação de, em vez de os mandarmos à Biblioteca Nacional, ou a outro lado qualquer, e em vez de dizermos, porque eles hoje em dia têm uma ideia que na Net é tudo bom, não é? E, por vezes, aquilo é chegar ali, tumba e cola. Não sabem seleccionar. E é importante que aqueles professores que nós, também, temos a fazer algumas horas no Centro de Recursos, todos eles têm a sua especialidade, não é, ou a sua especialização. Uns são de Biologia,

outros são de Matemática, portanto, aqueles que passam por ali acabam por ter, também, esse papel de ajudar a resolver algumas situações, de orientá-los. Portanto, o sensibilizá-los para isso, não estou a ver o que é que podemos fazer mais.

P: Por exemplo, também a nível de métodos de aprendizagem, a nível da sala de aula, normalmente já não são bem aquelas aulas em que o professor chega à aula e debita a matéria, mas também o estimula a fazer trabalhos de grupo, de investigar...

R: Sim, sim, eu penso que através mesmo destes, dos clubes da Matemática, o clube mesmo da... nós não temos nenhum da Informática, mas temos mesmo nas Línguas, eles acabam por, se calhar através desta... frequentando esse tipo de atividades que lhes damos, acabam por recolher alguns elementos ou pistas para depois se poderem organizar sozinhos. Mas em termos práticos, não sei se isto se passa ou não assim, mas eu penso que há condições para que isso se faça.

h) - A sua capacidade crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética?

R: Eu acho que eles têm abertura suficiente na casa, pelo menos é a ideia que eu tenho, a forma de eles estarem, para poderem usar da sua palavra e eu vejo e muitos convidados que nós trazemos aqui ao longo do ano acham... o tipo de questões que eles põem denota...

P: Nota que eles realmente desenvolvem o raciocínio crítico sobre...

R: ... que para miúdos desta idade, o estarem a apresentar determinadas questões e não são questões de ser o professor nas costas que diz “ah não, tu agora vais fazer a pergunta sobre isto.” Não, não. No meio do debate, há questões que a pessoa fica...

P: Isso significa que houve um trabalho prévio dos professores...

R: Houve trabalho da parte dos professores, mas também há um espírito crítico da parte deles.

P: Exato. Para estimular esse espírito crítico. Deve ter a ver com o modo como as aulas são dadas, métodos de ensino-aprendizagem utilizados...

R: Eu penso que sim. Portanto, não... mas é aquilo que eu digo, se me perguntar como é que eu demonstro isso, também não sei, mas tenho esse... lembrei-me dessa situação

de participação deles e vai assistir a qualquer coisa, mesmo que tenha miúdos do oitavo ou do décimo segundo, o que custa é o primeiro, levantar o dedo, depois... depois aquilo é... E é giro que mesmo em termos de assembleia, sabem-se respeitar. Não há atropelos. Portanto, geralmente, quando são...

P: Cada um usar a sua palavra no seu devido tempo, não se interromperem... Mas isso significa que deve ter havido um processo prévio de trabalho na sala de aula, para eles aprenderem essas regras, não é? É um trabalho que os professores têm desenvolvido com eles.

R: É isso que eu deduzo também. Quer dizer, ao longo do ano, ao longo dos anos, nesta casa, isto certamente, também, é trabalhado. Não é por acaso que ele chega ali e respeitam-se nas questões que põem, na pertinência das questões e, às vezes, coisas extremamente complicadas, não no sentido, elas não são postas no sentido de encravar, às vezes, quem está na mesa, com ar mauzinho, mas com ar crítico. E eu já tenho assistido, também, a debates com mais gente na mesma, principalmente ligados assim mais para a parte da política, mas eu quando são debates destes, costumo ter sempre de todos os quadrantes ali à volta da mesa, não vem cá só o Partido Socialista ou o PSD ou...

P: Mas, também, fazem convites a membros dos partidos para virem...

R: Convidamos membros dos partidos. Ainda há pouco tempo, quando foi o Dia da Europa, o ano passado só respondeu... portanto, endereçámos convites para todos, só respondeu o José Ferreira, está a ver?

P: Sim, sim, há um que tem um nome assim esquisito.

R: Não é bem esse, mas é capaz de ser. Também, já tivemos aqui a Edite Estrela, mais outras figuras de outros partidos. Este ano, a única que respondeu, e é giro que eu estava com medo disso, foi a Manuela Ferreira Leite, tinha ela deixado de ser presidente do partido...

P: E ela veio cá?

R: Esteve aqui, esteve ali naquele auditório.

P: E esteve a falar sobre o quê?

R: A falar aos miúdos sobre a Europa. Mas, achei piada, eu estava ao lado dela e estava, também, outro elemento de outro partido, Engenheiro... não me lembro agora, mas também não é daqueles muito conhecidos, mas que, de vez em quando, vemo-lo a falar também e achava piada, porque ela estava ao meu lado e diz-me ela assim “Não sei se hei-de dizer isto...” – como é que era? – pronto, com veneno ou sem veneno, não é? Digo assim, “Não, senhora, vai dizer sem veneno.” Eu estava na... achei piada ela, pronto, ela é política, não é? E se havia de meter lá o seu dedinho de PSD para morder o outro, mas acho que se portou lindamente e a forma como falou com os miúdos, achei piada. Eu não a imaginava assim. E, pronto, as questões que os miúdos puseram. Eu vi que ela, portanto ela esteve aqui no hall, estivemos antes de ir para ali, para aquele espaço, ela não estava à vontade, depois tinha saído havia pouco tempo de presidente do partido, mas depois achei que as coisas correram bem.

50 – A Escola desenvolve nos alunos uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: Temos a preocupação, na altura, ali para dezembro, salvo erro, temos a preocupação de chamar sempre gente, para falar sobre estas matérias, onde temos na mesa, sei lá, a Associação de Cabo Verde, a Associação disto, a Associação daquilo, portanto várias individualidades para falar sobre os direitos humanos; a AMI tem vindo aqui muitas vezes.

P: Portanto convidam associações, de modo a...

R: Sim, procuramos convidar...

P: E, provavelmente, também, na Área de Projeto, também há projetos que desenvolvem nesta área dos Direitos do Homem.

R: Sim, sim, mas agora eu estava a lembrar-me mais dos mais pequenos, a nível dos nonos anos, marcar esse período dos direitos humanos.

51 – Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta o desenvolvimento nos alunos, de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: Eu penso que sim. Acho que aqui na minha casa não há, não estou a ver nenhum professor com ar de ditador, “quem fala aqui sou eu, aquilo que tu dizes é uma porcaria,

não dizes nada.” Este ano tive aqui um contratado que me apercebi – mais velho que eu – mas um contratado que me apercebi que os miúdos deviam ter algum receio de ir para a aula dele. Quando digo “ir para a aula dele”, porquê? Porque, quando os miúdos diziam qualquer coisa, acho que era com cada sarabanda que até andava de lado. E depois um tipo de discurso enrolado que eu próprio quando falava com ele, tinha dificuldades em perceber o que é que ele dizia. Mas depois lá fiz algumas reuniões, primeiro com ele, depois fiz reunião com os miúdos, juntamente com o Diretor de Turma, perguntaram-me “vamos lá saber, mas o que é que se passa? O que é que os meus amigos andam a fazer para o professor falar desta forma com vocês?” “Ah e tal, nós não podemos dizer nada, depois nós, às vezes, até procuramos não dizer nada, senão levamos logo na cabeça e depois aquilo passa, mas passado um bocado, ‘pois estás a ver? Mas tu a pensar desta forma’... portanto estar a repisar. E depois fui a uma aula dele, onde estavam os miúdos e pronto, pus aquilo tudo em pratos limpos. Disse que, com certeza que...

P: Foi a uma aula deles?

R: Sim, sim. Comecei por, primeiro, ouvir os miúdos aqui à volta da mesa. Só. Assim delegado e subdelegado e outros; depois, fui a uma aula da Diretora de Turma, onde disse “Estou aqui hoje para vos ouvir. Quero saber tudo. Tudo, mas coisas verdadeiras, não é... e quero, também, saber o que é que vocês fazem para que isto aconteça.” Depois, terminei com o ir a uma aula do professor e falei sobre o assunto, disse ao professor que tinha tido uma reunião com eles, “Também já falei com o professor sobre isto, mas eu quero que isto acabe, tem que acabar, senão assim não trabalhamos, eu não quero que subam aquelas escadas a pensar que vão para a aula do professor José qualquer coisa, não quero isso, porque eu também não gostaria, não estaria disponível” e depois fiz uma coisa que me chateia, que eu nunca tinha feito isso, que é arranjar maneira de não ficar cá para o ano. Se eu quisesse, até lhe tinha completado o horário. Ele era contratado, mas entendo que...

P: Pois, ao fim e ao cabo, são hábitos enraizados na pessoa, que já não se consegue alterar.

R: Não pode. É isso mesmo. Ele... e depois, guerras mesmo em termos de pais, pais professores daquela área, a porem em causa a forma como ele ensinava, foi um ano complicado aí nessa matéria.

P: Mas, fora isso, na generalidade, os professores usam o método de ensino aprendizagem que conta com a participação dos alunos?

R: Eu acho que a grande maioria dos professores desta casa são recetivos. A primeira resposta pode ser “não”, mas eles ficam a pensar naquilo, não sei se me estou a fazer entender. Aquilo que nós, também, falámos na terça-feira, aquele professor que chega ali e quando o aluno diz “oh stôr, mas eu ontem à noite...” Mas o professor até tinha visto aquilo há três ou quatro dias atrás quando preparou a aula. Mas ele, ontem à noite, já viu a alteração e do professor dizer “ah não, isso é mentira, ouça lá, o que é que está a fazer? Eu sei mais do que você, não acha?” Esse tipo de reguilice não há, portanto é sinal que se ouvem uns aos outros, não é?

P: Aliás, quando refere que eles vão a esses debates e realmente têm esse espírito crítico, é sinal que isso também é desenvolvido na sala de aula, é praticado na sala de aula.

R: É isso que eu, também, digo e quando estou sentado e geralmente quando vêm cá alguns convidados, portanto têm sempre a preocupação de me convidar para eu estar na mesa, para dar umas palavrinhas antes de... e assisto, geralmente até sou eu que coordeno depois as inscrições e é isso que eu, também, penso. É giro, estou ali e digo assim “Bolas, isto não é por acaso porque de certeza absoluta que os professores da minha casa devem fazer esse tipo de trabalho com eles.” Porque eles chegam aqui, a este espaço, em que não conhecem as pessoas, estão completamente à vontade em termos de pôr as questões.

P: E põem questões pertinentes?

R: E põem questões, mas põem questões pertinentes. Para os convidados acharem que, para a idade deles, algumas perguntas que fazem, e eu tenho aí alguns, uns que já saíram, outros que ainda cá andam, em termos partidários, de vez em quando, em determinadas reportagens, a pessoa vê-os já a andarem lá nos partidos.

P: São filiados.

R: Eu detesto...

P: São miúdos que têm um espírito de participação cívica e na sociedade...

R: Ou levados pelos pais ou, sei lá, não sei, mas lá estão e vê-se o tipo de questões que eles põem.

P: São miúdos interessados.

R: Não são questões de... da altura, portanto não são, são questões que já são tratadas.

P: Que se vê que há ali um raciocínio sobre essas... e pensadas.

52 – Os códigos de comportamento que são transmitidos pelos professores aos alunos também permitem desenvolver nestes, um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: Eu penso que sim. Quando nós exigimos... agora, se um professor não permite que o aluno esteja mal sentado e ele senta-se sobre a secretária, não é?

P: Mas isso...

R: Mas eu acho... portanto é que aí a democracia, só há democracia para um lado, não há democracia para o outro. Eu não concordo com isso. O mesmo acontece com a questão dos telemóveis, a questão das entradas, a questão do respeitar, o procurar estar a horas, a questão do respeitar os prazos que se estabelece para os trabalhos de casa, tanto no dar diretrizes, como no receber os trabalhos, portanto há aqui uma série de procedimentos, de regras, de normas que a casa tem, que no fundo, contribuem para.

P: E eles próprios, os próprios professores dão o exemplo, através dos seus próprios comportamentos, não é?

R: Aqui para nós, eu também sei que é capaz de termos aqui alguns outros, os tais prevaricadores que não têm pejo nenhum de atender o telemóvel na sala de aula. Isto depois sujeitam-se.

P: Aí estão a dar um exemplo negativo, não é?

R: Nem mais. Ora, eu pergunto, que autoridade é que este professor tem, embora depois este professor tenha sempre a mania de dizer assim “ah, mas eu sou o professor.” Não é. É o professor, mais uma razão para dar o exemplo. Porque os miúdos... como é que eu sei essas coisas? É depois quando aquilo dá para o torto, eles chegarem aqui e dizerem-

me, “Oh Stôr, mas também o professor já não é a primeira vez que atende o telemóvel dentro da aula.” E a pessoa lá diz “É pá, não será bem assim. Se calhar, numa altura qualquer, ou...” Aquele jogo de cintura que fazemos. Mas elas ficam cá.

P: Para disfarçar a situação.

R: Isso mesmo. Mas depois, junto do professor, “É pá, por favor, vê lá se tens juízo, porque estás a arranjar maneira de, um dia qualquer, depois eu ter que passar isso a... a ter que atuar, porque os miúdos até têm razão. E eu não posso dizer a eles que eles têm razão.”

53 – De que modo a Escola desenvolve nos alunos o respeito:

a) - Pelos seus pais?

R: Eu penso que é... a Escola respeitando os seus pais e quando digo “respeitando os seus pais”, é a forma como o professor aborda determinados assuntos, sei lá, uma coisa muito simples: vamos imaginar que o miúdo chega à aula e diz assim “ Oh Stôra, o meu pai disse qualquer coisa.” Vamos imaginar que o professor tem este discurso “ Mas ouve lá, mas quem é o teu pai para...” Ora este tipo de discurso, para mim, é um discurso negativo. Isso é um discurso que, em vez de estar a criar a aproximação entre as famílias e a Escola, está a criar o tal fosso, em que, dum lado estão uns e do outro lado, estão outros. E eu penso...

P: E chama a atenção aos seus professores para não terem esses comportamentos?

R: Sim, sim, estes são os recados que eu dou no primeiro... quando faço a Reunião Geral de Professores, aqui naquele espaço, onde eu digo “Por favor, vamos evitar que isto aconteça, porque se isto acontecer, nós estamos a criar uma situação, estamos a dar oportunidade a que um dia mais tarde isto se volte contra nós.” Faço uma comunicação também por escrito, geralmente é a comunicação número um, onde aparecem várias coisas, alguns procedimentos a ter, no sentido de se evitarem situações de conflito. Portanto, agora se o professor tem cuidado com a forma como fala do pai, ou uma das coisas que os miúdos são muito sensíveis e que dá muitas vezes direito a agressões cá dentro, é se algum colega diz qualquer coisa da mãe ou diz qualquer coisa do pai. Eles estão numa idade em que podem estar sempre em desacordo com a mãe ou com o pai, mas se alguém de fora diz uma coisa destas... ora o mesmo acontece se o professor no

seu discurso, também, dá a entender que o pai é irresponsável ou outra coisa qualquer; ora isto é o bastante para ele também chegar a casa e dizer assim “ah, a professora até disse isso da família, ou disse isso do pai ou da mãe.”

P: E para além disso, tem outro tipo de atuação, de forma a desenvolver neles o respeito pelos pais, sei lá, por exemplo, dando-lhes conhecimento da vida escolar deles, participando...?

R: Nós temos a preocupação, portanto como em todas as escolas, temos aquela hora do atendimento, não é? E temos a preocupação também e a grande maioria dos professores muitas vezes através do telemóvel, se o pai não aparece, o alertar, atenção, não é só a questão das faltas, para algumas atitudes menos corretas que eles possam ter, há a preocupação, também, de os professores, quando o Diretor de Turma, quando sente que não tem eco do outro lado, até tem a preocupação, também, de me envolver, portanto, pronto, já é ou um telefonema meu, para o paizinho, a dizer “olhe, eu gostava muito de falar consigo...”

P: E os pais são participativos, ou tem muitas situações de pais que, pura e simplesmente, não...

R: São. A taxa de adesão dos pais nas reuniões é bastante elevada, desde o sétimo até ao décimo segundo.

P: Isso é revelador.

R: Eu sei, também, que a Associação de Pais tem graves problemas em conseguir arranjar associados. Parece uma contradição.

P: Parece uma contradição porque no outro dia disse-me que tinha uma boa impressão da Associação de Pais.

R: Não, eu tenho uma boa Associação de Pais, mas a Associação de Pais – vá lá – será, são uns doze – estava a falar da Direção – mas depois em termos de associados, ora numa casa onde há mil e cem alunos haverá, teria que haver dois mil e tal pais, não é? Ora e eles são pouco mais ou menos... têm esse número de pessoas associadas. Como é uma casa que não é complicada...

P: Pois, não sentem necessidade...

R: Nem mais! Portanto, uma Associação de Pais numa casa destas, também tem alguma dificuldade em se impor. E tem dificuldade porquê? Porque eles, muitos deles não passam pela Associação de Pais, têm à vontade, certamente, querem falar com o Diretor. E apresentam... só apresentam as coisas à Associação de Pais, quando eles sentirem da parte da Direção que não está a dar resposta. Não sei se me estou a fazer entender.

P: Sim, sim.

R: Agora, se fosse uma casa onde existissem sempre conflitos, conflitos laborais, guerras entre pais-professores, pais-Direção...

P: Aí a Associação tinha um papel mais ativo.

R: Tinha um papel muito mais ativo. Eu percebo que eles... Agora, em termos individuais, a participação deles nas reuniões é bastante elevada.

P: E, também, falou que, em muitos eventos que aqui fazem, também convidam os pais, não é?

R: Sim, sim, sempre.

P: Portanto, estimulam assim o sentido...

R: Eles estão representados em todos os órgãos, temos a preocupação quando, sei lá, eu no jantar de Natal, eu no jantar de Natal, a preocupação sempre do presidente da Associação de Pais...

P: Convida também.

R: Sim, sim, portanto será o representante dos pais no jantar, o presidente da Associação de Estudantes, eu também o convido para estar, pronto, será para representar os alunos, mas quando há um teatro, ou outro tipo de atividade, faz-se um convite aos pais para estarem presentes.

P: É importante.

b) - Pela sua identidade cultural e nacional, língua e valores?

R: Acho que não há... eu acho que aqui dentro há respeito por todos. Com certeza que se entrar aqui ou se estiver atenta à entrada dos alunos lá em baixo, se calhar até é capaz de ter o comentário que teve um elemento... o Presidente da Associação ou da Guiné ou

de Cabo Verde, já não me recordo, numa altura, numa cerimónia, numa conferência sobre os direitos humanos, em que ele achou muito estranho olhar para o auditório, que tinha... estavam lá se calhar cem pessoas, no auditório, e só viu um ou dois de cor, ou só tinha visto um de cor...

P: Pois, como referiu no outro dia, que tinha muitos poucos alunos de outras nacionalidades ou de outras origens.

R: E porquê? Não é por eu fazer separação, nem pouco mais ou menos, ou porque a Escola não os quer cá, nada disso. É... estes miúdos, geralmente no seu percurso, estão mais atrasados do que outros. Quando eu digo “mais atrasados”, em termos de idade, não estamos a falar em termos de competências. Por qualquer motivo, sei lá, um miúdo... já não estamos a falar... um miúdo do Bairro da Boavista, pronto, vamos imaginar. Um miúdo do Bairro da Boavista, ora, dificilmente tem acesso a esta casa, porquê? Porque como nós selecionamos os mais novitos, é natural que o miúdo que vive no Bairro da Boavista, que tenha problemas em casa, que já reprovou um ano, basta reprovar um ano para já estar mais atrasado em relação à grande maioria dos alunos.

P: E depois não consegue cá entrar.

R: Não consegue entrar aqui. Se não consegue entrar aqui, também no décimo ano, como nós temos procura, passa-se precisamente a mesma coisa. Como não entrou, não entra, não é? Por isso é que olha para aqui e vê poucos alunos de cor. Alunos de outras culturas, eu recebo-os desde o momento que obedecem aos critérios, mas não os marginalizo, nem pouco mais ou menos, portanto, eu estou-me a lembrar do caso dos miúdos ucranianos. Também começam o ensino primário deles mais tarde do que os nossos, o que quer dizer que, quando chegam aqui, ao sétimo ano, já estão mais velhos um ano do que os outros. Já não conseguem entrar. Quando chegam ao ensino secundário, se o curso que eles escolhem é um curso onde obriga a passá-los todos a pente fino, também já não entra.

P: E mesmo miúdos, por exemplo, portugueses mas de outras culturas, existem cá ou...?

R: Repare, é mais... nós temos mais brasileiros...

P: Mas têm?

R: Temos brasileiros, temos aí uns brasileiros. A grande maioria deve ser miúdos brasileiros. Eu tenho muitas vezes, eu recebo miúdos através da – não sei se é Entreculturas, não é Entreculturas – pronto, uma agência de trazer miúdos de outros países para famílias, que estão a viver em casa de famílias cá em Portugal e enquanto estão em Portugal, estão a frequentar uma Escola. Tenho...

P: Mas não são alunos regulares?

R: Não são alunos regulares, mas são capazes de estar cá o ano todo, mas não precisam de ter notas, pronto, têm menção qualitativa. Estava a tentar lembrar-me qual é a agência que os mete cá. Não é a AFS, não me lembro agora. Desde alunos colombianos, chilenos, alemães, dinamarqueses, portanto tenho, sei lá, posso ter um conjunto de quatro ou cinco, espalhados em várias turmas e eles estão perfeitamente integrados. Agora, como eu lhe disse na terça-feira...

P: Mas depois seguem o currículo normal?

R: Sim, portanto eles estão aqui um ano. Têm notas nalgumas disciplinas, noutras não têm, não sei depois como é que é, levam uma informação nossa, mas cumpridores...

P: Mas alunos mesmo aqui a frequentarem regularmente, não...

R: Agora, regulares, tenho poucos alunos, mas tenho... a grande maioria deles serão brasileiros, que eu tenho...

P: Mas portanto, por exemplo, relativamente aos brasileiros, há a preocupação de desenvolver nos alunos o respeito pela sua identidade cultural e nacional, a língua, os valores?

R: Sim, sim. Nós temos um grupo, temos aí um grupo de dança. E nesse grupo de dança, temos miúdos de outras culturas. E é giro que é aí que eles se refugiam e a professora procura, também, no seu – como é que hei-de dizer? – na atividade desenvolvida pelo grupo...

P: No repertório deles, integrar, por exemplo, danças...

R: ...de explorar danças do país deles, não é?

c) - Pelos valores nacionais do país em que vivem?

d) – Pelos valores nacionais do país de origem?

e) – Pelos valores de outras civilizações?

R: Eu não sei, mas uma coisa é certa: eu não acredito que, nesta casa, e isto nunca me caiu em cima da mesa, de aparecer algum professor que tenha um brasileiro na sala de aula e que diga que os brasileiros são isto, são aquilo, são aqueloutro, o procurar...

P: Põe-se é a questão dos valores nacionais do país de origem, o respeito...

R: ... o procurar pôr em causa o hino deles, porque é muito não sei quê, ou a bandeira, que é muito berrante, ou pouco berrante, ou os hábitos que eles têm...

P: Portanto, dessa maneira são respeitados os valores, os hábitos, os comportamentos...

R: Eu acho que sim. Não sinto isso. Ora, se não sinto, não há aquilo que nós acompanhámos, como em França, portanto, a questão do véu ou do não... das miúdas. Portanto, eu não tenho assim nada que me diga que a Escola não respeite.

P: E, por exemplo, não fazem às vezes trabalhos em que mostram os valores ou os costumes de outras culturas, de outros países?

R: Olhe, eu sei que, principalmente a nível do básico, às vezes, há a preocupação do próprio...

P: Ou dos valores de outras civilizações, por exemplo?

R: ... há a preocupação da parte do Diretor de Turma de dar palco, vá lá, a este tipo de miúdos, para poderem contar, às vezes, coisas que se passam nos países deles.

P: E fazem como, na sala de aula, em trabalhos...?

R: Na sala de aula, ou um trabalho de pesquisa sobre, levando os outros também a, e depois este funciona como não um júri, mas, vá lá, será aquele que, o fiel da balança, que é... aquilo que eu pesquisei, sei lá, no país não sei quê, desenvolve-se mais a dança não sei quê ou a comida não sei quê. E ele está ali e até pode ser questionado “Tu também sentes isso, na tua terra como é? Quais são os teus hábitos alimentares?” Sei lá, há essa preocupação, que para mim é uma forma de integração, não é? Para ele não se sentir marginalizado. Um dos problemas que os miúdos brasileiros, também, sofrem aqui, é: como sabe, os adjetivos deles são descontraídos dos nossos, não é?

P: Pois, a questão da língua.

R: E acontece que, por vezes, chega aqui um miúdo em novembro, porque acabou lá – vamos imaginar – o oitavo ano, dá-se equivalência e o gajo vai entrar já no nono ano. Ora, pode acontecer que ele acabou lá, vai frequentar o nono já com estes a... que iniciaram em setembro, mas ele entrou em novembro. Este miúdo, por vezes, se não tem, também, a família a jogar-lhe a mão, o miúdo sente-se mal.

P: Por causa depois, a maneira como escreve, não...

R: A maneira como escreve, a forma, a postura dele...

P: Exige-se, ao fim e ao cabo, a correção na língua portuguesa...

R: Eu não sei se não será dele entrar já a meio da viagem, porque se ele entrasse aqui em setembro como os outros entram, ele era visto como igual a todos os outros.

P: Assim, parece um *outsider*, como caiu no meio, como se fosse outro que viesse de outra Escola e aparecesse...

R: Caiu e depois caiu, quem é ele? Não é o António, nem o Samuel, nem o Francisco, é o brasileiro.

P: É o brasileiro. E aí eles sentem um bocado de discriminação.

R: E aí, às vezes, sentimos isso.

P: Mas quando estava a falar, por exemplo, da questão da língua...

R: A questão da língua...

P: ... que é depois a questão da escrita, do português...

R: A questão da língua, depois há a preocupação também nossa de, quando chega o final do primeiro período, de se propor, ou até mesmo nas reuniões intercalares que fazemos ali em outubro, se o professor se apercebe desse tipo de problemas, há uma preocupação da Escola em lhe dar tipo apoio, não é? Para tentar superar as dificuldades.

P: Não sei depois, também, se tem alunos, por exemplo, dos países africanos de língua oficial portuguesa? Tem ou não tem?

R: Não. Repare, hoje em dia, esta rapaziada que nos chega aqui é já rapaziada que já nasceram cá, aqui para nós.

P: Mas tem esses alunos? Porque esses alunos às vezes apresentam graus de dificuldade, às vezes, na língua.

R: Sim, também temos. Mas eu sinto que esses miúdos, já não é aquilo que... eu já não os considero, como é que hei-de dizer? Já não os considero estrangeiros, ou vir de outro país porque, no fundo, eles já são naturais daqui.

P: Com outra origem, outra cultura, estão completamente enraizados e não se nota diferença...

R: Não, o que pode acontecer é o tipo de vocabulário em casa, porque os pais ainda são... nasceram lá...

P: Pois e depois disso pode refletir-se um bocado na forma da escrita...

R: Na escrita, na forma oral de apresentar as coisas...

P: E depois aí, têm aulas de apoio?

R: Sempre que se torne necessário e que o professor entenda que deve propor aulas de apoio para esse tipo de situações, a Escola arranja maneira, mesmo não tendo crédito horário para o fazer, negocia com alguém, no seu tempo de estabelecimento, na hora do tempo de estabelecimento, que é aquela coisa, o “ninho”, não é?, Que a tutela, também, não é muito claro se é letivo, se não é letivo, e tentar “olha, dás isso, retira-se isto ou retira-se aquilo.”

54 - A educação dada aos alunos prepara-os para uma vida responsável, numa sociedade livre?

R: Eu tenho a impressão... estamos a falar, eu posso falar... duas formas de falar sobre esse assunto. Eu considero que a educação que lhes estamos a transmitir nesta casa, a preocupação... penso que sim, mas ao mesmo tempo, considero que aquilo que se pretende hoje em dia fazer nas escolas estamos a contribuir para que eles se tornem miúdos por vezes muito dependentes, durante muitos anos e por vezes irresponsáveis. O que é que eu quero dizer com isso? Eu quero dizer que aquela coisa de nós todos estarmos constantemente a desculpar, eu acho que não os estamos a tornar responsáveis. Mas isto tanto falamos desta casa como de tudo.

P: Como em casa, com os pais.

R: Como em casa, tudo.

P: Mas isso também se passa aqui na Escola.

R: Claro que se passa. Aquela coisa de “olha, para a próxima vez, eu já não te aceito mais nenhuma justificação de faltas, porque eu sei...”

P: Depois na vida real, se calhar na empresa, isso já não vai acontecer.

R: Não acontece. Por isso é que eu digo, acho que não estamos a torná-los responsáveis. Depois, aquela coisa de procurarmos sempre resolver os problemas do menininho, que eu acho que devemos resolver mas, também, devemos fazer ver que ele precisa, também, desculpe o termo, de se desenrascar, não pode estar sempre à espera que o adulto lá lhe jogue a mão; eu costumo dizer em ar de brincadeira “é pá, todos nós erramos.” Todos! Agora, o indivíduo quando erra na mesma coisa mais do que uma vez, é pá, há duas situações: ou é burro, ou então não quis ouvir a mensagem. Mas como eu não tenho burros aqui dentro, certamente não quiseste ouvir a mensagem, portanto não fiques à espera de nós fecharmos os olhos outra vez, portanto acho que tens de assumir os teus atos.” E eu acho, não é só esta Escola, mas acho que a Escola em si, estamos a criar nos meninos, por vezes, uma situação de exagero em termos de protecção. Eu não sei se fui claro.

P: Percebi perfeitamente. Ao fim e ao cabo, também, é um reflexo da educação que é dada em casa, aos filhos.

R: Porque em casa nós fazemos isso, também, com os nossos filhos. Porque eu acho, nós não...

P: Eles agora cada vez mais são mais superprotegidos, cada vez mais tarde saem de casa dos pais, têm tudo muito mais facilmente...

R: Claro que eles sabem... nós quando tínhamos... eu lembro-me, vim para Lisboa e tinha uma determinada verba para gastar. Eu tinha que fazer a gestão daquela verba. E eu lembro-me de comer na cantina, lembro-me da primeira vez... em casa, eu não comia couve, porque havia sempre o bifinho para o menino...

P: Aqui, passou a comer.

R: E lembro-me, na cantina, ah, couve enrolada com salsicha! Alguma vez...? Então eu, na minha casa, não como... mas tive azar, porque naquele mês, já numa determinada altura, já não havia dinheiro para eu poder comer fora, ora a partir dali, foi remédio santo. Portanto, isto só para dizer que eles estão sempre...

P: Estão super protegidos.

R: Os nossos filhos, eu dá-me piada, às vezes, claro que temos que ter cuidado a dizer as coisas porque depois eles interpretam às vezes as coisas doutra forma, porque eles julgam-nos, os pais têm o direito de nos apoiar sempre.

P: Ou o dever.

R: Claro que temos, somos os pais deles. Agora, eu não posso também, de maneira nenhuma...

R: Nós estávamos a falar...

P: Da questão dos filhos. Que acham que é um dever dos pais...

R: É aquela coisa de... porque eu não aceito, de maneira nenhuma, se eles vivem com dificuldades, vamos imaginar, tantas dificuldades em termos de... na sua gestão familiar, mas não têm pejo nenhum, se for preciso ir para a neve, um fim-de-semana, vão! Quer dizer, isto a mim faz-me uma certa confusão. Para a minha formação... e claro que eu, às vezes, digo à minha mulher “É pá, não pode. Eu acho que não pode. Eu acho esse tipo de coisas, acho que isso mexe comigo. Claro que nós nunca vamos pôr, ou nunca vamos jogar isso em cara, quando pedir dinheiro...”

P: Mas ficamos a pensar nisso.

R: Não é? Porque eu acho que esta rapaziada pensa duma forma completamente diferente.

P: Não têm sentido de responsabilidade. É porque ao fim e ao cabo, eles pensam “o pai está ali sempre para nos dar e ajudar em tudo” e não viveram uma situação de dificuldade...

R: Isto vai ao encontro daquilo que nós, há bocadinho, estávamos a dizer..

P: Por exemplo, eu não sei, se não é indisciplina, o Doutor de onde é que veio?

R: O meu pai era feitor agrícola, portanto...

P: Mas de onde é que o Doutor era?

R: Beja, sou de Beja, sou alentejano.

P: Pois, eu também sou algarvia. Aos meus dezassete anos, tive que vir para Lisboa estudar, porque no Algarve não havia universidades.

R: Foi o meu caso, também. Eu venho para um quarto, tinha uma mísera bolsa que eles para aí davam, mas pronto, que ajudava, o meu pai dava-me algum e fazia a gestão daquilo.

P: Mas ajudou-o a aprender a ser um homem, ao fim e ao cabo, e enfrentar a vida real, o que eles agora não têm.

R: Quando há bocadinho eu lhe dizia que nós estamos a criar, também, miúdos irresponsáveis, porque eles estão sempre à espera de haver alguém que lhes vá cobrir as costas, como se costuma dizer. Quer dizer, isto não pode. Eu sei que nós fazemos tudo pelos nossos filhos e...

P: Pois, por um lado é bom eles terem melhores condições do que nós tivemos.

R: Claro, não é isso que está em causa.

P: Mas há aqui qualquer coisa que depois falha.

R: Mas há qualquer coisa... há, há. Eu sou um indivíduo que detesto quando eu vejo falta de coerência nas coisas. E depois vejo aqui... mas são capazes, ao mesmo tempo, de criticar o pai ou a mãe, porquê? Porque “ó pá, então mas tu continuas ainda ligado, sei lá, ainda continuas ligado à TV Cabo? Então, mas ouve, a MEO faz essas condições...” Dá-me piada, depois como é que eles nalgumas coisas andam a saltitar dum lado para o outro, à procura do mais barato e não se privam de determinado... faz-me uma certa confusão.

P: E é uma falha da Escola, dos pais...

R: É de todos. Cá está, é aquilo que eu disse há pouco, que é: o nós estarmos constantemente a desculpar, o facilitar, o deixar, “ah, mas ouve, mas tu não podes fazer isso, continuas a fazer, mas ouve, mas afinal...” Depois o menino faltou, o professor arranja maneira de lhe dar outra prova, o menino esqueceu-se do material em casa, que

era fundamental para trabalhar, então vamos ali, arranjamos... eu vejo nas pequeninas coisas, quando eles vêm fazer exames nacionais.

P: Como por exemplo?

R: Da questão de... ou esquecem-se da máquina de calcular ou, sei lá, ou trazem uma caneta que à partida se calhar já está quase a acabar e a caneta acaba-se a fazer o ponto, ou o esquecerem-se do Bilhete de Identidade, ou...

P: E acham que isso não tem importância nenhuma.

R: Mas é isso mesmo. E depois a forma como... pronto, o não vir, o vir ver as pautas na hora, a correr, lá vai, quer dizer, isto para mim tudo... mas isto, os tempos são outros.

P: Outra coisa que, também, refere no Projeto Educativo, que é – agora não me recordo as palavras exatas – mas eles... relativamente ao comportamento que eles têm aqui na Escola, falta de um bocado de respeito institucional, a Escola mantém neles um comportamento mais tipo familiar, não conseguem distinguir entre o comportamento que devem ter em casa e o aqui na Escola, isso é um reflexo, ao fim e ao cabo, da educação que lhes é transmitida também, não é?

R: É, porque eu acho, quando na terça-feira me perguntava o que é que eu achava da relação que eles tinham com os professores, com os funcionários, eu acho que é uma relação boa. E essa relação mantém-se e penso que essa relação é que, também, faz, contribui, para que eles acabem por olhar para a Escola como uma continuação da casa, não sei se me estou a fazer entender.

P: Mas isso por um lado pode ser bom, mas por outro lado, também é negativo.

R: Isso mesmo, porque nós...

P: Por causa depois do comportamento.

R: Depois nós temos que pensar que numa casa, eles são quatro, no máximo, vá lá. Agora, numa Escola, eles não são quatro, eles são muitos. E isto gerir quatro é diferente do que gerir muitos que se esquecem disto, daquilo, quer dizer...

P: E o mesmo é, eu às vezes penso que, por exemplo, eles quando acabarem a sua vida escolar, vão para uma empresa. Eles não podem ter os mesmos comportamentos que aqui têm, eles não podem ir vestidos da mesma forma que vêm para aqui...

R: Isso mesmo, quando andam aí com as calças cá em baixo, eu digo-lhe uma coisa, eu por vezes...

P: Ou de calção e chinelas, como vai às vezes para o exame, etc.

R: Não pode, não pode. Claro que, o caso...

P: Também não têm que vir de fato e gravata, mas...

R: Nem pouco mais ou menos, mas eu por vezes...

P: Há uma certa displicência...

R: Eu muitas vezes, também, digo aqui a eles nas atitudes que eles têm e tal e eu depois, às vezes, digo aqui na frente dos pais “é pá, como é que é possível? Tu tens que te convencer... tu agora deves dizer assim ‘é pá, este, pronto, este gajo está-me aqui a chatear a cabeça, está-me a dar na cabeça por uma coisa que não é nada.’” Não, é. É muito.

P: Não é o desvalorizar um bocado a Escola?

R: “É muito, porque tu chegas ao mundo do trabalho, aqueles gajos – vou dizer na linguagem deles – aqueles gajos põem-te na rua. Já não vão falar contigo, a dizer ‘É pá, tem juízo, veja lá, não faça’”, porque este é o nosso papel. E agora imagine, às vezes ponho-me a pensar e, desculpe lá, portanto eles estão aí, nessa cadeira, os pais estão aí na outra, aí ao lado, o Diretor de Turma está aqui, eu estou aqui. Portanto, quando estamos a tratar de alunos. Eu, já uma vez, por duas ou três vezes, já agarrei assim no bracinho do menino e disse-lhe mesmo “é pá, oiça, você na minha frente não fala assim com a sua mãe, porque eu não autorizo.” Portanto e eu fico doido... é pá, como é que este caramelo... se ele fala assim com os pais, como é que será em casa e como é que ele olha...

R: Mas esse tipo de coisas incomoda-me. Pensar... um dia, foi quê? Foi na... o ano passado, no princípio do ano, um miúdo que eu não imaginava que ele tivesse esse tipo de comportamento. Aquela coisa que... eu falava com ele, para mim, parecia-me um menino do coro. Aparece-me a mãe, uma manhã, “Stôr, eu não sei o que é que hei-de fazer ao *não sei o quê*”, mas digo “Mas, o Diretor de Turma já me tinha dito que ele andava a faltar”, “Ó Stôr, nem imagina a forma como ele me maltrata em casa, um dia

tive que chamar a polícia, depois quando a polícia entrou, eu tive que disfarçar, pronto, aquele tipo de coisas que, pronto, é mãe, não é?

P: Mas que nos choca ouvir essas coisas, não é?

R: Choca-me ouvir isto, porque eu não imagino esta cena. E depois, diz-me ela “Stôr, já tomei uma atitude, mas queria ouvir a sua opinião. Eu vou levá-lo para um colégio que há em Lamego”, acho que é uma instituição qualquer de padres, tipo internato, “Mas ele não precisa... eu até vou com uma amiga minha, porque se ele sabe, eu não sei o que é que ele me fará, portanto ele só vai saber na hora em que ele entrar dentro do carro”...

P: E não tem pai?

R: Não, não vive com o marido...

P: Pois, isso já são problemas familiares que o miúdo já está a sofrer, não é superficial, não é por acaso...

R: Mas ouça, isso reflete-se, porque eu a mim incomoda-me. Acho que as pessoas não têm nada...

P: Há já aí qualquer disfunção familiar, que leva...

R: Pois claro, mas as pessoas não têm nada que ver umas com as outras, se não se dão bem. Mas agora, eu acho que é fundamental, têm um filho que é dos dois. E não devem... que às vezes arrepiá-me... eu tenho tido já aqui situações em que não vive o pai com a mãe, mas estão os dois, fazem questão de estar os dois e gosto da postura...

P: E os miúdos são perfeitamente equilibrados.

R: Agora, por vezes, servirem-se do miúdo como arma de arremesso para se atingirem uns aos outros...

P: E há tanto disso! E depois gera destas situações. Não é por acaso que os miúdos depois agem assim. Ir metê-lo num internato, ainda... vai ser um revoltado.

R: Mas eu até acredito que a mãe, a forma como a mãe estava a falar comigo, com um ar de desespero.

P: Pois, a mãe coitada, se calhar ela própria não sabe como é que há-de resolver o problema, não é?

R: Porque ela... isto começou porque a companhia, as companhias dele não eram as melhores e depois a mãe...

P: Se calhar é uma forma de ele expressar a sua revolta...

R: A mãe dizia-lhe “Não devias andar com essas companhias, não descas para ir ter com eles”, esse tipo de coisas. Numa altura, é capaz de ser permissiva, depois quando tem atitudes de travagem, em vez de ir travando aos poucos... isto está complicado.

P: Pois, essas coisas drásticas, é muito complicado.

55 – De que modo a Escola desenvolve nos alunos, o espírito de compreensão, a tolerância e amizade entre todas as pessoas?

R: Eu continuo a dizer, é sempre... andamos à volta daquilo que é pedido a eles, que é: o sabermos ouvir, o sermos tolerantes uns com os outros, o sabermos respeitar. Penso que isto é palavra de ordem, desde o Diretor, quando os recebe aqui, se querem ser respeitados, têm que respeitar os outros, o não aceitar que alguém lhes falte ao respeito, “como também não aceito que não respeitem os vossos colegas, professores, os funcionários”, pronto, eu penso que isto é, regra geral, todos os professores batem nessa tecla, não é?

P: E, também, a nível de projetos que eles fazem, ainda há bocado esteve a falar a nível da Área de Projeto que, às vezes, os miúdos convidam, inclusive, os idosos que foram... esse tipo de entreatuda, aquela questão do estrado que fizeram para...

R: Sim, o procurar... as preocupações deles, de abordar através destes projetos, de focarem estas temáticas e de trazerem sempre alguém para falar a outros, porque depois são eles e depois convidamos turmas, porque não podemos convidar a Escola toda, mas convidamos turmas mais ligadas a determinadas áreas, no sentido de desenvolver neles, também, esse sentido crítico, este sentido solidário.

56 – A Escola desenvolve, junto dos alunos, o respeito pelo ambiente? De que forma?

R: Sim, mas eu penso que devíamos desenvolver mais. Eu costumo dizer que, por vezes, a Escola peca em não ter a preocupação de ter o espaço disto, o espaço daquilo, o espaço daqueloutro, porque por vezes, ou porque não tem meios financeiros para poder desenvolver, mas eu penso que isso não é desculpa, às vezes é mais descuido. Estou a

lembrar-me da questão da reciclagem das coisas. Agora, eu considero que é uma casa limpa, que é uma casa que temos a preocupação da parte dos funcionários e têm ordens nesse sentido, de os caixotes do lixo não estarem cheios, estarem sempre, pronto, não estarem ali a abarrotar...

P: E estimulam, por exemplo, eles não deitarem papéis para o chão...

R: Sim, sim, as latas... mas repare neste espaço todo grande, mesmo durante as aulas, se passar por aí, até não vê muitos.

P: Nunca vi nada.

R: Nem plásticos, não vê latas. Eu digo-lhe, até porque nalgumas... quando os pais às vezes me pedem “Ó Stôr, até... e o que é que o Stôr tinha pensado?” Digo, “olhe, vai para casa. Fica em casa um dia.” “Ah, Stôr, mas não me dava nada jeito!” “Tudo bem, então mas se quiser, ele passa aqui o dia na Escola, entra às oito e um quarto, vai almoçar das tantas às tantas, na hora dos intervalos, vem aqui para o hall e senta-se aqui para não estar em contacto com os outros e vai apanhar as latinhas, as coisas, pronto, faz aí uma recolha” e alguns deles já têm...

P: Têm feito isso?

R: Ou outros a trabalhar no bar, sei lá, esse tipo de coisas...

P: Uma forma de os ensinar.

R: Mas eu penso que eles até nem são porquitos, aqui para nós.

P: Também, provavelmente tem havido um trabalho, talvez dos funcionários, dos professores...

R: Tem havido a preocupação de, até mesmo nós, quantas vezes eles já têm visto esse meu gesto. Sei lá, se eu vou lá acima ao bar, se eu venho a descer essas escadas e vejo um guardanapo ali no chão, eu próprio agarro no guardanapo e atiro-o para o caixote do lixo. Mas eu acho que esse tipo... agora, esse tipo de atitude, acho que devíamos ter todos e certamente que a grande maioria das pessoas nesta casa tem.

P: Eu estou a lembrar-me de determinadas situações que passei, por exemplo, nalguma sala, ou estar um papel ou alguma coisa suja e dizer a um aluno “se faz favor, pegue

nisso e vá deitar para o balde do lixo” e às vezes têm a reação “mas não fui eu que sujei!”

R: Pois, mas pronto, não foi você, mas eu estou a pedir-lhe para você limpar. E outro dia qualquer, até se calhar entrava na sala de aula, havia o papel e eles viam a Doutora agarrar no papel e ir deitar fora.

P: Mas há a preocupação de os professores terem essas atitudes e realmente se calhar tem dado efeito, tanto que vê os alunos...

R: Eu vejo que eles não atiram muita porcaria para... não andam para aí...

P: E mesmo as salas de aula estão limpas, cuidadas.

R: Sim, sim; há a preocupação sempre, de 90 em 90 minutos, não haver caixotes do lixo com lixo lá dentro.

P: Dá essas ordens aos funcionários?

R: Sim, sim. E o mesmo acontece na reunião que fazemos, é um apelo que eu faço também aos miúdos “ não quero latas espalhadas aqui, espalhadas ali, o lixo...”

P: Quando eles vêm para... no primeiro ano.

R: Quando os recebo, estou a falar mesmo no primeiro ano. Há essa preocupação.

P: E a nível de projetos? Tem alguns projetos a nível do ambiente, ou não? Quando ainda há bocado me disse “devíamos fazer mais”...

R: Quando eu digo “devíamos fazer mais”, se calhar, com o espaço que temos, eu digo-lhe, acho que era engraçado desenvolver, criar espaços como, sei lá, criar pequenas hortitas ou pequenos espaços em que cada turma ficará responsável por aquele espaço, o embelezamento do espaço exterior...

P: Uma coisa curiosa: quando eu vim cá, no primeiro dia com a professora Lídia e, entretanto, depois de estar aqui consigo e quando saímos e vimos este enorme espaço, falámos nisso “olha, era giro, já que há esta dificuldade de arranjar meios financeiros e pessoal ou um jardineiro que tratasse disto, por que é que não podiam fazer pequenos projetos com os alunos, precisamente nesse sentido?” E por que é que não fazem?

R: Mas os filhos desta casa são filhos de senhores que, se eu fizesse uma coisa dessas, eu estava a explorar as criancinhas, estou a fazer-me compreender? Portanto, se calhar

se fosse no Algarve, em determinadas escolas, no Alentejo, em determinadas escolas, esses espaços não estariam assim.

P: Pois, podiam fazer, por exemplo, através de um clube que existisse, do Ambiente, ou...

R: Um clube que existisse, depois havia um concurso dos espaços, uma competição saudável. Mas é difícil.

P: Mas existe aqui algum Clube do Ambiente?

R: Existiu um Clube do Ambiente. Neste momento, não o tenho a funcionar.

P: E porquê, Doutor?

R: Repare, isso também tudo depende dos carolas, não é? Dos carolas, sabe isso. As escolas por vezes funcionam porque têm meia dúzia de carolas, um que agarra naquilo, outro que agarra, mexe, os meus miúdos participaram... foram num ano, um grupo foi à Polónia, noutro ano foi ao Dubai, noutro ano foi... não sei se foi à Hungria, se foi à Alemanha, não me recordo, integrados num projeto, através da Net, em que eles tinham que apresentar trabalhos semanais sobre problemas ambientais e depois, em função do tipo de trabalho e da qualidade, iam ganhando pontos. E esses pontos revertiam depois em termos de, nas suas deslocações, fosse abatido em termos de despesas de deslocação e eram países a nível mundial, portanto faziam depois encontros e andaram, durante três ou quatro anos, que estiveram sempre a passear, que é mesmo o termo.

P: Pois, mas é como diz, isso depende de haver professores...

R: São carolas. Eu tinha uma professora, essa professora aposentou-se, que era a Doutora ..., que era espetacular, ela tinha uma certa apetência para isso, não é? E nós sabemos todos que é assim. Eu tenho, há dois anos, também, tive cá um professor de Educação Física, espetacular em termos de os sensibilizar para, também, determinados trabalhos de projeto na área das engenharias, coisas mirabolantes.

P: Pois, isso depois depende do pessoal que tem. Mas realmente, com o espaço que aqui tem, as potencialidades...

R: Então não é? Mas uma das coisas que me chateia, eu já disse isso ao meu Coordenador das Artes Visuais, “como é que é possível, eu com o espaço que aqui

tenho, não haver equipamentos espalhados por esse espaço, a marcar o trabalho de miúdos?” Porque os miúdos, um dia mais tarde, quando trouxeram os filhos para cá, gostavam muito de dizer assim “Ó filho, olha, aquilo que ali está, o pai participou nisso”, não é? Tenho ali aquele de... no Ano Internacional da Matemática, em 2000 ou o que é que foi? Aquele cubo que ali está, logo à entrada, quando nós entramos...

P: Foram alunos que fizeram?

R: Foram alunos que fizeram, juntamente com o professor das Artes, os professores da Matemática, fizeram aquilo. Porque eu acho que coisas desse género, espalhadas por esse... porque nós temos muito espaço para isso. Mas enfim...

P: Personalizado, identificava a Escola.

R: Mas eu acho que as Artes deviam desenvolver mais esse aspeto.

57 – Na sua opinião, as regras que regulam a disciplina na Escola, respeitam a dignidade dos alunos?

R: Eu penso que sim, penso que não há aqui casos de pôr os miúdos ao canto da sala, virados de costas, de pé, penso que não há, ou deitados no chão, nem nada disso; agora, eu continuo a dizer: acho que é importante, numa organização tem que haver regras e quem entra na organização tem que se sujeitar às regras da casa, porque isto sem regras, não funciona.

58 – Na sua opinião, as regras existentes na Escola respeitam o direito do aluno:

a) - A ter liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e de religião?

R: Completamente. As regras que nós temos são regras fundamentais para ele viver em sociedade...

P: Portanto, não há qualquer limitação nenhuma de qualquer liberdade de...

R: Não, nada. Eu considero cem por cento.

b) – À liberdade de associação?

R: Completamente, também. Claro que tem que ter regras, não é? Ele não pode, de maneira nenhuma, sei lá, estou a lembrar-me, mesmo a própria Associação de Estudantes. Têm liberdade, têm determinados estatutos, mas eles não se podem esquecer que dependem de alguém, eles estão debaixo de um chapéu, que é a Escola ..., portanto

eles não podem de maneira nenhuma... têm que respeitar as regras da instituição, mas têm a liberdade para apresentarem os projetos que entenderem como qualquer aluno desta casa... estava a lembrar-me, há bocadito estava a lembrar-me duma situação, também, de eles me terem apresentado um projeto, olhe uma coisa muito simples: alguns miúdos, às vezes, pedem-me para, nos intervalos, terem uma mesinha onde, sei lá, aquela idade que as miúdas todas elas passam, de fazer carteirinhas com as tais missangas ou isto ou aquilo e eu dou-lhes liberdade, sim senhora, pronto, desde que a mesinha, termina o intervalo, eu não quero o espaço sujo, portanto eu quero aquilo tudo arrumadinho. Outros... qual era... sobre quê? Sobre... sobre, sei lá, concurso de bandas.

P: Também fizeram?

R: Também fazem, organizam e eu até, já há uns anos largos, tinha lutado para que naquele espaço que está entre a nossa Escola e o ginásio, há ali assim tipo uma fatia de queijo, assim um triângulo de queijo, que eu tinha pedido à Câmara para me fazer um auditório ao ar livre. Isto para quê? Para eu me ver livre deles, de estarem para aqui com os batuques aqui na...

P: Mas eles têm, quer dizer...

R: Trazem as suas baterias e fazem concurso de bandas, porque todos eles... uns tocam viola, outros tocam... e têm bandas de garagem e por vezes... então o meu filho também tocou bateria e tem a bateria lá na arrecadação, tinha um grupinho... também integrou bandas de... aqui concurso de bandas, também... não, mas é e agora no novo projeto...

P: E dá-lhes liberdade para eles fazerem esses concursos?

R: Dou liberdade... claro que isto... isto é sempre, e eles sabem que nesta casa, que estas coisas fazem-se todas depois das dezassete horas.

P: Pois, não pode perturbar o normal funcionamento da Escola.

R: Nada, zero. Eles têm liberdade, eles que sensibilizem os colegas para estarem presentes, ou... estou-me nas tintas. Se não estão, não estão, ou então fazem...

P: Mas essas bandas, são alunos da Escola?

R: São alunos da escola só, não há cá de fora, são só alunos da Escola. Mas temos outra vertente, nós temos a preocupação, quando é o concurso sobre poesia, concurso sobre as Olimpíadas da Língua Portuguesa ou Concurso Literário... nós temos a preocupação de mobilizar, quando foi o Dia da Europa, que nós arranjámos, também, um grupinho de miúdos que andam no ensino articulado, que frequentam violino no sítio tal, arranjámos viola... então arranjamos um espaçozito para eles poderem vir atuar. Nossos alunos, para poderem atuar, para a Escola. E acho que isto é importante para eles, também. Pena tenho eu de não ter um piano! Nós quando fizemos os vinte e cinco anos... pronto, houve uma mãe que nos emprestou um piano, tínhamos um miúdo aí, que neste momento deve estar no quarto ano do Técnico, que tocava muito bem piano e a mãe emprestou-nos o piano, nos vinte e cinco anos, fizemos uma cerimónia e o piano, depois antes de ir para casa, esteve aqui neste hall. Não imagina a quantidade de miúdos...eu estava aqui a trabalhar, eles vinham, ou vinham às fotocópias, eles já sabiam que estava aqui o piano, eles tinham liberdade para chegar ali e sentavam e a pessoa estava aqui e ouvia-os a tocar. E era uma das coisas que eu gostava de ter, porque eu sinto que há aí muitos miúdos que tocam e que gostam de música e seria uma forma também de, uma forma diferente de estar na Escola. Mas achava piada o estarmos aqui ou às vezes, mesmo depois só quando saíam das aulas, às cinco da tarde, eles lá estavam ali... eu ouvi-os ali, de uma forma organizada, ordenada...

c) – À privacidade?

R: Eu penso que sim. Não...

P: Nomeadamente, relativamente aos seus assuntos pessoais...

R: Sim, repare uma coisa. Eu acho que nós, professores, temos uma certa queda para isso, de ouvir os miúdos. Eu faço uma certa distinção nalguns Diretores de Turma e se calhar são aqueles que depois, no ano seguinte, quando eu me apercebo, não são. São aqueles que depois se servem disso ou fazem chantagem, também, junto dos pais com os miúdos e “conta aqui e leva para ali”, portanto esses para mim, não... acabam por, depois no ano seguinte ou passados dois anos, acabam por não ser Diretores de Turma. Mas acho que tudo isto tem um princípio, que é o facto da confiança mútua, a relação... se a relação for uma relação má, ora é impossível e impensável que isto aconteça. Mas eu penso, pelo menos eu vejo, que a relação que eles têm com os professores é uma

relação muito próxima. E como é uma relação muito próxima, leva-os a terem conversas com alguns professores, não será... às vezes, até nem é com o Diretor de Turma, é com alguns professores e até mesmo com alguns funcionários. Nós chegamos, às vezes, a saber mais tarde, quando, às vezes, qualquer coisa é despoletada dele, sei lá, um miúdo qualquer ou saiu, ou naquele dia a mãe apareceu aí muito preocupada porque ele anda muito triste, ou não foi almoçar a casa, sei lá, uma coisa qualquer. E nós, às vezes, sabemos quando a funcionária se sente quase na obrigação, também, de dizer que é “Pois, ele ultimamente até tem falado comigo, tem-me dito que não anda bem ou por causa duma namoradita, ou por causa disto, ou por causa...”

P: Aí apercebem-se que ele confiou.

R: Portanto, é sinal que ele confia.

P: E quando, por exemplo, relativamente aos dados pessoais do aluno...?

R: Não, os dados pessoais, eu faço...

P: Em termos de arquivo da Escola? Há que ter respeito pela confidencialidade, pelo processo do aluno, etc.

R: Repare uma coisa, mesmo quando vem aqui a Vodafone, o não sei quê, o não sei que mais, eles sabem e digo a eles “Meus senhores, eu não quero que a minha casa seja... que os meus amigos tenham acesso a uma base de dados. Portanto, os senhores se querem, mandam depois para casa, pelo aluno, o adulto depois, se entender que deve assinar, depois é que faz isso.” Agora, a nível de Secretaria, claro que há a preocupação de não...

P: De salvaguardar, portanto, o processo individual dos alunos, portanto tudo isso.

R: Sempre!

d) – À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado?

R: É uma das coisas... eu não admito, não aceito que haja má educação aqui dentro, falta de respeito. Estes casos todos, que eu saiba, não os deixo passar em claro. As minhas suspensões que eu dou, são coisas de lana-caprina, se calhar noutras escolas quaisquer... mas aqui, sempre que eu...

P: Mas aqui faz questão, para evitar se calhar coisas maiores, não é?

R: Isso mesmo! Não é agora “Vai para aqui!” mesmo ostensivamente num corredor é dito do aluno A para o aluno B. este aluno é castigado. Não é o dizer para o funcionário...

P: Não deixam passar.

R: Não deixo passar.

P: E mesmo relativamente ao que se passa na sala de aula, dá orientações aos professores, também, para serem exigentes a esse nível e não...

R: Sempre. Cá está, o fazer de conta que não vê, é a pior coisa que se faz.

P: E quando disse ainda há bocado, também, que aquilo que se passa na sala de aula é transmitido ao Diretor de Turma, mas também é transmitido a si, portanto é rigoroso nesse...

R: Sim, sim, é essa situação. Podem...

P: E isto tendo em vista a proteção do aluno?

R: Nem mais. Porque eu acho, quando eu digo “proteção do aluno” e a proteção do profissional, porque entendo que numa casa onde não haja respeito, não se consegue trabalhar. Se não se consegue trabalhar, não se consegue aprender. E então, toda a missão desta casa cai por terra. Porque, qualquer organização deste tipo tem que transmitir aos alunos conhecimentos e valores. Se só fizer uma coisa e não ligar à outra, dificilmente consegue fazer-se. Pelo menos, é essa a minha forma de ver a Escola.

P: E, também, quando ainda há bocado referiu que, às vezes, há situações de grupos que vêm esperá-los aqui à porta, não é?

R: Tenho a preocupação de atuar. Quando eu vejo que a situação não é resolvida por uma simples palavra da parte ou do porteiro lá de baixo ou minha, então aí terei que recorrer à Escola Segura e eles aparecem e eles desaparecem.

P: Pronto, mas tem essa preocupação de não deixar passar...

R: Sim, sim, de os proteger.

P: Para não acontecer como aquelas situações que se tem ouvido ultimamente, de pais a queixarem-se “Ah, mas já fiz não sei quantas queixas ao Diretor da Escola, diz que nada aconteceu, nada se passou”...

R: É natural que algumas, a pessoa não dê resposta, porque se calhar não as considera importantes, agora aquilo que a gente ouve falar, coisas que são graves, se são contadas daquela forma e se se passaram daquela forma, acho que é muito grave para uma Direção não atuar ou fazer de conta que não ouve ou que não vê, é muito mau.

P: Mas aqui, portanto, não ocorrem essas situações.

R: Não. Tudo aquilo que eu souber, tudo o que é roubo, má educação, má formação, ah, isso aí não têm hipótese.

e) – À sua identidade, cultura e língua?

R: Sempre. Não... eu continuo a dizer, claro que eu não aceito que me venham dizer assim: “Ah, ele é um rapaz que não sabe estar.” Não, não, ele é tratado da mesma forma que os outros são, porque ele está inserido numa organização. E se está inserido numa organização, todos os elementos da organização têm que o respeitar a ele e ele tem que os respeitar também e tem que cumprir as regras, portanto não há cá tratamento diferenciado, porque o menino é hiperativo, que eu dá-me piada, que por vezes é tão hiperativo, mas quando está aqui a falar comigo, sozinho, consegue estar parado durante meia hora, se for preciso, ou mais. É porque aquela hiperatividade, ele controla-a. Então se a controla, também tem que a saber controlar dentro da sala de aula.

f) – À inclusão social e à reintegração?

R: Eu penso que sim, eu penso que um jovem, e eu não tenho tido casos desses, da pessoa sentir, sei lá, vamos imaginar, mesmo essa pessoa que eu tenho aí do Ministério da Educação, o guarda que anda sempre a circular dentro do espaço, claro que ele tem ordens, se se aperceber de ver assim um jovem mais afastado ou, portanto, vê-lo constantemente sozinho, o ter a preocupação de me comunicar para nós procurarmos saber o que é que se está a passar. Sei lá, eu de manhã, ou se eu tenho aqui o... quando chego, ter isso aberto e a pessoa vê o miúdo sozinho, sentado ali nas escadas, lá ao fundo. E vê o miúdo sentado, os primeiros 45 minutos, e na segunda hora, continua a vê-lo, pronto, há a preocupação de dizer à funcionária “Diga lá àquele jovem para vir

aqui, o que é que se passa”, ou... E aquilo que acontece muitas vezes, é “Ó Stôr, eu só entro às 10 horas” ou... “Mas os meus pais passaram por aqui e deixaram-me, os meus colegas ainda não chegaram”, está a ver, aquele tipo de...

P: E tem alguns alunos com problemas graves a nível de, por exemplo, de...

R: De dislexias e essas coisas?

P: Não, de infrações a nível social, que...

R: Não, não. Daqueles que estão já identificados...

P: Que sejam já sinalizados...

R: Que eu saiba, não. E se eu os tivesse, de certeza absoluta que recebia muita correspondência a pedir informação sobre. Agora, não sei se aquele telefonema do chefe da Polícia... se calhar é para vir buscar o Diretor. Ou então, alguém que está a fazer a entrevista ao Diretor.

59 – Na sua opinião, os alunos são tratados com respeito e correção, pelos elementos da comunidade escolar?

R: Eu penso que sim.

P: Não tem havido queixas dos alunos terem sido maltratados ou desrespeitados pelo professor ou funcionários?

R: Não, é mais o critério de injustiça. Portanto, aquilo que, às vezes, se passa na sala de aula ou, sei lá, “por que é que sou eu e não é o outro?”, aquele tipo de picardias, patinho feio, que acontece em todos os lados.

P: Mas para além disso, em termos de falta de correção ou de respeito, não...

R: Não, não. Portanto, também lhe digo uma coisa: o mesmo que não aceito da parte deles que o tenham, também não aceito que um professor... e se o professor o maltratar, em termos de ser injusto com o miúdo, eu tenho a preocupação, se eu sentir que o aluno tem razão, de chegar ao pé do professor e dizer-lhe “É pá, desculpa lá, mas tens que arranjar maneira...”

P: Mas isso já tem ocorrido?

R: Repare, às vezes há aquela coisa de o professor se exaltar e o aluno, também, como não é fresco, já sabe o ponto fraco do professor e aquilo, às vezes, leva até a uma situação em que o professor é capaz de se passar dos carretos, como eu costumo dizer, e põe-no fora da aula, mas já com um ar mesmo exaltado, não é? Pronto, há a preocupação, também, de o adulto, sempre que isto aconteça, e se eu sentir que, nalguma altura, o puto até tem razão, eu digo ao professor “É pá, desculpa lá, vê lá se arranjas maneira de falar ao miúdo e dizer-lhe que ‘Não tornes a fazer isso, porque eu também me exalto, se calhar não andei bem’”, sei lá, aquele tipo de conversa mole, mas para dar a entender também junto do miúdo que aquilo que nós fazemos com os nossos filhos, que é, quando nós agimos mal, não lhes pedimos desculpa, mas passamos-lhes a mão pelo cabelo, que é uma forma de pedir desculpa, não é? Todos sabemos isso.

60 – Existem algumas participações dos alunos por terem sido tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar?

R: Não. Quando é que isso acontece, aqui para nós? Às vezes acontece, mas são aqueles meninos mesmo, que estão sempre a apertar a porca, que estão sempre na rua e há uma dada altura que arranjam um bode expiatório, que é dizer que o professor é que não os compreende, que “sou sempre eu, eu até nem estava a fazer nada”, pronto, aquela conversa que nós sabemos todos, “eu nunca fiz nada”, é pá, mas não fez, se calhar agora não está a fazer, mas já fez tantas vezes...

P: Tem tido algumas participações, mas chega à conclusão que são sem razão.

R: São coisinhas, não, não é a questão do “professor chamou-me nomes, agrediu-me...”

P: Nunca teve situações dessas.

R: Não, já tive duma professora que tinha o hábito de chamar burros. E eu tentei desmistificar isso junto dos pais, que eu digo “ora bolas, vamos imaginar que eu era professor deles, que até tinha uma boa relação com eles, eu até dizia assim ‘seu burro, não sabe nada disso’, ou dava-lhe uma cachaçada, eu pergunto, ele chegava a casa, ia dizer que eu o tinha humilhado, tinha chamado burro ou que eu o tinha agredido? Não dizia.” Agora, com certeza que a relação se calhar não é boa. E depois agarra-se em determinadas coisas... agora, temos que pensar, também, é que por vezes, nós arranjam lenha para nos queimarmos, não é? Agora, eu não tolero e claro que depois

eu disse à professora “É pá, conta, por favor, até dez e controla-te. Porque esta palavra ‘burro’, eu sei que tu não estás a humilhá-lo...”

P: Ela não era com essa conotação, mas se calhar está-se a sentir...

R: “Mas dás oportunidade a que o adversário depois agarre nessas palavras e depois estás tramada.”

P: Principalmente nestes tempos.

R: Então, não é? É que é aquela coisa... nós sabemos e podemos jogar, então nós não vemos aí com os pais? Agora, mesmo a questão de não entrarem cá, o processo, e porquê e por que não e que critério e por que é que há-de ser a idade, “o meu filho, há outros que mentem na morada e estão cá”, “Então, mas mentem, diga-me quem são”, “Ah, eu não faço isso, não denuncio”, mas andam ali, o tipo de postura, o chegarem à Secretaria, o começarem a desancar no funcionário porque o menino não ficou cá, pronto, esse tipo de coisas.

P: É que eles depois... são os comportamentos que eles têm que, ao fim e ao cabo, são o reflexo daquilo que ouvem em casa, não é?

R: Todos nós em casa, temos filhos, não estamos a dizer que, de vez em quando, não berramos ou...

P: Pois, mas... às vezes há que dar o exemplo em determinadas coisas, porque eles, às vezes, não se comportam de determinada forma por acaso.

R: Isso mesmo!

P: Às vezes, basta às vezes... eu tenho este lema, porque já tive essa experiência, determinados comportamentos que os alunos têm, depois enquanto Diretora de Turma ou como professora, conheço o pai, digo assim “bom, já percebi como é que o menino... já percebi tudo.”

R: Pois, a forma como o pai fala aqui conosco sobre os professores, sobre a Escola. De certeza absoluta que à hora da refeição, fala também da mesma forma “Então, ouve lá, então o gajo faltou outra vez? É pá, não me digas. Então este gajo só falta?” Mas ele não se lembra que o filho já deu não sei quantas faltas, mas é logo. Agora, eu pergunto: se o filho ouve falar da Escola, ouve falar do professor daquela forma, um dia qualquer,

quando o professor está a dizer qualquer coisa, lá vai, também, uma rajada. “Então mas o quê, mas brincamos? Está-me a faltar ao respeito!”

P: E depois aí a perda de autoridade que os professores têm.

R: Completamente.

61 – Tem notícia do uso de violência por parte de professores ou de funcionários sobre alunos?

R: Não, não senhor.

62 – Têm ocorrido situações de violência entre alunos, na Escola?

R: Não, repare uma coisa, são... lembro-me, o quê? No final do ano passado, este ano que acabou, aquele tipo de coisas de putos, um dia de chuva, em que há um grande movimento dentro dos pavilhões, ao pé das portas, há um que passa com a mochila, ele vira-se “O que é que queres?” e tal, depois há outro que vem em defesa dele, portanto aquele tipo de chapada, mas isto acho que é... isto para mim, quando se fala em violência, é de... isto para mim é violência, tanto que eles *comeram*, eles foram penalizados com vários graus de penalização em função do que provocou, do que veio em defesa de, isto aí...

P: Mas assim casos mais graves, intencionais, com intenção de agredir...

R: Não, aquela agressão barata... ainda ontem à noite, estive num jantar dos... eu fiz parte de uma administração do prédio onde vivo já há uns anos largos e aquela administração – somos sete – e acabámos... uns já... eu devo ser dos mais novos, mas já reformados e há um que arranja sempre motivo para, de dois em dois meses, haver um jantar, que por vontade deles era se calhar de quinze em quinze dias, mas eu não tenho vida nem ordenado para isso.

P: Mas ainda é do prédio onde vive?

R: No prédio onde vivemos e contava um, que o filho andou aqui, neste momento, há é engenheiro, já está a trabalhar, que foi ao Bairro Alto, também num jantar de rapaziada do emprego deles, que ele ia a falar com alguém, acho que há uma miúda de cor que passa ao pé dele, dá-lhe uma estalada, assim do nada, uma estalada, eu conheço o miúdo, não é nada agressivo, dá-lhe uma estalada, ele fica assim a olhar, vem de lá

outro indivíduo de cor, enfia-lhe um murro, que o deitou abaixo. O miúdo a sangrar, não lhe partiu a cana do nariz... mas, esse tipo de... eu lembro-me da história, aquele tipo de agressão gratuita...

P: Isso não existe.

R: Não, não! Nem pouco mais ou menos.

63 – E situações de vandalismo?

R: Eu considero que não há aquele vandalismo gratuito, como há noutras escolas. Nós entramos... se for à casa de banho deles, claro que vê lá alguns risquinhos, mas não vê aquela coisa que a gente, às vezes, vê nas imagens na televisão. Não vê, dá uma volta pela Escola, não vê riscos, aqueles grafitis, nem pouco mais ou menos. Vê alguns risquinhos, é natural.

P: Ou coisas partidas, partirem vidros, ou...

R: Não vê vidros, com a quantidade de vidros que isto tem, não vê vidros partidos

P: Ou, por exemplo, furarem os pneus dos carros dos professores...

R: Aquele que há bocadinho nós estávamos aqui a falar, nestes anos todos, nunca me tinha acontecido isso, então...

P: Aí furaram-lhe os pneus.

R: Furarem os pneus, não, riscaram-lhe o carro, o jipe, ele tinha o carro naquele parque de estacionamento ali em cima, este tal que era professor do décimo ano de Artes Visuais, os gajos, acho que três, mas isto não está bem apurado se foram eles ou não, suspeita-se.

P: Pois, é difícil, se ninguém viu...

R: Claro! E por isso é que eu disse... olhe, estou-me a lembrar, se calhar a polícia há-de estar a ligar-me se calhar por isso. Que ele fez participação deles e eu...

P: Mas isso foi este ano?

R: Foi este ano, no final do ano e eu já estou à frente desta casa há uma quantidade de anos, nunca aconteceu isto.

P: Mas esse é o tal professor que ainda há bocado referiu que nas aulas não os deixa falar...

R: O tal que não os deixa falar, trata-os abaixo de cão, eles têm medo...

P: Mas foi um caso único?

R: Foi um caso único. Durante estes anos todos, isto nunca me tinha acontecido. Lembro-me de eu estar... uma coisa parecida, isto a pessoa quando é novo, é, depois não pensa. Estava eu na Direção, no Seixal, portanto isto em 76, 76/77, 77/78, para aí...

P: Tempos conturbados.

R: Tempos conturbados. Um indivíduo, eu estava na Direção e um indivíduo fura os pneus do carro de uma professora. Furou um pneu, ou o que é que foi, do carro de uma professora e houve outro, que era meu aluno, que me veio contar. Veio contar, eu mandei chamar o gajo e eu digo-lhe uma coisa, eu dei-lhe duas chapadas, nunca mais me esquece disso, estava sozinho na Direção, mandei chamar o gajo, o gajo entrou, eu atirei-lhe “Ouça lá, mas você é parvo, ou quê? Então o meu amigo não tem vergonha? Então você faz uma coisa destas assim assim?” O gajo olhou para mim, “Foi você, não foi?” O gajo olhou, eu mando-lhe uma e depois outra, nunca mais me esquece a reação do gajo. Eu só disse ao gajo, “olhe, você, pá, até às tantas horas, você resolva o problema. Aquele pneu tem que estar substituído e tem que estar arranjado, portanto desenrasque-se.” Mas eu depois fiquei pior que o gajo, porque pensei assim “Sei lá se o putto tem dinheiro agora para arranjar isto.”

P: Depois ficou com remorsos.

R: Fiquei. O que é certo é que ele, muito próximo da hora que eu tinha dito, aquilo estava já arranjado, ele lá chamou o pai, ele entrou lá na Direção e eu depois ainda lhe passei a mão pelo cabelo e disse “É pá, está a ver, não faça disparates. Você já viu?” Mas eu fiquei pior que ele. O pensar que “então este gajo, e se não tem dinheiro? Como é que ele vai resolver o problema? Ainda vai para aí roubar ou vai assaltar...” sei lá, aquela coisa parva, mas nunca mais me esqueci disso, marcou-me.

P: Ao fim e ao cabo, é consciência de pai.

R: Não, mas é verdade.

P: Porque é Diretor mas, ao mesmo tempo, é pai.

R: Mas ouça, aqui às vezes apetece-me... digo-lhe sinceramente, às vezes há coisinhas de lana-caprina que só dá vontade...

P: Pois, mas uma pessoa tem que contar até dez...

R: Tem que ser.

P: Porque, numa altura destas, se isso acontecesse...

R: Não pode ser, até porque eles não têm o direito de ser agredidos. Não posso, mas às vezes apetece e digo-lhe, eu já tenho dito aqui, às vezes, aos pais, às vezes apetece-me.

P: E, às vezes, até há situações que há pais que até compreendem e até dizem assim “Olhe...”, pois, exato.

R: Não, não, “Ó Stôr, devia-lhe ter dado.” Quando eu digo isso...

P: Só que há outros que, se a gente vai fazer isso, arranjam um problema na vida...

R: Não pode fazer.

P: É preciso ter cuidado, claro.

R: Não pode e ainda bem. As coisas não se podem resolver à chapada. É aquilo que eu às vezes digo quando eles... lembro-me dessa situação “Agora você imagine, pá, o que era”, quando eles andaram à chapada, por causa disso da mochila, toca, digo assim “Agora imagine o que era, pá, nesta casa, que são mil e oitenta alunos, imagine que andavam todos à chapada. Diga-me só como é que se resolvia? Já viu o que era, pá, estar numa casa...” ou então, se eu desconfio que os gajos andam metidos na passa, ou qualquer coisa assim, digo-lhes “Ouça lá, é pá, eu não sei, não tenho dados, mas eu acho que você, pá, deve andar metido e fazer coisas que não deve. Mas eu digo-lhe já, para você ficar a saber. Toda a gente anda a olhar para si, aqui dentro. Depois não se queixe. E eu ando à procura de o agarrar, eu ando desconfiado, não tenho a certeza, ando desconfiado. Agora, esse tipo de coisa, pá, eu não as deixo passar aqui dentro. Agora, quando chegar a altura em que a maioria dos alunos desta casa, tudo faz isto, tudo fuma *ganza*, então, de certeza absoluta que o Diretor também começa a fumar *ganza* porque entende que, se calhar, é ele que está a mais, ele é que deve estar enganado.”

P: Pois, se calhar é um comportamento normal...

R: “Esta situação, é você, é meia dúzia de caramelos que andam aqui dentro, que eu estou à espera de os agarrar para os pôr daqui para fora.” O discurso é este.

P: Ora bem, tem que ser assim.

R: Não, mas repare...

64 - Como têm sido resolvidas essas situações?

R: Não, aconteceu isto. São situações... eu vou-lhe dizer. Esta não está resolvida ainda, mas esta vai ser resolvida, porque estes jovens, primeiro, eu acho lamentável que os pais destes jovens, o não terem ainda aparecido aqui, para falar comigo. Acho.

P: Ao fim e ao cabo, quer dizer, já houve um contacto com esses alunos...

R: O professor, com certeza... o professor pede-me os dados e eu dou-lhos, dei-lhe, forneci-lhe os dados, a morada dos pais, para ele participar...

P: Mas ele viu? Como é que ele sabe que são esses?

R: Ele, na participação que faz... alguém viu e ele, pelas características, suspeita que.

P: Mas o professor fez diretamente queixa na Polícia, não é? E a Escola...

R: A Escola não fez nada ainda, mas vai fazer. Vai fazer e vai penalizá-los no próximo ano letivo, porque eles são alunos da casa, vou mandar – isto vai ser um trabalho que vai ser feito quando chegar aqui, depois das férias...

P: Isso foi uma coisa recente?

R: Foi uma coisa que aconteceu no último dia de aulas.

P: Mas estava a dizer, portanto quando... no próximo ano...

R: Eu quando digo no próximo ano letivo, a primeira coisa que eu vou fazer, é enviar uma cartinha para os pais, convocá-los, manifestar a minha preocupação pelo facto de eles não me virem dizer nada, ou de não questionarem os seus filhos, ou de os trazerem aqui e dizerem na minha frente “Não temos nada a ver com isso.” Temos, sim senhor. E vou penalizá-los.

P: De que modo?

R: Vou penalizá-los em termos de marcar a minha posição de eu não pactuar com gestos, com atitudes, porque não é assim que se resolvem as coisas. Eu não posso exigir deles que paguem a pintura...

P: Se não, para a próxima vez, vão fazer a mesma coisa.

R: Não pode! Não pode ser. Eles têm que ficar a saber, mesmo os pais... por que razão é que os pais não vêm falar comigo? Porque os pais não gostam, se calhar, também do professor. E se calhar até dizem...

P: Mas não se pode resolver assim, não é?

R: ...não dizem na frente dos meninos, mas se calhar nos bastidores, dizem assim “Ainda bem, filho da mãe, anda a chatear os putos até mais não.”

P: Mas as coisas não podem ser resolvidas assim, não é?

R: Não pode, as coisas não podem funcionar assim.

65 – A Escola tem algum plano com medidas de prevenção contra a violência?

R: Não.

P: Pois, como também não existem casos, não viu necessidade de criar...

R: Não, eu nunca senti necessidade de criar cá dentro um gabinete para resolver conflitos. Nunca senti. Porque se calhar os problemas que eu tenho, não me obrigaram a uma situação destas.

66 – A escola desenvolve iniciativas para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos?

R: Promover iniciativas, temos as aulas de substituição e aquilo que eu aconselho é, dirijam-se ao Centro de Recursos e podem muito bem passar lá a sua hora, ou na parte dos computadores, ou na parte de pesquisa de... ou a fazer trabalhos de casa, agora, não tenho animadores na Escola para tratar desta rapaziada.

P: Mas tem, por exemplo, ainda há bocado referiu aquela situação do Desporto Escolar que, a partir...

R: Mas o Desporto escolar é uma coisa organizada, não é? Quando me está a falar disso, eu interpretei como ocupação dos tempos livres, no sentido de, sei lá, falta um professor, eles ficam livres...

P: Pois, é também nisso, é nesse aspeto, mas também é noutro aspeto, outras atividades.

R: Temos a participação nos Clubes, a participação nas atividades desportivas...

P: Por exemplo, essa que fecha às cinco horas e pode frequentar atividades do Desporto Escolar.

R: Sim, sim, podem frequentar as atividades do Desporto Escolar.

67 – Os alunos também organizam esse tipo de iniciativas?

R: A nível da Associação de Estudantes.

P: E que tipo de iniciativas é que eles têm?

R: Torneios... é o torneio de vólei, é o torneio de futebol e jogam com os espaços do pavilhão, com o terreno cá fora, o campo cá fora...

P: Ainda há bocado falou no concurso de bandas, também da iniciativa deles.

R: Que também é da iniciativa deles, da Associação de Estudantes.

P: Ah, também foi iniciativa da Associação de Estudantes, não é?

R: A Associação de Estudantes também já agarrou nesse tipo de coisas, sei lá, um concurso de grafitis. Mas atenção, um concurso de grafitis, mas não há cá conversa, é grafitis... os gajos compram umas placas de madeira e o concurso é feito nas plaquinhas, não há cá paredes para fazer isso.

P: Portanto, mas é a Associação de Estudantes que tem...

R: Que promove isso e eu claro que não digo que não, mas mando sempre o recado, é uma forma até de sensibilizar, para não haver cá riscadelas nas paredes.

68 – Os Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional desenvolvem ações ou têm medidas de apoio aos alunos dentro do âmbito da sua área de atividade?

R: Sim, estou-me a lembrar, a nível dos conselheiros de orientação, logo muito cedo, a partir do oitavo ano, de informar os Diretores de Turma se eles quiserem, uma vez por

semana, de poderem passar pelo espaço para começarem a fazer testes em termos das suas apetências, da orientação vocacional. Isto faz-se, a nível do Básico. A nível do Secundário, claro que é um corropio ali a nível de décimo primeiro, décimo segundo, para saberem bem, bem, o que é que querem. Eu já, um dos sonhos que eu tinha, já entreguei isso aos Serviços de Psicologia e Orientação desta casa, que é a feira das profissões.

P: Em que é que isso consiste?

R: Eu quero que, em vez de, nós somos muito procurados, como as outras escolas são, em termos de faculdades virem aqui vender os seus produtos e então uma feira aqui neste auditório, onde vai haver bancas, estabelece-se a semana, uma semana em que todas as faculdades, todas as chafaricas têm ali a sua banquinha e apresentam os seus cursos. Ao longo desta semana, também cada uma das chafaricas vai ter um espaço reservado no auditório e as turmas podem passar por lá, em função... se é das Económicas, então sabemos que na quarta-feira, das tantas às tantas, estão lá as faculdades de Economia ou ligadas a esse ramo, para eles ouvirem...

P: Já não me recordo se na terça-feira, também me falou que, às vezes, há visitas com os alunos a determinadas universidades?

R: Sim, sim, desenvolvidos por parte... portanto, naquelas... quando chega alguma documentação, os dias abertos, vá lá, os dias abertos da Faculdade de Ciências... eu canalizo isso para os grupos da especialidade e, por vezes, eles combinam com os miúdos e vão, sei lá, não têm aulas da parte da tarde, então vão lá.

P: E os Serviços de Psicologia, também...?

R: Os Serviços de Psicologia, eu tenho os Serviços de Psicologia a trabalhar, trabalham muito bem, neste momento, está desfalcado, deixou de ter assistente social, já teve assistente social, ela reformou-se, já não a substituíram; tenho uma psicóloga a tempo inteiro, aqui na Escola, que faz um bom trabalho e, claro que este ano também me colocaram cá dois professores de Educação Especial, que também fizeram um bom trabalho, portanto considero, para mim...

P: E os miúdos procuram a psicóloga?

R: Procuram. E até mesmo os pais, por vezes nas conversas que têm comigo, já depois de terem falado com a Diretora de Turma e a Diretora de Turma depois, por vezes, encaminha-os e diz “Então e por que não, por que é que ele não vai falar com a psicóloga da Escola, para desabafar e tal?”

P: E eles procuram?

R: Procuram.

69 – Existem outras atividades e medidas de apoio aos alunos, desenvolvidas pela Escola?

R: Não, portanto eu digo-lhe uma coisa: eu considero que, com as condições que nós temos e com algumas áreas que nós temos, acho que se estivéssemos noutra sítio, éramos bastante procurados, tínhamos muita adesão. Eu sinto que os clubes nesta casa até não vingam, não têm uma grande adesão. E isto porquê? Porque o espírito dos pais é ocuparem o tempo dos meninos, portanto eles acabam por, às cinco da tarde, saem daqui, Cambridge, ginástica, ou vão para a ginástica, ou explicação, estou a fazer-me entender? Portanto, isto faz com que os miúdos...

P: Na Escola não haja necessidade de criar outras...

R: Quem me dera a mim que eu pudesse dar aqui Informática na parte da tarde, a partir das cinco da tarde, ou Inglês, ou a Dança, ou...pronto, eu acho que para o tipo de espaço que temos, para as atividades que temos, para o Centro de Recursos que temos, eu acho que devia ser mais procurado. Se calhar estes espaços, esse tipo de atividades, na província, não sei...

P: Tinham mais procura.

R: Tinham mais procura. Mas talvez, também, aquilo que eu lhe disse há dias, eles sentem que aquilo que têm em casa é melhor do que aquilo que têm aqui. O computador que eles têm em casa...

P: São miúdos com meios, não é?

R: Claro! Os computadores...

P: Tem a ver com o meio económico-social de proveniência deles.

R: O mesmo não se passa, se a Escola estivesse inserida noutra meio, se calhar a única forma de aceder ao equipamento era aqui na Escola, logo, muito interesse, não é? A única forma que eu tinha de poder ler um livro, sem ter que o comprar ou sem ter que... seria na biblioteca da Escola; de fazer desporto... pronto, isto...

70 – Quais os meios de que a Escola dispõe, de forma a garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares?

R: Aquilo que se faz sempre é: há um problema qualquer, que é aquilo que acontece nesta casa; um miúdo qualquer lesiona-se na Educação Física, há logo a preocupação de... pronto, estamos a pensar numa coisa já mais complicada, que não se resolve com a prata da casa, há a preocupação de informar logo, comunicar logo com o 112 e informar o Encarregado de Educação que o filho vai para o hospital “x”, há um funcionário que o acompanha até lá, o pai quando aparecer lá, é quando o funcionário regressa, portanto e há sempre este...

P: E naqueles casos que disse, menores, em que o problema é resolvido com a “prata da casa”, qual é o procedimento concretamente ou tem algum gabinete próprio?

R: O professor lá em cima, vamos imaginar, de Educação Física, que é um inchaçozito, pronto, gelo... mas claro que estamos sempre atentos e ativa-se sempre ou procura-se ativar sempre a possibilidade de “é pá, amanhã, se isto estiver assim, eu quero saber, que é para acionarmos o seguro escolar e essas...”

P: Não têm nenhum gabinete próprio para...?

R: Não. Eu criei, por causa da gripe, criei o tal espaço para a gripe e aí transformei aquilo como se fosse uma coisinha médica, um consultório médico, que felizmente foi pouco utilizado. Tínhamos um Plano de Contingência também, como todas as escolas tinham...

71 – Na sua opinião, esses meios são eficazes e os necessários para garantir a assistência pronta aos alunos?

R: Olhe, uma coisa que eu sou enxovalhado a torto e a direito, que é o acesso de uma ambulância ir buscar os miúdos.

P: Ah pois, é o tal problema.

R: E às vezes é complicado eles virem cá acima. Porque a ambulância encosta aqui em cima, naqueles degraus, os últimos degraus antes de entrar aqui para o bloco e depois o miúdo vem desde o ginásio, pronto, amparado até aqui, ou então, se a coisa é mais grave, a ambulância vai lá acima, vai buscá-lo, mas se o miúdo se lesionar cá em baixo, é preciso subir um lance de escadas para ter acesso ao piso da ambulância.

P: Portanto, é o problema da circulação da Escola?

R: É, é, que é uma das coisas que eu acho que é grave.

72 – Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores permitem aos alunos terem um papel ativo?

R: Repare, eu penso que a grande maioria dos professores desta casa, eu acho que sim, mas não estou a dizer que não haverá ainda alguns “quem manda sou eu e que sou eu que estou ali para debitar...”, mas eu penso que esta classe está a acabar, porque primeiro, esta classe já tem uma determinada idade, já não aguenta noventa minutos a debitar, obrigatoriamente teve de mudar de rumo...

P: O facto de as aulas serem de noventa minutos contribuiu para alterar os métodos utilizados.

R: Claro! Contribuiu para alterar os métodos utilizados. Não há ninguém que consiga estar noventa minutos a vender produto, é impossível.

73 – Os alunos são informados sobre o plano do seu curso, o programa e os objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação?

R: Sim, senhor. Há a preocupação... o Conselho Pedagógico aprova os critérios gerais de avaliação e até o final de setembro, o Diretor de Turma tem que dar a conhecer os critérios gerais de avaliação aos alunos.

P: Os gerais?

R: Os gerais. Cada professor, na sua disciplina, dá a conhecer aos alunos os critérios específicos e na aula em que o Diretor de Turma faz isso e que o professor faz isso, tem que constar no sumário. Tem que constar no sumário que, nesta aula, foi dado a conhecer aos alunos tal, tal. A questão do que é que cada professor vai dar durante o ano, fazemos aquilo por períodos, por períodos, portanto aparece na turma tal, a

disciplina tal tem tantas aulas previstas, estamos a pensar dar isto, e isto e isto, portanto sei lá...

P: Portanto, isso na primeira aula de cada período.

R: Para além disto, é colocado na página da Escola. O pai pode ir lá, vai à turma sétimo primeira, ele vê logo para a disciplina de Português, estão previstas tantas aulas e aquilo que está previsto que o professor de Português dê naquele período.

P: Ah, inclusivamente, o programa?

R: Sim, sim, portanto geralmente não se vai lá transcrever aquilo e diz-se assim: capítulos tal e tal do programa, pronto, dá-se essa informação. Nos Conselhos de Turma, no final do primeiro período, faz-se um balanço, se foi dado, não foi dado, por que é que não foi dado. E, depois, faz-se a apresentação do que vai ser dado no segundo período e assim sucessivamente.

74 – Os alunos entendem a informação que lhes é dada?

R: Por vezes, não, aqui para nós. Eu penso que o grande problema, também, desta casa está no nível da comunicação. Às vezes, é difícil passar a mensagem e quando digo “passar a mensagem”, passar a mensagem aos alunos, eu não sei o que é que se deve...

P: Pois eu ia fazer essa pergunta, se identifica a razão de isso acontecer.

R: Não sei, mas isto é um problema e certamente, também, leu isso no Projeto Educativo, que é uma das preocupações que, também, temos, é a dificuldade na passagem da comunicação, na passagem da informação.

P: Será o tipo de linguagem que é dada ou o desinteresse da parte deles, ou a falta...

R: Não sei, deve haver aí uma mistura. Às vezes, parece que... “Depois eu pergunto”.

P: Ou da parte dos professores, não acham que aquilo é extremamente importante de forma a sensibilizá-los e a arranjar uma linguagem adequada?

R: Eu não quero levar aquilo para o campo de nós nos estarmos a defender, em termos de – como é que hei-de dizer? – de haver um comprometimento da minha parte, está a ver? Não quero levar isso para esse lado, mas acho que, não sei como, eu costumo dizer em ar de brincadeira “bolas, aquilo que eu quero que não se saiba, sabe-se logo, aquilo que quero que se saiba, demora tempo e tempo a passar”. Mas porquê? Por que é que

nós dizemos que a comunicação nesta casa, quando temos exemplos destes, quando eu não quero que as coisas saiam, bolas, lá sai aquilo que não devia... não é a altura certa ainda para sair.

P: Mas ainda não conseguiu bem identificar qual a razão, a causa...

R: Portanto, há qualquer coisa, eu penso que numa organização de pessoas, eu penso que isto deve-se refletir em todas as organizações de pessoas, a dificuldade ou a forma e depois o nosso sistema, também essa questão, Conselho Pedagógico, departamentos, grupos, sair daqui assim, quando chega lá àquela ponta, já há ruído. E quando a coisa é transmitida com ruído, vai por sua vez, ainda provocar mais ruído a nível da organização. Portanto, há aqui qualquer coisa que não...

P: Um entrave.

75 – Os alunos são informados sobre as matrículas, sobre o direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos?

R: Sim, sim. São informados, ou quando são coisas que interessa aos miúdos, há sempre uma informação a correr nas turmas, portanto há essa preocupação ainda, claro que uma das coisas que eu queria que existisse nesta casa, mas levei sopa, foi junto da ANA, eu como soube que os gajos no aeroporto substituíram aqueles monitores e eu tinha pensado, tinha pedido a eles que me dessem alguns que eles tinham retirado para espalhar pelos vários pontos da Escola, quer dizer, aqui neste auditório grande, ao pé do bar, ao pé da sala dos professores, injetar... porque eu tenho as coisas preparadas para isso... injetar a informação no computador e aquilo passar. Mas aquilo esteve ali quase e depois não consegui que mos dessem e eu não tenho dinheiro para estar a comprar, ou por outra, LCDs ainda custam algum dinheiro. Mas isto vai ser uma das prioridades desta casa, que é um painel grande aqui no auditório, onde estão constantemente... olha, hoje, ou até mesmo atividades do Plano Anual de Atividades, uma exposição, que nós entendemos que até interessa para a educação deste país, está a decorrer no sítio tal, tal, tal, esse tipo de coisas.

76 - São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola?

R: Sim, a preocupação de... sei lá, a nível dos laboratórios, há sempre a preocupação e está sempre presente, tanto por parte dos professores, o cumprimento das regras de segurança, a forma como se utilizam os equipamentos, há sempre essa preocupação, tanto que eu não considero que nesta casa haja estragos assim com fatura, não é?

77 – São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, os Laboratórios, o Refeitório e o Bar?

R: Sim, sim. A tal preocupação, estou a lembrar-me do bar, a Stôra vai lá, depois do intervalo, não vê nada em cima das mesas. Porque eles sabem que se levam para a mesa, têm que a deixar depois sobre o balcão.

P: E como é que essas normas são transmitidas?

R: As normas são transmitidas muito simples, que é nós temos a preocupação de alertar quando os recebemos, os Diretores de Turma, também, têm a preocupação para arrumar o espaço, o não sair, o não abandonar a sala de aula, com a cadeirinha assim à... de qualquer maneira, o procurar ter... o sítio onde esteve, limpar, apanhar os papéis, portanto, há... não estou a dizer que toda a gente faça isso, mas há da parte, também, das funcionárias do bar, às vezes, como não tenho horários a cumprir, eu ainda estou ali e vejo “Eh, atenção” e eles voltam atrás...

P: Só uma curiosidade. Acho que foi no Projeto Educativo que lá falam que eles não podem usar uma escada de caracol e fiquei curiosa, que esc...?

R: É, é. É assim: o edifício tem uma escada de caracol em cada um dos pavilhões, que faz a ligação do piso de baixo com o piso de cima. E a escada de caracol, no meu entender, está mal feita. E está mal feita, porquê? Porque o patim, num determinado zona, não consegue apanhar o seu pé todo, apanha só metade do pé, da sola do sapato.

P: Ah, pois, é perigoso.

R: E então, quem é que circula por essa escada de caracol? Só os professores. Os miúdos entram por cima, entram na parte de cima, eu dou aí uma voltinha só para conhecer, só para ficar com uma ideia da Escola, entram por cima e não estão autorizados a descer por essa...

P: Por uma questão de segurança deles?

R: Por uma questão de segurança deles.

P: Pois, eu fiquei curiosa com a história da escada de caracol.

R: Não, mas a escada de caracol tem a ver com isso.

78 – Os alunos participam na eleição para os órgãos, cargos e outras funções de representação dos órgãos da Escola?

R: Sim, senhor. Como é que isso se faz? Participam, portanto a nível da eleição do delegado e subdelegado, na sua turma; participam que eu faço a eleição do representante dos alunos no Conselho Geral. Claro que vou com o meu presidente, fazemos uma reunião com todos os delegados e subdelegados do ensino secundário. Portanto, lá estão os representantes de cada uma das turmas, são convocados, depois o mesmo acontece nessa reunião para os representantes no Conselho Pedagógico, também se faz a eleição...

P: Têm um representante no Pedagógico.

R: Têm um representante no Conselho Pedagógico; portanto...

P: E são todos os alunos que votam, por exemplo, para eleger o representante no Conselho Geral?

R: No Conselho Geral, nós fazemos cá, são todos os delegados e subdelegados.

P: Ah, são eles que votam?

R: É, todos os delegados e subdelegados.

P: Tanto para o Conselho Geral como para o Conselho Pedagógico?

R: É.

P: São os delegados de todas as turmas, desde o sétimo até ao décimo segundo?

R: Sim, sim, embora só são elegíveis os do décimo segundo.

P: Pois, isso está na lei.

R: Só são elegíveis os do ensino secundário.

79 – Os alunos eleitos para esses órgãos participam nas atividades inerentes a esses órgãos/cargos?

R: Aquilo que há a preocupação... claro que não funciona, aqui para nós, porque eu costumo dizer, quando depois temos a preocupação... antes de fazer as eleições, dizer qual é o papel do órgão, o que é que deve fazer...

P: Tem essa preocupação de, antes das eleições, reunir-se com todos os delegados, de modo a elucidá-los...

R: Sim, sim, nós temos, no mesmo dia, na mesma sala, nós chamamos a atenção para a importância do cargo, a importância da representatividade, temos que pensar que não estamos a representar-nos a nós próprios, estamos a representar alguém, portanto se estamos a representar alguém, acho que deverá haver a preocupação de os meus amigos, quando há algum problema, reunirem com quem estão a representar.

P: E eles fazem isso?

R: Pouca vez. Nós tivemos um projeto aqui dentro, acompanhado pelos Serviços de Psicologia e Orientação, para as turmas do décimo ano, para tentarmos meter esse hábito neles, mas depois é a falta de tempo e de eles se encontrarem. Eu para fazer esse tipo de reuniões, faço-as ali entre a uma e um quarto e as duas da tarde, porque às cinco da tarde, se calhar não tenho fregueses...

P: Mas a questão é, por exemplo, estava-me a falar, por exemplo, os delegados lá exercem as suas funções na turma, mas por exemplo, no Conselho Geral e no Conselho Pedagógico, eles vão às reuniões e participam? Porque há escolas que têm o problema, que eles não aparecem ou então, se vão, não participam.

R: Vão e quando não vão, têm a preocupação de me dizer...

P: Estava-me a dizer, agora...

R: Estávamos a falar da questão, se eles faltam ou não faltam. Eles têm a preocupação...

P: Quando não vão...

R: Sim, de me dizerem. Portanto, principalmente, o do Conselho Pedagógico tem a preocupação de me vir dizer “Ó Stôr, amanhã, ou tenho teste...” eu faço os Pedagógicos às quartas-feiras de manhã e eles procuram... quando têm teste, eu também lhe digo

“Tudo bem”, ou então dizem-me “Stôr, eu depois às dez horas, tem de me deixar sair”, “Claro, sai quando entender”, portanto esse tipo de coisas.

P: Mas portanto, fora isso, eles vão

R: Vão, eu “pico-os” em termos de... quando nós estamos a falar sobre um tema qualquer que eu acho que eles também devem ter opinião sobre o assunto, eu procuro dizer “Então e como é que é? Então, os meus amigos... o que é que vai mal aqui na caserna? O que é que é preciso mudar para...?” esse tipo de conversa.

P: E eles expressam a sua opinião.

R: Sim, sim. Cá está aquilo que nós dissemos há pouco: o à-vontade que eles têm de apresentar as...

P: De apresentar as suas ideias, as suas críticas.

R: Sim, sim, sim. E eles apresentam-nas.

80 – É-lhes dada toda a informação adequada, para eles poderem contribuir de uma forma eficaz, nos processos decisórios dentro da Escola?

R: A informação... eu tenho... eles para mim, fazem parte da pastinha dos membros do Conselho Pedagógico. Eu quando, na minha casa, mando, dois dias antes, a informação que vamos tratar no Conselho Pedagógico, quando despejo, despejo para o Conselho Pedagógico e logicamente, também, lhe vai cair na pasta deles.

P: E eles percebem? Porque às vezes tem aquela questão da linguagem.

R: Nalgumas temáticas, é natural que eles tenham alguma dificuldade, mas eu acho que têm à-vontade, ou às vezes suportar num professor com que têm mais confiança, professor deles da turma de que são e apresentam, perguntam “o que é que isto quer dizer?”

P: Porque, às vezes, há escolas que têm o problema com os alunos, ou não aparecem ou não participam e questiona-se, mas porquê? E às vezes...

R: Porque se calhar não têm... aquilo é uma chatice para eles.

P: Exatamente, ou não têm informação, não percebem e desinteressam-se por aquilo e não vão, não é? E a questão é: aqui isso acontece ou não.

R: Isso, também, acontece, nalguns assuntos, eu acredito que aquilo deve ser chato como o diabo, estar ali a aturar-nos.

P: Mas se eles aparecem, significa...

R: Mas se eles aparecem e eles aparecem, e quando não aparecem têm a preocupação de dizer que não aparecem e participam, portanto... eu tenho um miúdo no décimo primeiro, vai para o décimo segundo, quer dizer, é espetacular aquele miúdo e custou-me imenso que ele não estivesse no Conselho Pedagógico, porque eu acho que é uma mais-valia da parte deles, mas pronto, as eleições num regime democrático, não votaram nele...

P: Então, mas agora quem está no Pedagógico é de que ano?

R: O que lá está, era do décimo primeiro ano.

P: Então e, pronto, agora vai haver outra vez eleições?

R: No próximo ano, eu vou fazer uma eleição novamente. Ele não vai dar... pode ser o mesmo ou não. Mas sujeita-se, não é?

P: E no Conselho Geral?

R: No Conselho Geral, também está um miúdo – ou dois? – agora, acho que é um.

P: Do décimo primeiro?

R: Estava do décimo segundo, acho que era do décimo segundo.

P: Mas depois eu logo o sinalizo porque depois vou fazer os inquéritos aos do décimo segundo, para ver, portanto, onde é que ele está.

R: Acho que é do décimo segundo.

81 – A opinião dos alunos é tida em consideração nas decisões que são tomadas?

R: Também são ouvidos, quer dizer, eu costumo, a minha mensagem é, eles têm tanto peso como eu tenho. Nas decisões, a única diferença é que eu terei voto de qualidade em caso de empate, mais nada. Mas o voto deles vale o mesmo que o meu. No Conselho Geral até vale mais, porque o meu não vale nada.

P: Exatamente, não tem direito de voto.

82 – Os alunos participam na gestão da Escola?

R: O participar, repare, eu não sei qual é a forma de participar, claro que não vamos estar... para mim, o eles estarem presentes ou terem assento nesses órgãos, à partida podem contribuir para, não é?

P: Só nesse sentido, pois.

R: O mesmo acontece, que eu acho que é um papel extremamente importante, o representante deles nos Conselhos de Turma intercalares, onde estão os pais, onde estão eles também.

P: E eles vão?

R: Vão, vão.

P: Que há escolas em que, pronto, têm esse direito, mas também porque o Diretor de Turma também não os estimula para ir, não é?

R: Ora aí está!

P: Mas aqui isso não acontece, eles vão.

R: Vê-se nitidamente, quando uma pessoa olha para as atas e vê lá se os miúdos estiveram presentes ou não, a pessoa olha para o Diretor de Turma e... pois, pudera! Já se sabe. Percebe logo, porque o mesmo se passa com os pais.

P: Mas aqui, na generalidade....

R: Sim, a grande maioria dos miúdos está presente nesses Conselhos.

83 – Os alunos participam na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola? E acompanham a sua execução? De que modo?

R: Foram ouvidos no que diz respeito à sua parte, ouvir a opinião deles.

P: E foram ouvidos como? A nível do representante no Pedagógico?

R: Na altura, houve um grupo que elaborou o Regulamento Interno e que elaborou...

P: O Projeto Educativo.

R: E nesse grupo estava sempre um elemento de cada parte, onde estava um elemento do pessoal não docente, onde estava um elemento dos alunos...

P: Ah, muito bem. O mesmo não acontece em todas as escolas.

R: Isto agora nós estamos a fazer uma avaliação da CAF na Escola, é uma avaliação externa, porque estamos a pagá-la e nesse grupo eu tenho um aluno, tenho dois pais, tenho funcionários, tenho professores, portanto é um grupo de oito pessoas que será a equipa de autoavaliação, vá lá.

P: Esse aluno é escolhido pela Direção?

R: Este aluno não foi eleito, foi escolhido, que era o tal que eu digo que...

P: Ah, do décimo primeiro, pois.

R: Do décimo primeiro, mas na altura, quando foi eleito, não, ou por outra, ele não foi eleito para ficar no Pedagógico, mas eu reconheço-lhe valor, porque é um miúdo extremamente crítico e é um miúdo que gosta da escola e que aponta... os aspetos críticos sobre a Escola.

P: Pois e a questão é se eles acompanham a execução do Projeto Educativo e do Regulamento Interno e de que modo?

R: Repare, aqui para nós, e os outros professores acompanham?

P: Pois não, alguns nem sabem nem conhecem.

R: Se lhes for perguntar...

P: Não.

R: Mas isto eu percebo. Devia ser assim, agora eu não tenho a mania de andar constantemente a fazer inquéritos e preencher a grelha sobre isso, não tenho esse hábito.

84 – É costume os alunos apresentarem críticas relativas ao funcionamento da Escola e apresentarem sugestões alternativas?

R: Temos a preocupação, nas reuniões... sempre que eu tenho oportunidade de reunir com eles, eu quando digo “tenho oportunidade de reunir com eles”, tenho oportunidade de reunir com eles quando se faz essa reunião das eleições para. Tenho oportunidade de reunir com eles...

P: Dos delegados, não é?

R: Dos delegados. Tenho oportunidade de reunir com eles antes das inscrições para os exames, de juntar todos. E sempre que eu tenho reuniões com eles, tenho sempre a

preocupação de, no final, de perguntar-lhes o que é que mudavam, o que é que vai mal, o que é que acham que se devia fazer e, portanto, há críticas...

P: E eles apresentam sugestões alternativas?

R: Apresentam sugestões, em termos do bar...

P: Apresentam críticas e apresentam sugestões.

R: Críticas, principalmente críticas e por vezes, claro que quem está no poder, depois tenta desmontar as críticas que são feitas. Por vezes, eles não têm conhecimento também como é que as coisas se fazem, não é? E é natural que... mas deixam recados.

85 – Quando os alunos apresentam sugestões alternativas, elas são tomadas em consideração pelos órgãos de gestão?

R: Se forem válidas, elas ficam cá e com certeza quando se faz, às vezes, quando se fazem mudanças, nós temos essa preocupação de lembrarmo-nos de “alguém já falou nisso.”

86 – Nesta Escola, existe a prática dos professores, diretores de turma e dos órgãos de administração e gestão ouvirem os alunos em todos os assuntos que lhes digam respeito?

R: Repare, aqui para nós, eu acho que um Diretor de Turma que não oiça os alunos, não é Diretor de Turma e com certeza que os deve ouvir, mas eu também não sou capaz de dizer que sim senhor, que ouve. O órgão de gestão...

P: Mas na realidade tem essa perceção?

R: Tenho essa perceção que ouve, não é? Que eles são ouvidos.

P: E, nomeadamente, também quando acontece algum problema, nomeadamente, o órgão de gestão, também, tem...

R: Sim, sim. Quando acontece um problema qualquer, eles são sempre ouvidos e eles também se fazem ouvir, porque eles têm sempre livre-trânsito para chegar aqui a este espaço e têm à vontade suficiente para junto da Direção dizer que “fui injustiçado, não concordo com isto, não concordo com aquilo, ou o horário (logo no princípio do ano) o horário não é o melhor”, e eu depois explico “então, se estivessem no meu lugar, quando sou confrontado com as opções que vocês escolhem, o que é que vocês faziam,

no meu lugar? Era não ligar às vossas opções e fazia, era eu que escolhia as opções e então, logo não havia problemas nos horários, porque eu em vez de ter quatro opções, só passava a ter duas...”

P: Mas fá-los entender a razão da sua tomada de decisão, não diz “é assim e acabou, porque eu quis”.

R: Sim, sim, todas. Não, não, não é assim porque eu quero. Agora, claro que algumas situações, daqueles que têm a mania que gostam de opinar em tudo e mais alguma coisa, em que a pessoa explica-lhe uma vez, duas vezes e ele continua a dizer “ah, mas não concordo”...

P: Há um certo bom senso...

R: Mas isso aí, então aí se calhar, sou capaz de terminar assim “É pá, que é que tu queres? Olha, sou eu que estou à frente desta casa, é assim que eu penso.” Mas isto é como tudo, com os professores é a mesma história.

87 – Os alunos participam na planificação das matérias dadas? De que modo?

R: Não, que eu saiba, não.

88 – Os alunos participam no seu processo de avaliação?

R: Quando eu digo participar, para mim o fazerem a sua autoavaliação, estão a participar no seu processo de avaliação, não é? Agora...

P: Mas portanto, nas turmas, na generalidade, fazem essa autoavaliação.

R: Sim, sim.

89 – Os alunos podem apresentar listas para a Associação de Estudantes/Alunos? É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres, como membros da Associação?

R: Livremente.

P: É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres, como membros da Associação?

R: É, mas nós não interpretamos isso como uma anarquia. O que é que eu quero dizer com isso? Nós estabelecemos regras, três dias de campanha, que para mim é um inferno, mas pronto, ela tem que existir.

P: Mas é um inferno, porquê?

R: Não, quando digo isso, o movimento aqui neste auditório ... agora imagine, eu sou do tempo em que três listas, no intervalo cada um a ver qual era o que fazia mais barulho. E depois nós acabámos, ao longo dos anos, a pensar que as coisas não podem ser assim. Estabelecemos que, no primeiro intervalo, é a Lista X que fala, no segundo intervalo, será a Lista Y e assim sucessivamente. A preocupação sempre de deixarem o espaço limpo, de não faltarem às aulas por causa da campanha, que eles têm um número “x” de faltas que é atribuído a cada lista, não há cá conversa, se esgotam, esgotam, há regras.

P: Mas depois como, pronto, depois de serem eleitos, como membros da Associação, são-lhe assegurados os direitos e deveres...?

R: É, mas atenção, a Associação de Estudantes não justifica faltas de ninguém. A Associação de Estudantes, os Diretores de Turma estão informados para não receberem justificação de faltas, sei lá, “estive a trabalhar na Associação de Estudantes”, estou-me a fazer entender? Ou, então, “fui a uma reunião...” Não, não, há mais gente, a Associação de Estudantes é formada por um grupo de “x” elementos, estes “x” elementos certamente uns terão horário de manhã, outros, horário de tarde, que é para... não pode, quer dizer, isto não pode ser...

P: Mas de resto, os direitos que eles têm, dentro do âmbito da área da...

R: Completamente. Uma das coisas que eu tenho imensa pena e, às vezes, gera-se algum mal-estar, sabe tão bem como eu, eu não sei que dinheiro é que eles têm, porque não tenho nada que saber que dinheiro é que eles têm, mas, às vezes, há zunzuns que alguns também se aproveitam do dinheiro que eu considero que é de todos, para benefício próprio. Não pode. Não pode ser.

P: E aí como é que faz?

R: Como é que eu ajo? Isso aí, tiro as coisas a limpo e envolvo os adultos, que são os pais e temos que resolver o problema, porque os estudantes desta casa não vão ficar prejudicados.

P: Também é uma questão de respeito por todos, não é?

R: Nem mais. Eu costumo dizer para eles “Eu não tenho nada a ver, mas acho que, enquanto eu cá estiver, vocês estão a trabalhar debaixo deste teto e quem é o responsável por este teto, sou eu, portanto não permito isso. É uma falta de respeito estarem a utilizar dinheiro que não é vosso.

P: É-lhes assegurado os seus direitos, mas também têm que cumprir os seus deveres, como é óbvio.

R: Claro.

P: Muito bem, terminámos.

ANEXO IX - Categorização da Entrevista ao Diretor da Escola Pública

| CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR DA ESCOLA PÚBLICA | |
|--|---|
| CATEGORIA: CATEGORIZAÇÃO DA ESCOLA | |
| Unidades de registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none">• “ uma das coisas por que nos pautamos é pelo rigor, a exigência, o saber estar, o saber ser...”• “ damos grande força ao trabalho na sala de aula.”• “ temos um bom Centro de Recursos ... onde os miúdos o procuram bastante e onde eu tenho um grande acompanhamento, portanto, por parte dos professores que lá exercem funções.”• “ Temos também a preocupação da Sala de Estudo, portanto ter a preocupação de dar resposta às dúvidas que o aluno possa ter, quer seja professor da turma, quer não.”• “ tenho sentido que a minha página da Escola é uma página muito pesada e depois não tenho cá na casa grandes especialistas em informática.”• “o meu plano de melhoria assenta nesse pilar, que é as lideranças intermédias, a comunicação entre as várias estruturas, porque eu acho que nós ainda não conseguimos interiorizar, nós, falo aqui da minha casa, mas certamente o mal é geral, interiorizar o que se pretende com o 75, embora o 75 tenha lá algumas falhas, não se fala no Coordenador de Disciplina, que | <ul style="list-style-type: none">• Princípios subjacentes à ação educativa da Escola (8) |

eu considero que é extremamente importante, ele tem que existir”

- “ o Coordenador de Departamento tem que ser uma pessoa que exerça alguns cargos de liderança no grupo que lidera, não é? E tem que... as reuniões não podem ser só o sai do Pedagógico, faz a reunião, transmite as informações do Pedagógico. Isto não é nada.”
- “...eu costumo fazer reuniões uma por período, pelo menos, com os Coordenadores de Disciplina, aqui na minha casa, os Coordenadores de Departamento são Coordenadores de Disciplina ...Eu costumo fazer, por período, sempre uma reunião com todos, para saber o que é que vai mal aqui na caserna.
- “ Claro que eu terei lá alguns que, se calhar, não deviam lá estar, mas eu costumo dizer “também não tenho mais nenhum”. ...Eu só tenho é que tentar burilar aquilo que não está a funcionar bem e fazer sentir que confio nele e que quero que ele trabalhe, que ele dê resposta...”
- “o bom funcionamento de uma Escola passa por aí, passa pelas lideranças intermédias, depois mesmo a nível das coordenações dos Diretores de Turma também são pilares extremamente importantes no meio desta construção toda.”
- “ ...eu, todos os dias de manhã, nem lhe passa pela cabeça a quantidade de pessoas que eu recebo, desde as 8:15, que eu chego aqui, quando acabo de receber as pessoas dever ser o quê, 11 da manhã?”
- “ Eles têm que vestir a camisola.”

- “ Não se consegue trabalhar numa casa sem haver regras, sem haver normas.”
- “ é fundamental um bom Diretor de Turma, é fundamental um bom Coordenador de Disciplina, é fundamental um bom Coordenador de Departamento.
- “ este ano foi um ano de grande mudança, porque houve muita gente que se reformou e quero dizer que o ano passado, por esta altura, eu recebi cá cerca de – não quero mentir – se calhar aí uns vinte e poucos professores novos efetivos, para o quadro. Para além depois dos mais treze, quinze dos outros que andam...”
- Essa gente toda nova “Valha-me Deus, vai ser uma mudança radical nesta casa.” E tive a preocupação logo ali em novembro, só reuni com eles.”
- “ Transmitem-lhes que os recebi de braços abertos, que certamente traziam coisas novas para a casa e eu quero estas coisas novas na casa.”
- “ vícios todos temos, com certeza que eu não vou permitir que eles possam vir a perturbar o normal funcionamento da Escola.”
- “ nessa reunião também tinha os Coordenadores de Departamento e os Coordenadores de Disciplina, no sentido de lhes dar força a eles para passarem a mensagem...”
- “ sempre que as pessoas que estão nesta casa têm um problema qualquer, vêm procurar ajuda, porque eu também os tenho, todos temos, não devemos pensar “não, não, eu sei tudo, eu resolvo tudo.” Não resolve.”
- “ procurei integrá-los e dar-lhes a entender que

confiava neles. E que podiam confiar em mim, porque faria tudo para criar as condições para eles se sentirem bem nesta casa.”

- “ reconheci junto deles que foi uma mais-valia para a Escola a entrada da grande maioria deles para trabalhar.
- “ Nalguns grupos, sangue novo.”
- “ Mais novas do que aquelas que eu tinha, porque a minha casa é uma casa velha.”
- “ com mil e cem alunos, que é aquilo que eu tenho, temos cerca de... com componente letiva, se calhar cerca de cento e vinte professores ou... portanto, é uma casa cara. Não deviam ser tantos.”
- “O cumprimento daquilo que é estabelecido nos vários órgãos. Se há uns critérios gerais de avaliação que são aprovados no Conselho Pedagógico, estes critérios têm que ser seguidos. Se há uns critérios específicos, que são aprovados dentro do próprio grupo, são para seguir, não é por ele achar, não acha! Não, no sítio certo é que tem de manifestar e na altura certa é que tem que manifestar, apresentar proposta de alteração. Quando estão aprovados, acabou, têm de ser seguidos.”
- “o saber estar dentro da sala de aula” – se se estabelecem regras, se há uma planta nas salas onde os alunos estão, essa planta é para seguir, quer eu concorde, quer não. O entrar na sala de aula com o barrete na cabeça, entendo que não o deve fazer, não deve permitir. São regras de comportamento. Contribuem para um bom trabalho na casa”
- “ mas não estou a dizer que isto funciona a cem por

cento, porque há sempre alguém que fura o esquema, como se costuma dizer.”

- “aquela que me preocupa mais é ... as contradições da tutela., eu quero é que sejam coerentes e que lancem as coisas atempadamente cá para fora, para nós depois nos podermos organizar, para nós depois transmitirmos, nós como gestores, como diretores nas escolas, transmitirmos aos outros uma certa segurança naquilo que estamos a fazer. Situação que não tem acontecido.”
- “Depois é a questão, na nossa profissão, nós por vezes não olhamos para a Escola como um local em que... tem de haver espírito de grupo. O que é que eu quero dizer com isso? Espírito de grupo, o respeitar a hierarquia, eu não aceito que um professor mande mails para o pai da criança sem dar conhecimento ao Diretor de Turma. Porque quem tem de falar com o pai da criança é o Diretor de Turma.”
- “Por vezes, não existe aquela colaboração que deve existir. Nós ainda temos de crescer muito...”
- “Eu acho que nós ainda temos um grande problema e ainda temos de crescer nesse sentido, mas se calhar, por termos sido maltratados, se calhar entre nós também não nos respeitamos uns aos outros, que é a questão de ter medo de partilhar as coisas. E quando eu digo “ter medo de partilhar as coisas”, as coisas boas e as coisas más”.
- “ todos nós temos dificuldades e quando eu tenho uma dificuldade, eu não tenho mais do que chegar ao

- Preocupações do Diretor da Escola (9)

professor que também leciona aquela disciplina, por isso é que há as reuniões de trabalho, por isso é que eu, nesta casa, não atribuo, sei lá, Matemática do sétimo ano, pelo menos dois professores têm que ter Matemática do sétimo ano.”

- “ ... Para fomentar o trabalho em equipa. E por vezes as pessoas não falam, porquê? Porque se calhar do outro lado, um dia eu até quis falar e quis apresentar e aparece aquela resposta “o quê, tu não me digas que não sabes isso!” “
- “Por vezes, acho que devia haver um diálogo mais franco, partilhar as coisas boas, “olha, eu fiz assim”, “olha, então dá cá.”
- “ Nem as más, porque o partilhar as coisas boas, a resposta é outra. “Ah, já lá vem outra vez armado em esperto, pensa que é o maior!” E isto é grave.”
- “ eu tenho tentado acabar com isso e sempre que tenho oportunidade, lá vai a mensagem.”
- “ ... é o procurar valorizar e procurar, via Conselho Pedagógico, aproveitar, no bom sentido da palavra, estas pessoas que eu sei que têm valor em determinadas temáticas e desenvolver, no nosso Plano Anual de Atividades, alguma formação e não é com pessoas de fora, é com pessoas de dentro.”
- “ as casas velhas... este momento já está a desaparecer, mas houve uma determinada altura que havia um certo estrelato, mas as estrelas acabavam por ... tinham um brilho virtual, porque acabavam por não contribuir para o bom andamento da casa e então quando pressentiam que alguém que não fosse estrelato que ofuscasse um

pouco o brilho da sua estrela, “isto não pode ser”, mas eu como estou à vontade e combato essas coisas...”

- “ talvez a forma como eles chegaram... eles chegaram, não tinham aquele espírito de chegar e começar logo a “Eu estou aqui!” Não, souberam estar, aqui para nós.”
- “ eu tive a preocupação, quando passavam aqui por baixo, para se despedir, que iam de férias, também tive a preocupação de tecer alguns elogios ao trabalho deles, porque acho que é importante e dizer “Eu quero mais de si e porque tem muito a dar a esta casa e ainda bem que veio.”
- “ Nós preocupamo-nos mais com quem não quer aprender do que com aqueles que querem aprender. Eu acho que isto é muito mau, bolas. E acho que tudo caminha para lá.”
- “ Nós vemos a legislação, o investimento que a Escola faz com os planos de recuperação de alguns jovens, os planos de acompanhamento... eu não estou a dizer que não é obrigação da Escola dar resposta a estes miúdos...”
- “ Eu acho que a Escola deve dar resposta a essas situações, mas as famílias e eles também têm que dar. Não é a Escola mobilizar-se, recursos humanos e depois não aparecem.”
- “ Tem que haver a preocupação de os obrigar a vir. Mas não. Quer dizer, os miúdos faltam, não estamos a dizer de todos, mas essas minorias são aqueles que desestabilizam dentro da sala de aula, não deixam alguns aprender...”

- “ a mim preocupa-me como é que um professor consegue manter um diálogo durante noventa minutos – não estou a dizer que estar a expor durante noventa minutos – quando está constantemente a ser interrompido. É impossível!”
- “ há determinados casos... eu não me posso queixar muito, porque certamente isto ainda é um paraíso. Eu continuo a dizer que isto ainda é um paraíso...”
- “Eu gosto muito que os pais venham à escola.”
- “ Eles têm a porta aberta, eles não são, nem os miúdos, não lhes é barrada a passagem, eu sinto orgulho em estar à frente desta casa porque os jovens que eu tenho, eles não têm nenhum funcionário lá ao fundo a não os deixar vir... querem falar com alguém da gestão, eles vão falar com alguém da gestão; o mesmo acontece com os pais. Claro que são controlados ali, mas nós estamos sempre disponíveis para os ouvir.”
- “ E mesmo a nível da participação deles nos órgãos da Escola, tenho uma boa Associação de Pais, gosto de trabalhar com eles, a nível de participação nos Conselhos de Turma, tenho participações bastante elevadas, uma percentagem bastante elevada dos pais nas reuniões de pais, no final de cada período... no início de cada período, nós costumamos fazer no início de cada período.”
- “... eu preciso é que aqueles pais que não vêm à Escola, passem a vir, porque geralmente são os pais, são estes pais, são os pais dos jovens que não estão integrados e que estão constantemente a prevaricar.”

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Tenho algumas situações, mas não... a minha taxa de abandono anda muito próximo dos 0%.”• “ ... desde o momento em que seja um bom profissional, que saiba aquilo que tem de fazer, que tenha a preocupação de respeitar as decisões emanadas dos vários órgãos da casa e ter a preocupação de fazer um trabalho sério, um trabalho transparente, junto dos alunos na sala de aula”• “ Aquilo que me interessa é que ele cumpra com as obrigações emanadas do próprio grupo disciplinar, não é agora o fazer-de-conta, o Chico-esperto, o fazer-de-conta que faz, em vez de... se o grupo estipula que a disciplina “x” tem que ter três ou quatro elementos de avaliação no período, ele tem que cumprir e acabou, não é ele achar que é muito ou pouco, não interessa; o saber relacionar-se com o Conselho de Turma, o saber relacionar-se com o Diretor de Turma, o saber ouvir”• “ quando às vezes os Diretores de Turma me dizem, “Oh, ..., há um problema, os pais falaram sobre...” “Eh pá, a primeira coisa que tu deves fazer é falar com ele “Ah, mas ele vai reagir...” “Não te chateies. Agora, se tu não dizes nada, depois o professor com razão vai dizer ‘Não percebo, então os pais disseram isto assim e assim da minha pessoa e tu não disseste nada?’ “• “ Mas acho que acima de tudo tem que desenvolver um trabalho como bom profissional que é, porque se não o fizer, eu também...” | <ul style="list-style-type: none">• Perfil do professor da Escola (10) |
|--|--|

- “ Eu recuso-me a chamar-lhe professor. É aqueles a que eu chamo “os outros”, que há em todas as profissões. E eu felizmente tenho poucos “outros”.”
- “ eu gostava de ter autonomia, mas eu não quero autonomia faz-de-conta...”
- “ eu gostava de ter autonomia para poder mexer nos professores que tenho na minha casa, ou seja, eu tenho um professor que tem sido um bom professor, anda a atravessar uma fase má da sua vida, eu devia ter autonomia para agarrar nele e colocá-lo num sítio onde ele não se estivesse a expor e eu pudesse substituí-lo durante os tais três meses ou durante... Estou a fazer-me entender? Porque custa-me imenso, e sabe que as imagens que ficam são sempre as negativas.”
- “ gostava de ter autonomia para poder escolher os professores. Eu vou dizer assim: eu não os queria escolher, eu só queria dizer assim: “não, este não quero cá.”
- “ A grande maioria deles, considero que é um miúdo responsável, é um miúdo interessado, é um miúdo que tem objetivos na vida e objetivos na vida é ingressar no ensino superior”
- “ E o mesmo se sente por parte das famílias, talvez daí a razão de nós termos aquela coisa de... sermos considerados indivíduos forretas; nós não gostamos de dar notas, gostamos é de atribuir classificações que eles merecem.”

- Perfil do aluno da Escola (11)

- “ este ano, a nível da Geometria Descritiva, para mim acho que é uma vergonha, mas acho que foi a nível nacional, o caso de uma Biologia-Geologia também acho que é uma vergonha, mesmo a nível nacional.”
- “ este ano, arranjei maneira de não, no próximo ano não ter cá o indivíduo, porque entendi que não tinha as características para poder dar aulas, se calhar em lado nenhum...”
- “ É contratado. Arranjei maneira de não ter horário completo ...”
- “ há muita gente dos colégios que também tentam trazer os filhos para aqui, nós sabemos que a vida está má, se calhar é essa uma das causas, mas é uma das casas muito procuradas.”
- “ o confiar no trabalho da Escola e aquilo que eu digo a eles é: “Há aqui duas situações. Uma delas é: se o vosso filho se portar mal, eu terei que o aguentar, porque se estivesse numa instituição particular, eu aconselhava as famílias ou ele mudava ou na semana seguinte, ou quinze dias depois, saltava.”
- “ eu também tenho aqui alunos que também não sabem onde é que hão-de andar”.
- “ Abro sempre o Profissional, mas nunca tenho alunos.”.
- “ em primeiro lugar, devemos ver se há ou não condições para que estes cursos funcionem bem.”
- “eu também tenho muitos que não sabem onde hão de cair”, quer dizer, não vão para Ciências e Tecnologias, para fugir à Matemática, então para onde é que vão?

| | |
|--|--|
| <p>Vão para Línguas e Humanidades. Mas vão para Línguas e Humanidades, mas detestam a História, não é? Ora, à partida, o que é que vai acontecer a estes jovens? Andam a marcar passo.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ O curso profissional ainda funcionou e tem funcionado...”• “ Curso Técnico de Design. Eu acho até giro. Curso Profissional de Técnico de Design.”• “ Eu já não o consegui abrir há dois anos, portanto não tenho, neste momento, nenhum a ser frequentado. O ano passado também não o consegui abrir.”• “ Não tenho alunos. Não o procuram. E nos anos que eu o tenho aberto – que ele já esteve a funcionar, se calhar há dois, três anos, talvez – são alunos fora daqui da zona.”• “ Eu acho que esta Escola tem todas as condições para poder funcionar como deve ser. Primeiro, o facto de nós estarmos aqui, não estamos a ouvir carros, buzínadelas, aceleradelas ...é logo meio caminho andado para se poder trabalhar, porque é um ambiente calmo.”• “ Sempre, eu considero que tem bons recursos humanos e quando digo que tem bons recursos humanos, bons profissionais; tem condições ótimas para poder trabalhar e tem bons alunos.”• “ E quando digo bons alunos, se a entrada aqui... se eu tenho procura, claro que não os posso escolher, | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização da Escola e a sua distinção das demais escolas públicas e privadas (12) |
|--|--|

selecionar pelas classificações, embora eu tenha essa fama, mas é mentira, porque não posso.”

- “ Como há muita procura, eu a partir dos 1500, ou seja, do código 1500, vou escolher os mais novos. Eu cumpro a lei. Vou escolher os mais novos. Ora geralmente um miúdo mais novito é fator de sucesso e eu trabalho com esta gente.”
- “ Como eu costumo dizer, tenho boa massa, logo tenho obrigação de ter alguns resultados.”
- “ eu estou a pôr em causa é os miúdos, a origem dos miúdos.”
- “ Claro que aqueles miúdos devem viver com mais dificuldade do que os miúdos desta casa, logo, têm a obrigação – estes – têm a obrigação de ter melhores resultados do que os outros.”
- “ Eu acho que a grande maioria é classe média alta.”
- “ também tenho aqui bolsas”.
- “Muita procura.”
- “menos processos a circular, não sei, há menos processos a circular.”
- “ todos os miúdos que ainda estão com doze anitos, que fizeram doze anos em maio, entraram; os que fizeram doze anos em março já não entraram, porque não consegui... tive que os mandar embora.”
- “ O mesmo acontece com o secundário. O secundário, eu vi há bocado, no Curso de Ciências e Tecnologias, os últimos que entraram, salvo erro, foi de 10 de abril, para aí. 10 de abril!”

- “O que quer dizer que eu tenho muita gente aqui que vai iniciar as aulas ainda com catorze anos no décimo ano e com onze anos no sétimo ano.”
- “ não somos daquelas escolas muito badaladas, que andam envolvidas em muitos projetos, temos alguns projetos...”
- “ uma das coisas que eu acho que contribui para ela ser diferente são os miúdos que a frequentam.”
- “a diferença, eu não, os castigos que eu possa dar aqui, as suspensões que eu possa dar, é por um indivíduo ter tido uma postura, ser incorreto com algum aluno, com algum colega ou algum gesto mais de narizinho levantado na sala de aula, de se ter recusado a sair ou... mas nunca coisas graves.”
- “Logo no dia em que os recebo aqui, recebo-os todos, sétimos e décimos anos, tenho a preocupação de ser eu a fazer a receção deles ali naquele espaço grande à entrada.”
- “ o transmitir é os valores desta casa em termos de... “quando se entra para uma Escola, e este espaço vai ser vosso pelo menos durante seis anos”, quando estou a falar para o sétimo ano, “os vossos pais quiseram que vocês viessem para aqui, não fui eu que vos fui buscar para vir para aqui, portanto os meus amigos têm que aceitar as regras da casa. E as regras são estas: portanto, eu não permito que, porque são os meus... o meu dinheiro e o dinheiros dos vossos pais, que contribuem para que isto possa estar aberto, o estragar, não aceito, quem estragar, paga, o respeitar, temos que nos respeitar uns aos outros e sempre que alguém vos

falte ao respeito, eu quero saber, porque entendo que vocês têm o direito também de serem respeitados” e no fundo é essa lavagem, em termos de trabalho e em termos de vestir a camisola, não é? E procurar participar no Desporto Escolar, procurar estar nos espaços que a Escola faculta, participar no Jornal, participar no Projeto das Abelhas, que nós temos cá, em termos de... faz-se mel, cá.”

- “ Têm colmeias lá ao fundo, mas há a preocupação das Áreas de Projeto, de sempre haver alguém da Área de Projeto que agarra naquilo e que transmite aos outros mais novitos, portanto, levá-los a que aquilo não morra.”
- “O respeitar o espaço, acima de tudo.”
- “ Das demais escolas privadas, a única diferença que eu acho entre esta casa e uma escola privada, é a possibilidade que o Diretor tem de poder manobrar as coisas, que eu não tenho.”
- Eu, se por acaso, tiver uma turma com mais dificuldades na disciplina “x”, eu não posso, de maneira nenhuma, aumentar a carga horária deles, não é?”
- “ outra faculdade que eu acho que, sei lá, na escolha dos professores, na escolha dos alunos, embora eu tenha essa fama de escolher os alunos, mas não...”
- “ eu acho que não há grande diferença, porque em ar de brincadeira e certamente com alguma dor de cotovelo, alguns colegas meus dizem-me “Ah, pois, o colégio de Benfica”, mas isto é aquela dor de cotovelo saudável.”

- “ trazem-nos para aqui geralmente na área das Ciências e Tecnologias? É porque confiam no trabalho desta casa. Se calhar, nós teremos melhores laboratórios do que eles, não sei, não conheço as instalações deles, mas há coisas boas e há coisas más, certamente, no particular”
- “ se calhar, haverá um maior rigor do profissional que trabalha – o profissional, quer dizer, se for profissional, tanto é rigoroso num lado como é noutra – mas o professor que trabalha no particular, se calhar nunca arranja formas de faltar lá e se calhar no público, tem alguma coisa que fazer, vamos fazer antes no público.”
- “ Mas eu não me posso queixar muito, porque acho que é uma casa que a grande maioria deles cumpre.”
- “ aqueles que faltam, são sempre os mesmos, aqui para nós. E esses mesmos, posso dizer que são, o quê? Três ou quatro.”
- “ naquela reunião que eu disse que faço todos os períodos com os Coordenadores de Disciplina, há sempre a preocupação de enviar mensagens, mandar mensagens para o “eu quero”, portanto se calhar utilizando muito um pouco essa coisa, “eu quero”, porque quero mesmo, exijo que quem está cá, tem de vestir a camisola.”
- “ Se concorreu para esta escola, se diz que se perde às vezes muito tempo em reuniões, eu não sou a favor da “reunite” aguda, nem das “grelhites” agudas, “grelhite” para isto, grelha para aquilo, nada disso. Agora,

- Ações desenvolvidas para inculcar nos professores os princípios subjacentes à ação educativa da Escola (13)

| | |
|--|--|
| <p>entendo que se é preciso reunir, temos de reunir; se for preciso reunir naquela semana duas vezes, reúnem-se duas vezes naquela semana, certamente noutras não se reuniu.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Reuniões gerais de professores, faço duas. Faço uma no princípio e depois faço uma no final.”• “ Pedagógico, faço todos os meses e no Pedagógico, mandam-se os recados...”• “ se eu sentir que alguma coisa não está bem, alguma insatisfação da minha parte porque as coisas chegam-me aos ouvidos também, não tenho problemas nenhuns de, numa reunião de grupo, peço ao Coordenador de Disciplina e dão-me um bocadinho de tempo de antena, ou no final, para dizer... não mandar recados.”• “ quando são situações individuais, tenho a preocupação sempre de falar numa primeira vez, no papel de professor para professor, ... para o colega “x”. Quando esta mensagem não passa, então aí, na próxima, já certamente será o Diretor. Mas não tenho utilizado isso muitas vezes, porque não tem sido necessário.”• | |
| <ul style="list-style-type: none">• “ há respeito entre eles.”• “ há a preocupação mesmo dos mais velhos com os mais novos, de os procurar integrar, não há aqui a separação entre os do ensino básico e os do ensino secundário, não.”• “Até mesmo na receção, naquelas reuniões que eu lhe | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos (14a) |

| | |
|---|---|
| <p>estava a dizer que fazia, quando os recebo aqui, tenho sempre a preocupação de pedir à Associação de Estudantes ou então a um grupo deles para depois fazerem uma... para mostrarem a Escola aos mais novitos. “</p> <ul style="list-style-type: none">• “Não há violência, acho que há um respeito.”• “ na grande maioria dos casos, acho que há uma boa relação.”• “ Às vezes, há aquelas relações com uma certa cumplicidade, também existe aqui, há aquela relação que eu vejo por vezes, ou cá fora, ou aqui no auditório, ou no bar, mas depois na sala de aula, é giro que eles sabem marcar a diferença.”• “ se está um grupinho de alunos ali no bar, sentados, chega o professor “x” que é professor deles, a manifestação deles, o professor deslocar-se até à mesa, estar ali com eles...”• “ Isso é saudável. E eu sei que depois, dentro da sala de aula, cada macaquinho no seu galho.”• “ O bar da sala dos professores é no sítio onde eu vou, no sítio onde os alunos desta casa vão, onde vai o pessoal...”• “ Nunca fiz força para se criar um bar na sala dos professores porque sou contra isso.”• “ o professor já sabe e eles também sabem que ali no próprio bar, há ali um cantinho que é nosso, que é dos professores e eles já sabem que aquele espaço... não | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos e professores (14b)• Caracterização das relações entre alunos e Direção (14c) |
|---|---|

| | |
|--|--|
| <p>está lá nada, mas eles já sabem que aquele espaço é mais dos professores. Mas estamos todos misturados e respeitamos a nossa vez.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ eu acho que eles têm uma boa relação comigo.”• “ quando estão aflitos é a mim que me procuram, portanto é sinal que confiam em mim.”• “ nalgumas situações, é mais o Diretor de Turma.”• “ Eles sabem que eu arranjo sempre um bocadinho para falar com eles. Porque se eu vejo um miúdo ou uma miudita com ar tristito ou com ar de... pronto, de choro, de estar incomodado com qualquer coisa, mesmo que eu tenha qualquer coisa para fazer, de certeza absoluta que agarro logo nele “Então vá lá, o que é que eu fiz?” ou assim, na brincadeira, para tentar desdramatizar.”• “ alguns daqueles que têm levado mais na cabeça, em termos disciplinares, continuam... quando estão aflitos... É comigo que eles vêm ter.”• “ Devia circular mais vezes.”• “ passeio. Em determinadas alturas, devia sair mais daqui.”• “ Procuo, quando vou beber o meu café, procuro ir, sei lá, aí por volta já das nove e meia, para quê? Para beber o café e ainda passar pela sala dos professores, no intervalo, para passar pela sala dos professores. Procuo, por vezes, estar à entrada, ou nos blocos, na altura das entradas.” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos e Direção (14c) |
|--|--|

- “ esta casa funciona sem toques já há uma quantidade de anos. Não tem toques.”
- “ Porque eu acho que é importante. Mas o ser importante não quer dizer que alguns não se esqueçam que têm que ir para as aulas. Daí a razão de eu exigir que o professor entra, acabou. Acabou! Eu de manhã, se as entradas é às oito e quinze da manhã, é às oito e quinze da manhã que temos que cá estar.”
- “ Se algum se atrasar, eu digo-lhe... na parte da manhã, eu costumo fazer e costumo dar ordens... as lagartas dos blocos, dez minutos depois das oito e quinze, já ninguém entra.”
- “ Fecho a lagarta! E as funcionárias não podem... e ele falta naquela hora! Acabou!”
- “ Nas horas a seguir, claro que ele vai, ele às nove horas vai para a aula. Portanto, a aula começou às oito e quinze, ele às nove horas vai para a aula. Não entra é atrasado. Nas outras horas, aquilo que eu digo aos professores, não há cá tolerância.”
- “ Há tolerância zero. Nós estamos em regime de tolerância zero.”
- “ há professores que depois só fazem mal em serem tolerantes a mais, porque depois arranjam conflitos com as entradas noutros que, quando lá estão dentro, acabou.”
- “ estava-se a criar o hábito de eu entrar aqui e subir a escada e ainda ver gente a subir a escada e eu não gosto. Ainda se visse a subir a escada a correr, mas não, ainda parece que estão a chegar a horas. E eu

| | |
|--|---|
| <p>aquecem ... mas não posso dizer que tenham uma má relação.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ nota-se na Reunião Geral de Professores, nós verificamos que se as pessoas estivessem todas mal umas com as outras, as reuniões de professores aí refletia-se e não sinto isso.”• “ Dou espaço para falar, para porem as questões que entenderem.”• “ não estamos agora a dizer que é um paraíso, claro, é uma organização onde há pessoas, é natural que às vezes há os conflitos laborais, há aquelas coisitas de ciúmeiras também, a forma como trata ou ouve o Encarregado de Educação e como... há aquelas coisinhas que são perfeitamente normais.”• “ Eu acho que é uma boa relação. Eu sinto isso, mesmo... mas isto durante muitos anos.”• “ as festas que eu faço aqui, ou que a Escola faz, é o jantar de Natal e tem uma adesão muito grande, não estou a dizer que se calhar as pessoas vêm porque a Direção está lá, nada disso, mas vêm porque gostam do espaço, gostam de estar;• “ depois, em junho, um almoço que não tem nada a ver com o jantar de Natal, que é uma coisa informal, que é a sardinhada e as febras; acabamos por comer mal, porque contamos com “x” pessoas inscritas, mas depois acabam por aparecer muitas mais, porque acho que a relação é boa.” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre professores e Direção (14f) |
|--|---|

- “ funciona muito como o padre na freguesia, está a ver? E é giro que eu sinto isso.”
- “ É giro que nos mais novos se calhar por me verem já muito mais velho que eles, a rapaziada da minha idade, quando alguma coisa não corre bem, ou sei lá... ou dizerem-me, perguntarem-me “ouve lá, o que é que tu achas?”, “ouve, se calhar não fiz bem em ter...”, “não, não, fizeste”, ou “acho que sim, faria precisamente a mesma coisa”, portanto há essa preocupação de vir falar comigo, portanto é sinal que confiam.
- “ haverá pessoas que não se aproximam tanto, se calhar a relação com o Diretor não será a mais próxima, mas não tenho situações de animosidade.”
- “ eu tenho a obrigação de conhecer a minha casa e houve uma dada altura, fez em dezembro agora passado um ano, que eu tive mesmo que pôr os pontos nos ii, porque eu não sei viver no mundo da anarquia e eu sentia que... e fiz uma Reunião Geral de Professores e disse mesmo “Meus senhores, todos somos adultos, eu tenho as minhas funções aqui dentro e exijo que os meus amigos assumam as vossas. Portanto, não há aqui... quem quiser entregar, entrega, não quiser, não entrega. E se não entregarem, assumem as consequências.” E ponto final.”
- “ há uma pessoa ainda nesta casa que não está bem. Mesmo por causa da área do Português, não está bem porque os conflitos também a nível de grupo e também comigo, comigo dispara em tudo quanto é sítio, mas...”
- “ em termos globais, eu sinto que a relação... estes anos todos, eu sinto-me bem.”

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ não me sinto mal, nos órgãos onde estou, nas reuniões que faço, o Pedagógico, nada, não me sinto mal. E um dia que eu sinta que também estou a mais...”• “ se não gostassem também da equipa que lidero e onde eu me incluo, com certeza que também não votavam em nós, não é?• “ no meio daqueles noventa por cento de votos a favor, nas eleições que eu tenho participado, eu sei que alguns deles “enquanto ele lá está, olha não me chateiam a mim.” A gente sabe isso, mas pronto, não...”• “ não há aquela diferenciação, como há em determinadas escolas, nos meus jantares de Natal, eu tenho os funcionários, tenho os professores, no meu almoço, eu tenho os professores e tenho os funcionários, portanto não há cá coisas diferentes para setores diferentes.”• “ depois da Reunião Geral de Professores, há sempre um beberetezito como receção aos novos da casa; no caso do pessoal não docente, eu também acabo por abrir o ano, quando faço a primeira reunião com eles, temos também a preocupação de arranjar um bocadinho depois da reunião para comermos qualquer coisa juntos, porque acho que isto é fundamental e eles também gostam de se sentir valorizados.”• “ eu costumo dizer “eles são uma parte importante no funcionamento de uma Escola.” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre professores e funcionários (14g) |
|--|--|

| CATEGORIA: MECANISMOS DE DEFESA E PROTEÇÃO DOS DIREITOS DOS ALUNOS | |
|---|---|
| Unidades de Registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none">• “ eu nunca dou valor aos direitos sem pôr no mesmo prato da balança os deveres. Porque acho que nós, para termos direitos, temos que ter deveres.”• “ eu às vezes digo “os meus amigos só pensam que têm direitos”, infelizmente na sociedade em que vivemos, só pensamos nos direitos, não pensamos nos deveres.”• “os Diretores de Turma têm o primeiro contacto com eles e têm a preocupação de lhes dar a conhecer os direitos e os deveres que eles têm para com esta casa.”• “ Damos-lhes uma brochurazita, uma brochura com os direitos, com um extrato do Regulamento Interno, daquilo que nós achamos que é fundamental que eles conheçam.”• “ na conversa que se tem com os professores, há sempre a preocupação de: nós, se temos direitos, há outras pessoas que não os têm.”• “ eu entendo que tenho o direito de ser respeitado e para eu ser respeitado, também tenho o direito de respeitar os outros, não é?”• “ é fundamental que todas as partes de uma Escola, passando pelos professores, pessoal não docente, alunos, pais, eles saibam quais são os seus direitos, mas também têm que saber quais são os seus deveres.”• “ eu acho que é fundamental lembrar aos jovens os seus direitos mas, ao mesmo tempo, também fazer a mancha | <ul style="list-style-type: none">• Importância da implementação dos direitos dos alunos para a gestão da Escola (15) |

| | |
|--|---|
| <p>com os seus deveres, para com a Escola.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ ele tem direito a que seja tratado com justiça.”• “ como responsável por uma casa, não aceito que o jovem, que o tratamento que tenham para com ele não seja um tratamento coerente. Hoje é duma maneira, amanhã é doutra. Não pode ser. Hoje eu, porque estou bem disposto, aceito tudo; amanhã, venho mal disposto, corto a direito.”• “ Quer dizer, estas coisas pouco constantes na atuação fazem com que o ambiente se degrade.”• “ nós, por vezes, como professores, cometemos determinadas injustiças e os miúdos têm um critério de justiça muito mais apurado do que o nosso.”• “ Eles são capazes de, devido ao sangue na guelra que têm, se calhar são capazes de uma reação qualquer, dizer alguma coisa disparatada, mas acho que nós professores, também devemos ter a preocupação de, sempre que o jovem se abeire de nós num ato de nos pedir desculpa, eu acho que, se somos adultos, se somos profissionais, acho que devemos aceitar essas desculpas, fazendo ver a ele que ele não pode ter esse tipo de atitude.”• “ Quando às vezes eu aqui, quando os chamo à responsabilidade e já com o Diretor de Turma, com o pai, com o menino, eu digo “eu não disse nada, mas gostava muito que o meu amigo, em qualquer altura, se abeirasse do professor e lhe pedisse desculpa sobre o ato que cometeu, ou então, que vai ter a preocupação, | <ul style="list-style-type: none">• Direitos dos alunos mais importantes para o Diretor ou que o preocupam (16) |
|--|---|

uma vez que você teve essa triste atitude pública, também vai pedir publicamente desculpa ao professor.”

- “ Não é aquela coisa “ah, já agora, desculpe.” Não, não, porque eu depois mais tarde vou perguntar ao professor como é que o meu amigo fez.”
- “ mas também aceito que o professor aceite esse pedido de desculpas e não aquela coisa que, por vezes, nós, adultos, temos “ah e tal, não, vai-te embora!” Quer dizer, isto só agrava a situação, não é?”
- “ Eu acho que é: justiça, a equidade, porque acho que nós devemos tratar os miúdos todos da mesma forma, quer eu... porque eles são sensíveis a isso.”
- “ Nós às vezes temos essa coisa de fazermos a distinção do Zezinho que até é um indivíduo muito simpático, muito não sei quê, o outro, o António, até não fala muito, portanto há ali uma certa distinção e eu acho que nós devemos ter muito cuidado com isso.”
- “ Quando eu falo de discriminação, não quero, de maneira nenhuma, entrar na parte da raça, portanto ser ou cigano, ou ser... nada disso.”
- “ uma das coisas que eu acho que o professor tem mesmo que fazer, se quer ser bom profissional, é: tudo aquilo que pede, ele tem de corrigir e tem que entregar atempadamente os elementos aos jovens. Porque eu entendo que, qualquer miúdo, quando chega ao final do período, ele tem a obrigação e o direito de saber com o que é que pode contar.”
- “ nós todos temos aqui o hábito de, pronto, que haja

sempre autoavaliação, por parte do miúdo, dentro da sala de aula, sei também que alguns não o fazem, alguns professores não o fazem e só me apercebo disso quando há confusão.”

- “ eu acho que é fundamental é a coerência nas atitudes que tomamos, junto deles, a questão da justiça, a questão de, se erramos, não devemos estar para ali a atirar tiros para o ar e a tentar desculpar aquilo que não é desculpável, acho que devemos assumir os erros e dizer mesmo “meus amigos, aquilo que eu disse ontem, não está muito correto, portanto o correto será isto.”
- “ Agora, eu quando digo isso, não estou de maneira nenhuma a dizer que está constantemente a enganar-se. Se está constantemente a enganar-se, é porque é mau profissional, portanto, também, não serve.”
- “ sempre que há qualquer problema, eu tenho o mau hábito de, mesmo que seja um problema desagradável, procuro evitar falar com eles logo. Tenho a preocupação de, naquela mesa redonda, “olhe pá, tem aqui um papel, tem aqui uma caneta, se não se importa, passe a escrito o que é que se passou. Mas não me minta, portanto passe tudo. Assuma aquilo que fez, mesmo que leve nas orelhas, mesmo que leve nas orelhas, é pá, assumo. É preferível do que depois ser eu a descobrir a verdade.”
- “ Depois, tenho a preocupação de chamar cá, e então já depois de eu ter lido o papel, tenho a preocupação

- Mecanismos existentes na Escola de defesa dos direitos dos alunos (17)

de falar com eles para ouvir a versão deles.”

- “ Para além disso, também exijo a mesma coisa da parte do professor, para depois fazer o cruzamento das coisas, como é que as coisas nasceram...”
- “ Tenho a preocupação de ouvir todas as partes, não aqueles processos sumários de nomear o instrutor, que eu detesto essa parte burocrática.”
- “se não tenho possibilidades de o ouvir, tenho a preocupação de pedir ao Diretor de Turma, “olha, se não te importas, arranja um bocadinho para ele passar a escrito aquilo que se passou.”
- “ tenho a preocupação, também, de lembrar aos Diretores de Turma, que os Diretores de Turma no que diz respeito à Formação Cívica, o lembrar os direitos deles, o lembrar por que é que nós temos os direitos.”
- “ certamente eu deixarei de ter direitos quando não cumpro com os meus deveres, pronto, procurar falar sobre essas matérias, sempre atirando-os para o Estatuto do Aluno e para o Regulamento Interno.”
- “ No caso do secundário, os Diretores de Turma, também, quando dão aquelas preleções de final da sua aula, sobre alguma coisa que não correu bem, na disciplina não sei o quê, o lembrar sempre e atirá-los sempre para o Regulamento Interno, porque se eles querem ter direitos, eles também têm que saber estar.”
- “ na sala de aula, ... eu não posso aceitar que qualquer professor, pronto, como é o António que está a perguntar qualquer coisa, faz de conta que não ouviu,

| | |
|---|---|
| <p>ou não... eu não aceito isso. E, se por acaso o miúdo sente que está a ser tratado assim, eu tenho um tipo de alunos e um tipo de pais que reagem...”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Reagem, reagem e dão conhecimento ao Diretor de Turma e se as coisas continuarem, eles próprios acabam por vir falar comigo e claro que a nossa primeira reação “oh pá, está agora armado em patinho feio! Nem pense nisso! Alguma vez o professor...” Mas claro que a mensagem fica cá e indiretamente depois a pessoa acaba por “Então, mas ouve lá, conta-me lá, mas...” “Eh pá, não posso com ele, ele não...” “Pá, temos que o aturar. Agora, tu tens que o aturar, mas ele também tem que saber estar. E se ele não souber estar, põe-no na rua e acabou.” Mas ele tem o direito de, se tiver uma dúvida, ele tem que a pôr e temos que responder.”• “ eu entendo que nós se não respeitarmos os direitos deles, nós estamos a sujeitar-nos a que eles também não respeitem os nossos direitos.”• “ eu não tenho agora o Projeto Educativo todo metido na cabeça.”• “ É pena que seja um documento que, nas escolas, nós só vamos a ele, só o vamos consultar quando precisamos.”• “ eu engalinho um bocadinho com aquelas frases bombásticas que “uma Escola para funcionar, tem que ter um Projeto Educativo, tem que ter um Regulamento Interno...” como é que as escolas funcionavam antes | <ul style="list-style-type: none">• Medidas constantes do Projeto Educativo destinadas a efetivar os direitos dos alunos (18) |
|---|---|

de terem estes referenciais?”

- “ Claro que são referenciais que existem e têm que existir e todos nós temos, todos nós mesmo antigamente, antes de ele estar ali, todos nós tínhamos um projeto na cabeça, não é?”
- “ aquele Projeto Educativo está muito virado para o trabalho dentro da sala de aula. Para nós, o coração da Escola é a sala de aula.”
- “ O papel do professor dentro da sala de aula, o respeito e o papel do aluno na sala de aula, o saber estar, portanto, o participar de uma forma organizada, portanto, é tudo.”
- “ Há várias medidas e nós não temos lá uma que é, no fundo... fala-se na questão dos espaços verdes, nesses espaços verdes.”
- “ melhorar os espaços verdes.”
- “ tenho já um furo feito com água lá ao fundo, para poder alimentar a cascata e não estar dependente do São Pedro...”
- “ A água vem lá de cima, vai por aí abaixo e tem uma vista engraçada.”
- “ Os espaços verdes... é impensável, porque eu não tenho jardineiro...”
- “ Eu bem tenho desafiado a Junta de Freguesia, para quê? Para abrir este espaço ao fim de semana e assim, abrindo este espaço ao fim de semana, eles tinham obrigação de me cuidar dos espaços verdes.”
- “ É que isto tem uns espaços ótimos, poucas escolas

| | |
|--|---|
| <p>devem ter e se isto fosse aproveitado, tudo arranjadinho com relva e... era uma coisa...”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ não pense que a Gulbenkian lhe fazia frente, porque este espaço bem arranjado e no inverno quando está verdinho, às vezes dizem-me “Eh pá, tens uma relva tão gira”, “não, não, um ervado. O ervado está giro.”• “ se eles estivessem encravados no betão, eles próprios agradeciam, porque este espaço, agora nessas noites quentes, para passearem aqui com segurança...”• “ É a organização dos espaços.”• “ para o próximo ano já vamos ter refeitório.”• “ o refeitório está integrado neste espaço todo.” <ul style="list-style-type: none">• “ quando nós elencamos no nosso Regulamento Interno os direitos deles, entendemos que são os direitos que qualquer jovem deva ter.”• “ eles não estão hierarquizados.” <ul style="list-style-type: none">• “ Eles recebem todos os anos uma brochurazita, onde levam para casa e onde estão descritos os direitos e os deveres deles.”• “ A brochura é a transcrição do Regulamento Interno.”• “ Mas se nós olharmos para o Regulamento Interno, se calhar desta casa e doutras, nós verificamos que depois há ali coisas que parece que não joga a bota com a perdigota, portanto, não há ali, às vezes não há ligação” | <ul style="list-style-type: none">• Direitos que a Escola procura garantir aos alunos (19) • Meios utilizados pela Escola para dar a conhecer aos alunos os seus direitos (20) |
|--|---|

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Porque nós quando fazemos as reformulações dos Regulamentos Internos, acaba por ser uma manta de retalhos.”• “o elencar tudo, acho que é desagradável, o “sim senhor”, fazer referência a alguns, não vamos dizer que são os mais importantes ou os menos importantes e fazer referência à lei.”• “ se calhar eles têm consciência dos direitos e dos deveres que têm para com a Escola, porque eles não estão constantemente a reivindicá-los, tanto os direitos como os deveres, portanto, não sei, não...”• “ eles têm um à-vontade de, se eles sentirem que alguém não os está a tratar com respeito, eles... eles desabafam e dizem assim “Stôr, não está correto. O professor, sei lá, não me deixou entrar e às vezes deixa entrar outros”,• “ Eu não posso fazer nada... e claro, “oh pá, ouve, vamos lá passar a fita. Tu tens que pensar que nenhum de nós é santo, nós não somos santos. Agora, certamente que o professor deixou entrar o ‘não sei quê’ mas já te chamou à atenção muitas vezes a ti para chegares a horas e tu continuas a não ouvir. Se calhar agora, para a próxima, já não vai acontecer. A questão de ‘só me vê a mim, só sou eu’, é pá, é porquê? Porque tu repara, eu também já dei aulas e eu recordo-me que os nossos olhos, quando saem do quadro, viram-se logo para aquela zona onde estás tu. Se calhar naquele dia até não estás lá mas nós pensamos logo ‘Lá está outra | <ul style="list-style-type: none">• Consciencialização pelos alunos dos direitos de que são titulares (21) |
|--|--|

| | |
|---|---|
| <p>vez o Francisco’, pá isto é normal, quando tiveres a minha idade, vais dar razão a isto que eu te estou a dizer. Aquilo que tu tens que fazer é o saber estar lá na sala de aula, porque tu vais demonstrar ao professor que o professor, afinal, está enganado em relação à tua postura.” Portanto, esse tipo de... é aí que eu me apercebo dos tais sentidos de injustiça que eles sentem.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “ Mas eles esquecem-se também, por vezes, que se eles tivessem cumprido os deveres deles, eles nunca passariam por uma situação destas, mas isto é... acontece com eles, acontece com os adultos, acontece com todos, não é? A primeira tendência que nós temos é, ou “ah, não! Eu não fui, eu não fiz!” • “Eu não tenho nada a ver com isso!” mas às vezes encravados até mais não. Mas a primeira reação é esta.” | |
| CATEGORIA: PRINCÍPIO DA NÃO-DISCRIMINAÇÃO | |
| Unidades de Registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none"> • “ há muita preocupação também da parte da Escola, o chamar, quando chega, sei lá, a altura ali dos Direitos Humanos, trazemos sempre alguém para falar à Escola dos Direitos Humanos.” • “ o termos a preocupação, também, de elencarmos no nosso Plano Curricular de Escola temas a serem abordados na Formação Cívica.” | <ul style="list-style-type: none"> • Medidas utilizadas para assegurar o respeito e garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação (22) |

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ o Diretor de Turma acaba por lecionar, também, a Formação Cívica.”• “ o próprio Diretor de Turma, sempre que haja algum reparo a fazer naquelas conversas de família que temos, para chamar a atenção para alguma coisa menos boa que possa ter corrido com algum professor ou com alguma sala de aula, haja sempre a preocupação de, mais uma vez, valorizar o papel do aluno na Escola, o que é que ele tem que... se quer ser respeitado, tem que respeitar.”• “ Não os discriminar, portanto, o haver respeito.”• “ Eu não aceito que um professor atenda uma chamada na sala de aula. E se isto aconteceu, aquilo que eu peço aos professores é que o façam, mas que o digam ao aluno, “Meus amigos, eu deixo o meu telemóvel, vocês desculpem, eu tenho o meu telemóvel ligado porquê? Porque tenho a minha filha, ou estou à espera de um telefonema, porque tenho algum familiar que não está bem. “ E eu acho que isto é fundamental. E o mesmo acontece... que haja da parte de um aluno, se por acaso também tem a mãe ou tem... que diga ao professor, “Stôra, olhe, se não se importa, deixe-me eu ter o telemóvel ligado...”• “ Não tem e depois os conflitos ... aquilo a que eu chamo os conflitos laborais surgem nessas alturas.”• “ Não, não, não sinto isso. Nem sinto isso nem da parte dos professores, nem mesmo entre eles.” | <ul style="list-style-type: none">• Ocorrência de situações de discriminação na Escola (23) |
|---|---|

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “Estrangeiros, também, tenho. Não tenho muitos, mas tenho. Tenho brasileiros, tenho ucranianos.”• “chega um casal cá, engenheiros, mas a trabalhar nas obras e tivemos uma filha para o sétimo ano e um miúdo para o décimo segundo. Não falavam nadinha português. Claro que houve, da parte da Escola, a preocupação de, dentro do tempo do estabelecimento, uma professora de dar algumas aulas de português corrente, não era o português curricular. Uma coisa é certa: a miúda fez cá desde o sétimo até ao décimo segundo, foi uma das melhores alunas desta casa, o irmão, no décimo segundo ano, eu sei que ele passou a tudo menos a Química, salvo erro Química e Matemática, uma coisa assim, no décimo segundo ano e no ano seguinte, tau! Fez!”• “não é uma Escola com muitos estrangeiros...”• “mas não é aquele estrangeiro de não falar nadinha.”• “Nós aqui, o número é um número reduzido. Eu não sei, se calhar não chega a dez, nessa situação.”• “Há a preocupação – volto outra vez a falar nisso – que é o rigor.”• “E quando digo rigor, é exigir, também, da parte dos Diretores de Turma rigor na justificação de faltas.”• “... no princípio do ano, com todos os pais dos novos alunos, eu faço uma reunião com os pais dos sétimos e com os pais do décimo, para explicar a eles, o que é que a casa espera deles.” | <ul style="list-style-type: none">• Medidas destinadas a combater o abandono e o insucesso escolar (26) |
|--|---|

- “ E uma das coisas que eu digo, eles não podem de maneira nenhuma ficar aborrecidos com o Diretor de Turma, quando o Diretor de Turma não lhes justifica as faltas, porque o Diretor de Turma tem obrigação de saber que o pai sabe que o aluno faltou, porque devem fazer a justificação, mas não quer dizer que justifique a torto e a direito.”
- “ E eu fico satisfeito por essa salganhada ir embora.”
- “ Mas o rigor da parte do Diretor de Turma é fundamental para nós exigirmos, também, da parte dos alunos”
- “ quando um aluno está com um Diretor de Turma que justifica tudo e mais alguma coisa, no ano seguinte, se apanha um que cumpre as suas obrigações...começa a gerar mal-estar.”
- “ Mas há a preocupação para o cumprir horários, a assiduidade é fundamental, porque se não fosse fundamental, então geralmente o sucesso está associado a isso; um jovem que falta muito, é natural que não tenha sucesso.”
- “ um pai que não venha à Escola saber como é que as coisas estão, é natural que o acompanhamento junto do filho fracassa.”
- “ isso tudo junto, é sempre preciso sensibilizá-los...”
- “ é praticamente zero por cento.”
- “ não estou a dizer que, um caso ou outro, em determinadas turmas, eles não apareçam, claro que aparecem.”

- “ Aí há a preocupação de... eu por vezes, também, entro em cena.
- “ O Diretor de Turma tenta, não houve resposta do outro lado, então é o Diretor que se disponibiliza para falar com o Diretor de Turma, com o Encarregado de Educação, o sensibilizá-lo para o trazer de volta.”
- “ antes de chegarmos a essa fase, o Diretor de Turma tem a preocupação, também, de me dizer e eu, por vezes, chamo o jovem aqui abaixo, os dois aqui, eu aqui, ele aí, o procurar saber “Eh pá, mas por que é que faltas, pá? Mas ouve lá, não gostas da Escola? Mas o que é que se passa, há alguma coisa que eu possa dar para...?” Pronto, aquele tipo de conversa mole, com eles, procurar saber.”
- “ Nalguns casos resulta, noutros casos, continuamos à mesma, mas depois, quando começamos a puxar a fita, sentimos que se calhar em casa não têm apoio nenhum, se calhar em casa, também, não há a preocupação de receber um telefonema e “hoje fico na casa de alguém.” Esse alguém, o pai até nem o conhece. “É amigo.” É amigo, mas...”
- “ A Escola não consegue resolver isso.”
- “ E, às vezes, alguns Diretores de Turma passam mal, porque os Diretores de Turma são pessoas e são pessoas que sentem. E há pessoas que quando interiorizam essas situações, vivem mal, porque vivem angustiadas, porque não conseguiram...”

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “tenho poucos alunos nessa situação.• “Os apoios educativos. Portanto, serão, vão ser eles os miúdos que vão utilizar esta medida pedagógica.” • “Nós não temos assim bolsas com estas características.”• “temos a preocupação de ajudar nos livros, ajudar na questão, embora mesmo sem refeitório, eles têm direito a determinados pratos no bar.”• “estas coisas dificilmente se conseguem detetar, porque todos nós temos vergonha dessas coisas, de assumir isso.”• “Mas sempre que haja uma desconfiança, mesmo um miúdo que não tenha sido sinalizado como um miúdo do ASE, temos a preocupação de, ou no final do dia, aquelas coisas que sobram, que também não podem ser utilizadas, de uma forma ou doutra, arranjam os meios de ele poder levar para casa, ou de... de ajudar.”• “E, às vezes, burocraticamente não atinge lá os valores que são necessários para poder estar metido num escalão qualquer, mas nós sabemos que há situações, acabamos por arranjar maneira de os apoiar, a nível de alimentação e mesmo, às vezes, de livros, de livros de... sei lá, através dos professores, os livros que vêm das editoras, em vez de estarem acumulados no gabinete de grupo ou no Centro de Recursos, olha, tira-se um, empresta-se, sensibiliza-se para que ele não | <ul style="list-style-type: none">• Adequação da educação proporcionada aos alunos às suas necessidades, independentemente da sua origem ou língua materna (27) • Ações de discriminação positiva desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar, relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade (28) |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>o danifique e que no final do ano, tem que o entregar, pronto, procuramos fazer isso.”</p> <ul style="list-style-type: none">• os primeiros apoios a serem lançados nos horários, são os destes miúdos.”• “ São aqueles miúdos que já foram sinalizados pela Educação Especial, no seu PEI já foram lá definidas o que é que temos, quais são as medidas pedagógicas que temos que adotar.”• “ estes miúdos são logo os primeiros a serem lançados nos horários dos professores, quando os professores recebem os seus horários.”• “ São estes que a Escola dá logo prioridade, aos apoios educativos destes miúdos.”• “ Não, não estão sinalizados. Às vezes há casos em que nos é dito que o miúdo até é sobredotado.”• “ se perguntar nas escolas deste país quantos Planos de Desenvolvimento são feitos, certamente zero. Quantos Planos de Recuperação? Certamente muitos.”• “ Nós só nos preocupamos, e a legislação está toda virada para o lado de quem não quer trabalhar. E os sobredotados, geralmente...”• “ também tem que haver da parte do miúdo, também tem que se capacitar que o professor, que é sozinho, não tem capacidade para poder dar resposta, de uma forma, a vinte e seis e doutra forma, a dois. Se calhar a Escola devia estar dotada de outros mecanismos.” | <ul style="list-style-type: none">• Apoios educativos prestados aos alunos com necessidades educativas, tais como problemas de aprendizagem e de sobredotação (29) |
|---|--|

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Tem que haver é da parte do professor a possibilidade de quando, em determinado tipo de atividades dentro da sala de aula, agarrar neles e servir-se deles como tutores dos outros que têm mais dificuldade. Será uma forma de valorizar o trabalho dele, não é? E acho que é fundamental que isto se faça.”• “ Em termos motores, não tenho ninguém cá.”• “ Devido ao próprio edifício.”• Temos, por vezes, se vem aqui e que vê miúdos com canadianas, o que é que acontece? Foi qualquer coisa que aconteceu na Educação Física, lesões ou, então, alguma coisa que aconteceu lá fora, mas são temporárias, não é uma questão de deficiência, é uma questão de incapacidade temporária, não é.”• “ As outras, temos, temos, o miúdo que, sei lá, deficiente visual, o miúdo que tenha, agora está-me a fugir o termo, mas seja disléxico, assim com um grau bastante forte, nós temos estes miúdos sinalizados.”• “ além de termos o Serviço de Psicologia e Orientação, em que nós temos uma conselheira de orientação, uma psicóloga e tenho dois professores de Educação Especial.”• “ nós temos condições para poder funcionar bem.”• “ Se temos dois técnicos que têm a obrigação, são profissionais, esses professores é que sinalizam, acompanham e para além de os sinalizarem e de | <ul style="list-style-type: none">• Medidas de integração dos alunos que sofrem de incapacidades (30) |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>fornecerem aos professores formas técnicas, orientações para lidar com o problema, também têm espaço para poderem dialogar com estes miúdos e terem, às vezes, porque eles são oriundos de uma determinada formação académica, sei lá, se for no ramo do Português, também, podem perder um bocadinho de tempo, no tempo que estão na Escola, para receberem miúdos.”</p> | |
| <p>CATEGORIA: INTERESSE SUPERIOR DO ALUNO</p> | |
| <p>Unidades de Registo</p> | <p>Indicadores (Itens)</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • “ não somos escola promotora da saúde, mas temos uma pessoa que, não para a Escola toda, mas vai desenvolvendo ações, trazendo pessoas à Escola dirigido a determinadas turmas.” • “ aplica mais a nível do nono ano, então, a nível do nono ano, mais sobre educação sexual, alimentação, sei lá, mais dirigido se calhar aos oitavos.” • “ Um docente da Escola que, para além de poder falar aos miúdos sobre algumas temáticas, tem, também, a preocupação de fazer a ponte entre um trabalho de projeto de uma determinada turma, então falam com ela, para ela chamar alguém sobre essa temática para vir à Escola falar naquela turma.” | <ul style="list-style-type: none"> • Áreas de educação proporcionadas aos alunos: a) Promoção da saúde (31,a) b) Saúde sexual (31,b) |

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Há a preocupação também, o caso das Ciências, da Educação Física, de haver uma certa ligação e os próprios professores, no Conselho de Turma, nem todos, mas pelo menos alguns, têm a preocupação de fazerem estas pontes.”• “ eu não sou daqueles que proíbo que venha alguém à Escola e possa distribuir preservativos a eles. Eu sou daqueles que chamo a atenção para evitar que, depois eu encontre esses preservativos na escada.”• Haverá a preocupação, também, quem vem à Escola falar sobre essas matérias, sensibilizar os miúdos para o respeito sobre aquilo que estamos a falar.• “ palestras com as enfermeiras aqui do Centro de Saúde... Procuramos esse tipo de parcerias.”• “ uma equipa do professor Daniel Sampaio que desenvolveu um projeto aqui ao longo do ano, aplicado a todas as turmas do nono ano de escolaridade ... este ano que terminou, envolvendo reuniões com miúdos, com pais, professores, portanto, assim várias fases ...envolvia a parte sexual, o saber.”• “ Eu não tenho nesta casa nenhum Gabinete de Conflitos. Houve uma altura que era moda criar esse tipo de... eu se calhar nunca senti necessidade disso.”• “ Mas eu penso que, também, às vezes, as escolas | <p>c) Relações sociais, incluindo temas de mediação, negociação e resolução de conflitos (31,c)</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>ficam com outros problemas, que é: que tipo de pessoas é que nós depois pomos neste Gabinete de Conflitos.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Às vezes, vamos lá colocar pessoas nestes Gabinetes de Conflitos ainda piores do que os nossos miúdos e que certamente arranjam às vezes conflitos com outros colegas nossos.”• “ o próprio Diretor de Turma deve ter essa preocupação ... na Formação Cívica, de alertar para, não é? ... O respeito uns pelos outros.”• “ os Diretores de Turma dos filhos estão presentes na reunião que tenho com os pais e os Diretores de Turma, também, estão ao meu lado na reunião que tenho com os filhos. Portanto, os recados que eles ouvem, é precisamente os recados que, certamente, os Diretores de Turma lhes vão transmitir.”• “ a nível dum secundário, obrigatoriamente na cadeira de Economia, na cadeira, se calhar, de Matemática Aplicada às Ciências Sociais, sei lá, se calhar essas temáticas, na Geografia, qualquer coisa, se calhar essas temáticas estão lá, não sei, desconheço.”• “ Não sei as conversas que os Diretores de Turma, nas suas aulas de Formação Cívica, possam ter com os mais novitos...”• “ fiz uma parceria com a Gulbenkian, com a Deco sobre educação sustentável, com miúdos, com professores, vou ter um projeto.”• “ Com o Instituto Marquês de Vale Flôr e nós estamos | <p>d) Gestão financeira, a nível pessoal (31,d)</p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>muito sempre nessas coisas.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ os Diretores de Turma na Formação Cívica de alertar, quando se passa por aquela fase da eleição do delegado, pronto, há a preocupação de fazer a ponte com a eleição dos nossos políticos.”• “ O mesmo acontece com os Diretores de Turma do secundário.”• “ temos Direito, mas é uma cadeira de opção, não é? E aí certamente, que é curricular e, com certeza que eles hão-de falar nisso.”• “ quando se fala na Formação Cívica, na forma como eles têm de estar nessa sociedade, o respeito uns pelos outros, os direitos, os deveres, a solidariedade, eu acho que são sempre temas que são falados por qualquer Diretor de Turma e até mesmo por qualquer professor.”• “ quando nós estamos, sei lá, a dar uma aula qualquer, mesmo que o tema não tenha nada a ver, mas só a postura de, por vezes, estar na sala de aula, sobre um qualquer, pode ser motivo de conversa para introduzir esse tema.”• “ esses projetos ... isto envolve a Deco também, portanto eu não sei bem, bem, porque eles ficaram de vir falar comigo, já falaram comigo, um professor meu já foi à Hungria, participar numa conferência, e como nós temos ligações com eles através do comércio justo, | <p>e) Leis fundamentais (31,e)</p> <p>f) Assunção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos (31,f)</p> |
|---|--|

através, também, de outro tipo de clubes que temos, a nível do Clube Europeu, as relações com a Europa, com... pronto, acaba por as escolas nos virem procurar.”

- “ Ainda ontem, achei piada porque vieram falar comigo da Federação Portuguesa de Culturismo e Utilizadores da Bicicleta para participarmos, eles já nos puseram aqui, também, para podermos participar nesse projeto, Projeto Benfica Ciclável ... Consiste em a Federação colocar aqui na minha Escola, sei lá, umas cinco ou seis ou dez bicicletas e chega aqui, ou eu ou um aluno qualquer, quer ir daqui ao Colombo, identifica-se ali, deixa um cartão, agarra na bicicleta, mediante determinadas condições de segurança e vai daqui até à estação de Benfica ou até ao Colombo...”

- “ Eu penso que sim, em termos globais, eu penso que sim.”

- “ Eu posso dizer que acho que os nossos miúdos, primeiro eles já vêm com algumas noções sobre essas áreas, não é?”

- “ E depois eu penso que a Escola, também, os educa nesse sentido, acima de tudo para serem cidadãos de direito e responsáveis.”

- “ nós temos nesta onda agora, dos nossos políticos mais jovens, veem-se alguns que foram alunos desta casa, Secretários de Estado, andam nessas áreas.”

- “ num daqueles prémios que atribuem, de investigação,

- Adequação do ensino e educação proporcionados aos alunos à sua preparação para a vida real e para a compreensão da realidade mundial e local (32)

um dos miúdos, que não é miúdo, é já graúdo, pronto, também foi filho desta casa.”

- “ acho que é uma satisfação sentir primeiro: sentir que, neste momento, os filhos desta casa estão a trazer os filhos desta casa. Isto quer dizer alguma coisa, não é?”
- “ É importante, também, sentir aquilo que eu sinto, que é quando sai uma reportagem qualquer sobre a Secundária de ..., ou veem o professor ... numa reportagem qualquer, os mails que caem logo aqui.”
- “ aquilo que eu lhe transmito e quando eu digo “a nossa casa”, não é plástico, é mesmo sentido.
- “ se eu não me sentir bem na minha casa, eu não me sinto bem em lado nenhum e é isso que eu tento transmitir a eles.”
- “ é giro que, quando saem notícias, sei lá, na altura dos rankings, por hipótese e que as coisas são mais badaladas, lá se diz “Ah”, os mails logo assim a cair, “A nossa casa continua em força.”
- “ Sinto que a Escola foi no coração deles e que eles continuam a lembrar-se, quando ouvem o nome da Escola, não passa despercebido, “é a minha Escola.”
- “ essa questão de eles chegarem aqui e trazerem os filhos e falarem de inculcarem nos filhos a questão de “vais para a Escola do papá” ... Isto quer dizer alguma coisa.”

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Nós não funcionamos muito por chapéus.”• “ o nosso Projeto Anual de Atividades não tem tema aglutinador, nós já não utilizamos isso, há muito tempo.”• “ no tipo de atividades que desenvolvemos, temos a preocupação de melhorar aquilo que já fizemos em anos anteriores, de um convite qualquer que cai em cima da mesa e, então, vamos agarrá-lo.”• “ é importante para a formação deles.”• “ nós sabemos que, quando se diz “Ah, não, quem escolheu o tema, ou quem escolheu o trabalho foram os miúdos.” Não será bem assim ... É claro que poderá haver ali uma negociação, mas se calhar, se o adulto não estiver sensibilizado para o trabalho que se vai fazer, com certeza que não serão os mais pequenos que conseguem arrancar esse trabalho, não é?”• “ Mas temos a preocupação é de ver aquilo que nos oferecem, se vai ou não contribuir para a formação dos nossos alunos, a quem é que interessam ... É a primeira preocupação, não é o entrarmos em muita coisa, sem termos a preocupação de ver qual a mais-valia que os nossos jovens possam tirar disso.”• “ mesmo projetos em que entramos, projetos internacionais que possamos entrar, há sempre a preocupação, não é a questão só porque “vamos à Polónia” ou vamos não sei aonde. Não, não, vamos é trabalhar para ir à Polónia e vamos procurar sempre dignificar o nome da Escola nos trabalhos que se apresentam. Mas o objetivo é ... que é que esse | <ul style="list-style-type: none">• Adequação dos projetos desenvolvidos com o interesse superior dos alunos (33) |
|---|---|

trabalho, ou o que é que esse projeto contribui para a formação deles.”

- “ essa linha não é a minha, não vou agora, primeiro tenho que ouvir o Pedagógico “então, querem? Não querem?” Não, desculpe, mas não faço isso. Eu tenho obrigação, se eu sou responsável pela casa, eu tenho obrigação de ouvir e eu penso “Não, não, isto tem interesse ou não tem interesse para os alunos da minha casa.” Não é agora apitos e flautas, não senhor, “ah e tal, é muito giro e tal, porque na escola tal faz-se ou não se faz.” Não é nada disso.”
- “ se a Escola é convidada para entrar num projeto, claro que eu digo “sim, senhor, nós estamos disponíveis para.” Vou reunir depois com as partes que eu acho que são fundamentais para pôr o projeto a andar.”
- “ Mas a preocupação é sempre de “o que é que os nossos alunos ganham com essa iniciativa, com esse projeto?” É o objetivo.
- “ a nossa casa tem um nome, a nossa casa é respeitada e se é respeitada, ela é procurada. E acho que nós devemos agarrar determinadas oportunidades que nos dão o facto de termos o nome que temos, o respeito que temos e o estarmos em Lisboa.”
- “ às vezes, fico doido, por que razão é que não se agarra em determinadas coisas que vêm, projetos que, por vezes, o adulto não lhe dá importância nenhuma, mas se calhar, se esse adulto, se vestisse com a pele de aluno e olhasse para o projeto com quinze anos, se calhar até se atirava e se calhar seria um projeto a desenvolver que os miúdos vão aqui ou vão ali, ou a

outro lado qualquer, que os marca e que eles nunca mais se vão esquecer.”

- “ eu acho que a casa é deles e isto só funciona porque eles estão cá.”
- “eu estou-me nas tintas que me digam que não tem interesse para nós. Pode ter interesse é para os alunos; para nós, eu se calhar, até pode não ter interesse para mim, porque é logo “dá muito trabalho”, nada se consegue sem trabalho.”
- “ não esquecer que nós somos animais de hábitos e não esquecer que fazer ou ministrar aulas diferenciadas numa turma com vinte e oito, é difícil e vamos ser realistas, não... embora isto seja muito bonito na legislação e nas medidas pedagógicas e nesses livrinhos sobre pedagogia, mas eu gostava de os ver era lá.”
- “ acho que nós estamos diferentes daquilo que éramos há uns anos atrás e, se calhar, os próprios 90 minutos obrigaram-nos a ter de mudar, também, de estratégia.”
- “ o tipo de miúdos que temos obrigaram-nos a mudar de estratégia.”
- “ aquela coisa de... aquilo que eu digo é que é verdade e que não aceito que alguém me diga do lugar “ah, mas eu ontem à noite vi qualquer coisa assim, diferente daquilo que a Stôra está a dizer.” Portanto e acho que a grande maioria dos professores que eu tenho nesta casa são professores que aceitam e não é aquela coisa de “cale-se, vá para a rua, então mas entende que eu estou

- Adequação dos métodos de ensino-aprendizagem às necessidades dos alunos e aos diferentes ritmos de aprendizagem (34)

aqui a mentir, então mas ouça lá, quem é o professor, é você ou sou eu?” Portanto, tenho poucos desses, porque hoje em dia o professor tem que ser assim. Só tem é que agarrar no miúdo que diga uma coisa destas e dizer-lhe assim: “Tu amanhã, ou daqui a dois dias, se não te importas, eu vou contar contigo para falares sobre isso com os teus colegas”, porque acho que é uma forma de dar a volta.

- “ não esquecer que a minha casa é uma casa velha. Não estou a dizer que os mais novos sabem dar aulas melhor que os mais velhos, mas procuramos adaptar-nos às novas situações e procurar, acima de tudo, ouvir e aquilo que as lideranças intermédias, também, têm para dizer, que faz parte das competências do Coordenador de Disciplina e dum Coordenador de Departamento alertar para a forma de atar as coisas.”
- “ embora haja aquele grande medo de entrarmos nas aulas uns dos outros, que não devia ser assim; dá-me vontade no próximo ano de dar aulas de porta aberta; já pensei nisso e não sei se não será a novidade do ano.”
- “ Nas nossas salas, as portas da sala são assim como esta, mas ao lado, ao lado têm uma altura de vidro, uma altura em vidro.”
- “ a razão que me leva a pensar duas vezes ter a porta aberta é só, os blocos são simétricos e as salas acabam por, quem está nesta sala, também, está a ver os alunos na outra e estar a porta aberta talvez dê direito a macacadas, mas por acaso já pensei nisso.”
- “ tive pouca gente a pedir observação de aulas aqui.”
- “ se quer pôr um professor ... um professor à rasca,

desculpe o termo, é colocá-lo numa sala que tenha vidro e ... passe duas ou três vezes no corredor, mesmo sem parar. ... Porque nós continuamos a pensar que somos donos e senhores daquele espaço.”

- “ E os grandes problemas da avaliação dos professores, para além da parte burocrática das fichas, que aquilo é uma aberração, mas era, o problema estava na questão de irmos a ser observados. E acho que isto é mau.”
- “ nós continuarmos a não saber, dentro dos grupos, partilhar as coisas boas e as coisas más.”
- “ Vai logo saber quais são as nossas fragilidades e isso é mau.”
- “qualquer um de nós é inseguro naquilo que fazemos.”
- “ temos que ser superiores a essa insegurança e o ser superior a essa insegurança é dizer “não senhor, não há razão para estar inseguro, portanto vamos abrir as portas.””
- “ o nosso sistema de ensino ganha, quando nós começarmos a partilhar todos uns com os outros, sem... partilhar, mas numa forma honesta e humilde, porque ganhamos todos. Deixamos de ter aquela mania...”
- “ Principalmente os alunos, que é aquilo que, para quem nós trabalhamos, não é?”
- “ eu considero que as condições de trabalho são boas, aqui. Não estou a dizer que temos materiais, ou extremamente atualizados, mas aquilo que temos dá

- Disponibilização de condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso (35)

perfeitamente para darmos resposta às necessidades do nosso sistema de ensino, porque todos temos a mania que o computador só é bom se for o último modelo, é parvoíce, mas isto todos somos assim.”

- “ Ninguém aqui nesta casa prepara os alunos para os exames, não é isso, nós não temos esse hábito.”
- “ Temos a preocupação, sim senhor é de haver alguns professores que, no final do ano, se disponibilizam para, no auditório, encher, sejam alunos do professor “x”, do professor “y”, para dar algumas coisas, para, sei lá, tirar algumas dúvidas aos alunos, que possam ter surgido naquela altura”
- “ porque, parece que não, nós continuamos a apaparicá-los duma maneira e acho que, às vezes, duma forma negativa, que não os deixamos crescer e eles depois chegam ao ensino superior, continuam a ter um comportamento de crianças, como têm aqui no secundário, que já não deviam ter.”
- “ não é uma Escola diferente das outras, ela tem os problemas que as outras têm.”
- “ aquilo que eu considero que faz a diferença ... eu considero que temos bons profissionais, eu considero que temos condições para trabalhar ...”
- “ Quando eu digo que temos recursos materiais, instalações, nós não temos problemas económicos que nos façam não realizar experiências que são necessárias para os miúdos, isto nunca houve, mesmo em termos de fotocópias, se for preciso, a Escola disponibiliza.”
- “ temos uma coisa que é fundamental na Escola, que é

os recursos, os alunos. Os alunos que recebemos são alunos novinhos, são alunos que querem trabalhar, são alunos que têm objetivos...”

- “ eu acho que temos condições para ter sucesso.”
- “eu costumo dizer, isto é por fornadas, não é? Se os professores são os mesmos, a Escola é a mesma, o que é que muda? São os alunos, é que vão mudando.”
- “ quando essas forças todas se conjugam, os profissionais que eu tenho, as condições de trabalho, a massa que eu recebo, quando aquilo tudo se conjuga, pronto, se calhar temos bons resultados.”

- “ Eu considero que são boas.”
- “ não esquecer que esta casa abriu as portas em 20 de novembro de 80.”
- “ em novembro vai fazer trinta anos.”
- “ Nós procuramos interiormente manter as coisas limpas, pintadas e se der uma volta, entra na casa de banho dos rapazes, das raparigas e não vê assim aquelas coisas aberrantes como, às vezes, nós vemos em determinadas reportagens.”
- “ as salas de aula que nós temos são salas com uma área perfeitamente normal.”
- “ eu tenho 25 salas de aula normais; quando digo salas normais, são as salas onde se pode dar o Português, a Matemática.”
- “ se eu der o salto, de acordo com aquilo que eu

- Qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinadas aos alunos (36)

| | |
|---|--|
| <p>propus, de 25 para 30, eu digo, eu passo a oferecer aos miúdos outro tipo de qualidade cá dentro.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ uma turma que sai às onze, entrou às oito e um quarto, sai às onze e meia, vai para casa para depois entrar aqui à uma e quarenta e cinco; se calhar não será o melhor.”• “ esta casa deu salto qualitativo quando nós procurámos encerrar as atividades às cinco da tarde, terminar as aulas às cinco da tarde e o período das cinco às sete é para reuniões.”• “ Claro que queremos mais, porque também temos consciência que um profissional que entrou aqui às oito e um quarto, fazer uma reunião às cinco da tarde, nós sabemos que não será as melhores condições para a fazer.”• “ Eu tenho algumas queixas; no que diz respeito ao Bar.”• “ se calhar aquilo que oferecemos não será de boa qualidade, mas é o Bar que temos, porque não temos condições para criar outras condições para se poder fazer alguma coisa.”• “ porque eu detesto estar numa sala de aula e sentir cheiros; ninguém gosta de estar numa sala de aula e sentir o cheiro a comida quando o Bar é por baixo de um bloco... e as salas de aula são por cima. Quer dizer, não dá.”• “ Eu acho que podia ser melhor. Há condições para se | <ul style="list-style-type: none">• Qualidade e adequação dos serviços destinados a prestar apoio aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos (37) |
|---|--|

poder prestar um melhor serviço e eu quando digo prestar um melhor serviço, é: geralmente eles chegarem ali, vamos imaginar, chegam às três da tarde ao Bar, “ah, não há nada para comer.” Não, há lá sandes, não há é bolos.”

- “ quer dizer, há peça de fruta? Há, sim senhor. Não há bolos, pronto, porque os bolos já foram. E não há a preocupação de renovar o stock de bolos.”
- “ é uma empresa que nos fornece.”
- “ Nós temos uma padaria ali de Carnide que de manhã vem deixar os bolos, mas eu não aceito que não haja sandes a partir das três da tarde.”
- “ Nós temos um sistema de *catering*, comida que eu não gosto daquilo, por isso é que eu estou deseioso que o refeitório abra, porque entendo que aquele tipo de comida... não gosto, não gosto daquilo, mas foi uma empresa que a própria Direção Regional arranjou, que traz a comida. “
- “ o Bar é explorado por nós.”
- “ eu não acredito que os meninos desta casa, muitos vão ao Refeitório. Isto é tudo meninos que certamente gostam muito mais de pizza e de ir ao Colombo e de ir ali ao Centro Comercial do que comer no Refeitório.”
- “ se nestes mil e cem, se eu tiver lá trinta, cinquenta refeições, para mim é importante, porque, certamente, nestes trinta ou cinquenta, se calhar é a refeição capaz que eles comem.”
- “ Temos a certeza absoluta que há casos, poucos casos, mas deve haver alguns encapotados e que será uma

forma de dar resposta àquilo que eles precisam.”

- “ não esquecer que este edifício, é um edifício diferente de todos os outros. É único.
- “ Este edifício, passados quatro anos, foi construído o pavilhão. O pavilhão gimnodesportivo é um pavilhão que tem quatro ginásios, é uma coisa grande; depois, também já fazia parte do projeto, o refeitório.”
- “ Na altura, aquilo que me disseram é que andavam a escolher o tipo de cozinha, se era uma cozinha vertical, se era uma cozinha horizontal.”
- “ o que é certo é que há espaço, há projeto para o Refeitório, não vai ficar no sítio onde estava projetado.”
- “ Depois, criou-se aquele mito que os miúdos de Benfica não precisavam. Que é uma classe, que não precisavam de Refeitório, mas as coisas não podem ser vistas assim.
- “ Depois, eu comecei a batalhar para se construir um Refeitório que desse resposta às três escolas, porque a outra escola qui perto tinha um refeitório, mas um nicozito, a outra escola, a mesma coisa; isto andou, andou, andou e lá se construiu agora e eu espero que em setembro...”
- “ havia um projeto de espaços verdes aqui fora, há um projeto. Mas isto foi financiado pelo Banco Mundial, depois começou a faltar a massaroca e as coisas foram ficando. Porque esse espaço aí tinha o projeto, tinha a zona das herbáceas, a zona não sei de que mais, a zona...”

- “ Mas isto depois o dinheiro faltou e as coisas foram ficando pelo caminho.”
- “ Eu considero que é bom, acho que pode ser muito melhor e o Centro de Recursos só poderá funcionar bem, bem, bem, quando da parte dos professores existir, primeiro os professores têm que o conhecer, para saberem o que é que têm...”
- “ Acho que nalguns grupos, não houve ainda essa preocupação, mas acho que é fundamental...”
- “ Sim, sim, para dar resposta àquilo que quiserem, portanto em termos informáticos, em termos de vídeo, em termos de áudio.”
- “ eu tenho um sistema aberto, de os miúdos chegarem ali, vão ao computador, já sabem que está no armário tal, os armários estão abertos, se eles quiserem ouvir um CD de qualquer coisa, eles chegam, tiram o CD, eles próprios é que fazem isso.”
- “ eles procuram, podem levar para casa livros, requisitar.”
- “ é mais em termos de pesquisa, em termos de trabalhos, outro tipo de trabalhos que eles possam fazer lá no Centro de Recursos.”
- “ o Centro de Recursos que nós temos, a parte mais barulhenta, vá lá, e a parte mais resguardada, portanto, que é a biblioteca, onde há mais silêncio e há uma parte onde eles podem trabalhar e fazer mais algazarra.”
- “ ele só atingirá os objetivos que se pretende com aquele espaço, a partir do momento em que os próprios professores tenham conhecimento daquilo que lá está e

o terem conhecimento daquilo que lá está, só assim é que podem dizer aos miúdos aquilo que vão fazer lá.”

- “ Não basta só dizer “então, vai ao Centro de Recursos.” Não vai. Ele para ir ao Centro de Recursos tem que saber o que é que vai fazer ao Centro de Recursos.”
- “ Há alguns que ainda não e vê-se nalguns grupos que, se calhar devia ser... o grupo de Geografia, onde os miúdos podiam explorar mais aquilo que lá temos e não exploram.”
- “ não tenho equipamentos informáticos de última geração, mas o material informático que eu tenho, acho que dá resposta às necessidades deles.”
- “ eu penso que se eu tivesse este Centro de Recursos que tenho na província, se calhar era muito mais frequentado do que é aqui, porque eu em casa, aqui, tenho um computador muito melhor que este. Logo, “que chatice, que seca, isto não anda, nunca mais abre.”
- “ não entrámos no projeto PTE ... já estávamos escalonados para isso, mas depois, quando se soube que íamos para obras, suspenderam, mas eu espero que daqui a um ano e pouco, tudo fique equipado como deve ser.”
- “ Mas houve preocupação da parte da Escola, de termos uma série de projetores multimédia, os portáteis estão distribuídos por várias arrecadações, em que aquele tempo em que se utilizava o vídeo-projetor,

- Qualidade e adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos (38)

o vídeo, mais o televisor, neste momento já não é o vídeo e o televisor, mas é sim o projetor e o computador e elas estão equipadas com écrans.”

- “ duma forma global, pode-se considerar que as condições não são as ideais, mas não... mas eles têm... estão bem sentados, não estão num ambiente deplorável.”
- “ não vê as mesas riscadas, como se vê nalgumas reportagens que nos mostram, portanto penso que há condições para trabalhar.”
- “ se eles precisarem de ensaiar uma pecinha de teatro, claro que é dada ordem à funcionária para eles irem para a salita onde antigamente se dava a opção de Teatro nesta casa; se eles precisam de preparar uma apresentação, pronto, a apresentação é só às dez horas, se eles precisam de ir para o espaço antes, eles são autorizados a ir, para se prepararem, para prepararem o espaço.”
- “ Procuramos, no caso dos mais novitos, atribuir uma sala à turma, pronto, para eles deixarem a lancheira, para deixarem a mochila. Claro que a porta, no intervalo, está fechada.”
- “ Eles saem do pavilhão, portanto é o normal, como acontece noutras salas. Os mais velhos andam a circular mais, porque eu não tenho... eu tenho 42 turmas, eu não tenho 42 salas disponíveis para cada um.”

- Permissão do uso das instalações pelos alunos (39)

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Claro que temos um Plano de Segurança e fazemos durante o ano pelo menos duas simulações ou evacuações, ou como é que isso se chama, para testar o nosso Plano de Segurança.”• “ há, também, a preocupação da parte dos Diretores de Turma sensibilizarem os alunos para, num caso, numa situação destas, portanto, faz parte daquilo que os Diretores de Turma, também, devem falar aos miúdos.”• “ se existir um incêndio nesta casa, estamos tramados, porque as bocas-de-incêndio não têm água. Mas isto a tutela, também, sabe, sabem os Bombeiros e para entrar um carro de bombeiros aqui, já se sabe que é complicado.”• “ é o facto de ser um projeto diferente, esses caminhitos todos...”• “o Diretor pensou em concentrar os laboratórios num pavilhão de fácil acesso para um carro de bombeiros, para uma ambulância.”• “ Os outros pavilhões, também foi pedido ao arquiteto e isto também está pensado de, através da entrada lá pelo outro lado, de um carro de bombeiros ter acesso até ao último pavilhão.”• “ Se existir um fogo, que é uma das coisas que me preocupa, naquele capim que ali está, passa um gajo qualquer, atira para ali uma ponta de cigarro, um carro de bombeiros não chega lá. O carro de bombeiros vai ter que, com a agulheta, tirar água de lá de fora para | <ul style="list-style-type: none">• Meios de segurança dos alunos existentes na Escola (40) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>apagar aquilo.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ em termos de segurança deixa muito a desejar.”• “ em termos pedagógicos, quero dizer que os espaços que eu tenho, estão perfeitamente enquadrados no tipo de ensino que nós temos neste momento.• “ em termos de matéria de segurança, também, sabemos que as escolas agora têm tudo, porque são obrigadas a ter.”• “ Então não se vê mesmo as acessibilidades? Se eu lhe disser a si, que a entrada principal da Escola não é aquela por onde nós entramos? A entrada principal da Escola é ao fundo deste auditório que nunca vai... era uma alameda pedestre, que ia desembocar à Rua Claro que isto nunca vai existir. A entrada lá em baixo... eu sou do tempo em que existia lá em baixo, onde está a Rosa dos Ventos, era um lago. Agora, imagine o que era um lago ali que não dava para um carro... para uma ambulância entrar, nem pouco mais ou menos. Daí a razão de se ter tirado aquele lago e faz-se ali uma Rosa dos Ventos.”• “ Eles agora são obrigados a criar as condições de segurança, as acessibilidades, essas coisas todas.” <ul style="list-style-type: none">• “ claro que eu não posso dizer que eles aqui correm perigo, nada disso. Mas eu penso que numa situação de incêndio, isso deixa muito a desejar.”• “ os miúdos têm espaço para poderem ser evacuados.”• “ Sim, a própria arquitetura, os espaços que estão | <ul style="list-style-type: none">• Eficácia dos meios de segurança dos alunos (41) |
|--|---|

pensados, dão resposta àquilo que se pretende agora, portanto há uma política da parte da Parque Escolar, cada grupo disciplinar ter o seu espaço para trabalhar. Esta casa já tem. Ter um Centro de Recursos aberto, como é o nosso, polivalente, ter grandes espaços, portanto aqui esse auditório, a ter uma sala que eu transformei numa sala de teatro.”

- “ Também tem espaços mais pequenos, portanto em vez de ser uma sala de aula normal, para ter trinta alunos, tem salas para pequenos grupos, o que quer dizer que já se adapta à situação dos desdobramentos.”

- “ Para elaborar os horários, a primeira preocupação, portanto, no fundo, nós andamos muito a dar resposta àquilo a que a lei obriga.”

- “ Mas há a preocupação, primeiro em termos da mancha; eu como não tenho hipóteses, neste momento, de fazê-los entrar todos à oito e um quarto da manhã, eu dou prioridade aos mais novitos, o entrarem de manhã, portanto a mancha deles faço-a das oito e um quarto da manhã, o que quer dizer que o terem alguma coisa livre são duas tardes, ou... duas tardes.”

- “ O décimo segundo ano, também, é de manhã, o décimo primeiro, também, é de manhã, os nonos anos já pode acontecer manhã-tarde e o décimo ano nasce da tarde para a manhã, o que quer dizer que eles terão se calhar uma manhã livre, ou qualquer coisa assim.”

- “ Depois, a preocupação de não deixarmos a disciplina, sei lá, terminam à segunda-feira com

- Critérios utilizados pelos órgãos de gestão na elaboração dos horários dos alunos (42)

Português. Não vão, de maneira nenhuma, começar à terça-feira, às oito e um quarto, com Português.”

- “ quando eu digo ter a preocupação, não quer dizer que, ao olharmos para os nossos horários, que não haja lá uma, duas, três ou quatro situações, porque há uma dada altura em que isto depois não dá – o termos a preocupação de não ser sempre a mesma disciplina a sacrificada, o que quer dizer que não vamos pôr a Matemática... a Matemática não está sempre só de manhã.”
- Pode acontecer, num dia qualquer da semana, também lhe calhar à tarde, porque acontece com a Matemática, também poderá acontecer com o Português, o procurar não estarmos a sacrificar sempre a mesma disciplina.”
- “ a questão dos furos, eles não podem existir.”
- “ a questão dos turnos, jogo muito com as contas, quando nós estamos a fazer os horários dos miúdos, quando há desdobramentos, uns estão em Física, outros estão em Ciências, vamos imaginar, então procuramos sempre jogar uns em cima dos outros, de forma a rentabilizar ao máximo, mas às vezes há determinadas alturas em que não dá.”
- “ Os interesses dos alunos, sempre.”
- “ o objetivo principal e aquilo que eu entrego à comissão de horários, em primeiro lugar, é: eu não vou pôr uma turma a entrar às dez horas, só porque o senhor professor pede para entrar às dez horas. Agora, se o professor diz “Eu gostava de entrar todos os dias às dez horas”, claro que eu não atendo uma situação destas. Pode acontecer, um dia na semana eu o deixar

entrar às dez horas, mas isto não vai chocar com aquilo que eu fiz na turma, porque claro que naquele dia, àquela hora, em vez de ter o Português às oito da manhã, se é um professor de Português, terá às dez horas, naquele dia a Português. Mas em primeiro lugar, os alunos.”

- “ E não há cá, nesta casa, nunca houve e nunca haverá aquela situação de a primeira turma é a que tem o horário melhor, a segunda... não, não é nada disso. Para mim, tanto é a primeira como a quinta, o procurar jogar de igual forma para todas as turmas.”
- “ isto é uma falha que esta casa tem e eu posso dizer que é um sonho que eu tenho, isto até já está inscrito no Regulamento Interno.”
- “ Não está a funcionar ainda, primeiro por causa dos momentos conturbados que nós tivemos o ano passado, porque eu, o ano passado, iniciei esse processo.”
- “ ... tenho vindo, aos poucos, a tentar introduzir esse processo de reconhecer, portanto de atribuir o prémio Mérito Escolar e Cívico, porque nós temos aí dois tipos de prémios, mas ainda ... eu sinto alguma resistência por parte das pessoas...”
- “ Professores, porquê? Porque como interpretam estes meninos desta casa o terem o narizinho muito levantado, os paizinhos também e então eles pensam que se nós ainda os valorizamos nesse aspeto, que ainda os tornará piores e eu digo que não e tenho

- Reconhecimento e valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos (43)

andado com calma, sem forçar.”

- “ Este ano, logo no princípio do ano, tive um grupo de trabalho já a pensar nas coisas, as coisas começaram a andar, depois não houve oportunidade nem agenda para isso, mas garanto uma coisa, que o próximo ano letivo, até ao Natal, está aprovado, porque entendo que nós temos que valorizar quem trabalha e acho que os miúdos também gostam.”
- “ Nós temos que pensar é: os miúdos também gostam de sentir valorizado o seu trabalho, como nós todos gostamos.”
- “ essa questão tem teias de aranha na cabeça, mas se olhou o nosso Regulamento Interno, na parte final do Regulamento Interno, está lá; ainda falta é concretizar.”
- “ eu não quero, de maneira nenhuma, ao entrar num esquema destes, banalizar os prémios, porque eu detesto banalizar as coisas.”
- “ Entendo que as coisas têm de ser bem definidas, tem que haver critérios e não há cá “ah, mas este também cabe.” Não cabe. Ou cabe, ou não cabe, não é “este também cabe”. E quando nas turmas não tivermos ninguém para atribuir, não se atribui, acabou.”
- “ Até porque eu quero ir mais longe. Eu tenho deixado que o grupo de trabalho apresente, que é para depois eu também apresentar a minha proposta. É que eu acho que se deve pôr também em cima da mesa a questão do menino se falta, não falta, independentemente se elas são justificadas, ou não; se o menino é um miúdo que é cumpridor, esta sempre disponível para

participar em atividades da Escola, sei lá, envolver uma série de coisas, porque eu não me interessa... não é o marrão que me interessa, eu não é ele ter só dezassetes ou cincos, porque entendo que não é por aí.”

- “ quando introduzimos o prémio de Mérito Cívico, eu apresentei isso, também, no Conselho Pedagógico, foi numa...”
- “ Eu acho que devem ser valorizados e a Escola tem a obrigação de valorizar e é nessa altura, foi polémico, “ah, mas depois como é que nós sabemos?” Não, bolas, há evidências, tem que haver evidências para... não é agora ele colocar-se ali ao pé do sinal à espera que venha uma velhinha para estar constantemente a passar a velhinha dum lado para o outro, não é isso que se pretende. Mas acho que esse tipo de coisas tem que ser valorizado.”
- “Não está posto em prática, ainda. Já demos os primeiros passos”
- “ Tem, tem. E depois o tempo, também, não tem ajudado para isso.”
- “ Estas coisas do não dá para às vezes negociar aquilo que a gente quer negociar.”

- “ acho que é o papel de cada um de nós dentro da sala de aula, na sua disciplina, o Diretor de Turma, o incentivar”
- “ logicamente que o Diretor quando está presente

- Estímulos dados aos alunos para aumentarem a dedicação, o esforço no trabalho e no desempenho escolar (44)

nalguma cerimónia de entrega de prémios, ou participação num concurso literário, ou no concurso... nas Olimpíadas disto, ou nas Olimpíadas daquilo... fazemos muito aqui nesta casa e eu faço sempre questão, porque os grupos dinamizadores têm a preocupação de me convidar sempre para entregar os prémios e para dar sempre umas palavrinhas e as palavras vão sempre nesse sentido”

- “ uma forma de viver a Escola é participando nas atividades que ela cria e penso que é aquilo que eu reconheço ou que eu sinto que nós transmitimos aos nossos jovens, o sensibilizar para”
- “ A participar noutras coisas.”
- “ Falando a nível superior, a nível do secundário, digo, eles têm como objetivo principal a fasquia, põem a fasquia alta e a fasquia alta é “eu quero ir para Medicina, quero ir para Arquitetura” e nós temos que ter a nota tal.”
- “ Não é a questão de ela merecer o dezassete, é “ó Stôr mas já viu? Com estas notas, ela não tem hipótese de...” E eu digo, “ah, mas isso aí é outra coisa, isso são outras contas que têm de ser feitas. Nós estamos a falar da avaliação que o professor fez sobre a disciplina e certamente que a vossa filha merece isto.”
- “ nesta casa, que é os pais põem a fasquia muito alta, alguns deles põem a fasquia muito alta e nós sabemos que os nossos filhos são todos diferentes uns dos outros e acontece que um até é capaz de atingir a fasquia, com os seus resultados atingir aqueles valores que eu estabeleci – eu, pai – outro pode não andar lá e

continua a ser bom aluno, trabalha, mas eles não... e depois começam a disparar em todas as direções, que a culpa é de quê? É do professor, é da Escola”

- “ ontem diz-me a mãe assim: “Pois, porque eu fiquei muito chocada com o Diretor de Turma quando eu disse que precisava de saber...” – como é que era? – tipo “quais as planificações do professor de Português, para eu poder dar ao explicador.” Digo-lhe eu “Olhe, ó colega, desculpe lá, a minha amiga já me disse há pouco que há cinco anos que não está a dar aulas” (está a trabalhar numa biblioteca, na Escola) “Agora eu digo-lhe uma coisa, se eu fosse o Diretor de Turma, se me viesse pedir nesses termos, eu dizia-lhe já redondamente que não, fazia aquilo que o Diretor de Turma”... eu se mandasse, acabava com esta seita de “ah, mas nós temos direito.” O Encarregado de Educação até tem direito, mas pedir para o explicador? O explicador, também, tem a obrigação e o dever de saber como é que gere um programa. Ele está a ganhar dinheiro para isso!”
- “ E ele até nem tem a preocupação de se prender com alguns pormenores que o professor da cadeira tem. “
- “ este tipo de trabalho, também, depende do professor de cada uma das disciplinas”
- “ por vezes, os miúdos são convidados a fazer trabalhos de pesquisa, trabalhos disto, trabalhos daquilo, que depois vai na volta, 40 mais 50 dá 9. 90 a dividir por dois dá 45, 45... dá tal. Isso também é frustrante.”
- “ no meio desse grupo todo que eu cá tenho, com

certeza que haverá alguns que sensibilizam os miúdos para o trabalho de pesquisa e estimulam a participação noutra tipo de trabalhos.”

- “ nós depois confrontamo-nos, também, com uma situação desagradável, que é: sim, senhor, vamos fazer trabalhos de grupo, mas como os trabalhos, alguns deles são feitos em casa, nós acabamos depois por pôr em causa se o trabalho foi feito por ele ou pelo explicador. Por isso é que já nos critérios, trabalhos feitos na aula, trabalhos feitos em casa... para nos defendermos.”
- “ Porque depois vem aquela máxima que é: não, se o trabalho é de grupo... então se o António, que se pendurou, que não fez ponta de nada e reivindica a mesma nota, o catorze que todos os outros tiveram, não pode.”
- “ alguns professores... nós temos já um grupo grande que não se limita só ao teste. Há outros instrumentos de avaliação.”
- “ é mais de retórica, é mais de agradecimento público.”
- “ Eu vejo nos trabalhos de Área de Projeto que os miúdos fazem. Eu digo: há coisas que eu nem me passa pela cabeça e não imaginava que os miúdos com aquela idade se lembrassem de... desde o participar naquelas campanhas da noite, de ir aos sem-abrigo, distribuir alimentos...”
- “ Estou-me a lembrar, também, de outro que, com um

- Modos de valorização dos alunos que desenvolvam ações meritórias, em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade na Escola ou fora dela (45)

lar aqui em Benfica, arranjam maneira de trazer os velhotes assistir aqui a uma peça de teatro ... Uma peça de teatro que eles fizeram, ofereceram um lanchinho, sei lá, mas há coisitas que me tocam e que são importantes...”

- “ a preocupação de convidar, também, várias associações: de Apoio à Vítima, apoio a isto, apoio àquilo.”
- “ o trazerem para, em conferência... eles fazem a apresentação dos seus trabalhos, trabalhos de pesquisa, à base de Powerpoint, lá apresentam as coisitas, mas têm sempre a preocupação depois de trazer um elemento de fora, ligado à área, em que faz uma apreciação do seu trabalho e aproveita o trabalho deles para dar a conhecer a sua mensagem.”
- “Na disciplina de Área de Projeto do décimo segundo ano.”
- “ Há sempre e tenho a preocupação, ou eu ou alguém da Direção a estar presente nesse tipo de apresentações e claro, vai sempre aquela palavrinha... Que é importante que os jovens desta casa pensem nestas coisas, porque nesta sociedade egoísta em que nós vivemos e que só pensamos em nós, é importante ver que vocês contribuem para o bem-estar disto, daquilo e daqueloutro.”
- “ o professor, na Área de Projeto, acaba por ser o quê? O peão. Portanto, ele é que aconselha, orienta, acompanha-os naquilo que é possível, mas muitas das

- Estímulos dados aos alunos para desenvolverem esse tipo de ações (46)

coisas são eles próprios que sugerem o trabalhar nesta área.”

- “ É aberto à Escola e claro que têm a preocupação de deixar na Direção “Stôr, veja, apareça! É às tantas, apareça.”
- “ eu acho que, por vezes, nós acabamos por não valorizar alguns trabalhos que são apresentados devido à quantidade de trabalhos que estão a ser apresentados e eu até no Pedagógico sugeri que se criasse numa determinada altura do ano, uma... não é a apresentação dos trabalhos, porque aí eles precisam de mais tempo, porque estão a ser avaliados, mas uma mostra de um dia, dois dias, num determinado espaço, daquilo que se fez na Escola.”
- “ às vezes, nas situações de recursos das notas, haja alguns que até se servem “O Diretor até usou da palavra e valorizou o nosso trabalho...”
- “ Eu acho que é importante, primeiro estamos presentes nessas coisas, arranjar um bocadinho”
- “ eles convidam os pais, também, há pais que assistem à apresentação deles, que acho que é extremamente positivo.”
- “ É a função da Escola, serve para isso.”

| CATEGORIA: DIREITO À VIDA, À SOBREVIVÊNCIA E AO DESENVOLVIMENTO | |
|--|---|
| Unidades de registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none">• “ A minha perceção, eu acho que nós temos condições para ministrar esse tipo de ensino e uma educação de qualidade e acho que é feita na casa, porque se não fosse feita na casa, certamente nós não teríamos a procura que temos.• “ a quantidade de miúdos que quer ingressar nesta casa, a nível dum sétimo ano e a nível dum décimo ano e, também, nos anos intermédios, o tentarem entrar para quê? Para depois não passarem por aquele problema de entrar num décimo ano, uma vez que já cá estão...”• “ acho que a Escola tem uma determinada imagem e nós sabemos todos que funcionamos, também, um bocado com a imagem, não é?”• “ Não estou a dizer que aqui tudo corre bem ou que tudo é de qualidade.”• “ esta imagem não nasce por acaso, não é? Esta imagem nasce mediante determinados indicadores, ao longo dos anos e é natural, se as pessoas a procuram, eu não acredito que se tivéssemos aqui nesta casa um ensino de má qualidade, ela fosse procurada como é procurada.”• “ eles sabem porque os resultados dos exames que têm, a percentagem de alunos que entra na primeira opção a nível do ensino superior.”• “ por vezes, nós professores dizemos “ah, os resultados | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização do ensino e da educação proporcionados aos alunos. (Qualidade do ensino e educação) (47) |

| | |
|---|---|
| <p>não interessam.” Claro que interessam! Os resultados aqui interessam.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ não queremos resultados virtuais, queremos resultados reais e os pais acabam por... se eles a procuram, é por alguma coisa, não é?”• “a forma de medir, de melhor medir essa qualidade eu penso que é através da procura ... nós podemos comparar, o mesmo leva os pais quando vão procurar uma instituição do ensino particular, certamente eles não vão a qualquer uma, não é?”• “ Eu penso que nós todos temos a preocupação de inculcar neles valores.”• “ há aqui um respeito mútuo.”• Eu acho que nós, ao inculcarmos neles o respeito por todos os que aqui trabalham, estamos a fazer com que eles sejam bons cidadãos. A forma de se poder ouvir uns aos outros, sem atropelos, a sua participação dentro da sala de aula, o saber respeitar... ele meteu o braço no ar, portanto baixa o braço que eu já te vi.”• “ O estarem sensibilizados para esses valores, que andam muito arredados da sociedade e... uma coisa muito simples, desde a proteção dos animais, depois de fazerem uma mostra de animais aqui no espaço exterior, mas isto depois não é só uma mostra, há um trabalho prévio e há a preocupação de trazer alguém para falar sobre essas temáticas.”• “ Essa prancha de madeira é a preocupação deles sobre | <ul style="list-style-type: none">• Adequação da educação ao desenvolvimento nos alunos: (48) <p>a) Da personalidade (48,a)</p> |
|---|---|

| | |
|---|-------------------------------|
| <p>a dificuldade de acesso que a nossa Escola tem.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ eles fizeram um filme, simularam um miúdo num carrinho de rodas, desde lá de baixo até cá acima, as dificuldades do acesso e depois agarraram na legislação, chamaram cá alguém ligado a essas coisas, portanto e construíram uma rampa, pronto, para alguém que venha, pode dar o passeio todo pelos caminhitos e chega ali, já tem a rampa, mas depois encontra pela frente uma série de escadas.”• “ Eu acho que há aqui trabalhos bastante giros; quando eu digo giros, não é só a qualidade que eles apresentam, mas é acima de tudo aquilo que me toca, é o eles pensarem nesse tipo de problemas.”• “ Quando nós dizemos, às vezes, “ah, esta gente não pensa.” Pensa. Eles têm... eles são capazes de ter uma maior sensibilidade do que nós tínhamos quando tínhamos a idade deles. E têm a preocupação de falar sobre determinadas matérias.”• “ uma turma de vinte e oito, nós sabemos que o ensino diferenciado não existe, é impossível com vinte e oito alunos lá dentro.”• “ Também todos sabemos que, por vezes, um miúdo, se está numa turma com um determinado ritmo, ele até é capaz de ir muito mais além do que numa turma onde a rapaziada é mediana.”• “ se calhar alguns pais até são capazes de dizer que “o meu filho foi prejudicado por estar numa turma onde tínhamos muitos talentos, onde estavam aqueles que | <p>b) Dos talentos (48,b)</p> |
|---|-------------------------------|

estão sempre na linha da frente.”

- “ temos consciência que, se calhar, não desenvolvemos aquilo que devíamos desenvolver.”
- “ o Desporto Escolar temos sempre premiados ... Temos bons lugares.”
- “ temos já mesmo clubes a olhar os nossos miúdos na área do vólei. Na área do vólei, temos dado cartas.”
- “ acho giro mesmo o trabalho que o grupo de Educação Física tem vindo a fazer e tenta, também, envolver os pais.”
- “ os pais, por vezes, não é o ficarem à espera que os filhos acabem de praticar, portanto há sempre também um espaço, se eles, sei lá, uma vez por período, em que eles também são envolvidos e que também podem praticar .”
- “ nas competições onde entramos, nas competições a nível de Escola, logicamente, temos aquilo que em linguagem desportiva se chama “os olheiros” de alguns clubes a olhar para alguns miúdos ... para os apanharem.”
- “ nós temos aqui miúdos que são federados e que jogam no Benfica, no Sporting ... Futebol e vólei ... Râguebi ... ténis de mesa.”
- “ é bom para os miúdos eles saberem que, também, são bons.”
- “ às vezes eles na parte curricular, se nós olharmos para as notas, são capazes de andar ali na casa dos doze e depois chegamos à parte da Educação Física são capazes de se atirar para os dezoito.”

| | |
|--|---------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none">• “ se calhar num ambiente mais reduzido de turma”• quem nos dera a nós que nós tivéssemos capacidade para, quando digo “nós”, o nosso país, as nossas Escolas, passado um determinado período do ano, chegarmos à conclusão que há ali um grupo de quatro ou cinco ou seis, que têm que saltar para um patamar superior “• “Mas se calhar isto devia ser pensado e as coisas funcionavam completamente ao contrário. Não havia turmas, havia grupo e depois – estou a pensar alto...”• “ A Escola tinha de ser, tinha que funcionar de outra forma. Os horários dos professores seria... o professor estaria naquela sala, naquele espaço e aquele professor só dava aulas dentro do décimo ano, sei lá, a um nível mais avançado. A Matemática ou... então, os outros professores metiam-nos lá.”• “ Um ensino por níveis.” • “ o participar nas Olimpíadas de Química, o participar nas Olimpíadas de Matemática...”• “ participar no concurso dos tradutores, da Católica, nós estamos envolvidos nestas coisas todas. “• “ o nome da Escola vem daí”• “ O facto de a Escola ser conhecida, o facto de a Escola ser solicitada para participar nessas coisas, tudo vem daí ... A nossa participação, o empenho dos nossos miúdos...” | <p>c) Das aptidões mentais (48,c)</p> |
|--|---------------------------------------|

| | |
|---|--|
| <p>apanhar o maior grupo de alunos, em vez de estabelecermos que é ali das três e meia às não sei quê, assim, todos aqueles que querem participar, podem fazê-lo. As aulas terminam às dezassete horas.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ das dezassete às dezanove, as atividades de Desporto Escolar estão nessa fatia.”• “ Abertas a todos os miúdos que queiram participar. Todos os alunos da casa.”• “ nós temos um crédito ... de Desporto escolar bastante acentuado.”• “ ele é dado em função também dos resultados que produzimos” • “ termos um Centro de Recursos sempre aberto desde as oito e meia da manhã até às... não quero mentir, mas nós fechamos às cinco da tarde, portanto se calhar até às quatro e meia, sem fechar na hora do almoço”• “ o sensibilizar os professores para que junto das suas turmas incutam nos alunos a necessidade de conhecer o que é que aquele espaço tem, as potencialidades do espaço, organizar trabalhos de forma a que eles passem por lá, levem-nos a consultar aquilo que nós temos”• “ essa questão de participação nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, nas Olimpíadas de Matemática”• “ por vezes, fazemos outras internas só para os do sétimo ano”• “ temos a preocupação, também, no princípio do ano, levar as turmitas dos mais novos, sétimo ano, numa | <p>b) O pleno desenvolvimento intelectual (49,b)</p> |
|---|--|

- “ o sensibilizar os alunos a participar no concurso literário José Gomes Ferreira, apresentar trabalhos,”
- “ o sensibilizá-los, nas turmas, através dos professores, a escrever para o jornal “Voz Ativa”
- “ realizar visitas de estudo”
- “ temos um clube – eu não quero chamar clube, mas pronto – um momentozito de fotografia, que também estes miúdos são sensibilizados... quando há uma atividade na Escola, de serem eles a fazerem a reportagem;”
- “ essa reportagem vai para a página da Escola, esta reportagem vai, também, para o jornal”
- “ o tentar agarrá-los ao máximo, com a prata da casa procuramos fazer as coisas.”

- “ Através das aulas de Formação Cívica, no caso dos mais pequenos”
- “ o levar a que o Diretor de Turma tem liberdade para, na sua turma, ou em grupo de turmas, trazermos alguém para falar sobre algumas temáticas que acham que é fundamental para o desenvolvimento deles.”
- “ A nível dos mais velhos, também, sempre que possível, quando temos a... portanto, convidar alguém, que é preciso reunir turmas da área das Humanidades ou... portanto, em função das temáticas sobre a ética, no caso da Filosofia, temos a preocupação de trazer um jornalista, ou... portanto e procuramos, também, trazer

e) O pleno desenvolvimento cívico (49,e)

| | |
|---|--|
| <p>figuras públicas que eles, de uma maneira ou doutra, até já as viram na televisão.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ há dois anos, na parte, também, da História, houve alguém que convidou o professor Hermano Saraiva.”• “ começando pela Direção, logo quando os recebe, o tentar inculir neles o respeito pela casa.”• “ Se querem ser respeitados, acho que se devem dar ao respeito;”• “ o procurar sensibilizá-los para vestirem a camisola, porque só vestindo a camisola é que eles sabem apropriar-se do espaço, o espaço é deles”• “ No fundo, é contribuir para o bom clima de Escola.”• “ acho que atrás disto, vão outras coisas: os valores, a forma de respeitar cada um, a forma de se dirigir às pessoas, aos mais velhos, o ter a preocupação de ajudar alguém que esteja em dificuldades e não fazer de conta que não vê, não é o denunciar, mas é o alertar quem está a fazer asneiras, “é pá, não faças, não estragues, isto é nosso”• “ a Direção, a primeira vez que os cá recebe, alerta para essas situações todas.”• “ Na Reunião Geral de Professores, tenho a preocupação de alertar para isso, o fazer de conta que não vê, nunca devemos fazer isso”• “ às duas por três, somos confundidos por deficientes visuais” | <p>f) A formação da personalidade (49,f)</p> |
|---|--|

- “ quando eles se apercebem que nós não queremos ver, então estão sempre a tentar.”
- “ Por isso é que eu digo e peço aos professores sempre que aquele provérbio “o tempo é bom conselheiro”, na nossa profissão, não é.”
- “ não posso dizer assim “ah, amanhã as coisas correm melhor. Amanhã resolvo.” E às duas por três, no outro dia, na aula, já não é igual ao dia anterior, ainda é pior.”
- “ eu prefiro apagar os fogos nesta casa, com um extintor, do que ter que mobilizar os Sapadores todos aqui da zona.”
- “ eu penso que indiretamente, todo esse tipo de conversa que os professores têm com eles, que os Diretores de Turma têm com eles”
- “ se eu pensar na forma como eles se relacionam cá dentro, sem haver aquela agressividade, sem haver conflitos, eu acho que tem que haver qualquer coisa que está por trás.”
- “ Não estou, de maneira nenhuma, a dizer que os pais, em casa, não lhes transmitem os seus valores.”
- “ Mas de certeza absoluta que aqui, também, há aquelas chamadas de atenção quando as coisas não correm bem”
- “ até porque sempre que um jovem vai para a rua, eu quero saber, nesta casa.”
- “ A participação que é feita, é feita ao Diretor de Turma e imediatamente cai em cima da minha mesa.”

- “ Eu quero saber por que é que o jovem foi para a rua. E este jovem, a seguir, é chamado aqui abaixo. E digolhe logo “oh, pá, só quero saber... eu quero que tu saibas que eu também sei que tu estás cá fora. E o meu amigo agora não vai para a aula, o meu amigo vai ficar aqui à espera e vai na segunda hora. Na segunda hora entra e se continua armado em parvo, depois nós... a conversa já passa a ser outra.”
- “ Aqui para nós, são sempre os mesmos”
- “ eu acho que a relação que eu tenho com eles, é uma relação aberta”
- “ alguns mais novitos, deve ser o fato de eles não pensarem que eu sou professor, ou que dou aulas, às vezes é “o senhor X”. E eu acho piada, porque eles devem pensar “bom, este gajo não dá aulas, se não dá aulas, não é professor.”
- “ vêm ter comigo. Mesmo aquelas situações dos que levaram mais na cabeça, aqueles tais que se cruzam muitas vezes comigo”
- “ porque eles sabem que eu sou capaz de passar a mão pelo cabelo, “é pá, pronto, deixa lá isso, eu percebo-te, deixa estar que eu ajudo-te”
- “ uma coisa caricata: partem um vidro, por qualquer motivo, ou com a mochila ou naquela fase de crescimento em que eles são piores do que os elefantes, numa casa de quinquilharias... partem o vidro e tal, e eu sou capaz de, depois de falar com eles, eles não devem estar à espera da pessoa dizer “eu já percebi, foi sem querer, e tal, isto acontece a qualquer um de nós,

| | |
|--|---|
| <p>acabou.” E eles devem acumular, também, essas coisas, não é aquele indivíduo, o tirano”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ há alguns que não me podem ver, mas isso é absolutamente normal”• “ E outras coisas que acontecem às vezes aquelas picardias ... fora da Escola, depois aquela coisa de virem, ou do amigo do amigo, “ah e tal, eu sei que ele...” sei lá, uma coisa qualquer que aconteceu no Bairro Alto, na noite. E aconteceu que eles sabem que ele anda na Escola “X” e às duas por três, às vezes aparece um grupinho cá fora, à espera, aquele tipo de coisas que eles agora fazem e que eu não gosto. Eles, se eles não confiassem em mim, quando eles lá chegam abaixo ao portão e veem o caso mal parado, arrepiam caminho ... vêm aqui, vem-me dizer “ah, aconteceu...”, “eh pá, mas eu quero saber tudo, não é por acaso que aparecem aqui caramelos”, “ah e tal, passou-se isto...”, portanto eles acabam por me contar aquilo que se passou.”• “ É porque confiam em mim.”• “ Depois eu digo “eh pá, não te preocupes.”• “ Não te preocupes, vamos já resolver o problema. Vamos telefonar à Escola Segura, ou eu próprio, esperas um bocadinho que eu, também, vou descer e sou eu próprio que vou falar com eles.” Pronto, e eles sentem esse apoio.” <p>• “ sensibilizar os miúdos para se dirigirem ao Centro de</p> | <p>g) A capacidade de autoaprendizagem (49,g)</p> |
|--|---|

Recursos, o fazerem investigação”

- “ o termos lá pessoas que se abeiram deles e que lhes dizem “Então, mas o que é que tu queres saber?” “Ah, eu estou a fazer isto, queria saber...” “Então se calhar é melhor, olha, vais àquele armário, encontras isto assim-assim, deves ter a preocupação... primeiro, faz isto, depois aquilo”
- “eles hoje em dia têm uma ideia que na Net é tudo bom, não é? E, por vezes, aquilo é chegar ali, tumba e cola. Não sabem selecionar.”
- “ é importante que aqueles professores que nós, também, temos a fazer algumas horas no Centro de Recursos, todos eles têm a sua especialidade, não é, ou a sua especialização. Uns são de Biologia, outros são de Matemática, portanto, aqueles que passam por ali acabam por ter, também, esse papel de ajudar a resolver algumas situações, de orientá-los. Portanto, o sensibilizá-los para isso”
- “ eu penso que através mesmo destes, dos clubes da Matemática, o clube mesmo da... nós não temos nenhum da Informática, mas temos mesmo nas Línguas, eles acabam por, se calhar através desta... frequentando esse tipo de atividades que lhes damos, acabam por recolher alguns elementos ou pistas para depois se poderem organizar sozinhos.”
- “ em termos práticos, não sei se isto se passa ou não assim, mas eu penso que há condições para que isso se faça.”

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ eles têm abertura suficiente na casa”• “ a forma de eles estarem, para poderem usar da sua palavra”• “ eu vejo e muitos convidados que nós trazemos aqui ao longo do ano acham... o tipo de questões que eles põem denota...• “ que para miúdos desta idade, o estarem a apresentar determinadas questões”• “ e não são questões de ser o professor nas costas que diz “ah não, tu agora vais fazer a pergunta sobre isto.” Não, não. “• “ No meio do debate, há questões que a pessoa fica...”• “ Houve trabalho da parte dos professores, mas também há um espírito crítico da parte deles.”• “ vai assistir a qualquer coisa, mesmo que tenha miúdos do oitavo ou do décimo segundo, o que custa é o primeiro, levantar o dedo, depois... depois aquilo é...”• “ mesmo em termos de assembleia, sabem-se respeitar. Não há atropelos.”• “ ao longo do ano, ao longo dos anos, nesta casa, isto certamente, também, é trabalhado.”• “ Não é por acaso que ele chega ali e respeitam-se nas questões que põem, na pertinência das questões.• “ às vezes, coisas extremamente complicadas, não no sentido, elas não são postas no sentido de encravar, às vezes, quem está na mesa, com ar mauzinho, mas com ar crítico.” | <p>h) A capacidade crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética (49,h)</p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Convidamos membros dos partidos.”• “ já tivemos aqui a Edite Estrela, mais outras figuras de outros partidos.”• “ Este ano, a única que respondeu, e é giro que eu estava com medo disso, foi a Manuela Ferreira Leite, tinha ela deixado de ser presidente do partido.”• “ A falar aos miúdos sobre a Europa.”• “ ela estava ao meu lado e diz-me ela assim “Não sei se hei-de dizer isto...” – como é que era? – pronto, com veneno ou sem veneno, não é? Digo assim, “Não, senhora, vai dizer sem veneno.”• “ as questões que os miúdos puseram.”• “ ela esteve aqui no hall, estivemos antes de ir para ali, para aquele espaço, ela não estava à vontade, depois tinha saído havia pouco tempo de presidente do partido, mas depois achei que as coisas correram bem.” • “ Temos a preocupação, na altura, ali para dezembro, salvo erro, temos a preocupação de chamar sempre gente, para falar sobre estas matérias, onde temos na mesa, sei lá, a Associação de Cabo Verde, a Associação disto, a Associação daquilo, portanto várias individualidades para falar sobre os direitos humanos;”• “ a AMI tem vindo aqui muitas vezes.”• “ agora eu estava a lembrar-me mais dos mais pequenos, a nível dos nonos anos, marcar esse período dos direitos humanos.” | <ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento nos alunos de uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais (50) |
|--|---|

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ aqui na minha casa não há, não estou a ver nenhum professor com ar de ditador, “quem fala aqui sou eu, aquilo que tu dizes é uma porcaria, não dizes nada.”• “ Este ano tive aqui um contratado que me apercebi – mais velho que eu – mas um contratado que me apercebi que os miúdos deviam ter algum receio de ir para a aula dele.”• “ quando os miúdos diziam qualquer coisa, acho que era com cada sarabanda que até andava de lado. E depois um tipo de discurso enrolado que eu próprio quando falava com ele, tinha dificuldades em perceber o que é ele dizia.”• “ Mas depois lá fiz algumas reuniões, primeiro com ele, depois fiz reunião com os miúdos, juntamente com o Diretor de Turma, perguntaram-me “vamos lá saber, mas o que é que se passa? O que é que os meus amigos andam a fazer para o professor falar desta forma com vocês?” “Ah e tal, nós não podemos dizer nada, depois nós, às vezes, até procuramos não dizer nada, senão levamos logo na cabeça e depois aquilo passa, mas passado um bocado, ‘pois estás a ver? Mas tu a pensar desta forma’” ... portanto estar a repisar.”• “ E depois fui a uma aula dele, onde estavam os miúdos e pronto, pus aquilo tudo em pratos limpos.”• “ Comecei por, primeiro, ouvir os miúdos aqui à volta da mesa. Só. Assim delegado e subdelegado e outros;”• “ depois, fui a uma aula da Diretora de Turma, onde | <ul style="list-style-type: none">• Métodos de ensino-aprendizagem adequados ao desenvolvimento nos alunos, de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais (51) |
|---|--|

disse “Estou aqui hoje para vos ouvir. Quero saber tudo. Tudo, mas coisas verdadeiras, não é... e quero, também, saber o que é que vocês fazem para que isto aconteça.”

- “ Depois, terminei com o ir a uma aula do professor e falei sobre o assunto, disse ao professor que tinha tido uma reunião com eles, “Também já falei com o professor sobre isto, mas eu quero que isto acabe, tem que acabar, senão assim não trabalhamos, eu não quero que subam aquelas escadas a pensar que vão para a aula do professor José qualquer coisa, não quero isso, porque eu também não gostaria, não estaria disponível”
- “ depois fiz uma coisa que me chateia, que eu nunca tinha feito isso, que é arranjar maneira de não ficar cá para o ano. Se eu quisesse, até lhe tinha completado o horário. Ele era contratado”
- “ guerras mesmo em termos de pais, pais, professores daquela área, a porem em causa a forma como ele ensinava, foi um ano complicado aí nessa matéria.
- “ Eu acho que a grande maioria dos professores desta casa são recetivos.”
- A primeira resposta pode ser “não”, mas eles ficam a pensar naquilo,”
- “ aquele professor que chega ali e quando o aluno diz “oh stôr, mas eu ontem à noite...” Mas o professor até tinha visto aquilo há três ou quatro dias atrás quando preparou a aula. Mas ele, ontem à noite, já viu a alteração e do professor dizer “ah não, isso é mentira, ouça lá, o que é que está a fazer? Eu sei mais do que você, não acha?” Esse tipo de reguilice não há, portanto

| | |
|---|---|
| <p>é sinal que se ouvem uns aos outros”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ quando vêm cá alguns convidados ... estou ali e digo assim “Bolas, isto não é por acaso porque de certeza absoluta que os professores da minha casa devem fazer esse tipo de trabalho com eles.” Porque eles chegam aqui, a este espaço, em que não conhecem as pessoas, estão completamente à vontade em termos de pôr as questões.”• “ E põem questões, mas põem questões pertinentes.”• “ Para os convidados acharem que, para a idade deles, algumas perguntas que fazem”• “ eu tenho aí alguns, uns que já saíram, outros que ainda cá andam, em termos partidários, de vez em quando, em determinadas reportagens, a pessoa vê-os já a andarem lá nos partidos.”• “ lá estão e vê-se o tipo de questões que eles põem.”• “ são questões que já são tratadas.” • “ só há democracia para um lado, não há democracia para o outro. Eu não concordo com isso.”• “ O mesmo acontece com a questão dos telemóveis, a questão das entradas, a questão do respeitar, o procurar estar a horas, a questão do respeitar os prazos que se estabelece para os trabalhos de casa, tanto no dar diretrizes, como no receber os trabalhos, portanto há aqui uma série de procedimentos, de regras, de normas que a casa tem” | <ul style="list-style-type: none">• Códigos de comportamento dos professores adequados ao desenvolvimento nos alunos de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais (52) |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ eu, também, sei que é capaz de termos aqui alguns outros, os tais prevaricadores que não têm pejo nenhum de atender o telemóvel na sala de aula. Isto depois sujeitam-se.”• “ eu pergunto, que autoridade é que este professor tem, embora depois este professor tenha sempre a mania de dizer assim “ah, mas eu sou o professor.” Não é. É o professor, mais uma razão para dar o exemplo.”• “ depois quando aquilo dá para o torto, eles chegarem aqui e dizerem-me, “Oh Stôr, mas também o professor já não é a primeira vez que atende o telemóvel dentro da aula.” E a pessoa lá diz “É pá, não será bem assim. Se calhar, numa altura qualquer, ou...” Aquele jogo de cintura que fazemos. Mas elas ficam cá.”• “ Mas depois, junto do professor, “É pá, por favor, vê lá se tens juízo, porque estás a arranjar maneira de, um dia qualquer, depois eu ter que passar isso a... a ter que atuar, porque os miúdos até têm razão. E eu não posso dizer a eles que eles têm razão.”• “ a Escola respeitando os seus pais e quando digo “respeitando os seus pais”, é a forma como o professor aborda determinados assuntos”• “ vamos imaginar que o miúdo chega à aula e diz assim “ Oh Stôra, o meu pai disse qualquer coisa.” Vamos imaginar que o professor tem este discurso “ Mas ouve lá, mas quem é o teu pai para...” Ora este tipo de discurso, para mim, é um discurso negativo. Isso é um | <ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento nos alunos do respeito (53)a) Pelos seus pais (53,a) |
|--|---|

discurso que, em vez de estar a criar a aproximação entre as famílias e a Escola, está a criar o tal fosso, em que, dum lado estão uns e do outro lado, estão outros.”

- “ estes são os recados que eu dou no primeiro... quando faço a Reunião Geral de Professores, aqui naquele espaço, onde eu digo “Por favor, vamos evitar que isto aconteça, porque se isto acontecer, nós estamos a criar uma situação, estamos a dar oportunidade a que um dia mais tarde isto se volte contra nós.”
- “ Faço uma comunicação também por escrito, geralmente é a comunicação número um, onde aparecem várias coisas, alguns procedimentos a ter, no sentido de se evitarem situações de conflito.”
- “ agora se o professor tem cuidado com a forma como fala do pai, ou uma das coisas que os miúdos são muito sensíveis e que dá muitas vezes direito a agressões cá dentro, é se algum colega diz qualquer coisa da mãe ou diz qualquer coisa do pai.”
- “ Eles estão numa idade em que podem estar sempre em desacordo com a mãe ou com o pai, mas se alguém de fora diz uma coisa destas...”
- “ o mesmo acontece se o professor no seu discurso, também, dá a entender que o pai é irresponsável ou outra coisa qualquer; ora isto é o bastante para ele também chegar a casa e dizer assim “ah, a professora até disse isso da família, ou disse isso do pai ou da mãe.”
- “ Nós temos a preocupação, portanto como em todas as escolas, temos aquela hora do atendimento”

- “ temos a preocupação também e a grande maioria dos professores muitas vezes através do telemóvel, se o pai não aparece, o alertar, atenção, não é só a questão das faltas, para algumas atitudes menos corretas que eles possam ter”
- “ há a preocupação, também, de os professores, quando o Diretor de Turma, quando sente que não tem eco do outro lado, até tem a preocupação, também, de me envolver, portanto, pronto, já é ou um telefonema meu, para o paizinho, a dizer “olhe, eu gostava muito de falar consigo...”
- “ A taxa de adesão dos pais nas reuniões é bastante elevada, desde o sétimo até ao décimo segundo.”
- “ a Associação de Pais tem graves problemas em conseguir arranjar associados. Parece uma contradição.”
- “ eu tenho uma boa Associação de Pais, mas a Associação de Pais – vá lá – será, são uns doze – estar a falar da Direção – mas depois em termos de associados, ora numa casa onde há mil e cem alunos haverá, teria que haver dois mil e tal pais ... e eles são pouco mais ou menos... têm esse número de pessoas associadas. Como é uma casa que não é complicada...”
- “ uma Associação de Pais numa casa destas, também tem alguma dificuldade em se impor ... Porque eles, muitos deles não passam pela Associação de Pais, têm à vontade, certamente, querem falar com o Diretor. E apresentam... só apresentam as coisas à Associação de Pais, quando eles sentirem da parte da Direção que não está a dar resposta.”

- “ Agora, se fosse uma casa onde existissem sempre conflitos, conflitos laborais, guerras entre pais-professores, pais-Direção ... Tinha um papel muito mais ativo.
- “ Agora, em termos individuais, a participação deles nas reuniões é bastante elevada.”
- “ Eles estão representados em todos os órgãos”
- “ eu no jantar de Natal, a preocupação sempre do presidente da Associação de Pais... o representante dos pais no jantar, o presidente da Associação de Estudantes, eu também o convido para estar, pronto, será para representar os alunos”
- “ quando há um teatro, ou outro tipo de atividade, faz-se um convite aos pais para estarem presentes.”
- “ aqui dentro há respeito por todos.”
- “o Presidente da Associação ou da Guiné ou de Cabo Verde, já não me recordo, numa altura, numa cerimónia, numa conferência sobre os direitos humanos, em que ele achou muito estranho olhar para o auditório, que tinha... estavam lá se calhar cem pessoas, no auditório, e só viu um ou dois de cor”
- “ Não é por eu fazer separação, nem pouco mais ou menos, ou porque a Escola não os quer cá”
- “ estes miúdos, geralmente no seu percurso, estão mais atrasados do que outros.”
- Quando eu digo “mais atrasados”, em termos de idade,

b) Pela sua identidade cultural e nacional, língua e valores (53,b)

não estamos a falar em termos de competências.”

- “ Um miúdo do Bairro da Boavista, ora, dificilmente tem acesso a esta casa ... Porque como nós selecionamos os mais novitos, é natural que o miúdo que vive no Bairro da Boavista, que tenha problemas em casa, que já reprovou um ano, basta reprovar um ano para já estar mais atrasado em relação à grande maioria dos alunos ... Não consegue entrar aqui.”
- “ Se não consegue entrar aqui, também no décimo ano, como nós temos procura, passa-se precisamente a mesma coisa.”
- “ Alunos de outras culturas, eu recebo-os desde o momento que obedeçam aos critérios, mas não os marginalizo”
- “ caso dos miúdos ucranianos. Também começam o ensino primário deles mais tarde do que os nossos, o que quer dizer que, quando chegam aqui, ao sétimo ano, já estão mais velhos um ano do que os outros. Já não conseguem entrar. Quando chegam ao ensino secundário, se o curso que eles escolhem é um curso onde obriga a passá-los todos a pente fino, também já não entra.”
- “ A grande maioria deve ser miúdos brasileiros.”
- “ eu recebo miúdos através da – não sei se é Entreculturas, não é Entreculturas – pronto, uma agência de trazer miúdos de outros países para famílias, que estão a viver em casa de famílias cá em Portugal e enquanto estão em Portugal, estão a frequentar uma Escola.”

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Não são alunos regulares”• “ mas são capazes de estar cá o ano todo”• “ mas não precisam de ter notas, pronto, têm menção qualitativa.”• “ Desde alunos colombianos, chilenos, alemães, dinamarqueses”• “ posso ter um conjunto de quatro ou cinco, espalhados em várias turmas e eles estão perfeitamente integrados.”• “ Têm notas nalgumas disciplinas, noutras não têm ... levam uma informação nossa, mas cumpridores...”• “ regulares, tenho poucos alunos, mas tenho... a grande maioria deles serão brasileiros”• “ Nós temos um grupo, temos aí um grupo de dança. E nesse grupo de dança, temos miúdos de outras culturas. E é giro que é aí que eles se refugiam e a professora procura, também ...na atividade desenvolvida pelo grupo ... de explorar danças do país deles. • “ eu não acredito que, nesta casa, e isto nunca me caiu em cima da mesa, de aparecer algum professor que tenha um brasileiro na sala de aula e que diga que os brasileiros são isto, são aquilo, são aqueloutro”• “ o procurar pôr em causa o hino deles, porque é muito não sei quê, ou a bandeira, que é muito berrante, ou pouco berrante, ou os hábitos que eles têm...”• “ Não sinto isso. Ora, se não sinto, não há aquilo que | <ul style="list-style-type: none">c) Pelos valores nacionais do país em que vivem (53,c)d) Pelos valores nacionais do país de origem (53,d)e) Pelos valores de outras civilizações (53,e) |
|---|---|

nós acompanhámos, como em França, portanto a questão do véu ou do não... das miúdas.”

- “ eu não tenho assim nada que me diga que a Escola não respeite.”
- “ principalmente a nível do básico, às vezes, ... há a preocupação da parte do Diretor de Turma de dar palco, vá lá, a este tipo de miúdos, para poderem contar às vezes coisas que se passam nos países deles.”
- “ Na sala de aula, ou um trabalho de pesquisa... aquilo que eu pesquisei, sei lá, no país não sei quê, desenvolve-se mais a dança não sei quê ou a comida não sei quê.”
- “ E ele está ali e até pode ser questionado “Tu também sentes isso, na tua terra como é? Quais são os teus hábitos alimentares?” Sei lá, há essa preocupação, que para mim é uma forma de integração, não é? para ele não se sentir marginalizado.”
- “ Um dos problemas que os miúdos brasileiros também sofrem aqui, é: como sabe, os adjetivos deles são desencontrados dos nossos”
- “ acontece que por vezes chega aqui um miúdo ... vai frequentar o nono já com estes a... que iniciaram em setembro, mas ele entrou em novembro. Este miúdo, por vezes, se não tem também a família a jogar-lhe a mão, o miúdo sente-se mal ... A maneira como escreve, a forma, a postura dele...”
- “ Eu não sei se não será dele entrar já a meio da viagem, porque se ele entrasse aqui em setembro como os outros entram, ele era visto como igual a todos os

| | |
|--|--|
| <p>outros.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Caiu e depois caiu, quem é ele? Não é o António, nem o Samuel, nem o Francisco, é o brasileiro.”• “ A questão da língua, depois há a preocupação, também, nossa de quando chega o final do primeiro período, de se propor, ou até mesmo nas reuniões intercalares que fazemos ali em outubro, se o professor se apercebe desse tipo de problemas, há uma preocupação da Escola em lhe dar tipo apoio ... para tentar superar as dificuldades.”• “ hoje em dia, esta rapaziada que nos chega aqui é já rapaziada que já nasceram cá”• “ Já não os considero estrangeiros, ou vir de outro país porque, no fundo, eles já são naturais daqui.”• “ o que pode acontecer é o tipo de vocabulário em casa, porque os pais ainda são... nasceram lá...”• “ Na escrita, na forma oral de apresentar as coisas...”• “ Sempre que se torne necessário e que o professor entenda que deve propor aulas de apoio para esse tipo de situações”• “ a Escola arranja maneira, mesmo não tendo crédito horário para o fazer, negocia com alguém, no seu tempo de estabelecimento” • “ Eu considero que a educação que lhes estamos a transmitir nesta casa, a preocupação... penso que sim”• “ mas ao mesmo tempo, considero que aquilo que se | <ul style="list-style-type: none">• Preparação dos alunos para uma vida responsável, numa sociedade livre (54) |
|--|--|

pretende hoje em dia fazer nas escolas estamos a contribuir para que eles se tornem miúdos por vezes muito dependentes, durante muitos anos e por vezes irresponsáveis.”

- “ Eu quero dizer que aquela coisa de nós todos estarmos constantemente a desculpar, eu acho que não os estamos a tornar responsáveis. Mas isto tanto falamos desta casa como de tudo.”
- “ Como em casa, tudo.”
- “ Aquela coisa de “olha, para a próxima vez, eu já não te aceito mais nenhuma justificação de faltas, porque eu sei...”
- “ acho que não estamos a torná-los responsáveis.”
- “ Depois, aquela coisa de procurarmos sempre resolver os problemas do menininho, que eu acho que devemos resolver mas, também, devemos fazer ver que ele precisa, também, desculpe o termo, de se desenrascar, não pode estar sempre à espera que o adulto lá lhe jogue a mão;”
- “ eu acho, não é só esta Escola, mas acho que a Escola em si, estamos a criar nos meninos, por vezes, uma situação de exagero em termos de protecționismo.”
- “ em casa nós fazemos isso, também, com os nossos filhos.”
- “ claro que temos que ter cuidado a dizer as coisas porque depois eles interpretam às vezes as coisas doutra forma, porque eles julgam-nos, os pais têm o direito de nos apoiar sempre.”
- “ eu não aceito, de maneira nenhuma, se eles vivem

com dificuldades, vamos imaginar, tanto dificuldades em termos de... na sua gestão familiar, mas não têm pejo nenhum, se for preciso ir para a neve, um fim de semana, vão! Quer dizer, isto a mim faz-me uma certa confusão. Para a minha formação...”

- “ eu acho que esta rapaziada pensa numa forma completamente diferente.”
- “ Quando há bocadinho eu lhe dizia que nós estamos a criar, também, miúdos irresponsáveis, porque eles estão sempre à espera de haver alguém que lhes vá cobrir as costas, como se costuma dizer. Quer dizer, isto não pode. Eu sei que nós fazemos tudo pelos nossos filhos”
- “ mas são capazes, ao mesmo tempo, de criticar o pai ou a mãe, porquê? Porque “ó pá, então mas tu continuas ainda ligado, sei lá, ainda continuas ligado à TV Cabo? Então, mas ouve, a MEO faz essas condições...” Dá-me piada, depois como é que eles nalgumas coisas andam a saltitar dum lado para o outro, à procura do mais barato e não se privam de determinado...”
- “ o nós estarmos constantemente a desculpar, o facilitar, o deixar, “ah, mas ouve, mas tu não podes fazer isso, continuas a fazer, mas ouve, mas afinal...”
- “ Depois o menino faltou, o professor arranja maneira de lhe dar outra prova, o menino esqueceu-se do material em casa, que era fundamental para trabalhar, então vamos ali, arranjamos...”
- “ eu vejo nas pequeninas coisas, quando eles vêm fazer exames nacionais ... ou esquecem-se da máquina de calcular ou, sei lá, ou trazem uma caneta que à partida

se calhar já está quase a acabar e a caneta acaba-se a fazer o ponto, ou o esquecerem-se do Bilhete de Identidade”

- “ o vir ver as pautas na hora, a correr, lá vai, quer dizer, isto para mim tudo... mas isto, os tempos são outros.”
- “ da relação que eles tinham com os professores, com os funcionários, eu acho que é uma relação boa. E essa relação mantém-se e penso que essa relação é que, também, faz, contribui, para que eles acabem por olhar para a Escola como uma continuação da casa”
- “ nós temos que pensar que numa casa, eles são quatro, no máximo, vá lá. Agora, numa Escola, eles não são quatro, eles são muitos. E isto gerir quatro é diferente do que gerir muitos que se esquecem disto, daquilo”
- “ quando andam aí com as calças cá em baixo”
- “ eu depois, às vezes, digo aqui na frente dos pais “é pá, como é que é possível? Tu tens que te convencer... tu agora deves dizer assim ‘é pá, este, pronto, este gajo está-me aqui a chatear a cabeça, está-me a dar na cabeça por uma coisa que não é nada.’” Não, é. É muito.”
- “É muito, porque tu chegas ao mundo do trabalho, aqueles gajos – vou dizer na linguagem deles – aqueles gajos põem-te na rua. Já não vão falar contigo, a dizer ‘É pá, tem juízo, veja lá, não faça’”, porque este é o nosso papel.”
- “ às vezes ponho-me a pensar e, desculpe lá, portanto eles estão aí, nessa cadeira, os pais estão aí na outra, aí ao lado, o Diretor de Turma está aqui, eu estou aqui.

Portanto, quando estamos a tratar de alunos. Eu, já uma vez, por duas ou três vezes, já agarrei assim no bracinho do menino e disse-lhe mesmo “ é pá, oiça, você na minha frente não fala assim com a sua mãe, porque eu não autorizo.” Portanto e eu fico doido... é pá, como é que este caramelo... se ele fala assim com os pais, como é que será em casa e como é que ele olha...”

- “ o ano passado, no princípio do ano, um miúdo que eu não imaginava que ele tivesse esse tipo de comportamento. Aquela coisa que... eu falava com ele, para mim, parecia-me um menino do coro. Aparece-me a mãe, uma manhã, “Stôr, eu não sei o que é que hei-de fazer ao *não sei o quê*”, mas digo “Mas, o Diretor de Turma já me tinha dito que ele andava a faltar”, “Ó Stôr, nem imagina a forma como ele me maltrata em casa, um dia tive que chamar a polícia, depois quando a polícia entrou, eu tive que disfarçar, pronto, aquele tipo de coisas que, pronto, é mãe”
- “ depois, diz-me ela “Stôr, já tomei uma atitude, mas queria ouvir a sua opinião. Eu vou levá-lo para um colégio que há em Lamego”, acho que é uma instituição qualquer de padres, tipo internato, “Mas ele não precisa... eu até vou com uma amiga minha, porque se ele sabe, eu não sei o que é que ele me fará, portanto ele só vai saber na hora em que ele entrar dentro do carro”
- “ eu tenho tido já aqui situações em que não vive o pai com a mãe, mas estão os dois, fazem questão de estar os dois e gosto da postura”

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Agora, por vezes, servirem-se do miúdo como arma de arremesso para se atingirem uns aos outros”• “ a forma como a mãe estava a falar comigo, com um ar de desespero.”• “ isto começou porque a companhia, as companhias dele não eram as melhores”• “ A mãe dizia-lhe “Não devias andar com essas companhias, não desces para ir ter com eles”, esse tipo de coisas.”• “ Numa altura, é capaz de ser permissiva, depois quando tem atitudes de travagem, em vez de ir travando aos poucos... isto está complicado.” • “ andamos à volta daquilo que é pedido a eles, que é: o sabermos ouvir, o sermos tolerantes uns com os outros, o sabermos respeitar.”• “ Penso que isto é palavra de ordem, desde o Diretor, quando os recebe aqui, se querem ser respeitados, têm que respeitar os outros, o não aceitar que alguém lhes falte ao respeito, “como também não aceito que não respeitem os vossos colegas, professores, os funcionários”• “ eu penso que isto é, regra geral, todos os professores batem nessa tecla”• “ as preocupações deles, de abordar através destes projetos, de focarem estas temáticas”• “ de trazerem sempre alguém para falar a outros, | <ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento nos alunos do espírito de compreensão, tolerância e amizade entre todas as pessoas (55) |
|---|---|

porque depois são eles e depois convidamos turmas, porque não podemos convidar a Escola toda, mas convidamos turmas mais ligadas a determinadas áreas, no sentido de desenvolver neles, também, esse sentido crítico, este sentido solidário.”

- “ Sim, mas eu penso que devíamos desenvolver mais.”
- “ a Escola peca em não ter a preocupação de ter o espaço disto, o espaço daquilo, o espaço daqueloutro”
- “ ou porque não tem meios financeiros para poder desenvolver, mas eu penso que isso não é desculpa, às vezes é mais descuido. Estou a lembrar-me da questão da reciclagem das coisas.”
- “ Agora, eu considero que é uma casa limpa, que é uma casa que temos a preocupação da parte dos funcionários e têm ordens nesse sentido, de os caixotes do lixo não estarem cheios, estarem sempre, pronto, não estarem ali a abarrotar”
- “ as latas... mas repare neste espaço todo grande, mesmo durante as aulas, se passar por aí, até não vê muitos.”
- “ Nem plásticos, não vê latas.”
- “ quando os pais, às vezes, me pedem “Ó Stôr, até... e o que é que o Stôr tinha pensado?” Digo, “olhe, vai para casa. Fica em casa um dia.” “Ah, Stôr, mas não me dava nada jeito!” “Tudo bem, então mas se quiser, ele passa aqui o dia na Escola, entra às oito e um quarto, vai almoçar das tantas às tantas, na hora dos intervalos, vem aqui para o hall e senta-se aqui para

- Desenvolvimento nos alunos do respeito pelo ambiente (56)

não estar em contato com os outros e vai apanhar as latinhas, as coisas, pronto, faz aí uma recolha”

- “ outros a trabalhar no bar”
- “ eu penso que eles até nem são porquitos”
- “ se eu vou lá acima ao bar, se eu venho a descer essas escadas e vejo um guardanapo ali no chão, eu próprio agarro no guardanapo e atiro-o para o caixote do lixo.”
- “ esse tipo de atitude, acho que devíamos ter todos e certamente que a grande maioria das pessoas nesta casa tem.”
- Eu vejo que eles não atiram muita porcaria”
- “ há a preocupação sempre, de 90 em 90 minutos, não haver caixotes do lixo com lixo lá dentro.”
- “ o mesmo acontece na reunião que fazemos, é um apelo que eu faço, também, aos miúdos “ não quero latas espalhadas aqui, espalhadas ali, o lixo...”
- “ Quando os recebo, estou a falar mesmo no primeiro ano. Há essa preocupação.”
- “ acho que era engraçado desenvolver, criar espaços como, sei lá, criar pequenas hortitas ou pequenos espaços em que cada turma ficará responsável por aquele espaço, o embelezamento do espaço exterior”
- “ Mas os filhos desta casa são filhos de senhores que, se eu fizesse uma coisa dessas, eu estava a explorar as criancinhas”
- “ se calhar se fosse no Algarve, em determinadas escolas, no Alentejo, em determinadas escolas, esses espaços não estariam assim.”

- “ Um clube que existisse, depois havia um concurso dos espaços, uma competição saudável. Mas é difícil.”
- “ Existiu um Clube do Ambiente. Neste momento, não o tenho a funcionar.”
- “ isso, também, tudo depende dos carolas”
- “ As escolas por vezes funcionam porque têm meia dúzia de carolas, um que agarra naquilo, outro que agarra, mexe”
- “ os meus miúdos participaram... foram num ano, um grupo foi à Polónia, noutro ano foi ao Dubai, noutro ano foi... não sei se foi à Hungria, se foi à Alemanha, não me recordo, integrados num projeto, através da Net, em que eles tinham que apresentar trabalhos semanais sobre problemas ambientais e depois, em função do tipo de trabalho e da qualidade, iam ganhando pontos. E esses pontos revertiam depois em termos de, nas suas deslocações, fosse abatido em termos de despesas de deslocação e eram países a nível mundial, portanto faziam depois encontros e andaram, durante três ou quatro anos, que estiveram sempre a passear, que é mesmo o termo.”
- “ Eu tinha uma professora, essa professora aposentou-se, que era a Doutora ..., que era espetacular, ela tinha uma certa apetência para isso”
- “ há dois anos, também, tive cá um professor de Educação Física, espetacular em termos de os sensibilizar para, também, determinados trabalhos de projeto na área das engenharias, coisas mirabolantes.”
- “ como é que é possível, eu com o espaço que aqui

| | |
|---|---|
| <p>tenho, não haver equipamentos espalhados por esse espaço, a marcar o trabalho de miúdos?”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Porque os miúdos, um dia mais tarde, quando trouxeram os filhos para cá, gostavam muito de dizer assim “Ó filho, olha, aquilo que ali está, o pai participou nisso”• “ Tenho ali aquele de... no Ano Internacional da Matemática, em 2000 ou o que é que foi? Aquele cubo que ali está, logo à entrada, quando nós entramos”• “ Foram alunos que fizeram, juntamente com o professor das Artes, os professores da Matemática, fizeram aquilo.”• “ eu acho que coisas desse género, espalhadas por esse... porque nós temos muito espaço para isso. Mas enfim...”• “ eu acho que as Artes deviam desenvolver mais esse aspeto.” <ul style="list-style-type: none">• “Eu penso que sim, penso que não há aqui casos de pôr os miúdos ao canto da sala, virados de costas, de pé, penso que não há, ou deitados no chão, nem nada disso;”• “ acho que é importante, numa organização tem que haver regras e quem entra na organização tem que se sujeitar às regras da casa, porque isto sem regras, não funciona.” | <ul style="list-style-type: none">• Adequação das regras que regulam a disciplina na Escola com o respeito da dignidade dos alunos (57) |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Completamente. As regras que nós temos são regras fundamentais para ele viver em sociedade”• “ Não, nada. Eu considero cem por cento.” • Completamente”• “ Claro que tem que ter regras”• “ mesmo a própria Associação de Estudantes. Têm liberdade, têm determinados estatutos, mas eles não se podem esquecer que dependem de alguém, eles estão debaixo de um chapéu, que é a Escola ... têm que respeitar as regras da instituição”• “mas têm a liberdade para apresentarem os projetos que entenderem como qualquer aluno desta casa”• “ alguns miúdos, às vezes, pedem-me para, nos intervalos, terem uma mesinha onde, sei lá, aquela idade que as miúdas todas elas passam, de fazer carteirinhas com as tais missangas ou isto ou aquilo e eu dou-lhes liberdade, sim senhora, pronto, desde que a mesinha, termina o intervalo, eu não quero o espaço sujo, portanto eu quero aquilo tudo arrumadinho.”• “ Outros... sobre ... concurso de bandas.”• “ Trazem as suas baterias e fazem concurso de bandas, porque todos eles... uns tocam viola, outros tocam... e têm bandas de garagem” | <ul style="list-style-type: none">• Adequação das regras existentes na Escola ao direito do aluno: (58)a) À liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e de religião (58,a) b) À liberdade de associação (58,b) |
|---|--|

- “ eles sabem que nesta casa, que estas coisas fazem-se todas depois das dezassete horas.”
- “ Eles têm liberdade, eles que sensibilizem os colegas para estarem presentes, ou... estou-me nas tintas. Se não estão, não estão”
- “ São alunos da escola só, não há cá de fora, são só alunos da Escola.”
- “ Mas temos outra vertente, nós temos a preocupação, quando é o concurso sobre poesia, concurso sobre as Olimpíadas da Língua Portuguesa ou Concurso Literário... nós temos a preocupação de mobilizar, quando foi o Dia da Europa, que nós arranjámos, também, um grupinho de miúdos que andam no ensino articulado, que frequentam violino no sítio tal, arranjámos viola... então arranjam um espaçozito para eles poderem vir atuar.”
- “ acho que isto é importante para eles, também”
- “ a mãe emprestou-nos o piano, nos vinte e cinco anos, fizemos uma cerimónia e o piano, depois antes de ir para casa, esteve aqui neste hall. Não imagina a quantidade de miúdos...eu estava aqui a trabalhar, eles vinham, ou vinham às fotocópias, eles já sabiam que estava aqui o piano, eles tinham liberdade para chegar ali e sentavam e a pessoa estava aqui e ouvia-os a tocar.”
- “ era uma das coisas que eu gostava de ter, porque eu sinto que há aí muitos miúdos que tocam e que gostam de música e seria uma forma também de, uma forma diferente de estar na Escola”

- “ Mas achava piada o estarmos aqui ou às vezes, mesmo depois só quando saíam das aulas, às cinco da tarde, eles lá estavam ali... eu ouvi-os ali, de uma forma organizada, ordenada”
- “ Eu penso que sim.”
- “ Eu acho que nós, professores, temos uma certa queda para isso, de ouvir os miúdos. Eu faço uma certa distinção nalguns Diretores de Turma e se calhar são aqueles que depois, no ano seguinte, quando eu me apercebo, não são. São aqueles que depois se servem disso ou fazem chantagem, também, junto dos pais com os miúdos e “conta aqui e leva para ali”, portanto esses para mim, não... acabam por, depois no ano seguinte ou passados dois anos, acabam por não ser Diretores de Turma.”
- “ Mas acho que tudo isto tem um princípio, que é o facto da confiança mútua, a relação... se a relação for uma relação má, ora é impossível e impensável que isto aconteça.”
- “ Mas eu penso, pelo menos eu vejo, que a relação que eles têm com os professores é uma relação muito próxima. E como é uma relação muito próxima, leva-os a terem conversas com alguns professores, não será... às vezes, até nem é com o Diretor de Turma, é com alguns professores e até mesmo com alguns funcionários.”
- “ Nós chegamos, às vezes, a saber mais tarde, quando, às vezes, qualquer coisa é despoletada dele, sei lá, um miúdo qualquer ou saiu, ou naquele dia a mãe apareceu

c) À privacidade (58,c)

aí muito preocupada porque ele anda muito triste, ou não foi almoçar a casa, sei lá, uma coisa qualquer. E nós, às vezes, sabemos quando a funcionária se sente quase na obrigação, também, de dizer que é “Pois, ele ultimamente até tem falado comigo, tem-me dito que não anda bem ou por causa duma namoradita, ou por causa disto ... é sinal que ele confia.”

- “ mesmo quando vem aqui a Vodafone, o não sei quê, o não sei que mais, eles sabem e digo a eles “Meus senhores, eu não quero que a minha casa seja... que os meus amigos tenham acesso a uma base de dados. Portanto, os senhores se querem, mandam depois para casa, pelo aluno, o adulto depois, se entender que deve assinar, depois é que faz isso.”
- “ a nível de Secretaria, claro que há a preocupação de não ... Sempre!”
- “ eu não admito, não aceito que haja má educação aqui dentro, falta de respeito. Estes casos todos, que eu saiba, não os deixo passar em claro. “
- “ As minhas suspensões que eu dou, são coisas de lanacaprina”
- “ Não deixo passar.”
- “ o fazer de conta que não vê, é a pior coisa que se faz.”
- “ eu acho, quando eu digo “proteção do aluno” e a proteção do profissional, porque entendo que numa casa onde não haja respeito, não se consegue trabalhar.

d) À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado (58,d)

| | |
|---|---|
| <p>Se não se consegue trabalhar, não se consegue aprender. E então, toda a missão desta casa cai por terra.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Porque, qualquer organização deste tipo tem que transmitir aos alunos conhecimentos e valores. Se só fizer uma coisa e não ligar à outra, dificilmente consegue fazer-se. Pelo menos, é essa a minha forma de ver a Escola.”• “ Tenho a preocupação de atuar. Quando eu vejo que a situação não é resolvida por uma simples palavra da parte ou do porteiro lá de baixo ou minha, então aí terei que recorrer à Escola Segura e eles aparecem e eles desaparecem.”• “ Sim, sim, de os proteger.”• “ aquilo que a gente ouve falar, coisas que são graves, se são contadas daquela forma e se se passaram daquela forma, acho que é muito grave para uma Direção não atuar ou fazer de conta que não ouve ou que não vê, é muito mau.”• “ Tudo aquilo que eu souber, tudo o que é roubo, má educação, má formação, ah, isso aí não têm hipótese.” | <p>e) À identidade, cultura e língua (58,e)</p> |
|---|---|

que o respeitar a ele e ele tem que os respeitar também e tem que cumprir as regras, portanto não há cá tratamento diferenciado, porque o menino é hiperativo”

- “ por vezes é tão hiperativo, mas quando está aqui a falar comigo, sozinho, consegue estar parado durante meia hora, se for preciso, ou mais. É porque aquela hiperatividade, ele controla-a. Então se a controla, também tem que a saber controlar dentro da sala de aula.”

- “ Eu penso que sim”

- “ eu não tenho tido casos desses”

- “ mesmo essa pessoa que eu tenho aí do Ministério da Educação, o guarda que anda sempre a circular dentro do espaço, claro que ele tem ordens, se se aperceber de ver assim um jovem mais afastado ou, portanto, vê-lo constantemente sozinho, o ter a preocupação de me comunicar para nós procurarmos saber o que é que se está a passar.”

- “ eu de manhã ... quando chego, ter isso aberto e a pessoa vê o miúdo sozinho, sentado ali nas escadas, lá ao fundo. E vê o miúdo sentado, os primeiros 45 minutos, e na segunda hora, continua a vê-lo, pronto, há a preocupação de dizer à funcionária “Diga lá àquele jovem para vir aqui, o que é que se passa”, ou... E aquilo que acontece muitas vezes, é “Ó Stôr, eu só entro às 10 horas” ou... “Mas os meus pais passaram por aqui e deixaram-me, os meus colegas ainda não chegaram”

f) À inclusão social e à reintegração (58,f)

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Eu penso que sim.”• “ é mais o critério de injustiça. Portanto, aquilo que, às vezes, se passa na sala de aula ou, sei lá, “por que é que sou eu e não é o outro?”, aquele tipo de picardias, patinho feio, que acontece em todos os lados.”• “ o mesmo que não aceito da parte deles que o tenham, também não aceito que um professor... e se o professor o maltratar, em termos de ser injusto com o miúdo, eu tenho a preocupação, se eu sentir que o aluno tem razão, de chegar ao pé do professor e dizer-lhe “É pá, desculpa lá, mas tens que arranjar maneira...”• “ às vezes há aquela coisa de o professor se exaltar e o aluno, também, como não é fresco, já sabe o ponto fraco do professor e aquilo, às vezes, leva até a uma situação em que o professor é capaz de se passar dos carros, como eu costumo dizer, e põe-no fora da aula, mas já com um ar mesmo exaltado”• “ há a preocupação, também, de o adulto, sempre que isto aconteça, e se eu sentir que, nalguma altura, o puto até tem razão, eu digo ao professor “É pá, desculpa lá, vê lá se arranjas maneira de falar ao miúdo e dizer-lhe que ‘Não tornes a fazer isso, porque eu também me exalto, se calhar não andei bem’”, sei lá, aquele tipo de conversa mole, mas para dar a entender também junto do miúdo que aquilo que nós fazemos com os nossos filhos, que é, quando nós agimos mal, não lhes pedimos desculpa, mas passamos-lhes a mão pelo cabelo, que é uma forma de pedir desculpa” | <ul style="list-style-type: none">• Modo de tratamento dos alunos pelos elementos da comunidade escolar (59) |
|--|---|

- “Não.”
- “ Às vezes acontece, mas são aqueles meninos mesmo, que estão sempre a apertar a porca, que estão sempre na rua e há uma dada altura que arranjam um bode expiatório, que é dizer que o professor é que não os compreende, que “sou sempre eu, eu até nem estava a fazer nada”, pronto, aquela conversa que nós sabemos todos, “eu nunca fiz nada”, é pá, mas não fez, se calhar agora não está a fazer, mas já fez tantas vezes...”
- “ São coisinhas, não, não é a questão do “professor chamou-me nomes, agrediu-me...”
- “ já tive duma professora que tinha o hábito de chamar burros.”
- “ eu tentei desmistificar isso junto dos pais, que eu digo “ora bolas, vamos imaginar que eu era professor deles, que até tinha uma boa relação com eles, eu até dizia assim ‘seu burro, não sabe nada disso’, ou dava-lhe uma cachaçada, eu pergunto, ele chegava a casa, ia dizer que eu o tinha humilhado, tinha chamado burro ou que eu o tinha agredido? Não dizia.” Agora, com certeza que a relação se calhar não é boa. E depois agarra-se em determinadas coisas... agora, temos que pensar, também, é que por vezes, nós arranjam lenha para nos queimarmos”
- “ eu não tolero e claro que depois eu disse à professora “É pá, conta, por favor, até dez e controla-te. Porque esta palavra ‘burro’, eu sei que tu não estás a humilhá-lo...”

- Existência de participações dos alunos por terem sido tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar (60)

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Mas dás oportunidade a que o adversário depois agarre nessas palavras e depois estás tramada.”• “ nós não vemos aí com os pais? Agora, mesmo a questão de não entrarem cá, o processo, e porquê e por que não e que critério e por que é que há-de ser a idade, “o meu filho, há outros que mentem na morada e estão cá”, “Então, mas mentem, diga-me quem são”, “Ah, eu não faço isso, não denuncio”, mas andam ali, o tipo de postura, o chegarem à Secretaria, o começarem a desancar no funcionário porque o menino não ficou cá, pronto, esse tipo de coisas.”• “ Todos nós em casa, temos filhos, não estamos a dizer que, de vez em quando, não berramos”• “ a forma como o pai fala aqui connosco sobre os professores, sobre a Escola. De certeza absoluta que à hora da refeição, fala também da mesma forma “Então, ouve lá, então o gajo faltou outra vez? É pá, não me digas. Então este gajo só falta?”• “ Mas ele não se lembra que o filho já deu não sei quantas faltas, mas é logo.”• “ Agora, eu pergunto: se o filho ouve falar da Escola, ouve falar do professor daquela forma, um dia qualquer, quando o professor está a dizer qualquer coisa, lá vai, também, uma rajada. “Então mas o quê, mas brincamos? Está-me a faltar ao respeito!” | <ul style="list-style-type: none">• Uso de violência por parte de professores ou de funcionários sobre alunos (61) |
|---|--|

ali em cima, este tal que era professor do décimo ano de Artes Visuais, os gajos, acho que três, mas isto não está bem apurado se foram eles ou não, suspeita-se.”

- “ se calhar a polícia há-de estar a ligar-me se calhar por isso.”
- “ ele fez participação deles”
- “ Foi este ano, no final do ano e eu já estou à frente desta casa há uma quantidade de anos, nunca aconteceu isto.”
- “ O tal que não os deixa falar, trata-os abaixo de cão, eles têm medo...”
- “ Foi um caso único. Durante estes anos todos, isto nunca me tinha acontecido.”
- “ às vezes há coisinhas de lana-caprina que só dá vontade...”
- “ Não pode ser, até porque eles não têm o direito de ser agredidos. Não posso, mas às vezes apetece e digo-lhe, eu já tenho dito aqui, às vezes, aos pais, às vezes apetece-me.”
- “Ó Stôr, devia-lhe ter dado.”
- “ Não pode fazer.”
- “ Não pode e ainda bem. As coisas não se podem resolver à chapada.”
- “ eu às vezes digo quando eles... lembro-me dessa situação “Agora você imagine, pá, o que era”, quando eles andaram à chapada, por causa disso da mochila, toca, digo assim “Agora imagine o que era, pá, nesta casa, que são mil e oitenta alunos, imagine que

andavam todos à chapada. Diga-me só como é que se resolvia? Já viu o que era, pá, estar numa casa...”

- “ ou então, se eu desconfio que os gajos andam metidos na passa, ou qualquer coisa assim, digo-lhes “Ouça lá, é pá, eu não sei, não tenho dados, mas eu acho que você, pá, deve andar metido e fazer coisas que não deve. Mas eu digo-lhe já, para você ficar a saber. Toda a gente anda a olhar para si, aqui dentro. Depois não se queixe.”
- “ E eu ando à procura de o agarrar, eu ando desconfiado, não tenho a certeza, ando desconfiado.”
- “ esse tipo de coisa, pá, eu não as deixo passar aqui dentro.”
- “ Agora, quando chegar a altura em que a maioria dos alunos desta casa, tudo faz isto, tudo fuma *ganza*, então, de certeza absoluta que o Diretor também começa a fumar *ganza* porque entende que, se calhar, é ele que está a mais, ele é que deve estar enganado.”
- “Esta situação, é você, é meia dúzia de caramelos que andam aqui dentro, que eu estou à espera de os agarrar para os pôr daqui para fora.” O discurso é este.”
- “ eu acho lamentável que os pais destes jovens, o não terem ainda aparecido aqui, para falar comigo.”
- “ o professor pede-me os dados e eu dou-lhos, dei-lhe, forneci-lhe os dados, a morada dos pais, para ele participar...”
- “ A Escola não fez nada ainda, mas vai fazer. Vai fazer

- Modos de resolução das situações de violência e de vandalismo (64)

e vai penalizá-los no próximo ano letivo, porque eles são alunos da casa, vou mandar – isto vai ser um trabalho que vai ser feito quando chegar aqui, depois das férias...”

- “ Foi uma coisa que aconteceu no último dia de aulas.”
- “ Eu quando digo no próximo ano letivo, a primeira coisa que eu vou fazer, é enviar uma cartinha para os pais, convocá-los, manifestar a minha preocupação pelo facto de eles não me virem dizer nada, ou de não questionarem os seus filhos, ou de os trazerem aqui e dizerem na minha frente “Não temos nada a ver com isso.” Temos, sim senhor. E vou penalizá-los.”
- “ Vou penalizá-los em termos de marcar a minha posição de eu não pactuar com gestos, com atitudes, porque não é assim que se resolvem as coisas. Eu não posso exigir deles que paguem a pintura...”
- “ Não pode ser. Eles têm que ficar a saber, mesmo os pais...”
- “ por que razão é que os pais não vêm falar comigo? Porque os pais não gostam, se calha, também do professor.”
- “ não dizem na frente dos meninos, mas se calhar nos bastidores, dizem assim “Ainda bem, filho da mãe, anda a chatear os putos até mais não.”
- “ Não pode, as coisas não podem funcionar assim.”

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Não, eu nunca senti necessidade de criar cá dentro um gabinete para resolver conflitos. Nunca senti.”• “ Porque se calhar os problemas que eu tenho, não me obrigaram a uma situação destas.” • “ temos as aulas de substituição”• “ aquilo que eu aconselho é, dirijam-se ao Centro de Recursos e podem muito bem passar lá a sua hora, ou na parte dos computadores, ou na parte de pesquisa de... ou a fazer trabalhos de casa”• “ não tenho animadores na Escola para tratar desta rapaziada.”• “ Temos a participação nos Clubes, a participação nas atividades desportivas...”• “ podem frequentar as atividades do Desporto Escolar.” • “ A nível da Associação de Estudantes.”• “ Torneios... é o torneio de vôlei, é o torneio de futebol e jogam com os espaços do pavilhão, com o terreno cá fora, o campo cá fora...”• “ A Associação de Estudantes também já agarrou nesse tipo de coisas, sei lá, um concurso de grafitis.• “ um concurso de grafitis, mas não há cá conversa, é grafitis... os gajos compram umas placas de madeira e | <ul style="list-style-type: none">• Existência de um plano com medidas de prevenção contra a violência (65) • Iniciativas desenvolvidas pela Escola para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos (66) • Iniciativas desenvolvidas pelos alunos para ocupação dos seus tempos livres (67) |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>o concurso é feito nas plaquinhas, não há cá paredes para fazer isso.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Que promove isso e eu claro que não digo que não, mas mando sempre o recado, é uma forma até de sensibilizar, para não haver cá riscadelas nas paredes.”• “ a nível dos conselheiros de orientação, logo muito cedo, a partir do oitavo ano, de informar os Diretores de Turma se eles quiserem, uma vez por semana, de poderem passar pelo espaço para começarem a fazer testes em termos das suas apetências, da orientação vocacional. Isto faz-se, a nível do Básico.”• “ A nível do Secundário, claro que é um corropio ali a nível de décimo primeiro, décimo segundo, para saberem bem, bem, o que é que querem.”• “ um dos sonhos que eu tinha, já entreguei isso aos Serviços de Psicologia e Orientação desta casa, que é a feira das profissões.”• “ nós somos muito procurados, como as outras escolas são, em termos de faculdades virem aqui vender os seus produtos”• “ e então uma feira aqui neste auditório, onde vai haver bancas, estabelece-se a semana, uma semana em que todas as faculdades, todas as chafaricas têm ali a sua banquinha e apresentam os seus cursos. Ao longo desta semana, também cada uma das chafaricas vai ter um espaço reservado no auditório e as turmas podem passar por lá, em função... se é das Económicas, então | <ul style="list-style-type: none">• Ações ou medidas de apoio aos alunos desenvolvidas pelos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional dentro do âmbito da sua área de atividade (68) |
|--|--|

| | |
|--|---|
| <p>sabemos que na quarta-feira, das tantas às tantas, estão lá as faculdades de Economia ou ligadas a esse ramo, para eles ouvirem...”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ quando chega alguma documentação, os dias abertos, vá lá, os dias abertos da Faculdade de Ciências... eu canalizo isso para os grupos da especialidade e, por vezes, eles combinam com os miúdos e vão, sei lá, não têm aulas da parte da tarde, então vão lá.”• “ eu tenho os Serviços de Psicologia a trabalhar, trabalham muito bem,”• “ neste momento, está desfalcado, deixou de ter assistente social, já teve assistente social, ela reformou-se, já não a substituíram;”• “ tenho uma psicóloga a tempo inteiro, aqui na Escola, que faz um bom trabalho”• “ este ano também me colocaram cá dois professores de Educação Especial, que também fizeram um bom trabalho”• “ Procuram. E até mesmo os pais, por vezes nas conversas que têm comigo, já depois de terem falado com a Diretora de Turma e a Diretora de Turma depois, por vezes, encaminha-os e diz “Então e por que não, por que é que ele não vai falar com a psicóloga da Escola, para desabafar e tal?”• “ eu considero que, com as condições que nós temos e com algumas áreas que nós temos, acho que se estivéssemos noutra sítio, éramos bastante procurados, tínhamos muita adesão.” | <ul style="list-style-type: none">• Outras atividades e medidas de apoio aos alunos, desenvolvidas pela Escola (69) |
|--|---|

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Eu sinto que os clubes nesta casa até não vingam, não têm uma grande adesão. E isto porquê? Porque o espírito dos pais é ocuparem o tempo dos meninos, portanto eles acabam por, às cinco da tarde, saem daqui, Cambridge, ginástica, ou vão para a ginástica, ou explicação”• “ Quem me dera a mim que eu pudesse dar aqui Informática na parte da tarde, a partir das cinco da tarde, ou Inglês, ou a Dança”• “ eu acho que para o tipo de espaço que temos, para as atividades que temos, para o Centro de Recursos que temos, eu acho que devia ser mais procurado.”• “ Se calhar estes espaços, esse tipo de atividades, na província, não sei ... Tinham mais procura.”• “ eles sentem que aquilo que têm em casa é melhor do que aquilo que têm aqui. O computador que eles têm em casa...”• “ O mesmo não se passa, se a Escola estivesse inserida noutra meio, se calhar a única forma de aceder ao equipamento era aqui na Escola ... A única forma que eu tinha de poder ler um livro, sem ter que o comprar ou sem ter que... seria na biblioteca da Escola; de fazer desporto” | <ul style="list-style-type: none">• Meios de que a Escola dispõe para garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares (70) |
|--|---|

comunicar logo com o 112 e informar o Encarregado de Educação que o filho vai para o hospital “x”, há um funcionário que o acompanha até lá, o pai quando aparecer lá, é quando o funcionário regressa”

- “ O professor lá em cima, vamos imaginar, de Educação Física, que é um inchaço zito, pronto, gelo... mas claro que estamos sempre atentos e ativa-se sempre ou procura-se ativar sempre a possibilidade de “é pá, amanhã, se isto estiver assim, eu quero saber, que é para acionarmos o seguro escolar”

- “ Eu criei, por causa da gripe, criei o tal espaço para a gripe e aí transformei aquilo como se fosse uma coisinha médica, um consultório médico, que felizmente foi pouco utilizado Tínhamos um Plano de Contingência também, como todas as escolas tinham...”

- “ uma coisa que eu sou enxovalhado a torto e a direito, que é o acesso de uma ambulância ir buscar os miúdos.”

- às vezes é complicado eles virem cá acima. Porque a ambulância encosta aqui em cima, naqueles degraus, os últimos degraus antes de entrar aqui para o bloco e depois o miúdo vem desde o ginásio, pronto, amparado até aqui, ou então, se a coisa é mais grave, a ambulância vai lá acima, vai buscá-lo, mas se o miúdo se lesionar cá em baixo, é preciso subir um lance de escadas para ter acesso ao piso da ambulância.”

- “ é uma das coisas que eu acho que é grave.”

- Eficácia e suficiência dos meios para garantir a assistência pronta aos alunos (71)

| CATEGORIA: RESPEITO PELAS OPINIÕES DOS ALUNOS | |
|--|--|
| Unidades de Registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none"> • “ eu penso que a grande maioria dos professores desta casa, eu acho que sim” • “ mas não estou a dizer que não haverá ainda alguns “quem manda sou eu e que sou eu que estou ali para debitar...” • “ mas eu penso que esta classe está a acabar, porque primeiro, esta classe já tem uma determinada idade, já não aguenta noventa minutos a debitar, obrigatoriamente teve de mudar de rumo...” • “ Contribuiu para alterar os métodos utilizados. Não há ninguém que consiga estar noventa minutos a vender produto, é impossível.” • “ o Conselho Pedagógico aprova os critérios gerais de avaliação e até o final de setembro, o Diretor de Turma tem que dar a conhecer os critérios gerais de avaliação aos alunos.” • “ Cada professor, na sua disciplina, dá a conhecer aos alunos os critérios específicos” • “ na aula em que o Diretor de Turma faz isso e que o professor faz isso, tem que constar no sumário. Tem que constar no sumário que, nesta aula, foi dado a conhecer aos alunos tal, tal.” | <ul style="list-style-type: none"> • Intervenção ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem (72) • Informação prestada aos alunos sobre o plano do seu curso, o programa e os objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação (73) |

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ A questão do que é que cada professor vai dar durante o ano, fazemos aquilo por períodos, por períodos, portanto aparece na turma tal, a disciplina tal tem tantas aulas previstas, estamos a pensar dar isto, e isto e isto”• “ Para além disto, é colocado na página da Escola. O pai pode ir lá, vai à turma sétimo primeira, ele vê logo para a disciplina de Português, estão previstas tantas aulas e aquilo que está previsto que o professor de Português dê naquele período.”• “ não se vai lá transcrever aquilo e diz-se assim: capítulos tal e tal do programa, pronto, dá-se essa informação.”• “ Nos Conselhos de Turma, no final do primeiro período, faz-se um balanço, se foi dado, não foi dado, por que é que não foi dado. E, depois, faz-se a apresentação do que vai ser dado no segundo período e assim sucessivamente.”• “ Por vezes, não”• “ o grande problema, também, desta casa está no nível da comunicação.”• “ Às vezes, é difícil ... passar a mensagem aos alunos”• “ eu não sei o que é que se deve...”• “ isto é um problema”• “ é uma das preocupações que, também temos, é a dificuldade na passagem da comunicação, na passagem da informação.” | <ul style="list-style-type: none">• Compreensão pelos alunos da informação que lhes é dada (74) |
|--|---|

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Eu não quero levar aquilo para o campo de nós nos estarmos a defender, em termos de – como é que hei-de dizer? – de haver um comprometimento da minha parte, está a ver? Não quero levar isso para esse lado, mas acho que, não sei como, eu costumo dizer em ar de brincadeira “bolas, aquilo que eu quero que não se saiba, sabe-se logo, aquilo que quero que se saiba, demora tempo e tempo a passar”. Mas porquê? Por que é que nós dizemos que a comunicação nesta casa, quando temos exemplos destes, quando eu não quero que as coisas saiam, bolas, lá sai aquilo que não devia... não é a altura certa ainda para sair.”• “ eu penso que isto deve-se refletir em todas as organizações de pessoas, a dificuldade ou a forma e depois o nosso sistema, também essa questão, Conselho Pedagógico, departamentos, grupos, sair daqui assim, quando chega lá àquela ponta, já há ruído. E quando a coisa é transmitida com ruído, vai por sua vez, ainda provocar mais ruído a nível da organização.”• “ Sim, sim. São informados, ou quando são coisas que interessa aos miúdos, há sempre uma informação a correr nas turmas, portanto há essa preocupação”• “ uma das coisas que eu queria que existisse nesta casa, mas levei sopa, foi junto da ANA, eu como soube que os gajos no aeroporto substituíram aqueles monitores e eu tinha pensado, tinha pedido a eles que me dessem alguns que eles tinham retirado para espalhar pelos vários pontos da Escola, quer dizer, | <ul style="list-style-type: none">• Informações prestadas aos alunos sobre as matrículas, sobre o direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos (75) |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>aqui neste auditório grande, ao pé do bar, ao pé da sala dos professores, injetar... porque eu tenho as coisas preparadas para isso... injetar a informação no computador e aquilo passar.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ depois não consegui que mos dessem”• “ eu não tenho dinheiro para estar a comprar, ou por outra, LCDs ainda custam algum dinheiro.”• “ Mas isto vai ser uma das prioridades desta casa, que é um painel grande aqui no auditório, onde estão constantemente... olha, hoje, ou até mesmo atividades do Plano Anual de Atividades, uma exposição, que nós entendemos que até interessa para a educação deste país, está a decorrer no sítio tal, tal, tal, esse tipo de coisas.”• “ a nível dos laboratórios, há sempre a preocupação e está sempre presente, tanto por parte dos professores, o cumprimento das regras de segurança, a forma como se utilizam os equipamentos, há sempre essa preocupação”• , tanto que eu não considero que nesta casa haja estragos assim com fartura”• “ Sim, sim.”• “ A tal preocupação, estou a lembrar-me do bar, a Stôra vai lá, depois do intervalo, não vê nada em cima | <ul style="list-style-type: none">• Informações prestadas aos alunos sobre as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola (76)• Informações prestadas aos alunos sobre as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, os Laboratórios, o Refeitório e o Bar (77) |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>das mesas. Porque eles sabem que se levam para a mesa, têm que a deixar depois sobre o balcão.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ As normas são transmitidas muito simples, que é nós temos a preocupação de alertar quando os recebemos”• “ os Diretores de Turma, também, têm a preocupação para arrumar o espaço, o não sair, o não abandonar a sala de aula, com a cadeirinha assim à... de qualquer maneira, o procurar ter... o sítio onde esteve, limpar, apanhar os papéis”• “ não estou a dizer que toda a gente faça isso”• “ há da parte, também, das funcionárias do bar, às vezes, como não tenho horários a cumprir, eu ainda estou ali e vejo “Eh, atenção” e eles voltam atrás...”• “ o edifício tem uma escada de caracol em cada um dos pavilhões, que faz a ligação do piso de baixo com o piso de cima. E a escada de caracol, no meu entender, está mal feita. E está mal feita, porquê? Porque o patim, num determinada zona, não consegue apanhar o seu pé todo, apanha só metade do pé, da sola do sapato.”• “ quem é que circula por essa escada de caracol? Só os professores. Os miúdos entram por cima ... e não estão autorizados a descer por essa...”• “ Por uma questão de segurança deles.” • “ Sim, senhor.”• “ Participam, portanto a nível da eleição do delegado e subdelegado, na sua turma” | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos na eleição para os órgãos, cargos e outras funções de representação dos órgãos da Escola (78) |
|---|---|

- “ eu faço a eleição do representante dos alunos no Conselho Geral.”
- “ Claro que vou com o meu presidente, fazemos uma reunião com todos os delegados e subdelegados do ensino secundário. Portanto, lá estão os representantes de cada uma das turmas, são convocados”
- “ depois o mesmo acontece nessa reunião para os representantes no Conselho Pedagógico, também se faz a eleição...”
- “ Têm um representante no Conselho Pedagógico”
- “ No Conselho Geral, nós fazemos cá, são todos os delegados e subdelegados.”
- “ só são elegíveis os do décimo segundo.”
- “ Só são elegíveis os do ensino secundário.”

- “ claro que não funciona”
- “ temos a preocupação... antes de fazer as eleições, dizer qual é o papel do órgão, o que é que deve fazer”
- “ no mesmo dia, na mesma sala, nós chamamos a atenção para a importância do cargo, a importância da representatividade, temos que pensar que não estamos a representar-nos a nós próprios, estamos a representar alguém, portanto se estamos a representar alguém, acho que deverá haver a preocupação de os meus amigos, quando há algum problema, reunirem com quem estão a representar.”
- “ Pouca vez.”

- Participação dos alunos eleitos nas atividades inerentes aos órgãos/cargos (79)

- “ Nós tivemos um projeto aqui dentro, acompanhado pelos Serviços de Psicologia e Orientação, para as turmas do décimo ano, para tentarmos meter esse hábito neles, mas depois é a falta de tempo e de eles se encontrarem.”
- “ Eu para fazer esse tipo de reuniões, faço-as ali entre a uma e um quarto e as duas da tarde, porque às cinco da tarde, se calhar não tenho fregueses...”
- “ Vão e quando não vão, têm a preocupação de me dizer...”
- “ principalmente, o do Conselho Pedagógico tem a preocupação de me vir dizer “Ó Stôr, amanhã, ou tenho teste...”
- “ eu faço os Pedagógicos às quartas-feiras de manhã e eles procuram... quando têm teste, eu também lhe digo “Tudo bem”, ou então dizem-me “Stôr, eu depois às dez horas, tem de me deixar sair”, “Claro, sai quando entender”, portanto esse tipo de coisas.”
- “ Vão, eu “pico-os” em termos de... quando nós estamos a falar sobre um tema qualquer que eu acho que eles também devem ter opinião sobre o assunto, eu procuro dizer “Então e como é que é? Então, os meus amigos... o que é que vai mal aqui na caserna? O que é que é preciso mudar para...?” esse tipo de conversa.”
- “ Sim, sim ... o à-vontade que eles têm de apresentar as...”
- “ Sim, sim, sim. E eles apresentam-nas.”

- “ A informação... eles para mim, fazem parte da pastinha dos membros do Conselho Pedagógico.”
- “... mando, dois dias antes, a informação que vamos tratar no Conselho Pedagógico, quando despejo, despejo para o Conselho Pedagógico e logicamente, também, lhe vai cair na pasta deles.”
- “ Nalgumas temáticas, é natural que eles tenham alguma dificuldade, mas eu acho que têm à-vontade, ou às vezes suportar num professor com que têm mais confiança, professor deles da turma de que são e apresentam, perguntam “o que é que isto quer dizer?”
- “ aquilo é uma chatice para eles.”
- “ Isso, também, acontece, nalguns assuntos, eu acredito que aquilo deve ser chato como o diabo, estar ali a aturar-nos.”
- “ Mas se eles aparecem e eles aparecem, e quando não aparecem têm a preocupação de dizer que não aparecem e participam”
- “ eu tenho um miúdo no décimo primeiro, vai para o décimo segundo, quer dizer, é espetacular aquele miúdo e custou-me imenso que ele não estivesse no Conselho Pedagógico, porque eu acho que é uma mais-valia da parte deles, mas pronto, as eleições num regime democrático, não votaram nele...”
- “ O que lá está, era do décimo primeiro ano.”
- “ No próximo ano, eu vou fazer uma eleição novamente. Ele não vai dar... pode ser o mesmo ou não. Mas sujeita-se, não é?”

- Fornecimento aos alunos de toda a informação adequada, para eles poderem contribuir, de forma eficaz nos processos decisórios dentro da Escola (80)

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ a grande maioria dos miúdos está presente nesses Conselhos.” • “ Foram ouvidos no que diz respeito à sua parte, ouvir a opinião deles.” • “ Na altura, houve um grupo que elaborou o Regulamento Interno (...) nesse grupo estava sempre um elemento de cada parte, onde estava um elemento do pessoal não docente, onde estava um elemento dos alunos...” • “ Isto agora nós estamos a fazer uma avaliação da CAF na Escola, é uma avaliação externa, porque estamos a pagá-la e nesse grupo eu tenho um aluno, tenho dois pais, tenho funcionários, tenho professores, portanto é um grupo de oito pessoas que será a equipa de autoavaliação.” • “ Este aluno não foi eleito, foi escolhido, que era o tal ... Do décimo primeiro” • “ ele não foi eleito para ficar no Pedagógico, mas eu reconheço-lhe valor, porque é um miúdo extremamente crítico e é um miúdo que gosta da escola e que aponta... os aspetos críticos sobre a Escola.” • “ Repare, aqui para nós, e os outros professores acompanham?” • “ Mas isto eu percebo. Devia ser assim, agora eu não tenho a mania de andar constantemente a fazer inquéritos e preencher a grelha sobre isso, não tenho | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola e no acompanhamento da sua execução (83) |
|---|--|

- “ eu acho que um Diretor de Turma que não oiça os alunos, não é Diretor de Turma”
- “ com certeza que os deve ouvir, mas eu também não sou capaz de dizer que sim senhor, que ouve.”
- “ Tenho essa perceção que ouve, não é? Que eles são ouvidos.”
- “ Quando acontece um problema qualquer, eles são sempre ouvidos e eles também se fazem ouvir, porque eles têm sempre livre-trânsito para chegar aqui a este espaço e têm à vontade suficiente para junto da Direção dizer que “fui injustiçado, não concordo com isto, não concordo com aquilo, ou o horário (logo no princípio do ano) o horário não é o melhor”, e eu depois explico “então, se estivessem no meu lugar, quando sou confrontado com as opções que vocês escolhem, o que é que vocês faziam, no meu lugar? Era não ligar às vossas opções e fazia, era eu que escolhia as opções e então, logo não havia problemas nos horários, porque eu em vez de ter quatro opções, só passava a ter duas...”
- “ não é assim porque eu quero.”
- “ claro que algumas situações, daqueles que têm a mania que gostam de opinar em tudo e mais alguma coisa, em que a pessoa explica-lhe uma vez, duas vezes e ele continua a dizer “ah, mas não concordo” ... Mas isso aí, então aí se calhar, sou capaz de terminar assim “É pá, que é que tu queres? Olha, sou eu que estou à frente desta casa, é assim que eu penso.”

- Direito dos alunos a serem ouvidos pelos professores, diretores de turma e pelos órgãos de administração e gestão em todos os assuntos que lhes digam respeito (86)

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Mas isto é como tudo, com os professores é a mesma história.”• “ Não, que eu saiba, não.”• “ Quando eu digo participar, para mim o fazerem a sua autoavaliação, estão a participar no seu processo de avaliação”• “ Sim, sim.”• “ Livremente.”• “ É, mas nós não interpretamos isso como uma anarquia. O que é que eu quero dizer com isso? Nós estabelecemos regras, três dias de campanha, que para mim é um inferno, mas pronto, ela tem que existir.”• “ quando digo isso, o movimento aqui neste auditório ... agora imagine, eu sou do tempo em que três listas, no intervalo cada um a ver qual era o que fazia mais barulho. E depois nós acabámos, ao longo dos anos, a pensar que as coisas não podem ser assim. Estabelecemos que, no primeiro intervalo, é a Lista X que fala, no segundo intervalo, será a Lista Y e assim sucessivamente. A preocupação sempre de deixarem o espaço limpo, de não faltarem às aulas por causa da campanha, que eles têm um número “x” de faltas que é | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos na planificação das matérias lecionadas (87)• Participação dos alunos no seu processo de avaliação (88)• Apresentação pelos alunos, de listas para a Associação de Estudantes/Alunos e liberdade de exercício dos direitos e do cumprimento dos deveres, como membros da Associação (89) |
|---|--|

atribuído a cada lista, não há cá conversa, se esgotam, esgotam, há regras.”

- “ É, mas atenção, a Associação de Estudantes não justifica faltas de ninguém.”
- “ os Diretores de Turma estão informados para não receberem justificação de faltas, sei lá, “estive a trabalhar na Associação de Estudantes”, estou-me a fazer entender? Ou, então, “fui a uma reunião...” Não”
- “ há mais gente, a Associação de Estudantes é formada por um grupo de “x” elementos, estes “x” elementos certamente uns terão horário de manhã, outros, horário de tarde, que é para... não pode, quer dizer, isto não pode ser...”
- “ Completamente.”
- “ Uma das coisas que eu tenho imensa pena e, às vezes, gera-se algum mal-estar (...) eu não sei que dinheiro é que eles têm, porque não tenho nada que saber que dinheiro é que eles têm, mas, às vezes, há zunzuns que alguns também se aproveitam do dinheiro que eu considero que é de todos, para benefício próprio. Não pode. Não pode ser.”
- “ Isso aí, tiro as coisas a limpo e envolvo os adultos, que são os pais e temos que resolver o problema, porque os estudantes desta casa não vão ficar prejudicados.”
- “ Eu costumo dizer para eles “Eu não tenho nada a ver, mas acho que, enquanto eu cá estiver, vocês estão a trabalhar debaixo deste teto e quem é o responsável por este teto, sou eu, portanto não permito isso. É uma

| | |
|---|--|
| falta de respeito estarem a utilizar dinheiro que não é vosso.” | |
|---|--|

ANEXO X - Protocolo da Entrevista ao Diretor da Escola Privada

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO DIRETOR DA ESCOLA PRIVADA

1 - Que idade tem?

R: 45.

2 - Qual é a sua formação académica?

R: Como formação de base, licenciatura em Ciências Religiosas e a parte curricular do mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Gestão e Administração Escolar.

3 - Qual é a sua situação profissional?

R: Neste momento, não leciono.

P: Mas já lecionou?

R: Já lecionei...

4 - Há quantos anos exerce a profissão?

R: Tenho já 20 e muitos anos de serviço... lecionei durante 15, quase 20 anos.

P: Quase 20 anos.

R: Fui professor, sim.

5 - É professor nesta Escola, há quantos anos?

R: No total, porque tive algumas interrupções com trabalho noutras escolas, aqui no total, são cerca de 15 a 18 anos. Sem muito rigor, mas entre 15 e 18 anos.

6 - Há quantos anos exerce o cargo de Diretor nesta Escola?

R: Nesta Escola há 9 anos. Tinha também desempenhado este cargo, durante alguns anos, numa outra Escola, no Porto.

7 - Que outros cargos e funções já exerceu?

R: Para além de professor, coordenei o Desporto nesta mesma Escola, fui Diretor de Turma, fui Delegado e fui Vice-Diretor.

8 - Quais os princípios subjacentes à ação educativa desta Escola?

R: Há aqui, sobretudo, dois aspetos que são importantes. Um ao nível mais humano, que tem a ver com os valores e uma parte com uma dimensão religiosa. São estas duas dimensões que nós valorizamos. Antes de mais, os alunos como pessoas e depois, a segunda perspetiva, como pessoas, mas com algo que tem a ver com a transcendência.

P: São esses os princípios que fundamentam a ação educativa que a Escola desenvolve?

R: Exatamente.

9 - Quais são as três grandes preocupações, por ordem decrescente, que enfrenta como Diretor da Escola?

R: Antes de mais, há uma preocupação com a pessoa que é o aluno no seu todo, como pessoa, no seu enquadramento familiar, social e escolar. Isto tem a ver essencialmente, com a pessoa em si. Há também uma outra preocupação que tem a ver com o desempenho escolar do aluno e, se quisermos, se calhar o enquadramento da escola, também, perante os principais clientes que são as famílias e perante a sociedade portuguesa.

10 - Qual é o perfil que o professor desta Escola deve ter?

R: Antes de mais, é óbvio que o currículo do professor, em termos formativos e profissionais é importante. Eu acho que a base será essa. Seleccionamos professores que tenham, ao nível da formação de base para a disciplina, uma boa formação, e aí consideramos, também, as próprias instituições que contribuíram para essa formação. Depois, a experiência profissional. Aqui, se calhar, abro um parêntesis, porque acho que tem de haver um equilíbrio; penso que qualquer escola tem esta preocupação, quando contrata um professor. Por um lado, não é conveniente que o professor contratado esteja em final de carreira, quando tem já o seu projeto educativo praticamente concluído, nem o contrário é propriamente o ideal, contratar um professor sem qualquer tipo de experiência. Por isso, interessa-nos que seja uma pessoa relativamente jovem, mas já com alguma experiência profissional. Também é verdade que, em alguns casos, contratamos professores em início de carreira, porque não têm culpa por não terem

experiência e em nenhuma instituição a têm. Daí que haja depois, também, um tempo de experimentação e de avaliação e depois passará a efetivo a partir do momento em que considerarmos todo um percurso e de o avaliarmos e se o desempenho for amplamente positivo. Estamos a falar no perfil, estamos a falar da parte de base, de formação. Há um aspeto humano e o aspeto que tem a ver, também, com os valores em que o professor acredita e com os quais se identifica. Aqui entra, por exemplo, a questão da dimensão social, o voluntariado, a participação noutra tipo de atividades, para além das atividades escolares, que é importante, também, para se conseguir um equilíbrio maior, e depois, também, a participação, como escola privada e católica, em projetos que tenham a ver com esta dimensão religiosa.

11 - Como caracteriza o perfil do aluno que frequenta esta Escola?

R: Nós temos no Projeto Educativo alguns elementos, alguns pontos elencados, sobre este ponto: o perfil do aluno; mas é o perfil no final de cada ciclo, por assim dizer; ou seja, nos três anos, não temos propriamente um perfil para o aluno, mas no final da primeira etapa, por exemplo, no pré-escolar e depois no primeiro ciclo e no segundo ciclo, já temos alguns níveis que queremos avaliar sob o ponto de vista do crescimento durante essa etapa. No fundo, o perfil tem a ver um pouco com o seguinte: queremos que o aluno faça o seu trabalho, ou seja, o aluno tem que perceber que tem uma tarefa a cumprir, de acordo com as etapas, como é óbvio, que tem responsabilidades, que a tarefa que lhe compete cumprir, é uma tarefa séria, tem exigências, implica esforço, aplicação – isso ao nível académico e isto é importante – mas depois, também nos interessa que haja outro tipo de preocupações, que é a questão da solidariedade, da colaboração com os colegas, a interajuda, o convívio, o relacionamento com os elementos da turma, mas também dentro do próprio ciclo e da própria escola e que, também, entre dentro deste projeto formativo que a Escola vai também ministrando e em que é que os próprios alunos, também, vão fazendo o seu percurso. Aqui, para além do aspeto académico, há, também, o aspeto religioso, que é importante.

12 - Como caracteriza esta Escola e o que a distingue das demais escolas privadas/públicas?

R: Antes de mais, ela tem uma especificidade pelo facto de ter um Projeto Educativo muito concreto que lhe vem da própria entidade titular, patronal, da qual está

dependente, por assim dizer. Isto tem a ver com esta especificidade. É uma forma de estar com algumas especificidades. Por exemplo, quando falamos da pedagogia da presença, é um traço que, para nós, é essencial: o relacionamento entre as pessoas, a pedagogia da presença do próprio educador, o estar com os alunos muito para além da sala de aula. Pode ser específico desta escola, eu acredito que há muitas outras escolas a fazer isso e, se calhar, melhor do que nós, mas é algo que faz parte do nosso Projeto e do nosso ideário. Depois tem a ver, também, com a população concreta que temos; naturalmente que traz algumas especificidades, a população, desde os alunos, os professores, funcionários, os próprios encarregados de educação. A Escola, com estes elementos todos, faz o seu trajeto. Tem uma cultura, que lhe vem de trás, mas que vai sempre continuando a partir da população que tem. Pretendemos que a Escola não seja, por um lado, uma Escola sem critérios e sem regras mas, por outro lado, queremos que haja uma certa heterogeneidade da própria população. Se há alguma coisa que, de vez em quando, me referem alguns pais, é que dizem que o que apreciam nesta Escola, é o facto de conviverem alunos com histórias de vida diferentes, com contextos socioeconómicos diferentes e aparentemente, tudo leva a crer que se consegue este convívio com algum resultado, ou seja, não há uma discriminação a partir deste tipo de situações concretas, sociais e económicas, etc. Efetivamente, há aqui alunos com perfis, com personalidades e histórias de vida muito diferentes. Eu acho que isso, também, poderá ser considerado como algo, também, que nos caracteriza. Com isto, não quero dizer que não haja outras escolas que o façam. Ou seja, nós admitimos alunos que estejam dispostos a fazer um percurso, superando as suas próprias dificuldades, havendo alunos com muitas dificuldades, alunos com algumas dificuldades e alunos com bastante facilidade. Acho que se consegue conviver dentro disto. Aquilo que nós tentamos é que se faça uma diferença entre os alunos que se esforçam, que cumprem bem as suas tarefas e aqueles alunos que não querem aplicar-se minimamente e não estão minimamente interessados na escola, por diversos fatores, uns próprios, outros familiares, etc. Mas damos oportunidades, até chegar a um certo limite, como é óbvio.

P: Mas como é que distingue esta Escola das outras privadas?

R: Falei de algumas coisas em que acho que se distingue, mas antes de mais depende da localização.

P: A população escolar, os alunos que frequentam esta Escola, pertencem na sua maioria à freguesia ou a todo o concelho de Lisboa?

R: Aqui entram duas variáveis, por assim dizer. Há as pessoas que residem aqui na zona e há as pessoas que não residem, mas que trabalham por aqui. Mas há muitas famílias que não fazem parte da freguesia. Há de outras freguesias, de Lisboa e até de fora de Lisboa. Há aqui uma certa variedade.

P: E pessoas com estatutos sociais e económicos...

R: Bastante diferentes. Há muita diversidade de profissões e muita diversidade de classes socioeconómicas, também. O Projeto tem a ver com a doutrina da própria entidade, tem a ver com o trabalho que é feito com os professores e com os funcionários, tem a ver, também, com a população, como já disse. Eu também não conheço, ao pormenor, outras Escolas particulares, conheço-as minimamente, mas ao pormenor, aquilo que é específico, não. No que diz respeito às escolas particulares de cariz religioso, ou que estão ligadas, por exemplo, a congregações religiosas, naturalmente que há traços muito específicos que lhes vêm diretamente da própria congregação religiosa a que pertencem. E aqui poderá haver esta especificidade. Se quisermos, o nosso fundador resume a nossa missão educativa a uma frase muito simples: “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos.” Há aqui duas vertentes que são essenciais: a dimensão religiosa e a dimensão humana e social; o ser cidadão sério e responsável na própria sociedade, que é a tal expressão “formar virtuosos cidadãos.” Se calhar aqui haverá alguma especificidade. Agora, se calhar avançava para as escolas públicas. As escolas públicas – digo isto muitas vezes, até porque fiz o meu trajeto em escolas públicas e por isso, apesar de ser noutra tempo, conheço minimamente esta realidade. Cada vez mais há excelentes professores nas escolas públicas, o que me parece que aqui pode falhar é o enquadramento, as lideranças, que me parece que neste momento é um trabalho que está a ser feito e acho que está já a ter alguns resultados a nível das lideranças, mas é depois, também, as próprias responsabilidades e o próprio enquadramento. Quando o professor tem como missão única, ir ministrar a matéria da sua disciplina e acaba a sua tarefa, quando o professor, por exemplo, em muitos casos, tem que lecionar, mas depois tem de resolver os problemas disciplinares, e em muitos contextos eles são complicados, e quando, segundo a minha perspetiva, em muitos

casos, o professor é deixado sozinho para resolver estas situações, penso que há aqui falhas, há aqui uma coisa diferente que é, o professor é que tem de resolver, quando numa instituição como a nossa, tudo isto tem hierarquias, mas há uma solidariedade institucional. Aquilo que acontece com um professor, não acontece unicamente com o professor e com a sua turma e num tempo concreto; tudo isto depois é reportado aos vários níveis: ao diretor de turma, ao coordenador de ciclo e, se for necessário, à Direção e ao Diretor. Penso que aqui há alguma diferença neste enquadramento. Eventualmente, os próprios meios de apoio, os gabinetes de psicologia, os gabinetes médicos, todas estas estruturas que existem em muitas escolas particulares, se calhar em muitas escolas públicas, isto falha, não é? Tem a ver com estas estruturas e com estes recursos. Eu acho que tudo isto faz com que, em determinadas situações, não se possa dar respostas concretas para as situações. Eventualmente, também há aqui um outro nível que é o das atividades para além das próprias aulas, não é? Também neste campo penso que se tem feito bastante caminho e as escolas públicas estão a fazê-lo, daquilo que conheço, mas sei que muitas pessoas que podem recorrer à escola particular recorrem, também, por este enquadramento: sabem que o aluno pode entrar às sete da manhã e sair às sete da tarde e estar sempre enquadrado, tem atividades desportivas, culturais, de âmbito musical, enfim várias atividades e estão todas integradas na mesma instituição. Acho que isto é um privilégio que, se calhar, faz a diferença. E depois há aqui um outro nível. Acho que há aqui diferenças de mentalidade e diferenças no que diz respeito à nossa forma de encarar a educação. A educação é um assunto muito sério e eu acredito que a maior parte dos professores considera a educação como um assunto muito sério. Mas a educação é de tal forma, que temos de saber que estamos a ajudar a preparar pessoas, que são os cidadãos, que vão ser, muitos deles, os responsáveis nos diversos campos, na sociedade. E esta moda que infelizmente tem vindo a ser transversal à própria sociedade, em que tudo é válido, regras, enfim... isso era no passado, isto não é nada atual, cumprir regras, ser sério, liberdade e libertinagem estarem bastante próximas, valores, nem pensar, isso não é da escola, isso cada família que resolva o assunto... Só que, alegadamente, defendendo uma neutralidade na educação, está a passar uma série de valores que eu diria que, se calhar, são contravalores e que trazem consequências sérias no nosso dia-a-dia e no nosso futuro. Eu acredito muito na missão da Escola e, por isso, cada Escola tem o seu projeto e os

professores têm de estar integrados nesse projeto e por isso têm que o defender. Agora, se a Escola não tem propriamente um projeto ou um ideário, não sei que tipo de valores é que vai defender. E aqui poderá fazer alguma diferença. Posso ter-me dispersado um bocadinho...

13 - Que ações são tomadas para incutir nos professores os princípios subjacentes à ação educativa da Escola?

R: Antes de mais, há uma certa seleção de pessoas, como já referi. E, depois, há todo um percurso formativo que é feito.

P: Depois de entrarem para aqui?

R: Exatamente. Nós temos uma secção de formação, que tem como incumbência programar toda a formação dos professores e dos funcionários. Existe um plano e tudo isto é avaliado. Existe um plano de formação interna...

P: A formação é dada aqui mesmo na Escola?

R: Internamente e pode ser com pessoas de cá de dentro e, em muitos casos, com convidados que nós trazemos e que, normalmente, são especialistas nestas matérias. Temos um certo privilégio em conseguir trazer pessoas especializadas nos diversos âmbitos de formação; nós temos uma parte da tarde de terça-feira reservada já para a formação ou para os diversos tipos de reuniões que são feitas. Por isso, isto faz parte de um plano.

P: Nessa formação, está não só a parte... em termos académicos, pedagógicos como também a transmissão dos valores e do ideário da Escola?

R: Exatamente. Isto abrange muitas áreas, desde a parte académica, das matérias, a pedagogia, a educação em valores, a dimensão religiosa, a dimensão característica da instituição. Trazemos pessoas ligadas à instituição, à congregação religiosa que, também, fazem esta formação. Isto é feito com regularidade e fazendo cumprir um plano formativo que temos.

P: E os professores têm que ir mesmo a essas ações?

R: Os professores são obrigados a ir. Quando falamos em professores, também falamos em funcionários. Enquanto para os professores, a formação pode ser dada durante as tais

terças-feiras, ao longo do ano, para os funcionários, é essencialmente nas paragens letivas. Sabendo, por exemplo e voltando aos professores, nós em julho, por exemplo, esta semana já vai começar uma formação sobre competências na área das TIC. Vamos fazer formação com o objetivo de certificação dos professores nessa formação, que começa já agora em julho e vai, também, acontecer no início de setembro, antes de iniciarem as aulas, ou seja, agora temos um período bastante grande de formação durante vários dias, enquanto ao longo do ano são algumas horas que podem ser horas mensais, normalmente, mas agora são dias, em concreto. E todos os anos isto acontece. Paralelamente, encorajamos os professores a fazer formação externa, também. Temos um impresso que os professores preenchem, para depois nós termos noção de toda a formação que cada professor faz. Internamente, é fácil controlar, externamente também passa a ser fácil porque há um formulário que é preenchido com os anexos...

P: Portanto, eles pedem autorização...

R: Pedem autorização. Além disso, a instituição, esta Escola ajuda economicamente, nos custos dessa formação, com uma percentagem que pode ir até 50%.

14 - Como caracteriza as relações entre:

a) Alunos?

R: Eu acho... sou suspeito, não é? Como é óbvio!

P: É a sua opinião.

R: Eu acho que os alunos se relacionam bastante bem. Existe um ambiente pacífico, os alunos convivem facilmente entre eles, ao nível da turma, ao nível de ciclo e ao nível de todo o colégio. Nós temos momentos de colégio em que, em determinadas festividades, nós juntamos toda a comunidade: professores, funcionários, alunos, no mesmo espaço e até pais, os que quiserem participar, e uma das coisas que verifico é que os alunos entram nestes espaços e têm uma forma de estar nestes acontecimentos especiais muito boa e, sobretudo, vê-se que gostam de estar juntos. No dia-a-dia, apesar de haver espaços específicos para cada ciclo, há momentos em que eles se cruzam e que interagem com alunos de idades diferentes. Felizmente, posso dizer, não há, assim, situações problemáticas dentro deste ambiente, por isso eu acho que os alunos confiam uns nos outros e há um ambiente pacífico.

b) – Alunos/ Professores?

R: Como base, eu acho que os alunos confiam nos professores que têm, mais nuns do que noutros, identificam-se mais com alguns, como é obvio, muitos deles, para além de professores, também são confidentes, tanto os alunos, como antigos alunos que depois de terminarem ainda vêm cá muitas vezes, para falar com os professores, etc. Eu acho que existe esta relação... para além daquele respeito institucional do aluno para com o professor, também existe uma relação, muitas vezes, de amizade entre os alunos e os professores e eu considero que, em geral, os alunos confiam nos professores e gostam de se relacionar com os professores. Se quisermos o contrário, os professores com os alunos, eu, também, acho que há um ambiente muito bom. Em geral, os professores estão contentes com a população que têm. Claro que é habitual na população dos professores, de vez em quando, nas conversas, queixarem-se deste ou daquele aluno, porque não trabalha, porque não se esforça, porque às vezes se distrai, porque é falador... Mas isso faz parte da dinâmica de uma Escola, mas, assim, em geral, eu acho que há um ambiente de respeito e de amizade.

c) – Alunos/ Direção?

R: Essa é uma pergunta interessante. Também acho que, apesar de haver o tal respeito institucional, que é habitual, ou seja, o gabinete do Diretor, em determinadas circunstâncias, ainda é considerado como um espaço quase sagrado. Durante estes anos ouvi, de vez em quando, alunos a comentarem uns com os outros: “Eu nunca fui ao gabinete do Diretor.” E isto quer dizer que nunca foi necessário ser chamado à atenção, corrigido, numa forma assim mais veemente, no gabinete do Diretor. Felizmente, isto já não acontece praticamente nunca, porque as outras instâncias vão resolvendo os casos assim mais complicados: os professores, os diretores de turma, os coordenadores de ciclo, e quando me chegam alguns assuntos, já são normalmente para questões mais burocráticas. Por outro lado, também quero dizer que eu, como Diretor, tenho uma relação que considero bastante positiva com os alunos e faço um esforço para estar no dia-a-dia com os alunos, nos recreios – sempre que posso, eu estou nos recreios com os alunos – convivo com eles no bar, no refeitório, e eu penso que existe uma relação...

P: De respeito, mas não existe receio.

R: Exatamente. Depende, também, das idades. Há idades em que os alunos se aproximam muito mais, precisam... há idades em que querem um bocadinho mais de autonomia, mas eu posso dizer que ao longo destes anos em que estou aqui, e já são alguns, eu não me recordo de um aluno me ter faltado ao respeito, por um lado. Não me recordo, também, de ter perdido a paciência assim num momento concreto, em ter que chamar a atenção. O que eu recordo, e que mantenho como norma, é esta relação com os alunos. Os alunos falam tranquilamente, aproximam-se e eu acho que é isto que faz um bocadinho de sentido. Nós todos fazemos parte da mesma Escola. É esse o balanço que eu faço.

d) – Alunos/ Funcionários?

R: Essa é uma relação interessante, também. Se calhar, é uma relação específica. À partida, os funcionários, normalmente os antigos contínuos, vigilantes ou auxiliares de ação educativa, têm esta função um bocadinho “policial”. Em determinados momentos – tenho que o dizer – os alunos não gostam, como é óbvio. Um aluno que quer infringir uma determinada regra e é – e isto acontece muitas vezes no recreio – e a função do funcionário é fazer cumprir e chamar a atenção e, eventualmente, até trazer esse assunto para outras instâncias. Claro que isto, numa primeira reação, não é agradável, para o aluno, sobretudo o aluno que gosta de infringir. Mas também me parece que o balanço que faço é relativamente positivo. Os alunos sabem com quem podem contar e sabem que, mantendo uma atitude positiva e razoável, eles têm os funcionários como colaboradores, também, para o que for necessário. E quantas vezes eles se dirigem – é o normal, não é? Precisam deste funcionário porque precisam de ir à sala, porque precisam de pedir uma ajuda, precisam de perguntar o que quer que seja e, muitas vezes, passam pelos próprios funcionários e pedem-lhes essa ajuda. Reconheço que o papel de funcionário, sobretudo este mais de vigilante, é um papel ingrato, isso tenho que dizer. Apesar de tudo, acho que o balanço, também, é positivo.

e) – Professores?

R: Em geral, o grupo de professores é um grupo que convive bem; entre todos os professores há um ambiente de respeito, de amizade, sabendo que – também como em qualquer instituição e nesta também existe – há pequenos grupos, há pessoas que se identificam mais com determinada forma de estar e com determinado grupo, grupos

que, por exemplo, convivem mais facilmente os grupos, os professores que fazem parte do mesmo grupo disciplinar, ou seja, lecionam a mesma área disciplinar. É normal, até porque fazem um trabalho... muitas vezes há um trabalho em par pedagógico de planificação, programação, avaliação, das próprias aulas. Tudo isto é feito em pares pedagógicos e depois é avaliado no próprio grupo e por isso existe uma relação mais forte, por exemplo, a esse nível. Depois há pessoas que, de acordo com a sua forma de ser e de estar, identificam-se mais com um grupo do que com outro. Em geral, há respeito e uma relação de amizade entre todos. Não há assim, daquilo que conheço... Claro que há alguns grupinhos que, também, excluem outros mais, isso faz parte das dinâmicas, mas não me parece que haja assim coisas que saiam fora do normal das dinâmicas de grupos e no que diz respeito à classe de professores, também não.

f) – Professores/ Direção?

R: Considero que a grande maioria dos professores tem uma boa relação com a Direção do Externato. Eles sabem que a Direção sempre demonstrou uma disponibilidade para os atender nas suas partilhas tanto a nível profissional como, em vários casos, a nível pessoal. Eu, pessoalmente, trabalho com o gabinete de porta aberta, disponibilizando-me para receber os professores a qualquer hora. O facto de se tratar de um corpo docente estável com vários anos de “casa” faz com que a relação entre as partes seja de confiança, de partilha e de conhecimento mútuo. Os momentos mais celebrativos e de convívio também ajudam nestas relações.

É claro que, como em qualquer instituição, há sempre um grupo residual de professores cujos objetivos principais não passam por uma entrega ao projeto educativo da escola, limitando-se a cumprir os objetivos mínimos. Este pequeno grupo tem o seu centro de interesse e relações mais fora da escola.

g) Professores/ Funcionários?

R: Entre professores e funcionários. Nós sabemos que os funcionários, ou seja, as classes que têm, por assim dizer, um estatuto um bocadinho inferior – isto é real, não é? Até por uma questão de cultura – o funcionário sente-se sempre, no dia-a-dia, inferior e, às vezes, já me tem confessado um ou outro, que se sente um bocadinho até... não valorizado pelos próprios professores. Isto são casos que eu conheço mas, em geral, também me parece que dentro desta comunidade, pelo facto de as pessoas já se

conhecerem bastante bem, porque não há grandes mudanças de ano para ano, as pessoas já se conhecem, eu acho que também há um respeito e uma colaboração mútua. Os funcionários... quando o professor precisa do que quer que seja, recorre ao funcionário e o funcionário ajuda, está disponível, etc. Eu não quero é dizer que, nesta avaliação, tudo é positivo, porque senão, a certa altura, isto não é válido, as minhas respostas não são válidas. Sinceramente eu acho que não há problemas daqueles inultrapassáveis, ao nível deste tipo de relações.

15 - Na sua opinião, a implementação dos direitos dos alunos constitui uma preocupação fundamental para a gestão da Escola?

R: Constitui. Nós sabemos é que, nas dinâmicas relacionais, há sempre... quem está acima, por assim dizer, o adulto e o professor inconscientemente exerce sempre uma certa pressão e, neste caso o aluno, em muitos momentos e, se calhar, queixa-se de que não está a ser respeitado, ou que não tem direitos, etc. Isto faz parte, também, das dinâmicas... normalmente, quem está neste tipo de relação um bocadinho inferior, tem sempre esta tendência para se queixar de que não é respeitado e de que não respeitam os direitos que tem. Em geral, os alunos sentem que são respeitados. De vez em quando, acham que deviam ter mais direitos...

P: Eles transmitem-lhe essa preocupação?

R: Às vezes, em conversas informais e fazem perguntas: por que é que não podem sair da Escola quando querem, por que é que têm de obedecer sempre, por que é que os professores dizem tudo, mesmo, às vezes, não tendo razão e eles têm de acatar, enfim há este tipo de desabafo de vez em quando, mas também penso que faz parte da dinâmica da Escola. Eu penso que o professor e o adulto têm consciência e têm esta preocupação em fazer cumprir e em fazer com que o aluno não se sinta oprimido. Eu acho que esta é a nossa preocupação e a preocupação da Escola.

16 - Quais os direitos dos alunos que para si, como Diretor, são de maior importância ou que o preocupam?

R: Há um que me vem logo: o respeito. E isto é... este direito é aquele em que eu insisto mais no dia-a-dia, com os professores, nas reuniões. Eu repito sempre isto: toda a pessoa tem que ser respeitada. No nosso caso, o aluno, mesmo quando se porta mal, tem de ser respeitado. Nós não temos o direito de desrespeitar o aluno. Podemos penalizá-lo,

mas sempre sabendo que o aluno tem que ser respeitado, se queremos que ele nos respeite. E isto aqui, se calhar entre parêntesis. Nós, às vezes... os professores queixam-se que os alunos não os respeitam porque também, em muitos casos, os professores não respeitam os alunos e isto é mútuo. Isto para mim é muito claro. Este é um direito. Há mais direitos que são importantes. O aluno tem o direito de ser esclarecido nas suas dúvidas, tem o direito de receber aquilo que a Escola se compromete, em termos de aprendizagens, o professor tem de transmitir, da forma mais correta e mais profissional, tudo aquilo que tem a ver com as competências e com a parte académica. Isto é um direito do aluno. O aluno tem o direito, também, de expressar as suas opiniões, nos locais próprios e nos momentos próprios. Aqui poderá haver aquela dúvida: tem direito, mas quando? Naturalmente, quer dizer... há momentos que todos sabemos que não podemos... podemos e devemos expressar-nos, mas não é quando queremos, é esperar pelo momento e pela oportunidade. Eu acho que isto, também, é essencial.

17 - De que forma têm sido defendidos os direitos dos alunos nesta Escola?

R: Antes de mais, existe a legislação, não é? Isto nós... no final, o que fica é isto. Cumprimos ou não o Estatuto Disciplinar dos alunos? Se cumprimos, todo o resto é esquecido. Se não cumprimos, mesmo, às vezes, tentando fazer o melhor, se não cumprimos o Estatuto, não há salvação possível, por assim dizer, porque isto é a base, independentemente de concordarmos mais ou menos com alguns pontos do próprio Estatuto. Mas isto é essencial. Eu acho que os pais têm que saber que nós cumprimos aquilo que está estipulado, no nosso dia-a-dia. Por outro lado, existem instâncias. O diretor de turma, acho que é um interlocutor privilegiado para que isto aconteça, porque os alunos e os pais dos alunos devem transmitir isto do Diretor de Turma ao longo do ano, se alguma coisa não correu bem ou está a correr menos bem e o Diretor de Turma tem a obrigação de fazer chegar à Coordenação e à Direção estas questões. Por outro lado, existe uma Associação de Alunos. Isto é um sinal de que há alguma democracia na própria Escola. Existe e há muitos anos e é mais ou menos interventiva, esta Associação de Alunos. Participa, também, nos locais próprios e nas instâncias próprias. Por isso, eu acho que há esta preocupação no dia-a-dia.

18 - No Projeto Educativo da Escola, houve preocupação de contemplar medidas destinadas a efetivar os direitos dos alunos, que constam do Regulamento Interno e da legislação aplicável?

R: O Projeto Educativo... eu considero que é um bocadinho mais doutrinal, ou seja, estas coisas assim mais concretas, não são propriamente preocupação do Projeto Educativo. No entanto, estão lá, estão lá estes temas na parte doutrinal. Quando falamos em valores, quando falamos em atitudes, falamos de direitos de alunos, falamos de justiça, falamos de respeito, está lá tudo em termos mais doutrinários, estão lá! Se por um lado, isto não está concretizado como no Regulamento Interno, por outro lado, faz a ligação com o próprio Regulamento Interno, acho eu.

19 - A Escola preocupa-se em garantir todos os direitos dos alunos ou dá prevalência a alguma categoria de direitos?

R: Conscientemente, não sei se dá prevalência a alguma categoria de direitos. Pode ser que dê, mas inconscientemente. Mas há direitos que são essenciais e alguns que eu referi – o respeito, poderia acrescentar a justiça, o ser reconhecido, por exemplo, o reconhecimento, o mérito pelo trabalho, pela dedicação, acho que é preocupação. Penso que é essencialmente, ou seja, volto a dizer, conscientemente não faz distinção, agora, se calhar há direitos que são mais importantes do que outros. Não sei, se calhar até aqui estou a dizer mal, mas não sei.

20 - De que modo a Escola dá a conhecer aos alunos os direitos de que eles são titulares?

R: Primeira coisa: os alunos quando entram nesta Escola têm uma entrevista, ou seja, há um elemento da Direção ou da Coordenação, que faz a entrevista com o aluno e com os respetivos pais. A partir do quinto ano, o aluno também assina os documentos que recebe e são eles o Projeto Educativo e o Regulamento Interno. Na entrevista, o responsável pela entrevista faz uma apresentação do Projeto Educativo e do Regulamento Interno e depois existe um impresso... depois estes dois documentos são entregues aos pais e o Encarregado de Educação assina em como recebeu os documentos e, sobretudo, o Regulamento Interno e concorda com o Regulamento Interno e a partir do quinto ano, o próprio aluno, também, assume este compromisso, assinando. Isto é, se calhar, o mais direto. Também os Diretores de Turma têm esta

preocupação logo na primeira aula de cada ano, em transmitir a súmula de direitos e deveres dos alunos, imediatamente. É logo na aula de apresentação. O Diretor de Turma tem uma aula semanal com a turma da direção de turma e trabalha, também, este aspeto. Este ano em concreto, nós insistimos muito na parte do Regulamento Interno e do Projeto Educativo e até se fez uma formação sobretudo dirigida aos delegados de turma – nós fizemos uma formação extra aulas e o tema principal desta formação foi exatamente o papel do delegado de turma e os direitos e deveres dos alunos, enquadrados dentro destes dois documentos, do Projeto Educativo e do Regulamento Interno. Penso que assim, juntando estas duas partes, penso que é bastante exato.

21 - Os alunos estão conscientes dos direitos de que são titulares?

R: Eu acho que sim. Sinceramente, e conhecendo como conheço a população que tenho aqui... os direitos eles sabem-nos perfeitamente. Os deveres, também os sabem, mas eles insistem, como é óbvio, é mais natural, insistem muito nos direitos. Eu pessoalmente acho que é uma população muito esclarecida a esse nível e tem plena consciência dos direitos que tem e quando acha que não os tem, também se manifesta perfeitamente. Claramente, não tenho dúvidas.

22 - Que medidas foram tomadas pela Escola, para assegurar o respeito e garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação?

R: Bom, essas medidas não são assim inseridas num contexto próprio. Nós temos uma população – como eu referi – com bastantes diferenças. Nós temos aqui alunos de confissões religiosas diversas, temos alunos que professam, por exemplo, a religião cristã católica e também, por exemplo, budistas, temos sobretudo elementos duma comunidade muçulmana, ismaelita, bastantes alunos pertencentes a essa comunidade. Isto, por exemplo, no que diz respeito a credos religiosos.

P: Irmão, mas esses alunos, também, são obrigados a frequentar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica? Porque é obrigatória, tal como consta no Regulamento Interno.

R: Consta no Regulamento Interno e todos os alunos frequentam todas as disciplinas e uma delas é essa: Educação Moral e Religiosa Católica. E isto é explicado aos pais, no ato da admissão. Eles aceitam e ponto final. E, sinceramente, por exemplo, no que diz respeito a estas outras confissões, não tenho ideia de que tenha existido problemas a

esse nível. As pessoas estão conscientes daquilo que têm aqui. Depois, aproveitam aquilo que devem aproveitar e tudo certo. Mas isto acontece. Mas, como digo, profissões de credos religiosos também existe, se calhar, de etnias, de países diferentes e de origens diferentes...

P: Também frequentam a Escola?

R: Frequentam e não me parece que isto seja obstáculo. Há respeito para com todos estes alunos. Não sei, não existe uma formação... naturalmente que nas nossas formações, quando eu falei há pouco do tipo de formação que fazemos, naturalmente que isto se fala, é óbvio que referimos continuamente, apelamos para que isto seja levado em consideração. Existe uma população com bastante heterogeneidade e tem que ser encarada como tal e respeitada como tal.

23 - Tem conhecimento da ocorrência de alguma situação na escola, em que os alunos tenham sido discriminados? Especifique.

R: Por algum contexto em concreto?

P: Ou por colegas, ou por professores, ou pela Direção?

R: É evidente que na dinâmica de uma instituição como uma Escola, há sempre momentos em que eles se queixam e acham que estão a ser injustiçados ou discriminados, isto é óbvio. Ou porque não concordam com a nota que receberam e acham que foram discriminados pelo professor, porque o colega fez menos isto e menos aquilo e teve a mesma nota ou teve uma nota melhor, ou porque o professor deu mais atenção a outro colega e mandou-o calar, ou até porque ele se portou mal, foi por exemplo expulso da sala de aula e o colega A ou B, ainda noutra contexto, atuou numa forma pior, segundo a versão do aluno e o professor não o penalizou, porque nestas coisas, as receitas não são absolutas.

P: E por razões de ordem de origem étnica ou de confissão religiosa?

R: Pessoalmente, eu acho que não. Aquele tipo de queixa de discriminação vem muito mais...

P: Ou de origem socioeconómica... Não tem conhecimento...

R: Eu não tenho conhecimento. Agora, admito que, se for perguntar, fazer uma amostra de alunos e, eventualmente até de pais, que isto não seja assim tão linear e até possam queixar-se disso. Agora, o tipo de discriminação que eu conheço é mais deste tipo. Quem é penalizado, tem sempre uma certa propensão para achar que foi discriminado por isto e por aquilo e arranja as suas justificações para isso.

24 - Todos os alunos têm acesso, em condições de igualdade de oportunidades, à frequência da Escola?

R: Sim.

P: A Escola é privada, têm que pagar propinas. Relativamente à origem socioeconómica, há algum apoio àqueles que não têm hipóteses...?

R: Todos os alunos que estão matriculados nesta Escola têm os mesmos direitos e têm as mesmas oportunidades, na parte letiva, a parte mais tradicional, por assim dizer, da Escola. E têm, desde que estejam matriculados. Têm todos os mesmos direitos. Agora, depois outro tipo de atividades, que são de frequência facultativa e mediante a inscrição e o pagamento, naturalmente que aqueles que se inscrevem e que pagam para frequentar essas atividades, esses têm direito, os outros não se inscreveram, não têm. A questão do pagamento das mensalidades: os alunos devem...

P: Existe alguma categoria de alunos que, pela categoria socioeconómica dos pais não pode frequentar a Escola? Existe algum apoio a estes alunos?

R: O normal é: os alunos frequentam a Escola mediante o pagamento de uma mensalidade e a mensalidade é fixa por ciclo. Depois, há situações excecionais em que, por determinadas razões, não há possibilidade de pagar, num contexto concreto, ao longo do trajeto até do próprio aluno e aí a Escola vai tentando ajudar e faz... procede a alguns descontos, em determinados contextos, em determinados casos, que podem ser maiores, menores e temos situações muito diversas. Já temos situações em que, praticamente, nós acarretámos com esta responsabilidade, porque sabíamos que determinados alunos, alunos em concreto, saindo desta Escola para uma Escola sem grande enquadramento, corriam sérios riscos de cair um bocadinho, até em alguma marginalidade. E daí que, em alguns casos, nós tenhamos apostado, em casos concretos, na permanência desses alunos. E dou um exemplo. O ano passado, os pais de uma aluna já tinham feito a opção, já tinham inscrito essa aluna numa Escola pública, tiveram

vergonha de dizer que não podiam e a partir da Diretora de Turma e do Coordenador, nós, depois de ver esta situação, chamámos os pais e dissemos que queríamos que ela voltasse para a Escola porque ela precisava de ficar aqui nesta Escola. E essa aluna voltou e vai continuar nesta Escola e, neste caso, até vou dizer porque é um caso concreto, com uma ajuda por parte da Escola, da entidade e uma ajuda por parte dos próprios professores, que se mobilizaram e quiseram, também, colaborar com uma parte.

P: Também tem a ver com a própria filosofia do fundador, não é?

R: Exatamente.

P: E relativamente àqueles alunos que entram pela primeira vez, por exemplo, se houver alunos com grandes dificuldades económicas, há alguma abertura por tarde da Escola, para permitir que esses alunos...

R: Normalmente, no início, os pais não vêm com questões económicas, porque eles recebem a informação, sabem que a mensalidade é tanto, pronto. À partida, no início, esta questão não se coloca. Pode, eventualmente, haver alguma situação muito concreta e ser devidamente estudada e analisada. Agora, o normal, no início, é não se colocar a questão económica. Esta questão coloca-se no decorrer da frequência...

P: Com problemas económicos que, entretanto...

R: Que vêm por diversas situações familiares, perda de emprego, mudança de organização familiar, separação, etc., enfim, tem a ver com diversos fatores.

25 - Que medidas a Escola toma para assegurar a diversidade física, étnica e cultural dos alunos?

R: Eu acho que, em concreto, não tem medidas concretas, não existem medidas para assegurar isso.

P: Mas há uma abertura para que todos eles, por exemplo, alunos de diversas etnias, como já referiu, ou com culturas diversas, ou com confissões religiosas, possam entrar?

R: Podem entrar. Não é obstáculo, nunca foi obstáculo para a entrada nesta Escola essa questão.

P: Mas eu vi no Regulamento Interno da Escola que, por exemplo, alunos com determinados problemas físicos, não podem, uma vez que, segundo o que consta no Regulamento, a Escola não tem meios para lhes assegurar uma educação adequada, não podem frequentar a Escola, afastando um bocado aqueles princípios de inclusão que são defendidos nas Escolas públicas. Qual a razão?

R: Esta Escola diz claramente que não é uma Escola de ensino especial. E não é porquê? Porque não tem estruturas, porque isto implica ter... não é uma questão de gostar ou de não gostar e de admitir ou excluir, é uma questão que tem a ver com as condições e esta Escola é uma Escola que, também, se debate com a gestão económica e financeira, tudo isto é pesado e, por exemplo, nós não temos a capacidade de adaptar as turmas. Por exemplo, colocar uma turma com doze ou com quinze alunos para resolver questões particulares, ou seja, não é viável num projeto organizacional. E é unicamente por isso. Para situações especiais, é necessário que tenhamos infraestruturas e mecanismos para dar resposta a essas situações.

P: Às necessidades desses alunos e que a Escola acha que não tem e, como tal, prefere não admitir?

R: Exatamente. Agora, também é verdade que depois, ao longo do trajeto desses alunos, existem alunos com problemas graves e que estão a frequentar esta Escola e nós vamos dando resposta da melhor forma que podemos e sabemos.

P: Não excluem esses alunos. Não dizem, à partida “Olhe, não os queremos cá mais.”

R: Não. Agora, a questão da mobilidade física, por exemplo, para nós, é um problema, como é óbvio. Apesar de termos as rampas de acesso, toda a parte das acessibilidades, que são de lei, mas depois não temos outro tipo de condições especiais para dar mais apoio. Daí que seja mesmo uma questão, quanto a mim, de seriedade. Somos capazes de dar resposta ou não somos capazes. E se tivéssemos ajudas estatais, se calhar era mais fácil. Como não as temos, não podemos responder.

26 - Que medidas tem a Escola tomado, para encorajar a frequência regular da escola e para diminuir aquelas situações de alunos que faltam sem justificação e que haja a perspectiva de abandonarem a escola?

R: Nós, em geral, não temos esse problema. E não temos, porque primeiro fazemos um acompanhamento muito rigoroso desses alunos, e sistemático, e chamamos os pais e há sempre esta atenção. Por outro lado, eu acho que aos próprios pais não lhes interessa nada colocar os alunos nesta Escola e depois deixá-los por conta própria, sabendo que, até do ponto de vista económico, estão a pagar a frequência dum aluno para ele depois não vir à Escola. À partida, é contraditório, ou seja, eu posso dizer que esse problema praticamente não existe. Quando há algumas faltas – e há – são chamados os pais imediatamente, são chamados os alunos pelo Diretor de Turma, eventualmente pelo Coordenador, num caso mais extremo, vêm falar com o Diretor e tomam-se estas medidas. Em última análise, no final dizemos, no final do ano, não cumprindo aquilo que é do Regulamento, por exemplo, a questão da frequência, naturalmente que terão que sair. Mas à partida, não...

P: E já aconteceram algumas situações?

R: Temos alunos que andam ali mesmo no limite. São avisados e, no final, se calhar, eventualmente, um ou dois casos em que isso aconteceu, no ano seguinte dissemos “Com este tipo de absentismo, não faz sentido estarem nesta Escola.”

P: E são situações provavelmente que os pais, também, não acompanham muito.

R: Não acompanham muito, já não conseguem. Chegou a um ponto tal, que os próprios pais não conseguem...

P: Mas até chegar lá, a Escola tem tentado fazer com que haja uma solução...

R: Inclusivamente, posso dizer, uma das medidas é uma penalização e a penalização pode ser, por exemplo, ficar durante as tardes livres, aqui na Escola a trabalhar, acompanhado pelo Diretor de Turma. São penalizados. Isto, também, é feito, não é? Sempre em colaboração com os Encarregados de Educação, vamos tomar determinado tipo de medidas.

P: São medidas educativas, também.

R: Como é óbvio. Há esta preocupação. Por isso, é uma situação muito esporádica.

27 - A educação proporcionada aos alunos neste estabelecimento de ensino corresponde às suas necessidades, qualquer que seja a sua origem ou língua materna? Em que medida?

R: Nós não temos, à partida, problemas, por exemplo, com a questão da língua materna, que é um problema que eu sei que muitas escolas públicas têm e são problemas gravíssimos porque não dominando o Português, isto passa a ser muito complicado. Nós, à partida, não temos esta situação. Temos um outro caso de alunos que nasceram no estrangeiro, mas conseguimos acompanhá-los desde o início e tudo isto se resolve. Por isso, a esse nível, essa questão está resolvida.

P: Qualquer que seja a sua origem? A educação proporcionada corresponde às necessidades desses alunos?

R: Se os pais os colocam aqui, à partida é porque acham que a educação que nós ministramos corresponde. Em concreto, vamos ver. No terceiro ciclo, a certa altura nós, sobretudo no terceiro ciclo, chegámos à conclusão de que determinados alunos, e temos alguns casos, não é este tipo de ensino que precisam. E encaminhámos para cursos profissionais. E temos casos em que vamos acompanhando... o gabinete de psicologia acompanha, chama os Encarregados de Educação e vai fazendo todo um acompanhamento, de forma a ajudar os pais e o aluno em concreto a tomar uma opção que se coadune melhor com o perfil desse aluno. E temos casos em que o fazemos. Ainda este ano, fizemo-lo num caso concreto. O aluno, com esta parte deste ensino mais teórico, tem problemas graves. E percebemos, muitas vezes nas entrelinhas, que determinados alunos, num tema muito concreto, sobretudo mais questões práticas de determinados âmbitos, aí entusiasma-se numa forma completamente quase contraditória, ou seja, enquanto no dia-a-dia, nas matérias mais normais, são completamente desinteressados, num caso concreto, naquilo, aí parece que dispara, há ali um sinal que, de repente, aparece e aí faz-nos concluir – claro, naturalmente, com todo um processo de acompanhamento – mas que nos faz concluir que o melhor para determinados alunos será mais num outro tipo de Escola e, sobretudo, em cursos mais profissionais, mais práticos, etc. E isto acontece também.

28 - Que tipo de ações de discriminação positiva são desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar, relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade?

R: A Ação Social Escolar não existe como modelo, como instituição.

P: Como serviço específico existente na Escola, como existe nas escolas públicas?

R: Exatamente. Tudo isto é reportado à Direção e ao Diretor e é analisado caso a caso. E então temos estas situações de alunos que nós acompanhamos numa forma especial, que ajudamos economicamente e que os tentamos integrar.

P: Quando diz que ajudam economicamente, é em termos de os dispensar de pagar as propinas, ou dão mais alguma ajuda, para além dessa?

R: Há situações concretas em que nós poderemos dar mais alguma ajuda e já tivemos, por exemplo, no pagamento do material escolar, de alguma atividade em concreto, para que o aluno possa frequentar e não seja excluído dessa atividade, nós mobilizamo-nos e muitas vezes o colégio ajuda mais nesta parte dos descontos sobre as mensalidades, enquanto noutra tipo de atividades, de alimentação, de atividades concretas, de materiais, etc., aí são mais os professores, Diretores de Turma, ou até como resultado de projetos de solidariedade concretos, porque cada turma desenvolve um projeto de solidariedade concreto. Eventualmente, alguns desses projetos podem reverter para estas situações.

29 - São proporcionados apoios educativos adequados aos alunos com necessidades educativas, tais como aos que têm problemas de aprendizagem e de sobredotação? De que modo?

R: Assim na brincadeira, vou dizê-lo. A certa altura, havia alguém que comentava que aqui não há sobredotados. O único que é sobredotado era o Diretor, dizia na brincadeira. Isto às vezes é um preconceito, também. À partida, não temos alunos sobredotados. Tivemos uma ou outra situação, que acompanhámos em concreto, durante um certo período de tempo, para valorizar essas aptidões que esse aluno tinha. A nossa preocupação confesso que é mais com os que ficam para trás.

P: Os que têm problemas de aprendizagem.

R: E aí, sim, temos os apoios pedagógicos acrescidos, em pequenos grupos, que são feitos fora do horário letivo, para além das aulas e temos situações concretas com aquilo que nós chamamos “tutorias”. Ou seja, enquanto o apoio pedagógico acrescido é feito por exemplo, na disciplina de Matemática, com um grupo de seis ou sete alunos, a tutoria é individualizada e é feita por um professor que nós escolhemos, com um perfil que achamos que é adequado para esse aluno. Este tipo de tutorias, explicando isto mais um bocadinho, é feito para alunos não só com problemas de aprendizagem, mas com

problemas pessoais, de integração escolar, problemas familiares, etc. Quando existem alunos – e existem, infelizmente, alguns alunos – com problemas destes, então nós sugerimos a tutoria e escolhemos um professor concreto que se adeque àquele perfil de aluno. E o tutor, o que é que faz? Vai acompanhando o aluno pessoalmente e não é para explicar a matéria concreta duma disciplina, mas para ajudar, por exemplo... Primeiro, para ser uma espécie de confidente, para o acompanhar, para falar com ele, é a pessoa que o aluno tem, com quem pode contar mais diretamente. Depois, esse tutor o que é que faz? Chama o aluno, reúne com ele com frequência, ajuda-o a ordenar os cadernos, a ter tudo em condições, a preparar os trabalhos, vai ajudando naquelas dificuldades que os alunos possam ter e os tutores são, por exemplo, um professor de Matemática, não domina propriamente, por exemplo, a Educação Física, ou a Língua Portuguesa ou o Francês, mas quantas vezes anda à procura e anda a perguntar a outros colegas “Olha, ajuda-me aqui, porque eu tenho que ajudar o meu tutorando nesta parte.” Isto é interessante, esta dinâmica. E este é o modelo que eu acho que é importante e que resulta. A parte do apoio acrescido, o aluno muitas vezes, para além já da dificuldade que tem em acarretar com um certo insucesso, depois ainda sente aquela hora de apoio pedagógico acrescido como mais um castigo durante o recreio. Então, é preciso os professores andarem à procura deles nos recreios para os arrastarem para a sala de aula. Mas existem essas modalidades.

30 - Que medidas foram tomadas para assegurar a maior integração possível dos alunos que sofrem de incapacidades?

R: Como disse, é o Apoio Pedagógico Acrescido e é a parte das tutorias. Também confesso que há professores...

P: Esta pergunta tem mais a ver com aquela questão das incapacidades físicas, portanto, à partida, fica prejudicada relativamente àquela questão. Mas o Irmão, ainda há pouco, referiu que naquelas situações de alunos que já frequentem a Escola e depois lhes aparece qualquer problema de ordem física ou psíquica – pode acontecer – permitem que eles... e que medidas...

R: Permitimos. E aí é sobretudo o Gabinete de Psicologia que tem esta preocupação de acompanhar esses alunos...

P: Para que eles se sintam integrados.

R: Exatamente. Há um acompanhamento pessoal, de Gabinete, muitas vezes e há um acompanhamento, também, junto da turma, para que a própria turma o integre e ele se sinta integrado. Há esta dupla preocupação. Na questão da mobilidade física, o que temos são os elevadores e aí são transportados, por assim dizer, pelos elevadores e facilitamos, por exemplo, os alunos que devem vir no final das aulas para o recreio, neste caso, podem ficar lá. Numa situação concreta, existe o Gabinete Médico, também, para ajudar nisso. Quantas vezes em situações muito concretas, o Gabinete Médico dá uma ajuda bastante grande.

31 - Os alunos são educados sobre:

a) – Promoção da saúde?

R: São. Aqui existe sobretudo... As Ciências trabalham este âmbito, como sabe, faz parte dos programas das disciplinas de Ciências, a Educação para a Saúde. Existe o Gabinete de Psicologia, que trabalha diretamente com os Diretores de Turma e muitos destes temas são trabalhados na aula de Formação Humana, que é a aula ministrada pelo Diretor de Turma e que conta sempre com a colaboração muito direta do Gabinete de Psicologia.

P: E todas as turmas têm, mesmo o Secundário?

R: Todas as turmas têm.

b) –Saúde sexual?

R: Nós, aqui, quero que isto fique bem claro, enquanto o projeto... eu acho que há diferenças, não é? O projeto que saiu sobre a Educação Sexual tem uma preocupação muito grande com a Educação para a Saúde e mais na parte biológica, etc. A nossa preocupação é mais ampla. Tem a ver com valores, tem a ver com algo que é mais profundo. Porque isto de educar unicamente para a prevenção, acho que é muito redutor. E isto, eu quero que fique claro, que nós aqui não temos problemas em dizer que temos uma perspetiva diferente. Nós tentámos enquadrar todo este aspeto da educação sexual num projeto mais amplo, num projeto humanista e num projeto, também, com valores, que são enquadrados pelo próprio projeto da Igreja Católica. Quero que isto fique claro. Agora, tudo isto é trabalhado pelos Diretores de Turma, Gabinete de Psicologia e

Gabinete Médico, quando é necessário. Mas fazemos isto, também, de uma forma interdisciplinar. O professor de Ciências, o professor de Educação Moral, os Diretores de Turma, Gabinete de Psicologia, Gabinete Médico.

c) – Relações sociais, incluindo temas de mediação, negociação e resolução de conflitos?

R: Em concreto, com estes termos todos, dir-lhe-ia que não. Esta é uma tarefa do Diretor de Turma. Nós temos um programa de Formação Humana, que é a tal disciplina ... Nós temos este programa da disciplina que é lecionada pelo Diretor de Turma, que contempla estes temas. Ou seja, o Diretor de Turma leciona esta disciplina, não vai improvisar para a aula. Existem planificações, existem conteúdos, etc. e tudo isto faz parte...

P: São definidos pela própria...

R: Pelo Colégio, no seu todo, ou seja, nós em concreto, neste momento fizemos uma avaliação deste programa que temos, de Formação Humana, pedimos sugestões e vamos até fazer uma revisão sobre todo este programa que estamos a lecionar, por assim dizer, de Formação Humana. Mas contempla essas áreas.

d) – Gestão financeira, a nível pessoal?

R: Não sei. Se acontece, é por iniciativa do Diretor de Turma ou do professor em concreto. O que se calhar fizemos, dentro desta perspetiva, foi aplicar, ou fazer aplicar, um sistema de controlo de acessos, para que se evite andar com dinheiro, ou seja, através do cartão magnético e eles próprios, a partir do momento em que têm de carregar o cartão e que veem o saldo, não só eles, mas os pais, a partir daí, terão que fazer uma gestão do seu dinheiro. Eles inclusivamente sabem que, têm o cartão, se querem ir ao bar ou à reprografia, sabem que precisam de ter dinheiro no cartão e não podem gastar todo no mesmo dia. O que eu sei pela experiência que tenho, é que normalmente, no início da semana, eles recebem uma semanada e, normalmente, aquilo é bem controlado para a semana toda a ponto de, muitas vezes, na sexta-feira, assim já na parte final, sobretudo os mais miúdos, as vezes vão ver, “Ainda me resta aqui meia dúzia de cêntimos, ainda dá para um rebuçado”, ou qualquer coisa assim. Mas, em geral, isso já é mais de âmbito pessoal e do Encarregado de Educação, porque o Encarregado de Educação tem acesso a todos estes elementos.

e) – Leis fundamentais?

R: Pode ser que nas disciplinas isso aconteça. Nós não temos um programa específico para isso.

P: Mas a nível curricular, nalgumas disciplinas, pode acontecer?

R: Faz parte. Há disciplinas em concreto... existia no secundário uma disciplina de Introdução à Política, uma coisa desse nível...

P: Introdução ao Direito, também.

R: Exatamente. De certeza que essa parte está lá contemplada. Mas isso fará parte dos conteúdos de cada disciplina.

f) – Assumpção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos?

R: É, também, muito através dessas tais aulas e do Diretor de Turma. Formação Humana. Porque isto faz parte...

P: Dos próprios princípios da ação educativa da Escola.

R: Nós trabalhamos, por exemplo, esta questão da participação na sociedade quando se trata de eleger a Associação de Alunos. O que nós fazemos é: fazemos a estatística da votação, da participação em cada turma. E esses dados são passados aos Coordenadores e aos Diretores de Turma. E dizemos aos Diretores de Turma para trabalharem estes dados. Por exemplo...

P: E há grande participação dos alunos?

R: Há bastante participação, mas pode haver, por exemplo – e, às vezes, deparamo-nos com isto – uma turma do mesmo ano, por exemplo, temos quatro turmas de um ano, uma turma que tem uma participação de 90 e tantos por cento, na votação, e outra que tem 30, 40 e tal. E isto é analisado. Estes dados, primeiro são colocados publicamente no placard do bar para que os alunos saibam e depois são passados para os Diretores de Turma e os Diretores de Turma vão trabalhar estes dados com cada turma.

P: E depois o que fazem?

R: Depois fazem debates nas próprias turmas e vão analisar o porquê da pouca participação ou da muita participação e daí passa-se para a questão social, a participação na sociedade. E isto é trabalhado. Claramente eu sei que é trabalhado. Para além disso,

recordo que este ano em concreto na disciplina de Área de Projeto do 12º ano, um dos projetos foi precisamente sobre a participação dos cidadãos na política e nas responsabilidades do próprio país e, em concreto, foram convidados deputados, representantes de partidos e foi um projeto interessantíssimo e em que se fez uma simulação de um debate na Assembleia da República.

P: Aqui na Escola?

R: Sim. Em concreto, esse projeto saiu... a reportagem saiu na revista Visão, saiu uma boa reportagem sobre este projeto. Debateram-se determinados temas...

P: Em todas as turmas de Área de Projeto?

R: Não, este foi o projeto de um grupo.

P: De uma turma concreta.

R: Mas foram convidados... o projeto foi liderado por quatro ou cinco alunos, mas as turmas do Colégio, sobretudo os mais crescidos, foram convidados a participar e na apresentação e nesta dinamização foram inseridos muitos outros alunos. E com algum apoio até de partidos, de diversos partidos. Foram convidados e participaram quase todos. Pelo menos, apoiaram, deram até informação e tudo isso. E eu penso que esse foi um trabalho interessante.

32 - Na sua opinião, o ensino e a educação que são proporcionados aos alunos nesta Escola, preparam-nos para enfrentarmos a vida real, a nível de relações sociais, alimentação, higiene e do meio e, também, para terem uma compreensão da realidade mundial e da realidade local?

R: Eu pessoalmente, como acredito neste projeto, digo que sim. Agora, tudo pode ter que ser analisado mais ao pormenor. Nós tentamos preparar os alunos para isto. Esta Escola tem um ambiente cuidado, um ambiente especial e poderemos dizer que isto, se calhar, depois lá fora não vão encontrar, assim tão pacífico, tão tranquilo. Infelizmente. E então poderemos dizer “Afinal, poderemos não estar a preparar os alunos, porque eles estão numa redoma.”

P: Mas esse aspeto que estava a referir é muito importante.

R: Que é: poderão estar numa espécie de redoma e depois não estarem preparados...

P: Não se adaptarem aos problemas da vida real.

R: Nós tentamos, na formação que é dada, tentamos prepará-los para isso. Agora, não sei até que ponto é que isso pode acontecer. A formação como nós ministramos, uma formação integral, que contempla diversos aspetos, eu acho que os alunos vão bastante preparados para encarar esses desafios e esses problemas da sociedade. Agora, depois também depende de cada aluno, do contexto familiar e, eventualmente também, dos locais para onde vai. Em geral, temos algum *feedback*. Os antigos alunos, em geral, vêm dizer... há uma coisa que eu acho que é habitual. Há um primeiro choque, em geral, quando passam daqui para a universidade. Porquê? Porque eles estão aqui, estão muito integrados, chegam à universidade e cada um tem que ser por si. E isto é um choque inicial.

P: E eles conseguem adaptar-se bem?

R: Conseguem. Em geral, eles dizem que, depois deste choque inicial, porque os colegas são diferentes, os professores não lhes dão a atenção... depois, são um bocadinho... há uma forma muito diferente de ministrar o saber, mas os alunos que efetivamente vão e que querem aquilo em concreto, eles depois conseguem dar a volta e conseguem adaptar-se. E depois, muitos daqueles alunos, depois de concluírem a universidade e na sua vida profissional e familiar, o *feedback* que temos, que nos dão, em geral, é este: que esta Escola contribuiu em muito para aquilo que eles são. Agora, é evidente que no meio disto tudo, também haverá alguns casos de insucesso. E há, eventualmente. Normalmente, quem nos fala, fala-nos mais dos casos de sucesso. Mas também acredito... isto a realidade é assim, é feita...

P: Ainda há bocado o Irmão ... estava a falar naquela aluna cujos pais tiveram problemas económicos e que a tinham matriculado numa Escola pública e que vocês foram buscá-la porque tiveram a nítida perceção que ela se ia perder. Mas há casos de alunos que, não completando o nível secundário, interrompem o seu percurso aqui na Escola e vão, por exemplo, para uma Escola pública do ensino básico ou secundário e que não se tenham adaptado, se tenham perdido?

R: Há alguns casos. Nós temos até aqui dois tipos: um, por exemplo, no final do nono ano, esta é uma idade em que alguns alunos acham que precisam de autonomia e neste Colégio estão um bocadinho apertados, aperreados. E então andam ali, fazem muita

pressão junto dos pais e, às vezes, os pais cedem e deixam-nos ir para a Escola pública. Alguns deles, passado muito pouco tempo, nos primeiros dias de experiência da nova escola, vêm bater novamente aqui à porta porque eles próprios...

P: E o que é que eles dizem?

R: “Ai não, os professores não sei o que, os colegas aquilo cada um anda para seu lado, depois o ambiente...” Não se adaptam. E temos vários casos destes, em que eles próprios acharam que precisavam de autonomia, mas chegam lá e afinal deparam-se com uma realidade que não era aquela que eles idealizavam. Esta é uma realidade. A outra é: alunos que saem e que fazem o seu percurso normal e há alguns alunos que se perdem. Há alguns alunos que se perdem, mas isso faz parte.

P: Isso tem a ver com o tipo de educação que é aqui dada, ou tem a ver com fatores a nível pessoal?

R: Eu acho que é muito mais fatores a nível pessoal e familiar, falta de acompanhamento familiar, do que...

P: Propriamente ter a ver com o tipo de educação que é aqui dada.

R: Penso que sim.

33 - Os projetos da Escola são concebidos tendo em conta o interesse superior dos alunos?

R: É uma boa pergunta. O interesse superior dos alunos. Eu acho que a Escola está sempre em função dos interesses superiores dos alunos, eu só acho que a Escola faz sentido nesta perspetiva. Nós não estamos aqui para tratarmos dos nossos interesses, continuo a acreditar e é isto que eu digo diariamente aos professores e aos pais, os principais na Escola, os protagonistas, são os alunos. Agora, este é o ponto de vista teórico. Se, depois na prática isto acontece ou não, há depois muitas dificuldades. Os projetos que são desenvolvidos pelos ciclos e, quer dizer, há uma dinamização própria por ciclos, são em função dos alunos em concreto e, em vários casos, envolvem muito os próprios pais. Por isso, envolvendo os pais, só faz sentido que seja mesmo em função dos alunos em concreto. E isto eu acho que acontece no pré-escolar, primeiro ciclo, segundo ciclo. Muitos dos projetos são muito dinamizados pelos professores, pelos alunos e pelos pais, com muita participação. Depois, há um terceiro ciclo em que já há

aqui algum afastamento, de parte a parte, mas continuamos a apostar muito nestes projetos que envolvam sobretudo... A nossa ideia é que nestes projetos, para além de os alunos serem sujeitos, em função dos alunos, mas serem eles a dinamizar os próprios projetos. Muita da formação que vai acontecendo só faz sentido quando o aluno é ele próprio dinamizador, tem um papel ativo nisto tudo.

P: Eu vi uma norma interessante no Regulamento Interno, que é a existência do Conselho de Alunos da Turma.

R: Exatamente.

P: E depois com o Diretor de Turma e depois o responsável... É capaz de me falar um bocadinho desses Conselhos de Turma?

R: Isto existe... isto é o Diretor de Turma que tem de dinamizar e faz, sei que faz isso de vez em quando, utiliza essa dinâmica e eu sei que tem resultado, porque é uma forma, é um momento em que os alunos se sentem efetivamente os protagonistas de tudo aquilo que lhes diz respeito.

P: E que ocorre na Escola?

R: Exatamente e que ocorre na Escola. Por isso, eu agora volto atrás há uns bons anos, como Diretor de Turma eu utilizava muito isto. E recordo-me de algumas coisas interessantes em que próprio me sentava, eu como professor e Diretor de Turma, sentava-me numa das últimas cadeiras e deixava... escolhia os dinamizadores do debate, de toda aquela dinamização e eu participava, como qualquer outro aluno, levantando o dedo e pedindo a palavra e tudo isto. E isto, eu sinceramente achava que – e continuo a achar, porque muitos professores contam-me isso – que os alunos aí sentem, por um lado, como é importante, porque eles estão a ser valorizados e, também, percebem que não é assim tão fácil quando eles são os protagonistas, estas coisas não são assim tão diretas como eles acham, tão fáceis como eles acham, quando se queixam, porque quando são eles os protagonistas, por exemplo, nesta questão de chamar à atenção os colegas, fazer cumprir, quando são eles os responsáveis, aí percebem que, afinal, o papel do professor não é assim tão fácil.

P: Porque nestes Conselhos de Turma há o Diretor de Turma, o delegado e dois responsáveis pela Pastoral...

R: Os delegados que existem, exatamente, existem os delegados: delegado e subdelegado de turma, delegados da Pastoral, delegado e subdelegado, e de Cultura e Desporto. São estes os dinamizadores.

P: E depois cada um deles é responsável pela dinamização de projetos nessas diferentes áreas e por envolver a turma toda?

R: Exatamente. Acrescentando aqui, que esses delegados, também, têm formação especial, todos os delegados de turma, uma formação especial para eles poderem depois desempenhar melhor o seu papel.

P: E todas as turmas têm esses...

R: Todas as turmas.

34 - Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta as necessidades dos alunos e os diferentes ritmos de aprendizagem?

R: Gostaria de dizer que sim... à partida, sim, eu acompanho e acompanho as reuniões e percebo que há aqui muito trabalho que é feito pelos professores para ir respondendo a estes problemas em concreto. Agora, as turmas são numerosas...

P: Em média, quantos alunos são por turma?

R: Podem ir a 28, a média é por aí e por isso, também, não é assim fácil. Para além disso, nós não queremos que o nível exigido baixe, ou seja, a função dos professores desta Escola é sempre puxar para cima. Claro que tem mais dificuldades...

P: Depois o que é que acontece? Perdem-se ou tomam algumas medidas para...?

R: São as tais medidas que eu já referi, que são os acompanhamentos, as tutorias e para além disso, os professores individualmente, muitos deles têm esta atenção, têm esta preocupação com os alunos em concreto. E isso eu refiro muitas vezes, quando agradeço aos professores, tudo aquilo que eu vejo, mas sobretudo aquilo que eu não vejo, de que não tenho conhecimento, mas que por acaso até vou sabendo, mesmo quando e há, felizmente há professores que fazem por iniciativa própria, que tomam este tipo de responsabilidade, de tentar ajudar os alunos em concreto, com mais dificuldade.

P: É um dos princípios... no início da nossa entrevista, falou da pedagogia da presença, não é?

R: Exatamente. Porque os professores sabem perfeitamente que o sucesso da Escola depende, também, do nível de envolvimento e de responsabilização, antes de mais de cada professor.

35 - São proporcionadas aos alunos condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso? Quais?

R: As condições... aqui, se calhar, podemos falar em meios, em estratégias, em meios informáticos, por assim dizer... Se quisermos, nós começámos, há uns anos a esta parte, a aplicar os quadros interativos. Ainda não estão todos, vão agora avançar para o secundário e isto penso que veio facilitar um bocadinho, também, esta tarefa. É verdade que os quadros interativos só colocados na sala de aula não resolvem nada, se os professores não tiverem formação e se não aderirem. Então, também foi desenvolvido um projeto de formação para os professores, para que seja aplicado e há um acompanhamento e há relatórios feitos. Aquilo que eu...

P: Todas as salas têm?

R: Não, ainda não têm todas. Nós começámos por, ano a ano, cada ano tem quatro turmas. Agora, vão avançar para o... Por exemplo, o segundo ciclo tem já tudo, o terceiro ciclo já tem tudo, agora vai avançar para o secundário. Para além disso, utilizamos muito a plataforma Moodle, que tem resultados muito, muito positivos, sobretudo nos alunos um bocadinho mais crescidos, há uma interação e um trabalho incríveis entre alunos e com os professores. Há professores que passam horas e horas e o problema disto, se calhar, para os professores é que, enquanto nas metodologias tradicionais isto acontece na sala de aula, acabou e vai-se embora, com este tipo...

P: A Escola continua em casa.

R: Exatamente. Com a plataforma Moodle, eu sei perfeitamente que às tantas da noite estão os alunos a tentar resolver dúvidas com os professores e os professores a resolver e dão trabalhos e dão explicações e retiram dúvidas. Isto existe efetivamente.

P: Mas sente que tem dado resultados muito positivos?

R: Sim. Sinto que, em geral, na maior parte dos casos, têm resultados muito positivos e isto é que eu acho que traz... eu falo destes mecanismos e destes meios porque os

alunos estão mergulhados nestes âmbitos das novas tecnologias. E a maior dificuldade para entrar não é dos alunos, é dos professores.

P: Mas, também lhes têm dado formação?

R: Têm e neste momento, por exemplo, a formação que vamos fazer vai ser precisamente sobre as tecnologias e a certificação, vamos avançar com uma formação para certificar as competências...

P: E há quanto tempo é que tem a plataforma a funcionar?

R: A plataforma começou... este é o segundo ano.

P: Para além de tudo aquilo que já referiu, os apoios educativos, quando existem dificuldades, a tutoria e toda essa formação e projetos que são desenvolvidos?

R: Sim, sim.

36 - Como avalia a qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinadas aos alunos?

R: Eu acho que ao nível do edifício não nos podemos queixar, não é? Acho que é um edifício com excelentes instalações; o ideal seria ter mais espaço aberto, livre, mais pátios de recreio, etc., muita outra coisa a melhorar, vai-se fazendo alguma melhoria cada ano. Chega-se a esta altura, depois de terminarem os exames e vai tudo para obras. Este ano, por exemplo, vamos refazer todos os balneários do pavilhão desportivo, tudo isto vai ser feito, mais uma série de outras obras por aí, mas eu acho que, em geral, existe uma certa qualidade e que as instalações estão minimamente adaptadas – aliás, esta Escola foi construída de raiz, penso que está... para além de estar bem situada, as salas, por exemplo, uma das coisas de que eu gosto, as salas têm muita luz, há espaços abertos e por isso eu acho que se adequam, comparativamente. Agora, há muita coisa a melhorar. Há, há.

P: Mas tem essa preocupação. Pelo menos, todos os anos...

R: Temos. Todos os anos, entra em obras.

37 - Como avalia a qualidade e a adequação dos serviços que se destinam a prestar apoio aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos?

R: O Centro de Recursos está bastante bem equipado com computadores, tudo com internet, existem... o Centro de Recursos tem a sala propriamente dos computadores, depois tem mais duas salas de apoio, existe uma sala multimédia três ao lado do bar, também, para toda esta parte da informática, existe um Ludoteca, mais a Sala de Informática. Penso que isso aí, acho... está bastante bem equipado. Depois, os serviços de bar e de refeitório... Do refeitório, há muitos alunos a utilizar o refeitório, que é um sinal logo de que as coisas estão a funcionar. Quando nós, em média, servimos mil, mil e cem refeições diariamente, é porque, à partida, há alguma qualidade. Sabendo que não é fácil contentar os alunos porque, por exemplo, quando se trata de peixe, é muito difícil e determinado tipo de pratos. Agora, o refeitório fornece diariamente três tipos de pratos, penso que vai respondendo...

P: E depois eles escolhem, não é?

R: Exatamente.

P: E há a preocupação de os educar a nível da alimentação?

R: Há, mas esse é um trabalho que eu acho que, também, tem de ser sempre com os pais. E isso eu tenho pedido sempre a colaboração dos pais.

P: E a nível do bar, por exemplo? Que tipo de coisas é que são disponibilizadas?

R: Ainda continuando com o refeitório, eu quero dizer que no início deste ano letivo, que está agora a terminar, tomámos a decisão de entregar o refeitório a uma empresa especializada.

P: Até agora, são os serviços da própria Escola, os funcionários da própria Escola que confeccionam as refeições?

R: Exatamente. São funcionários nossos, mas com o apoio da empresa, também tem pessoal da empresa, neste momento, e toda a logística e toda a responsabilidade é assumida pela empresa. Sabendo que tem nutricionista, serviços de qualidade, de fiscalização, de inspeção, etc., etc., penso que isto dá uma certa tranquilidade e vai respondendo aos desafios que vamos tendo. Isto no refeitório.

P: Isso vai começar no próximo ano letivo?

R: Não, já foi iniciado este ano.

P: E está a funcionar bem?

R: O balanço é bastante positivo. Houve ali um ou outro momento em que tivemos de fazer alguns acertos, mas estamos muito contentes com isso, porque eu acho que as empresas que são especialistas em determinados âmbitos é que devem encarregar-se disso.

P: Íamos falar do bar.

R: Da parte do bar, os alunos recorrem muito ao bar e há uma grande satisfação dos alunos. Existem também e confesso que eu não sou radical e não retirei todos aqueles produtos que, à partida, estarão na lista negra porque... pense bem nisto. Nós podemos retirar todos os produtos, aqueles que estão catalogados como causando danos, como isto e mais aquilo, os malefícios todos. A contrapartida disto é termos os alunos a irem lá para fora, não é? A irem para os cafés das redondezas e juntando a tudo isto, todo o tipo de perigos que existem, pelo facto de estarem fora do Colégio, pelo facto de poderem comer tudo aquilo que quiserem e tudo o resto. Então, nisto tem de haver um certo equilíbrio. Vamos educando, vamos deixando alguns produtos com alguma cautela e vamos misturando e vamos, sobretudo a ideia é ir acrescentando a variedade com produtos daqueles que são os mais saudáveis. E isto é a nossa preocupação.

38 - Como avalia a qualidade e a adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos?

R: São razoáveis. Eu acho que são razoáveis. Nós temos preocupação com o equipamento das salas...

P: As salas têm computadores, por exemplo?

R: As salas que têm os quadros interativos, têm um computador em cada sala. E depois há salas específicas com os computadores. Depois, o resto é mobiliário normal, mesas e cadeiras, enfim... pelo menos, fazemos uma coisa: o material está em bom estado, porque exigimos que esteja.

P: Que seja preservado por eles e que são educados para isso, não é?

R: É isso.

39 - É permitido aos alunos utilizarem as instalações a si destinadas e outras que não lhes são exclusivamente destinadas, mediante autorização?

R: Eles podem utilizar as instalações. As instalações estão feitas e são disponibilizadas para eles, mas mediante uns regulamentos próprios, ou seja, a entrada no Centro de Recursos, a utilização de todo o equipamento que está no Centro de Recursos carece da entrega do cartão, do registo, para saber, para podermos controlar quem é... primeiro estatisticamente, quantos alunos utilizam o Centro de Recursos e depois saber o que usam e se, eventualmente, for necessário responsabilizar por alguma má utilização de algum equipamento, saber quem é, são identificados. As salas são normalmente para as aulas. Se é preciso, por exemplo, se precisam de fazer um ensaio ou uma festazinha, preparar o que quer que seja, isto tudo é através do Diretor de Turma, que dá autorização. A mesma coisa com o ginásio, qualquer instalação, mediante a autorização do Diretor de Turma.

P: Por exemplo, a circulação nos corredores efetua-se...

R: Os alunos quando saem da sala de aula, devem vir para o exterior.

P: Para os recreios.

R: Para os recreios, para o exterior, porque precisam de tomar ar. Isto para nós é ponto assente. Nós não os queremos dentro da sala de aula, nem junto da sala de aula. Porque então não fazem a transição do recreio para a aula. Agora, em caso de ser necessário, por exemplo, a tal questão, um aluno que está lesionado, ou isso, então ficará lá dentro.

40 - Quais os meios de segurança dos alunos existentes na Escola?

R: À partida, nós temos um plano que contempla a segurança dos alunos. Temos tudo o que tem a ver com o Plano de Evacuação dos Alunos, os laboratórios têm os respetivos equipamentos, os extintores, os corredores, as indicações de saída, isso à partida está, não é? Existe esse plano. É isso que eu tenho presente neste momento.

41 – Na sua opinião, os meios de segurança existentes garantem uma segurança eficaz dos alunos?

R: À partida, sim. O Plano de Segurança/ Emergência favorece uma segurança eficaz dos alunos. Este plano está devidamente elaborado e adaptado para alunos, docentes e não docentes. Esse mesmo plano foi detalhadamente explicado aos respetivos setores e

culminou com um exercício de evacuação. O resultado foi positivo, não se verificando nenhum incidente.

O portal de controlo de acessos instalado na escola permite uma segurança eficaz dos alunos na medida em que se sabe quando entram e quanto saem, mediante permissão. Existem ainda os auxiliares de ação educativa por setores que têm por missão principal apoiar os alunos nos diversos espaços do Colégio. Um dos traços do nosso projeto educativo tem a ver com a “pedagogia da presença” que se exige aos professores, o que implica estar próximo do aluno, dentro e fora da sala de aula, e a promoção de um bom relacionamento, prevenindo comportamentos inadequados.

42 - Quais os critérios que os órgãos de gestão da Escola têm em conta para elaborarem os horários dos alunos?

R: Primeiro, existe um grupo que elabora horários. São três professores que fazem a elaboração dos horários e as indicações são feitas pela Direção. E o critério é sempre este: em função dos alunos. E posso dizer qual é o procedimento. O grupo dos horários elabora um primeiro esquema de horários dos alunos, depois vem à Direção e, normalmente, o Diretor e o Vice-Diretor, somos nós os dois que fazemos este papel de ir verificar os horários das turmas, turma a turma e vamos ver a colocação das disciplinas, por exemplo, uma disciplina de Matemática todos os dias à tarde ou três seguidos, não passa, como é óbvio. Ou seja, há este interesse em função dos alunos. Claro que isto depois pode trazer... traz implicações com os horários dos professores. Mas primeiro – e aquilo que eu faço, confesso, aquilo que eu vou verificar são os horários das turmas, são os horários dos alunos. O resto, depois, é um problema com os professores, a seguir e vamos tentar, também, depois determinadas situações para satisfazer, mas em primeiro lugar, é do ponto de vista dos alunos.

43 - De que forma a Escola reconhece e valoriza o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos?

R: Antes de mais, há aquele reconhecimento informal, aquele do dia-a-dia, o dos parabéns, nesta relação normal do professor, do Diretor de Turma e até, podemos dizer, do Diretor, que vai acompanhando, vou conhecendo um bocadinho os percursos dos alunos, às vezes são eles próprios que vêm dizer “Eu tive... sabe que nota é que eu tive... sabe que notas é que eu tive no final do período?” E isto é que é o

reconhecimento informal, mas que é muito importante. E depois há uma forma de reconhecer, que é o Quadro de Honra. O Quadro de Honra... os Conselhos de Turma sugerem os alunos para o Quadro de Honra mediante um regulamento: têm que ter determinadas médias e os alunos tendo determinada média nas disciplinas, podem ser propostos, ou não, para o Quadro de Honra. Ou seja, o critério...

P: E quem os propõe? O Diretor de Turma?

R: O Diretor de Turma coloca à votação dos professores. À partida, primeiro é necessário ter aquela média, mas isto não quer dizer que tendo essa média, que vão para o Quadro de Honra, porque depois vai-se ver os outros fatores, que têm a ver com as atitudes, comportamento, as relações com os colegas, a ajuda, a colaboração, tudo isto. Então, avalia-se isso e o aluno tem notas, tem aquela média e tem mais este conjunto todo paralelo e é proposto para o Quadro de Honra. Então, esses alunos são colocados... é colocada a fotografia e o nome num quadro, que está junto da Secretaria, passa a ser visível publicamente...

P: Todos os anos letivos.

R: Todos os períodos escolares. No final de cada período e no final do ano letivo... aliás, no início do ano letivo seguinte, são entregues os diplomas a todos os alunos que ficaram no Quadro de Honra, no final do ano letivo anterior.

44 - Os alunos são estimulados a aumentarem a sua dedicação, o seu esforço no trabalho e o seu desempenho escolar? De que modo?

R: Eu penso que sim. Primeiro, o acompanhamento do Diretor de Turma, dia a dia, as conversas com os pais e com os alunos e depois eu acho que, nesta Escola, se valoriza o mérito, a dedicação, faz parte do nosso projeto. Nós claramente não passamos a mensagem de que é tudo igual, tanto faz trabalhar como não trabalhar, antes pelo contrário, isto para nós é um ponto essencial, valorizar quem se esforça, quem trabalha, independentemente, depois, do nível atingido no final, porque nem todos chegam a determinados níveis. E isto é valorizado.

45 - De que modo são valorizados pela Escola, os alunos que desenvolvam ações meritórias, em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade na Escola ou fora dela?

R: Nestes projetos, normalmente... esses projetos são liderados pelos Diretores de Turma e isto é, por exemplo: os projetos de solidariedade em concreto ficam registados em ata, eu vou dizer uma coisa que é clara: nós, nas avaliações, nos Conselhos de Turma, regista-se tudo o que diz respeito às avaliações dos alunos, aquilo normal, mas também se registam os projetos desenvolvidos pelos alunos e os projetos de solidariedade, o resultado dos projetos e os alunos propostos para Quadro de Honra e tudo isso. Ou seja, até formalmente isto é registado. E paralelamente, depois, dá-se alguma relevância a estes projetos, por exemplo, através da Revista do Colégio. E isso acontece, por exemplo, ainda na última revista vem uma crónica de um dos projetos que uma turma desenvolveu junto de um lar de terceira idade aqui nas redondezas. E vêm as fotografias, vem o resumo dessa experiência. Ou seja, também isto é valorizado. Quando falo na Revista, falo também na página da Internet, que tem uma visibilidade... enquanto que na revista é no final de cada período, na página da internet, todos os projetos que os Diretores de Turma, os professores querem... que acham que é importante divulgar para a comunidade, eles são colocados imediatamente na página da Internet.

P: E, também é um fator que é tido em conta na atribuição do...

R: Do mérito, do Quadro de Honra, naturalmente que sim.

46 - Estimulam os alunos para desenvolverem esse tipo de ações?

R: Ah, sim, claramente. Isso é ponto assente e os alunos sabem perfeitamente que ao envolverem-se neste tipo de projetos, sabem que são reconhecidos, em geral. Existe mesmo nas próprias avaliações, nós temos o chamado “*valor ...*” e que pode pesar até numa pequenina percentagem na própria avaliação.

47 - Como caracteriza o ensino e a educação que é proporcionada aos alunos, neste estabelecimento de ensino? É uma educação de qualidade?

R: Eu acho que essa classificação deve ser a comunidade exterior que a deve dar...

P: Mas a sua perceção, a sua opinião?

R: Nós pretendemos que seja uma educação de qualidade. Agora, confesso que nisto nunca atingimos aquilo que queremos e é uma dinâmica que tem que ser revista e melhorada dia a dia. Por isso, é a única coisa que eu posso dizer a esse nível.

48 - A educação que é proporcionada aos alunos nesta Escola:

a) - Permite o desenvolvimento da sua personalidade?

b) – Permite desenvolver os seus talentos?

c) – Permite desenvolver as suas aptidões mentais?

d) – Permite desenvolver as suas aptidões físicas?

R: A ideia é precisamente essa, porque nós não queremos formar alunos grandes crânios, mas que depois não tenham a mínima noção da realidade e nós sabemos que existem grandes crânios, mas que não têm os pés – em bom português – assentes na terra. A nossa função, a nossa missão, também, é esta: é, sobretudo, que cada aluno saiba ser capaz de colocar o saber, as suas aprendizagens, ao serviço dos outros, de si próprio, no dia-a-dia, nas realidades com que se depara. Esta é a nossa grande preocupação.

P: Tem a ver com os valores.

R: Com os valores, aquilo a que nós chamamos educação integral, que eu diria na educação integral entram dimensões como: a dimensão intelectual, académica, a parte física, por exemplo, a atividade física, que é importante, ministrada...

P: Existe uma associação desportiva...

R: Uma associação desportiva ..., que é um clube federado, existe a formação normal, existe depois mais a parte já competitiva, a dimensão...

P: Os talentos, por exemplo.

R: Exatamente, desenvolver os talentos. A parte estética também é importante, o desenvolvimento da parte estética, depois a dimensão ética e a dimensão religiosa, de que já falei.

49 - Que medidas foram contempladas no Projeto Educativo da Escola, destinadas a proporcionar condições aos alunos que lhes permitam:

a) - O seu pleno desenvolvimento físico?

R: No Projeto Educativo, penso que estão lá precisamente estas dimensões, todas estas dimensões estão lá contempladas.

P: Mas mais a nível de princípios gerais, não concretamente medidas concretas, como há bocado estava a referir.

R: Sim, medidas concretas, recordo por exemplo...

P: Por exemplo, o pleno desenvolvimento físico dos alunos?

R: Estão lá elencadas, por exemplo, as atividades desportivas, olimpíadas dos vários Centros, que envolvem centros portugueses e estrangeiros, por exemplo...

P: E que os alunos participam entre os vários colégios da Congregação.

R: Exatamente. Temos, por exemplo, a promoção da criatividade, está lá, clara, como sendo valorizada, a participação em projetos diversos, a dimensão...

b) – O seu pleno desenvolvimento intelectual?

R: Por exemplo, a participação em projetos de âmbito nacional e internacional, parcerias...

P: Têm?

R: Temos, temos. Parcerias com outras entidades, inclusivamente com algumas universidades.

P: E que tipo de projetos é que têm?

R: Por exemplo, temos um com o Instituto Superior Técnico, em que há... sobretudo com os alunos mais crescidos, há um intercâmbio com o próprio Instituto, os alunos vão lá, recebem aulas, utilizam as instalações, há muito este intercâmbio entre as duas instituições. Este é um exemplo, mas com outros protocolos que temos, também, por exemplo, já mais ao nível dos professores, formação de professores, através de protocolos que temos, com estágios, etc., isto também acontece.

c) – O seu pleno desenvolvimento moral?

R: Neste aspeto...

P: Têm a Pastoral, não é?

R: Temos a dimensão pastoral, ou seja, há um projeto pastoral... primeira coisa: existe um tema anual, todos os anos existe um tema que vai aglutinar toda a parte da pastoral,

toda a parte da dimensão religiosa e moral do Colégio, perspectivas e tudo aquilo que vai sendo trabalhado até transversalmente nas várias disciplinas.

P: E tem em vista o desenvolvimento não só dos valores religiosos, como também morais.

R: Morais, sim e humanos, sobretudo. Isto é, só faz sentido...

P: E os alunos participam, têm ações, encontros?

R: Claramente. Mesmo a formação que é feita, por exemplo, com os delegados, também vai muito dentro deste tema em concreto de cada ano, e depois, paralelamente, existem as aulas de Moral, a catequese e toda a parte da formação humana, que também acontece.

d) – O seu pleno desenvolvimento cultural?

R: Aqui temos, na parte cultural, primeiro as atividades extracurriculares, que pretendem, também, responder um bocadinho a esta dimensão. Mas nos projetos desenvolvidos, projetos mais amplos, também está sempre presente este aspeto, ou seja, pretendemos valorizar as aptidões dos alunos. Sei lá... e há, também, a escola de música, em concreto. Por exemplo, num projeto concreto que a turma desenvolve, vai buscar, vai aproveitar os talentos de cada aluno, seja no âmbito mais da área do teatro, da área musical ou na área, por exemplo, das artes visuais. Enfim, tudo isto pretende ser valorizado.

P: Irmão, esta escola de música, é de frequência facultativa ou obrigatória?

R: Facultativa, é extracurricular e dá uma formação musical teórica e dá uma formação em aprendizagem de instrumentos musicais, em concreto. E os alunos inscrevem-se e frequentam. É uma escola que funciona como atividade extracurricular.

P: Mas aqui dentro das instalações?

R: É aqui no Pavilhão das Artes, o chamado Pavilhão das Artes.

e) – O seu pleno desenvolvimento cívico?

R: Tem a ver muito com aquilo que nós já falámos. Tem a ver com os dinamismos utilizados em Direção de Turma, utilizados na própria formação, através da formação dos alunos e sobretudo nesta educação que tem a ver com... por exemplo, quando falei

das eleições, da participação na sociedade, antes de mais aqui na Escola, mas depois transferida como formação para o exterior.

f) – A formação da sua personalidade?

R: Isto é muito na base daquilo que o professor transmite, em todas as disciplinas, mas sobretudo na Educação Moral, na Formação Humana, o Diretor de Turma, sobretudo a esse nível é que isso acontece.

g) – A sua capacidade de autoaprendizagem?

R: Isto é utilizando muito, por exemplo, as novas tecnologias. Isto aparece lá como... está lá claro, no Projeto Educativo: aproveitar as novas tecnologias e o mundo que elas abrem, no fundo, tudo o que tem a ver com pesquisas, com investigação, que anteriormente estavam muito centradas na pessoa do professor, tudo aquilo que ele dizia, que era registado; neste momento, o aluno tem a capacidade de descobrir muita coisa, muito para além da sala de aula e muito para além daquilo que o professor transmite. O professor, de certa forma, vai apontando caminhos, direções a seguir, mas esta capacidade de autoaprendizagem está, quanto a mim, também muito ligada aos meios que a sociedade coloca neste momento, sobretudo ao nível da comunicação e das novas tecnologias.

h) – A sua capacidade crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética?

R: Eu, sobre esta área, já falei há pouco sobretudo do papel do Diretor de Turma e das aulas de Formação Humana, falámos daquela história do Conselho de Turma, tudo isto é passado, sobretudo, dentro deste âmbito da Direção de Turma. O outro aspeto era o da estética, da questão estética, não era?

P: Sim.

R: Isto pretendemos que seja trabalhado, também, naquelas atividades que os alunos frequentam; existem os ateliers de artes, existe a escola de música, como eu falei, existem, por exemplo, a parte já mais do teatro e, sobretudo...

P: Também têm um Projeto de Teatro?

R: Temos. Temos Expressão Dramática e que abrange desde os alunos do pré-escolar até aos antigos alunos, inclusive.

P: E depois até fazem espetáculos para a comunidade educativa?

R: Por exemplo, o grupo de antigos alunos faz, todos os anos, pelo menos uma apresentação, um espetáculo público.

P: E envolvem também os alunos atuais, da Escola?

R: Sim, este ano iniciámos, também, o projeto no pré-escolar, do grupo de Expressão Dramática e está a ser interessante, está a ter sucesso. Num dos últimos dias, por exemplo, um grupo de Expressão Dramática do terceiro ciclo fez a apresentação de uma peça para todo o pré-escolar. Também foi uma coisa assim muito gira. Na Área de Projeto do 12º ano, há alunos que desenvolvem todo o seu projeto sempre na área do teatro e também fazem duas apresentações durante o ano: uma, individual, a meio do ano e outra, coletiva, uma apresentação de peças clássicas.

50 - A Escola desenvolve nos alunos uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: Eu acho que sim. É a função da Escola e eu acho que isso está presente, no dia-a-dia. Agora, como a Escola, também, tem muitas realidades e contextos próprios, idades e tudo isto depende do nível etário, do ciclo e dos próprios líderes, Diretores de Turma, mas há uma preocupação desde cima, para que isso aconteça, desde a Direção.

51 - Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores têm em conta o desenvolvimento nos alunos, de um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: Estas perguntas deviam ser feitas aos alunos.

P: E vão ser.

R: Pois é, tem razão.

P: Depois vamos fazer um inquérito, para saber as perceções deles.

R: Por isso, é melhor não me adiantar muito.

P: Mas qual é a sua opinião?

R: Vou ser desmentido. Eu acho que, na prática, no dia-a-dia, mesmo não andando a dar nomes a isso, falar dos direitos fundamentais, da democracia, etc., acho que a nossa forma de estar é que diz se isso se aplica ou não, se estamos a cumprir isso, ou seja, o professor que cria um ambiente de sala de aula, um ambiente de seriedade, de tranquilidade, de transmissão e de participação dos alunos, de participação nas matérias...

P: Pois, mas os alunos participam na sala de aula?

R: Os alunos participam e isso é valorizado, é um dos critérios para a avaliação dos alunos. O aluno participa com frequência, no dia-a-dia, na sala de aula.

P: Ou o tipo de aulas que é dado para os alunos é mais aula do tipo mestre que dita a matéria e os alunos têm um papel passivo?

R: Não, em geral, não. Nós pretendemos que os professores... até porque esse tipo de metodologia foi mudada, sobretudo a partir do momento, acho eu, na nossa Escola, a partir do momento em que as aulas passaram a ser ministradas por blocos. Blocos, por exemplo, de noventa minutos. Antigamente, eram cinquenta minutos e, a partir do momento em que passam para noventa minutos, é óbvio que os professores não poderiam continuar a lecionar da mesma forma e isto foi claro, chegou-se a esta conclusão e nós tivemos que trabalhar tudo isto desta forma. Os alunos não aguentam noventa minutos a ouvir o professor. Por isso, até aqui teve que haver esta mudança. Há uma parte, eventualmente, de apresentação das matérias, mas há toda uma parte de interação e de trabalho e de aplicação dos conhecimentos e de participação, porque senão era impensável que isso acontecesse.

P: E nessas ações de formação que dão aos professores, têm essa preocupação, também, de inculir neles essas pedagogias?

R: Claramente e no momento em que os quadros interativos passaram a funcionar, é evidente que nós sabíamos, à partida, que os alunos iriam ser muito mais protagonistas na sala de aula, porque os alunos, em muitos casos, são eles que mexem melhor com aquele equipamento, mexem melhor do que os próprios professores e o professor tem que ter a humildade de se deixar ajudar e é uma forma de os alunos se sentirem mais motivados.

P: E os professores aceitaram isso bem, tem corrido bem?

R: Sim, a percepção que tenho é essa.

52 – Os códigos de comportamento que são transmitidos pelos professores aos alunos também permitem desenvolver nestes, um espírito democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais?

R: O Projeto Educativo desta escola é claro, vincando o respeito pela pessoa como um ser livre e original. Cada pessoa é investida de dignidade pelo facto de ser pessoa. Tendo sempre presente que é o exemplo que dá sentido às palavras. Considero que os professores, na sua quase totalidade, pelo facto de serem seleccionados para integrarem este projeto, interiorizam e vivenciam estes valores do projeto educativo e utilizam estratégias nas suas atividades letivas e projetos de formação integral no sentido de levarem os alunos a respeitar os outros, sem discriminações e a assumir as responsabilidades pelos seus atos.

53 - De que modo a Escola desenvolve nos alunos o respeito:

a) – Pelos seus pais?

R: O Externato, esta Escola, trabalha em ligação bastante estreita com os pais. Acho que é uma forma de estar e nós achamos que a educação só se faz quando a Escola e a família trabalham na mesma direção, quando há uma parceira efetiva. Daí que isto seja, e é, óbvio, faz parte do próprio ideário, da nossa conceção de educação, que é o papel fundamental e fulcral dos pais. Daí que, dentro dos âmbitos que nós já referimos, das respetivas matérias, a Educação Moral, a Formação Humana, lecionada pelos Diretores de Turma, são temas que são trabalhados durante o ano. Para além disso, há a participação dos pais em ações, inclusivamente em aulas abertas, nos diversos ciclos e todo este tema é trabalhado. Mas eu penso que começa logo na perspetiva que temos da educação, que só se faz diretamente em ligação com os pais.

P: Que é um dos princípios da vossa ação educativa, não é?

R: Exatamente.

P: Depois, também promovem encontros em que os pais participam, não é?

R: Exatamente. Os pais são chamados... primeiro, são chamados à Escola no dia-a-dia para acompanharem o processo normal dos seus educandos, depois eles são muito solicitados a participar nas atividades que se desenvolvem ao longo do ano. Sempre que podem, eles estão presentes. Depois, têm esta participação efetiva em algumas áreas da formação. Temos, de vez em quando, solicitamos a colaboração dos diversos pais, nas áreas em que trabalham, nas áreas de formação...

P: E como é que isso depois se concretiza?

R: Isso, por exemplo, vou dar exemplos. A educação para os afetos, a educação para a sexualidade, a educação para a saúde, tudo isto, por exemplo, é trabalhado com alguns pais que têm formação, por exemplo, na área...

P: E convidam os pais?

R: Convidamos e já temos várias ações realizadas. Normalmente, isto acontece em turmas concretas, podem ser as dos respetivos filhos ou mais até no ciclo em que os filhos estão inseridos.

P: É o que chama as tais aulas abertas?

R: Naturalmente, se forem só na turma, são aulas abertas, se forem de ciclo, consideramos mais uma ação de formação para os alunos. Nas aulas abertas, entram outras matérias. Como digo, por exemplo, uma aula de História, os pais que têm formação nesta área vêm, muitas vezes, em ligação com o respetivo professor, prepara-se uma aula especial e os pais podem vir lecionar uma dessas matérias. Quem diz de História, diz de Matemática, diz de Ciências, porque muitos pais têm formação na área das Ciências. Tudo isto é feito, claro que mais numas idades do que noutras, por exemplo, nos segundo e terceiro ciclos é relativamente mais fácil, mas, também, no secundário existe um projeto em concreto – também quero dizê-lo – que tem a ver com a ajuda nas opções dos alunos. E existe um projeto coordenado pela responsável do secundário e com alguns pais, em que há uma calendarização de ações ministradas por determinados pais, em determinadas áreas e tem a ver um bocadinho com as perspetivas de futuro, com os cursos universitários e com as saídas profissionais.

b) – Pela sua identidade cultural e nacional, a língua e valores?

R: Isto é essencialmente, também, nas diversas áreas, nas matérias... Penso que, por exemplo, a aula de História aí é importante, a Língua Portuguesa, as aulas de Português, tudo isto é trabalhado, também, no dia-a-dia e nós como Escola, se quisermos, o nosso projeto é um projeto com história e com uma certa tradição, daí que os próprios valores que são vividos e que são preconizados no nosso Projeto Educativo tenham muito a ver com esta questão da identidade cultural, do respeito pela língua e pela nossa História. Eu penso que isto acaba por acontecer naturalmente.

P: Mas existem, como já referiu na outra sessão que nós tivemos, alunos de outras origens, de outras culturas. Nessa situação, a identidade deles e os valores são trabalhados?

R: Sim, existem e como digo, por exemplo, em algumas ações isso é feito. Já foram promovidos debates, por exemplo, sobre a questão das religiões e foram convidados representantes dessas mesmas religiões, que normalmente são pais ou são familiares, são pessoas ligadas aos alunos em concreto e ainda no ano letivo que está a terminar, isso aconteceu, debates a discutir todas essas questões das especificidades, daquilo que sobretudo nos une. Há coisas que nos diferenciam, mas sobretudo há algo, nomeadamente, no que tem a ver com as religiões, há... o essencial é aquilo que nos une, não é aquilo que nos afasta.

c) – Pelos valores nacionais do país em que vivem?

R: É aquilo que eu, de certa forma, já referi. O nosso projeto é um projeto que tem toda esta história e que está muito ligado a estes valores, isto é trabalhado numa forma muito natural. Nós somos muito pouco de defender novas ideias porque estão na moda; defendemo-las se elas fizerem sentido e se vierem numa perspetiva de continuidade. Nós não defendemos cortes abruptos, nem educamos segundo as modas, aquilo que parece bem.

d) – Pelos valores nacionais do país de origem?

R: É mais ou menos essa questão.

P: É porque há alunos de outros países, nacionais de outros países, sem ser portugueses, ou não?

R: São relativamente poucos, porque mesmo aqueles que pertencem a culturas específicas, são essencialmente alunos que já nasceram em Portugal, apesar de estarem ligados a comunidades com uma identidade muito própria. Mas são essencialmente nacionais. Por isso, é um grupo relativamente diminuto de situações em que isso acontece.

P: Portanto e aí não há aí muitas ações que se desenvolvam, especificamente...

R: Especificamente, não. É dentro daquilo que eu referi atrás.

e) – Pelos valores de outras civilizações?

R: Sim, isso acontece normalmente e automaticamente a partir daquilo que são as matérias, também, da Escola, que a escola leciona, evidente que, volto a dizer, a disciplina de História, por exemplo, é uma disciplina privilegiada para falar, formar e interiorizar aquilo que tem a ver com os valores de outras civilizações. Nós, como existe um projeto de Escola, é evidente que as disciplinas não são estanques, há aqui muita interdisciplinaridade e recorro perfeitamente que muitas matérias existem sobre determinados temas, voltamos ao tema das religiões, o tema das religiões analisa-se nas disciplinas de História, na disciplina de Educação Moral e noutras disciplinas, se quisermos até na própria Filosofia, etc.

P: E provavelmente, também, em trabalho que os alunos fazem, que eu vi, nomeadamente, naquela festa onde eles tinham feito uma exposição.

R: Exatamente. Ou seja, as próprias... a disciplina, por exemplo, de Área de Projeto, é uma disciplina que constitui um meio privilegiado para desenvolver estes temas que são muito mais transversais e muito mais interdisciplinares e isso nós aproveitamos.

P: E também, portanto, fazem encontros a nível religioso da parte da Pastoral em que, provavelmente, encontram alunos ou pessoas de outras culturas, outras origens, em que há aí uma...

R: Sim, é a própria Pastoral que organiza, muitas vezes, esses encontros. E quando referi há pouco, por exemplo, esses debates sobre outras culturas, outras religiões, aqui entra, normalmente e como é óbvio, toda a dinamização da área de Pastoral, que é uma área muito forte, nesta Escola.

P: E é uma forma de inculzir neles o respeito por diferentes ... Pelas diferenças e pelas identidades dos alunos.

54 - A educação dada aos alunos prepara-os para uma vida responsável numa sociedade livre?

R: O objetivo é esse. Até que ponto se consegue, só mais tarde é que poderemos aferir um bocadinho dessa preparação. Algum feedback que temos, faz-nos concluir que há aqui alguma base que ajuda no futuro. Agora, é uma questão difícil de responder porque é como na agricultura. Há sempre uma época da sementeira e há uma época da colheita. E não coincidem, porque primeiro é necessário semear, deixar que a semente cumpra o seu ciclo normal e só mais tarde é que se podem retirar os frutos. E eu acho que na educação é exatamente isto.

55 - De que modo a Escola desenvolve nos alunos, o espírito de compreensão, a tolerância e amizade entre todas as pessoas?

R: É dentro destas dinâmicas que eu referi, quer dizer, uma Escola que tem regras, porque as regras são necessárias, também, dentro desta área, nem tudo é válido, só deve ser válido aquilo que nos ajuda, aquilo que reverte em favor do nosso bem-estar, do nosso crescimento, etc. e como pessoas, na sua totalidade. Daí que eu ache que isto... acaba por passar, também, muito naturalmente no dia-a-dia e nas dinâmicas todas, desde as dinâmicas letivas até e, muitas vezes, sobretudo muito para além das próprias dinâmicas letivas, é nos recreios, é nos convívios, é no desenvolvimento de atividades diversas e é nos convívios, por exemplo, os próprios convívios desportivos. Nós temos muita relação ao nível desportivo com outras escolas e com outras realidades nacionais e estrangeiras e eu penso que tudo isto acaba...

P: Têm uma associação desportiva, não é?

R: Temos uma Associação Desportiva ..., que é um clube federado e que faz com que os nossos alunos tenham esta prática desportiva, não só a nível interno, mas sobretudo com outras escolas e com outras instituições e com outras realidades, porque dentro deste nível do desporto federado, os nossos alunos vão competir com atletas dos mais diversos locais e das mais diversas realidades, no dia-a-dia, desde locais de bairros, locais mais desfavorecidos, até outras realidades idênticas às nossas, mas passa por tudo isto, isto já faz parte da dinâmica da competição, não é?

P: E isso contribui, também, para a formação deles.

R: Eu penso claramente que sim.

P: Esses encontros são a nível nacional?

R: Na parte desportiva, no desporto federado, isto começa sempre... faz parte da organização desportiva. Começa sempre a um nível regional, vai avançando de acordo com os resultados, começa a nível regional, depois passa a nível, eventualmente distrital e vai depois terminar, em muitos dos casos, já a um nível nacional. Mas isto, também, depende muito do desempenho dos atletas, porque há equipas que, entretanto, ficam eliminadas e que já não avançam.

P: Mas em que áreas desportivas é que...?

R: Nós temos essencialmente... as áreas fortes da nossa Escola são o voleibol e o futsal. Sobretudo no voleibol, posso dizer porque somos uma Escola que trabalha os atletas desde muito pequeninos, desde o mini-volei e vai acompanhando-os no seu crescimento até, muitas vezes, para além já do próprio tempo em que o aluno está a frequentar esta Escola, porque depois já na universidade, ou já fora do ensino pré-universitário, continua, também, a participar nestas atividades.

P: E continuam a pertencer à Associação?

R: Exatamente. Ou seja, isto não termina com a saída deles, quando terminam a sua caminhada, o seu ciclo de ensino.

P: E depois, também têm determinadas ações em que promovem a ajuda dos alunos a outros povos carenciados, a pessoas carenciadas, não é?

R: Isso sim. Isso faz parte da dinâmica da Pastoral e, em concreto, numa secção que é da solidariedade; dentro da Comissão Pastoral, temos pessoas que representam os vários ciclos, os vários âmbitos do colégio e que têm mais esta incumbência de avançar, dinamizar a área da solidariedade. Daí que isto aconteça com uma certa...

P: Isso com interligação com os delegados da Pastoral, que existem em cada uma das turmas, de modo a todas as turmas estarem envolvidas e poderem participar, não é?

R: Eu penso que já referi que todas as turmas desenvolvem um projeto de solidariedade ao longo do ano e não é só a recolha de fundos, mas é, também, com o objetivo de

conhecer as instituições com as quais colaboram e ter a oportunidade de ir verificar e ir conviver com essas próprias pessoas.

P: Ah, fazem isso! Promovem encontros dos alunos aqui da Escola com...

R: Com essas instituições. Para além disso, participamos noutras dinâmicas a nível nacional, quando há mais este tipo de catástrofes nacionais e internacionais, como aconteceu durante este ano letivo: nós desenvolvemos campanhas para essas realidades e dou um outro exemplo: na recolha de alimentos para o Banco Alimentar que é feita, nós temos já um supermercado que nos está destinado e naqueles dias dessas recolhas a nível nacional, lá estamos nós sempre com boa participação de professores, na recolha, e tem professores, tem alunos e tem, também, pais a colaborar. E isto, eu penso que, também, é importante.

P: Para além disso, penso que têm um Corpo de Escutas.

R: Não, a outra Escola da mesma instituição tem. Nós temos outro tipo de momento. Ah, se calhar, poderemos estar a falar das Guias de Portugal, que fazem parte... no fundo, são escuteiros, mas no feminino. Se calhar, é isso. E aqui temos a sede das Guias de Portugal, que é o tal grupo feminino que, todos os sábados, aqui reúne e desenvolve as suas atividades, para além depois das outras dinâmicas, mas aqui é a sede das Guias de Portugal, daqui do agrupamento.

P: E dos rapazes é na outra Escola?

R: Dos rapazes, tem os escuteiros, também, na outra Escola. Nós temos outras dinâmicas. Temos o Movimento Animar que, também, é dentro desta dinamização da Pastoral juvenil e, então, é as Guias de Portugal, se quisermos e o movimento Animar.

P: Mas o movimento Animar que tipo de ações é que desenvolve, qual é o objetivo?

R: É essencialmente trabalhar nesta área da dinamização juvenil, nas dinâmicas, na criação de lideranças. Por exemplo, os nossos alunos mais velhos e os ex-alunos são os monitores dos mais pequenos e ao longo da semana promovem-se estes encontros dentro desta área, essencialmente das dinâmicas com os jovens, de grupo, etc. E depois têm acampamentos, têm outro tipo de ações, para além...

P: Mas, também, contribui para a formação da personalidade deles...

R: Claro, essencialmente é isso.

P: Promover as relações de amizade e de compreensão, a tolerância, é o objetivo?

R: É o objetivo principal, é esse mesmo.

56 - A Escola desenvolve, junto dos alunos, o respeito pelo ambiente? De que forma?

R: Sim, penso que sim, cada vez mais e nós estamos, também, metidos, mergulhados mesmo nestas campanhas, se quisermos, da Eco escolas e da Escola Eletrão e essas coisas todas, as áreas da Ciência estão muito envolvidas nisto, trabalham nisto, projetos a nível nacional e nós temos, por exemplo, a Bandeira Verde e estamos a participar nestas dinâmicas que também, em ligação com as dinâmicas e os projetos nacionais. E tudo isto está a ser trabalhado e, como é óbvio, para também termos o reconhecimento formal, isto é no dia-a-dia que é trabalhado pelos próprios professores.

P: Nas áreas disciplinares.

R: Nas áreas disciplinares, sim.

P: E, provavelmente, também na Área de Projeto, desenvolvem determinados projetos?

R: Sim, nos projetos... como digo, estas disciplinas que são mais transversais. Utiliza-se muito isso. Mas, sobretudo as áreas das Ciências estão muito metidas nestas dinâmicas.

57 - Na sua opinião, as regras que regulam a disciplina na Escola, respeitam a dignidade dos alunos?

R: Na minha opinião, sim, senão não as defenderia, como é óbvio. Eles podem queixar-se eventualmente, que às vezes não respeitam, que não lhes dão aquela liberdade que eles anseiam, eventualmente, isto faz parte também... isto é como na sociedade, nunca ninguém está contente com as regras que tem, mas o objetivo é esse, é evidente que eu, como responsável desta instituição, só posso acreditar que as regras existem para melhorar as relações e para que as pessoas possam crescer duma forma harmoniosa, respeitando aquilo que é o essencial da dignidade humana. Mas é óbvio, porque se não houver regras, é evidente que aí, então, é que começa toda a bandalheira e que começa... é mesmo o início para entrar num ambiente em que ninguém se respeita,

como é óbvio. Eu, pessoalmente, acredito nisso, porque senão não colocaria esse tipo de regra.

58 - Na sua opinião, as regras existentes na Escola respeitam o direito do aluno:

a) - A ter liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e de religião?

R: Sim. É aquilo que eu dizia. Tudo está em função destas áreas. Objetivamente, sim, depois como a Escola é composta por pessoas e as pessoas têm sensibilidades, têm formas de estar, etc., nem tudo será perfeito, obviamente. Agora, objetivamente, aquilo que existe e as dinâmicas e as regras e tudo é em função de tudo isto. Agora, aferir, avaliar depois no concreto, depende de muitos fatores.

P: Mas por exemplo, ainda na última sessão que tivemos, havia aquela questão de eles terem que frequentar a Educação Moral e Religiosa Católica, que é uma disciplina de frequência obrigatória, apesar de o Irmão ter referido e salientado que existiam alunos que professavam outras religiões. Mas aí, como é que se coaduna essa liberdade de religião com a obrigatoriedade de frequência de uma disciplina duma religião específica?

R: Os defensores desta mentalidade moderna, essas coisas todas em que tudo é válido e isso tudo, possivelmente ficariam escandalizados, mas eu acho que isto tudo faz sentido porque as instituições propõem um projeto e as pessoas aderem ao projeto, se concordam com ele, não é? Se não concordam, têm outros projetos. O nosso projeto é um projeto de Escola, inserido na Escola Católica, naturalmente que é nesta linha que nós educamos. E os pais sabem que, ao colocar os seus filhos nesta Escola, a linha é esta, independentemente de, depois, terem especificidades de comunidades e com vivências diferentes. Não há contradição, porque eu volto a dizer que nas religiões, contrariamente àquilo que passa por aí, é muito mais aquilo que nos une, do que aquilo que nos diferencia. E as diferenças são importantes. Eu sou muito pouco defensor de uniformismos, em que toda a gente tem que pensar da mesma maneira e carreirismos, etc. Há diferenças, mas as diferenças têm que servir para nos valorizar e para nos aproximar. Agora, voltando a esta questão: as pessoas sabem com o que contam; aproveitam aquilo que, no nosso projeto, nós poderemos transmitir e levar para essas pessoas, no seu crescimento normal. Mas aqui, a direção é esta, não vamos agora aqui...

P: Mas sabe, nomeadamente, se esses alunos depois se convertem à religião católica, se permanecem na religião dos pais...?

R: Sinceramente, não sei e não estou preocupado. Não vou para esse tipo de linha. Interessa-nos que os alunos que saiam daqui, saiam com uma boa formação humana e com uma boa formação espiritual e religiosa e, depois, que a utilizem no seu dia-a-dia, nos seus contextos, que são diferentes. Não estou, sinceramente, volto a dizer, minimamente preocupado com conversões para um lado ou para outro. Não é esse, não é minimamente o nosso objetivo, não. Absolutamente. Eventualmente, terá sido, terá feito parte de uma época, não é essa. Não é a nossa perspetiva. A ideia é mesmo aproveitar aquilo que a Escola pode transmitir de positivo.

b) - À liberdade de associação?

R: Sim, no que diz respeito à liberdade de associação, se calhar aquilo que é mais visível é a Associação de Estudantes, a Associação de Alunos. Todos os anos, nós temos Associação de Alunos e isto se calhar, já diz bastante do que é a dinâmica desta Escola. Existe a Associação e existem sempre listas muito interessadas, existe mobilização, as campanhas, as votações, as eleições bastante concorridas, independentemente, depois, de haver turmas que participam mais ou menos, enfim, tudo isso e existe, eu acho que um trabalhão, posso dizer, ao longo destes anos todos de casa, que o trabalho que foi realizado com as Associações de Alunos, foi sempre um trabalho de muita proximidade e de muita colaboração entre a Direção da Escola e as Associações de Alunos. Posso dizê-lo agora, em jeito de balanço, que tem sido muito positivo. Para além disso, eles participam, como eu já referi, no Conselho Pedagógico, fazem parte do Conselho Pedagógico e depois existe... neste caso era mais a incumbência do Vice-Diretor, a relação mais direta com o Presidente da Associação de Alunos, tem a ver com os projetos, porque eles desenvolvem muitos projetos e festas que organizam e colaboração frequente e isto acontece duma forma muito natural.

P: Depois têm os outros grupos da associação, também, desportiva?

R: Sim, exatamente, as várias associações, os movimentos e as próprias lideranças, se quisermos, das turmas, delegados, eventualmente, que entrarão por aí.

P: Têm toda essa liberdade.

R: Sim, sim.

c) - À privacidade?

R: Eu espero que sim. Eu acho que aquilo que...

P: Nomeadamente, os seus dados pessoais...

R: É isso que é do mais... poderia dizer do mais sagrado que a pessoa tem, o seu direito à privacidade. Nós temos muito este cuidado com o enquadramento, com os dados pessoais, familiares, a questão até da utilização das próprias fotos, etc., tudo isto é com muito cuidado que é feito. E nós, por exemplo, não se facilita, não se entregam dados quando são solicitados, referentes a alunos ou famílias, sem uma autorização prévia dos Encarregados de Educação.

d) - À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado?

R: Sim, eu penso que, também, é uma das funções das regras, como eu referi há pouco. As regras têm que servir para alguma coisa e penso que aquilo que, se calhar, é essencial, é aquilo que acaba de perguntar, não é? As regras existem para que haja um ambiente em que as pessoas se sintam bem, se sintam seguras, se sintam respeitadas e que não sejam vítimas de violências, etc. Agora, como se sabe, num universo grande, é óbvio que há muitos tipos, se quisermos, de violência, se calhar simbólicas, físicas, se calhar são aquelas mais visíveis e são as mais fáceis de resolver. Agora, hoje em dia, com as tecnologias à disposição, internet, telemóveis, etc., há, acredito, muita facilidade em fazer determinado tipo de pressões entre colegas e isso já ultrapassa a própria Escola, quantas vezes, não é?

P: Mas em termos de regras em si, que existem na Escola, elas respeitam esse direito, não só em termos preventivos, de formação da personalidade deles, como também repressivos, caso algum viole as regras?

R: É esse o objetivo principal da existência das regras, é para que os alunos se sintam bem e se sintam seguros, não haja este tipo de situações em que toda a gente faz o que quer, sem ser penalizado. Porque, quando as pessoas sabem que ao cometerem determinado tipo de atos, se eles forem negativos e se prejudicarem outros, há

penalizações, há punições, é evidente que as pessoas têm que pensar bem naquilo que vão fazer.

P: E os professores e a Escola estão bem atentos a essas ações e não permitem que haja...

R: Estão. Este é um papel se calhar mais do Diretor de Turma. Isto acontece...

P: Mas, também, na sala de aula?

R: E na sala de aula, claro! Com os alunos, por isso que eu saiba, não há esse tipo de problemas dentro da sala de aula.

e) - À sua identidade, cultura e língua?

R: Sim e eu já referi isto, atrás. A cultura e a identidade cultural devem ser valorizadas. Nós, a questão da língua, como eu referi, é relativamente escasso o grupo com outro tipo de língua...

P: Mas têm alunos que não falam português?

R: Não, temos alunos com mais dificuldade na expressão, eventualmente, porque nasceram fora, mas os alunos falam todos... a língua base é o português, como é óbvio.

P: Mas relativamente a esses alunos, têm algumas medidas para ajudá-los a ultrapassar essas dificuldades?

R: Temos. São medidas muito concretas e muito diretas ao aluno ou aos alunos.

P: A nível da turma, nas tutorias...

R: De apoio, no reforço das aprendizagens da língua. Mas é um bocadinho como motor para avançar. Mas são alunos que... eu recordo aí alguns, enfim, que nasceram no estrangeiro, mas cujos pais são portugueses, à partida não têm esse tipo de problemas.

f) - À inclusão social e à reintegração?

R: Penso que sim.

P: Também não têm grandes problemas...

R: Não temos. No dia-a-dia, o ambiente é este. A ideia “reintegração”...

P: Às vezes, alunos que tivessem problemas de comportamento e familiares, que fosse necessário...

R: Nesse aspeto, sim. É evidente que se faz todo um trabalho para que os alunos consigam alguma estabilidade, alguma pacificação e sobretudo no que diz respeito a contextos familiares muito concretos. Penso que até já referi, atrás, se os alunos têm dificuldades, se estão num momento difícil, mas que realmente também tenham o seu papel de tentar melhorar, juntamente com a Escola, isso é evidente que a Escola vai fazer tudo para que os alunos não sejam colocados fora e não entrem em situações de eventual marginalidade, etc. Essa é a ideia, desde que, naturalmente, façam, também, a sua parte, isso é que é importante, não é?

59 - Na sua opinião, os alunos são tratados com respeito e correção, pelos elementos da comunidade escolar?

R: Eu penso que sim. Se assim não acontecesse, estaríamos mal. Mas eu já referi, também, que aquilo que para mim é mais importante é o respeito para com as pessoas e é, também, aquilo que eu mais vezes repito junto dos professores e dos funcionários, nas reuniões gerais, nas formações, é sempre a insistir nesta tecla: nós queremos que os alunos nos respeitem, mas não podemos esquecer que nós temos que respeitar os alunos. Não vale a pena. Se nós não respeitamos os alunos, não podemos depois exigir que os alunos nos respeitem. E eu volto a dizer e muitas vezes, se calhar na Escola e na Escola em geral é este o problema. Muitas vezes o adulto começa, avança, porque tem, de certa forma, um estatuto superior, avança, tudo é válido. De repente, quando o aluno lhe devolve essa falta de respeito, aí começa a haver choque. Mas eu acho que aqui, assim à partida, não existe esse problema. Mas é o essencial. Eu acho que é aqui o centro daquilo que são as dinâmicas, que têm a ver com a educação.

60 - Existem algumas participações dos alunos por terem sido tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar?

R: Naturalmente não são os alunos. Normalmente, são os pais que se queixam numa outra situação e quando o fazem, ou reportam imediatamente ao Diretor de Turma, ao Coordenador ou ao Diretor. E numa outra circunstância, existe uma carta, uma queixa porque aconteceu isto e isto. E a Escola, perante isto, vai imediatamente averiguar e vai tratar do assunto, pelo menos resposta dá e vai verificar o que é que se passa.

P: Essas situações, essas queixas, reportam-se a comportamentos de outros alunos, funcionários, professores, ou...?

R: Eventualmente, haverá de tudo, mas são situações, aquelas que eu conheço, e como digo, eu conheço minimamente a dinâmica da Escola porque mesmo aquilo que não me vem diretamente para eu solucionar, para intervir, porque entretanto já foi tratado noutras instâncias, mesmo assim todas essas informações me são transmitidas pelos Diretores de Turma, sobretudo, pelos Coordenadores de Ciclo: “Aconteceu isto, chamámos os pais, tratámos e o assunto foi resolvido”, ou não; se não foi, vai passar para mim. São situações, felizmente, escassas, mas elas existem e isso faz parte...

P: Da sociedade.

R: E muitas vezes, volto a dizer, estas situações são muitas vezes mal-entendidos, porque é o aluno que chega a casa e dá a sua versão e a versão pode, eventualmente, não coincidir com aquilo que foi a realidade. Mas existem situações dessas.

61 - Tem notícia do uso de violência por parte de professores ou de funcionários sobre alunos?

R: Sinceramente, não, porque se tivesse, teria que atuar imediatamente. Não, não me parece.

62 - Têm ocorrido situações de violência entre alunos, na Escola?

R: Na Escola, não, que eu tenha conhecimento. Sei que, depois há situações, sobretudo em alunos mais velhos, por outro tipo de relações, eventualmente até relações amorosas e começa... ali, a certa altura pode haver conflitos entre eles e depois utilizam este tipo de situações de ameaças, que podem... físicas, não tenho conhecimento. Mas há eventualmente ameaças psicológicas através, utilizando os tais meios que eu referi atrás.

P: Isso existe, tem conhecimento, pelo menos alunos que se tenham queixado de existirem essas situações.

R: Vai-me chegando uma ou outra informação de situações que acontecem lá fora, muitas vezes, e que têm a ver muitas vezes com isto. Não é nas relações normais de Escola, não é no que diz respeito à Escola, mas é no que concerne, essencialmente, depois, outro tipo de relacionamentos.

P: Nas dinâmicas entre eles?

R: Nas dinâmicas deles, de jovens e isso pode acontecer. Agora, digo isto... uma ou outra situação que eu ouço mas que, de certa forma, me ultrapassa.

63 - E situações de vandalismo?

R: Não, sinceramente não, porque nós como atuamos diretamente, por exemplo, nas mesas de sala de aula, nós sabemos quais são as mesas, a quem pertencem; para além disso, tudo isto é trabalhado...

P: Mas riscam ou partem...?

R: Não, por isso é que eu digo que praticamente não existe. Pode haver... é evidente que há sempre um ou outra tentativa, uma ou outra situação, esporádica, mas vandalismo nesta Escola, felizmente não existe.

P: A questão era como têm sido resolvidas essas situações, tanto de violência como de vandalismo mas, uma vez que elas não são...

R: Não, sinceramente não existem. Respeita-se... porque isto também tem a ver um bocadinho com... o facto de os alunos terem a sua sala de aula, a sua carteira, os seus espaços, eu acho que faz com que eles tenham uma conceção diferente, que é “isto é meu, isto não é de todos, isto é meu”.

P: Eles têm aulas sempre na mesma sala?

R: Têm a mesma sala e só partilham outros espaços, de Educação Física, de Artes, etc., mas têm a sua sala e a sua carteira.

64 – Como têm resolvido essas situações?

P: Mas mesmo naquela situação de violência, portanto, violência física não tem conhecimento que ela exista, a violência de coação moral, aí a Escola tem atuado de alguma maneira?

R: Se for alguma coisa que aconteça aqui dentro da Escola e que seja do nosso conhecimento, nós atuamos imediatamente. Agora, aquilo que já ultrapassa a própria Escola...

P: Mas têm atuado a nível disciplinar, provavelmente.

R: Sim, se acontecer aqui...

P: Mas já tem acontecido? É uma coisa natural.

R: Sim, de vez em quando acontece, naturalmente que há a ação disciplinar. Isso é óbvio.

65 - A Escola tem algum plano com medidas de prevenção contra a violência?

R: Não tem específico, porque também não tem necessidade. Felizmente, não.

66 - A escola desenvolve iniciativas para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos?

R: Sim, por exemplo, nós estamos já em julho, não é? As aulas terminaram já há alguns dias e os alunos que quiseram, cujos pais quiseram que os alunos continuassem, têm por exemplo, todo um tempo de ocupação dos tempos livres, agora, nesta altura, com atividades diversas, a nível cultural, a nível das artes, passeios, praia, etc. Há esta possibilidade.

P: Até que nível de ensino, Irmão?

R: Todos os níveis de ensino.

P: Mesmo o secundário pode participar?

R: Mesmo o secundário, se quiserem. Normalmente, o secundário já não entra muito nisto, já tem outro tipo... Mas isto está aberto a todos, desde que haja, nas atividades, um mínimo de alunos inscritos para que a atividade possa desenvolver-se.

P: E durante o tempo de aulas?

R: Durante o tempo de aulas, é essencialmente com estas atividades extracurriculares, a nível desportivo, cultural, escola de música, teatro, danças, natação, todo o tipo de atividades que existem, para além das aulas normais.

P: Que os alunos podem frequentar?

R: Exatamente, porque esta Escola está aberta de manhã à noite, todo o dia, para que se possam desenvolver estas atividades.

67 - Os alunos também organizam esse tipo de iniciativas?

R: Normalmente, isto não entra no âmbito da organização dos alunos, a não ser a Associação de Alunos que sugere uma ou outra coisa e alguma atividade específica, mas, essencialmente, não é do âmbito dos alunos, a organização deste tipo de atividades.

68 - Os Serviços de Psicologia e Orientação Escolar e Vocacional desenvolvem ações ou têm medidas de apoio aos alunos dentro do âmbito da sua área de atividade?

R: Sim, o Gabinete de Psicologia que existe tem um papel muito importante nesta Escola.

P: Que tipo de ações e que medidas é que eles desenvolvem?

R: Várias. Primeiro, o acompanhamento pessoal dos alunos que o necessitam, o Gabinete de Psicologia está, ao longo do ano. Cada ciclo tem um psicólogo, para atender os alunos desse ciclo. Depois, participa nas dinâmicas, por exemplo, de turma. Se existe uma turma que está, em termos de relacionamentos ali um bocado complicada, é solicitada a intervenção do Gabinete de Psicologia, que vai trabalhar isto com o Diretor de Turma e utiliza, por exemplo, a aula de Formação Humana, ministrada pelo Diretor de Turma e então é nessa aula que estas dinâmicas se podem desenvolver e se desenvolvem, juntamente com o Gabinete de Psicologia. Este é um exemplo. Para além disso, no nono ano, há todo um trabalho do Gabinete de Psicologia diretamente e especificamente para ajudar os alunos nas suas escolhas das áreas de secundário e de futuro e isto com um projeto com tempos marcados.

P: Onde vão todos os alunos?

R: Todos os alunos. Todos os alunos de nono ano têm esta possibilidade, esta possibilidade não, esta realidade de serem acompanhados pelo Gabinete de Psicologia, sobretudo dentro deste âmbito que eu referi.

69 - Existem outras atividades e medidas de apoio aos alunos, desenvolvidas pela Escola?

R: Não sei, assim em concreto. Já falei do papel dos pais, doutras entidades, eventualmente já falei de parcerias, de instituições, doutro tipo de projetos, de formas, mais do que isso...

P: Tem também... os professores, as tutorias, também acompanham o aluno a ensinar a estudar, a acompanhá-lo nos seus problemas pessoais.

R: Exatamente.

70 - Quais os meios de que a Escola dispõe, de forma a garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares?

R: Temos essencialmente o Gabinete Médico. Este é o específico, o Gabinete Médico. Qualquer situação que aconteça a um aluno, dentro ou fora da sala de aula, um acidente, o aluno que começa a sentir-se pior, maldisposto, com dor de cabeça, etc., aquelas situações mais anormais, até essas, um bocadinho mais extremas, uma lesão numa aula de Educação Física ou no recreio, imediatamente é o Gabinete Médico que intervém; nós temos sempre aí enfermeiras, os pais têm seguro, se for necessário, envia-se para a clínica respetiva ou para o hospital, mas isso sempre mediante uma observação do Gabinete Médico.

P: Que têm sempre, durante o horário escolar e, também, agora nesta altura, que não há aulas, não é? Eu passei por lá e está aberto, e está lá uma enfermeira.

R: Exatamente, de manhã à noite, e faz toda esta... primeiro, as situações normais, trata delas, são situações normais; situações mais extraordinárias...

P: Que necessitem de outros cuidados?

R: Exatamente, encaminha o aluno...

P: Ou chama a ambulância, os pais, não é?

R: Faz de certa forma a triagem e depois... avisa sempre os pais quando isto acontece, a primeira coisa é avisar o Encarregado de Educação e depois tomar-se a decisão melhor.

71 - Na sua opinião, esses meios são eficazes e os necessários para garantir a assistência pronta aos alunos?

R: Sim. Claramente, a minha experiência é essa. Tem sido extremamente positiva e dá tranquilidade a toda a comunidade educativa e sobretudo aos pais, imagino, mas mesmo para nós, eu próprio se tenho alguma indisposição, qualquer coisa, não tenho qualquer hesitação em ir ter ao Gabinete Médico, uma dor de cabeça, ou qualquer coisa assim.

P: E os professores também?

R: Os professores, a mesma coisa. Para toda a gente, está aberto para isso.

72 - Os métodos de ensino-aprendizagem utilizados pelos professores permitem aos alunos terem um papel ativo?

R: Sim, cada vez mais e já referi, por exemplo, com a utilização dos meios informáticos que temos, as novas tecnologias, isto reverte em favor dos alunos, sobretudo do seu maior protagonismo e da maior dinamização e dinâmica das próprias aprendizagens. Claramente um dos méritos, também, destas novas tecnologias tem a ver com o facto de o aluno passar a ser muito mais protagonista do que há uns bons anos atrás.

73 - Os alunos são informados sobre o plano do seu curso, o programa e os objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação?

R: Sim, primeiro nos inícios de ciclos e no início do ano, os pais... existem reuniões imediatas com os pais e o Coordenador de Ciclo com os respetivos professores faz uma apresentação para todos os pais, os currículos, os programas das diversas disciplinas. Isto todos os anos, no início de cada ano letivo acontece. Ou seja, começa logo a informação para os pais. Na primeira aula do Diretor de Turma com os alunos, explica, é a apresentação dos horários, o calendário, tudo aquilo que tem a ver depois com o ano letivo, etc. e depois os professores, também, na primeira aula, como é óbvio, apresentam. Tudo o resto, os critérios, o programa e os objetivos, são explicados e estão...

P: Pelo próprio professor?

R: Sim. E estão sempre disponíveis para os alunos e para os Encarregados de Educação. O Encarregado de Educação, se tem dúvidas sobre critérios de avaliação, sobre programas, requisita imediatamente nos nossos serviços do Centro de Recursos e tem acesso imediato.

P: Também os programas das disciplinas, está lá tudo disponível.

R: Tudo.

74 - Os alunos entendem a informação que lhes é dada?

R: Uns mais do que outros, se calhar, mas eu acho que, à partida, acho que sim, acho que a informação é entendível e quando não entenderem, têm todo o direito e o dever de pedirem para serem melhor esclarecidos.

75 - Os alunos são informados sobre as matrículas, sobre direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos?

R: Eu acho que este papel é essencialmente dos pais. Se os alunos são informados, isso depois já depende, também, dos pais, mas tudo o que tenha a ver com matrículas e com abonos de família, toda esta informação é solicitada aos pais.

P: É transmitida aos pais.

R: Transmitida, é transmitida, peço desculpa, é transmitida aos pais, são os pais que são os principais responsáveis por esta área.

P: Isto é feito como? Algumas circulares que são enviadas aos pais...?

R: Por exemplo, as matrículas, é enviada uma circular e é colocada na página da internet e eles... Em concreto, as matrículas foram realizadas na semana passada, de acordo com um calendário, toda a informação foi colocada... e foi feita. São os pais que vêm, fazem as matrículas e se responsabilizam. Toda a outra parte, abonos, etc., isso é uma área com os Serviços Administrativos e os Serviços Administrativos têm o seu programa e toda a informação extraordinária é colocada, ou através de circular ou através das informações que vão sendo colocadas na nossa página na internet.

76 - São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola?

R: São. Para além daquilo que está no Regulamento Interno, existem regulamentos próprios de setores. Por exemplo, o ginásio tem um regulamento próprio, o pavilhão, os laboratórios têm regulamentos próprios, a escola de música tem regulamento e isto é dado a conhecer aos alunos.

P: Pelos professores?

R: Pelos professores, pelos responsáveis e existem em concreto, esses regulamentos até estão afixados.

77 - São dadas a conhecer aos alunos as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, os Laboratórios, o Refeitório e o Bar?

R: É exatamente isso. Está afixado no Regulamento Interno.

P: É-lhes dada essa informação?

R: É tudo colocado.

78 - Os alunos participam na eleição para os órgãos, cargos e outras funções de representação dos órgãos da Escola?

R: Os alunos participam na eleição dos representantes da Associação de Alunos e participam na eleição dos seus colegas, delegados de turma, dos vários âmbitos que já foram referidos. Penso que é essencialmente a participação deles.

P: E na eleição para o Conselho Geral e para o Pedagógico?

R: Não, aí não faz parte, não são incumbências dos alunos.

P: Mas já têm o Conselho Geral, a antiga Assembleia de Escola?

R: Não, nós como Escola particular, isso não existe. Nós temos o Conselho de Direção, Conselho de Coordenadores, Conselho Pedagógico e depois os departamentos das disciplinas, mas não temos esse...

P: Não têm o equivalente à Assembleia, que atualmente é o Conselho Geral.

R: Não, aqui não há.

P: E no Pedagógico? Mas no Pedagógico os alunos têm assento?

R: É o Presidente da Associação de Alunos que tem assento direto.

P: É por inerência?

R: Por inerência, exatamente. Ou seja, têm assento no Conselho Pedagógico, os delegados das disciplinas, têm os Coordenadores de Ciclos, o Presidente da Associação de Pais e o Presidente da Associação de Alunos, por inerência.

P: Todos os alunos votam para eleger a lista para a Associação de Estudantes, não é, e o seu respetivo presidente? Todos eles podem votar para...

R: A partir do quinto ano.

P: E, depois, o Presidente da Associação de Estudantes é por inerência membro do Conselho Pedagógico?

R: Exatamente, é exatamente isso.

P: O sistema é diferente.

R: É. É exatamente isso.

P: Estava a fazer-me confusão, mas agora já percebi.

R: É exatamente isso.

79- Os alunos eleitos para esses órgãos participam nas atividades inerentes a esses órgãos/cargos?

R: Sim, eu o que vejo ao longo destes anos, claro que há Associações de Alunos mais dinâmicas do que outras, há presidentes diferentes, mas a minha experiência é essa: o Presidente da Associação de Alunos no Conselho Pedagógico participa, ouve, colabora, é-lhe solicitada, de vez em quando, também, alguma informação, eu próprio como Presidente do Conselho Pedagógico, de vez em quando, solicito-lhe, “Há alguma coisa a referir da parte da Associação, da parte dos alunos”, qual é um bocadinho a perceção, também, de vez em quando, é-lhe solicitado um bocadinho a versão como Presidente da Associação de Alunos sobre as coisas, o dia-a-dia da própria Escola. Faz parte.

P: Mas esse, o Presidente, pode ser de qualquer ciclo de ensino, quer dizer, eles votam a partir do quinto ano, para a Associação de Estudantes e pode depois ser eleito o aluno de qualquer nível de ensino, ou só do secundário?

R: Habitualmente e a prática é essa, é sempre do secundário.

P: É mais velho...

R: Faz parte. E são os do secundário que normalmente se dinamizam, que lá vão colocando na lista como colaboradores essencialmente, também, alunos um bocadinho mais novos, mas, isto é, podemos dizer se calhar culturalmente até, acaba por ser natural e normal serem os alunos do secundário.

80 – É-lhes dada toda a informação adequada, para eles poderem contribuir de uma forma eficaz, nos processos decisórios dentro da Escola?

R: Sim. O Presidente da Associação de Alunos recebe toda a informação que todos os outros elementos do Conselho Pedagógico recebem, ou seja, recebe a ata da reunião anterior, recebe a convocatória para a reunião, e toda a documentação que é distribuída durante a reunião, no Conselho Pedagógico, também lhe é distribuída a ele.

P: Portanto, ele tem toda a informação como os outros membros...

R: Igual. Está exatamente ao mesmo nível, se quisermos até do Diretor e dos outros professores que estão lá e Coordenadores. Toda essa informação é fornecida.

81 - A opinião dos alunos é tida em consideração nas decisões que são tomadas?

R: Isso depende, também, daquilo que, em concreto, for apresentado. Nós ouvimos, e também quero dizer que muitas outras coisas ultrapassam a própria reunião do Conselho Pedagógico. Como eu referi, as dinâmicas da Associação de Alunos são, se calhar, diárias e aquilo que vai sendo transmitido e solicitações para isto e para aquilo, é algo que acontece numa relação direta, neste caso com o Vice-Diretor, no qual eu deleguei essa competência da Associação, de ter a relação mais direta com a Associação de Alunos, por isso não é só... o Conselho Pedagógico é a representação, de certa forma, mas as dinâmicas normais, habituais do dia-a-dia ultrapassam o Conselho Pedagógico e há sempre, como digo, uma referência, uma pessoa a quem se dirigem os alunos e, neste caso, o representante dos alunos, que é o Vice-Diretor.

P: Como é que se faz essa interligação com o Presidente? Ele necessita dar uma opinião, participar numa decisão. Depois como é que se faz essa interligação do Presidente com os alunos? Há reuniões entre delegados de turma? Há assembleia de delegados?

R: Não, é essencialmente a Associação de Alunos, que tem uma direção, uma mesa da assembleia, tem um conselho fiscal, etc. e eles fazem as suas reuniões normais, nós aí não entramos, eles têm autonomia para dinamizarem a sua Associação.

P: Mas, também, há a Assembleia de Delegados, ou não há?

R: Os delegados de turma fazem parte de dinâmicas diferentes. A Associação de Alunos é composta pelos alunos que concorreram nessa mesma lista e que ganharam. Depois, a ligação, é evidente que eles depois podem e é normal que façam e que consultem os

delegados e que tenham esse tipo de dinâmicas, mas como há autonomia, isso já depende de cada Associação.

P: Mas a Assembleia de Delegados tem depois alguma ligação, alguma comunicação com a Direção?

R: Diretamente, não tem. Formalmente. Informalmente...

P: Então, depois a Assembleia de Delegados faz alguma ligação com alguma estrutura intermédia da Escola, ou não?

R: Não, diretamente, não. Estamos a falar de delegados das turmas, não é isso?

P: Exatamente.

R: Não, isso normalmente é uma dinâmica que acontece com a turma e o respetivo Diretor de Turma e aí será... esse é o papel do Diretor de Turma, que passa à Coordenação e eventualmente à Direção. Mas isso já é, é algo que acontece em ligação com o Diretor de Turma.

82 - Os alunos participam na gestão da Escola?

R: Eu diria assim: não, gestão, não, como é óbvio. Para isso é que existe uma Direção.

83 - Os alunos participam na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola? E acompanham a sua execução? De que modo?

R: Sim, participam neste sentido: neste momento, por exemplo, a atualização destes dois documentos vai ser feita e já estamos na fase de consulta, de solicitação de ideias, de informações, estamos nesta fase de recolha, não é? E, claramente, a Associação de Alunos já foi contactada e pode colaborar e deve colaborar e, no final, faz parte...

P: Portanto, é através da Associação de Alunos que fazem essa participação?

R: Sim, sim.

P: E depois, acompanham a sua execução?

R: Os alunos?

P: A execução do Projeto Educativo e do Regulamento Interno. De que modo?

R: Neste momento, como eu referi, está a decorrer este tempo de recolha de ideias, depois a secção de formação vai juntar tudo isto, juntando, também, um bocadinho

algumas coisas da Direção, que nós, por exemplo, já tratamos, há assuntos em concreto... por exemplo, já estive a verificar, há um ou outro artigo que vai ser abolido, porque entretanto as coisas modificaram-se, vai haver um ou outro item que vai ser acrescentado, e isto por iniciativa da própria Direção, porque faz parte desta dinâmica.

P: E a estrutura dos órgãos mantém-se?

R: Mantém-se, exatamente. E isto vai sendo... Entretanto, recolhe-se tudo isto e a seção de formação irá elaborar a atualização. Este documento vai, também, ao Conselho Pedagógico, o Conselho Pedagógico pronuncia-se, e voltamos, como o Conselho Pedagógico representa os vários âmbitos da Escola...

P: Entre os quais o Presidente da Associação.

R: Os alunos, o Presidente da Associação de Alunos e de Pais, etc. e depois será aprovado definitivamente, depois de todas estas trocas de impressões, estas modificações, atualizações.

84 - É costume os alunos apresentarem críticas relativas ao funcionamento da Escola e apresentarem sugestões alternativas?

R: Sim, é comum e sobretudo junto dos professores e dos Diretores de Turma, que são os que estão mais no dia-a-dia. Para mim, se quiser – ah, e a Associação de Alunos também apresenta, como é óbvio. No dia-a-dia, os alunos, é evidente, dependem muito da relação que têm com as pessoas mas eu, em concreto, posso dar isto como experiência: na minha relação com os alunos, nos recreios, etc., de vez em quando, dão umas sugestões e fazem umas críticas, porque tem a ver um bocadinho com o à-vontade, algum à-vontade que têm nesta relação e algumas coisas são sérias, outras coisas são em forma de brincadeira, de desafio, mas isto faz parte do dia-a-dia.

P: Mas eles não fazem só críticas, também apresentam sugestões alternativas?

R: Sim, sugestões e quando falamos em críticas, às vezes são as tais críticas daquelas assim em jeito de brincadeira, “Por que é que nós não podemos sair, por que é que nós não podemos ter mais férias” – quantas vezes! – “por que é que as férias só são estes dias?”, aquelas coisas do dia-a-dia. Mas, acredito eu, que aquilo que é, o que são mais as suas dificuldades, as suas sugestões, etc., são feitas diretamente, sobretudo, junto do Diretor de Turma.

85 - Quando os alunos apresentam sugestões alternativas, elas são tomadas em consideração pelos órgãos de gestão?

R: Quando elas vêm e são sérias e são válidas, é evidente que não se deixam cair, sobretudo através da Associação de Alunos.

86 - Nesta Escola, existe a prática dos professores, diretores de turma e dos órgãos de administração e gestão ouvirem os alunos em todos os assuntos que lhes digam respeito?

R: Tanto quanto ... diálogo existe, abertura existe, os momentos existem, desde os informais, que são os de recreio, informal, até às aulas, insisto muito nisto, às aulas com o Diretor de Turma e, de vez em quando, até uma ou outra carta que me chega com uma sugestão e através da Associação de Alunos, se tiver algum sentido, algum cabimento, naturalmente que eles são ouvidos, são levados em consideração.

P: Mas, por exemplo, naquelas decisões que são tomadas não só pela Direção da Escola como, também, pelos Diretores de Turma e pelos alunos, se a opinião deles... se eles são ouvidos? Se querem saber a opinião deles?

R: Eles são ouvidos em contextos muito particulares, como eu digo, nos documentos e em situações de algum projeto, de alguma dinâmica especial, agora no dia-a-dia, a gestão pertence à Direção, as dinâmicas dos ciclos pertencem à Coordenação, as turmas são da responsabilidade do seu Diretor de Turma, as disciplinas, dos seus professores. De certa forma, eu acho que existem aqui patamares enfim, não é uma Escola em que toda a gente manda, sugestões podem dá-las, mas efetivamente depois, a responsabilidade depende dos diversos órgãos.

87 - Os alunos participam na planificação das matérias dadas? De que modo?

R. Não.

88 - Os alunos participam no seu processo de avaliação?

R: Fazem sempre a autoavaliação, isso faz parte do processo normal. No final de cada período, os professores solicitam a autoavaliação do aluno e registam a autoavaliação e eu conheço perfeitamente nas reuniões de avaliação, quando se discutem as notas, etc. e eu... muitas vezes, “o aluno autoavaliou-se neste nível”, falamos um bocadinho até

daquilo que os professores dialogam e a dinâmica que têm com os alunos no que diz respeito à avaliação em concreto. Isso sim, isso posso dizer que acontece.

89 - Os alunos podem apresentar listas para a Associação de Estudantes/Alunos? É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres, como membros da Associação?

R: Sim, claramente, podem e fazem...

P: A partir do quinto ano, não é?

R: A partir do quinto ano. Fazem e nunca houve, nestes anos todos, falta de listas de concorrentes.

P: É-lhes assegurado o exercício dos seus direitos e deveres, como membros da Associação?

R: Sim, isso, como digo, existe um regulamento feito para tudo isto, um regulamento que refere como é que as listas podem ser criadas, quem é que se pode candidatar, os prazos, as regras, os dias de campanha, as eleições, repetição de eleições se não houver maioria, essas coisas todas, está tudo regulamentado.

P: E mesmo no Regulamento Interno, portanto as atividades, a participação no Pedagógico e tudo isso é-lhes assegurado, eles têm liberdade para exercer os seus direitos dentro daquilo que...

R: Que está estipulado. Sim, sim.

P: Muito bem, terminou. Muito obrigada.

ANEXO XI - Categorização da Entrevista ao Diretor da Escola Privada

| CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR DA ESCOLA PRIVADA | |
|--|---|
| CATEGORIA: PRINCÍPIOS GERAIS | |
| Subcategoria: Categorização da Escola | |
| Unidades de registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none">• “ Há aqui, sobretudo, dois aspetos que são importantes. Um ao nível mais humano, que tem a ver com os valores e uma parte com uma dimensão religiosa. São estas duas dimensões que nós valorizamos.• “ Antes de mais, os alunos como pessoas e depois, a segunda perspetiva, como pessoas, mas com algo que tem a ver com a transcendência.”• “ Antes de mais, há uma preocupação com a pessoa que é o aluno no seu todo, como pessoa, no seu enquadramento familiar, social e escolar. Isto tem a ver essencialmente, com a pessoa em si.”• “ Há também uma outra preocupação que tem a ver com o desempenho escolar do aluno”• “ se calhar o enquadramento da escola, também, perante os principais clientes que são as famílias e perante a sociedade portuguesa.”• “ Antes de mais, é óbvio que o currículo do professor, | <ul style="list-style-type: none">• Princípios subjacentes à ação educativa da Escola (8)• Preocupações do Diretor da Escola, por ordem decrescente (9)• Perfil do professor da |

| | |
|---|--------------------|
| <p>em termos formativos e profissionais é importante. Eu acho que a base será essa.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Seleccionamos professores que tenham, ao nível da formação de base para a disciplina, uma boa formação, e aí consideramos, também, as próprias instituições que contribuíram para essa formação.”• “ Depois, a experiência profissional.”• “ acho que tem de haver um equilíbrio; penso que qualquer escola tem esta preocupação, quando contrata um professor. Por um lado, não é conveniente que o professor contratado esteja em final de carreira, quando tem já o seu projeto educativo praticamente concluído, nem o contrário é propriamente o ideal, contratar um professor sem qualquer tipo de experiência.”• “ interessa-nos que seja uma pessoa relativamente jovem, mas já com alguma experiência profissional.”• “ em alguns casos, contratamos professores em início de carreira, porque não têm culpa por não terem experiência e em nenhuma instituição a têm. Daí que haja depois, também, um tempo de experimentação e de avaliação e depois passará a efetivo a partir do momento em que considerarmos todo um percurso e de o avaliarmos e se o desempenho for amplamente positivo.”• “ Estamos a falar no perfil, estamos a falar da parte de base, de formação.”• “ Há um aspeto humano e o aspeto que tem a ver, também, com os valores em que o professor acredita e com os quais se identifica. Aqui entra, por exemplo, a questão da dimensão social, o voluntariado, a | <p>Escola (10)</p> |
|---|--------------------|

| | |
|---|--|
| <p>participação noutra tipo de atividades, para além das atividades escolares, que é importante, também, para se conseguir um equilíbrio maior, e depois, também, a participação, como escola privada e católica, em projetos que tenham a ver com esta dimensão religiosa.”</p> <ul style="list-style-type: none">• Nós temos no Projeto Educativo alguns elementos, alguns pontos elencados, sobre este ponto: o perfil do aluno;”• “ mas é o perfil no final de cada ciclo, por assim dizer; ou seja, nos três anos”• “ não temos propriamente um perfil para o aluno, mas no final da primeira etapa, por exemplo, no pré-escolar e depois no primeiro ciclo e no segundo ciclo, já temos alguns níveis que queremos avaliar sob o ponto de vista do crescimento durante essa etapa.”• “ No fundo, o perfil tem a ver um pouco com o seguinte: queremos que o aluno faça o seu trabalho, ou seja, o aluno tem que perceber que tem uma tarefa a cumprir, de acordo com as etapas, como é óbvio, que tem responsabilidades, que a tarefa que lhe compete cumprir, é uma tarefa séria, tem exigências, implica esforço, aplicação – isso ao nível académico e isto é importante”• “ mas depois, também nos interessa que haja outro tipo de preocupações, que é a questão da solidariedade, da colaboração com os colegas, a interajuda, o convívio, o relacionamento com os elementos da turma, mas também dentro do próprio ciclo e da própria escola e que, também, entre dentro deste projeto formativo que a | <ul style="list-style-type: none">• Perfil do aluno da Escola (11) |
|---|--|

| | |
|--|---|
| <p>Escola vai também ministrando e em que é que os próprios alunos, também, vão fazendo o seu percurso.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Aqui, para além do aspeto académico, há, também, o aspeto religioso, que é importante.”• “ Antes de mais, ela tem uma especificidade pelo facto de ter um Projeto Educativo muito concreto que lhe vem da própria entidade titular, patronal, da qual está dependente, por assim dizer.”• “ É uma forma de estar com algumas especificidades.”• “ Por exemplo, quando falamos da pedagogia da presença, é um traço que, para nós, é essencial: o relacionamento entre as pessoas, a pedagogia da presença do próprio educador, o estar com os alunos muito para além da sala de aula.”• “ Pode ser específico desta escola, eu acredito que há muitas outras escolas a fazer isso e, se calhar, melhor do que nós, mas é algo que faz parte do nosso Projeto e do nosso ideário.”• “ Depois tem a ver, também, com a população concreta que temos;”• “ naturalmente que traz algumas especificidades, a população, desde os alunos, os professores, funcionários, os próprios encarregados de educação. A Escola, com estes elementos todos, faz o seu trajeto.”• “ Tem uma cultura, que lhe vem de trás, mas que vai sempre continuando a partir da população que tem.”• “ Pretendemos que a Escola não seja, por um lado, uma | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização da Escola e sua distinção das demais escolas privadas/ públicas (12) |
|--|---|

Escola sem critérios e sem regras mas, por outro lado, queremos que haja uma certa heterogeneidade da própria população.”

- “ Se há alguma coisa que, de vez em quando, me referem alguns pais, é que dizem que o que apreciam nesta Escola, é o facto de conviverem alunos com histórias de vida diferentes, com contextos socioeconómicos diferentes e aparentemente, tudo leva a crer que se consegue este convívio com algum resultado, ou seja, não há uma discriminação a partir deste tipo de situações concretas, sociais e económicas, etc.”
- “ há aqui alunos com perfis, com personalidades e histórias de vida muito diferentes. Eu acho que isso, também, poderá ser considerado como algo, também, que nos caracteriza.”
- Com isto, não quero dizer que não haja outras escolas que o façam.”
- “ Ou seja, nós admitimos alunos que estejam dispostos a fazer um percurso, superando as suas próprias dificuldades, havendo alunos com muitas dificuldades, alunos com algumas dificuldades e alunos com bastante facilidade. Acho que se consegue conviver dentro disto.”
- “ Aquilo que nós tentamos é que se faça uma diferença entre os alunos que se esforçam, que cumprem bem as suas tarefas e aqueles alunos que não querem aplicar-se minimamente e não estão minimamente interessados na escola, por diversos fatores, uns próprios, outros familiares, etc. Mas damos oportunidades, até chegar a um certo limite, como é óbvio. “

- “ Falei de algumas coisas em que acho que se distingue, mas antes de mais depende da localização.”
- “ Aqui entram duas variáveis, por assim dizer. Há as pessoas que residem aqui na zona e há as pessoas que não residem, mas que trabalham por aqui.”
- “ Mas há muitas famílias que não fazem parte da freguesia. Há de outras freguesias, de Lisboa e até de fora de Lisboa. Há aqui uma certa variedade.”
- “ Há muita diversidade de profissões e muita diversidade de classes socioeconómicas, também.”
- “ O Projeto tem a ver com a doutrina da própria entidade, tem a ver com o trabalho que é feito com os professores e com os funcionários, tem a ver, também com a população”
- “ Eu também não conheço, ao pormenor, outras Escolas particulares, conheço-as minimamente, mas ao pormenor, aquilo que é específico, não.”
- “ No que diz respeito às escolas particulares, de cariz religioso, ou que estão ligadas, por exemplo, a congregações religiosas, naturalmente que há traços muito específicos que lhes vêm diretamente da própria congregação religiosa a que pertencem. E aqui poderá haver esta especificidade.”
- “ o nosso fundador resume a nossa missão educativa a uma frase muito simples: “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos.” Há aqui duas vertentes que são essenciais: a dimensão religiosa e a dimensão humana e social; o ser cidadão sério e responsável na própria sociedade, que é a tal expressão “formar virtuosos

| | |
|---|--|
| <p>cidadãos.” Se calhar aqui haverá alguma especificidade.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Cada vez mais há excelentes professores nas escolas públicas”• “ o que me parece que aqui pode falhar é o enquadramento, as lideranças, que me parece que neste momento é um trabalho que está a ser feito e acho que está já a ter alguns resultados a nível das lideranças”• “ mas é depois, também, as próprias responsabilidades e o próprio enquadramento. Quando o professor tem como missão única, ir ministrar a matéria da sua disciplina e acaba a sua tarefa, quando o professor, por exemplo, em muitos casos, tem que lecionar, mas depois tem de resolver os problemas disciplinares, e em muitos contextos eles são complicados, e quando, segundo a minha perspetiva, em muitos casos, o professor é deixado sozinho para resolver estas situações, penso que há aqui falhas, há aqui uma coisa diferente que é, o professor é que tem de resolver, quando numa instituição como a nossa, tudo isto tem hierarquias, mas há uma solidariedade institucional.”• “ Aquilo que acontece com um professor, não acontece unicamente com o professor e com a sua turma e num tempo concreto; tudo isto depois é reportado aos vários níveis: ao diretor de turma, ao coordenador de ciclo e, se for necessário, à Direção e ao Diretor. Penso que aqui há alguma diferença neste enquadramento.”• “ Eventualmente, os próprios meios de apoio, os gabinetes de psicologia, os gabinetes médicos, todas estas estruturas que existem em muitas escolas | |
|---|--|

particulares, se calhar em muitas escolas públicas, isto falha ... Tem a ver com estas estruturas e com estes recursos.”

- “ Eu acho que tudo isto faz com que, em determinadas situações, não se possa dar respostas concretas para as situações.”
- “ também há aqui um outro nível que é o das atividades para além das próprias aulas”
- “ Também neste campo penso que se tem feito bastante caminho e as escolas públicas estão a fazê-lo”
- “ sei que muitas pessoas que podem recorrer à escola particular recorrem, também, por este enquadramento: sabem que o aluno pode entrar às sete da manhã e sair às sete da tarde e estar sempre enquadrado, tem atividades desportivas, culturais, de âmbito musical, enfim várias atividades e estão todas integradas na mesma instituição. Acho que isto é um privilégio que, se calhar, faz a diferença.”
- “ Acho que há aqui diferenças de mentalidade e diferenças no que diz respeito à nossa forma de encarar a educação.”
- “ A educação é um assunto muito sério e eu acredito que a maior parte dos professores considera a educação como um assunto muito sério.”
- “ Mas a educação é de tal forma, que temos de saber que estamos a ajudar a preparar pessoas, que são os cidadãos, que vão ser, muitos deles, os responsáveis nos diversos campos, na sociedade.”
- “ E esta moda que infelizmente tem vindo a ser

| | |
|---|---|
| <p>transversal à própria sociedade, em que tudo é válido”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ regras, enfim... isso era no passado, isto não é nada atual, cumprir regras, ser sério, liberdade e libertinagem estarem bastante próximas, valores, nem pensar, isso não é da escola, isso cada família que resolva o assunto...”• “ Só que, alegadamente, defendendo uma neutralidade na educação, está a passar uma série de valores que eu diria que, se calhar, são contravalores e que trazem consequências sérias no nosso dia-a-dia e no nosso futuro.”• “ Eu acredito muito na missão da Escola e, por isso, cada Escola tem o seu projeto e os professores têm de estar integrados nesse projeto e por isso têm que o defender.”• “ Agora, se a Escola não tem propriamente um projeto ou um ideário, não sei que tipo de valores é que vai defender. E aqui poderá fazer alguma diferença.” • “ Antes de mais, há uma certa seleção de pessoas, como já referi. E, depois, há todo um percurso formativo que é feito.”• “ Nós temos uma secção de formação, que tem como incumbência programar toda a formação dos professores e dos funcionários. Existe um plano e tudo isto é avaliado.”• “ Existe um plano de formação interna.”• “ Internamente e pode ser com pessoas de cá de dentro | <ul style="list-style-type: none">• Ações realizadas para inculcar nos professores os valores subjacentes à ação educativa da Escola (13) |
|---|---|

e, em muitos casos, com convidados que nós trazemos e que, normalmente, são especialistas nestas matérias.”

- “ Temos um certo privilégio em conseguir trazer pessoas especializadas nos diversos âmbitos de formação;”
- “ nós temos uma parte da tarde de terça-feira reservada já para a formação ou para os diversos tipos de reuniões que são feitas. Por isso, isto faz parte de um plano.”
- “ Isto abrange muitas áreas, desde a parte académica, das matérias, a pedagogia, a educação em valores, a dimensão religiosa, a dimensão característica da instituição.”
- “ Trazemos pessoas ligadas à instituição, à congregação religiosa que, também, fazem esta formação.”
- “ Isto é feito com regularidade e fazendo cumprir um plano formativo que temos.”
- “ Os professores são obrigados a ir.”
- “ Quando falamos em professores, também falamos em funcionários.”
- “ Enquanto para os professores, a formação pode ser dada durante as tais terças-feiras, ao longo do ano, para os funcionários, é essencialmente nas paragens letivas.”
- “ Sabendo, por exemplo e voltando aos professores, nós em julho, por exemplo, esta semana já vai começar uma formação sobre competências na área das TIC. Vamos fazer formação com o objetivo de certificação dos professores nessa formação, que começa já agora em julho e vai, também, acontecer no início de setembro, antes de iniciarem as aulas”

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ agora temos um período bastante grande de formação durante vários dias, enquanto ao longo do ano são algumas horas que podem ser horas mensais, normalmente, mas agora são dias, em concreto.”• “ todos os anos isto acontece.”• Paralelamente, encorajamos os professores a fazer formação externa, também”• “ Temos um impresso que os professores preenchem, para depois nós termos noção de toda a formação que cada professor faz.”• “ Internamente, é fácil controlar, externamente também passa a ser fácil porque há um formulário que é preenchido com os anexos”• “ Pedem autorização.”• “ a instituição, esta Escola ajuda economicamente, nos custos dessa formação, com uma percentagem que pode ir até 50%.” | |
| <ul style="list-style-type: none">• “ Eu acho que os alunos se relacionam bastante bem.”• “ Existe um ambiente pacífico, os alunos convivem facilmente entre eles, ao nível da turma, ao nível de ciclo e ao nível de todo o colégio.”• “ Nós temos momentos de colégio em que, em determinadas festividades, nós juntamos toda a comunidade: professores, funcionários, alunos, no mesmo espaço e até pais, os que quiserem participar, e uma das coisas que verifico é que os alunos entram nestes espaços e têm uma forma de estar nestes | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos (14a) |

| | |
|--|--|
| <p>acontecimentos especiais muito boa e, sobretudo, vê-se que gostam de estar juntos.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ No dia-a-dia, apesar de haver espaços específicos para cada ciclo, há momentos em que eles se cruzam e que interagem com alunos de idades diferentes.”• “ não há, assim, situações problemáticas dentro deste ambiente, por isso eu acho que os alunos confiam uns nos outros e há um ambiente pacífico.”• “ eu acho que os alunos confiam nos professores que têm, mais nuns do que noutros, identificam-se mais com alguns”• “ muitos deles, para além de professores, também são confidentes”• “ tanto os alunos, como antigos alunos que depois de terminarem ainda vêm cá muitas vezes, para falar com os professores”• “ Eu acho que existe esta relação... para além daquele respeito institucional do aluno para com o professor, também existe uma relação, muitas vezes, de amizade entre os alunos e os professores”• “ eu considero que, em geral, os alunos confiam nos professores e gostam de se relacionar com os professores.”• “ Se quisermos o contrário, os professores com os alunos, eu, também, acho que há um ambiente muito bom.” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos e professores (14b) |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Em geral, os professores estão contentes com a população que têm.”• “ Claro que é habitual na população dos professores, de vez em quando, nas conversas, queixarem-se deste ou daquele aluno, porque não trabalha, porque não se esforça, porque às vezes se distrai, porque é falador... Mas isso faz parte da dinâmica de uma Escola”• “ mas, assim, em geral, eu acho que há um ambiente de respeito e de amizade.”• “ apesar de haver o tal respeito institucional, que é habitual, ou seja, o gabinete do Diretor, em determinadas circunstâncias, ainda é considerado como um espaço quase sagrado.”• “ Durante estes anos ouvi, de vez em quando, alunos a comentarem uns com os outros: “Eu nunca fui ao gabinete do Diretor.” E isto quer dizer que nunca foi necessário ser chamado à atenção, corrigido, numa forma assim mais veemente, no gabinete do Diretor.”• “ Felizmente, isto já não acontece praticamente nunca, porque as outras instâncias vão resolvendo os casos assim mais complicados: os professores, os diretores de turma, os coordenadores de ciclo, e quando me chegam alguns assuntos, já são normalmente para questões mais burocráticas.”• “ eu, como Diretor, tenho uma relação que considero bastante positiva com os alunos”• “ faço um esforço para estar no dia-a-dia com os alunos, | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos e a Direção (14c) |
|---|--|

| | |
|--|---|
| <p>nos recreios – sempre que posso, eu estou nos recreios com os alunos – convivo com eles no bar, no refeitório”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Depende, também, das idades. Há idades em que os alunos se aproximam muito mais, precisam... há idades em que querem um bocadinho mais de autonomia”• “ eu posso dizer que ao longo destes anos em que estou aqui, e já são alguns, eu não me recordo de um aluno me ter faltado ao respeito”• “ Não me recordo, também, de ter perdido a paciência assim num momento concreto, em ter que chamar a atenção.”• “ O que eu recordo, e que mantenho como norma, é esta relação com os alunos. Os alunos falam tranquilamente, aproximam-se e eu acho que é isto que faz um bocadinho de sentido. Nós todos fazemos parte da mesma Escola. É esse o balanço que eu faço.” <ul style="list-style-type: none">• “ Se calhar, é uma relação específica.”• “ À partida, os funcionários, normalmente os antigos contínuos, vigilantes ou auxiliares de ação educativa, têm esta função um bocadinho “policial”.• “ Em determinados momentos – tenho que o dizer – os alunos não gostam”• “ Um aluno que quer infringir uma determinada regra e é – e isto acontece muitas vezes no recreio – e a função do funcionário é fazer cumprir e chamar a atenção e, eventualmente, até trazer esse assunto para outras instâncias.” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre alunos e funcionários (14d) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ numa primeira reação, não é agradável, para o aluno, sobretudo o aluno que gosta de infringir.”• “ Mas também me parece que o balanço que faço é relativamente positivo.”• “ Os alunos sabem com quem podem contar e sabem que, mantendo uma atitude positiva e razoável, eles têm os funcionários como colaboradores, também, para o que for necessário.”• “ E quantas vezes eles se dirigem – é o normal, não é? Precisam deste funcionário porque precisam de ir à sala, porque precisam de pedir uma ajuda, precisam de perguntar o que quer que seja e, muitas vezes, passam pelos próprios funcionários e pedem-lhes essa ajuda.”• “ Reconheço que o papel de funcionário, sobretudo este mais de vigilante, é um papel ingrato, isso tenho que dizer.”• “ Apesar de tudo, acho que o balanço também é positivo.” • “ Em geral, o grupo de professores é um grupo que convive bem”• “ entre todos os professores há um ambiente de respeito, de amizade, sabendo que – também como em qualquer instituição e nesta também existe – há pequenos grupos, há pessoas que se identificam mais com determinada forma de estar e com determinado grupo”• “ grupos que, por exemplo, convivem mais facilmente | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre professores (14e) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>os grupos, os professores que fazem parte do mesmo grupo disciplinar, ou seja, lecionam a mesma área disciplinar.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ É normal, até porque fazem um trabalho... muitas vezes há um trabalho em par pedagógico de planificação, programação, avaliação, das próprias aulas. Tudo isto é feito em pares pedagógicos e depois é avaliado no próprio grupo e por isso existe uma relação mais forte, por exemplo, a esse nível.”• “ Depois há pessoas que, de acordo com a sua forma de ser e de estar, identificam-se mais com um grupo do que com outro.”• “ Em geral, há respeito e uma relação de amizade entre todos.”• “ Claro que há alguns grupinhos que, também, excluem outros mais, isso faz parte das dinâmicas”• “ mas não me parece que haja assim coisas que saiam fora do normal das dinâmicas de grupos e no que diz respeito à classe de professores, também não.” <ul style="list-style-type: none">• “ a grande maioria dos professores tem uma boa relação com a Direção do Externato.”• “ Eles sabem que a Direção sempre demonstrou uma disponibilidade para os atender nas suas partilhas tanto a nível profissional como, em vários casos, a nível pessoal.”• “ Eu, pessoalmente, trabalho com o gabinete de porta aberta, disponibilizando-me para receber os | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre professores e a Direção (14f) |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>professores a qualquer hora.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ O facto de se tratar de um corpo docente estável com vários anos de “casa” faz com que a relação entre as partes seja de confiança, de partilha e de conhecimento mútuo.”• “ Os momentos mais celebrativos e de convívio também ajudam nestas relações.• “ como em qualquer instituição, há sempre um grupo residual de professores cujos objetivos principais não passam por uma entrega ao projeto educativo da escola, limitando-se a cumprir os objetivos mínimos.”• “ Este pequeno grupo tem o seu centro de interesse e relações mais fora da escola.”• “ Nós sabemos que os funcionários, ou seja, as classes que têm, por assim dizer, um estatuto um bocadinho inferior – isto é real, não é? Até por uma questão de cultura – o funcionário sente-se sempre, no dia-a-dia, inferior e, às vezes, já me tem confessado um ou outro, que se sente um bocadinho até... não valorizado pelos próprios professores.”• “ Isto são casos que eu conheço”• “ mas, em geral, também me parece que dentro desta comunidade, pelo facto de as pessoas já se conhecerem bastante bem, porque não há grandes mudanças de ano para ano, as pessoas já se conhecem, eu acho que também há um respeito e uma colaboração mútua.”• “ Os funcionários... quando o professor precisa do que | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização das relações entre professores e funcionários (14g) |
|--|--|

| | |
|---|---|
| <p>quer que seja, recorre ao funcionário e o funcionário ajuda, está disponível”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Eu não quero é dizer que, nesta avaliação, tudo é positivo, porque senão, a certa altura, isto não é válido, as minhas respostas não são válidas.”• “ Sinceramente, eu acho que não há problemas daqueles inultrapassáveis, ao nível deste tipo de relações.” | |
| CATEGORIA: MECANISMOS DE DEFESA E PROTEÇÃO DOS DIREITOS DOS ALUNOS | |
| Unidades de Registo | Indicadores (Itens) |
| <ul style="list-style-type: none">• “ Constitui.”• “ Nós sabemos é que, nas dinâmicas relacionais, há sempre... quem está acima, por assim dizer, o adulto e o professor inconscientemente exerce sempre uma certa pressão e, neste caso o aluno, em muitos momentos e, se calhar, queixa-se de que não está a ser respeitado, ou que não tem direitos”• “ Isto faz parte, também, das dinâmicas”• “ normalmente, quem está neste tipo de relação um bocadinho inferior, tem sempre esta tendência para se queixar de que não é respeitado e de que não respeitam os direitos que tem.”• “ Em geral, os alunos sentem que são respeitados.”• “ De vez em quando, acham que deviam ter mais direitos” | <ul style="list-style-type: none">• Importância da implementação dos direitos dos alunos para a gestão da Escola (15) |

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Às vezes, em conversas informais e fazem perguntas: por que é que não podem sair da Escola quando querem, por que é que têm de obedecer sempre, por que é que os professores dizem tudo, mesmo, às vezes, não tendo razão e eles têm de acatar, enfim há este tipo de desabafo de vez em quando, mas também penso que faz parte da dinâmica da Escola.”• “ Eu penso que o professor e o adulto têm consciência e têm esta preocupação em fazer cumprir e em fazer com que o aluno não se sinta oprimido. Eu acho que esta é a nossa preocupação e a preocupação da Escola.”• “ Há um que me vem logo: o respeito.”• “ este direito é aquele em que eu insisto mais no dia-a-dia, com os professores, nas reuniões.”• “ Eu repito sempre isto: toda a pessoa tem que ser respeitada. No nosso caso, o aluno, mesmo quando se porta mal, tem de ser respeitado.”• “ Nós não temos o direito de desrespeitar o aluno. Podemos penalizá-lo, mas sempre sabendo que o aluno tem que ser respeitado, se queremos que ele nos respeite.”• “ às vezes... os professores queixam-se que os alunos não os respeitam porque, também, em muitos casos, os professores não respeitam os alunos e isto é mútuo. Isto para mim é muito claro.”• “ Há mais direitos que são importantes. O aluno tem o direito de ser esclarecido nas suas dúvidas, tem o direito | <ul style="list-style-type: none">• Direitos dos alunos mais importantes para o Diretor ou que o preocupam (16) |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>de receber aquilo que a Escola se compromete, em termos de aprendizagens, o professor tem de transmitir, da forma mais correta e mais profissional, tudo aquilo que tem a ver com as competências e com a parte académica. Isto é um direito do aluno.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ O aluno tem o direito, também, de expressar as suas opiniões, nos locais próprios e nos momentos próprios. Aqui poderá haver aquela dúvida: tem direito, mas quando?”• “... há momentos que todos sabemos que não podemos... podemos e devemos expressar-nos, mas não é quando queremos, é esperar pelo momento e pela oportunidade. Eu acho que isto, também, é essencial.”• “ Antes de mais, existe a legislação, não é?”• “ Isto nós... no final, o que fica é isto. Cumprimos ou não o Estatuto Disciplinar dos alunos? Se cumprimos, todo o resto é esquecido. Se não cumprimos, mesmo, às vezes, tentando fazer o melhor, se não cumprimos o Estatuto, não há salvação possível, por assim dizer, porque isto é a base, independentemente de concordarmos mais ou menos com alguns pontos do próprio Estatuto. Mas isto é essencial.”• “ Eu acho que os pais têm que saber que nós cumprimos aquilo que está estipulado, no nosso dia-a-dia.”• “ Por outro lado, existem instâncias. O diretor de turma, acho que é um interlocutor privilegiado para que isto aconteça, porque os alunos e os pais dos alunos devem transmitir isto do Diretor de Turma ao longo do ano, se | <ul style="list-style-type: none">• Mecanismos existentes na Escola de defesa dos direitos dos alunos (17) |
|--|--|

| | |
|---|---|
| <p>alguma coisa não correu bem ou está a correr menos bem e o Diretor de Turma tem a obrigação de fazer chegar à Coordenação e à Direção estas questões.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Por outro lado, existe uma Associação de Alunos. Isto é um sinal de que há alguma democracia na própria Escola.”• “ Existe e há muitos anos e é mais ou menos interventiva, esta Associação de Alunos. Participa, também, nos locais próprios e nas instâncias próprias.”• “ Por isso, eu acho que há esta preocupação no dia-a-dia.”• “ O Projeto Educativo... eu considero que é um bocadinho mais doutrinal, ou seja, estas coisas assim mais concretas, não são propriamente preocupação do Projeto Educativo.”• “ No entanto, estão lá, estão lá estes temas na parte doutrinal. Quando falamos em valores, quando falamos em atitudes, falamos de direitos de alunos, falamos de justiça, falamos de respeito, está lá tudo em termos mais doutriniais, estão lá!”• “ Se por um lado, isto não está concretizado como no Regulamento Interno, por outro lado, faz a ligação com o próprio Regulamento Interno, acho eu.”• “ Conscientemente, não sei se dá prevalência a alguma | <ul style="list-style-type: none">• Medidas constantes do Projeto Educativo destinadas a efetivar os direitos dos alunos (18)• Direitos que a Escola |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>turma da direção de turma e trabalha, também, este aspeto.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “ Este ano em concreto, nós insistimos muito na parte do Regulamento Interno e do Projeto Educativo e até se fez uma formação sobretudo dirigida aos delegados de turma” • “ nós fizemos uma formação extra aulas e o tema principal desta formação foi exatamente o papel do delegado de turma e os direitos e deveres dos alunos, enquadrados dentro destes dois documentos, do Projeto Educativo e do Regulamento Interno.” • “ Eu acho que sim. Sinceramente, e conhecendo como conheço a população que tenho aqui... os direitos eles sabem-nos perfeitamente.” • “ Os deveres, também os sabem, mas eles insistem, como é óbvio, é mais natural, insistem muito nos direitos.” • “ Eu pessoalmente acho que é uma população muito esclarecida a esse nível e tem plena consciência dos direitos que tem e quando acha que não os tem, também se manifesta perfeitamente. Claramente, não tenho dúvidas.” | <ul style="list-style-type: none"> • Consciencialização pelos alunos dos direitos de que são titulares (21) |
| <p>Subcategoria: Princípio da não-discriminação</p> | |
| <p>Unidades de Registo</p> | <p>Indicadores (Itens)</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • “ Bom, essas medidas não são assim inseridas num | <ul style="list-style-type: none"> • Medidas utilizadas para assegurar o respeito e |

| | |
|---|---|
| <p>contexto próprio.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Nós temos uma população ... com bastantes diferenças.”• “ Nós temos aqui alunos de confissões religiosas diversas, temos alunos que professam, por exemplo, a religião cristã católica e também, por exemplo, budistas, temos sobretudo elementos duma comunidade muçulmana, ismaelita, bastantes alunos pertencentes a essa comunidade. Isto, por exemplo, no que diz respeito a credos religiosos.”• “ Consta no Regulamento Interno e todos os alunos frequentam todas as disciplinas e uma delas é essa: Educação Moral e Religiosa Católica. E isto é explicado aos pais, no ato da admissão. Eles aceitam e ponto final.”• “ E, sinceramente, por exemplo, no que diz respeito a estas outras confissões, não tenho ideia de que tenha existido problemas a esse nível. As pessoas estão conscientes daquilo que têm aqui. Depois, aproveitam aquilo que devem aproveitar e tudo certo.”• “ Mas, como digo, profissões de credos religiosos também existe, se calhar, de etnias, de países diferentes e de origens diferentes ... Frequentam e não me parece que isto seja obstáculo. Há respeito para com todos estes alunos.”• “ Não sei, não existe uma formação...”• “ naturalmente que nas nossas formações, quando eu falei há pouco do tipo de formação que fazemos, naturalmente que isto se fala, é óbvio que referimos continuamente, apelamos para que isto seja levado em | <p>garantir o exercício dos direitos a todos os alunos, sem qualquer discriminação (22)</p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>consideração.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Existe uma população com bastante heterogeneidade e tem que ser encarada como tal e respeitada como tal.”• É evidente que na dinâmica de uma instituição como uma Escola, há sempre momentos em que eles se queixam e acham que estão a ser injustiçados ou discriminados, isto é óbvio.”• “ Ou porque não concordam com a nota que receberam e acham que foram discriminados pelo professor, porque o colega fez menos isto e menos aquilo e teve a mesma nota ou teve uma nota melhor, ou porque o professor deu mais atenção a outro colega e mandou-o calar, ou até porque ele se portou mal, foi por exemplo expulso da sala de aula e o colega A ou B, ainda noutra contexto, atuou dum forma pior, segundo a versão do aluno e o professor não o penalizou, porque nestas coisas, as receitas não são absolutas.”• “ Agora, o tipo de discriminação que eu conheço é mais deste tipo.”• “ Quem é penalizado, tem sempre uma certa propensão para achar que foi discriminado por isto e por aquilo e arranja as suas justificações para isso.”• “ A Escola é privada, têm que pagar propinas.”• “ Todos os alunos que estão matriculados nesta Escola têm os mesmos direitos e têm as mesmas oportunidades, na parte letiva, a parte mais tradicional, por assim dizer, | <ul style="list-style-type: none">• Ocorrência de situações de discriminação na Escola (23)• Igualdade de oportunidades de acesso à frequência da Escola (24) |
|---|--|

da Escola. E têm, desde que estejam matriculados. Têm todos os mesmos direitos.”

- “ Agora, depois outro tipo de atividades, que são de frequência facultativa e mediante a inscrição e o pagamento, naturalmente que aqueles que se inscrevem e que pagam para frequentar essas atividades, esses têm direito, os outros não se inscreveram, não têm.”
- “ O normal é: os alunos frequentam a Escola mediante o pagamento de uma mensalidade e a mensalidade é fixa por ciclo.”
- “ Depois, há situações excepcionais em que, por determinadas razões, não há possibilidade de pagar, num contexto concreto, ao longo do trajeto até do próprio aluno e aí a Escola vai tentando ajudar e faz... procede a alguns descontos, em determinados contextos, em determinados casos, que podem ser maiores, menores e temos situações muito diversas.”
- “ Já temos situações em que, praticamente, nós acarretámos com esta responsabilidade, porque sabíamos que determinados alunos, alunos em concreto, saindo desta Escola para uma Escola sem grande enquadramento, corriam sérios riscos de cair um bocadinho, até em alguma marginalidade. E daí que, em alguns casos, nós tenhamos apostado, em casos concretos, na permanência desses alunos.”
- “ E dou um exemplo. O ano passado, os pais de uma aluna já tinham feito a opção, já tinham inscrito essa aluna numa Escola pública, tiveram vergonha de dizer que não podiam e a partir da Diretora de Turma e do Coordenador, nós, depois de ver esta situação,

| | |
|--|--|
| <p>chamámos os pais e dissemos que queríamos que ela voltasse para a Escola porque ela precisava de ficar aqui nesta Escola. E essa aluna voltou e vai continuar nesta Escola e, neste caso, até vou dizer porque é um caso concreto, com uma ajuda por parte da Escola, da entidade e uma ajuda por parte dos próprios professores, que se mobilizaram e quiseram, também, colaborar com uma parte.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Normalmente, no início, os pais não vêm com questões económicas, porque eles recebem a informação, sabem que a mensalidade é tanto, pronto. À partida, no início, esta questão não se coloca.”• “ Pode, eventualmente, haver alguma situação muito concreta e ser devidamente estudada e analisada. Agora, o normal, no início, é não se colocar a questão económica.”• “ Esta questão coloca-se no decorrer da frequência ... Que vêm por diversas situações familiares, perda de emprego, mudança de organização familiar, separação, etc., enfim, tem a ver com diversos fatores.”• “ Eu acho que, em concreto, não tem medidas concretas, não existem medidas para assegurar isso.”• “ Podem entrar. Não é obstáculo, nunca foi obstáculo para a entrada nesta Escola essa questão.”• “ Esta Escola diz claramente que não é uma Escola de ensino especial. E não é porquê? Porque não tem estruturas, porque isto implica ter... não é uma questão | <ul style="list-style-type: none">• Medidas destinadas a assegurar a diversidade física, étnica e cultural dos alunos (25) |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>de gostar ou de não gostar e de admitir ou excluir, é uma questão que tem a ver com as condições e esta Escola é uma Escola que, também, se debate com a gestão económica e financeira, tudo isto é pesado e, por exemplo, nós não temos a capacidade de adaptar as turmas.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Por exemplo, colocar uma turma com doze ou com quinze alunos para resolver questões particulares, ou seja, não é viável num projeto organizacional.”• “ E é unicamente por isso. Para situações especiais, é necessário que tenhamos infraestruturas e mecanismos para dar resposta a essas situações.”• “ também é verdade que depois, ao longo do trajeto desses alunos, existem alunos com problemas graves e que estão a frequentar esta Escola e nós vamos dando resposta da melhor forma que podemos e sabemos.”• “ Agora, a questão da mobilidade física, por exemplo, para nós, é um problema, como é óbvio.”• “ Apesar de termos as rampas de acesso, toda a parte das acessibilidades, que são de lei, mas depois não temos outro tipo de condições especiais para dar mais apoio. Daí que seja mesmo uma questão, quanto a mim, de seriedade. Somos capazes de dar resposta ou não somos capazes. E se tivéssemos ajudas estatais, se calhar era mais fácil. Como não as temos, não podemos responder.”• “ Nós, em geral, não temos esse problema.” | <ul style="list-style-type: none">• Medidas destinadas a combater o abandono e |
|---|--|

| | |
|--|-------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none">• “ E não temos, porque primeiro fazemos um acompanhamento muito rigoroso desses alunos, e sistemático, e chamamos os pais e há sempre esta atenção. Por outro lado, eu acho que aos próprios pais não lhes interessa nada colocar os alunos nesta Escola e depois deixá-los por conta própria, sabendo que, até do ponto de vista económico, estão a pagar a frequência dum aluno para ele depois não vir à Escola.”• “ À partida, é contraditório, ou seja, eu posso dizer que esse problema praticamente não existe.”• “ Quando há algumas faltas – e há – são chamados os pais imediatamente, são chamados os alunos pelo Diretor de Turma, eventualmente pelo Coordenador, num caso mais extremo, vêm falar com o Diretor e tomam-se estas medidas.”• “ Em última análise, no final dizemos, no final do ano, não cumprindo aquilo que é do Regulamento, por exemplo, a questão da frequência, naturalmente que terão que sair.”• “ Temos alunos que andam ali mesmo no limite. São avisados e, no final, se calhar, eventualmente, um ou dois casos em que isso aconteceu, no ano seguinte dissemos “Com este tipo de absentismo, não faz sentido estarem nesta Escola.”• “ Não acompanham muito, já não conseguem. Chegou a um ponto tal, que os próprios pais não conseguem...”• “ Inclusivamente, posso dizer, uma das medidas é uma penalização e a penalização pode ser, por exemplo, ficar durante as tardes livres, aqui na Escola a trabalhar, acompanhado pelo Diretor de Turma. São penalizados. | <p>insucesso escolar (26)</p> |
|--|-------------------------------|

| | |
|---|---|
| <p>Isto, também, é feito, não é? Sempre em colaboração com os Encarregados de Educação, vamos tomar determinado tipo de medidas.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ é uma situação muito esporádica.” • “ Nós não temos, à partida, problemas, por exemplo, com a questão da língua materna, que é um problema que eu sei que muitas escolas públicas têm e são problemas gravíssimos porque não dominando o Português, isto passa a ser muito complicado. Nós, à partida, não temos esta situação.” • “ Temos um outro caso de alunos que nasceram no estrangeiro, mas conseguimos acompanhá-los desde o início e tudo isto se resolve. Por isso, a esse nível, essa questão está resolvida.” • “ Se os pais os colocam aqui, à partida é porque acham que a educação que nós ministramos corresponde.” • “ No terceiro ciclo, a certa altura nós, sobretudo no terceiro ciclo, chegámos à conclusão de que determinados alunos, e temos alguns casos, não é este tipo de ensino que precisam. E encaminhámos para cursos profissionais.” • “ E temos casos em que vamos acompanhando... o gabinete de psicologia acompanha, chama os Encarregados de Educação e vai fazendo todo um acompanhamento, de forma a ajudar os pais e o aluno em concreto a tomar uma opção que se coadune melhor com o perfil desse aluno. E temos casos em que o | <ul style="list-style-type: none">• Adequação da educação proporcionada aos alunos às suas necessidades, independentemente da sua origem ou língua materna (27) |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>fazemos.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Ainda este ano, fizemo-lo num caso concreto. O aluno, com esta parte deste ensino mais teórico, tem problemas graves. E percebemos, muitas vezes nas entrelinhas, que determinados alunos, num tema muito concreto, sobretudo mais questões práticas de determinados âmbitos, aí entusiasmam-se duma forma completamente quase contraditória, ou seja, enquanto no dia-a-dia, nas matérias mais normais, são completamente desinteressados, num caso concreto, naquilo, aí parece que dispara, há ali um sinal que, de repente, aparece e aí faz-nos concluir – claro, naturalmente, com todo um processo de acompanhamento – mas que nos faz concluir que o melhor para determinados alunos será mais num outro tipo de Escola e, sobretudo, em cursos mais profissionais, mais práticos, etc. E isto acontece também.”• “ A Ação Social Escolar não existe como modelo, como instituição.”• Tudo isto é reportado à Direção e ao Diretor e é analisado caso a caso. E então temos estas situações de alunos que nós acompanhamos duma forma especial, que ajudamos economicamente e que os tentamos integrar.”• “ Há situações concretas em que nós poderemos dar mais alguma ajuda”• “ já tivemos, por exemplo, no pagamento do material escolar, de alguma atividade em concreto, para que o | <ul style="list-style-type: none">• Ações de discriminação positiva desenvolvidas pelos serviços de Ação Social Escolar, relativamente aos alunos que vivem em condições de dificuldade (28) |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>aluno possa frequentar e não seja excluído dessa atividade, nós mobilizamo-nos e muitas vezes o colégio ajuda mais nesta parte dos descontos sobre as mensalidades”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ enquanto noutra tipo de atividades, de alimentação, de atividades concretas, de materiais, etc., aí são mais os professores, Diretores de Turma, ou até como resultado de projetos de solidariedade concretos, porque cada turma desenvolve um projeto de solidariedade concreto.”• “ Eventualmente, alguns desses projetos podem reverter para estas situações.” • “ À partida, não temos alunos sobredotados.”• “ Tivemos uma ou outra situação, que acompanhamos em concreto, durante um certo período de tempo, para valorizar essas aptidões que esse aluno tinha.”• “ A nossa preocupação confesso que é mais com os que ficam para trás.”• “ E aí, sim, temos os apoios pedagógicos acrescidos, em pequenos grupos, que são feitos fora do horário letivo, para além das aulas e temos situações concretas com aquilo que nós chamamos “tutorias”.• “ enquanto o apoio pedagógico acrescido é feito por exemplo, na disciplina de Matemática, com um grupo de seis ou sete alunos, a tutoria é individualizada e é feita por um professor que nós escolhemos, com um perfil que achamos que é adequado para esse aluno.” | <ul style="list-style-type: none">• Apoios educativos prestados aos alunos com necessidades educativas, tais como problemas de aprendizagem e de sobredotação (29) |
|--|--|

- “ Este tipo de tutorias, explicando isto mais um bocadinho, é feito para alunos não só com problemas de aprendizagem, mas com problemas pessoais, de integração escolar, problemas familiares, etc.”
- “ Quando existem alunos – e existem, infelizmente, alguns alunos – com problemas destes, então nós sugerimos a tutoria e escolhemos um professor concreto que se adeque àquele perfil de aluno.”
- “ o tutor ... Vai acompanhando o aluno pessoalmente e não é para explicar a matéria concreta duma disciplina, mas para ajudar, por exemplo... Primeiro, para ser uma espécie de confidente, para o acompanhar, para falar com ele, é a pessoa que o aluno tem, com quem pode contar mais diretamente.”
- “ esse tutor ... Chama o aluno, reúne com ele com frequência, ajuda-o a ordenar os cadernos, a ter tudo em condições, a preparar os trabalhos, vai ajudando naquelas dificuldades que os alunos possam ter”
- “ os tutores são, por exemplo, um professor de Matemática, não domina propriamente, por exemplo, a Educação Física, ou a Língua Portuguesa ou o Francês, mas quantas vezes anda à procura e anda a perguntar a outros colegas “Olha, ajuda-me aqui, porque eu tenho que ajudar o meu tutorando nesta parte.” Isto é interessante, esta dinâmica.”
- “ este é o modelo que eu acho que é importante e que resulta.”
- “ A parte do apoio acrescido, o aluno muitas vezes, para além já da dificuldade que tem em acarretar com um certo insucesso, depois ainda sente aquela hora de apoio

| | |
|---|---|
| <p>pedagógico acrescido como mais um castigo durante o recreio.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “ Então, é preciso os professores andarem à procura deles nos recreios para os arrastarem para a sala de aula.” • “ é o Apoio Pedagógico Acrescido e é a parte das tutorias.” • é sobretudo o Gabinete de Psicologia que tem esta preocupação de acompanhar esses alunos” • “ Há um acompanhamento pessoal, de Gabinete, muitas vezes e há um acompanhamento, também, junto da turma, para que a própria turma o integre e ele se sinta integrado. Há esta dupla preocupação.” • “ Na questão da mobilidade física, o que temos são os elevadores e aí são transportados, por assim dizer, pelos elevadores e facilitamos, por exemplo, os alunos que devem vir no final das aulas para o recreio, neste caso, podem ficar lá.” <p>“ Numa situação concreta, existe o Gabinete Médico, também, para ajudar nisso. Quantas vezes em situações muito concretas, o Gabinete Médico dá uma ajuda bastante grande.”</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Medidas de integração dos alunos que sofrem de incapacidades (30) |
| <p>Subcategoria: Interesse Superior do Aluno</p> | |
| <p>Unidades de Registo</p> | <p>Indicadores (Itens)</p> |
| | <ul style="list-style-type: none"> • Áreas de educação proporcionadas aos |

através do cartão magnético e eles próprios, a partir do momento em que têm de carregar o cartão e que veem o saldo, não só eles, mas os pais, a partir daí, terão que fazer uma gestão do seu dinheiro.”

- “ Eles inclusivamente sabem que, têm o cartão, se querem ir ao bar ou à reprografia, sabem que precisam de ter dinheiro no cartão e não podem gastar todo no mesmo dia.”
- “ O que eu sei pela experiência que tenho, é que normalmente, no início da semana, eles recebem uma semanada e, normalmente, aquilo é bem controlado para a semana toda a ponto de, muitas vezes, na sexta-feira, assim já na parte final, sobretudo os mais miúdos, as vezes vão ver, “Ainda me resta aqui meia dúzia de cêntimos, ainda dá para um rebuçado”, ou qualquer coisa assim.”
- “ Mas, em geral, isso já é mais de âmbito pessoal e do Encarregado de Educação, porque o Encarregado de Educação tem acesso a todos estes elementos.”
- “ Pode ser que nas disciplinas isso aconteça.”
- “ Nós não temos um programa específico para isso.”
- “Há disciplinas em concreto... existia no secundário uma disciplina de Introdução à Política, uma coisa desse nível.”
- “De certeza que essa parte está lá contemplada.”
- “ Mas isso fará parte dos conteúdos de cada disciplina.”

e) Leis fundamentais (31,e)

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ É, também, muito através dessas tais aulas e do Diretor de Turma. Formação Humana.”• “ Nós trabalhamos, por exemplo, esta questão da participação na sociedade quando se trata de eleger a Associação de Alunos.”• “ fazemos a estatística da votação, da participação em cada turma. E esses dados são passados aos Coordenadores e aos Diretores de Turma. E dizemos aos Diretores de Turma para trabalharem estes dados.”• “ Há bastante participação”• “ mas pode haver, por exemplo – e, às vezes, deparamo-nos com isto – uma turma do mesmo ano, por exemplo, temos quatro turmas de um ano, uma turma que tem uma participação de 90 e tantos por cento, na votação, e outra que tem 30, 40 e tal. E isto é analisado. Estes dados, primeiro são colocados publicamente no placard do bar para que os alunos saibam e depois são passados para os Diretores de Turma e os Diretores de Turma vão trabalhar estes dados com cada turma.”• “ Depois fazem debates nas próprias turmas e vão analisar o porquê da pouca participação ou da muita participação e daí passa-se para a questão social, a participação na sociedade. E isto é trabalhado. Claramente eu sei que é trabalhado.”• “ Para além disso, recordo que este ano em concreto na disciplina de Área de Projeto do 12º ano, um dos projetos foi precisamente sobre a participação dos cidadãos na | <p>f) Assumpção de responsabilidades da vida na sociedade e como cidadãos (31,f)</p> |
|---|--|

política e nas responsabilidades do próprio país e, em concreto, foram convidados deputados, representantes de partidos e foi um projeto interessantíssimo e em que se fez uma simulação de um debate na Assembleia da República.”

- “ Sim. ... a reportagem saiu na revista Visão, saiu uma boa reportagem sobre este projeto. Debateram-se determinados temas...”
- “ Não, este foi o projeto de um grupo.”
- “ o projeto foi liderado por quatro ou cinco alunos, mas as turmas do Colégio, sobretudo os mais crescidos, foram convidados a participar e na apresentação e nesta dinamização foram inseridos muitos outros alunos. E com algum apoio até de partidos, de diversos partidos. Foram convidados e participaram quase todos. Pelo menos, apoiaram, deram até informação e tudo isso. E eu penso que esse foi um trabalho interessante.”
- “ Eu pessoalmente, como acredito neste projeto, digo que sim.”
- “ Nós tentamos preparar os alunos para isto.”
- “ Esta Escola tem um ambiente cuidado, um ambiente especial e poderemos dizer que isto, se calhar, depois lá fora não vão encontrar, assim tão pacífico, tão tranquilo. Infelizmente. E então poderemos dizer “Afinal, poderemos não estar a preparar os alunos, porque eles estão numa redoma.”
- “ Nós tentamos, na formação que é dada, tentamos

- Adequação do ensino e educação proporcionada aos alunos à sua preparação para a vida real e para a compreensão da realidade mundial e local (32)

prepará-los para isso. Agora, não sei até que ponto é que isso pode acontecer.”

- “ A formação como nós ministramos, uma formação integral, que contempla diversos aspetos, eu acho que os alunos vão bastante preparados para encarar esses desafios e esses problemas da sociedade.”
- “ Agora, depois também depende de cada aluno, do contexto familiar e, eventualmente também, dos locais para onde vai.”
- “ Em geral, temos algum *feedback*. Os antigos alunos, em geral, vêm dizer”
- “ há uma coisa que eu acho que é habitual. Há um primeiro choque, em geral, quando passam daqui para a universidade. Porquê? Porque eles estão aqui, estão muito integrados, chegam à universidade e cada um tem que ser por si. E isto é um choque inicial.”
- “ Conseguem. Em geral, eles dizem que, depois deste choque inicial, porque os colegas são diferentes, os professores não lhes dão a atenção... depois, são um bocadinho... há uma forma muito diferente de ministrar o saber, mas os alunos que efetivamente vão e que querem aquilo em concreto, eles depois conseguem dar a volta e conseguem adaptar-se.”
- “ E depois, muitos daqueles alunos, depois de concluírem a universidade e na sua vida profissional e familiar, o *feedback* que temos, que nos dão, em geral, é este: que esta Escola contribuiu em muito para aquilo que eles são.”
- “ Agora, é evidente que no meio disto tudo, também haverá alguns casos de insucesso.”

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Normalmente, quem nos fala, fala-nos mais dos casos de sucesso.”• “ Há alguns casos. Nós temos até aqui dois tipos: um, por exemplo, no final do nono ano, esta é uma idade em que alguns alunos acham que precisam de autonomia e neste Colégio estão um bocadinho apertados, aperreados. E então andam ali, fazem muita pressão junto dos pais e, às vezes, os pais cedem e deixam-nos ir para a Escola pública.”• “ Alguns deles, passado muito pouco tempo, nos primeiros dias de experiência da nova escola, vêm bater novamente aqui à porta”• “Ai não, os professores não sei o que, os colegas aquilo cada um anda para seu lado, depois o ambiente...”• “ Não se adaptam.”• “ E temos vários casos destes, em que eles próprios acharam que precisavam de autonomia, mas chegam lá e afinal deparam-se com uma realidade que não era aquela que eles idealizavam. Esta é uma realidade.”• “ A outra é: alunos que saem e que fazem o seu percurso normal e há alguns alunos que se perdem. Há alguns alunos que se perdem, mas isso faz parte.”• “ Eu acho que é muito mais fatores a nível pessoal e familiar, falta de acompanhamento familiar”• “ Eu acho que a Escola está sempre em função dos interesses superiores dos alunos, eu só acho que a Escola | <ul style="list-style-type: none">• Adequação dos projetos desenvolvidos com o interesse superior dos alunos (33) |
|--|---|

faz sentido nesta perspectiva.”

- “ Nós não estamos aqui para tratarmos dos nossos interesses, continuo a acreditar e é isto que eu digo diariamente aos professores e aos pais, os principais na Escola, os protagonistas, são os alunos.”
- “ Agora, este é o ponto de vista teórico. Se, depois na prática isto acontece ou não, há depois muitas dificuldades.”
- “ Os projetos que são desenvolvidos pelos ciclos e, quer dizer, há uma dinamização própria por ciclos, são em função dos alunos em concreto e, em vários casos, envolvem muito os próprios pais.”
- “ Por isso, envolvendo os pais, só faz sentido que seja mesmo em função dos alunos em concreto. E isto eu acho que acontece no pré-escolar, primeiro ciclo, segundo ciclo.”
- “ Muitos dos projetos são muito dinamizados pelos professores, pelos alunos e pelos pais, com muita participação.”
- “ Depois, há um terceiro ciclo em que já há aqui algum afastamento, de parte a parte”
- “ A nossa ideia é que nestes projetos, para além de os alunos serem sujeitos, em função dos alunos, mas serem eles a dinamizar os próprios projetos.”
- “ Muita da formação que vai acontecendo só faz sentido quando o aluno é ele próprio dinamizador, tem um papel ativo nisto tudo.”
- “ é o Diretor de Turma que tem de dinamizar e faz, sei que faz isso de vez em quando, utiliza essa dinâmica”

- “ eu sei que tem resultado, porque é uma forma, é um momento em que os alunos se sentem efetivamente os protagonistas de tudo aquilo que lhes diz respeito.”
- “ ocorre na Escola.”
- “ há uns bons anos, como Diretor de Turma eu utilizava muito isto.”
- “ recordo-me de algumas coisas interessantes em que próprio me sentava, eu como professor e Diretor de Turma, sentava-me numa das últimas cadeiras e deixava... escolhia os dinamizadores do debate, de toda aquela dinamização e eu participava, como qualquer outro aluno, levantando o dedo e pedindo a palavra e tudo isto.”
- “ eu sinceramente achava que – e continuo a achar, porque muitos professores contam-me isso – que os alunos aí sentem, por um lado, como é importante, porque eles estão a ser valorizados e, também, percebem que não é assim tão fácil quando eles são os protagonistas, estas coisas não são assim tão diretas como eles acham, tão fáceis como eles acham, quando se queixam, porque quando são eles os protagonistas, por exemplo, nesta questão de chamar à atenção os colegas, fazer cumprir, quando são eles os responsáveis, aí percebem que, afinal, o papel do professor não é assim tão fácil.”
- “ Os delegados que existem, exatamente, existem os delegados: delegado e subdelegado de turma, delegados da Pastoral, delegado e subdelegado, e de Cultura e Desporto. São estes os dinamizadores.”
- “ Acrescentando aqui, que esses delegados, também, têm

formação especial, todos os delegados de turma, uma formação especial para eles poderem depois desempenhar melhor o seu papel.”

- “ Todas as turmas.”
- “ à partida, sim, eu acompanho e acompanho as reuniões e percebo que há aqui muito trabalho que é feito pelos professores para ir respondendo a estes problemas em concreto.”
- “ Agora, as turmas são numerosas”
- “ Podem ir a 28, a média é por aí e por isso, também, não é assim fácil.”
- “ Para além disso, nós não queremos que o nível exigido baixe, ou seja, a função dos professores desta Escola é sempre puxar para cima.”
- “ são os acompanhamentos, as tutorias e para além disso, os professores individualmente, muitos deles têm esta atenção, têm esta preocupação com os alunos em concreto.”
- “ quando agradeço aos professores, tudo aquilo que eu vejo, mas sobretudo aquilo que eu não vejo, de que não tenho conhecimento, mas que por acaso até vou sabendo, mesmo quando e há, felizmente há professores que fazem por iniciativa própria, que tomam este tipo de responsabilidade, de tentar ajudar os alunos em concreto, com mais dificuldade.”
- “ Porque os professores sabem perfeitamente que o sucesso da Escola depende, também, do nível de

- Adequação dos métodos de ensino-aprendizagem às necessidades dos alunos e aos diferentes ritmos de aprendizagem (34)

| | |
|---|--|
| <p>envolvimento e de responsabilização, antes de mais de cada professor.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ se calhar, podemos falar em meios, em estratégias, em meios informáticos”• “ nós começámos, há uns anos a esta parte, a aplicar os quadros interativos.”• “ Ainda não estão todos, vão agora avançar para o secundário”• “ isto penso que veio facilitar um bocadinho, também, esta tarefa.”• “ É verdade que os quadros interativos só colocados na sala de aula não resolvem nada, se os professores não tiverem formação e se não aderirem.”• “ Então, também foi desenvolvido um projeto de formação para os professores, para que seja aplicado e há um acompanhamento e há relatórios feitos.”• “ Não, ainda não têm todas. Nós começámos por, ano a ano, cada ano tem quatro turmas.”• “ o segundo ciclo tem já tudo, o terceiro ciclo já tem tudo, agora vai avançar para o secundário.”• “ Para além disso, utilizamos muito a plataforma Moodle, que tem resultados muito, muito positivos, sobretudo nos alunos um bocadinho mais crescidos, há uma interação e um trabalho incríveis entre alunos e com os professores.”• “ Há professores que passam horas e horas e o problema | <ul style="list-style-type: none">• Disponibilização de condições para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso (35) |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>disto, se calhar, para os professores é que, enquanto nas metodologias tradicionais isto acontece na sala de aula, acabou e vai-se embora”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Com a plataforma Moodle, eu sei perfeitamente que às tantas da noite estão os alunos a tentar resolver dúvidas com os professores e os professores a resolver e dão trabalhos e dão explicações e retiram dúvidas. Isto existe efetivamente.”• “ Sinto que, em geral, na maior parte dos casos, têm resultados muito positivos”• “ eu falo destes mecanismos e destes meios porque os alunos estão mergulhados nestes âmbitos das novas tecnologias. E a maior dificuldade para entrar não é dos alunos, é dos professores.”• “ neste momento, por exemplo, a formação que vamos fazer vai ser precisamente sobre as tecnologias e a certificação, vamos avançar com uma formação para certificar as competências”• “ A plataforma começou... este é o segundo ano.”• “ Eu acho que ao nível do edifício não nos podemos queixar”• “ Acho que é um edifício com excelentes instalações;”• “ o ideal seria ter mais espaço aberto, livre, mais pátios de recreio, etc., muita outra coisa a melhorar, vai-se fazendo alguma melhoria cada ano.”• “ Chega-se a esta altura, depois de terminarem os exames | <ul style="list-style-type: none">• Qualidade e adequação dos edifícios e instalações destinadas aos alunos (36) |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>e vai tudo para obras.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Este ano, por exemplo, vamos refazer todos os balneários do pavilhão desportivo, tudo isto vai ser feito, mais uma série de outras obras por aí”• “ mas eu acho que, em geral, existe uma certa qualidade e que as instalações estão minimamente adaptadas”• “ esta Escola foi construída de raiz”• “ para além de estar bem situada, as salas, por exemplo, uma das coisas de que eu gosto, as salas têm muita luz, há espaços abertos e por isso eu acho que se adequam, comparativamente.”• “ Agora, há muita coisa a melhorar. Há, há.”• “ Todos os anos, entra em obras.” <ul style="list-style-type: none">• “ O Centro de Recursos está bastante bem equipado com computadores, tudo com internet”• “ o Centro de Recursos tem a sala propriamente dos computadores, depois tem mais duas salas de apoio, existe uma sala multimédia ao lado do bar também, para toda esta parte da informática, existe um Ludoteca, mais a sala de informática.”• “ está bastante bem equipado.”• “ há muitos alunos a utilizar o refeitório, que é um sinal logo de que as coisas estão a funcionar.”• “ Quando nós, em média, servimos mil, mil e cem refeições diariamente, é porque, à partida, há alguma qualidade.” | <ul style="list-style-type: none">• Qualidade e adequação dos serviços destinados a prestar apoio aos alunos, como o Bar, o Refeitório e o Centro de Recursos (37) |
|--|--|

- “ Sabendo que não é fácil contentar os alunos porque, por exemplo, quando se trata de peixe, é muito difícil e determinado tipo de pratos.”
- “ Agora, o refeitório fornece diariamente três tipos de pratos, penso que vai respondendo”
- “ Há, mas esse é um trabalho que eu acho que, também, tem de ser sempre com os pais. E isso eu tenho pedido sempre a colaboração dos pais.”
- “ no início deste ano letivo, que está agora a terminar, tomámos a decisão de entregar o refeitório a uma empresa especializada.”
- “ São funcionários nossos, mas com o apoio da empresa, também tem pessoal da empresa, neste momento, e toda a logística e toda a responsabilidade é assumida pela empresa.”
- “ tem nutricionista, serviços de qualidade, de fiscalização, de inspeção, etc., etc., penso que isto dá uma certa tranquilidade e vai respondendo aos desafios que vamos tendo. Isto no refeitório.”
- “ O balanço é bastante positivo. Houve ali um ou outro momento em que tivemos de fazer alguns acertos, mas estamos muito contentes com isso, porque eu acho que as empresas que são especialistas em determinados âmbitos é que devem encarregar-se disso.”
- “ Da parte do bar, os alunos recorrem muito ao bar e há uma grande satisfação dos alunos.”
- “ Existem também e confesso que eu não sou radical e não retirei todos aqueles produtos que, à partida, estarão na lista negra porque ... Nós podemos retirar todos os

produtos, aqueles que estão catalogados como causando danos, como isto e mais aquilo, os malefícios todos. A contrapartida disto é termos os alunos a irem lá para fora ... A irem para os cafés das redondezas e juntando a tudo isto, todo o tipo de perigos que existem, pelo facto de estarem fora do Colégio, pelo facto de poderem comer tudo aquilo que quiserem e tudo o resto. Então, nisto tem de haver um certo equilíbrio.”

- “ Vamos educando, vamos deixando alguns produtos com alguma cautela e vamos misturando”
- “ sobretudo a ideia é ir acrescentando a variedade com produtos daqueles que são os mais saudáveis. E isto é a nossa preocupação.”

- “ Eu acho que são razoáveis.”

- “ Nós temos preocupação com o equipamento das salas”

- “ As salas que têm os quadros interativos, têm um computador em cada sala.”

- “ E depois há salas específicas com os computadores.”

- “ o resto é mobiliário normal, mesas e cadeiras, enfim... pelo menos, fazemos uma coisa: o material está em bom estado, porque exigimos que esteja.”

- “ Eles podem utilizar as instalações.”

- “ As instalações estão feitas e são disponibilizadas para eles, mas mediante uns regulamentos próprios”

- “ a utilização de todo o equipamento que está no Centro

- Qualidade e adequação do material escolar e dos equipamentos que são disponibilizados aos alunos (38)

- Permissão do uso das instalações pelos alunos (39)

de Recursos carece da entrega do cartão, do registo, para saber, para podermos controlar quem é... primeiro estatisticamente, quantos alunos utilizam o Centro de Recursos e depois saber o que usam e se, eventualmente, for necessário responsabilizar por alguma má utilização de algum equipamento, saber quem é, são identificados.”

- “ As salas são normalmente para as aulas.”
- “ se precisam de fazer um ensaio ou uma festazinha, preparar o que quer que seja, isto tudo é através do Diretor de Turma, que dá autorização.”
- “ A mesma coisa com o ginásio, qualquer instalação, mediante a autorização do Diretor de Turma.”
- “ Os alunos quando saem da sala de aula, devem vir para o exterior.”
- “ Para os recreios, para o exterior, porque precisam de tomar ar. Isto para nós é ponto assente.”
- “ Nós não os queremos dentro da sala de aula, nem junto da sala de aula. Porque então não fazem a transição do recreio para a aula.”
- “ Agora, em caso de ser necessário, por exemplo, a tal questão, um aluno que está lesionado, ou isso, então ficará lá dentro.”
- “ À partida, nós temos um plano que contempla a segurança dos alunos.”
- “ Temos tudo o que tem a ver com o Plano de Evacuação

- Meios de segurança dos alunos existentes na Escola (40)

- “ o critério é sempre este: em função dos alunos.”
- “ O grupo dos horários elabora um primeiro esquema de horários dos alunos, depois vem à Direção e, normalmente, o Diretor e o Vice-Diretor, somos nós os dois que fazemos este papel de ir verificar os horários das turmas, turma a turma e vamos ver a colocação das disciplinas, por exemplo, uma disciplina de Matemática todos os dias à tarde ou três seguidos, não passa, como é óbvio. Ou seja, há este interesse em função dos alunos.”
- “ Claro que isto depois pode trazer... traz implicações com os horários dos professores.”
- “ Mas primeiro – e aquilo que eu faço, confesso, aquilo que eu vou verificar são os horários das turmas, são os horários dos alunos. O resto, depois, é um problema com os professores a seguir e vamos tentar, também, depois determinadas situações para satisfazer”
- “ mas em primeiro lugar, é do ponto de vista dos alunos.”
- “ Antes de mais, há aquele reconhecimento informal, aquele do dia-a-dia, o dos parabéns, nesta relação normal do professor, do Diretor de Turma e até, podemos dizer, do Diretor, que vai acompanhando”
- “ vou conhecendo um bocadinho os percursos dos alunos, às vezes são eles próprios que vêm dizer “Eu tive... sabe que nota é que eu tive... sabe que notas é que eu tive no final do período?” E isto é que é o reconhecimento informal, mas que é muito importante.”
- “ E depois há uma forma de reconhecer, que é o Quadro

- Reconhecimento e valorização do mérito, da dedicação e do esforço no trabalho e no desempenho escolar dos alunos (43)

| | |
|---|--|
| <p>de Honra.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ os Conselhos de Turma sugerem os alunos para o Quadro de Honra mediante um regulamento: têm que ter determinadas médias e os alunos tendo determinada média nas disciplinas, podem ser propostos, ou não, para o Quadro de Honra.”• “ O Diretor de Turma coloca à votação dos professores.”• “ À partida, primeiro é necessário ter aquela média, mas isto não quer dizer que tendo essa média, que vão para o Quadro de Honra, porque depois vai-se ver os outros fatores, que têm a ver com as atitudes, comportamento, as relações com os colegas, a ajuda, a colaboração, tudo isto. Então, avalia-se isso e o aluno tem notas, tem aquela média e tem mais este conjunto todo paralelo e é proposto para o Quadro de Honra.”• “ é colocada a fotografia e o nome num quadro, que está junto da Secretaria, passa a ser visível publicamente”• “ Todos os períodos escolares. No final de cada período e no final do ano letivo”• “ no início do ano letivo seguinte, são entregues os diplomas a todos os alunos que ficaram no Quadro de Honra, no final do ano letivo anterior.” <p>• “ Eu penso que sim. Primeiro, o acompanhamento do Diretor de Turma, dia a dia, as conversas com os pais e</p> | <ul style="list-style-type: none">• Estímulos dados aos alunos para aumentarem a dedicação, o esforço no trabalho e no desempenho escolar (44) |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>com os alunos”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ e depois eu acho que, nesta Escola, se valoriza o mérito, a dedicação, faz parte do nosso projeto.”• “ Nós claramente não passamos a mensagem de que é tudo igual, tanto faz trabalhar como não trabalhar, antes pelo contrário, isto para nós é um ponto essencial, valorizar quem se esforça, quem trabalha, independentemente, depois, do nível atingido no final, porque nem todos chegam a determinados níveis. E isto é valorizado.”• “ normalmente ... esses projetos são liderados pelos Diretores de Turma”• “ os projetos de solidariedade em concreto ficam registados em ata”• “ nós, nas avaliações, nos Conselhos de Turma, regista-se tudo o que diz respeito às avaliações dos alunos, aquilo normal, mas também se registam os projetos desenvolvidos pelos alunos e os projetos de solidariedade, o resultado dos projetos e os alunos propostos para Quadro de Honra e tudo isso. Ou seja, até formalmente isto é registado.”• “ paralelamente, depois, dá-se alguma relevância a estes projetos, por exemplo, através da Revista do Colégio.”• “ ainda na última revista vem uma crónica de um dos projetos que uma turma desenvolveu junto de um lar de terceira idade aqui nas redondezas. E vêm as fotografias, vem o resumo dessa experiência. Ou seja, também isto é | <ul style="list-style-type: none">• Valorização dos alunos que desenvolvam ações meritórias, em benefício comunitário, social ou de expressão de solidariedade na Escola ou fora dela (45) |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>valorizado.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “ Quando falo na Revista, falo também na página da Internet, que tem uma visibilidade... enquanto que na revista é no final de cada período, na página da internet, todos os projetos que os Diretores de Turma, os professores querem... que acham que é importante divulgar para a comunidade, eles são colocados imediatamente na página da Internet.” • “ Do mérito, do Quadro de Honra, naturalmente que sim.” • “ Ah, sim, claramente. Isso é ponto assente e os alunos sabem perfeitamente que ao envolverem-se neste tipo de projetos, sabem que são reconhecidos, em geral.” • “ Existe mesmo nas próprias avaliações, nós temos o chamado “valor ...” e que pode pesar até numa pequenina percentagem na própria avaliação.” | <ul style="list-style-type: none"> • Estímulos dados aos alunos para desenvolverem esse tipo de ações (46) |
| <p>Subcategoria: Direito à Vida, à Sobrevivência e ao Desenvolvimento</p> | |
| <p>Unidades de registo</p> | <p>Indicadores (Itens)</p> |

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Nós pretendemos que seja uma educação de qualidade.”• “ confesso que nisto nunca atingimos aquilo que queremos e é uma dinâmica que tem que ser revista e melhorada dia a dia. Por isso, é a única coisa que eu posso dizer a esse nível.” • A ideia é precisamente essa, porque nós não queremos formar alunos grandes crânios, mas que depois não tenham a mínima noção da realidade”• “ nós sabemos que existem grandes crânios, mas que não têm os pés – em bom português – assentes na terra.”• “ A nossa função, a nossa missão, também, é esta: é, sobretudo, que cada aluno saiba ser capaz de colocar o saber, as suas aprendizagens, ao serviço dos outros, de si próprio, no dia-a-dia, nas realidades com que se depara. Esta é a nossa grande preocupação.”• “ Com os valores, aquilo a que nós chamamos educação integral, que eu diria na educação integral entram dimensões como: a dimensão intelectual, académica, a parte física, por exemplo, a atividade física, que é importante”• “ Uma associação desportiva, que é um clube federado, existe a formação normal, existe depois mais a parte já competitiva” | <ul style="list-style-type: none">• Caracterização do ensino e da educação proporcionados aos alunos. (Qualidade do ensino e educação) (47) • Adequação da educação ao desenvolvimento nos alunos: (48)<ul style="list-style-type: none">a) Da personalidade (48,a)b) Dos talentos (48,b)c) Das aptidões mentais (48,c)d) Das aptidões físicas (48,d) |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ desenvolver os talentos.”• “ A parte estética também é importante, o desenvolvimento da parte estética”• “ depois a dimensão ética e a dimensão religiosa” • “ No Projeto Educativo, penso que estão lá precisamente estas dimensões, todas estas dimensões estão lá contempladas.”• “ Estão lá elencadas, por exemplo, as atividades desportivas, olimpíadas dos vários Centros, que envolvem centros portugueses e estrangeiros”• “ Temos, por exemplo, a promoção da criatividade, está lá, clara, como sendo valorizada, a participação em projetos diversos” • “ a participação em projetos de âmbito nacional e internacional”• “ Parcerias com outras entidades, inclusivamente com algumas universidades.”• “ temos um com o Instituto Superior Técnico, em que há... sobretudo com os alunos mais crescidos, há um | <ul style="list-style-type: none">• Medidas constantes do Projeto Educativo da Escola, destinadas a proporcionar condições aos alunos que lhes permitam: (49)a) O pleno desenvolvimento físico (49,a) b) O pleno desenvolvimento intelectual (49,b) |
|---|---|

| | |
|--|--|
| <p>intercâmbio com o próprio Instituto, os alunos vão lá, recebem aulas, utilizam as instalações, há muito este intercâmbio entre as duas instituições.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ outros protocolos que temos, também, por exemplo, já mais ao nível dos professores, formação de professores, através de protocolos que temos, com estágios”.• “ Temos a dimensão pastoral”• “ há um projeto pastoral ... existe um tema anual, todos os anos existe um tema que vai aglutinar toda a parte da pastoral, toda a parte da dimensão religiosa e moral do Colégio, perspectivas e tudo aquilo que vai sendo trabalhado até transversalmente nas várias disciplinas.”• “ Morais, sim e humanos, sobretudo.”• “ Mesmo a formação que é feita, por exemplo, com os delegados, também vai muito dentro deste tema em concreto de cada ano”• “ paralelamente, existem as aulas de Moral, a catequese e toda a parte da formação humana, que também acontece.”• “ Aqui temos, na parte cultural, primeiro as atividades extracurriculares, que pretendem, também, responder um bocadinho a esta dimensão.”• “ Mas nos projetos desenvolvidos, projetos mais amplos, também está sempre presente este aspeto, ou seja, pretendemos valorizar as aptidões dos alunos.” | <p>c) O pleno desenvolvimento moral (49,c)</p> <p>d) O pleno desenvolvimento cultural (49,d)</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Por exemplo, o grupo de antigos alunos faz, todos os anos, pelo menos uma apresentação, um espetáculo público.”• “ Sim, este ano iniciámos, também, o projeto no pré-escolar, do grupo de Expressão Dramática e está a ser interessante, está a ter sucesso.”• “ Num dos últimos dias, por exemplo, um grupo de Expressão Dramática do terceiro ciclo fez a apresentação de uma peça para todo o pré-escolar. Também foi uma coisa assim muito gira.”• “ Na Área de Projeto do 12º ano, há alunos que desenvolvem todo o seu projeto sempre na área do teatro e também fazem duas apresentações durante o ano: uma, individual, a meio do ano e outra, coletiva, uma apresentação de peças clássicas.”• “ É a função da Escola e eu acho que isso está presente, no dia-a-dia.”• “ Agora, como a Escola, também, tem muitas realidades e contextos próprios, idades e tudo isto depende do nível etário, do ciclo e dos próprios líderes, Diretores de Turma”• “ mas há uma preocupação desde cima, para que isso aconteça, desde a Direção.”• “ Vou ser desmentido.”• “ acho que a nossa forma de estar é que diz se isso se aplica ou não, se estamos a cumprir isso, ou seja, o | <ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento nos alunos de uma compreensão profunda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais (50)• Métodos de ensino-aprendizagem adequados ao desenvolvimento nos alunos, de um espírito |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>professor que cria um ambiente de sala de aula, um ambiente de seriedade, de tranquilidade, de transmissão e de participação dos alunos, de participação nas matérias”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Os alunos participam e isso é valorizado, é um dos critérios para a avaliação dos alunos.”• “ O aluno participa com frequência, no dia-a-dia, na sala de aula.”• “ Nós pretendemos que os professores... até porque esse tipo de metodologia foi mudada, sobretudo a partir do momento, acho eu, na nossa Escola, a partir do momento em que as aulas passaram a ser ministradas por blocos. Blocos, por exemplo, de noventa minutos.”• “ Antigamente, eram cinquenta minutos e, a partir do momento em que passam para noventa minutos, é óbvio que os professores não poderiam continuar a lecionar da mesma forma e isto foi claro, chegou-se a esta conclusão e nós tivemos que trabalhar tudo isto desta forma.”~• “ Os alunos não aguentam noventa minutos a ouvir o professor. Por isso, até aqui teve que haver esta mudança.”• “ Há uma parte, eventualmente, de apresentação das matérias, mas há toda uma parte de interação e de trabalho e de aplicação dos conhecimentos e de participação, porque senão era impensável que isso acontecesse.”• “ no momento em que os quadros interativos passaram a funcionar, é evidente que nós sabíamos, à partida, que os alunos iriam ser muito mais protagonistas na sala de aula, porque os alunos, em muitos casos, são eles que mexem melhor com aquele equipamento, mexem melhor | <p>democrático, respeitador dos direitos do homem e das liberdades fundamentais (51)</p> |
|--|--|

respetivas matérias, a Educação Moral, a Formação Humana, lecionada pelos Diretores de Turma, são temas que são trabalhados durante o ano.”

- “ Para além disso, há a participação dos pais em ações, inclusivamente em aulas abertas, nos diversos ciclos e todo este tema é trabalhado.”
- “ Mas eu penso que começa logo na perspectiva que temos da educação, que só se faz diretamente em ligação com os pais.”
- “ Os pais são chamados ... são chamados à Escola no dia-a-dia para acompanharem o processo normal dos seus educandos”
- “ depois eles são muito solicitados a participar nas atividades que se desenvolvem ao longo do ano. Sempre que podem, eles estão presentes.”
- “ Depois, têm esta participação efetiva em algumas áreas da formação. Temos, de vez em quando, solicitamos a colaboração dos diversos pais, nas áreas em que trabalham, nas áreas de formação”
- “ vou dar exemplos. A educação para os afetos, a educação para a sexualidade, a educação para a saúde, tudo isto, por exemplo, é trabalhado com alguns pais que têm formação, por exemplo, na área”
- “ Convidamos e já temos várias ações realizadas. Normalmente, isto acontece em turmas concretas, podem ser as dos respetivos filhos ou mais até no ciclo em que os filhos estão inseridos.”
- “ se forem só na turma, são aulas abertas, se forem de ciclo, consideramos mais uma ação de formação para os

| | |
|--|--|
| <p>alunos.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Nas aulas abertas, entram outras matérias. Como digo, por exemplo, uma aula de História, os pais que têm formação nesta área vêm, muitas vezes, em ligação com o respetivo professor, prepara-se uma aula especial e os pais podem vir lecionar uma dessas matérias.”• “ Quem diz de História, diz de Matemática, diz de Ciências, porque muitos pais têm formação na área das Ciências.”• “ Tudo isto é feito, claro que mais numas idades do que noutras, por exemplo, nos segundo e terceiro ciclos é relativamente mais fácil”• “ mas, também, no secundário existe um projeto em concreto – também quero dizê-lo – que tem a ver com a ajuda nas opções dos alunos. E existe um projeto coordenado pela responsável do secundário e com alguns pais, em que há uma calendarização de ações ministradas por determinados pais, em determinadas áreas e tem a ver um bocadinho com as perspetivas de futuro, com os cursos universitários e com as saídas profissionais.”• Isto é essencialmente, também, nas diversas áreas, nas matérias... Penso que, por exemplo, a aula de História aí é importante, a Língua Portuguesa, as aulas de Português, tudo isto é trabalhado”• “ também, no dia-a-dia e nós como Escola, se quisermos, o nosso projeto é um projeto com história e com uma certa tradição, daí que os próprios valores que são vividos e que são preconizados no nosso Projeto | <p>b) Pela sua identidade cultural e nacional, língua e valores (53,b)</p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| <p>Educativo tenham muito a ver com esta questão da identidade cultural, do respeito pela língua e pela nossa História. Eu penso que isto acaba por acontecer naturalmente.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ por exemplo, em algumas ações isso é feito.”• “ Já foram promovidos debates, por exemplo, sobre a questão das religiões e foram convidados representantes dessas mesmas religiões, que normalmente são pais ou são familiares, são pessoas ligadas aos alunos em concreto”• “ no ano letivo que está a terminar, isso aconteceu, debates a discutir todas essas questões das especificidades, daquilo que sobretudo nos une.”• “ Há coisas que nos diferenciam, mas sobretudo há algo, nomeadamente, no que tem a ver com as religiões, há... o essencial é aquilo que nos une, não é aquilo que nos afasta.”• “ O nosso projeto é um projeto que tem toda esta história e que está muito ligado a estes valores, isto é trabalhado duma forma muito natural.”• “ Nós somos muito pouco de defender novas ideias porque estão na moda; defendemo-las se elas fizerem sentido e se vierem numa perspetiva de continuidade. Nós não defendemos cortes abruptos, nem educamos segundo as modas, aquilo que parece bem.”• “ São relativamente poucos” | <p>c) Pelos valores nacionais do país em que vivem (53,c)</p> |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ mesmo aqueles que pertencem a culturas específicas, são essencialmente alunos que já nasceram em Portugal, apesar de estarem ligados a comunidades com uma identidade muito própria. Mas são essencialmente nacionais. Por isso, é um grupo relativamente diminuto de situações em que isso acontece.”• “ Especificamente, não. É dentro daquilo que eu referi atrás.”• “ Sim, isso acontece normalmente e automaticamente a partir daquilo que são as matérias (...) que a escola leciona”• “ evidente que, volto a dizer, a disciplina de História, por exemplo, é uma disciplina privilegiada para falar, formar e interiorizar aquilo que tem a ver com os valores de outras civilizações.”• “ como existe um projeto de Escola, é evidente que as disciplinas não são estanques, há aqui muita interdisciplinaridade e recordo perfeitamente que muitas matérias existem sobre determinados temas, voltamos ao tema das religiões, o tema das religiões analisa-se nas disciplinas de História, na disciplina de Educação Moral e noutras disciplinas, se quisermos até na própria Filosofia, etc.”• “ a disciplina, por exemplo, de Área de Projeto, é uma disciplina que constitui um meio privilegiado para desenvolver estes temas que são muito mais transversais e muito mais interdisciplinares e isso nós aproveitamos.”• “ Sim, é a própria Pastoral que organiza, muitas vezes, | <p>d) Pelos valores nacionais do país de origem (47,d)</p> <p>e) Pelos valores de outras civilizações (53,e)</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>esses encontros.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ esses debates sobre outras culturas, outras religiões, aqui entra, normalmente e como é óbvio, toda a dinamização da área de Pastoral, que é uma área muito forte, nesta Escola.”• “ O objetivo é esse.”• “ Até que ponto se consegue, só mais tarde é que poderemos aferir um bocadinho dessa preparação.”• “ Algum feedback que temos, faz-nos concluir que há aqui alguma base que ajuda no futuro.”• “ Agora, é uma questão difícil de responder porque é como na agricultura. Há sempre uma época da sementeira e há uma época da colheita. E não coincidem, porque primeiro é necessário semear, deixar que a semente cumpra o seu ciclo normal e só mais tarde é que se podem retirar os frutos. E eu acho que na educação é exatamente isto.”• “ É dentro destas dinâmicas que eu referi, quer dizer, uma Escola que tem regras, porque as regras são necessárias, também, dentro desta área, nem tudo é válido, só deve ser válido aquilo que nos ajuda, aquilo que reverte em favor do nosso bem-estar, do nosso crescimento, etc. e como pessoas, na sua totalidade.”• “ Daí que eu ache que isto... acaba por passar, também muito naturalmente no dia-a-dia e nas dinâmicas todas, desde as dinâmicas letivas até e, muitas vezes, sobretudo | <ul style="list-style-type: none">• Preparação dos alunos para uma vida responsável, numa sociedade livre (54)• Desenvolvimento nos alunos do espírito de compreensão, tolerância e amizade entre todas as pessoas (55) |
|--|--|

muito para além das próprias dinâmicas letivas, é nos recreios, é nos convívios, é no desenvolvimento de atividades diversas e é nos convívios, por exemplo, os próprios convívios desportivos.”

- “ Nós temos muita relação ao nível desportivo com outras escolas e com outras realidades nacionais e estrangeiras”
- “ Temos uma Associativa Desportiva, que é um clube federado e que faz com que os nossos alunos tenham esta prática desportiva, não só a nível interno, mas sobretudo com outras escolas e com outras instituições e com outras realidades, porque dentro deste nível do desporto federado, os nossos alunos vão competir com atletas dos mais diversos locais e das mais diversas realidades, no dia-a-dia, desde locais de bairros, locais mais desfavorecidos, até outras realidades idênticas às nossas, mas passa por tudo isto, isto já faz parte da dinâmica da competição”
- “ começa a nível regional, depois passa a nível, eventualmente, distrital e vai depois terminar, em muitos dos casos, já a um nível nacional. Mas isto, também, depende muito do desempenho dos atletas, porque há equipas que, entretanto, ficam eliminadas e que já não avançam.”
- “ as áreas fortes da nossa Escola são o voleibol e o futsal.”
- “ Sobretudo no voleibol, posso dizer porque somos uma Escola que trabalha os atletas desde muito pequeninos, desde o mini-volei e vai acompanhando-os no seu crescimento até, muitas vezes, para além já do próprio

tempo em que o aluno está a frequentar esta Escola, porque depois já na universidade, ou já fora do ensino pré-universitário, continua, também, a participar nestas atividades.”

- “ isto não termina com a saída deles quando terminam a sua caminhada, o seu ciclo de ensino.”
- “ faz parte da dinâmica da Pastoral e, em concreto, numa secção que é a da solidariedade; dentro da Comissão Pastoral, temos pessoas que representam os vários ciclos, os vários âmbitos do colégio e que têm mais esta incumbência de avançar, dinamizar a área da solidariedade.”
- “ todas as turmas desenvolvem um projeto de solidariedade ao longo do ano e não é só a recolha de fundos, mas é também com o objetivo de conhecer as instituições com as quais colaboram e ter a oportunidade de ir verificar e ir conviver com essas próprias pessoas.”
- “ Para além disso, participamos noutras dinâmicas a nível nacional, quando há mais este tipo de catástrofes nacionais e internacionais, como aconteceu durante este ano letivo: nós desenvolvemos campanhas para essas realidades”
- “ dou um outro exemplo: na recolha de alimentos para o Banco Alimentar que é feita, nós temos já um supermercado que nos está destinado e naqueles dias dessas recolhas a nível nacional, lá estamos nós sempre com boa participação de professores, na recolha, e tem professores, tem alunos e tem, também, pais a colaborar. E isto, eu penso que, também, é importante.”
- “ aqui temos a sede das Guias de Portugal, que é o tal

| | |
|---|---|
| <p>grupo feminino que, todos os sábados, aqui reúne e desenvolve as suas atividades”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Dos rapazes, tem os escuteiros, também, na outra Escola.”• “ Nós temos outras dinâmicas. Temos o movimento Animar que, também, é dentro desta dinamização da Pastoral juvenil”• “ as Guias de Portugal, se quisermos e o movimento Animar ... É essencialmente trabalhar nesta área da dinamização juvenil, nas dinâmicas, na criação de lideranças. Por exemplo, os nossos alunos mais velhos e os ex-alunos são os monitores dos mais pequenos e ao longo da semana promovem-se estes encontros dentro desta área, essencialmente das dinâmicas com os jovens, de grupo, etc. E depois têm acampamentos, têm outro tipo de ações”• “ essencialmente é isso (contribuir para a formação da personalidade)”• “ É o objetivo principal, é esse mesmo (promover as relações de amizade e de compreensão, a tolerância).” <ul style="list-style-type: none">• “cada vez mais”• “ nós estamos, também, metidos, mergulhados mesmo nestas campanhas, se quisermos, da Eco escolas e da Escola Eletrão e essas coisas todas” | <ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento nos alunos do respeito pelo ambiente (56) |
|---|---|

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ as áreas da Ciência estão muito envolvidas nisto, trabalham nisto, projetos a nível nacional”• “ nós temos, por exemplo, a Bandeira Verde e estamos a participar nestas dinâmicas que também, em ligação com as dinâmicas e os projetos nacionais.”• “ tudo isto está a ser trabalhado e, como é óbvio, para também termos o reconhecimento formal, isto é no dia-a-dia que é trabalhado pelos próprios professores.”• “ Nas áreas disciplinares, sim.”• “ nos projetos... como digo, estas disciplinas que são mais transversais. Utiliza-se muito isso. Mas, sobretudo as áreas das Ciências estão muito metidas nestas dinâmicas.” • “ Na minha opinião, sim, senão não as defenderia, como é óbvio.”• “ Eles podem queixar-se eventualmente, que às vezes não respeitam, que não lhes dão aquela liberdade que eles anseiam, eventualmente, isto faz parte também... isto é como na sociedade, nunca ninguém está contente com as regras que tem, mas o objetivo é esse”• “ como responsável desta instituição, só posso acreditar que as regras existem para melhorar as relações e para que as pessoas possam crescer numa forma harmoniosa, respeitando aquilo que é o essencial da dignidade humana.”• “ se não houver regras, é evidente que aí, então, é que começa toda a bandalheira e que começa... é mesmo o início para entrar num ambiente em que ninguém se | <ul style="list-style-type: none">• Adequação das regras que regulam a disciplina na Escola com o respeito da dignidade dos alunos (57) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>respeita, como é óbvio. Eu, pessoalmente, acredito nisso, porque senão não colocaria esse tipo de regra.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Objetivamente, sim, depois como a Escola é composta por pessoas e as pessoas têm sensibilidades, têm formas de estar, etc., nem tudo será perfeito, obviamente.”• “ objetivamente, aquilo que existe e as dinâmicas e as regras e tudo é em função de tudo isto. Agora, aferir, avaliar depois no concreto, depende de muitos fatores.”• “ Os defensores desta mentalidade moderna, essas coisas todas em que tudo é válido e isso tudo, possivelmente ficariam escandalizados, mas eu acho que isto tudo faz sentido porque as instituições propõem um projeto e as pessoas aderem ao projeto, se concordam com ele, não é? Se não concordam, têm outros projetos.”• “ O nosso projeto é um projeto de Escola, inserido na Escola Católica, naturalmente que é nesta linha que nós educamos. E os pais sabem que, ao colocar os seus filhos nesta Escola, a linha é esta, independentemente de, depois, terem especificidades de comunidades e com vivências diferentes.”• “ Não há contradição, porque eu volto a dizer que nas religiões, contrariamente àquilo que passa por aí, é muito mais aquilo que nos une, do que aquilo que nos diferencia. E as diferenças são importantes.” | <ul style="list-style-type: none">• Adequação das regras existentes na Escola ao direito do aluno: (58)a) À liberdade de expressão, de pensamento, de consciência e de religião (58,a) |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Eu sou muito pouco defensor de uniformismos, em que toda a gente tem que pensar da mesma maneira e carreirismos, etc. Há diferenças, mas as diferenças têm que servir para nos valorizar e para nos aproximar.”• “ as pessoas sabem com o que contam; aproveitam aquilo que, no nosso projeto, nós poderemos transmitir e levar para essas pessoas, no seu crescimento normal. Mas aqui, a direção é esta”• “ Sinceramente, não sei e não estou preocupado, (se os alunos que professam outras religiões, depois se convertem à religião católica, se permanecem na religião dos pais). Não vou para esse tipo de linha. Interessa-nos que os alunos que saiam daqui, saiam com uma boa formação humana e com uma boa formação espiritual e religiosa e, depois, que a utilizem no seu dia-a-dia, nos seus contextos, que são diferentes.”• “ Não estou, sinceramente, volto a dizer, minimamente preocupado com conversões para um lado ou para outro. Não é esse, não é minimamente o nosso objetivo, não. Absolutamente. Eventualmente, terá sido, terá feito parte de uma época, não é essa. Não é a nossa perspetiva. A ideia é mesmo aproveitar aquilo que a Escola pode transmitir de positivo.”• “ Sim, no que diz respeito à liberdade de associação, se calhar aquilo que é mais visível é a Associação de Estudantes, a Associação de Alunos.”• “ Todos os anos, nós temos Associação de Alunos e isto | <p>b) À liberdade de associação (58,b)</p> |
|--|--|

| | |
|--|--------------------------------|
| <p>se calhar, já diz bastante do que é a dinâmica desta Escola.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Existe a Associação e existem sempre listas muito interessadas, existe mobilização, as campanhas, as votações, as eleições bastante concorridas, independentemente, depois, de haver turmas que participam mais ou menos”• “ foi sempre um trabalho de muita proximidade e de muita colaboração entre a Direção da Escola e as Associações de Alunos.”• “em jeito de balanço, que tem sido muito positivo.”• “ Para além disso, eles participam, como eu já referi, no Conselho Pedagógico, fazem parte do Conselho Pedagógico”• “ neste caso era mais a incumbência do Vice-Diretor, a relação mais direta com o Presidente da Associação de Alunos, tem a ver com os projetos, porque eles desenvolvem muitos projetos e festas que organizam e colaboração frequente e isto acontece numa forma muito natural.”• “ as várias associações, os movimentos e as próprias lideranças, se quisermos, das turmas, delegados, eventualmente, que entrarão por aí.”• “ do mais sagrado que a pessoa tem, o seu direito à privacidade.”• “ Nós temos muito este cuidado com o enquadramento, com os dados pessoais, familiares, a questão até da | <p>c) À privacidade (58,c)</p> |
|--|--------------------------------|

| | |
|---|---|
| <p>utilização das próprias fotos, etc., tudo isto é com muito cuidado que é feito.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ não se facilita, não se entregam dados quando são solicitados, referentes a alunos ou famílias, sem uma autorização prévia dos Encarregados de Educação.”• “ As regras existem para que haja um ambiente em que as pessoas se sintam bem, se sintam seguras, se sintam respeitadas e que não sejam vítimas de violências”• “ num universo grande, é óbvio que há muitos tipos, se quisermos, de violência, se calhar simbólicas, físicas, se calhar são aquelas mais visíveis e são as mais fáceis de resolver.”• “ hoje em dia, com as tecnologias à disposição, internet, telemóveis, etc., há, acredito, muita facilidade em fazer determinado tipo de pressões entre colegas e isso já ultrapassa a própria Escola”• “ É esse o objetivo principal da existência das regras, é para que os alunos se sintam bem e se sintam seguros, não haja este tipo de situações em que toda a gente faz o que quer, sem ser penalizado.”• “ quando as pessoas sabem que ao cometerem determinado tipo de atos, se eles forem negativos e se prejudicarem outros, há penalizações, há punições, é evidente que as pessoas têm que pensar bem naquilo que vão fazer.”• “ Este é um papel se calhar mais do Diretor de Turma ... E na sala de aula, claro!” | <p>d) À proteção contra todas as formas de violência física ou moral, injúrias ou abusos, a ser negligenciado, maltratado ou explorado (58,d)</p> |
|---|---|

difícil, mas que realmente também tenham o seu papel de tentar melhorar, juntamente com a Escola, isso é evidente que a Escola vai fazer tudo para que os alunos não sejam colocados fora e não entrem em situações de eventual marginalidade, etc. Essa é a ideia, desde que, naturalmente, façam, também, a sua parte, isso é que é importante”

- “ aquilo que para mim é mais importante é o respeito para com as pessoas”
- “ aquilo que eu mais vezes repito junto dos professores e dos funcionários, nas reuniões gerais, nas formações, é sempre a insistir nesta tecla: nós queremos que os alunos nos respeitem, mas não podemos esquecer que nós temos que respeitar os alunos.”
- “ Se nós não respeitamos os alunos, não podemos depois exigir que os alunos nos respeitem.”
- “ se calhar na Escola e na Escola em geral é este o problema. Muitas vezes o adulto começa, avança, porque tem, de certa forma, um estatuto superior, avança, tudo é válido. De repente, quando o aluno lhe devolve essa falta de respeito, aí começa a haver choque.”
- “ Mas eu acho que aqui, assim à partida, não existe esse problema.”
- “ é aqui o centro daquilo que são as dinâmicas, que tem a ver com a educação.”

- Modo de tratamento dos alunos pelos elementos da comunidade escolar (59)

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Naturalmente não são os alunos. Normalmente, são os pais que se queixam numa outra situação e quando o fazem, ou reportam imediatamente ao Diretor de Turma, ao Coordenador ou ao Diretor. E numa outra circunstância, existe uma carta, uma queixa porque aconteceu isto e isto. E a Escola, perante isto, vai imediatamente averiguar e vai tratar do assunto, pelo menos resposta dá e vai verificar o que é que se passa.”• “ Eventualmente, haverá de tudo, mas são situações, aquelas que eu conheço, e como digo, eu conheço minimamente a dinâmica da Escola porque mesmo aquilo que não me vem diretamente para eu solucionar, para intervir, porque entretanto já foi tratado noutras instâncias, mesmo assim todas essas informações me são transmitidas pelos Diretores de Turma, sobretudo, pelos Coordenadores de Ciclo: “Aconteceu isto, chamámos os pais, tratámos e o assunto foi resolvido”, ou não; se não foi, vai passar para mim.”• “ São situações, felizmente, escassas, mas elas existem e isso faz parte”• “ estas situações são muitas vezes mal-entendidos, porque é o aluno que chega a casa e dá a sua versão e a versão pode, eventualmente, não coincidir com aquilo que foi a realidade.”• “ Mas existem situações dessas.”• “ Sinceramente, não, porque se tivesse, teria que atuar imediatamente. Não, não me parece.” | <ul style="list-style-type: none">• Existência de participações dos alunos por terem sido tratados com falta de respeito e correção pelos elementos da comunidade escolar (60)• Uso de violência por parte de professores ou de |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Na Escola, não, que eu tenha conhecimento.”• “ Sei que, depois há situações, sobretudo em alunos mais velhos, por outro tipo de relações, eventualmente até relações amorosas e começa... ali, a certa altura pode haver conflitos entre eles e depois utilizam este tipo de situações de ameaças, que podem... físicas, não tenho conhecimento. Mas há eventualmente ameaças psicológicas através, utilizando os tais meios que eu referi atrás.”• “ Vai-me chegando uma ou outra informação de situações que acontecem lá fora, muitas vezes, e que têm a ver muitas vezes com isto. Não é nas relações normais de Escola, não é no que diz respeito à Escola, mas é no que concerne, essencialmente, depois, outro tipo de relacionamentos.”• “ Nas dinâmicas deles, de jovens e isso pode acontecer. (...) uma ou outra situação que eu ouço mas que, de certa forma, me ultrapassa.” • “ Não, sinceramente não, porque nós como atuamos diretamente, por exemplo, nas mesas de sala de aula, nós sabemos quais são as mesas, a quem pertencem; para além disso, tudo isto é trabalhado” | <p>funcionários sobre alunos (61)</p> <ul style="list-style-type: none">• Ocorrência de situações de violência entre alunos, na Escola (62) • Ocorrência de vandalismo (63) |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Pode haver... é evidente que há sempre um ou outra tentativa, uma ou outra situação, esporádica, mas vandalismo nesta Escola, felizmente não existe.”• “ isto também tem a ver um bocadinho com... o facto de os alunos terem a sua sala de aula, a sua carteira, os seus espaços, eu acho que faz com que eles tenham uma conceção diferente, que é “isto é meu, isto não é de todos, isto é meu”. ”• “ Têm a mesma sala e só partilham outros espaços, de Educação Física, de Artes, etc., mas têm a sua sala e a sua carteira.” • “ Se for alguma coisa que aconteça aqui dentro da Escola e que seja do nosso conhecimento, nós atuamos imediatamente. Agora, aquilo que já ultrapassa a própria Escola”• “ Sim, de vez em quando acontece, naturalmente que há a ação disciplinar.” • “ Não tem específico, porque também não tem necessidade. Felizmente, não.”• “ Sim, por exemplo, nós estamos já em julho, não é? As aulas terminaram já há alguns dias e os alunos que quiseram, cujos pais quiseram que os alunos continuassem, têm por exemplo, todo um tempo de | <ul style="list-style-type: none">• Modos de resolução das situações de violência e de vandalismo(64) • Existência de um plano com medidas de prevenção contra a violência (65) • Iniciativas desenvolvidas pela Escola para promover a ocupação dos tempos livres dos alunos (66) |
|--|--|

| | |
|---|---|
| <p>ocupação dos tempos livres, agora, nesta altura, com atividades diversas, a nível cultural, a nível das artes, passeios, praia, etc. Há esta possibilidade.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Todos os níveis de ensino.”• “ Mesmo o secundário, se quiserem.”• “ Normalmente, o secundário já não entra muito nisto, já tem outro tipo... Mas isto está aberto a todos, desde que haja, nas atividades, um mínimo de alunos inscritos para que a atividade possa desenvolver-se.”• “ Durante o tempo de aulas, é essencialmente com estas atividades extracurriculares, a nível desportivo, cultural, escola de música, teatro, danças, natação, todo o tipo de atividades que existem, para além das aulas normais.”• “ esta Escola está aberta de manhã à noite, todo o dia, para que se possam desenvolver estas atividades.” • “ Normalmente, isto não entra no âmbito da organização dos alunos, a não ser a Associação de Alunos que sugere uma ou outra coisa e alguma atividade específica, mas, essencialmente, não é do âmbito dos alunos, a organização deste tipo de atividades.” • “ Sim, o Gabinete de Psicologia que existe tem um papel muito importante nesta Escola.”• “ Várias. Primeiro, o acompanhamento pessoal dos alunos que o necessitam, o Gabinete de Psicologia está, | <ul style="list-style-type: none">• Iniciativas desenvolvidas pelos alunos para ocupação dos seus tempos livres (67) • Ações ou medidas de apoio aos alunos desenvolvidas pelos Serviços de Psicologia e |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>ao longo do ano.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Cada ciclo tem um psicólogo, para atender os alunos desse ciclo.”• “ Depois, participa nas dinâmicas, por exemplo, de turma. Se existe uma turma que está, em termos de relacionamentos ali um bocado complicada, é solicitada a intervenção do Gabinete de Psicologia, que vai trabalhar isto com o Diretor de Turma e utiliza, por exemplo, a aula de Formação Humana, ministrada pelo Diretor de Turma e então é nessa aula que estas dinâmicas se podem desenvolver e se desenvolvem, juntamente com o Gabinete de Psicologia. Este é um exemplo.”• “ Para além disso, no nono ano, há todo um trabalho do Gabinete de Psicologia diretamente e especificamente para ajudar os alunos nas suas escolhas das áreas de secundário e de futuro e isto com um projeto com tempos marcados.”• “ Todos os alunos de nono ano têm esta possibilidade, esta possibilidade não, esta realidade de serem acompanhados pelo Gabinete de Psicologia, sobretudo dentro deste âmbito que eu referi.”• “ Não sei, assim em concreto. Já falei do papel dos pais, doutras entidades, eventualmente já falei de parcerias, de instituições, doutro tipo de projetos (tutorias e acompanhamento dos professores)” | <p>Orientação Escolar e Vocacional dentro do âmbito da sua área de atividade (68)</p> <ul style="list-style-type: none">• Outras atividades e medidas de apoio aos alunos, desenvolvidas pela escola (69) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Temos essencialmente o Gabinete Médico.”• “ Qualquer situação que aconteça a um aluno, dentro ou fora da sala de aula, um acidente, o aluno que começa a sentir-se pior, maldisposto, com dor de cabeça, etc., aquelas situações mais anormais, até essas, um bocadinho mais extremas, uma lesão numa aula de Educação Física ou no recreio, imediatamente é o Gabinete Médico que intervém;”• “ nós temos sempre aí enfermeiras, os pais têm seguro, se for necessário, envia-se para a clínica respetiva ou para o hospital, mas isso sempre mediante uma observação do Gabinete Médico.”• “ Exatamente, de manhã à noite, e faz toda esta... primeiro, as situações normais, trata delas, são situações normais; situações mais extraordinárias ... Faz de certa forma a triagem e depois... avisa sempre os pais quando isto acontece, a primeira coisa é avisar o Encarregado de Educação e depois tomar-se a decisão melhor.”• “ Sim. Claramente, a minha experiência é essa. Tem sido extremamente positiva e dá tranquilidade a toda a comunidade educativa e sobretudo aos pais”• “ mesmo para nós, eu próprio se tenho alguma indisposição, qualquer coisa, não tenho qualquer hesitação em ir ter ao Gabinete Médico, uma dor de cabeça, ou qualquer coisa assim.” | <ul style="list-style-type: none">• Meios de que a Escola dispõe para garantir o pronto-socorro aos alunos em caso de acidente ou doença súbita ocorridos no âmbito das atividades escolares (70)• Eficácia e suficiência dos meios para garantir a assistência pronta aos alunos (71) |
|--|---|

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • “ Os professores, a mesma coisa. Para toda a gente, está aberto para isso.” | |
| <p>Subcategoria: Respeito pelas opiniões dos alunos</p> | |
| <p>Unidades de Registo</p> | <p>Indicadores (Itens)</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • “ Sim, cada vez mais e já referi, por exemplo, com a utilização dos meios informáticos que temos, as novas tecnologias, isto reverte em favor dos alunos, sobretudo do seu maior protagonismo e da maior dinamização e dinâmica das próprias aprendizagens.” • “ Claramente um dos méritos, também, destas novas tecnologias tem a ver com o fato de o aluno passar a ser muito mais protagonista do que há uns bons anos atrás. • “ Sim, primeiro nos inícios de ciclos e no início do ano, os pais... existem reuniões imediatas com os pais e o Coordenador de Ciclo com os respetivos professores faz uma apresentação para todos os pais, os currículos, os programas das diversas disciplinas. Isto todos os anos, no início de cada ano letivo acontece. Ou seja, começa logo a informação para os pais.” • “ Na primeira aula do Diretor de Turma com os alunos, explica, é a apresentação dos horários, o calendário, tudo aquilo que tem a ver depois com o ano letivo, etc.” • “ depois os professores, também, na primeira aula, como | <ul style="list-style-type: none"> • Intervenção ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem (72) • Informação prestada aos alunos sobre o plano do seu curso, o programa e os objetivos de cada disciplina e sobre os processos e critérios de avaliação (73) |

| | |
|--|---|
| <p>é óbvio, apresentam. Tudo o resto, os critérios, o programa e os objetivos, são explicados”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ E estão sempre disponíveis para os alunos e para os Encarregados de Educação. O Encarregado de Educação, se tem dúvidas sobre critérios de avaliação, sobre programas, requisita imediatamente nos nossos serviços do Centro de Recursos e tem acesso imediato.”• “ Uns mais do que outros, se calhar, mas eu acho que, à partida, acho que sim, acho que a informação é entendível e quando não entenderem, têm todo o direito e o dever de pedirem para serem melhor esclarecidos.”• “ Eu acho que este papel é essencialmente dos pais.”• “ Se os alunos são informados, isso depois já depende, também, dos pais, mas tudo o que tenha a ver com matrículas e com abonos de família, toda esta informação é solicitada aos pais.”• “ Transmitida, é transmitida, peço desculpa, é transmitida aos pais, são os pais que são os principais responsáveis por esta área.”• “ Por exemplo, as matrículas, é enviada uma circular e é colocada na página da internet”• “ Em concreto, as matrículas foram realizadas na semana passada, de acordo com um calendário, toda a informação foi colocada... e foi feita.” | <ul style="list-style-type: none">• Compreensão pelos alunos da informação que lhes é dada (74)• Informações prestadas aos alunos sobre as matrículas, sobre direito a abono de família e como se podem candidatar a apoios socioeducativos (75) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ São os pais que vêm, fazem as matrículas e se responsabilizam.”• “ Toda a outra parte, abonos, etc., isso é uma área com os Serviços Administrativos e os Serviços Administrativos têm o seu programa e toda a informação extraordinária é colocada, ou através de circular ou através das informações que vão sendo colocadas na nossa página na internet.”• “ São. Para além daquilo que está no Regulamento Interno, existem regulamentos próprios de setores. Por exemplo, o ginásio tem um regulamento próprio, o pavilhão, os laboratórios têm regulamentos próprios, a escola de música tem regulamento e isto é dado a conhecer aos alunos.”• “ Pelos professores, pelos responsáveis e existem em concreto, esses regulamentos até estão afixados.”• “ É exatamente isso. Está afixado no Regulamento. É tudo colocado.”• “ Os alunos participam na eleição dos representantes da Associação de Alunos e participam na eleição dos seus colegas, delegados de turma, dos vários âmbitos que já | <ul style="list-style-type: none">• Informações prestadas aos alunos sobre as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos da Escola (76)• Informações prestadas aos alunos sobre as normas de utilização das instalações, como o Centro de Recursos, o Laboratório, o Refeitório e o Bufete (77)• Participação dos alunos na eleição para os órgãos, cargos e outras funções de representação dos órgãos da Escola (78,79) |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>foram referidos. Penso que é essencialmente a participação deles.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ não são incumbências dos alunos. (Conselho Geral e para o Pedagógico)”• “ nós como Escola particular, isso não existe (Conselho Geral) Nós temos o Conselho de Direção, Conselho de Coordenadores, Conselho Pedagógico e depois os departamentos das disciplinas, mas não temos esse”• “ É o Presidente da Associação de Alunos que tem assento direto ...por inerência ..., têm assento no Conselho Pedagógico, os delegados das disciplinas, têm os Coordenadores de Ciclos, o Presidente da Associação de Pais e o Presidente da Associação de Alunos, por inerência.”• “ A partir do quinto ano” (os alunos votam para eleger a lista para a Associação de Estudantes).• “ Habitualmente e a prática é essa, é sempre do secundário.” (79)• “ Faz parte. E são os do secundário que normalmente se dinamizam, que lá vão colocando na lista como colaboradores essencialmente, também, alunos um bocadinho mais novos, mas, isto é, podemos dizer se calhar culturalmente até, acaba por ser natural e normal serem os alunos do secundário.” (79)• “ Sim, eu o que vejo ao longo destes anos, claro que há Associações de Alunos mais dinâmicas do que outras, há presidentes diferentes, mas a minha experiência é essa: o | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos eleitos nas atividades inerentes aos órgãos/cargos (79) |
|--|---|

| | |
|---|--|
| <p>Presidente da Associação de Alunos no Conselho Pedagógico participa, ouve, colabora, é-lhe solicitada, de vez em quando, também, alguma informação, eu próprio como Presidente do Conselho Pedagógico, de vez em quando, solicito-lhe, “Há alguma coisa a referir da parte da Associação, da parte dos alunos”, qual é um bocadinho a perceção, também, de vez em quando, é-lhe solicitado um bocadinho a versão como Presidente da Associação de Alunos sobre as coisas, o dia-a-dia da própria Escola. Faz parte.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Sim. O Presidente da Associação de Alunos recebe toda a informação que todos os outros elementos do Conselho Pedagógico recebem, ou seja, recebe a ata da reunião anterior, recebe a convocatória para a reunião, e toda a documentação que é distribuída durante a reunião, no Conselho Pedagógico, também lhe é distribuída a ele.”• “ Igual. Está exatamente ao mesmo nível, se quisermos até do Diretor e dos outros professores que estão lá e Coordenadores. Toda essa informação é fornecida.”• “ Isso depende, também, daquilo que, em concreto, for apresentado.”• “ Nós ouvimos, e também quero dizer que muitas outras coisas ultrapassam a própria reunião do Conselho | <ul style="list-style-type: none">• Fornecimento aos alunos de toda a informação adequada, para eles poderem contribuir, de forma eficaz nos processos decisórios dentro da Escola (80)• Relevância das opiniões dos alunos nas decisões que são tomadas (81) |
|---|--|

Pedagógico.”

- “ as dinâmicas da Associação de Alunos são, se calhar, diárias e aquilo que vai sendo transmitido e solicitações para isto e para aquilo, é algo que acontece numa relação direta, neste caso com o Vice-Diretor, no qual eu deleguei essa competência da Associação, de ter a relação mais direta com a Associação de Alunos, por isso não é só... o Conselho Pedagógico é a representação, de certa forma”
- “ mas as dinâmicas normais, habituais do dia-a-dia ultrapassam o Conselho Pedagógico e há sempre, como digo, uma referência, uma pessoa a quem se dirigem os alunos e, neste caso, o representante dos alunos, que é o Vice-Diretor.”
- “ é essencialmente a Associação de Alunos, que tem uma direção, uma mesa da assembleia, tem um conselho fiscal, etc. e eles fazem as suas reuniões normais, nós aí não entramos, eles têm autonomia para dinamizarem a sua Associação.”
- “ Os delegados de turma fazem parte de dinâmicas diferentes. A Associação de Alunos é composta pelos alunos que concorreram nessa mesma lista e que ganharam. Depois, a ligação, é evidente que eles depois podem e é normal que façam e que consultem os delegados e que tenham esse tipo de dinâmicas, mas como há autonomia, isso já depende de cada Associação.”
- “ Diretamente, não tem (comunicação entre a Assembleia de Delegados com a Direção). Formalmente. Informalmente...”

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• “ Não, diretamente, não (ligação entre a Assembleia de Delegados e alguma estrutura intermédia da Escola). Estamos a falar de delegados das turmas, não é isso? Não, isso normalmente é uma dinâmica que acontece com a turma e o respetivo Diretor de Turma e aí será... esse é o papel do Diretor de Turma, que passa à Coordenação e eventualmente à Direção. Mas isso já é, é algo que acontece em ligação com o Diretor de Turma.”• “ não, gestão, não, como é óbvio. Para isso é que existe uma Direção.”• “ Sim, participam neste sentido: neste momento, por exemplo, a atualização destes dois documentos vai ser feita e já estamos na fase de consulta, de solicitação de ideias, de informações, estamos nesta fase de recolha, não é? E, claramente, a Associação de Alunos já foi contactada e pode colaborar e deve colaborar e, no final, faz parte”• “ está a decorrer este tempo de recolha de ideias, depois a seção de formação vai juntar tudo isto, juntando, também, um bocadinho algumas coisas da Direção, que nós, por exemplo, já tratamos, há assuntos em concreto... por exemplo, já estive a verificar, há um ou outro artigo que vai ser abolido, porque entretanto as coisas modificaram-se, vai haver um ou outro item que vai ser acrescentado, e isto por iniciativa da própria | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos na gestão da Escola (82)• Participação dos alunos na elaboração do Projeto Educativo e do Regulamento Interno da Escola e no acompanhamento da sua execução (83) |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p>Direção, porque faz parte desta dinâmica.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Entretanto, recolhe-se tudo isto e a seção de formação irá elaborar a atualização.”• “ Este documento vai, também, ao Conselho Pedagógico, o Conselho Pedagógico pronuncia-se, e voltamos, como o Conselho Pedagógico representa os vários âmbitos da Escola ... os alunos, o Presidente da Associação de Alunos e de Pais, etc. e depois será aprovado definitivamente, depois de todas estas trocas de impressões, estas modificações, atualizações.”• “ Sim, é comum e sobretudo junto dos professores e dos Diretores de Turma, que são os que estão mais no dia-a-dia ... e a Associação de Alunos também apresenta, como é óbvio.”• “ No dia-a-dia, os alunos, é evidente, dependem muito da relação que têm com as pessoas mas eu, em concreto, posso dar isto como experiência: na minha relação com os alunos, nos recreios, etc., de vez em quando, dão umas sugestões e fazem umas críticas, porque tem a ver um bocadinho com o à-vontade, algum à-vontade que têm nesta relação e algumas coisas são sérias, outras coisas são em forma de brincadeira, de desafio, mas isto faz parte do dia-a-dia.”• “ Sim, sugestões”• “ às vezes são as tais críticas daquelas assim em jeito de brincadeira, “Por que é que nós não podemos sair, por que é que nós não podemos ter mais férias” – quantas | <ul style="list-style-type: none">• Apresentação pelos alunos de críticas relativas ao funcionamento da Escola e de sugestões alternativas (84) |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>vezes! – “por que é que as férias só são estes dias?”, Aqueles coisas do dia-a-dia.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ acredito eu, que aquilo que é, o que são mais as suas dificuldades, as suas sugestões, etc., são feitas diretamente, sobretudo, junto do Diretor de Turma.” • “ Quando elas vêm e são sérias e são válidas, é evidente que não se deixam cair, sobretudo através da Associação de Alunos.” • “ diálogo existe, abertura existe, os momentos existem, desde os informais, que são os de recreio, informal, até às aulas, insisto muito nisto, às aulas com o Diretor de Turma e, de vez em quando, até uma ou outra carta que me chega com uma sugestão e através da Associação de Alunos, se tiver algum sentido, algum cabimento, naturalmente que eles são ouvidos, são levados em consideração.” • “ Eles são ouvidos em contextos muito particulares, como eu digo, nos documentos e em situações de algum projeto, de alguma dinâmica especial” • “ no dia-a-dia, a gestão pertence à Direção, as dinâmicas dos ciclos pertencem à Coordenação, as turmas são da responsabilidade do seu Diretor de Turma, as disciplinas, dos seus professores. De certa forma, eu acho que existem aqui patamares enfim, não é uma Escola em que toda a gente manda, sugestões podem dá-las, mas | <ul style="list-style-type: none">• Consideração pelos órgãos de gestão das sugestões alternativas apresentadas pelos alunos (85) • Direito dos alunos a serem ouvidos pelos professores, diretores de turma e pelos órgãos de administração e gestão em todos os assuntos que lhes digam respeito (86) |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>efetivamente depois, a responsabilidade depende dos diversos órgãos.”</p> <ul style="list-style-type: none">• “ Não.”• “ Fazem sempre a autoavaliação, isso faz parte do processo normal.”• “ No final de cada período, os professores solicitam a autoavaliação do aluno e registam a autoavaliação”• “ eu conheço perfeitamente nas reuniões de avaliação, quando se discutem as notas, etc. e eu... muitas vezes, “o aluno autoavaliou-se neste nível”, falamos um bocadinho até daquilo que os professores dialogam e a dinâmica que têm com os alunos no que diz respeito à avaliação em concreto. Isso sim, isso posso dizer que acontece.”• “ A partir do quinto ano. Fazem e nunca houve, nestes anos todos, falta de listas de concorrentes.”• “ existe um regulamento feito para tudo isto, um regulamento que refere como é que as listas podem ser criadas, quem é que se pode candidatar, os prazos, as regras, os dias de campanha, as eleições, repetição de eleições se não houver maioria, essas coisas todas, está tudo regulamentado.” | <ul style="list-style-type: none">• Participação dos alunos na planificação das matérias lecionadas (87)• Participação dos alunos no seu processo de avaliação (88)• Apresentação pelos alunos, de listas para a Associação de Alunos e liberdade de exercício dos direitos e do cumprimento dos deveres, como membros da Associação (89) |
|---|---|

| | |
|--|--|
| | |
|--|--|

ANEXO XII - Inquérito aos Alunos

Este questionário insere-se num trabalho de investigação, que tem como objetivo conhecer as opiniões dos alunos sobre algumas questões relacionadas com os seus direitos na Escola. A tua colaboração é fundamental para o sucesso desse trabalho.

Este questionário é inteiramente confidencial, pelo que nunca é revelada a identidade dos alunos que o responderam.

Lê com atenção cada questão antes de responderes. Se tiveres alguma dúvida coloca o dedo no ar para seres esclarecido.

Assinala com um **X** a resposta que corresponda à tua opinião.

BLOCO I

Assinala com um X a opção que corresponde à tua opinião

1. Idade : _____

2. Sexo: masculino feminino

3. País de nascimento:

a. Portugal -----

b. Cabo-Verde -----

c. São Tomé e Príncipe ---

d. Guiné-----

e. Angola -----

f. Moçambique -----

g. Brasil -----

h. Ucrânia -----

i. Rússia -----

j. Outro país ----- Indica qual: _____

4. Se não nasceste em Portugal, há quantos anos vives cá? _____

5. Indica o tipo de estabelecimento de ensino que frequentas:

a. Ensino Público -----

b. Ensino Privado -----

6. Indica o curso que frequentas:

a. Artes Visuais -----

b. Ciências e Tecnologia -----

c. Ciências Socioeconómicas -----

d. Línguas e Humanidades-----

7. Estás nesta Escola desde o:

- a. Pré-Escolar – (dos 3 aos 5 anos) ---
- b. 1º Ciclo ----- (1º ao 4º ano)-----
- c. 2º Ciclo ----- (5º e 6º anos) -----
- d. 3º Ciclo ----- (7º ao 9º ano) -----
- e. Secundário --- (10º ao 12º ano) ----

8. Frequentas o 12º Ano:

- a. Pela primeira vez -----
- b. Pela segunda vez -----
- c. Pela terceira vez -----
- d. Mais de três vezes -----

9. Já exerceste algum destes cargos nesta Escola:

- a. Delegado de Turma -----
- b. Subdelegado de Turma -----
- c. Representante na Assembleia de Escola/ Conselho Geral-----
- d. Representante no Conselho Pedagógico -----
- e. Nenhum -----

BLOCO II

10. A Escola dá-te a conhecer os teus **Direitos** como **Aluno/a**? -----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 12**.

11. De que modo a Escola te dá a conhecer os teus **Direitos** como **Aluno/a**?

- a. Pelo Regulamento Interno -----
- b. Pelo/a Diretor/a de Turma -----
- c. Pela Direção -----
- d. Pelos Professores -----

12. Sabes quais são os teus **Direitos** como **Aluno/a**? ----- Sim Não

BLOCO III

13. Na tua opinião, os alunos são discriminados na tua Escola? ----- Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 17**.

14. Os alunos são discriminados na tua Escola em função da/o:

- a. Origem étnica-----
- b. Língua -----
- c. País de origem -----
- d. Cor -----
- e. Religião -----
- f. Género (masculino ou feminino)-----
- g. Condição socioeconómica -----
- h. Incapacidade física -----
- i. Tipos de cursos que frequentam -----
- j. Orientação sexual -----
- k. Ser mau aluno -----
- l. Ser bom aluno -----

m. Outras razões -----
Indica quais? _____

15. Já alguma vez te sentiste discriminado na tua Escola? -----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 17**.

16. Foste discriminado na tua Escola por quem?

- a. Alunos -----Sim Não
- b. Professores -----Sim Não
- c. Funcionários -----Sim Não
- d. Direção -----Sim Não

17. Dá a tua opinião, em relação a cada uma das seguintes afirmações:

a. A minha Escola oferece meios (exemplos: livros, material escolar, refeições, senhas do passe social, isenção/redução propinas), aos alunos mais desfavorecidos economicamente para terem as mesmas oportunidades de sucesso escolar que os alunos com mais recursos económicos. -----



b. Os alunos que sofrem de incapacidades físicas têm mais dificuldade em frequentarem a Escola, que os outros alunos. -----

c. A minha Escola dispõe de condições que permitem aos alunos que sofrem de incapacidades físicas, terem acesso às mesmas atividades desenvolvidas pelos outros alunos. -

- d.** A minha Escola oferece meios (exemplo: aulas de apoio linguístico e cultural) aos alunos provenientes de países estrangeiros, para terem as mesmas oportunidades de sucesso escolar que os alunos portugueses. -----
- e.** A minha Escola dá apoio aos alunos que têm dificuldades de aprendizagem. -----
- f.** Os alunos que sofrem de incapacidades físicas sentem-se integrados na minha Escola. -----

18. Das seguintes afirmações, assinala as que correspondem à tua opinião:

- a.** Os professores dão mais atenção aos rapazes do que às raparigas -----
- b.** Os professores dão mais atenção às raparigas do que aos rapazes -----
- c.** Os professores dão igual atenção aos rapazes e às raparigas -----
- d.** Os professores dão mais atenção aos bons alunos do que aos maus alunos -----
- e.** Os professores dão mais atenção aos maus alunos do que aos bons alunos -----
- f.** Os professores dão igual atenção aos bons e aos maus alunos -----

BLOCO IV

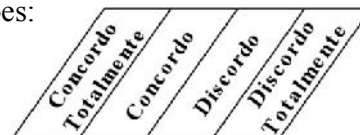
19. Na Escola, ensinam-te sobre os seguintes temas:

- | | <i>Sempre</i> | <i>As Vezes</i> | <i>Raramente</i> | <i>Nunca</i> |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a. Cuidados de saúde ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b. Educação sexual ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c. Resolução de conflitos ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d. A gestão do teu próprio dinheiro ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e. As leis de organização do Estado ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f. Como participar na sociedade como cidadão ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

g. Respeitar as diferenças -----

h. Tomar decisões -----

20. Dá a tua opinião em relação a cada uma das seguintes afirmações:



a. Com a educação que recebo na Escola fico preparado para ser autónomo e independente.

b. A educação que recebo na Escola ajuda-me a compreender o que se passa no meu país. -----

c. A educação que recebo na Escola ajuda-me a compreender o que se passa no mundo. -----

21. Na tua opinião, as decisões que são tomadas na Escola têm sempre em consideração, em primeiro lugar, o que é melhor:

Assinala **uma** das seguintes hipóteses:

a. Para os alunos -----

OU

b. Para os professores -----

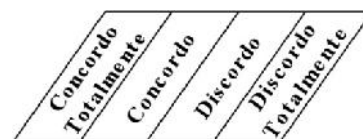
22. Das seguintes afirmações, assinala a que corresponde à tua opinião:

a. Os professores preocupam-se que os alunos aprendam a matéria e não estão preocupados em cumprir os programas -----

b. Os professores não se preocupam que os alunos aprendam a matéria e só se preocupam em cumprir os programas -----

c. Os professores preocupam-se em que os alunos aprendam a matéria e em cumprir os programas -----

23. Dá a tua opinião em relação a cada uma das seguintes afirmações:



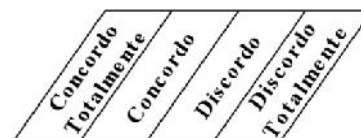
a. A minha Escola é um lugar onde me sinto seguro/a. -----

b. A minha Escola é um lugar onde se aprende matéria interessante. -----

c. A minha Escola é um lugar onde se criam amizades.-----

d. A minha Escola é um lugar onde existe disciplina. -----

24. Dá a tua opinião em relação a cada uma das seguintes afirmações:



a. Os edifícios da minha Escola protegem-me da chuva.-----

b. Os edifícios da minha Escola protegem-me do frio extremo. -----

c. Os edifícios da minha Escola protegem-me do calor extremo. -----

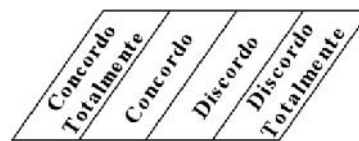
25. Das seguintes afirmações, assinala a que corresponde à tua opinião:

a. A minha turma tem excesso de alunos -----

b. A minha turma tem poucos alunos -----

c. A minha turma tem o número adequado de alunos -----

26. Dá a tua opinião em relação a cada uma das seguintes afirmações:



- a. Os livros existentes no Centro de Recursos/
Biblioteca são suficientes. -----
- b. Os computadores existentes no Centro de
Recursos/ Biblioteca são suficientes. -----
- c. O número de salas de aulas equipadas com
computadores é suficiente. -----
- d. O número de computadores existente em cada sala
de aula é suficiente. -----
- e. Os computadores existentes na Escola funcionam
adequadamente. -----

27. No caso de ocorrer uma situação de emergência (sismo, incêndio) na tua Escola, sabes o que deves fazer?-----Sim ão

28. Das seguintes afirmações, assinala a que corresponde à tua opinião:

- a. Os horários dos alunos são equilibrados -----
- OU**
- b. Os horários dos alunos estão sobrecarregados -----

29. Na tua opinião a Direção, quando elabora os horários dos alunos, tem em primeira consideração:

Assinala a resposta que corresponde à tua opinião.

- a. Os interesses dos alunos -----
- b. Os interesses dos professores -----
- c. A conciliação dos interesses dos alunos com os dos professores -----

30. Na tua opinião, porque é que os alunos abandonam a escola? Das seguintes hipóteses, **escolhe as três razões principais** que te pareçam mais importantes:

- a. Não reconhecem a importância da escola -----
- b. Não conseguem obter sucesso na escola -----
- c. Não gostam da escola -----
- d. Não gostam de ir às aulas -----
- e. Não gostam de estudar -----
- f. Não gostam dos professores -----
- g. Querem começar a ganhar dinheiro -----
- h. Não conseguem conciliar o trabalho com a escola -----
- i. Sentem-se discriminados na escola pelos professores-----
- j. Sentem-se discriminados na escola pelos colegas -----
- l. Outra ----- Qual?

BLOCO V

31. Na tua opinião, a Escola ensina-te a:

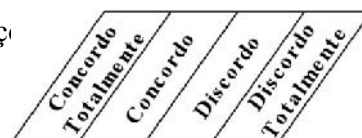
| | | | |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|
| <i>Sempre</i> | <i>As Vezes</i> | <i>Raramente</i> | <i>Nunca</i> |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|

- a. Adquirir novos conhecimentos -----
- b. Aprender a aprender-----
- c. Expressar as tuas opiniões -----
- d. A conviver com os outros -----
- e. Aprender a resolver problemas -----
- f. Ultrapassar as dificuldades -----

32. Na tua opinião, a educação que te é proporcionada na tua Escola permite-te:

- a. Formar o teu carácter ----- Sim Não
- b. Desenvolver as tuas habilidades ----- Sim Não
- c. Desenvolver o teu raciocínio -----Sim Não
- d. Desenvolver as tuas capacidades físicas -----Sim Não
- e. Desenvolver as tuas competências relacionais ----- Sim Não

33. Dá a tua opinião em relação a cada uma das seguintes afirmações



- a. Na minha Escola, sou apreciado pelos professores. -----
- b. Na minha Escola, sou apreciado pelos funcionários. -----
- c. Na minha Escola, sou apreciado pelos meus colegas. -----

34. Na tua opinião, quem te estimula a dedicares-te mais aos estudos?

- a. Eu próprio/a ----- Sim Não
- b. Os colegas -----Sim Não
- c. Os professores -----Sim Não
- d. O/A diretor/a de turma ----- Sim Não
- e. O pai ----- Sim Não
- f. A mãe ----- Sim Não
- g. O pai e a mãe ----- Sim Não
- h. Outros -----

Quem: _____

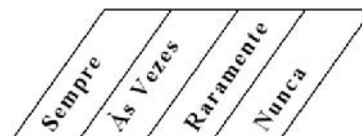
35. A tua Escola reconhece e valoriza os alunos que se destaquem:

- a. Pela sua dedicação aos estudos ----- Sim Não
- b. Pelo seu desempenho escolar ----- Sim Não
- c. Pelo seu caráter ----- Sim Não

Se respondeste **SIM** a todas ou a alguma/s das alíneas, passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** a todas as alíneas, passa para a pergunta **nº 37**.

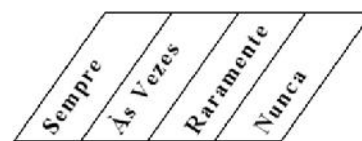
36. Explica o modo como a tua Escola reconhece e valoriza a tua dedicação aos estudos e/ou o teu desempenho escolar e/ou o teu caráter?

37. Os professores dão importância à(s) tua/tuas:



- | | Sempre | Às Vezes | Raramente | Nunca |
|------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a. Opiniões ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b. Convicções ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c. Ambições ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d. Vida privada ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e. Vida familiar ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f. Religião ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| g. Necessidades ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

38. A Escola desenvolve em ti:



- | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a. O respeito pelo teu pai e pela tua mãe ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b. O respeito pelos outros ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c. O respeito pela diferença ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d. O respeito pelo ambiente ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e. O respeito pela tua cultura ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f. O respeito pela tua nação ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| g. O respeito pela tua língua ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| h. O respeito pelos valores do teu país ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| i. O respeito pelas outras culturas ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| j. O respeito pelos valores dos outros países ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| k. O desejo de ajudar os alunos necessitados ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| l. O desejo de ajudar as pessoas necessitadas ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

39. Assinala a afirmação que corresponde à tua opinião:

Os professores ensinam-te:

- | | |
|---|--------------------------|
| a. A dar mais valor à cultura e aos valores portugueses, do que à cultura e aos valores dos países estrangeiros ----- | <input type="checkbox"/> |
| b. A dar tanto valor à cultura e aos valores portugueses, como aos dos países estrangeiros----- | <input type="checkbox"/> |

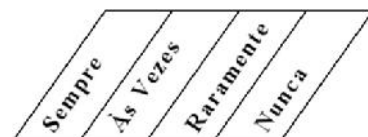
40. Sentes-te incentivado a transmitir ao teu pai e à tua mãe/ pessoas com quem vives, tudo o que se relaciona com a tua vida escolar?

-----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 42**.

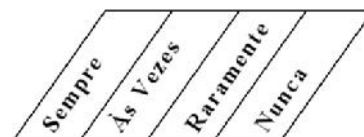
41. Indica por quem és incentivado a transmitir tudo o que se relaciona com a tua vida escolar:

- a. Por ti próprio/a-----
- b. Pelo teu pai e pela tua mãe/ pessoas com quem vives-----
- c. Pelos colegas-----
- d. Pelos professores -----
- e. Pelo/a diretor/a de turma -----
- f. Pela Direção -----



42. Na aplicação de sanções disciplinares, os alunos são sempre ouvidos?

43. Os alunos são tratados de uma forma justa:



- a. Pelos professores -----
- b. Pelos funcionários -----
- c. Pela Direção -----
- d. Pelos colegas -----

44. Na tua Escola, existem comportamentos que são tolerados aos professores e proibidos aos alunos?

-----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 46**.

45. Dá dois exemplos de comportamentos que são tolerados aos professores e proibidos aos alunos.

1-

2-

46. As regras de conduta e disciplina existentes na Escola respeitam a tua:

a. Dignidade ----- Sim Não

b. Identidade ----- Sim Não

c. Cultura ----- Sim Não

d. Língua ----- Sim Não

47. Indica se já foste vítima de atos de violência na tua Escola ---- Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 49**.

48. Indica se já foste vítima nesta Escola dos atos abaixo indicados e, em caso afirmativo, quem os praticou:

a. **Agressão física** ----- Sim Não

aa. Professores -----

ab. Funcionários -----

ac. Alunos -----

b. **Agressão verbal** ----- Sim Não

ba. Professores -----

bb. Funcionários -----

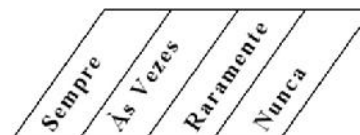
| | | | |
|--------------------------------------|--------------------------|-----|--------------------------|
| bc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| c. Violência sexual ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| ca. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| cb. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| cc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| d. Humilhações ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| da. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| db. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| dc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| e. Roubo ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| ea. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| eb. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| ec. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| f. Perseguição ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| fa. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| fb. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| fc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| g. Ameaças ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| ga. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| gb. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| gc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| h. Assédio sexual ----- Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
| ha. Professores ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| hb. Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | | |
| hc. Alunos ----- | <input type="checkbox"/> | | |

49. Na tua Escola, os alunos:

- a. Riscam cadeiras e/ou carteiras ----- Sim Não
- b. Partem cadeiras e/ou carteiras----- Sim Não
- c. Escrevem e/ou pintam as paredes dos pavilhões ---- Sim Não
- d. Partem vidros ----- Sim Não
- e. Riscam automóveis -----Sim Não
- f. Furam os pneus dos carros ----- Sim Não
- g. Roubam coisas ----- Sim Não

BLOCO VI

50. Na sala de aula, os professores encorajam-te a:



- a. Fazer perguntas por tua própria iniciativa-----
- b. Discutir os assuntos -----
- c. Dar a tua opinião -----

Se respondeste **SIM** a qualquer uma das alíneas, passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** a todas as alíneas, passa para a pergunta **nº 52**.

51. Indica as disciplinas em que os professores te encorajam a:

- a. Fazer perguntas por tua própria iniciativa

- b. Discutir os assuntos

- c. Dar a tua opinião

52. Os alunos são informados sobre:

- a. O plano de estudos do curso que frequentam----- Sim Não
- b. O programa e os objetivos de cada disciplina ----- Sim Não
- c. Os processos e critérios de avaliação de cada disciplina ----- Sim Não

53. Os alunos são informados sobre as normas de utilização e de segurança dos materiais e equipamentos existentes na Escola? ----- Sim Não

54. Na tua Escola, são dadas aos alunos informações sobre o funcionamento do:

- a. Centro de Recursos/ Biblioteca ----- Sim Não
- b. Laboratórios ----- Sim Não
- c. Refeitório ----- Sim Não
- d. Bar ----- Sim Não

55. Na tua opinião, os alunos são consultados sobre:

- a. Os objetivos do Projeto Educativo ----- Sim Não
- b. As regras do Regulamento Interno ----- Sim Não

56. Na tua opinião, os alunos costumam apresentar críticas sobre o funcionamento da Escola?

-----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 58.**

57. Indica a quem os alunos costumam apresentar críticas sobre o funcionamento da Escola:

- a. Direção -----
- b. Diretor/a de Turma -----
- c. Professores -----
- d. Psicólogo/a -----
- e. Funcionários -----
- f. Delegado/a de Turma -----
- g. Associação de Estudantes/ Associação de Alunos-----
- h. Assembleia Geral de Alunos -----

58. Na tua opinião, os alunos costumam apresentar sugestões alternativas ao funcionamento da Escola -----Sim Não

Se respondeste **SIM** passa para a pergunta seguinte. Se respondeste **NÃO** passa para a pergunta **nº 60**.

59. Indica a quem os alunos costumam apresentar sugestões alternativas ao funcionamento da Escola:

- a. Direção -----
- b. Diretor/a de Turma -----
- c. Professores -----
- d. Psicólogo/a -----
- e. Funcionários -----
- f. Delegado/a de Turma -----
- g. Associação de Estudantes/Associação de Alunos-----
- h. Assembleia Geral de Alunos -----

60. Quando os alunos apresentam sugestões alternativas ao funcionamento da Escola, elas são tomadas em consideração pelos órgãos de gestão da Escola?

| | | | |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|
| <i>Sempre</i> | <i>As Vezes</i> | <i>Raramente</i> | <i>Nunca</i> |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|

| | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|

61. És ouvido em todos os assuntos que te digam respeito como aluno?

| | | | |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|
| <i>Sempre</i> | <i>As Vezes</i> | <i>Raramente</i> | <i>Nunca</i> |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|

- | | | | | |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a. Pelos Professores ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| b. Pelo/a Diretor/a de Turma ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| c. Pelos Funcionários ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| d. Pela Direção da Escola----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| e. Pelo/a Psicólogo/a ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f. Pelo/a Delegado/a de Turma ----- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| g. Pela Associação de Estudantes/Associação de Alunos--- | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

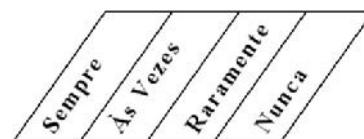
62. Na tua opinião, a Direção da Escola dá à Associação de Estudantes/ Associação de Alunos todo o apoio para que os seus membros possam exercer todos os direitos e deveres, como membros da Associação?

| | | | |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|
| <i>Sempre</i> | <i>As Vezes</i> | <i>Raramente</i> | <i>Nunca</i> |
|---------------|-----------------|------------------|--------------|

| | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|

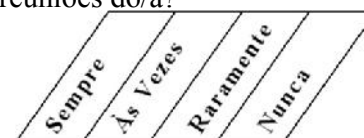
Se não exerces ou nunca exerceste o cargo de delegado, subdelegado de turma, representante dos alunos no Conselho Geral/ Assembleia de Escola, no Conselho Pedagógico na Assembleia Geral de Delegados de Turma ou no Conselho de Alunos de Turma, terminaste o teu questionário. Se exerces ou já exercestes algum desses cargos, responde ainda às seguintes perguntas:

63. Na tua opinião, os representantes dos alunos participam ativamente nas reuniões do/a:



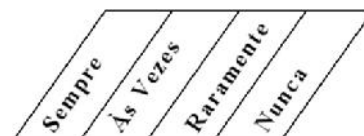
- a. Conselho Geral/ Assembleia de Escola-----
- b. Conselho Pedagógico -----
- c. Conselho de Turma -----
- d. Assembleia Geral de Delegados de Turma/
Conselho de Alunos de Turma-----

64. É fornecida aos representantes dos alunos toda a informação necessária, para que eles possam dar a sua opinião sobre os assuntos que são discutidos nas reuniões do/a?



- a. Conselho Geral/Assembleia de Escola -----
- b. Conselho Pedagógico -----
- c. Conselho de Turma -----
- d. Assembleia Geral de Delegados de Turma/
Conselho de Alunos de Turma-----

65. Os representantes dos alunos expressam a sua opinião sobre os assuntos que são discutidos nas reuniões do/a?

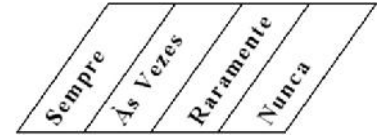


- a. Conselho Geral/Assembleia de Escola-----
- b. Conselho Pedagógico -----
- c. Conselho de Turma -----

d. Assembleia Geral de Delegados de Turma/

Conselho de Alunos de Turma-----

66. A opinião dos representantes dos alunos é tomada em consideração nas decisões que são tomadas nas reuniões do/a:



a. Conselho Geral/Assembleia de Escola -----

b. Conselho Pedagógico -----

c. Conselho de Turma -----

d. Assembleia Geral de Delegados de Turma/

Conselho de Alunos de Turma-----

Terminaste o questionário

Obrigada pela tua colaboração